
BOX COMPLETO
ITALIANOS
KY CROSSFIRE
AUTORA BEST SELLER DA AMAZON

ITALIANOS
BOX
Trilogia Completa

KY CROSSFIRE

Capa: Malta Design (Box Italianos)

Capa Atraída por Um criminoso (ML Capas)

Capa: Prazer Criminoso (ML Capas)

Capa: Até que a Morte nos Separe (ML Capas)

Revisão Livro 1: Luhana Andreolli

Revisão Livro 2 e 3: Milena de Assis

Copyright © 2017 Ky Crossfire

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da autora.

DEDICATÓRIA

Dedico ao amor da minha vida que tornou todos os meus sonhos possível, está ao meu lado sempre .
Te amo

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

LIVRO 1 – ATRAÍDA POR UM CRIMINOSO

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1 – CATARINA

CAPÍTULO 2 – REGRA DE TRÊS

CAPÍTULO 3 -CARA, CADÊ MEU PRÍNCIPE?

CAPÍTULO 4 -VALIDADE

CAPÍTULO 5 - TURBULÊNCIA

CAPÍTULO 6 – FESTA E FOGO

CAPÍTULO 7 - 69

CAPÍTULO 8 - PRESA

CAPÍTULO 9 – ROTA DE FUGA

CAPÍTILO 10 - SCHNAPS

CAPÍTULO 11 – A PROPOSTA

CAPÍTULO 12 – CARTAS NA MESA
CAPÍTULO 13 – VELHAS MARCAS
CAPÍTULO 14 – PRIMEIRAS AULAS
CAPÍTULO 15– PROVE...
CAPÍTULO 16 – MEGA SENA
CAPÍTULO 17 – DÍVIDAS
CAPÍTULO 18 – CORAÇÕES PARTIDOS
CAPÍTULO 19 – PLANO
CAPÍTULO 20 – PLANO B
CAPÍTULO 21 – O GRANDE ASSALTO
CAPÍTULO 22 – TROCAS
CAPÍTULO 23 – PERDIÇÃO
CAPÍTULO 24 – ALGEMADA AO DIABO
CAPÍTULO 25 – PEDINDO SOCORRO
CAPÍTULO 26 – SANGUE & PÓLVORA
CAPÍTULO 27 – LUTO
LIVRO 2 – PRAZER CRIMINOSO
CAPÍTULO 1 – CATARINA
CAPÍTULO 2 – PERIGO
CAPÍTULO 3 – SEM SAÍDA
CAPÍTULO 4 – R.I.P CATARINA VALLENTI
CAPÍTULO 5 – NEGÓCIOS X PRAZER
CAPÍTULO 6 – ORGIAS
CAPÍTULO 7 – O ASSALTO
CAPÍTULO 8 – ARDOR
CAPÍTULO 9 – CILADA
CAPÍTULO 10 – MÉNAGE À TROIS

CAPÍTULO 11 – SHOW TIME
CAPÍTULO 12 – SANGUE NAS MÃOS
CAPÍTULO 13 – PROFESSOR
CAPÍTULO 14 – PROBLEMAS
CAPÍTULO 15 – GAIOLA DOURADA
CAPÍTULO 16 – PODEM VIR QUENTES
CAPÍTULO 17 – SURPRESA!
CAPÍTULO 18 – FOGO
CAPÍTULO 19 – PROVA DE FOGO
CAPÍTULO 20 – SEM DESPEDIDAS
CAPÍTULO 21 – VINGANÇA
CAPÍTULO 22 – FERAS
CAPÍTULO 23 – PRESENTE
CAPÍTULO 24 – ARMADILHA
CAPÍTULO 25 – ATRÁS DAS GRADES
CAPÍTULO 26 – O PREÇO DO SILÊNCIO
CAPÍTULO 27 – JULGAMENTO
CAPÍTULO 28 – PERTO DO FIM
CAPÍTULO 29 – PROMESSAS
LIVRO 3 – ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE
CAPÍTULO 1 – DESPEDIDA DE SOLTEIRA
CAPÍTULO 2 – CASAMENTO X OSSOS DO OFÍCIO
CAPÍTULO 3 – PECADO
CAPÍTULO 4 – GOLPE
CAPÍTULO 5 – EU DISSE “NÃO”
CAPÍTULO 6 – MARCO
CAPÍTULO 7 – NOITE QUASE PERFEITA

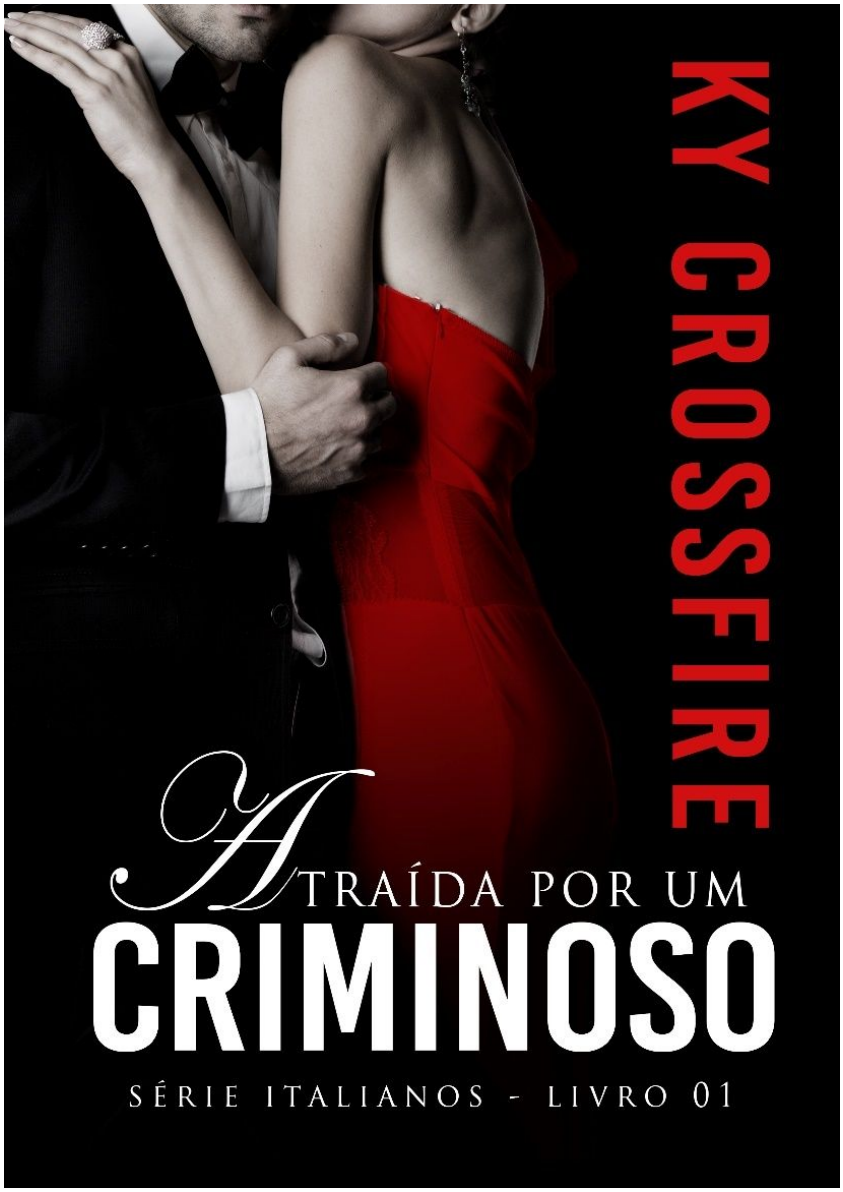
CAPÍTULO 8 – ACERTO DE CONTAS
CAPÍTULO 9 – DEIXA EU TENTAR
CAPÍTULO 4 – SEXO, PARCERIA, ETC...
CAPÍTULO 11 – SANGUE NAS MÃOS
CAPÍTULO 12 – A FESTA
CAPÍTULO 13 – A PROPOSTA
CAPÍTULO 14 – INÍCIO DO FIM
CAPÍTULO 15 – ARMADILHA
CAPÍTULO 16 – NUNCA MAIS
CAPÍTULO 17 – SOZINHA
CAPÍTULO 18 – MATE-ME LOGO
CAPÍTULO 19 – ÚLTIMA VEZ
CAPÍTULO 20 – ATÉ PARAR DE BATER
CAPÍTULO BÔNUS
OUTRAS OBRAS DA AUTORA
SOBRE A AUTORA

AGRADECIMENTOS

Sou muitíssimo grata ao meu esposo, pela paciência e amor que demonstrou durante todos esses anos, principalmente durante meus surtos criativos, onde

eu teimava em virar as noites escrevendo.
Às minhas queridas leitoras que acompanharam cada capítulo lançado no *Wattpad* (plataforma de leitura digital) votando e comentando, xingando alguns personagens e amando outros, me cobrando todos os dias com mensagens “mais, por favorzinho...”. Obrigada a Rose Sartori, Joana Pauline, Regininha, Kelsinha, Thalita, Soraia Pires, Fernanda, Juliette Marques, Sophia Petry, Rose Moura, Angela Piana, Ana Lucia de Almeida, Emile Regina, Lalinha, Cacilda Bakker e a todas as minhas “queridonas” e maravilhosas leitoras que me acompanham e me incentivam a continuar, adoro cada uma de vocês. Devo esse livro a vocês, suas lindas! <3

LIVRO 1 – ATRAÍDA POR UM CRIMINOSO


KY CROSSFIRE
ATRAÍDA POR UM
CRIMINOSO
SÉRIE ITALIANOS - LIVRO 01

SINOPSE

Eu estava atrás de emoção, queria um amor que me consumisse, uma paixão, aventura e talvez um pouco de perigo. Então resolvi arriscar, juntei todas as minhas economias e parti para a Itália. Lá teve início a mentira mais sensual e perigosa que uma mulher pode desejar... ao lado de Ian, um verdadeiro deus do sexo (...). Fiquei obcecada por Ian Salvatore e descobri que as coisas nem sempre são o que parecem...

PRÓLOGO

— Não! Por favor! Não atira nesse imbecil! Eu faço o que você quiser. — Implorei segurando o rosto de Marco. Minhas mãos estavam trêmulas e meus olhos marejados de lágrimas. — Se alguma vez na vida você sentiu qualquer coisa por mim, me escuta.

Ian não olhava para mim, estava de joelhos com os braços algemados para trás. A cabeça baixa, apenas esperando o inevitável. Sua camisa social branca manchada de sangue, alguns botões faltando.

Afastei uma mexa de seu cabelo loiro e acariciei sua barba.

— Por favor. — Implorei me colocando à sua frente, sentindo seu cheiro de whisky. Pude ouvi-lo preparar a arma para disparar e acabar com o filho da mãe mais cretino e sensual que já passou pela face da Terra, o meu Ian, o amor da minha vida. Se ele morresse, eu sabia que morreria junto, não poderia viver sem aqueles intensos e perfeitos olhos azuis.

CAPÍTULO 1 – CATARINA

Alguns meses antes do fim...

Catarina Vallenti

Vesti uma blusa cinza e por cima um blazer preto, que combinava perfeitamente com a calça *skinny*, para dar um toque mais social ao look.

— Prepara um café pra mim antes de sair? — A voz de Fábio saiu abafada pelos travesseiros.

Fábio Valentti Cavalcante, meu irmão mais novo, mais conhecido como a preguiça em pessoa, se virou ainda enrolado no edredom e me olhou com a cara mais deslavada de cima da cama superior do beliche. Sim! Ele dormia em cima e eu embaixo, quanto mais espaço conseguíssemos economizar em nosso micro ovo, ops, apartamento de quarenta e cinco metros quadrados, melhor.

— Mano, tem dezoito, né?! Hoje você prepara o seu café, meu celular não despertou e estou atrasada, não quero dar motivos para aquelas linguarudas ficarem falando de mim.

Ele gemeu e voltou a dormir. Minha bolsa estava pendurada na maçaneta da porta, tirei dali de dentro a escova e dei uma escovada rápida nos cabelos. Fiz uma maquiagem discreta e calcei a sandália de tiras.

— Vê se almoça direito, hoje vou sair com o Léo, acho que é hoje. — Anunciei enquanto terminava de passar o batom nude. — Se puder, arrume o apê pra mim, devo chegar tarde.

Organização não era o nosso forte. Mesmo tendo apenas o básico do básico, conseguíamos deixar o lugar uma zona. Papéis e revistas pelo chão, garrafas de refri vazias espalhadas pela sala, caixas de pizza no sofá... No quarto parecia que uma bomba havia explodido, roupas e calçados jogados por todos os lados. Precisamos de um guarda-roupa. Talvez só estivesse tão bagunçado porque não tínhamos espaço para nada. Dividíamos uma cômoda em nosso mini quarto, as três primeiras gavetas para mim, as outras três para o Binho. Em dois ganchos improvisados na lateral do móvel pendurávamos nossos casacos.

Saí do quarto e fechei a porta com cuidado. Fui para a cozinha e não contive o grito quando a desgraçada lançou voo da pia até a porta da geladeira. E pela maneira asquerosa como mexia as longas antenas, parecia estar querendo passar a mensagem de “Eu venci!”.

— Baraaata! Binhooo!!! Vem cá! Tem uma barata aqui! — Gritei, sentindo meus pelinhos do braço se arrepiarem.

Olhei ao redor procurando por um chinelo ou qualquer coisa que eu pudesse usar para espantar a nojenta dali. Na pia, louça suja em todos os cantos; na mesa, mais um pouco de pratos e copos usados. É, acho que você já deve ter reparado, somos relaxados! Mas não me julgue, tenho outras qualidades, e coragem não é uma

delas. Logo percebi que o cretino do meu irmão não se levantaria para matar a monstra, então saí de casa sem tomar café da manhã.

Morar na Avenida Paulista era uma maravilha, tudo perto e funcionando a pleno vapor mesmo às sete horas da manhã. Homens de ternos caros falando ao celular, mendigos pedindo esmola, adolescentes andando em bando... Respirei fundo, sentindo aquela cidade pulsar vida. Sim, eu era uma paulistana apaixonada por aquele lugar.

Dei uma corrida básica para alcançar o ônibus que me salvaria de chegar atrasada no trabalho.

— Obrigada! — Agradeci ao motorista quando passei pela roleta, esbaforida. Praticar esportes não era o meu forte. Paguei a passagem e me espremi até achar um cantinho perto da porta.

É hoje! Fazia exatamente um mês que eu não via o Léo, estava subindo pelas paredes. Dormir no mesmo quarto que o Fábio não me dava a privacidade necessária para eu usar e abusar do Grey (sim, meu vibrador tinha um nome, Cristhian Grey). Nem acredito que ele vai me pedir hoje, quatro anos namorando a distância.

Leonardo Barros era o tipo de homem que faz uma mulher olhar duas vezes. Um metro e noventa e seis de músculos e aparência de lenhador com porte de executivo sisudo. Ele vestia um terno sob medida quando entrei em sua sala pela primeira vez. Tinha a pele bronzeada e os cabelos pretos penteados para trás.

— Bom dia, senhorita Cavalcante. — Ele me cumprimentou com a voz grave.

— Bom dia, senhor Barros. Vim por indicação do doutor Sérgio Nunes, para trabalhar como sua secretaria. — Despejei tudo de uma

vez, falando apressadamente. Eu estava nervosa demais e realmente precisava daquele emprego.

Ele indicou a cadeira para que eu me sentasse e eu obedeci.

— Dezoito anos. Possui experiência?

Tamborilava os dedos sobre meu currículo me encarando com uma expressão impassível. Engoli em seco, ele sabia que eu não tinha nenhuma experiência, estava ali somente porque um conhecido havia me indicado para a vaga. A verdade é que eu nunca tinha precisado trabalhar na vida, mas como dizem por aí, o destino é uma vadia impiedosa. Eu havia sido jogada de cabeça no mundo dos adultos e precisava agir como tal.

— Não, senhor Barros. Perdi meus pais no final do ano passado. Eles eram advogados nessa empresa e trabalhavam com o doutor Sérgio Nunes. Posso não ter experiência no mercado de trabalho, mas vontade de aprender é o que não me falta. Este ano iria começar a minha faculdade, mas não posso pensar só em mim, tenho um irmão mais novo, Fábio tem dez anos e precisa de mim.

Léo se ajeitou em sua cadeira de couro e passou a mão pelo queixo enquanto ouvia o triste relato. Eu não queria conseguir aquele emprego por pena, e falar sobre meus pais me causava muita dor. Fiquei em silêncio alguns segundos para controlar a minha voz, que já estava trêmula.

— Eu viajo muito, Catarina. Venho uma vez por mês ao escritório atender os clientes de São Paulo. Acha que pode cuidar da minha agenda enquanto estou fora e me manter atualizado dos compromissos?

Eu sorri e balancei a cabeça concordando.

— Sim, senhor Barros. — Respondi enérgica.

Um beliscão na bunda me trouxe de volta à realidade. Olhei para trás indignada e puxei a cordinha para descer. Não tinha como saber quem foi o filho da mãe que havia me apalpado. Desci furiosa do ônibus e caminhei até o imponente prédio.

Cumprimentei os seguranças na entrada e subi de elevador até o sexto andar. Guardei minha bolsa na gaveta e liguei o computador, abrindo a caixa de entrada com os e-mails de Léo. Entre eles, um que fez meu coração acelerar mais uma vez assim que o reli: “reserva da igreja realizada com sucesso”. Ele vai me pedir em casamento, isso é tão romântico! Suspirei imaginando como seria estar casada com Léo e acordar ao seu lado todos os dias. Eu o conhecia há quase oito anos e estávamos juntos há quatro. Tirei o blazer e o pendurei no encosto da cadeira, olhei para os lados para garantir que ainda estava sozinha e dei aquele up nos peitos, ajustando as alças do sutiã. Conferi mais uma vez sua agenda, as reuniões só aconteceriam pela parte da tarde.

Senti seus lábios roçarem meu pescoço.

— Bom dia, senhorita Cavalcante. — Um arrepio subiu pela minha espinha e me virei para admirá-lo. Léo vestia um terno com caimento perfeito, incapaz de esconder seus belos músculos por debaixo dos finos trajes.

Fiquei de pé e sorri. Eu não sou baixa, tenho meus respeitáveis um metro e sessenta e oito, mas quando me perguntam, arredondo para um e setenta, no entanto, perto dele eu me sentia um chaveiro. Nessa manhã, eu havia colocado a sandália de tiras que ele me dera no Natal, e ainda assim eu tinha que me esticar nas pontas dos pés para beijá-lo.

— Pode me acompanhar? — Indagou com voz séria.

— Claro. — Ai, meu Deus, será que vai ser agora? Vou desmaiar, estou com tanta fome. Observei a maneira como ele caminhou até o seu escritório. Vai ser gostoso assim lá nos quintos! Como uma boa menina, eu o segui.

Ele fechou a porta e me prendeu entre seus braços. Léo sorriu exibindo dentes perfeitos, e antes que eu pudesse fazer qualquer comentário, me beijou. Sua língua explorou minha boca com maestria, enquanto suas mãos subiam por debaixo da minha blusa, acariciando meus seios.

— Eu preciso de você. — Disse ele com a voz cheia de urgência.

Seus dedos longos concentraram-se em abrir meu jeans e logo sua mão estava ali, onde eu mais precisava.

— Como está molhadinha.

Gemi quando seus dedos acariciaram habilmente meu ponto mais sensível.

— Você é tão apertadinha. — Sussurrou enfiando dois dedos em minha entrada quente e escorregadia.

Sentia o primeiro orgasmo se aproximando, quando ele interrompeu abruptamente as carícias.

— Querido? — Chamou uma voz feminina do outro lado da porta.

Léo se afastou de mim e passou a mão no terno, indo para trás de sua mesa para esconder sua ereção.

— Quem é ela, Léo? — Perguntei atônita.

Ele se sentou e tentou manter o controle da situação.

— Catarina, abra a porta, conversamos à noite. Pelo amor de Deus, não faça escândalo.

Meu corpo tremia, não mais de desejo. Eu me sentia humilhada e usada. Ah, você vai ver o que é escândalo! Fechei minha calça e

ajeitei o meu sutiã, que estava fora do lugar. Forcei um sorriso e abri a porta de madeira.

— Bom dia, em que posso ajudar?

A mulher à minha frente parecia ter saído de um concurso de miss, usava uma saia lápis marrom que marcava seu quadril largo e uma blusa branca com um decote exibindo os seios fartos. Perto dela, eu me senti uma pré-adolescente magrela ainda em desenvolvimento. A miss-vadia me olhou de cima a baixo e respondeu: — Vim falar com meu noivo, o Léo já chegou?

Escancarei a porta e estendi a mão na direção da mesa.

— Lá está o Léo, escondidinho atrás da mesa, porque há menos de cinco minutos, ele estava de pau duro me masturbando. — Minha voz carregada de sarcasmo, e ódio, muito ódio!

— Sofia, eu...

— Cala a boca, seu cretino filho da mãe, porque eu ainda não terminei! — Gritei interrompendo-o. — Antes de você entrar, ele me pediu para não fazer escândalo, só aí eu percebi que, realmente, o nosso Léo não me conhece!

Caminhei até ele cerrando os dentes com tanta força que senti minha cabeça latejar.

— Isso é para você aprender que não pode brincar com os sentimentos de uma garota, seu filho da puta asqueroso! Você é pior do que as baratas da minha cozinha! — Gritei e arremessei longe o laptop novo que havia chegado no dia anterior.

Léo desviou e o notebook estilhaçou a janela atrás dele.

— Só para constar, eu trabalho para ele há oito anos, e há quatro nós transamos. Uma vez por mês, quando ele volta de suas viagens. Não fique pensando que sou dessas que aceita ser a outra,

porque se eu soubesse que ele era comprometido, jamais teria existido qualquer coisa entre nós.

Saí pisando duro e bati a porta atrás de mim. Peguei minha bolsa na gaveta e deixei as sandálias sobre a mesa. Não quero nada dele, nada que me faça lembrar esse cachorro miserável! Desci os seis lances de escada descalça e só me permiti chorar quando saí do prédio. Encontrei o laptop que eu havia arremessado espatifado na calçada.

Não precisei caminhar muito até encontrar um McDonald's. Aquele sem dúvida era um motivo aceitável para escapar da dieta.

CAPÍTULO 2 – REGRA DE TRÊS

Ian Salvatore (Florença / Itália)

A regra de três, à primeira vista, pode te fazer lembrar dos problemas matemáticos da escola, porém, nada tem a ver com matemática, mas sim, com mulheres. Três foi o número de dias em que cheguei à conclusão de que posso desfrutar de todos os prazeres sexuais possíveis sem que isso me traga maiores problemas.

Sei que isso pode soar um pouco sacana, ou melhor dizendo, muito cafajeste, mas, acredite, eu sei do que falo. É sério, acorrentar-se a um relacionamento não é para mim, e quando as mulheres me olham, a atração é evidente. Já deu para perceber que não sou um cara modesto, não é?! E como eu poderia? Falsa modéstia, para mim, é sinônimo de hipocrisia! Bom, continuando, tenho classe, dinheiro e belos olhos azuis, além de um corpo esguio e musculoso que me garante belas trepadas.

Outra coisa importante que você deve saber sobre mim: eu não misturo sexo com trabalho. E há boas razões para isso. Uma mulher não tem a capacidade de me acompanhar nas peripécias elaboradas que necessito desenvolver para manter o meu alto padrão de vida. Sou acostumado com tudo o que há de melhor, carros, casas, viagens e, é claro, mulheres, muitas mulheres. Além de inteligência, necessito de velocidade para que nada saia errado, pois onde eu trabalho, ou melhor, no ramo em que trabalho, um mísero erro e tudo vai por água abaixo.

Sentimentalismo e cabresto são duas palavras que nunca existiram no meu dicionário, mas meu estilo de vida e minhas regras desmoronaram quando a senhorita Catarina Vallenti cruzou o meu caminho naquela festa. A partir daquela noite, aquela brasileira gostosa fodeu com tudo...

Alguns meses antes do fim...

O residencial na Viale Michelangelo fazia parte dos frutos de um de meus investimentos. Não todo o residencial, mas um bom apartamento com vista para o bosque. Eu não podia ser visto por ali, pelo menos, não à luz do dia, e tampouco entrando pelo modo tradicional, passando pela portaria... me identificando... Mas esses detalhes ficam para outra hora. Como de costume, eu chegava no meio da noite, escalando e desviando dos pontos bem iluminados.

Desde moleque eu praticava *parkour*, então chegar ao terceiro andar e me pendurar na janela da sala não era um grande desafio. Cronometrei no meu relógio o tempo que levaria. Vesti uma calça

jeans escura mais larga, uma camiseta preta e os tênis *Qix*. Poucos me viram nesses trajes, apenas Robyn e Robert. Qualquer um que me visse ali, talvez não me reconhecesse sem os ternos Armani sob medida e os sapatos de três mil dólares.

Escalei o muro verde-escuro de quase três metros de altura e me esgueirei pelas duas fileiras de árvores que conferiam ao condomínio um ar campestre. Agarrei-me ao tronco de uma árvore e, pelos galhos da copa que invadiam a cobertura do salão de festas, consegui acesso ao telhado. Cuidadosamente caminhei sobre o vidro, até chegar à encosta dos apartamentos. Como de costume, a janela estava aberta. Dei mais uma olhada no relógio. Sete minutos! Nada mal para quem completaria trinta e oito em alguns dias...

Robert dormia no sofá e não percebeu quando entrei. Desliguei a televisão e recolhi alguns livros caídos no chão ao seu lado. Pegou no sono estudando. Bob havia completado dezoito anos no início da semana, ele e Robyn eram gêmeos, mas com personalidades tão distintas que ninguém jamais diria que possuíam qualquer parentesco. Pelo visto, a mudança para o novo apartamento havia sido tranquila, sem móveis fora do lugar ou caixas espalhadas. O apartamento era relativamente pequeno, cento e dezesseis metros quadrados, nem a metade da minha cobertura, mas já era o suficiente para que eles saíssem daquele inferno de casa.

Andei pelo estreito corredor e vi que já havia fotos nossas penduradas em porta-retratos metálicos e assimétricos. Parei em frente ao primeiro quarto e ouvi gemidos. Ah, não! Senti o estômago embrulhar, girei a maçaneta e abri a porta devagar. Os gemidos tornaram-se mais altos.

Encostado na mesinha de vidro ao lado da porta, um violão. O quarto estava escuro, mas não o suficiente, eu ainda podia vê-los trepando. Os cabelos loiros de Robyn, de quatro sobre a cama, balançando contra o rosto pingando de suor enquanto o filho da puta a penetrava por trás. O violão iria servir. O agarrei pelo braço o e arrebentei na cabeça do infeliz, a madeira se despedaçou com a força do golpe certeiro.

Robyn protestou furiosa e enrolou-se na colcha da cama, pronta para brigar.

— Ian, seu idiota! Ele é meu namorado. — Seus olhos azuis me fulminando.

— Tem menos de cinco segundos até eu ir buscar o taco de beisebol do Bob no quarto ao lado. Se eu o usar em você, a Robyn vai ter que te recolher com uma pazinha!

O ruivo, talvez um pouco mais velho que minha irmã, saiu correndo com o jeans enroscado na cintura.

— Espero não ver essa bunda branca nunca mais! — Gritei antes de ouvi-lo fugir pela porta da sala.

Segundos depois, Bob apareceu bocejando na porta do quarto.

— O foguinho correndo de pau mole, não é uma maneira agradável de acordar. — Brincou ele, dando um sorriso debochado.

— Vocês são uns idiotas! — Robyn bradou furiosa e saiu pisando duro em direção ao banheiro.

Eu sabia que Robyn era uma garota impossível desde os seus quinze anos de idade, mas pelo menos ali deveriam existir algumas regras, e a principal delas era não arrastar para dentro qualquer cachorro de rua. Aquilo era uma casa, não um motel! Como eu havia dito antes, Robyn e Robert eram como água e vinho. Ele,

calmo, estudioso e centrado. Ela, um avião, incontrolável e inconstante. Tinham a mesma altura e a característica marcante dos Salvatore, olhos azuis. Até mesmo o cabelo Robyn platinou para se diferenciar ainda mais. Se houvesse um termo para defini-la, seria vaidade. Nisso ela já era parecida comigo. Bob não, seu foco era outro, os estudos.

— Nem me fale, quase vomitei quando presenciei a cena. — Dei um soco de leve em seu braço e fomos para a cozinha. — Vem, preciso de uma cerveja depois dessa.

Bebemos duas Budweiser geladas e sentamos no sofá da sala.

— E então, semana que vem vai ficar mais velho. Chegando perto do famoso quatro ponto zero. — Bob deu uma risada e ergueu a garrafa em um brinde.

— Quarenta é o teu cu! Trinta e oito, com corpo de vinte. — Retruquei, bebendo direto do gargalo.

Bob deu risada e me contou sobre seus planos, estava animado por ser um dos melhores da turma. Nas horas seguintes, conversamos sobre tudo, futuro, futebol, mulheres, carreira e, é claro, Robyn, que fez questão de não participar do nosso happy hour, em protesto. Já passava das duas da manhã quando fui embora.

Cheguei em casa exausto e me atirei na cama king size, torcendo para que naquela noite não houvessem os malditos pesadelos. O alarme do iPhone disparou e tateei entre os travesseiros para encontrá-lo.

11:00. Visita à mansão – Senhorita Trammel.

Merda! Eu tinha menos de vinte minutos para me encontrar com a deliciosa Trammel e ainda usava as roupas do parkour.

Saltei da cama e fui direto para o banho. Tomei uma ducha rápida e vesti um dos meus ternos preferidos, um Fioravanti cinza chumbo com riscas de giz feito sob medida. A gravata, azul-celeste, para combinar com meus olhos. Dei uma piscada para o meu reflexo.

Minha cobertura ficava a menos de cinco minutos do lugar, mas eu não queria chegar a pé. Tomei um táxi até a Catedral Santa Maria del Fiore e o taxista deu risada pelo curto trajeto, aceitando a nota de cinco euros que lhe entreguei antes de descer do carro.

A senhorita Trammel já estava parada em frente à igreja. Ela está adiantada. Primeiro dia, Carla Trammel, faça valer a pena. Seus cabelos loiros caíam em cachos pelos ombros. Os grandes olhos azuis faiscaram a me ver caminhando em sua direção. Era evidente que a jovem corretora sentia-se atraída por mim, optara por um traje um pouco mais sensual do que o taiêr azul-celeste que vestira alguns dias antes. Usava um vestido tomara que caia curto na cor vermelha, um cinto preto marcando suas curvas femininas – que peitos... – e, por cima, um blazer preto combinando com o salto fino, extremamente sensual. Muito gostosa! Usando lingerie vermelha ou preta, senhorita Trammel?

— Bom dia, senhor Seyfred. Como vai?

Ela estendeu a mão para me cumprimentar. Dei um passo à frente e segurei sua pequena mão macia.

— Melhor agora. — Beijei o dorso de sua mão e pude senti-la estremecer.

Carla exibiu um largo sorriso e corou, envergonhada. Sorri de canto, satisfeito, mas não surpreso com sua reação.

— Podemos começar? — Perguntou ela.

— Se a senhorita não se importar, eu gostaria de visitar a igreja antes de seguirmos para a mansão.

Ela me olhou surpresa com o pedido, arqueando as sobrancelhas loiras. Só Deus sabe o fraco que tenho pelas loiras. Comecei a explicar o motivo.

— Em uma de minhas viagens, descobri que quando se entra em uma catedral pela primeira vez, pode-se fazer um pedido.

— Que interessante, acredita mesmo nisso?

Claro que eu não acreditava em uma baboseira daquelas, mas pelo visto, ela sim. Talvez as mulheres sejam carentes e românticas demais por ouvirem durante toda a infância histórias de príncipes e para sempre felizes.

— Claro, senhorita Trammel! E me admirada uma jovem como você não acreditar em destino.

Exibi um pequeno sorriso e estendi a mão para que ela me acompanhasse mais de perto. Pude sentir seu corpo quente e um leve perfume adocicado emanando de seus cabelos cor de mel.

Esquadrinhei o interior discretamente. Não estava nem aí para os anjos gordinhos ou os vitrais coloridos, eu precisava de um local mais reservado, aquele decote estava me deixando de pau duro. Próximo ao altar, no primeiro banco, algumas senhoras rezavam ajoelhadas.

Sentamos no último banco, próximo à saída. Olhei para as coxas brancas e grossas posicionadas em uma bela cruzada de pernas. E não é que a senhorita Trammel estava de olhos fechados? Inclinei-me e sussurrei ao pé de seu ouvido.

— Espero que tenha desejado o mesmo que eu. — E dei uma leve mordida em seu lóbulo, seguido de uma lambida.

Carla me encarou mordendo o lábio, tentando conter a excitação.

— Eu preciso de você agora, senhorita Trammel, hic et nunc. — Recitei em latim.

A corretora olhou ao redor e me guiou até o confessionário de madeira localizado no canto da imensa e suntuosa catedral. Quase não havia espaço ali. Tomei-a sem nenhum pudor, beijando-a enlouquecidamente enquanto minhas mãos acariciavam por dentro de seu vestido vermelho. Bendito o homem que inventou o tomara que caia... Fácil acesso aos seios, e os da corretora eram perfeitos. Suguei seus mamilos com voracidade e senti uma mordida em meu ombro, ela estava se segurando para não gemer, então passei a língua em seus mamilos endurecidos de tesão. A deliciosa senhorita Trammel ergueu o vestido em um convite sensual e aflito, ansiosa para que eu a penetrasse.

— É esse o seu desejo? — Sussurrei com a voz rouca enquanto massageava sua boceta quente e escorregadia.

Ela nem precisava dizer, mas eu queria ouvi-la pedir.

— Eu o quero dentro de mim, por favor. — Ela implorou, mordendo minha nuca e esfregando-se contra minha ereção, dura como pedra.

— Que assim seja. Vire-se! — Ela obedeceu. Tirei uma camisinha do bolso e rasguei a embalagem com os dentes. Carla rebolou, provocando-me.

— Se eu comer teu rabo aqui, não vai conseguir conter os gritos, senhorita Trammel. — Ameacei.

Coloquei a camisinha e ergui seu vestido, me surpreendendo com uma calcinha fio dental vermelha. Belo traseiro! Afastei a calcinha para o lado e a penetrei devagar. Apertada e escorregadia,

meu membro deslizou pela bocetinha deliciosa, e quando aumentei o ritmo das estocadas, os gritos de prazer ecoaram pela catedral, abafados pelo sino que badalava anunciando o meio-dia.

Uma hora de sexo proibido e pecaminoso, uma boa foda para começar o dia. Depois de orgasmos múltiplos, Carla Trammel ajoelhou-se e retirou a camisinha para que eu gozasse em sua boca.

— Me encha de porra. — Pediu ofegante.

Senti meu pau latejar com a pressão e gozei violentamente em seus lábios. Ela engoliu tudo e finalizou com uma bela lambida. Ouvi sirenes ao longe. Polícia!

— Precisamos ir. — Ordenei.

CAPÍTULO 3 -CARA, CADÊ MEU PRÍNCIPE?

Catarina Vallenti

— Ninaaa! Abre a porta. — Binho bateu algumas vezes sem entender nada do que estava acontecendo.

— Vai embora! Me deixa sozinha! Pelo menos hoje eu preciso do quarto só pra mim. É difícil entender isso, sua peste? — Gritei antes de colocar os fones de ouvido.

— Égua! — Ele me xingou perdendo a paciência. — Esse quarto também é meu!

Beyonce e sua bela voz me consolaram, If I Were a Boy tocava no celular alto o bastante para que eu pudesse ignorar as batidas de meu irmão mais novo. Como eu pude ser tão idiota? Eu não queria que ninguém me visse chorar daquele jeito, era doloroso demais sentir-se traída. Meu celular vibrou e a foto de Léo sorrindo apareceu no visor.

Sequei as lágrimas e deixei tocar algumas vezes, antes de apagá-lo de vez da minha vida. Acessei a galeria e deletei todas as fotos que tiramos juntos, todas as mensagens. Cada vez que a imagem da miss-vadia invadia minha mente dizendo “sou a noiva...”, eu me sentia ainda mais idiota. Sem vestígios de Leonardo Barros no celular, eu sabia que precisaria de um tempo para anestesiar a dor, mas, nas horas seguintes, eu só consegui chorar e gritar palavrões abafados pelo meu travesseiro. Chorei tanto que, já de madrugada, mesmo depois de mais calma, eu ainda soluçava.

— Nina! É sério! Abre a porta, preciso entrar para pegar uma cueca, não posso ir com essa roupa. Hoje é a avaliação para pedir dispensa do exército, lembra?

— Hum... — Murmurei sentindo meu corpo todo dolorido, talvez estivesse ficando gripada. Eu tinha esquecido que o compromisso do Binho era hoje.

Arrastei-me para fora da cama com o cobertor enrolado no corpo e destranquei a porta. Voltei para a cama e me encolhi virada para a parede, cobrindo meu rosto inchado. Ouvi enquanto ele abria as gavetas e as fechava com violência. Binho estava puto pelo meu comportamento e por ter dormido no sofá, mas eu não estava nem aí, depois de todos aqueles anos de dedicação, eu merecia um momento só meu... Queria chorar sozinha.

Fábio saiu do quarto e bateu a porta. Durante as horas seguintes, resolvi me entreter com eles, precisava voltar meus pensamentos para qualquer outra coisa que não fosse Leonardo e como tudo seria dali em diante. Inclinei o corpo para fora da cama e me apoiei no colchão com a mão esquerda, com a outra, puxei uma caixa

florida onde eu guardava algumas coisas que não queria que ficassem à vista de Binho.

Tirei a tampa da minha caixa particular, meu Cristhian Grey elétrico continuava ali, abandonado e sem pilhas; o diário que ganhei quando fiz quinze anos, a capa personalizada com uma das rosas do buquê do casamento de meus pais... Vivíamos bem antes do acidente, posso dizer que tínhamos um padrão classe média alta, e aquela delicada rosa branca ali eternizada me fazia lembrar como éramos felizes.

(São Paulo / 1992)

Sarah Vallenti entrou na sala e o barulho dos saltos sobre o piso atraiu a atenção de um grupo de garotas que conversavam animadamente em um dos cantos da sala de aula. Ela sabia que era analisada da cabeça aos pés pelas futuras colegas.

— Boa noite, meninas. Posso me sentar com vocês? — Perguntou exibindo um sorriso simpático.

— Claro! — Respondeu a que parecia ser a líder das três.

Sarah acomodou-se na cadeira ao lado da moça loira com cabelos lisos estilo Chanel. As três vestiam terninhos extremamente parecidos por cima de uma camisa branca e coletes. Usavam saias xadrez, bem acima do joelho.

— Pelo visto gostam de fazer compras na mesma loja. — Brincou enquanto pendurava a bolsa no encosto da cadeira.

As garotas não acharam tanta graça na observação e voltaram a conversar sobre os novos professores.

— Peguei grau C em Direito administrativo. — Confessou a morena de olhos verdes que trajava um taiêr combinando com seus olhos.

— Ah, eu também, a prova foi complicada demais. Onde já se viu colocar só uma questão?

Sarah Vallenti virou-se para frente e começou a rabiscar na última folha de seu fichário quando percebeu que as meninas falantes do pequeno grupo não seriam suas melhores amigas naquele último semestre.

— Nossa, que gato! Acho que vou me dar bem nessa disciplina. — Sussurrou a loira para a ruiva vestida de vermelho.

O comentário fez com que Sarah voltasse sua atenção para o homem parado na soleira da porta.

— Buonasera. — Cumprimentou em um italiano perfeito. — Sou Alex Cavalcante, irei ministrar as aulas de Direito Internacional.

“Esse gato italiano será meu ainda essa noite, por isso tirem o olho!” Era o que estava escrito no papel que Sarah jogou para traz enquanto admirava os belos traços másculos do novo professor vestido impecavelmente: terno cinza grafite e grossos cabelos pretos penteados para trás. Sarah escreveu outro bilhete e pôs-se de pé, caminhou até a mesa onde Alex organizava o caderno de chamada e o deixou sobre o móvel.

Alex olhou para a jovem à sua frente. Sarah aparentava ter no máximo dezenove anos, vestia um top preto por baixo de uma jaqueta de couro, uma calça jeans centro-peito, saltos finos de quase dez centímetros e tinha os cabelos crespos quase pretos jogados para o lado.

— Buonasera. — Ela respondeu. — Adorei o sotaque.

Dias atuais...

Mamãe nunca me contou o que escreveu no bilhete que conquistou meu pai à primeira vista. Por mais que eu insistisse, Sarah dava sempre a mesma resposta: “só quando for maior de dezoito”. Eu nunca me cansei de ouvi-la contar aquela história, queria tanto que vocês estivessem aqui, e o diário ainda estava em branco. A princípio, achei que aquela era apenas uma tentativa discreta que eles haviam encontrado para me espionar.

— Que cara horrível é essa, mulher? Quando seu irmão bateu na minha porta hoje, achei que o mundo estava acabando. Ele gritou algo parecido com cuecas, mas não consegui entender, eu estava no banho.

Nem percebi quando Camila entrou. Vestia um jeans ultra folgado e uma regata branca lisa, ainda descalça.

— Não, Camis, hoje eu não tô bem. Preciso ficar sozinha. — Larguei tudo sobre a cama e comecei a empurrá-la para fora do quarto.

Camila era pelo menos uns dez centímetros mais alta do que eu, e bem mais magra. Trabalhava como modelo e de vez em quando eu via alguns cartazes com seu rosto exótico estampado. Ela amoleceu o corpo e atirou-se aos meus pés, tornando impossível afastá-la dali.

— Aiê! Sabe que eu odeio quando faz isso.

Desisti de tentar erguê-la ou empurrá-la para fora, seu farto cabelo afro preso apenas por uma faixa vermelha.

— Eu juro que, se não for embora agora, vou cortar essa sua cabeleira. Some, magrela! — Minha voz saiu tremida e eu já estava irritada a ponto de chorar.

— Tu me conhece, não vou embora até te ver cem por cento bem. Ou tu te veste agora e arruma essa cara de choro, ou vou raspar sua sobrancelha se tentar chegar perto do meu cabelo.

— Meu Deus! Que gaúcha mais chata! — Gritei. — Só me deixa pegar meus sapatos.

Camila me soltou e sorriu triunfante.

— Já volto. Vou pegar meu All Star e já volto. — Anunciou pondo-se de pé, ágil como uma gata.

Fiquei só mais uma vez, mas a minha vontade era de trancar a porta do apartamento para que ela não conseguisse entrar, no entanto, logo abandonei a ideia, pois me lembrei de que ela tinha uma cópia da chave. Calcei uma sapatilha preta e não fiz questão de me olhar no espelho, sabia que estava péssima. Coloquei meus óculos escuros e prendi os cabelos esgrouvinhados com uma piranha em formato de borboleta. Esperei por Camis na calçada do prédio.

Quando se está na merda, parece que o que mais existe no mundo são casais felizes, todos esfregando seus relacionamentos perfeitos e apaixonados no meu orgulho ferido. Sentei no degrau os observando ir e vir, uns de mãos entrelaçadas, outros abraçados... Eu me encolhi e cruzei os braços em frente ao corpo. Sequei uma lágrima presa aos meus cílios.

— Chega de choro! Sabe que eu não posso ver ninguém chorando, porque eu choro junto. — Camis me repreendeu dando um puxãozinho de leve no meu cabelo.

Forcei um sorriso e fiquei de pé. Caminhamos pela Avenida Paulista e contei a ela tudo o que havia acontecido. Gostava de conversar com Camila, era tão louca e impulsiva quanto eu.

— Posso capá-lo pra ti, sabe que nunca fui com a cara daquele cretino. — Seu tom de voz era brincalhão e descontraído.

Até que pensar em Léo capado não era uma má ideia. O que mais me incomodava em tudo aquilo era a mentira.

— Não pode haver segredos! Eu me dediquei ao trabalho esses anos todos para que o Binho pudesse terminar a escola. Meu sonho de fazer Direito foi pelo ralo, e quando eu acho que estou prestes a me casar, tomo na bunda e descubro que meu namorado tem uma noiva. Agora, pra você ter uma noção, eu tô sem namorado, sem emprego, sem nada.

Camila me encarou balançando a cabeça.

— Eu sei, amiga. Quanto ao emprego, não esquenta, logo tu acha outra coisa, mas a respeito dos namorados, vê se desencana, nunca te vi amarrada durante tanto tempo. Tu era muito mais... — Ela estava procurando a palavra certa para não me irritar ainda mais.

— Eu? Eu era uma patricinha que ficava com um e outro pelas baladas de sexta-feira, mas essa parte festeira de compras e trepadas esporádicas ficou para trás quando eles foram embora. Tive que crescer e amadurecer, não havia outra escolha.

— É barra, gata, mas eu sei que vai dar certo, sempre dá. — Aquele consolo me pareceu um tanto vago e distante da realidade, afinal de contas, as coisas haviam deixado de dar certo há oito anos.

Paramos em uma carrocinha de acarajé em frente à livraria Martins Fontes.

— Compra um pra mim, depois te pago.

— Paga nada, agora tu tá durinha da silva. — Debochou enquanto mexia na bolsa procurando pela carteira.

— Para, mão de vaca. — Retruquei.

A mulata vestida com trajes baianos típicos, blusa e saia branca e turbante na cabeça, sorriu quando me aproximei.

— Um acarajé completo, sem pimenta, por favor. — Pensei melhor. — Um não, dois! Bem caprichados, por favor. A gaúcha aqui tá pagando, vou aproveitar.

A mulher riu e iniciou o preparo. Fiquei distraída em meio a tantos títulos e capas maravilhosas na vitrine da livraria. Eu era viciada em livros, apenas dois motivos me separavam do sonho de ter uma biblioteca: espaço e dinheiro. “Carpe Diem” estampado em um manual de viagens me chamou atenção. Não sei explicar ao certo, mas aquele título despertou em mim lembranças felizes, a voz grave de meu pai dizendo pela amanhã *“Carpe Diem, mia principessa!”*, era uma mistura de latim e italiano, “aproveite o dia, minha princesa!”.

— Eu vou para a Itália. — Anunciei com a voz carregada de excitação.

— Ã? Como assim? Pirou? — Camila me entregou os acarajés ainda quentes. — Que tu vai fazer lá?

— Eu não sei, quando chegar lá eu descubro e depois te conto. — Respondi e dei uma mordida. — Hum, isso aqui tá tri bom, como tu costuma dizer.

Caminhamos no mesmo ritmo lento e descontraído, mas com a Camis me fuzilando com uma rajada de perguntas.

— Enlouqueceu, né?! E o passaporte? Tu por acaso fala italiano? Tem que ter visto? E o Binho?

Quanto mais ela perguntava, mais minha loucura se tornava real, e satisfazer um impulso daqueles parecia ser a coisa certa a fazer.

— É claro que tenho passaporte, esqueceu? Viajamos para a Disney nos meus quinze anos, dããã! — Debochei. — Meu italiano é fluente, tenho dupla nacionalidade, pai italiano, lembra? E o Binho, ele já pode se virar sozinho, completou dezoito e sobreviveu aos meus cuidados.

Camila ergueu uma das sobrancelhas, ainda incrédula.

— Não vem me enganar achando que tem todas as respostas. Vai lá pro outro lado do mundo e nos deixar aqui? Quanto tempo vai ficar? Nem vou perguntar quando pretende ir...

Mordi o segundo acarajé, tão bom quanto o primeiro.

— Assim que chegar em casa vou comprar a passagem.

— Nina do céu! Sei que estava incentivando seu lado aventureiro, mas não exagera, né?! Pensa um pouco!

*“Andare a Firenze, principessa, è lì che i principi sono ...”**. O conselho de minha mãe ecoou como uma doce memória de quando ela me colocava para dormir.

— Vou para Florença. — Respondi decidida, ignorando todos os motivos que minha querida Camis tentava impor para me fazer mudar de ideia.

(TRADUÇÃO: *Vá para Florença, princesa, é lá que os príncipes estão...)

CAPÍTULO 4 -VALIDADE

Ian Salvatore - Florença / Itália

A adorável senhorita Trammel estacionou o New Beetle vermelho em frente à mansão da família Romano.

— Chegamos. — Anunciou a corretora com um sorriso de orelha a orelha.

A fachada da mansão se assemelhava a um antigo castelo.

— Parece uma fortaleza. — Comentei admirando a bela mansão.

Carla desceu do carro e eu a acompanhei, ouvindo distraidamente as explicações sobre o belo lugar.

— A mansão foi erguida entre 1706 e 1708. É símbolo de prestígio e luxo, com trezentos e vinte metros de área construída. Como pode perceber, a fachada é composta por mosaicos e possui finos detalhes esculpidos em mármore Carrara.

Empurrei as pesadas portas de madeira e a impressão de estarmos na Idade Média ficou para trás. Decorada em tons neutros, a sala de estar da mansão era maior do que o apartamento em que Robyn e Robert moravam.

O tour e as explicações de Carla duraram quase dez minutos, achei que morreria de tédio.

— Em quanto está avaliado o imóvel? — Perguntei prendendo-a entre meus braços quando chegamos à suíte máster.

— Três milhões de euros. — Ela respondeu.

Aquilo era uma verdadeira barbada, valia no mínimo uns dez milhões. Acariciei o contorno de seu rosto e ergui seu queixo.

— Estou nesse ramo há um bom tempo, sei que não me contou tudo sobre a mansão Romano.

Meus dedos deslizaram até a barra de seu vestido vermelho, então comecei a torturá-la. Carla revirou os olhos, já estava molhada e pronta para que eu a comesse.

— Me diz, por que ninguém comprou essa mansão ainda? Quem faz parte da família Romano? — Sussurrei esfregando seu clitóris escorregadio e inchado pelo desejo.

— Nota-se que não é daqui. — Respondeu entre um gemido e outro. — A fama dos Romanos corre por toda Florença.

Com movimentos circulares, aumentei o ritmo, enquanto a outra mão descia para o zíper do vestido.

— Sou do mundo. — Aticei deslizando três dedos para dentro de sua entrada apertada.

Carla cravou as unhas sobre meu terno.

— Vamos, senhorita Trammel, sua comissão nessa venda deve ser de, no máximo, oito por cento sobre o preço do imóvel, ou seja, duzentos e quarenta e seis mil euros, isso se não tiver que dividir com a corretora a qual você trabalha. — Enfiei mais um dedo, alargando-a para me receber. — Não se faça de difícil, eu posso lhe oferecer cinco vezes mais. Agora, me conte direitinho tudo o que eu

preciso saber, para que ambos fiquemos satisfeitos, enquanto eu chupo você.

Ela arregalou os olhos azuis e sorriu provocante. Interrompi as carícias e deslizei os dedos úmidos em seus lábios grossos.

— Sinta seu sabor, porque eu provarei direto da fonte. — Declarei, atirando-a na cama. Seus cabelos loiros se esparramaram pela fina colcha bordada. — Me conte, senhorita Trammel, e prometo que a comerei em cada cômodo dessa mansão.

Ergui a saia do vestido até a cintura e iniciei a sessão de beijos, meus lábios pela sua barriga. E lambendo-a devagar, a língua ao redor do piercing de diamante adornando seu umbigo.

— Estou esperando.

Carla gemeu e ergueu o quadril para que os beijos descessem até seu sexo.

— Corre o boato de que a família Romano foi executada por vingança na noite de Natal. O único sobrevivente foi Marco Romano, todos sabem que ele é um dos maiores mafiosos da cidade, mas ninguém tem colhões para prendê-lo, o cara mexe com tráfico de armas e drogas. Até agora não descobriram os responsáveis pela barbárie, no entanto, o governo italiano acabou confiscando os bens da família Romano, e a casa foi a leilão. Não houve um lance sequer. Decidi tentar a sorte e vender para um estrangeiro, e aqui estamos nós.

Sorri satisfeito com a sinceridade da fogosa corretora.

— Viu? Não foi tão difícil assim. — Desabotoei o terno e o pendurei na maçaneta da porta. Voltei para a cama admirando seu belo corpo escultural. — Como foi uma boa garota, vou te chupar bem devagar.

Com uma economia de movimentos, me aproximei da cama e agarrei as finas tiras de renda vermelha da delicada calcinha e arranquei-as.

— Não precisará dela pelos próximos três dias.

Carla rebolou na cama, ansiosa.

— Lisinha e molhada, perfeita para ser comida. — Observei. — E eu estou faminto.

Minha boca desceu até seu baixo ventre, intercalando as carícias entre beijos e lambidas, até chegar ao sexo. Carla abriu as pernas para mim, exibindo sua entrada brilhante de excitação. Deslizei a língua pelo clitóris e o chupei, minhas mãos mantinham seu quadril no lugar para que eu pudesse comê-la melhor. Eu a mordi levemente e ela gritou, chegando ao orgasmo com rapidez. Minha língua desceu um pouco mais, chegando à sua boceta molhada e rosada. Lambi seus grandes lábios, sorvendo-a devagar.

— Você é deliciosa, senhorita Trammel. — Elogiei-a. — Mas antes que eu continue, tem mais alguma coisa para me contar sobre a casa ou seus antigos donos?

Entre gemidos ofegantes, ela respondeu sem demora.

— O primeiro corretor que se arriscou a vender a mansão teve a pele do corpo arrancada ainda vivo, e o comprador teve a cabeça empalada em uma placa de vende-se presa em frente à porta da polícia.

Nem em sonhos eu me meteria com um bandido desse nível. Algumas trepadas com a corretora, hospedado na mansão de luxo, e depois seguiria meu rumo.

Seus olhos brilharam quando abri minha calça e deixei à mostra minha ereção, meu pau grosso e rosado pronto para penetrá-la. Ela

gritou quando a invadi, meu membro preencheu sua abertura até o fundo.

— Segure-se nas grades da cabeceira, porque eu vou foder você com força.

Durante três dias, ficamos na mansão cercada de história. Quanto mais eu pensava na regra dos três, mais válida ela me parecia. É claro que cumpri minha promessa de fodê-la em cada cômodo daquela mansão, mas, no terceiro dia, no final da tarde, já estava ficando sem graça.

— Eu nunca fiz isso antes. — Ela confessou.

Carla estava deitada em uma espreguiçadeira à beira da piscina enquanto eu me refrescava na água.

— Isso o quê? — Perguntei fingindo interesse.

— Usufruir das casas que estão à venda. Não sou esse tipo de garota.

O piercing me diz outra coisa...

— Tem um belo diamante no umbigo, senhorita Trammel. — Insinuei arqueando uma sobrancelha.

— Foi um presente, por uma mansão que vendi. Sou boa no que faço, Jason Seyfred. Estou há seis meses trabalhando na maior corretora de Florença e já fui reconhecida como destaque. — Retrucou ofendida.

Com uma bunda daquelas e aqueles peitos, Trammel seria capaz de vender até mesmo um avião pegando fogo. Nesses três dias ela estava fazendo o possível para não precisar forçar sorrisos para velhos endinheirados, em sua cabecinha loira, acreditava cegamente que tirara a sorte grande encontrando um milionário com

as minhas qualidades. Dei uma gargalhada e tratei de acalmar a garota.

— É claro que eu acredito. Acredito em todo o seu potencial e poder de persuasão. E, acima de tudo, em sua coragem; mesmo sabendo do perigo que há em vender a mansão da família Romano, você está se arriscando. Provavelmente já deve ter algo esquematizado para quando a venda ocorrer.

Com o orgulho restaurado pelos meus elogios, ela deu um pequeno sorriso.

— Encontrei uma brasileira pela internet. Em troca de um lugar para ficar, ela está me ensinando português.

— Hum... Essa é a minha garota! Então pretende escapar para o Brasil? O Rio de Janeiro é sensacional, já estive lá uma vez.

O celular de Carla vibrou sobre a mesa de vidro. Ela secou a mão na toalha a qual estava enrolada, deu uma risadinha e digitou algo. Mergulhei de uma ponta à outra, quando emergi, Carla me surpreendeu com o celular apontando para mim.

— Sorria!

Apoiei-me na borda e flexionei os braços tomando impulso para sair da piscina.

— Sem fotos! — Ordenei em um tom ríspido e controlado. Tirei o iPhone de suas mãos e excluí a foto recém-tirada.

— Para! — Protestou fazendo beicinho. — Só ia mostrar para uma amiga que eu iria acompanhada de um gato na festa da família Baruk.

Eu não tinha a mínima intenção de passar mais um minuto com Carla Trammel, mas conhecia a fama da família árabe mais influente de Manhattan, os Baruk eram sinônimo de dinheiro, muito dinheiro.

— Deixe que ela te inveje pessoalmente. — Rebati com a voz um pouco menos dura. — Quando e onde devo apanhá-la?

Carla iluminou-se ao perceber que eu iria ao evento.

— Pode ser em frente à Catedral Santa Maria Del Fiore, amanhã, às oito horas. Aquela igreja me deu sorte.

Um arrepio desagradável subiu pela minha espinha. Compromisso, namoro e muito menos casamento foram mencionados durante os três dias de sexo com a senhorita Trammel, mas eu sabia que era isso o que ela queria, era o que todas queriam. A tatuagem em meu dedo anelar expressava exatamente o que eu pensava sobre o assunto: “Semper”. Traduzido do latim: NUNCA. Casamento, eu nunca faria uma cagada dessas. As mulheres são para mim uma fonte de prazer com curto prazo de validade.

Quando retornamos para o centro de Florença, pude ver a tristeza nos olhos grandes olhos de Carla.

— Ficarei com saudades. — Ela se inclinou esperando que eu a beijasse.

Coloquei o dedo indicador sobre seus belos lábios rosados.

— Sem mais, ou você vai enjoar rápido demais de mim.

Desci do carro e acenei me despedindo da melosa e sufocante Carla Trammel. Ela me atirou um beijo no ar e partiu. Olhei para o Rolex em meu pulso, que marcava quase meia-noite, e decidi voltar caminhando pela Piazza di Santa Trinita. Devido ao horário, já estava sem movimento de turistas.

Cheguei ao *loft* à meia-noite e um. O telefone estava tocando e deixei que a ligação caísse na secretaria eletrônica. Tomei um demorado banho e coloquei uma calça de seda preta, me

acomodando no sofá. A ideia de ganhar uma pequena bolada vendendo a mansão do criminoso não parecia tão ruim, afinal. Naquela noite eu não consegui dormir, aproveitei a insônia para fazer algumas pesquisas sobre a família Romano e os anfitriões do evento.

***

— Não vai acreditar no que aconteceu! — Exclamou Carla sentando-se ao meu lado e balançando meu braço para me acordar.

— Humm. Tem que ser agora? Não pode esperar até amanhecer? — Resmunguei mal-humorada. Se havia uma coisa que eu detestava na vida, era ser acordada. — Ai, está bem! Mas fala rápido, eu estava sonhando com aquele loiro do True Blood.

Carla deu uma risada e cruzou as pernas na posição de lótus, acomodando-se melhor para contar sobre sua aventura com o estrangeiro misterioso, senhor Jason Seyfred.

— Eu sei que disse que iria com você à festa dos Baruk, mas não posso perder de vista aquele deus grego, o convidei para me acompanhar. Podemos nos encontrar lá, e tenho certeza que companhia não vai faltar para uma brasileira como você. — Brincou me batendo com o travesseiro.

— Humm... Se ele é tão insaciável assim, pergunta se ele tem um irmão, estou precisando de uma aventura que me faça perder o chão. E não esquenta, não vou segurar vela, mas pelo amor de Deus, me deixa dormir, ou não me responsabilizo pelo meu humor amanhã.

Finalmente ela se deu por vencida e saiu saltitando do quarto de hóspedes. Fechei os olhos e me enrolei no lençol, torcendo para

voltar para o mesmo sonho quente e delicioso com Robert Pattison e Alexander Skarsgård. Eu e meu fraco por vampiros problemáticos e sarados...

CAPÍTULO 5 - TURBULÊNCIA

“Há mais perigo em teus olhos
do que em vinte espadas.”
(William Shakespeare)

Não vou mentir e me fazer de durona, foi difícil deixar tudo para trás. Na última hora, quando eu subia os degraus do avião que atravessaria o oceano me levando para o outro lado do mundo, senti um frio na barriga e vontade de sair correndo de volta para o meu micro ovo e me esconder debaixo do edredom até a fossa ficar mais light e eu ter condições de procurar um novo emprego.

Por mais que minha mente estivesse entrando em parafuso, minhas pernas me levaram para o meu assento, ao lado de um homem de cabelos e barba aloirados extremamente atraente. Logo vi que aquele polaco não era brasileiro, então pedi licença em inglês enquanto guardava minha única mala no compartimento acima de nós.

— *Excuse-me, please*.

O estranho vestia uma jaqueta de couro marrom por cima de uma camiseta preta e olhava pela janela, tinha o cenho franzido, com ar de preocupação, como se estivesse à espera de alguém.

Pigarreei e toquei seu ombro de leve com duas batidinhas, apenas para chamar sua atenção. Ao encostar na jaqueta, imaginei como ele seria sem ela, provavelmente musculoso e tatuado.

Ele me encarou e agarrou meu pulso com um movimento rápido. Arregalei os olhos, assustada com tamanha violência.

— Ei, eu preciso me sentar! — Respondi na defensiva quando ele soltou meu pulso, marcas vermelhas desapareceram segundos depois.

— Mi dispiace, signorina, ero distratto. — Ele respondeu em italiano, “me desculpe, senhorita, eu estava distraído”, tirando os óculos escuros.

Seus olhos azul-esverdeados me encararam e saí de minha posição de defesa. Não é americano, mas italiano. Com cuidado, passei por ele e rocei minha perna na dele. Não foi de propósito, mas gostei de ver que ele parecia prestes a me devorar com os olhos. Prendi o cinto e respirei bem fundo, tentando relaxar. Notando meu nervosismo, ele acenou para uma aeromoça que ajustava o cinto de uma senhora idosa. Olhei de soslaio para ele, deveria ter uns trinta, talvez. Com traços tão fortes e masculinos, me fez esquecer minhas dúvidas, eu queria a minha aventura e iniciaria o meu trajeto muito bem acompanhada.

— Marco Romano. — Ele se apresentou com a voz grave.

Eu estava molhada só de estar ao lado de um cara tão sexy e másculo.

— Prazer, sou Catarina Vallenti. — Me apresentei em italiano.

A comissária de bordo nos interrompeu desmanchando-se em sorrisos para o *bad boy* ao meu lado.

— Traga duas doses de whisky sem gelo, por favor. — Ele ordenou.

— Iniciaremos o serviço de bordo assim que o avião decolar. — Respondeu ela em um italiano não tão perfeito.

Ele a encarou contrariado e pôs-se de pé, aproveitei para dar uma olhada rápida em seu belo traseiro por baixo do jeans surrado. Não prestei atenção no que ele dizia à comissária, minha mente trabalhava imaginando como seria ter meu vestido arrancado por aquele homem no banheiro do avião.

Marco sentou-se novamente e tirou um cigarro do bolso interno da jaqueta.

— Também vai para Florença? — Perguntou enquanto tamborilava o cigarro na coxa.

— Sim. — Limitei a responder, sentindo a boca seca. Umedeci os lábios e percebi que a comissária trazia as duas doses de whisky, um em cada mão.

O que ele deve ter dito para convencê-la a quebrar o regulamento?, pensei pegando um dos copos.

— À Florença! — Ele ergueu seu copo em um brinde.

Brindamos e viramos nossos copos de uma só vez. Confesso que eu não era fã de bebidas, como vivia de dieta, tentava me manter longe do álcool, mas ali se iniciaram as exceções, eu estava aberta para o novo e, naquele momento, o novo era o gigante loiro com visual de motoqueiro rebelde sentado ao meu lado. O líquido desceu como fel, ácido, amargo e horrível. Não consegui não fazer careta.

Entregamos os copos à comissária e me surpreendi com a naturalidade que ele bebeu aquele treco, parecia ter tomado um simples copo d'água. Italiano, forte e másculo; bebe e convence aeromoças. O que mais sabe fazer?

As portas da aeronave se fecharam e um comissário iniciou as instruções de praxe.

— (...) Todos os celulares devem permanecer desligados ou em modo avião (...).

Droga, lá se vai minha "pesquisada" rápida sobre Marco, pensei decepcionada. Cruzei as pernas e minha saia xadrez subiu um pouco.

— Quente aqui? — Perguntei sentindo um calor espalhando-se pelo meu corpo. Joguei os cabelos para o lado em uma tentativa de fazer charme.

Ele riu, observando-me em silêncio. Tirei o blazer preto e me inclinei para colocá-lo na poltrona vaga ao seu lado. Romano passou os dedos pelo meu braço quando voltei ao meu lugar.

— Tem razão. Bem quente, Morena.

Olhei pela janela tentando controlar a excitação. Marco soltou seu cinto de segurança e também se despiu, deixando sua jaqueta sobre a minha. Belos músculos! Admirei seus bíceps nas mangas curtas da camiseta. Uma delas cobria parte da tatuagem que subia pelo braço musculoso.

— Gosta do que vê? — Ele perguntou com um pequeno sorriso de canto.

— Talvez possa me mostrar um pouco mais quando estivermos no banheiro. — Respondi levantando-me.

Caminhei pelos estreitos corredores sem olhar para trás. Quase todos os assentos estavam ocupados. O banheiro, no entanto, desocupado. Senti meu sexo latejar, minhas pernas estavam tremendo quando adentrei o minúsculo banheiro. Encarei meu reflexo no espelho e abri a torneira, a água jorrou. Lavei as mãos e umedeci a nuca. E se ele não vier? Ai, meu Deus, vou morrer de vergonha tendo que ficar ao lado dele durante o longo trajeto. A porta foi aberta e Marco Romano inclinou-se para passar pela abertura.

— Morena. — Ele sussurrou, chegando mais perto.

Não havia espaço para nós dois, e com todo o prazer eu estava pronta para me pendurar nele. Senti meu coração acelerar quando seus músculos me pressionaram contra a parede. Sua boca apanhou a minha com muita fome. Fiquei na ponta dos pés e minhas mãos deslizaram para dentro de sua camisa. Sua língua quente explorou cada milímetro da minha boca, degustando meu sabor. Meu coração martelava no peito e meus seios doíam, tamanha a excitação. Avassalador e bruto, Marco puxou meus cabelos para trás, deixando meu pescoço à mostra. Inclinou-se um pouco mais e roçou sua barba contra a minha pele, fiquei ainda mais molhada.

Estávamos próximos o suficiente para que eu pudesse sentir o volume em sua calça aumentando e endurecendo. Marco o pressionava contra a minha barriga. Ouvi batidas na porta e uma voz preocupada.

— Senhor? Precisa voltar ao assento, estamos passando por uma área com turbulência...

Turbulência? Não era bem isso que me preocupava no momento. Comecei a ofegar ao sentir que ele habilmente abria a calça com uma das mãos e, sem muito esforço, com a outra me coloca sobre a estreita bancada da pia.

— Shiu! — Marco sinalizou com o indicador em meus lábios para que eu fizesse silêncio. Do bolso traseiro do jeans, tirou um preservativo e rasgou a embalagem rapidamente.

Eu estava tão sensível e molhada que gozaria assim que aquele grosso e longo pau me penetrasse. Apoiei as mãos sobre a pia fria enquanto ele tirava a meia-calça preta e minha calcinha de uma única vez. Seus movimentos eram predatórios e brutos, abri as pernas e as enrosquei em sua cintura.

Batidas na porta continuaram insistentemente. Mordi seu ombro tatuado quando Romano me invadiu, em um movimento ritmado e firme. Alheios aos protestos do lado de fora, continuamos nossa excitante escapada. A sensação aumentava, deixando minhas pernas bambas. Cravei minhas unhas em suas costas, arranhando-o de cima a baixo. Levantei o quadril para que ele me penetrasse ainda mais fundo, sentindo-o se avolumar dentro de mim. Enroscada em seu corpo escultural, me agarrei a ele com força ao atingir um orgasmo delicioso. As estocadas, certeiras e ardentes, continuaram. Uma... duas... três... quatro... cinquenta vezes ele me penetrava, insaciável e animal. Decidi me entregar até a completa exaustação. E assim alcancei um orgasmo ainda mais intenso e voraz do que qualquer outro até aquele dia.

Marco Romano intensificou seus movimentos selvagens e gritou um palavrão em italiano ao atingir o clímax.

— Catarina Vallenti... — Ele sussurrou roçando seus lábios nos meus, seu cavanhaque loiro me fazendo cócegas. Então o senti sair de dentro de mim. — Parada!

Permaneci sentada sobre a pia e obedeci, observando o italiano sexy ficar de costas para mim, a tatuagem em suas costas era uma verdadeira obra de arte, símbolos tribais cercando uma caveira.

— Gosto do que vejo. — Sussurrei, quase como se lhe contasse um segredo.

Ele me encarou já com as calças fechadas. Descaradamente, continuei admirando seu corpo, o abdômen sarado e o peito com pequenas cicatrizes. Marco puxou algumas folhas de papel da caixa metálica ao meu lado e me limpou devagar, até que eu estivesse seca.

— Te machuquei? — Ele perguntou me tirando dali de cima.

Balancei a cabeça negativamente. Eu sabia que deveria ter vergonha por ter transado no banheiro de um avião com um cara que eu nunca tinha visto na vida, e provavelmente nunca mais veria, mas aquele gesto de cuidado foi muito estranho. Desviei o olhar e me abaixei para pegar a calcinha atirada na borda do vaso sanitário. Porém, Marco a tomou de minhas mãos e sorriu sedutoramente.

— Vou guardar de recordação. — Balançou minha calcinha como uma bandeira e a guardou no bolso da calça.

Revirei os olhos e resolvi não protestar, estava esgotada.

— Tudo bem, mas confesso que românticos não fazem o meu tipo. — Provoquei ao abrir a porta, que Marco fechou antes que eu escapasse.

— Bom saber. — Retrucou com voz firme.

Marco Romano abriu a porta do banheiro e nos deparamos com duas aeromoças nos fuzilando com o olhar. Eu me fiz de desentendida e voltei para o meu lugar. Logo atrás de mim, senti sua presença. O italiano me acompanhou e se sentou ao meu lado. Então, decidi ousar um pouco mais. Estiquei o braço por cima dele e peguei seus óculos escuros sobre os nossos casacos.

— Para guardar de recordação. — Informei com um sorriso debochado e os coloquei no rosto. — Me acorde quando chegarmos em Florença.

Reclinei minha poltrona e dormi como uma pedra durante as dez horas seguintes. Quando acordei, ele já havia partido, assim como quase todos os outros passageiros. Ao apanhar meu casaco, um guardanapo caiu aos meus pés. Um número de telefone escrito com caneta azul.

No portão de desembarque, Carla Trammel segurava um cartaz improvisado com meu nome escrito em grandes letras vermelhas. Resolvi guardar para mim a aventura com o espetacular Marco Romano. Dei um aceno discreto quando me aproximei e a cumprimentei em seu idioma.

— Senhorita Trammel? — Perguntei à loira que vestia um taiêr azul-celeste, deduzi que aquele fosse seu uniforme.

Ela me abraçou e começou a falar apressadamente, como se nos conhecêssemos há séculos.

— Catarina, pode me chamar de Carla. E então, como foi seu voo?

Meu voo? Humm... Conheci um cara lindo, ao melhor estilo bad boy, com olhos azul-esverdeados, loiro e uma barriga tanquinho de dar inveja ao deus Adônis. Ah, transamos durante algumas horas no

banheiro do avião. Ele ficou com a minha calcinha e eu com seus óculos, como recordação.

— Foi tranquilo. — Respondi omitindo a melhor parte, a turbulência.

CAPÍTULO 6 – FESTA E FOGO

Levantei quase às onze horas da manhã. Depois de algumas horas ouvindo as aventuras de Carla com um bonitão, acabei perdendo o sono. Arrastei meu corpo dolorido pelo flat bem decorado, talvez eu devesse deixar um currículo na mesma corretora em que Carla trabalhava. Não precisar pagar aluguel e morar em um decorado como aquele não era uma ideia nada ruim. Aquele lugar não lembrava em nada o meu micro apê, pelo contrário, ele inteiro caberia na elegante sala de estar adornada em tons pastéis. No sofá, almofadas coloridas combinando com as flores naturais em um vaso de vidro sobre o aparador ao lado da porta.

— Carla? — Chamei preguiçosamente.

Atirei-me no sofá. Quando encontrei o controle remoto da televisão, havia nele um post-it amarelo com um recado escrito em caneta rosa neon:

“Estou no salão, é bem em frente ao prédio. Não tem erro. Te esperando. C.T.”

Ao lado das iniciais de Carla Trammel, um *emoticon* de carinha feliz :D.

Salão? Mas eu estou faminta!, pensei frustrada ao me lembrar da festa. Logo uma voz repressora ecoou em minha mente: Você não veio para Florença para comer e assistir televisão!

Fiz minha higiene e fui ao encontro de Carla. Quando entrei no estabelecimento, senti uma lufada de ar perfumado dos produtos usados ali. Carla estava fazendo as unhas dos pés e das mãos ao mesmo tempo, sendo atendida por duas coreanas que conversavam em outra língua.

— Capricha, Nina. Tenho o pressentimento de que essa noite promete. — Disse sorrindo como uma criança em noite de Natal.

Sempre fui vaidosa, não sou dessas que sai sem um batom nos lábios e uma sombra nos olhos. Eu estava acostumada com roupas caras e sapatos novos a cada mudança de humor. Ok, confesso, sou apaixonada por sapatos, principalmente os de salto, e quanto mais altos, melhor. Depois que meus pais se foram, boa parte do meu mundo pati-cor-de-rosa também se foi. Sustentar a casa e pagar os estudos do Binho serviram como uma experiência e tanto, foi como se eu levasse um grande soco do destino, me sacudindo para que eu mudasse meus hábitos pela nossa sobrevivência. Pintar as unhas e hidratar os cabelos, somente em casa; depilação com cera, humm, digamos que eu tenha me conformado em apenas diminuir os excessos, não sou capaz de fazer sozinha.

A atendente continuava na porta de entrada esperando que eu decidisse o que iria fazer.

— Ah, você é a brasileira? Carla estava nos contando dos seus planos de ir para o Brasil.

Sorri e cumprimentei a morena de olhos verdes extremamente simpática e ávida por novidades estrangeiras. Li seu nome identificado no bolso do uniforme cor-de-rosa, “Cecília”.

— Cecília, preciso de uma geral completa. Quero cabelo, unhas, depilação, massagem, tudo o que tiverem para me oferecer, ok? Quero estar impecável para um evento hoje à noite.

O sorriso da mulher se iluminou. As primeiras horas foram as piores, a depilação com cera doeu tanto que cheguei a pensar que não sobreviveria; virilha, pernas, axila... Eram quase sete horas da noite quando saímos maquiadas e com belos penteados. Voltamos para o flat de Carla, a essa altura eu já estava azul de fome e com um leve mau humor se instalando.

Carla tinha seus longos cabelos loiros presos em um coque, usava um vestido branco bordado com pedrarias e terminava de amarrar sua sandália de tiras quando cheguei na sala.

— Uau, uma diva! — Seu elogio foi seguido de um assovio.

Dei alguns passos como se desfilasse em meu longo vestido vermelho estilo sereia. Um giro devagar para mostrar os detalhes do fino traje. Coloquei uma gargantilha de cristais que ganhei quando completei dezoito anos, a única joia da qual não me desfiz quando o dinheiro encurtou e tive que me desdobrar para pagar as contas.

— Não acredito que não quis usar esse vestido. Ele é divino! — Respondi mexendo no meu cabelo que caía em cachos pelo ombro esquerdo.

— É lindo, mas como o usei em um evento no mês passado, não posso repeti-lo. Esses jornalecos adoram alfinetar, ainda mais se eu posar para fotos ao lado do gostoso senhor Seyfred.

Eu até havia trazido alguns vestidos de festa, dos meus bons tempos, mas nada comparado ao preto tomara que caia que eu estava usando.

— Calma, Carla, você está parecendo a edição Barbie Luxo, simplesmente perfeita.

O interfone tocou, interrompendo nossa conversa.

— Sim? — Carla atendeu ansiosa logo ao primeiro toque.

Então me encarou surpresa e voltou a colocar o fone no gancho, ao lado da porta.

— Hum, senhorita Vallenti, já tem admiradores em Florença e não me contou nada? — Me indagou em tom brincalhão colocando as mãos na cintura.

Admiradores? Mas eu mal saí, estou aqui há uma semana e o mais longe que fui foi comer pizza na praça principal.

— Ã? Tem certeza? — Arqueei as sobrancelhas surpresa, não poderia ser quem eu estava pensando, só tinha dado meu endereço temporário para o Binho, e ele nunca daria meu número para o Léo. Ou daria?

— Absoluta! O homem pediu por Catarina Vallenti Cavalcante.

Peguei a bolsa de mão sobre o aparador e dei de ombros.

— Eu não acredito que ele se deu o trabalho de vir até aqui. Vou fazer a ponta do meu sapato acertá-lo onde o sol não bate! — Desci preparando-me para encarar o persuasivo doutor Leonardo Barros.

Já havia anoitecido quando passei pelas portas do edifício de Carla. Estacionado próximo ao portão, um Bentley preto com vidros fumê. Um senhor careca vestindo uniforme de chofer desceu e abriu a porta para que eu entrasse.

— Se acha que eu vou entrar nesse carro com você, pode dar meia-volta, Leonardo! Não quero te ver nem pintado de ouro! É melhor para os seus países baixos seguir direto para o aeroporto, ou eu juro que não me responsabilizo por mim. Prometo esmagar seu saco com o salto da minha sandália! — Gritei furiosa ao ver que ele não descia do carro de luxo.

Eu me virei, pronta para voltar, quando ouvi uma voz grave e sensual me chamando em italiano.

— Morena, não sei quem é esse Leonardo, mas já o odeio tanto quanto você.

Marco Romano. Ele estava parado de pé ao lado do carro. Diferente do visual *bad boy*, ele vestia um smoking preto. Seus cabelos loiros penteados para trás e sua barba levemente aparada. Ai, aquela barba roçando em minha pele, em meu pescoço, em meus seios... Filho da mãe gostoso, tão sexy de roupa quanto sem. Será que ele está com a minha calcinha? Acho que vou precisar dela, porque a que estou usando ficou encharcada apenas de vê-lo.

— Não acredito que Florença seja tão pequena assim. — Respondi encarando-o.

Romano caminhou em minha direção com movimentos predatórios e um olhar de quem estava prestes a me comer naquele exato instante. Ficou diante de mim e pude sentir o cheiro de whisky e algo mais, viril e excitante. Marco Romano exalava perigo. Escorou o braço esquerdo na porta do prédio como se estivesse a ponto de me encurralar, meu coração batia acelerado com sua aproximação e seu perfume exótico.

Naquela posição, pude ver presa em sua cintura o cabo de uma arma. Armado? Eu sabia! Estremeci. O alarme de perigo soava

como uma campainha alertando todas as células do meu corpo.

— E não é, mas faço questão de acompanhar de perto o que me interessa. — Retrucou.

— Como é que é? Quando foi que passei de alguém para algo? Você me seguiu do aeroporto, é isso? — Perguntei sem conseguir desgrudar os olhos de sua cintura.

Marco ergueu uma sobrancelha loira e exibiu um pequeno sorriso. Ele percebeu que eu havia visto sua arma. Tudo bem, pode me julgar, eu não sabia se sentia mais medo ou excitação. Ah, sei lá...

— Morena, está com medo de mim ou está molhada? — Provocou deslizando os dedos pelo meu pescoço, seguindo para os ombros.

— Não tenho medo de nada, mas vou ficar mais confortável se colocar sua arma aqui. — Abri minha bolsa e, com a mão esquerda, acariciei seu abdômen. Conseguia sentir seus músculos mesmo por baixo do smoking, até meus dedos encontrarem a pistola.

Com um movimento rápido, a guardei na bolsa.

— Vai ter que me explicar melhor essa história de stalker, não curto perseguidores.

Ele se limitou a piscar e sorriu diante da minha ousadia em desarmá-lo.

— Senhorita Vallenti, sempre me surpreendendo. — Se inclinou e mordeu meu lábio inferior, e então se afastou oferecendo o braço como um cavalheiro.

Eu precisava urgentemente tirar aquela calcinha... Antes de partir, tranquilizei Carla pelo interfone.

O telefone de Marco vibrou assim que nos acomodamos nos confortáveis bancos de couro do automóvel. Fiquei olhando pela janela, admirando a cidade iluminada enquanto Marco discutia furiosamente com alguém do outro lado da linha. Não entendi uma palavra do alemão que ele bradava como uma fera.

— Desculpe, Morena. — Disse ele, finalmente, quando desligou o telefone. — Sem mais interrupções.

Exibi um pequeno sorriso e tamborilei os dedos sobre a bolsa. Será que ele é policial, ou um tipo de agente? Minha cabeça trabalhava rápido na busca de uma desculpa sensata para que ele andasse armado.

— O que está achando de Florença? — Indagou em seu tom de voz extremamente sensual.

— O trajeto me surpreendeu, mas ainda não conheci a cidade. — Respondi provocando-o. — E você, está de passagem ou mora aqui?

Eu estava ansiosa para conhecer o misterioso homem ao meu lado.

— Eu viajo bastante. Meu negócio exige isso.

Não me disse nada que esclarecesse o porquê andar armado... Talvez o ideal fosse ir direto ao ponto.

— E por que a arma?

— Segurança. — Respondeu com voz imparcial.

O carro parou em frente ao Palazzo Pitti, um grande palácio com arquitetura renascentista próximo ao Rio Arno. Jornalistas e fotógrafos buscavam equilibrar-se sem ultrapassar as faixas vermelhas que garantiam passagem livre aos convidados, que desfilavam com beldades, modelos, artistas e autoridades locais. O

chofer abriu a porta e Marco foi o primeiro a descer, me estendendo a mão em seguida para que eu o acompanhasse.

— Como tem coragem, Marco Romano, de aparecer em público como se fosse um cidadão comum?! — Gritou um dos jornalistas prestes a nos soterrar antes que chegássemos à entrada principal.

Olhei em direção ao homem que havia feito a pergunta. Usava óculos de grau com armação grossa azul, tinha os cabelos castanhos despenteados e parecia não dormir há dias.

O que ele quis dizer com aquilo? Meu alarme interno soava mais alto agora: “Perigo, Perigo!”.

Marco fuzilou o repórter com o olhar e o homem deu um passo para trás, em meio à multidão de paparazzi. Até mesmo eu gelei diante daquele olhar. Romano pousou a mão em minhas costas nuas e seguimos para a Sala Bianca do Palazzo.

O salão branco luzia bem iluminado pelos gigantescos lustres de cristal que conferiam ao lugar o luxo digno da realeza. Garçons andavam de um lado para o outro entre os convidados, equilibrando bandejas de prata com taças de espumante.

— Está tudo bem? — Perguntei ao perceber seu maxilar tenso, ele estava furioso.

— Não. — Retrucou com frieza. — Me espere aqui.

Romano atravessou o grande salão com passos rápidos e logo o perdi de vista.

Ah, tá! Era só o que faltava ser largada aqui. Aceitei a primeira taça que me foi oferecida. Será que a Carla e o bonitão insaciável já chegaram?

— Se ele pensa que eu vou ficar plantada aqui, está muito enganado! — Resmunguei. Bebi o champanhe e as bolhas fizeram

cócegas em meus lábios. Deixei a taça sobre uma longa mesa farta com petiscos finos.

Sabe aqueles momentos em que tudo fica em câmera lenta e seu olhar se encontra com os olhos do amor da sua vida? Pois é, não foi o que aconteceu! Caminhei até o imenso jardim e parei diante da Fontana del Carciofo, admirando a belíssima escultura.

— Um euro por seus pensamentos. — Disse um homem atirando uma moeda na fonte, algumas gotas de água respigando em meu vestido. Virei para encará-lo.

— Acho que não terá moedas suficientes. — Retruquei ao lindo par de olhos azuis, as cerejas do bolo do estranho galante que se aproximou a ponto de eu poder sentir o seu perfume cítrico e sensual.

Sabe quando você não está esperando e, boooom, ele é gostoso pra caramba?

Com o rosto anguloso e a pele mais clara que a de Marco, o homem ao meu lado trajava fraque e gravata borboleta preta. Não usava barba e seus cabelos eram tão escuros quanto à noite que nos encobria.

— Me contento com o mais recente. — Ele sorriu de canto. — Muito prazer, sou Ian Salvatore.

Ah... você não iria querer saber, pensei olhando para o jardim.

— Tudo bem, senhorita misteriosa. Pelo menos me acompanhe em um passeio, prometo ser um cavalheiro.

Não prometa isso! Caminhamos lado a lado até que a música do Palazzo ficasse para trás.

— Podemos fazer um jogo? — Ian indagou estacando na entrada de um imenso labirinto verde de paredes altas. — Se encontrar a

saída primeiro, me coloco ao seu inteiro dispor. Mas, se eu for o primeiro a encontrar, você me diz seu nome.

Sorri diante do desafio.

— Ok, senhor Salvatore, mas primeiro preciso que seja um cavalheiro e tire minhas sandálias. — Pedi com voz convidativa, me escorando na entrada do labirinto. Ergui parte da saia do vestido deixando à mostra as sandálias de tiras vermelhas.

Ian se ajoelhou em uma perna e tocou meu tornozelo com mãos quentes. Acariciou-me devagar e subiu até a panturrilha. Senti o coração acelerar no peito. Controle a respiração!

— Não vai mesmo me dizer seu nome? — Suas mãos subiram para minha coxa a ponto de me incendiar. Senti minha entrada latejar, ansiando que seu toque avançasse um pouco mais.

— Ian Salvatore, não comece o que não pode terminar! — Ameacei olhando na direção do Palazzo.

Seus olhos azuis me encararam transbordando luxúria. Empurrei-o com o salto da sandália e corri para o interior do labirinto, dobrando à esquerda e, logo em seguida, à direita. Pude ouvir Ian se aproximando. Tirei as sandálias e meus pés tocaram o chão de pedra. Todos os caminhos pareciam idênticos, e antes que eu pudesse decidir qual deles seguir, Ian me agarrou pela cintura e me prensou contra uma das paredes de folhas.

Encurralada entre seus braços, me devorou, sua boca ávida invadindo a minha. Pressionou seu corpo contra o meu e pude sentir sua ereção. Entreguei-me aos seus lábios quentes e saboreei seu gosto de hortelã.

O estampido de um tiro ecoou por entre os carvalhos que cercavam o labirinto. Em instinto de proteção, Ian me empurrou para

baixo e se jogou sobre mim.

— Shiiiu! Não grite. — Sussurrou.

Ouvi a voz de Marco falando em alemão e estremeci.

CAPÍTULO 7 - 69

Atirei a garota para o chão e ficamos em silêncio. Em um pânico silencioso, ela agarrou-se a mim com medo de que eu a deixasse ali. E sem que percebesse, com a mão esquerda escondi no bolso da calça o colar que removi habilmente de seu pescoço enquanto a beijava, instantes antes do tiro.

O grito de horror a fez estremecer. Fiquei de pé e a ajudei se levantar, suas mãos estavam frias.

— Minha bolsa... — Ela murmurou atônita.

— Como se chama? Você está em choque, olhe para mim! — Segurei-a pelos braços e balancei de leve, para que voltasse em si.

Vozes nervosas começaram a despontar do outro lado do labirinto. Pelo grito da mulher, provavelmente havia um corpo a poucos metros de nós. A polícia logo estará aqui.

— Katrina Hills. — Ela respondeu por fim.

— Katrina, temos que sair daqui! A última coisa que precisamos é de um longo interrogatório da polícia.

Peguei a bolsa e as sandálias caídas no chão de pedra e passei a mão por sua cintura.

— Vem comigo.

Caminhamos apressados até a saída do labirinto.

— Ei, vocês! O que estavam fazendo?

Merda! Ao me virar, me deparei com um policial vindo em nossa direção. Quando penso que estamos prestes a sair ilesos...

— O que faziam no labirinto? — Insistiu ele.

Katrina cambaleou para frente, me empurrando e inundando o uniforme azul do homem de meia-idade com um jorro de vômito.

— Minha esposa está grávida e saímos um pouco para que o ar fresco a revigorasse. — Menti descaradamente.

— Querido, preciso de um médico! — Incorporando seu papel na cena, ela me olhou colocando a mão sobre os lábios, como se estivesse prestes a vomitar mais uma vez.

O policial desabotoou parte do uniforme e fez sinal para que saíssemos do caminho.

— Esperem lá dentro. — Ordenou antes de dar meia-volta e seguir em direção ao labirinto.

Dentro do Palazzo estava um verdadeiro alvoroço. Homens e mulheres aos empurrões para deixar o local quanto antes. Senhorita Hills segurou em meu braço com força e, minutos depois, pegamos um táxi até o flat.

— Boa noite. Piazza di Santa Trinita, por favor. — Pedi ao taxista, que prontamente deu a partida para nos tirar dali.

Mexi nas finas tiras vermelhas da sandália que ainda tinha em mãos.

— Pode ficar com ela, mas o salto agulha é um pouco cansativo depois de alguns segundos nos pés. — Ela tentou brincar.

— Obrigado, mas vermelho não é minha cor. — Rebati entregando a ela a bolsa e as sandálias.

Katrina exibiu um pequeno sorriso; evidente que ainda estava nervosa.

— Está se sentindo melhor? — Perguntei.

— Não sei, achei que estava prestes a um ataque de pânico. Aconteceu tão perto de nós. — Fez uma pausa enquanto mexia nervosamente na bolsa.

E é aqui que começo a quebrar todas as minhas regras, uma por uma: quando o furacão Katrina invade a minha vida! E, bom, você já vai descobrir o porquê!

— Tudo bem, Katrina, eu sei que ainda está abalada, mas o pior já passou. Seja lá o que tenha acontecido, ficou para trás. — Segurei sua mão ainda fria. — O que você precisa agora é de um banho relaxante e uma boa noite de sono.

— Por favor, posso ficar em seu apartamento essa noite?

De jeito nenhum! Por mais gostosa que seja, não posso permitir, isso quebraria meu código, que sempre me manteve longe de problemas mais graves. Acariciei o delicado contorno de seu corpo e, como um verdadeiro babaca, respondi: — Claro!

— Obrigada. — Sua voz saiu calma e segura.

O taxista se virou para mim e deu um sorriso sacana ao olhar para Katrina. Entreguei a ele duas notas de vinte e descemos do táxi. No hall de entrada, o recepcionista devidamente uniformizado abriu as portas do elevador para nós. Katrina foi a primeira a entrar, se escorando no espelho do fundo, os braços cruzados em frente ao corpo. Pressionei o número nove. Minutos depois, as portas do elevador se abriram novamente.

Katrina entrou no flat devagar.

— Fique à vontade. — Apontei para o sofá em frente à lareira. — Um instante, eu já volto.

Fui para o quarto e tranquei a porta. Abri a porta do closet e apanhei uma valise preta. Sobre a cama, coloquei as joias que havia conseguido durante o evento naquela noite. Entre elas, o colar de Katrina. Reorganizei os números na sequência correta e a valise se abriu. Passaportes, dinheiro e algumas joias. Organizei tudo na maleta e a coloquei de volta no lugar.

Diante do espelho, tirei quase todo o traje de gala, ficando apenas com a camisa branca e a calça preta. Pendurei as outras peças no cabide e deixei os sapatos ao lado do closet.

Preciso de uma bebida! A caminho da sala, pensei na noite não tão produtiva quanto eu esperava e segui até a adega. Katrina me observando enquanto eu abria uma garrafa de vinho.

— Aceita? — Ofereci arqueando uma sobrancelha.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Mora aqui há muito tempo? — Perguntou quando me sentei ao seu lado.

Morar não é bem a palavra correta, digamos que eu utilizo enquanto está vago, mas você não precisava saber os detalhes.

— Me mudei há alguns dias.

— Humm... — Murmurou e bebeu o vinho tinto em um único gole. — Vim buscar minha aventura, Ian.

Katrina ficou de pé e me entregou sua taça, dando um passo para trás. Suas mãos se voltaram para suas costas e pude ouvir o som do zíper do vestido sendo aberto. Seus olhos castanho-escuros fixos nos meus.

— Pode me ajudar? — Sua voz em um tom sexy e convidativo.

Larguei as taças sobre o tapete e me aproximei, suas delicadas mãos trabalhando nos botões da minha camisa. Senti seus dedos percorrerem todo o meu abdômen. Acariciei seu pescoço deslizando até o início do tomara que caia. O puxei para baixo e sua respiração se acelerou, mas eu não tinha pressa. Seria minha última trepada em Florença antes de seguir viagem.

Meus lábios encontram os seus, quentes e adocicados pelo vinho. Perdidos em um beijo profundo e erótico, Katrina se livrou do vestido com as pernas e tirou minha camisa enquanto minha língua explorava a sua.

— Farei sua noite inesquecível. — Sussurrei entre seus lábios.

Seus olhos brilharam de excitação. Meu membro doía, tamanha a vontade de penetrá-la. Com um movimento rápido, a deitei sobre o tapete. Ela vestia uma lingerie preta rendada, e com a ponta dos dedos, apertou um laço e o sutiã se abriu, exibindo seus seios.

Ela sorriu. Segurei seus mamilos entre os indicadores e os polegares, dando um pequeno beliscão, com força o suficiente para causar prazer, e não dor.

— Vou te comer devagar, Katrina. — Anunciei.

Inclinei-me sobre seu corpo e abocanhei o mamilo direito, sugando com força, intercalando o beijo entre mordidas e lambidas.

— Awwn. — Ela gemeu alto, remexendo o corpo enquanto seus dedos tateavam para abrir minha calça.

— Quietinha, meu furação. Vou fazer tudo para deixar você no ponto certo.

Concentrei minhas carícias no seio esquerdo, sentindo seu corpo tentando arquear-se debaixo do meu.

— Ian...

— Vê como seus biquinhos estão pontudos? — Provoquei antes de descer um pouco mais. — Te deixarei pronta para receber meu pau dentro de você durante horas e horas.

Afastei sua calcinha com os polegares e a removi devagar. Completamente nua, apertei suas coxas. Mordendo o lábio inferior, ela conteve um sorriso.

— Como está molhada! — Elogiei acariciando seu clitóris com a ponta dos dedos, lisinha e muito molhada.

Quando dei a primeira lambida, Katrina gritou e pude sentir seu corpo estremecer violentamente. Minha língua a invadiu, e a maneira como gemia e se contorcia me deixava ainda mais duro. Continuei a comendo com urgência em meus lábios firmes e quentes.

— Ian, me deixa te chupar também... — Implorou entre gemidos.

Sua boceta rosada estava inchada e aceitei seu convite para o meia-nove. Tirei a calça e a cueca boxer de uma só vez. Posicionei-me sobre ela e ela agarrou meu pau entre as mãos, o movimentando com perfeição enquanto eu me inclinava para comê-la novamente. Sua boca era tão quente e macia que tive que me controlar para não gozar. Senti sua língua percorrer toda a extensão do meu membro, então seus deliciosos lábios se concentram em um poderoso movimento de sucção na cabeça, que latejava em protesto para encher aquela boquinha de porra. Mordi seu clitóris levemente e voltei a chupá-la. Ainda sensível pelo último orgasmo, Katrina gozou em minha boca mais uma vez.

— Goza na minha boca, Ian, quero sua porra.

Não me controlei ao ouvir aquele pedido sensual e me posicionei, pronto para penetrá-la.

— Claro, mas não antes de arrebentar com sua bocetinha inchada e gostosa.

Esfreguei a cabeça em seu clitóris e dei algumas batidas leves, a fazendo gemer de ansiedade. Eu a penetrei devagar. Encharcada, sua entrada me recebeu e me apertou. Penetrei fundo, suas unhas deixando marcas pelas minhas costas, ela remexendo o quadril.

— Está sentindo meu pau todo dentro de você?

Katrina balançou a cabeça e cravou suas unhas ainda mais forte. Então o retirei quase todo e enfiei mais uma vez, em um movimento de entra e sai constante. Seus seios pulavam, balançando com minhas investidas e roçando contra meus músculos. Logo a senti ainda mais molhada e escorregadia.

— É tão duro...

Minha pelve roçava seu clitóris a cada estocada, estocadas longas e brutas. Eu a penetrei, dez, vinte, trinta vezes... incansável. Quando a pressão tornou-se insuportável, saí dela e, completamente nua, Katrina pulou sobre mim, lambendo-me e sugando meu pau com maestria. A pressão me fez explodir em uma onda de prazer, enchendo sua boca de porra. Ela engoliu tudo e prolongou a bela chupada.

Exaustos e embriagados pelo sexo despudorado, ela se acomodou em meu braço e adormecemos juntos. E lá se foi outra regra pelo ralo...

Catarina Vallenti

O sol invadiu timidamente pela janela. Ian dormia tranquilamente. Estávamos enrolados em uma manta acetinada vermelha, a mesma que cobria o sofá na noite anterior. Ian era aquele cara sexy, mas tão sexy, que se eu o visse no meio da rua, daria para ele ali mesmo. Seus cabelos pretos contrastavam com sua pele branca. Musculoso, mas sem exagero. E que cílios! Longos e fartos, capaz de fazer inveja.

Com medo de que ele acordasse e me visse o admirando, resolvi levantar. Puxei sua camisa branca e levantei com cuidado. Vesti a peça, e talvez coubessem mais umas duas de mim ali dentro. Na ponta dos pés, fui para a cozinha. Para minha surpresa, os armários estavam vazios e a geladeira desligada.

— Com fome?

Dei um salto ao ouvir sua voz, e quando me levantei, acertei a cabeça na porta aberta de um armário.

— Merda! — Xinguei furiosa ao sentir o topo da cabeça latejar com a pancada.

— Pega em flagrante, xinga como um marinheiro. — Ian sorriu exibindo dentes perfeitos enquanto me observava bancar a idiota atrapalhada. Vestia apenas a cueca boxer preta.

Dei uma risada sem graça.

— Agora descobri seu segredo, Ian Salvatore. — Eu disse séria.

Da água para o vinho, ele mudou sua expressão.

— Como assim? — Seu tom frio e impessoal.

— É um vampiro! Única explicação plausível para não haver rastros de comida.

Ele suspirou e ergueu as mãos em posição de culpado.

— Me pegou, Katrina Hills. — Sorriu pegando o celular sobre o balcão. — Por que não toma um banho enquanto eu faço a mágica do café da manhã? Primeira porta à esquerda.

Eu me dei por vencida e segui o caminho indicado por Ian. Em seu quarto, logo percebi que não havia nada fora do lugar. Alguém tem TOC! Tudo por ali era milimetricamente organizado, desde os frascos de perfume até a loção pós-barba ao lado da cuba que parecia ter sido esterilizada de tão branca. Tomei uma ducha rápida e vesti o roupão preto que estava pendurado ao lado do box.

Quando cheguei na sala, Ian me esperava com um farto café da manhã, e para o meu desgosto, ele já estava vestido, usando uma calça jeans e uma camiseta preta sem estampa. Seus cabelos molhados e bagunçados de um jeito extremamente sexy. Meu Deus, estou ficando molhada.

— Café servido e banho tomado. Belo truque, senhor Salvatore.

Eu me sentei ao seu lado no sofá. À nossa frente, o aparador de mogno servia de suporte para deliciosas guloseimas, bolos e croissants doces e salgados. Os cafés fumegando em copos térmicos com o logo de alguma padaria local.

— Preciso contar uma coisa, é muito importante. — Informei.

Ian mordeu um pedaço do croissant de morango e lambeu a ponta dos dedos. Caramba, difícil não pensar em sexo, logo me invadiram a cabeça os beijos quentes trocados na noite anterior e a maneira como ele me chupou.

— Diga. — Ele respondeu me tirando dos meus devaneios eróticos.

— Vou ser direta. Eu tenho quase certeza que sei quem disparou aquele tiro ontem à noite. Por acaso Marco Romano era meu

acompanhante. — Ele parou de mastigar e ajeitou-se no sofá, processando a informação. — Preciso de sua ajuda para voltar para o Brasil. Tenho muito dinheiro, mas vim fugida para cá, meus pais não sabem onde estou. Mas prometo que te recompensarei com os gastos da viagem e pelo transtorno que te causei assim que eu chegar lá.

Tá bom... Sei que mentir é feio e muito errado, mas eu não estava minimamente disposta a voltar para a casa de Carla Trammel. E se Marco resolvesse aparecer por lá? Minha única saída era apelar para o garanhão de olhos azuis à minha frente.

CAPÍTULO 8 - PRESA

Ian Salvatore

Puta que pariu! Era a segunda vez que eu ouvia o nome Marco Romano, e novamente associado a crimes pesados. Coloquei o último pedaço de croissant na boca, mastigando devagar, tentando ganhar tempo diante da proposta da fogosa Katrina Hills.

— E então, o que me diz? — Indagou antes de beber o primeiro gole de café, girando o copo enquanto fazia biquinho para assoprar a bebida quente.

— Qual a sua relação com Marco Romano? — Minha voz soou fria e impessoal.

Katrina largou o copo sobre o aparador e puxou os longos cabelos para trás, fazendo um coque e o prendendo com uma mecha, deixando escapar alguns fios. Simples e sexy. Eu me concentrei na gravidade da situação, não era hora de pensar com a cabeça de baixo.

— Eu não sei nada sobre ele, nos conhecemos no avião. — Ela fez uma pausa e cruzou as pernas em posição de lótus no sofá, a

camisa branca subindo com seu movimento, então pegou uma almofada e colocou sobre o colo. — Um pouco antes do evento, ele apareceu em frente ao prédio onde estou hospedada.

— Espera um pouco aí. Você está me dizendo que conheceu o cara no avião e, dias depois, ele aparece do nada e te leva para um evento desses?

— Quer saber? Esquece! Se não pode me ajudar, tudo bem! Deixa pra lá! Vou encontrar alguém que possa me acompanhar até o Brasil. Pelo visto você é um homem muito importante e não quero atrapalhar os seus compromissos. — Estourou como uma bomba relógio e me acertou com a almofada quando se levantou.

Instável e furiosa, Hills caminhava de um lado para o outro roendo as unhas.

— Calma! Eu não disse que não iria te ajudar. Só quero saber o que aconteceu. — Expliquei segurando-a pelo braço.

— Quando estávamos no labirinto, ouvi Romano falando algo em alemão. Tenho quase certeza que aquele tiro foi disparado por ele. Agora não me sinto segura, afinal, ele sabe onde estou hospedada. Só quero manter distância.

Eu a toquei, seu corpo estava quente. Ela me encarou indignada e tentou soltar-se.

— E por que não quer pedir ajuda à sua família para voltar para casa? — Insisti sustentando seu olhar.

— Meu pai está concorrendo ao Senado Federal e não pode ter seu nome envolvido em escândalos. Eu precisava de um pouco de liberdade e, como te disse ontem, vim para Florença atrás de uma aventura. Consegui viajar com documentos falsos, sem deixar rastros, mas serei facilmente rastreada se usar meus cartões.

Senado? Dinheiro não deve ser um problema para você, senhorita Hills. Riquinha mimada em busca de aventura... Ah, onde foi se meter...

— Uma aventura... — Eu a aticei envolvendo sua cintura e a puxando para perto, sentindo seu corpo quente e macio contra o meu.

Dessa vez, ela não protestou, então a deitei sobre o sofá, sua respiração se acelerando de expectativa.

— Para que sua aventura seja completa, faço questão de te mostrar o verdadeiro café da manhã italiano.

Ainda de pé, tirei minha camisa e a dobrei para formar uma venda. Cobri parte de seu rosto e Katrina mordeu o lábio inferior, ansiosa pelo meu toque.

— Garotas problemas te excitam? — Ronronou como uma gata.

— Você me excita. E está se aproveitando do fato de eu só conseguir pensar em foder até a exaustação quando estou perto de você.

Katrina sorriu e manteve a venda no lugar. Tirei o jeans e fiquei apenas com a cueca Calvin Klein branca. Eu me aproximei do aparador e peguei um pequeno copo de leite condensado que serviria de calda para as frutas de nosso farto café.

Ajoelhei-me diante de seu corpo seminu e, com a mão direita, abri os botões da camisa que vestia, um por um. Eu estava duro, doido para agarrar meu pau e esfregar por seu corpo naturalmente bronzeado. Queria prolongar sua tortura, então despejei o líquido doce em seus seios, o leite condensado escorreu por sua pele macia.

— Hummm. — Ela gemeu gostoso.

Segui despejando uma linha fina do doce pelo vale entre seus seios fartos, seguindo por sua barriga até chegar em seu ponto mais sensível. Eu a lambuzei e, com a mão livre, esfreguei sua entrada quente e molhada.

Ela não resistiu e tirou minha camisa do rosto, libertando-se da venda. Sorri convencido com seu corpo trêmulo respondendo ao meu toque. Ela estava tensa e reagia aos meus dedos firmes que escorregavam por sua cintura e subiam para os seios. Belisquei seus mamilos endurecidos e Katrina deixou escapar meu nome em um sussurro, que pareceu ecoar diretamente em meu membro. Eu ouvia cada respiração sua, e mais uma vez ela se entregou a mim.

Tirei a cueca e montei sobre suas coxas. Suas unhas deslizando pelos músculos dos meus braços.

— Quieta! — A repreendi prendendo seus braços no alto da cabeça, então iniciei as lambidas, sugando seus doces mamilos, um após o outro, até não haver mais nenhum vestígio do leite condensado. — Deliciosa...

Segui para o seu ventre, minha língua percorrendo os rastros claros do líquido adocicado até chegar em sua boceta.

— Eu não aguento, Ian! — Ela gritou buscando algo em que pudesse se agarrar.

— Tão doce. — Elogiei aos sussurros pouco antes de minha língua acariciar sua entrada.

Seu quadril se arqueou ao gozar sem controle. Deliciei-me com o sabor viscoso de seu orgasmo misturado ao doce. Perfeito! Senti seus pés empurrarem meu ombro para que eu me afaste.

— Chega, Ian! — Ela protestou enquanto seu corpo implorava para que eu a penetrasse.

— Quer ser fodida agora? — Provoquei.

Ela umedeceu os lábios e sorriu.

— Agora... Por favor.

Catarina Vallenti

Os olhos azuis de Ian me hipnotizavam, eu não conseguia pensar em mais nada, apenas desejava que ele me comesse uma, duas... vinte vezes até eu me perder em orgasmos múltiplos, como na noite anterior.

Em seus bíceps, as marcas avermelhadas de meus arranhões. O cretino me provocando com seu pau rosado e ereto, pronto para me possuir. Meus seios estavam doloridos de tesão. Sobre a pele, a sensação de sua boca faminta, lambendo e sugando cada centímetro do meu corpo.

— Com prazer! — Meu deus do sexo respondeu e segurou seu membro rígido com uma das mãos, com a outra, apoiou-se no sofá. Senti o peso de seu corpo esguio e atlético, e então ele posicionou a cabeça larga e lisa como seda, deslizando para dentro e para fora.

Fui à loucura! Ian me observava com os lábios entreabertos, enfiando e retirando, dentro e fora... Cerrei os dentes e puxei seu corpo contra o meu, mas ele resistia.

— Gosto de te provocar ao extremo, quero que perca o juízo. — Murmurou, inclinando-se para beijar meu pescoço.

Centímetro por centímetro, eu era possuída. Ele me invadia tão fundo que eu sentia suas bolas roçando minha boceta. Salvatore me penetrou e me desmanchei em um orgasmo devastador. Ele sorriu como um pirata e continuou, entrando e saindo. Logo suas estocadas tornaram-se mais fortes, socando, socando e socando. A

pressão crescia dentro de mim, eu gemia alto. Ele cobriu meus lábios com uma das mãos enquanto a outra mantinha meu corpo onde ele desejava.

— Quieta, ou todo o prédio vai ouvir você gritar de prazer. — Advertiu ofegante.

Senti sua cabeça se avolumar e meu sexo se contrair de prazer, em um delicioso encaixe perfeito.

— Minha... — Ele urrou com voz sensual. O senti estremecer sobre mim e gozamos juntos, entregues aos espasmos de prazer que pareciam me fazer flutuar.

Seu corpo relaxou sobre o meu e nossas batidas se misturaram, eu não sabia onde meu corpo terminava e o dele começava. Foi então que um pensamento me invadiu, me tirando daquele anestésico natural espetacular.

— Puta merda, Ian! A camisinha! — Xinguei apavorada, o empurrando para o lado e correndo para o banheiro.

Liguei o chuveiro e uma onda de desespero se instalou sobre mim.

— Burra, burra, burra! Transar sem camisinha, Nina! — Me repreendi enquanto esfregava uma esponja pelo corpo.

Mentalmente calculei quantos dias faltavam para a minha menstruação. Por fim, desisti, eu não fazia a mínima ideia de quando havia sido a última. Pensa, Nina! E pensa com a cabeça, não com a boceta. A pílula do dia seguinte!

Desliguei o chuveiro e abri a porta de vidro do espaçoso box. Sobre a tampa do vaso, uma muda de roupa cuidadosamente dobrada.

Vesti a regata preta e o short jeans amarelo extremamente curto. Um par de ankle boots marrons estava ao lado da porta. Roupas de mulher, Ian Salvatore? Será ex ou atual?

— De quem são essas roupas? — Gritei enquanto me vestia. — A dona não sentirá falta?

Ian não respondeu. Terminei de me vestir e calcei as botas, sentindo meus dedinhos esmagados dentro do sapato da outra. Penteei os cabelos molhados e fui para o quarto. Ian estava vestindo uma camiseta branca e um jeans. Ele me analisou de cima a baixo, me senti nua à sua frente.

— E a dona das roupas? — Cruzei os braços evitando chegar mais perto, pois não sabia se conseguiria responder por mim.

— São de uma garota que vem aqui algumas vezes por semana. — Respondeu se aproximando, seus braços envolvendo minha cintura.

Incrédula com a petulância e a cara de pau de Ian, deixei bem marcado meus cinco dedos com um sonoro tapa em seu rosto.

— Imbecil! — Xinguei em português. — Prefiro voltar completamente nua a usar as roupas de outra! Jamais, ouviu? Você se enganou comigo, Ian Salvatore!

— Só estou brincando, sua doida! E fale em italiano, não conheço nada do seu português.

Ian sorriu ironicamente, divertindo-se com o papel de idiota que eu acabara de fazer. Vai ser sexy assim lá nos quintos! Ele conseguiu me deixar molhada e furiosa em menos de doze horas, e isso estava me enlouquecendo. Esfreguei uma mão na outra para aliviar o formigamento da bofetada.

— Para, isso não teve graça! E não vou me desculpar pelo tapa.

— Calma, ô garota enfezada!

Desvencilhei-me de seus braços e voltei para o sofá, faminta. Devorei um pedaço de bolo com cobertura de chocolate, ainda sem graça pelo tapa que lhe dei, mas não deixei transparecer. Devorei mais dois croissants enquanto ele digitava no celular.

— Podemos comprar as passagens para São Paulo assim que eu estiver com meu passaporte. — Interrompi o silêncio. — Mas preciso que você o busque para mim, está no apartamento de uma amiga.

Bebi um gole do cappuccino frio e Ian caminhou até mim, um verdadeiro deus grego.

— Sem problemas. — Respondeu tranquilamente com um sorriso de canto simplesmente perfeito.

— O nome dela é Carla Trammel...

— Carla Trammel? — Ian me interrompeu.

— Isso mesmo. E prepare-se, porque ela vai fazer um escândalo. — Mordi mais uma fatia do bolo.

— Escândalo? — Indagou arqueando as grossas sobrancelhas.

— Sim! Ontem saí sem dizer nada, e hoje mando alguém para buscar meu passaporte... Mas quanto menos ela souber, melhor. — Respondi ainda de boca cheia.

Ian se sentou no braço do sofá e limpou o canto do meu lábio com uma lambida, o que me deixou acesa no mesmo instante. Perto dele era impossível não pensar em sexo, e o pior de tudo, o cretino sabia quanto era irresistível.

— Estava um pouquinho sujo. — Provocou. — O que achou do café da manhã italiano?

Ian apanhou um dos morangos açucarados e o devorou. Sim, cada célula daquele corpo perfeito exalava sexo e eu não sabia bem como me sentia a respeito de mentir para ele daquele jeito. Eu não queria nem pensar em sua reação quando chegássemos ao Brasil e não houvesse dinheiro algum. A sobrevivência fala mais alto, não? Eu não queria ficar mais nem um dia em Florença sabendo que Marco Romano provavelmente estava à minha procura, afinal, eu estava com sua arma, ou pelo menos uma delas. Talvez eu criasse coragem nos próximos dias para contar a verdade, mas até então, eu só sabia de uma coisa: Ian parecia ter tantos segredos quanto eu!

Como será que ele reagiria aos meus?

CAPÍTULO 9 – ROTA DE FUGA

Ian Salvatore

Acompanhante de Marco Romano e hóspede de Carla Trammel? A coisa fica cada vez pior! Como eu me deixei envolver por esse vespeiro disfarçado de mulher?, pensei enquanto seguíamos a passos rápidos pelo centro de Florença, apinhada de turistas idiotas cheios de dinheiro e casais sonsos prontos para serem enganados por guias turísticos mal-intencionados. Não havia dúvidas de que a transa da noite estava entre as melhores, uma verdadeira gata selvagem, mas deixá-la dormir no apartamento? Aquilo não voltaria a acontecer! Katrina, ou seja lá qual fosse o seu nome, não violaria o código. E como para todas as outras, a regra dos três dias também se aplicaria a ela.

— Preciso atender essa ligação. — Parei abruptamente e ela me olhou aturdida.

Katrina se afastou e entrou em uma loja de roupas. Aproveitei que estava só e tentei contatar a corretora. Gravado na agenda, acessei

o número da senhorita Trammel e iniciei a chamada. Após alguns toques, ela atendeu ainda tonta de sono.
— Carla? Tem um minuto?
— Jason? — Sua voz soou anasalada, parecia estar gripada, ou talvez tivesse chorado. — O que aconteceu? Fiquei esperando você aparecer.
— Tentei te ligar ontem, acabei de voltar de Roma, trouxe um provável comprador para a mansão da família Romano. Estamos parados aqui em frente. Pensa em alguém rico e multiplica por cem. — Sussurrei a última frase. Quase podia ouvi-la maquinando do outro lado da linha.
— Sério, Jason? Estou indo para aí! Enrola o cara por dez minutos, talvez quinze.
A linha ficou muda. Guardei o telefone no bolso traseiro da calça jeans e parei em frente à vitrine da loja em que Katrina entrara. Não demorou muito e ela saiu toda sorridente usando um chapéu Fedora Marcatto de abas pequenas, ao melhor estilo Poderoso Chefão. Meu primeiro impulso foi comê-la usando somente aquele chapéu, a imagem já invadindo meus pensamentos. Senti que estava ficando duro e cruzei as mãos frente ao corpo para esconder minha ereção. Ela carregava uma sacola, que me entregou em expectativa.
— Pra mim? — Espiei dentro do pacote e me deparei com um chapéu idêntico ao que ela estava usando. — Sério?! Estamos juntos há menos de vinte quatro horas e já usamos acessórios combinando? Acho que alguém aqui está se apaixonando...
Katrina me fuzilou com seus doces olhos castanhos e replicou:
— Não seja besta! Você até que é bonitinho, mas meu ex dá dois de você.

Sorri sarcasticamente e rebati:
— Pode até ser, mas duvido que ele te faça gozar tanto quanto eu.
Ela revirou os olhos e saiu irritada, atravessando a rua sem olhar para os lados. Com uma freada brusca, o Peugeot preto parou a centímetros de distância. Um homem ruivo colocou a cabeça para fora da janela do carro e gritou:
— Olha para os lados, sua louca!
Enfezada, Katrina bateu no capô do carro com as duas mãos espalmadas.
— Me chamou de quê? — Indagou aos berros. — Louca? Ah, você não me conhece!
Escutei a voz de Robyn intervindo na discussão. Robyn? Minha irmã desceu do carro e a enfrentou.
— Tire as mãos do meu carro, sua doida! Anda sem olhar para os lados e ainda quer fazer um escândalo?
— Cala essa boca, a discussão não chegou ao jardim de infância! A encrenca aqui é com o ruivo que deve ter tirado a carteira ontem!
Robyn vestia uma regata preta com grandes cavas que deixavam seu sutiã preto à mostra, uma saia jeans desfiada tão curta que mais parecia um cinto, e calçava coturnos estilo militar. Coloquei o chapéu que Katrina me dera e joguei a embalagem na lixeira. Até que tem seu estilo... Hora de interferir na briga!
— Tá, garota! Segue seu caminho de emo revoltada e some da minha frente antes que sobre pra você também! — Katrina gritou.
— Calma, meninas! Pressinto uma nuvem de TPM se instalando.
— Você conhece essa aí? — Robyn me olhou indignada, surpresa a me ver parar ao seu lado.

A fila de carros aumentou atrás do Peugeot, o som das buzinas em um protesto barulhento.

— Katrina, essa monstrinha é minha irmã, Robyn. Robyn essa é Katrina, uma amiga brasileira. Agora que estão devidamente apresentadas, por que não entra no carro e some com esse ruivo covarde daqui e libera a rua?

Katrina virou as costas e seguiu para o outro lado da rua. Furiosa, Robyn entrou no carro e seu namorado saiu cantando pneu. Katrina entrou na farmácia e fiquei esperando do lado de fora, olhando para o meu reflexo na vitrine, onde também vi o New Beatle de Carla Trammel passar a toda velocidade quando a fila de carros se desfez. Respirei aliviado, ela não estaria no apartamento.

— Meu Deus! — Katrina bufou colocando um comprimido na boca. — Não cansa de se admirar?

Inconstante e de pavio curto, comecei a desconfiar de que esse fosse mesmo o seu nome, tinha quase certeza de que era outro de seus subterfúgios.

— Quero estar sexy o suficiente pra você, não é fácil competir com seu ex-namorado bombado. — Provoquei.

— Homens! — Bufou novamente e seguimos para o apartamento da corretora na quadra seguinte.

Paramos do outro lado rua, em frente a um food truck vermelho.

— Vou pegar uma pizza, você quer? — Perguntou um pouco mais calma, tirando a carteira presa entre a cintura e o jeans.

Apalpei meu bolso traseiro. Cretina, bateu minha carteira!

— Engraçado, eu tenho uma carteira idêntica. — Especulei.

Com um sorrisinho de quem foi pega no pulo do gato, Katrina retrucou, ainda lendo o cardápio preso no balcão.

— Jura? Achei agora a pouco. Que bom que você é o dono, assim não precisarei me desculpar por ter gasto duzentos euros nos chapéus.
Touché! Mas ganharei muito mais do que isso com o seu colar, senhorita mãos leves. Hum, bom saber dessa sua qualidade, ficarei atento a ela.
— Por favor, duas fatias de napolitana e uma Coca-Cola. — Tirou uma nota de cinquenta e a colocou sobre o balcão. — E pode ficar com o troco.
E então me devolveu a carteira.
— Que bom que está bem à vontade para gastar o meu dinheiro, senhorita Hills. — Balancei a carteira de couro e a guardei de volta ao seu devido lugar.
O homem, que parecia ser albino, entregou as duas fatias de pizza em um prato de plástico e a Coca gelada. Em seguida, agradeceu pela boa gorjeta que ela lhe deixou, às minhas custas, é claro!
— Pode ir. Quarto andar, apartamento quatrocentos e um. O nome dela é Carla Trammel. Ah, e já pega a minha mala. Nem é muita coisa, só recolhe minhas roupas e coloca tudo dentro. Meu passaporte está no bolso do lado de fora.
— Mais alguma coisa, madame?
— Não. Por enquanto é só. — Respondeu irônica e mordeu um pedaço de pizza, lambuzando-se de queijo derretido.
O edifício onde Carla Trammel residia possuía certa classe, como a maioria dos prédios de Florença. Por fora, arquitetura renascentista impregnada em cada pedra, em cada escultura. Por dentro, moderno e bem estruturado. Segui a passos rápidos e entrei no

elevador, evitando assim as perguntas do segurança que mexia distraidamente no celular.

Em frente à porta de madeira, apertei o botão da campainha duas vezes. Ótimo! Olhei para os lados e girei a maçaneta. Estava trancada. Droga! Tirei do bolso a carteira, no compartimento onde a maioria guarda moedas, eu guardava minha coleção de chaves michas. Escolhi a do meio, que mais se parece com um mini arpão metálico, e a encaixei no buraco da fechadura. Forcei o metal para a esquerda e a para direita até ouvir o clique. A porta se abriu.

Caminhei pelo apartamento cautelosamente e encontrei o quarto de hóspedes. Havia roupas espalhadas pela cama e sapatos jogados por todos os cantos, um verdadeiro caos. Furacão Katrina! Nas poucas horas que passou em meu apartamento, o mesmo rastro de destruição. Ah, e farelos no tapete. Mas eu não tinha tempo, então tentei controlar o impulso de dobrar cada peça de roupa e unir cada calçado ao seu par. Carla logo estaria na mansão de Marco Romano e perceberia que fora enganada mais uma vez.

Encontrei a mala debaixo da cama e abri o zíper externo. Excelente falsificador! Acho que mandarei fazer mais alguns passaportes no Brasil. Analisei o documento. Nas primeiras páginas, a foto de Katrina um pouco mais jovem, adolescente talvez, e um nome. Catarina Vallenti Cavalcante. Recoloquei o passaporte no bolso da mala e terminei de recolher suas roupas. Não havia nada de valor ali, como joias ou relógios, apenas roupas e dois pares de sandálias. Meu celular vibrou, era uma ligação de Trammel. Deixei cair na caixa postal e saí do apartamento antes de ser pego.

— Você demorou! — Reclamou Katrina quando me viu chegando com suas coisas.

— Ora, me desculpe, Catarina! Prometo ser mais rápido na próxima vez que tiver que invadir um lugar para você.
Ela limpou a boca no guardanapo e soltou em tom um tanto quanto alto.
— Invadir?
Parecia nem ter se dado conta de que fora descoberta.
— Quem sabe você gritando um pouquinho mais, o pessoal lá no Brasil não consiga te ouvir também!
Contrariada, Catarina fez um biquinho e tirou a mala da minha mão.
— Está tudo aí, Catarina. — Enfatizei o nome em seu passaporte.
Ela amassou o guardanapo de papel e o arremessou no cesto metálico, sorrindo triunfante ao acertar.
— Pensei que um nome parecido com o meu verdadeiro fosse mais fácil de lembrar. — Respondeu, por fim, com uma piscada, sem o menor abalo.
Katrina ou Catarina, seja lá qual for o seu nome, eu preciso tê-la mais uma vez, pensei excitado.
— Ian? — Acenou as mãos diante de mim, me tirando de meus pensamentos pervertidos. — Vamos, o aeroporto é longe daqui?
— A pé, sim. Vamos para casa, pego meu passaporte e compramos as passagens pela internet, pode ser?
Catarina balançou a cabeça afirmativamente. Caminhávamos há vinte minutos quando comecei a ter a ligeira impressão de estarmos sendo seguidos por um Audi com vidros escuros. Mas tinha minhas dúvidas, é como dizem por aí, um bandido vê o policial em cada esquina. O celular voltou a vibrar no meu bolso. Eu sabia que era Carla Trammel, puta da vida comigo por ter sido enganada mais uma vez.

— O que foi? — Catarina perguntou mascando chiclete. Parei de caminhar e a puxei contra mim, seu hálito cheirava a canela.
Mexeu na minha carteira e ainda pegou meu Trident?!
— Estamos na rua, Ian. — Enrosquei meus braços em sua cintura e apertei de leve sua bunda. Quando abriu a boca para protestar, eu a calei com um beijo, pronto para consumi-la ali mesmo. Catarina fechou os olhos e seu corpo relaxou, entregando-se completamente. Senti seu coração martelando forte contra meu peito, estava tão faminta quanto eu. O Audi passou por nós devagar. De soslaio, notei um vidro aberto. Um homem loiro nos encarou e o carro seguiu em direção à Piazza de Trinita.
— Ian... — Ela gemeu roçando os lábios arfantes nos meus.
— Como é Marco Romano? — Perguntei olhando em direção ao carro quase parando na quadra seguinte.
Catarina arregalou os olhos e, muito irritada, me afastou.
— Você é um babaca, sabia?
— Quieta! Me diz como ele é fisicamente? — Ordenei com rispidez.
Catarina olhou para os lados, assustada com a possibilidade de estar sendo observada por ele.
— Cabelos loiros, usa barba, forte... — Ela o descreveu vagamente.
— Vem comigo!
Conheço Florença como a palma da minha mão, desde o bordel mais vagabundo até o cassino clandestino mais caro. Eu a segurei pelo braço e caminhamos apressadamente, antes que o Audi fizesse o retorno. Dobrei à esquerda e entrei em uma lavanderia.
— Não me arrasta assim! Me fala o que está acontecendo, droga! — Protestou.

Três máquinas de cada lado em uma lavanderia de, no máximo, cinco metros quadrados. Um homem de óculos escuros acenou com a cabeça e bateu na sineta sobre o balcão de madeira, duas vezes.

— Belo dia para morrer. — Eu disse a senha em voz baixa.

— De novo e de novo. — Completou o código e bateu na sineta, três vezes seguidas. A porta metálica escondida atrás de uma arara repleta de roupas foi destrancada. Talvez estejamos seguros do outro lado.

Talvez não.

CAPÍTILO 10 - SCHNAPS

Catarina Vallenti

Eu sabia muito pouco sobre Ian, ou melhor dizendo, quase nada. Nas míseras horas que havíamos passado juntos, consegui reunir algumas características de Salvatore: sexy como só o diabo pode ser, um verdadeiro deus do sexo, convencido (claro que nem tudo é perfeito), sarcástico e irmão de uma garota que parece ser uma peste infernal. Ah, me esqueci de mencionar o principal: o dom de me deixar excitada em segundos, assim como sentir prazer em me irritar a ponto da loucura.

Confesso que aquele beijo roubado em público me deixou em ponto de bala. Se ele quisesse rasgar meu short e me comer ali, na frente de todo mundo, eu daria com o maior prazer. Mas acabei sendo arrastada sem a menor explicação. Ian se negou a responder minha pergunta e me ignorou completamente enquanto me puxava ao seu lado. Entramos em uma espelunca, que parecia ter sido o projeto de uma lavanderia, e deparamos com um cara cego vestindo um uniforme branco sentado atrás do balcão. O homem tocou uma

sineta duas vezes quando nos ouviu entrar. Salvatore se inclinou sobre o balcão e sussurrou: — Belo dia para morrer.

O quê? Morrer? Belo dia para morrer? Minha cabeça martelava suas palavras enquanto eu tentava me soltar, mas seus dedos se fecharam contra meu pulso com mais força, deixando minha mão gelada.

— De novo e de novo. — O homem respondeu com um sorriso amarelo. Seu rosto quadrangular e lábios finos o faziam parecer com Stephen King. Por fim, tocou a maldita sineta outra vez.

— Droga, Ian! Me solta! — Soquei seu braço com a mão livre. Porém, Ian continuou a me segurar, erguendo a portinhola do balcão e me arrastando para uma porta metálica que se abriu atrás de uma arara repleta de cabides com uniformes pendurados.

Puta merda! Para onde ele está me levando? Quando ultrapassávamos a porta para o desconhecido, um dos cabides metálicos rasgou meu braço.

— Ah, merda! Pra caramba, eu me machuquei! — Gritei em protesto, a escuridão densa nos encobrindo.

— Quieta! E não encoste em nada.

O chão que pisávamos já não era o mesmo da lavanderia, o sentia irregular sob meus pés. A cada passo, eu ouvia o estalido de cascas secas e vidro se espatifando. Perdi o equilíbrio e, com a mão livre, tentei me segurar na parede para não cair. Encostei-me a algo macio e suado, um seio nu, talvez. Encolhi a mão e tentei acompanhar Ian mais depressa, então ele parou abruptamente e bati em suas costas. Meu braço ainda ardia, mas eu me concentrava na porta que rangia ao ser aberta devagar. Uma luz vermelha irradiou, cortando o lugar.

Sinto cheiro de cigarro, suor e prostitutas...

— Veio apostar hoje, Jason? — Uma jovem trajando apenas fio dental, presilhas nos mamilos e sandália gladiadora salto quinze se aproximou.

Jason? Por que ela o chamou assim?

Ian finalmente soltou meu braço e beijou a estranha seminua. Ela sorriu e mexeu em seu chapéu. Eu precisava lembrar o cretino que comprei aquilo só para não chamarmos atenção na rua, e não para ele usar como imã de vadias.

— Tina, minha princesa, pode ajudar minha amiga? Ela se machucou quando chegamos.

Princesa?

Não entendi muito bem o que era aquele lugar, talvez um anexo de quinta categoria do inferno. Eu jamais conseguiria imaginar um homem fino como Ian Salvatore frequentando um lugar como aquele.

O salão preto e vermelho era divido em dois ambientes. Do lado direito, mesas de uma madeira escura quase preta rodeadas por homens de terno jogando cartas. Cada mesa, quatro cadeiras, todas ocupadas. Do lado esquerdo, uma sequência intercalada de mastros e cadeiras eróticas. Nos mastros, mulheres seminuas rebolavam e se esfregavam em uma dança sensual, atraindo olhares dos jogadores mais pervertidos.

Em uma cadeira não muito distante de nós, um homem transava com uma das dançarinas. Desviei o olhar quando Ian percebeu que eu observava a cena com certa curiosidade.

O medo e a raiva repentinamente transformaram-se em excitação, talvez Ian ainda estivesse empenhado em satisfazer meu desejo por

uma aventura. Eu estava molhada e agradeci pela luz indireta, ou ele perceberia, tenho certeza que perceberia. Ou já tinha até percebido, pela maneira faminta como me olhava.
— Claro, Jason. — Respondeu a mulher.
Tina Galinha se enganchou em meu braço como se fôssemos amigas íntimas prontas para passear. Levei menos de um segundo para não ir com a cara daquela mulher.
— Vem, vamos cuidar disso.
Ian observou Tina me levar para um sofá de couro preto de apenas dois lugares. A dançarina que transava na cadeira ali perto gemeu alto enquanto acariciava os próprios seios e era penetrada pelo executivo. Sentei-me no sofá e Tina desapareceu por entre cortinas pretas. Ian veio até mim e sentou-se ao meu lado, olhando para o pequeno corte em meu braço. Não sangrava muito, mas estava latejando.
— Quer me matar do coração? Me arrastar daquele jeito pela rua? — Enfureci. — Você viu mesmo Marco? — Baixei o tom de voz, com medo de pronunciar o nome em voz alta.
— Vi. — Ian respondeu encarando-me com aqueles olhos azuis simplesmente perfeitos.
— E de todas as lojas de Florença, tinha que se enfiar aqui? Por quê?
Salvatore chegou mais perto e sorriu.
— Porque eu levei a sério o seu pedido. Porque eu sei do que você precisa. — Respondeu seguro de si.
— E do que eu preciso, Ian? — Sustentei seu olhar penetrante e tive vontade de pular em seu colo quando ele umedeceu os lábios e sorriu de canto.

Ian se inclinou e encostou a testa na minha, seus cabelos roçando nos meus. Eu estava pronta para que ele me beijasse, ou melhor, me devorasse. Senti o corte no meu braço arder quando um líquido escorreu pelo ferimento. Saltei como um animal acuado fuzilando Tina, que carregava um copo de vidro quadrangular e uma garrafa sem rótulo.

— Puta que pariu! — Xinguei. — O que derramou no meu braço?

— Schinaps, um anestésico poderoso. — Ela despejou a bebida no copo e me entregou.

Dei um empurrão no copo e Ian se levantou, ficando entre nós. Pegou o copo e bebeu o que sobrou do tal Schnaps. Sorri ironicamente, arqueando as sobrancelhas.

Tina serviu o copo mais uma vez e o entregou a Salvatore, juntamente com a garrafa. Eu não queria dar o braço a torcer, mas quase não sentia mais o corte.

— Me chame quando formar uma nova mesa. — Ordenou antes que ela sumisse entre as cortinas novamente. — Bebe.

Era impossível resistir a ele, então bebi. Álcool puro, isso tem um gosto horrível! Tão ruim quanto o whisky que Marco me dera no avião. Eu me esforcei para não reclamar, não sou do tipo que fica de nhe nhe nhe, e meus lábios formigaram assim que o copo esvaziou.

Como boa ariana que sou, nunca tive freios. O que eu queria, eu ia lá e tomava, completamente sem limites. A fase adulta deixou o meu lado rebelde adormecido, mas aquele italiano tinha o dom de fazer meu sangue ferver.

Àquela altura, eu já não estava nem aí para os jogadores e a nuvem de fumaça de seus cigarros e charutos; não estava mais ligando para as prostitutas dançando no mastro e nem mesmo para o outro

casal que se instalara na cadeira erótica em uma festinha nada particular. Tirei a garrafa das mãos de Ian e bebi direto do gargalo. Enchi a boca com Schnaps, sentindo o líquido fresco prestes a me incendiar, e fiquei na ponta dos pés. Ele havia entendido a mensagem. Direto da minha boca, Ian bebeu a cachaça. Aquela seria nossa despedida, pois nada poderia haver entre nós. Seríamos separados por um oceano, e se a distância não fosse suficiente, ainda havia uma orla de mentiras. *"Carpe Diem!"*, a voz em minha mente soou como um alerta. Ah, eu aproveitaria...

Senti meus mamilos endurecerem por baixo da blusa preta e lembrei que usava somente o short jeans, havia perdido a calcinha e o sutiã na noite anterior.

— Quero foder você aqui, Catarina. — Ian sussurrou ao meu ouvido, me fazendo estremecer. — Aqui, na frente de todos.

— Jason, um jogador acabou de desistir, quer entrar? — Tina Galinha nos interrompeu e lhe lancei um olhar furioso. Minha vontade era fazê-la engolir os prendedores que apertavam seus mamilos.

Ian piscou para mim e sorriu.

— Viu? Acho que você me deu sorte. — Sussurrou para mim e dispensou Tina. — Talvez mais tarde.

Ela me encarou de cima a baixo. Entreguei a garrafa e o copo.

— Vai, pode levar pra cozinha. — Despachei.

Ian riu diante da minha provocação e me agarrou em seu colo, nem reparei na mulher rosnando xingamentos em alemão ao sair. Enrosquei minhas pernas em sua cintura enquanto ele me beijava como se eu fosse a coisa mais deliciosa que já tivesse provado. Parecíamos viciados no sabor um do outro. Sua língua explorava

meus lábios com uma necessidade quase vital. Então me colocou sobre uma das cadeiras que, à primeira vista, pareciam saídas da Idade Média. Uma jovem asiática se masturbava ao dançar no mastro a menos de um metro de nós. Do meu lado direito, outra cadeira estava ocupada por um casal, um homem na faixa dos quarenta era chupado por uma das dançarinas.

— Vire-se. — Ian ordenou, excitado. — Quero você de quatro.

Eu não sabia ao certo como me posicionar naquela estranha cadeira. Deitei de bruços e Ian puxou meu quadril para fora do assento reclinado, meu corpo formando um L invertido quando minhas mãos tocaram o chão. Meu coração acelerou, mas eu não estava com medo, ou sequer com vergonha, eu apenas queria sentir a deliciosa sensação com que ele me preenchia e me completava.

Salvatore puxou o jeans para baixo, a calça deslizou até minhas canelas. Ele acariciou meu traseiro nu, bem devagar. O homem ao meu lado nos observava, seus olhos acinzentados brilhando de excitação. Fechei os olhos e imaginei quantos estariam nos olhando.

Eu sabia que não havia mulher alguma ali que não desejava trocar de lugar comigo naquele instante, mas era a mim que Ian comeria, era a mim que masturbava, deslizando os dedos em meu sexo para cima e para baixo, aproximando-se de meu ânus.

— Ian... — Gemi ansiosa quando interrompeu as provocações.

Então me penetrou segurando meus quadris com força. A posição em que eu estava permitia ser penetrada mais fundo, e não consegui conter o grito quando Ian me preencheu até o fim. A sensação era diferente, notei que não usava preservativo, mas não me importei, pois o queria por inteiro.

Eu me entreguei e não pensei em mais nada, suas estocadas moviam-se mecanicamente, Ian era uma máquina muito bem lubrificada, entrando e saindo, enfiando o pênis magnífico com selvageria. Meu corpo não oferecia nenhuma resistência.

— Caralho, sua boceta é gostosa demais! — Ele rosnou.

Arfei sentindo o suor escorrer pelo meu rosto, minhas mãos agarradas a apoios metálicos nas laterais da cadeira. E tive que exercer muita força ali para não gritar ainda mais alto quando o orgasmo arrebatador me invadiu. Ian continuou me penetrando com velocidade impressionante. Seus movimentos poderosos e intensos, fazendo meu corpo inteiro estremecer. Gozei de novo e de novo, mas ele continuou a me comer loucamente. Eu podia sentir o seu cheiro impregnando-se em meu corpo, tão primal e sexy! Ian era a encarnação do pecado, puro sexo animal.

Meu sexo se apertou em torno de seu membro, que se avolumou ainda mais, rígido como uma rocha. Seus dedos apertaram-se contra o meu quadril com mais força. Orgasmos múltiplos na frente de estranhos, sendo fodida com força? Eu perdi o juízo, e estou adorando!

Ian urrou meu nome ao ejacular em um forte orgasmo. Quando saiu de mim, senti seu esguicho quente escorrer pela minha entrada.

— Puta que pariu! — Xingou respirando ofegante.

Eu me virei, ele estava terminando de fechar o zíper do jeans.

— A camisinha estourou. — Confessou preocupado.

Eu ainda estava anestesiada pelo sexo animal temperado com Schnaps.

— Sem desespero, tenho tudo sobre controle. — Minha voz saiu um pouco enrolada. Puxei o short para cima. — Tomei uma pílula agora

de manhã, então...

Ian pegou nossos chapéus caídos e me levou de volta para o sofá. Acariciou o meu rosto e não esperei que ele me beijasse, o ataquei, seu corpo tão quente quanto o meu. Eu o beijei com a fome de uma amante apaixonada; ele puxou meu cabelo de leve e alertou: — Ainda não acabei com você, meu furacão.

Sorri diante da deliciosa ameaça e me ajeitei no sofá, sentindo as pernas bambas e o coração martelando no peito, prestes a arrebentá-lo.

— Me espere aqui. — Ele se levantou e me deu um beijo no topo da cabeça, depois saiu em direção a uma das mesas de jogatina.

Completamente relaxada, deslizei no sofá não tão confortável. Minhas piscadas tornando-se mais lentas e persistentes. Vou fechar os olhos por um segundo, só até Ian voltar.

— Porra, Jason, você está roubando! — Ouvi um homem gritar.

Abri os olhos mais uma vez. Ian virava a mesa de madeira e cartas de baralho e dinheiro espalhavam-se pelo chão. Dei uma piscada, tentando me manter acordada, mas o álcool havia me pego de jeito. Só ouvi alguns gritos... Barulho de vidro se quebrando... O mundo desmoronando e eu caindo em um sono tão profundo quanto o de uma princesa Disney...

CAPÍTULO 11 – A PROPOSTA

Catarina Vallenti

— Bela Adormecida, pode acordar? Ou não nos deixarão embarcar.
Senti Ian me dar tapinhas leves no rosto, mas quando se está de ressaca, os sons se elevam à enésima potência. Ele pode ter sido gentil quando tentava me acordar, mas a sensação era de que estava acertando minha cabeça com uma marreta. Abri os olhos devagar e demorei até perceber onde estávamos. Aeroporto. Eu usava óculos escuros e meus cabelos pingavam sobre meus ombros.
Minha boca tinha gosto de creme dental. Ergui os óculos até o topo da cabeça e olhei para minhas roupas. Não me lembrava de ter vestido aquilo. Eu estava usando um vestido verde drapeado pouco acima das coxas e botas pretas de cano longo. Por cima do look escolhido por Ian, uma jaqueta de couro preta.
— Coma alguma coisa. — Ofereceu enquanto se ajeitava na cadeira e pegava um panini no prato à minha frente.

Estávamos sentados em frente a uma cafeteria próxima ao portão de embarque. A sensação de desorientação era tão desagradável quanto o enjoo que me atacou ao sentir o cheiro adocicado do café preto nas mãos de Ian.

— Você me trocou? — Consegui perguntar finalmente, sentindo a garganta arranhar ao pronunciar a curta frase.

Ian usava o chapéu que eu havia comprado no dia anterior. Ou será que ainda estamos no mesmo dia? Quanto tempo faz? E continuei observando seu visual extremamente sexy: calça jeans, camiseta preta e um blazer cinza claro por cima. Terminou de engolir o sanduíche e passou o indicador sobre um potinho de requeijão, chupando o dedo em seguida. Aquele simples gesto me despertou, me fazendo lembrar o café da manhã italiano... O leite condensado, as lambidas...

— Eu não só te troquei como também te carreguei desmaiada até o meu apartamento. No elevador, enquanto você dizia que precisava de coragem para me contar algo, me lavou de vômito, então te dei um banho e te vesti. E enquanto você dormia, comprei as passagens para São Paulo, fiz o check-in e depois te trouxe para cá. Puta merda! Era um daqueles momentos que você deseja sair correndo e enfiar a cabeça no buraco mais fundo possível. Cheguei à conclusão que não era possível morrer de vergonha, ou eu já estaria morta e enterrada.

— Como se sente? — Perguntou com um pequeno sorriso.

— Parece que fui jogada do décimo andar e um carro passou por cima de mim para completar o serviço. — Reclamei antes de tentar tomar um gole de café.

Permaneci em silêncio por alguns segundos, assoprando a bebida fumegante. Eu não me lembrava de nada do que Ian acabara de dizer. Maldita schnaps! A última coisa que eu havia registrado era a taverna, a forma como ele me possuiu na frente de todos. Droga! Só de pensar naquilo eu já ficava excitada de novo. Esqueça qualquer chance com esses belos olhos azuis, Catarina. Depois do fiasco de ontem, ele deve querer te empurrar para dentro do avião e correr para bem longe. Mas ainda tinha uma coisa martelando em minha cabeça. Na verdade, várias. Dúvidas, muitas delas.

— Por que ela te chamou de Jason? — Perguntei sem rodeios e coloquei um pedaço de panini na boca, estava macio e quentinho.

Ian me encarou enquanto tamborilava as pontas dos dedos na mesa.

— Esse é o nome que uso quando jogo uma vez ou outra, mas por que você se importa? Pelo que entendi, só veio para Florença atrás de um pouco de aventura sem compromisso, e acho que dei a você tudo o que queria, não?

A maneira ríspida como falou me irritou, fez com que eu me sentisse superficial e vulgar.

— Verdade. Isso não me interessa em nada. Perguntei só para puxar conversa. — Retruquei desviando o olhar para o lado e voltei a colocar os óculos escuros.

Ian Salvatore não sabia nada sobre mim. Tudo bem, eu não negaria que ele estava me levando de volta ao Brasil só por gentileza, ele não precisava de um dinheiro que sequer existia, mas eu não estou acostumada a ser maltratada e ele mereceu aquela patada.

Não trocamos uma única palavra até entrarmos no avião, afinal, eu não precisava me explicar, tinha os meus motivos para ir para

Florença.
— Seus assentos são na primeira classe. — Informou a aeromoça que nos guiou aos nossos lugares.
Sentei ao lado da janela e coloquei os headphones. Eu não estava a fim de assistir nada na tela acoplada ao assento da frente, apenas queria ignorar Ian. Naquelas condições, era melhor evitar a conversa. Ian sentou-se ao meu lado e tirou o blazer antes de prender o cinto de segurança. Pude sentir seu perfume cítrico e, para piorar, o cretino cheirava bem demais.
O avião levantou voo e continuei de olhos fechados, mas dormir nem passava pela minha cabeça. Eu precisava pensar em uma maneira de contar a verdade, o problema era como fazer isso. Talvez eu pudesse mentir e fugir no primeiro táxi que eu encontrasse, Ian nunca descobriria meu endereço. Não, não, não, seria muita covardia, ele merecia saber a verdade.
Durante horas mantive meu silêncio, até que senti seu toque em minha coxa e um arrepio delicioso se iniciou. Ian estendeu seu blazer sobre minhas pernas ainda cruzadas. Afastou meus fones e sussurrou:
— Para que não fique com frio.
Frio é o caramba! Eu estou pegando fogo! Descruzei as pernas e senti sua mão subir até meu sexo, protegido pelo blazer. Então começaram as provocações. Por cima da calcinha, Ian acariciava minha entrada devagar, estimulando meu clitóris com a ponta dos dedos. Eu estava ficando molhada.
— Estar em público não é um problema para você, não? — Consegui dizer contendo um gemido.
— Quero que goze. — Ordenou com a voz rouca.

Remexi o quadril e abri um pouco mais as pernas. Tirei os óculos quando a comissária parou diante de nós exibindo um sorriso cordial e o cardápio. Mesmo com sua presença, Ian continuou esfregando meu ponto mais sensível e inchado, me fazendo sentir uma onda de prazer subir pela espinha.

— O que recomenda? — Indagou pegando o cardápio. Controlado, analisou as opções sem pressa.

Ele é completamente louco! Cruzei as pernas e senti dois dedos longos e quentes deslizando para dentro da minha calcinha.

— Água! Preciso de água bem g-gelada. — Gaguejei a última palavra.

Os dedos de Ian me penetravam, entrando e saindo.

— Quero algo suculento e macio. — Informou. Depois se virou para mim e sorriu. — O que você acha?

Engoli em seco e voltei a descruzar as pernas, o orgasmo me invadindo contra a minha vontade. Eu quero matá-lo!

— Nos surpreenda! — Arranquei o cardápio de suas mãos e o entreguei à comissária, que sorriu apenas para ele e saiu.

Meu corpo relaxou na poltrona e qualquer vestígio de dor ou ressaca ficou em outra vida.

— Boa garota! — Elogiou tirando os dedos devagar e os lambeu, sem um pingo de pudor. Deu uma piscadela e sorriu vitorioso.

É agora. Seja o que Deus quiser!

— Ian, tenho uma coisa para te contar. Não tenho dinheiro nenhum, nem minha família. Posso ir te pagando aos poucos. No que você trabalha? Posso ser sua secretária, era o que eu fazia antes.

Ian me olhou em silêncio.

— Vai, fala alguma coisa, por favor.

Sorriu de maneira sarcástica e deu um suspiro resignado.
— Do que está rindo?
— Da ideia de você trabalhar para mim. Só isso. — Rebateu com frieza.
— Por quê? Não estou à sua altura, Ian Salvatore?
Ian se inclinou e segurou meu queixo, seus olhos azuis provocando em mim um efeito hipnótico desconcertante.
— Pelo contrário, Catarina. Pelo visto você deve ser tão boa quanto eu, tanto que me enganou.
Eu não sabia mais o que dizer e senti as lágrimas brotarem. Afastei seu toque quando, na verdade, a única coisa que eu queria era que ele me beije e dissesse que tudo ficaria bem.
— Eu sou um ladrão, Catarina. Acha que pode trabalhar comigo?
E foi nesse instante que as máscaras caíram, e pela primeira vez me vi realmente exposta diante dele, sem defesas. Ele falava a verdade, não havia um pingo de humor em sua voz.
Ian me soltou e se levantou, sua ausência me fazendo sentir quanto fui idiota por ter mentido e ter sido enganada. Olhei para seu celular caído no assento vazio, faltava menos de uma hora para chegarmos ao Brasil.
Não crie caso, Catarina! Você viajou para Florença atrás de uma aventura e foi exatamente o que você conseguiu, nada mais do que isso. Está certo que a parte de Marco Romano poderia ter dado muito errado, com o lance da arma e tal, mas não há do que reclamar, não existem vítimas ou culpados nessa história.
Um ladrão! Ian Salvatore era um criminoso. O que mais ele estaria escondendo? Será que já havia matado alguém? A maneira como

se vestia, era difícil imaginá-lo como um bandido, mas nem tudo é o que parece.
A comissária retornou empurrando um carrinho com as refeições.

Ian Salvatore

Catarina merecia um troféu, era uma exímia mentirosa. Caminhei até o banheiro e fechei a porta. Lavei o rosto e esmurrei o pequeno espelho na parede. É isso o que você ganha, Ian Salvatore, por pensar só com a cabeça de baixo.
— Ian, abre a porta. — Pediu ela.
— Está ocupado. — Respondi furioso.
— Abre ou vai ver o escândalo que farei aqui!
Apertei os punhos com força e senti os dedos estalarem. Destranquei a porta e Catarina entrou rapidamente, seus olhos castanhos me encarando com um misto de nervosismo e desejo.
— Eu quero retribuir. — Anunciou abrindo minha calça.
— Vai me pagar com uma chupada?
Ela ergueu a mão para me acertar um tapa e segurei seu pulso no ar.
— Vou te chupar porque eu quero que goze na minha boca, quero sentir seu sabor. Não vou pedir desculpas por ter mentido, você também mentiu pra mim.
Seu rosto estava corado e senti o calor de sua respiração acelerada.
— Chupa! — Ordenei.
Catarina se ajoelhou e agarrou minha ereção com as duas mãos. Deslizei os dedos pelos seus cabelos macios. Ela gemeu baixinho quando seus lábios abocanharam meu membro, chupando-o até o talo, como se estivesse sedenta por meu gozo.

— Porra! — Murmurei, tendo que me segurar com a mão livre na porta.

O movimento de sucção e a maneira como sua língua quente acariciava a cabeça do meu pau inchado eram perfeitos. Suas unhas cravadas em minhas coxas, ela gemia deliciando-se tanto quanto eu. Uma onda de prazer me invadiu e gozei em seus lábios macios e famintos. Ela seguiu me chupando com vontade até me esgotar por completo. Nina ficou de pé e passou os dedos pelos lábios brilhando pela porra e a saliva ainda quente.

— Serei sua parceira. Você me ensinará o que sabe e ficaremos ricos juntos. — Propôs com um sorriso malicioso.

— Eu trabalho sozinho. — Rebati fechando o zíper da calça.

— Isso não foi uma pergunta. — Senhorita Vallenti respondeu confiante.

CAPÍTULO 12 – CARTAS NA MESA

Catarina Vallenti

Os olhos de Ian brilharam diante da minha proposta. Eu queria estar perto dele, mesmo que para isso fosse preciso quebrar algumas regras.

— Acha que isso é um jogo? — Sua voz soou fria e cortante.

Ian agarrou minha nuca e girou meu corpo. Fiquei de frente para o espelho trincado, que refletia três casais idênticos. Com a mão livre, Ian socou nosso reflexo, cacos caíram sobre a pia. Ele pegou o maior deles, engoli o grito. Eu estava com medo, mas era teimosa o bastante para não querer demonstrar isso.

— Às vezes as coisas dão errado, senhorita Vallenti, e a morte pode ser a melhor opção, porque dependendo das mãos em que estiver, viver pode ser uma tortura. — Ameaçou segurando o caco em minha jugular.

Por mais que eu tentasse manter minha respiração controlada, meu peito subia e descia, o coração batendo descompassado. Ele

pressionou a ponta do caco um pouco mais forte e senti uma leve ardência.

— Não espere conto de fadas, Catarina. Porque eu não sou um príncipe.

Ele queria me afastar, mas o perigo que exalava daquelas ameaças me atraía ainda mais.

— Que seja intenso enquanto dure. — Retruquei pressionando um dos cacos bem próximo ao seu membro; eu o sentia duro mesmo por cima do jeans.

Ian sorriu, e diante de minha ousadia, afastou o vidro.

— Tinha me esquecido quanto você é rápida. — Ele voltou a me puxar contra seu corpo, minha mão relaxou deixando o vidro cair aos nossos pés.

— Então não se esqueça. — Avisei, mordendo o lábio inferior.

Os lábios dele tomaram os meus, me saboreando com aquela fome voraz. Eu o desejava de forma tão intensa e quente que chegava a doer. Seu beijo era selvagem, descarado e possessivo. Mordi seu lábio macio e ele rugiu.

— *Diavolo, vi sarà la mia rovina...* — “Diabo, você será minha perdição...”, xingou em italiano e ofegou, afastando-me.

E você a minha, Ian Salvatore. Minha vontade era de pular sobre ele, mas me controlei e destranquei a porta. Voltamos para os nossos lugares com o Boeing iniciando a descida. Em minutos, estaríamos no coração de São Paulo.

A luz para que mantivéssemos os cintos afivelados ainda estava acesa. Fechei a janela, olhar para toda aquela água lá embaixo me fazia lembrar deles. A culpa era minha, e sempre que eu olhasse para o mar, o desespero e um vazio seriam inevitáveis.

***

Oito anos antes...

Catia esticou o quinto vestido sobre minha cama enquanto eu desfilava de calcinha e sutiã pelo quarto.

— Esse está divino! — Apontou para o vermelho frente única de renda.

Curvei a boca em um meio sorriso, pensando se aquele seria sexy o suficiente. Eu queria ser a mais bonita, tinha que ser perfeito.

— Curto demais, muito piriguete. Tem que ser algo sensual, mas com classe. — Brinquei pegando o vestido branco, com um generoso decote nas costas e uma fenda lateral deixando à mostra a coxa direita.

— E aonde vocês irão hoje à noite? — Indagou sentada ao lado do vestido rosa drapeado.

Coloquei o vestido frente ao corpo e parei diante do espelho, fazendo algumas poses.

— Fala, Paty! — Catia atirou uma das almofadas de coração que enfeitavam minha cama. — Ainda está saindo com o Sérginho?

— Por enquanto, sim. — Respondi. — E não me chama de Paty, sabe que eu odeio esse apelido.

Catia e eu éramos amigas desde a primeira série, contávamos tudo uma para outra. Ela era a versão adolescente da Barbie loira, linda e rosto de rica, mas se odiava por ser reta como uma tábua. Estava prestes a ir para Paris estudar Moda, enquanto eu me dedicaria ao Direito, assim como meus pais.

— Hoje à noite comemoraremos. Deixa eu me gabar um pouquinho? Primeiro lugar na PUC não é pra qualquer um...

— Mas eles não estão viajando a negócios?

O celular vibrou sobre a cômoda. Mensagem de papai.

“Nina, talvez não consigamos chegar a tempo, sabe que sua mãe tem pânico de avião, estamos tentando alugar um carro.”

Bufei contrariada. “Hoje é meu aniversário de dezoito anos, quero vocês aqui comigo para comemorar. Mostrem que se importam!” Sei que fui cruel, mas os queria comigo aquela noite.

Horas mais tarde, a campainha tocou. Desci as escadas correndo, Sérginho estava um pouco atrasado. Destranquei a porta e estremeci ao ver o policial parado na soleira.

— Catarina Vallenti? — Indagou com um sotaque nordestino carregado.

— Sim. O que ac-conteceu. — Minha voz falhou, pressentindo o baque.

O homem de pele morena escorou a mão na porta e olhou para dentro de casa.

— Está sozinha? — Averiguou.

— O que aconteceu? — Perguntei impaciente.

— Seus pais sofreram um acidente. O helicóptero... Não sobreviveram.

Minhas pernas fraquejaram e apoiei o peso do meu corpo na porta.

— Boa noite. — Me limitei a dizer antes de bater a porta.

Desmoronei. Chorei durante horas sentindo a terrível dor da perda me cercar por todos os lados. Binho estava em um

acampamento de férias, e pela primeira vez, a vida me nocauteava com um belo esquerdo de direita.

***

— Catarina? — Ian tomou minha mão entre as suas e esfregou uma palma sobre a minha. — Você está gelada.

As rodas do trem de pouso tocaram o chão do aeroporto de Guarulhos. Suspirei aliviada por estar em terra firme.

— Não foi nada, apenas lembranças ruins.

Fomos os primeiros a descer. Ian carregou a minha mala e uma valise preta na outra mão. Caminhei rápido para acompanhar seu ritmo apressado.

— Para onde estamos indo?

Ian não respondeu, parou ao lado de uma fila de táxis estacionados logo na saída do portão de desembarque, abriu a porta e sinalizou para que eu entrasse. Obedeci e ele se sentou ao meu lado.

— Boa tarde. Hotel Unique, por favor. — Ian orientou o taxista em um português carregado de sotaque.

O taxista acenou com a cabeça e ligou o carro. Naqueles três dias, Ian não havia dito uma única palavra em português, o que me fez pensar: quantas vezes ele já havia estado no Brasil?

— Achei que iríamos para o meu apartamento. — Disse quando o carro se pôs em movimento.

— É melhor você ligar antes de aparecer por lá. — Respondeu ainda em português.

— Mas, por quê?

Ian se limitou a responder em duas palavras, encerrando a discussão.

— Marco Romano.

Roí a unha do minguinho enquanto olhava para os carros que iam e vinham pela terra da garoa.

— Não faz isso. — Ele me repreendeu tirando minha mão de perto da boca. — Quanto menos mania e trejeitos, melhor.

Ah, entendi! Aquela era a minha primeira lição. Cheguei mais perto e espiei enquanto Salvatore mexia rapidamente no celular. Fazia reserva para dois.

— Vinte e quatro mil por dia?! — Exclamei surpresa ao ver o valor da diária.

O taxista pigarreou seguido de uma tosse comprida. E pela maneira como Ian me olhou, havia ficado óbvio que minha reação tinha sido um tanto quanto exagerada. Pelo celular, ele digitou uma sequência de números no campo dos dados do cartão de crédito. O que ele está fazendo? Eu estava louca para perguntar, mas Ian não me responderia ali, ainda mais com o taxista prestando atenção em tudo.

Durante a hora seguinte, ficamos em silêncio, e suspirei aliviada quando o carro finalmente estacionou em frente ao hotel.

— Cento e cinquenta reais. — Anunciou o nigeriano exibindo um sorriso extremamente branco.

Ian tirou alguns euros da carteira e desceu do carro. Desci em seguida e senti uma fisgada nas costas ao ficar de pé. O imponente Hotel Unique possuía o formato de meia-lua e janelas arredondadas.

— Moro há anos em São Paulo e nunca vi esse hotel. — Confessei.

Fomos recepcionados no saguão e o check-in foi feito em menos de dois minutos.

— A reserva e o pagamento foram feitos minutos atrás, espero que a suíte Oásis já esteja pronta. — Ian disse impaciente quando entregou o passaporte para a recepcionista.

A mulher digitou no computador apressadamente e sorriu após conferir os dados do documento.

— Claro, senhor Damasceno.

Outro nome falso... Ian pegou o cartão magnético e subimos até o décimo andar. Nossa suíte era gigantesca. Na sala de estar, sobre a mesa, champanhe e frutas frescas.

— Como pagaremos por tudo isso, Ian? — Questionei o luxo que nos cercava.

Ian sorriu maliciosamente para mim e fechou a porta.

— Preocupada?

Devagar, ele se despiu diante de mim, ficando apenas de cueca boxer preta. Exibido!

— Não vai me contar seu segredo? — Arranhei seu abdômen e seus músculos se contraíram.

Ian balançou a cabeça negativamente e saiu em direção à suíte máster. Pude ouvi-lo se atirar na cama. Eu queria as respostas e iria arrancá-las daquele italiano safado.

— Como assim? Achei que seríamos parceiros! — Protestei me sentando na beirada da cama, e logo me arrependi de sentar tão perto, deveria ter mantido uma distância razoável, me sentando na chaise próxima à janela, que ia do chão ao teto.

— Confiança é uma via de mão dupla, Principessa. — Replicou misturando o português e o italiano.

Respirei fundo e soltei o ar dos pulmões pela boca, aceitando suas condições.

— O que quer saber?

Ele arqueou a sobrancelha e exibiu um pequeno sorriso de canto, com ar vitorioso.

— Pode começar pelo seu nome. — Respondeu cruzando os braços atrás da cabeça, e não pude deixar de acompanhar o belo movimento de seus bíceps.

Esse italiano está me transformando em uma ninfomaníaca!

— Catarina Vallenti Cavalcante, vinte e seis anos de idade, solteira e atualmente sem um tostão no bolso. — Seus belos olhos azuis me encararam satisfeitos com a verdade nada empolgante. — Via de mão dupla!

— Ian Salvatore, trinta e sete anos e solteiro.

Trinta e sete? Meu Senhor, que homem é esse? Se tivesse que chutar, eu diria uns vinte e oito, no máximo. É claro que ele não precisava de elogios quanto à sua bela forma física, sabia exatamente quanto era gostoso.

— Hum... Achei que já tivesse uns quarenta. — Resolvi provocar.

Ian franziu o cenho e continuou com seu interrogatório, ignorando minha brincadeirinha.

— Se não tinha dinheiro algum, como conseguiu viajar para a Itália?

Droga! Essa era mais complicada de responder, não queria falar sobre os chifres que Leonardo havia gentilmente colocado em minha cabeça.

— Até um mês atrás, eu trabalhava como secretária para um dos maiores advogados de São Paulo. Meu salário era suficiente para sustentar a mim e ao meu irmão. Quando saí do meu emprego, resolvi me dar o luxo de ser egoísta e gastar o salário de um mês em uma aventura em outro país. Encontrei um anúncio no Facebook e lá conheci Carla Trammel, uma corretora imobiliária que se disponibilizou a me ceder um lugar para ficar enquanto eu a ensinava português. — Fiz uma pausa pensando na próxima pergunta. — Por que você veio até mim na noite da festa?

— Por causa do seu traseiro, e depois pelo seu colar.

Filho da mãe! Meu colar. A forma brutal como foi sincero em sua resposta me pegou de surpresa.

— Aquela festa era somente para grandes nomes da alta sociedade. Como você foi parar lá, senhorita Vallenti?

Desviei o olhar e mexi na costura do vestido, pensando na resposta.

— Eu não tinha convite, mas iria acompanhando Carla. Porém, Marco Romano apareceu no prédio dela e acabamos indo juntos.

Eu já podia prever sua próxima pergunta, mas agora era a minha vez de jogar.

— O que aconteceu naquela taverna depois que eu desmaiei no sofá? — Indaguei curiosa.

— Uma pequena divergência de opiniões, muitos ases naquele baralho. Isso pode gerar confusão. — Respondeu rápido. — O que você tem com Marco Romano?

Revirei os olhos, ciente de que deveria continuar contando a verdade, assim como ele estava fazendo comigo, e foi o que fiz.

— Eu o conheci no avião, a caminho de Florença. Nós mal conversamos e acabamos transando no banheiro. Ele me deixou um telefone, nunca liguei. Uma semana depois, como disse antes, Marco apareceu em frente ao prédio de Carla. Achei que não teria problemas ir ao evento com ele, mas assim que chegamos lá, ele me largou e sumiu. Foi aí que você apareceu, e o resto você já sabe.

Senti seus olhos me avaliarem, eu estava completamente exposta. Minha vez.

— Como vai pagar por tudo isso?

— Já foi pago, clonagem de cartão. Já ouviu falar em Cavalos de Tróia?

Arqueei as sobrancelhas surpresa com a resposta.

— É isso? Usa o cartão de outras pessoas para viver no luxo?

— É mais ou menos por aí. — Respondeu vagamente, soltando um bocejo. — Mesmo sabendo o que eu faço, por que você ainda não deu o fora?

— Gosto do que vejo. — Respondi engatinhando em sua direção.

Aquela era uma boa pergunta. No entanto, a resposta era bem simples: Ian Salvatore exalava perigo e sexo. Por ele, eu estaria disposta a infringir algumas leis.

CAPÍTULO 13 – VELHAS MARCAS

Ian Salvatore - Florença /1991

Um garoto de doze anos, normalmente, tem interesses comuns. Uma boa coleção de bolinhas de gude, conseguir espiar a Playboy do pai na caixa de ferramentas e, só para não cair no tédio, quebrar a janela do vizinho e sair correndo antes de ser pego. Eu não era um garoto comum com preocupações simples, havia regras onde eu morava.

Tânia Salvatore engravidou aos quinze anos do garoto mais popular da turma. Ela nunca me disse seu nome, eu apenas sabia que carregava sua herança genética, e minha mãe fazia questão de ressaltar que beleza não era uma benção, e sim, uma maldição. Não me lembro muito bem como tudo aconteceu, eu era pequeno demais, mas, no início, morávamos em um prostíbulo próximo ao centro de Florença.

Mulheres da vida marcadas de algum modo pelo destino, algo que uma criança de seis anos de idade jamais entenderia. Quando a noite caía, iniciavam-se os trabalhos e eu me esgueirava pelos

cantos, pegando notas de bolsos e carteiras enquanto os clientes “consumiam”. Eu não sabia muito bem porque tinha que fazer aquilo. “Pegue algumas notas, não todas, não mexa nas moedas e não seja pego”, eram as únicas regras... Até que em uma manhã de inverno eu descobri que a vida podia ser uma vadia impiedosa.

— Ian, se despeça de suas tias?

— Por quê? — Perguntei brincando com o carrinho vermelho que ganhara pelo meu aniversário de sete anos.

— Vamos embora. Mamãe tem um novo amigo e ficaremos com ele por um tempo. — Minha mãe era a mulher mais linda do mundo; traços delicados e angelicais, pele alva e cabelos negros que iam até a cintura. Seus olhos azuis encararam os meus. — Ele nos levará para tomar sorvete, você vai gostar dele.

Fiquei feliz em ver mamãe feliz. Ela não sorria muito, estava sempre cansada e dormia durante quase o dia todo. Abracei-a apertado pela última vez, um gesto carregado de felicidade. Coisas boas acontecem nos aniversários. Nunca fui tão beijado por tantas mulheres em um mesmo dia. Eu gostava das minhas “tias”, tanto quanto elas de mim. Abracei cada uma e me despedi, como pedira mamãe. Diva estava parada na porta e parecia zangada com minha mãe, mas eu não entendia o motivo, como alguém poderia se zangar com um verdadeiro anjo?

— Traga o Ian, sentiremos saudades dele. — Disse enquanto bagunçava meus cabelos. Diva tinha os cabelos vermelhos como morangos e os prendia com um lenço também vermelho, eu achava engraçado ela sempre usar aquela cor. Mas algo nela me causa medo, o lado esquerdo de seu rosto havia sido queimado, e ela nunca contou como ganhara aquela cicatriz horrenda.

Minha mãe carregava apenas uma pequena mala com nossas roupas, e seus lábios curvavam-se em um sorriso.

— Deveria ficar feliz por ele. Por nós. Sabe que aqui não é lugar para uma criança.

Um Opala preto buzinou na calçada. Mamãe seguiu apressada e corri para acompanhá-la. Ela sentou-se na frente e eu no banco de trás.

— Jihad, este é meu pequeno tesouro. Ian, diga oi para o Jihad.

O homem ao volante tinha a pele morena e um nariz grande engraçado, ele passou a mão pelos cabelos cacheados e me estendeu a mão.

— Estenda a mão, garoto. É assim que homens se cumprimentam. — Ele me repreendeu.

Minha mãe balançou a cabeça concordando com seu novo amigo. Ele cheirava a tabaco e apertou minha mão com força. Afundei no banco pensando em quando iríamos tomar o sorvete que ela havia prometido.

A casa de Jihad era um chalé de madeira afastado das ruas principais. Quando chegamos na entrada, ele tirou os sapatos e ficou apenas de meias.

— Tudo aqui tem seu lugar. Para que possamos viver bem, quero deixar algumas coisas claras: calçados são proibidos dentro de casa, limpe o que você sujar e brinque somente em seu quarto. Preciso de silêncio enquanto escrevo.

Acenei com a cabeça para mostrar que havia entendido, ele parecia ser um chato. Ficamos todos apenas de meias, andando pelo piso de madeira encerado. Tudo ali parecia brilhar, bem diferente da casa de Diva.

— Agora que você já conhece as regras de convivência, espere no quarto, tenho que falar com sua mãe.
Obedeci e fechei a porta. Aquele estava sendo o pior aniversário de todos. O quarto tinha as paredes pintadas de azul e uma cama de metal com lençol branco. Havia apenas um pequeno móvel de madeira com três gavetas. Tudo chato! Resolvi pular no colchão. Ouvi um grito abafado e gemidos vindos do outro lado da parede. Então logo entendi, minha mãe trabalharia só para ele.
Nos primeiros meses, eu saía do quarto apenas para as refeições; café da manhã, almoço e jantar. Passei a odiar aquele homem quando descobri que ele era o responsável pelas marcas roxas que minha mãe carregava no rosto frequentemente.
— Por que você deixa ele te machucar? — Perguntei enquanto ela penteava meus cabelos depois do banho.
— Jihad é bom para nós, Ian. Não seja ingrato. — Em um tom de voz firme, ela me repreendeu imediatamente. — Ele nos dá um bom lar, e a partir de amanhã, levará você para a escola. Sei que às vezes ele fica um pouco fora de controle, mas só precisamos seguir suas regras e tudo ficará bem assim que ele terminar de escrever esse livro.
Naquela noite, mamãe não me chamou para o jantar. Eu sabia que não deveria sair do quarto sem ser chamado, mas eu estava faminto. Abri a porta e, na ponta dos pés, caminhei até a sala. Eu a encontrei deitada no sofá de veludo preto, e sobre a mesinha de centro, fileiras brancas de pó.
— Mãe? — Chamei ao ver seu olhar vazio em direção ao teto. Seus lábios se curvaram em um sorriso, parecia estar sonhando de olhos abertos.

Jihad apareceu enrolado em uma toalha felpuda azul-marinho.
— O que aconteceu com a minha mãe? — Perguntei dando um passo para trás.
— Drogas, garoto, é isso o que elas fazem. Agora vem que eu vou te colocar na cama.
Ele era grande e forte, parecia um daqueles soldados que apareciam na televisão. Resolvi não teimar e obedeci. Quando entrou em meu quarto, eu me arrependi de ter saído de lá sem ser chamado.
— É assim que cuida do quarto que dei para você? — Apontou para a cama bagunçada e pisou nos soldadinhos espalhados pelo chão, esmagando-os com seu chinelo.
Estremeci diante do gigante à minha frente. Ele estava zangado, e minha mãe sonhava acordada na sala. Eu me aproximei dele e fiquei de joelhos, recolhendo os pedaços dos bonecos quebrados, quando a primeira bofetada me acertou o ouvido. Fui parar perto da porta. Encolhi-me de medo e fechei os olhos, meu corpo inteiro tremia. Pude ouvir quando ele chegou mais perto, suas mãos envolveram meus cabelos e me arrastaram até a cama.
— Manheeeeeeê! — Eu gritei. — Mãaaaaaae!
— Quieto! Essa será a última vez em que entrarei nesse quarto e verei uma cena como essa, você entendeu? — Bradou com a voz grossa, carregada de um sotaque estranho que eu nunca tinha ouvido antes. — Agora deite e feche os olhos, farei o favor de ficar aqui até você dormir.
Minha cabeça ainda doía pela pancada. Engoli o choro e fechei os olhos, eu não podia chorar. Senti sua mão grossa e pesada enfiar-

se por dentro do meu pijama de flanela, dando continuidade ao meu pesadelo real.
Os anos seguintes foram uma tortuosa rotina para mim, fiquei encarregado da limpeza de toda a casa, frequentar a escola à tarde e, à noite, torcer para que ele não me visitasse. Quando completei doze anos, ouvi minha mãe gritar por socorro como nunca antes.
— Sua vadia! Quem é o pai?
Agarrada encolhida aos pés dele, minha mãe chorava.
— É você! Eu juro que é você! — Respondeu beijando os pés daquele homem nojento.
— Não posso ter filhos, sua cadela, esses bastardinhos devem ser do seu traficante. — Vociferou irado, afastando-a com um chute no rosto.
Corri para apartá-la, mas um confronto entre nós, não havia dúvidas, ele sairia vencedor. Eu precisava lutar, me atirei sobre Jihad e agarrei seu pescoço com força, tentando sufocá-lo.
— É assim que você gosta? — Gritei.

***

Catarina Vallenti

Senti o peso do corpo de Ian sobre o meu, suas mãos envoltas em meu pescoço, ele estava me esganando. Meus lábios entreabertos, os pulmões queimando apertados pela falta de ar. Meus braços tentaram afastá-lo, em vão. Fechei os olhos me lembrando das aulas de defesa pessoal que meu pai tanto insistiu que eu fizesse. “Não entre em pânico”, era a voz do instrutor na minha mente, tarefa difícil quando a situação é real. Cravei as unhas nos olhos azuis de

Ian, ele urrou como uma fera. Ao soltar uma das mãos para afastar minhas unhas cravadas em seu rosto, consegui acertá-lo na jugular. Em um movimento rápido, escapei de Ian.

— Você está louco? — Gritei ofegando, tossindo e respirando com dificuldade.

Ian se virou atônito, como se não reconhecesse onde estava.

— O que aconteceu? Eu machuquei você? — Perguntou em italiano.

Ele estava dormindo, tentou me matar enquanto dormia. Cruzei os braços ao redor do corpo, eu vestia apenas sua camisa preta. Meu coração batia acelerado. Saí do quarto e fui até o frigobar na copa, peguei duas latas de Smirnoff Ice geladas e voltei. Atirei uma para ele e abri a outra.

— Acho melhor continuarmos o jogo de ontem. Dessa vez, eu começo. — Tomei um gole da bebida, eu ainda estava tremendo. — Que merda foi essa? Com quem você estava sonhando?

Ian tinha seu sexo coberto apenas pelo lençol. Em seu rosto, as marcas das minhas unhas já começavam a desaparecer. Ele abriu a lata e bebeu, até esvaziá-la.

— Me desculpe.

— Ian, estou falando sério! Eu não quero um pedido de desculpas, quero saber o motivo.

O italiano à minha frente era uma mula tão teimosa quanto eu. Salvatore saiu do quarto e foi para o solário, em silêncio. Droga! Eu fui atrás dele.

Um dos motivos para a diária custar a “singela bagatela” de milhares de reais, era por não se tratar de um simples quarto de hotel, mas um verdadeiro apartamento de luxo, com direito a sala de reunião,

sala de estar e solário particular. Ian entrou na piscina completamente nu, deixando que o lençol caísse sobre o deque de madeira.
— Me conta agora. — Ordenei.
— Não! Posso garantir que não vai se repetir, apenas isso. — Rebateu com um tom de voz controlado, o oposto do homem que me esganara a menos de dez minutos.
Caminhei até a beira da piscina, encarando-o incrédula.
— E como pode garantir uma coisa dessas? — Perguntei.
— Não dormiremos mais juntos. — Respondeu antes de mergulhar.

Ian Salavatore

Aquilo jamais tinha acontecido antes, talvez porque eu nunca dormisse, de fato, com elas. Fodia e ia embora. Agora Catarina estava esperando uma explicação, mas eu não me sentia pronto para falar. Mergulhei até o fundo da piscina, enquanto as vívidas lembranças do passado invadiam minha mente contra a minha vontade, me fazendo reviver o tormento mais uma vez.
Robyn e Robert nasceram no verão. Quando cheguei da escola, encontrei Tânia no banheiro. Eu não conseguia mais chamá-la de mãe, não depois de descobrir que sempre soubera de tudo. Chamei a única pessoa que me veio à cabeça. Diva demorou quase meia hora para chegar. Vestindo vermelho, ela entrou na casa, os saltos finos fazendo um barulho seco pelo piso. Naquela tarde não fui para o quarto, andava de um lado para o outro, nervoso. Eu não conseguia tirar a imagem de Tânia caída ao lado das seringas, com aquele sorriso. O choro agudo e histérico ecoou pela casa. Nasceu! Fui até o quarto de Jihad e mexi debaixo do colchão, apanhando um

maço de notas amarradas com um elástico amarelo. Tânia e eu poderíamos fugir com o bebê antes que ele voltasse.

— Seu ladrãozinho de merda!

Escondi as mãos atrás do corpo quando o vi parado na porta.

— Vou te ensinar como a vida funciona: se você quer dinheiro, tem que fazer por merecê-lo, como sua mãe.

Jihad veio em minha direção, me prensando contra a parede e puxando a calça do meu uniforme para baixo. Não gritei, queria que Diva tivesse tempo suficiente para escapar com o bebê. Eu ainda sentia dor, o sangue escorrendo por minhas pernas, então um gemido de agonia próximo ao meu ouvido. O corpo de Jihad cambaleou e caiu sobre o meu.

— Vem, meu bem. — Aquela era a voz de Diva, ela havia feito o que era preciso.

O Fusca branco de Diva partiu pelas ruas de Florença de volta ao único lar que eu conhecia. Ao meu lado, dois bebês sujos de sangue enrolados em uma toalha azul.

— Vou dar uma boa vida para vocês. — Sussurrei em segredo, secando minhas lágrimas com a manga da camisa da escola.

***

— Me conte, Ian!

Catarina se atirou na piscina, a centímetros de distância, me confrontando.

— Não vou contar porra nenhuma. Não há nada para falar. — Retruquei sentindo o sangue ferver. — Pode ir embora, Catarina, pode dar um ataque, mas não me pergunte mais sobre isso!

— Quer que eu vá embora, Ian Salvatore?

Seus olhos castanhos quase negros ansiavam por respostas. Agarrei-a com vontade, meus lábios se chocaram aos seus em um beijo ardente e possessivo, com um leve sabor adocicado de limão. Com ardor, mordi seus lábios e suguei sua língua. Nina retribuiu puxando meus cabelos enquanto enroscava-se em minha cintura com as pernas. Meu pau roçou em seu sexo, então a penetrei, ela gemeu entre meus lábios.

Apertada e deliciosa, sua boceta me agarrou. Ondas se formavam na piscina, agitando a água morna. Nina subia e descia conforme meu membro a invadia. Ela se entregou a mim de uma maneira que me faz perder a razão. Agarrei seu traseiro e apertei com força, Nina se contorceu e gritou ao sentir o primeiro orgasmo. Prazer, estávamos banhados em luxúria e prazer. Continuei socando com força, controlando a pressão prestes a me fazer explodir dentro dela.

— Ian... — Ela gemeu meu nome de forma manhosa e sensual, e a senti gozar mais uma vez.

— Porra, Nina! — Afastei-a a tempo de gozar longe de sua deliciosa boceta.

Ela sorriu maliciosamente e tampou o nariz, inclinando o corpo para trás em uma manobra para molhar os cabelos.

— Por que está me olhando desse jeito? — Indagou quando voltou do mergulho.

— Não é nada, apenas não tenho mais dúvidas de que você é tão maluca quanto eu. — Confessei ofegante.

Catarina sorriu e beliscou meu rosto carinhosamente.

— Hum... Sei! Parecia mais cara de apaixonado, isso sim.

Ri alto diante de sua provocação.

— Não, Principessa, vou te ensinar uma regra básica, que tem que gravar nessa sua cabecinha teimosa. — Cutuquei sua testa com o indicador. — Não seja pega, nunca!

CAPÍTULO 14 – PRIMEIRAS AULAS

Catarina Vallenti

Após sairmos da piscina, tomamos um banho. Eu fui primeiro, então o esperei vestindo um roupão branco e macio que estava sobre o móvel do banheiro. Espiei as horas no celular, eram seis da manhã. Havíamos passado boa parte da madrugada no solário jogando cartas, pôquer era bem mais difícil do que eu imaginava, e Ian parecia dominar o baralho com a maestria de um *croupier* de Vegas.

Sentei na cama *king size* com uma larga taça de trufas de morango cobertos por leite condensado e uma fina camada de chocolate. Hum... delícia...

— Comendo de novo? Vocês, mulheres, não têm uma regra sobre doces e carboidratos? Imaginei que, para manter a forma, devesse seguir algum tipo de dieta. — Ele provocou enquanto caminhava até mim, vestindo apenas uma calça de seda preta. Seus cabelos ainda molhados caíam sobre o rosto.

— Cala a boca! Eu precisava de um chocolate, quando estou com você gasto muita energia. — Respondi colocando uma trufa inteira na boca e limpando os dedos no roupão em seguida.

Ian franziu o cenho a me ver sujar a roupa branca.

— Parece que limpeza não é o seu forte. — Me repreendeu pegando um guardanapo dobrado em formato de flor bem ao meu lado. — Use isso, Peppa Pig. — E o atirou em meu colo.

— Chato! — Retruquei baixinho e comi mais um morango suculento e adocicado, mais uma vez melecando as pontas dos dedos e, para provocar, limpando na barra do roupão.

Pude ver os músculos de seu maxilar se tencionando com minha provocação. Era muito engraçado vê-lo perder a paciência.

— Use o guardanapo e depois se troque, ou serei obrigado a dar umas boas palmadas nesse seu traseiro teimoso. — Disse deitando-se ao meu lado.

Senti um arrepio subir pela espinha imaginando se estaria falando sério sobre as palmadas. Droga, era impossível não pensar em sexo quando ele estava ao meu lado.

— Vai, Peppa. Estou esperando! — Ordenou cruzando os braços atrás da cabeça, exibindo belos músculos.

Eu não era uma fanática religiosa, mas se existe um Deus em algum lugar, Ele deveria estar muito inspirado quando o fez. Sexy pra caralho!

— Vai, Peppa! — Repetiu a ordem sorrindo de forma debochada.

Ok, ele tinha alguns defeitos, sarcástico e prepotente até o último fio de seus longos e fartos cílios.

— Peppa é o teu cu! — Respondi fazendo um sinal malcriado com a mão assim que saí da cama.

Eu sempre odiei apelidos, o único que eu tolerava era Nina, e olhe lá! Tirei o roupão e fiquei nua.

— Melhor assim?! — Perguntei desafiando-o.

Ele me olhou de cima a baixo e sorriu.

— Quase, só falta você se limpar.

Saí pisando duro rumo ao banheiro. Lavei as mãos na cuba de vidro e retornei. Ele estava sentado na beira da cama brincando com uma trufa.

— Esqueceu o roupão.

Bufei contrariada e dei mais alguns passos. Estávamos tão próximos que eu podia sentir sua respiração em meu ventre.

— Desculpe-me, o que você disse? — Meu tom saiu baixo e ingênuo.

Ian pegou a trufa e não encostou um dedo sequer em mim. Olhou para os meus seios, fitando meus mamilos endurecidos e levemente doloridos.

— Fiquei com vontade de provar essa trufa. — Anunciou dando início à minha tortura, pressionando o doce sobre meu mamilo esquerdo, devagar em um movimento circular, a ponto de o meu seio latejar ansioso pelos seios lábios.

Cretino... vai usar sexo para me punir. Meu sensual carrasco repetiu o movimento no outro.

— Não se importa de ficar suja de chocolate, não é? Eu poderia lambê-lo de seus mamilos, mas eu sei que não liga para isso. — Incitou deslizando a trufa, que deixou um rastro de chocolate pela minha barriga.

Engoli em seco e revirei os olhos, tentando manter a pose. Dessa vez, eu manteria o controle.

— Verdade, não me importo nem um pouco em ficar melada, pelo contrário... Como eu posso dizer? — Fiz uma pausa, tentando me concentrar em terminar a frase, mas aquele italiano safado passava o morango em meu clitóris e desmancha o doce por completo ao esfregá-lo em meu sexo. — Molhada!

Ã? Eu já nem sabia mais o que estava dizendo. Com a outra mão, seus dedos me abriam, me lambuzando com o morango.

— Eu recolho... recolho a porra do colchão.

Ele riu e lambeu meu umbigo.

— Roup-pão. Eu quis dizer roupão. — Gaguejei sentindo uma pressão prestes a me enlouquecer.

Com um movimento rápido, Ian me puxou para o seu colo. Eu estava nua e de bruços. O quê?!

— Qual a primeira lição, Catarina Vallenti? — Sua voz rouca e controlada enquanto ele acariciava meu traseiro com uma mão, a outra posicionada sobre minha cintura, me mantendo no castigo.

Lição? O quê? A aula já tinha começado?

— Limpeza? — Minha resposta saiu em tom de dúvida.

Plauuuuu! O primeiro tapa fez meu corpo estremecer e uma sensação de fogo e formigamento nasceu ali, debaixo de seu toque pesado e sensual.

— Concentre-se! — Ordenou com firmeza. — Qual a primeira lição?

— Não comer na cama, não fazer sujeira, organização? — Chutei várias respostas em palavras rápidas, talvez minhas chances de sair com um lado ileso fossem maiores.

Plauuuu! O som seco do choque de sua palma em minha bunda. Eu me recusei a gritar.

— Não seja pega! — Ele respondeu acariciando meu traseiro, que parecia estar em chamas. Seus dedos desceram até meu ânus, ameaçando, me atiçando. — Isso te excita?

Meu coração bateu acelerado no peito, senti meu corpo quente, cheirando a chocolate. Não te darei esse gostinho, Ian Salvatore... Continuei quieta, atenta a seus dedos, que desciam um pouco mais, ora estimulando meu clitóris, ora me penetrando.

— É por isso que você ainda está aqui? O perigo te excita, não é?

— Muito! — Confessei em meio a um gemido sôfrego ao gozar em seus dedos.

Ian me jogou na cama e caí de bruços, meus cabelos se esparramando pelo rosto e cobrindo minha visão. Com a mão esquerda, afastei as mechas escuras. Salvatore montou em mim e me penetrou fundo. Gritei surpresa com aquela pegada e agarrei-me aos lençóis. Suas mãos agarradas ao meu quadril, apertando minha bunda com força. Minha boceta se abria para ele a cada investida de seu pau duro e grosso.

Incansável e feroz, Ian seguiu em um movimento perfeito, um verdadeiro deus do sexo. Três, quatro, cinco orgasmos... Recorde! Gritei entregue e exausta.

— Mia! — Ele urrou em italiano (minha) e saiu de mim quando seu prazer tornou-se incontrolável, então gozou em meu traseiro. Senti sua porra quente e cremosa escorrendo pela minha pele. Senti uma leveza indescritível quando se deitou ao meu lado, suado e nu.

Tomamos outro banho, mas dessa vez ele me acompanhou e espalhou a espuma branca pelo meu corpo, em uma massagem relaxante simplesmente perfeita. Também me aproveitei daquele

longo momento para acariciar cada milímetro de seu corpo. Não havia cicatrizes ou marcas, somente músculos bem delineados e poucos pelos, apenas nos lugares certos.

— O que quer dizer? — Perguntei quando a espuma em seu bíceps se esvaiu com a água morna, revelando uma tatuagem em letras cursivas.

— Hic et nunc! Traduzindo do latim para o português: aqui e agora!

Intenso! Pensei deslizando o indicador pela tatuagem.

— Vem! Agora eu preciso de um bom café. — Ian desligou a hidro e as ondas diminuíram. — Vista algo e me espere no solário.

Olhei para ele sem entender aquele pedido.

— Por quê?

— Apenas faça. — Respondeu em tom autoritário.

Saí da banheira e me enrolei em uma toalha, eu estava tão leve que apenas obedeci. No solário, deitei em uma espreguiçadeira próxima à piscina. Presa ao bambu, um compartimento para revistas. Puxei a primeira da pequena pilha. Desnecessário... A capa anunciava o casamento de Leonardo Barros e a miss colombiana, abraçados e felizes na foto. Meu sangue ferveu de raiva, e a sensação de ter sido enganada por anos veio tão viva quanto dolorosa. Atirei a revista na piscina.

— Que morram afogados! — Praguejei cruzando os braços na frente do corpo.

Fechei os olhos por alguns minutos. Não demorou e ouvi a voz de Ian me chamando para o café da manhã.

— Vem, Peppa!

— Era só o que me faltava... — Murmurei impaciente.

O quarto estava arrumado e os lençóis trocados, não havia nada fora do lugar, a não ser pela calça jeans bem dobrada ao lado de uma regata branca e um conjunto de calcinha e sutiã cor-de-rosa.

— Vista isso. Ou vai querer sair pela Paulista de toalha?

— Foi você que arrumou tudo? — Indaguei desconfiada. — Para quê, se daqui a pouco chega o serviço de quarto?

Ian estava vestindo uma camisa cinza clara e um jeans escuro. Mais do que óbvio que o italiano à minha afrente tinha um sério problema de TOC. Vesti as roupas que separara para mim. Foi estranho me trocar em sua frente, ele olhava em minha direção, mas estava com o pensamento longe.

— Hello?! Terra para Ian! — Acenei para ele, já vestida. — No que está pensando?

— Quantos anos mesmo você disse que tinha? — Respondeu minha pergunta com outra.

— Vinte e seis. Por quê?

— Nada, apenas passe pouca maquiagem, só um gloss e uma sombra discreta.

Fiquei reta, em posição de soldado, e bati continência.

— Sim senhor, senhor! — Debochei.

Depois de um farto café da manhã, seguimos de táxi até a Paulista.

— Aqui está bom. — Ian avisou ao motorista, que parou em frente à livraria Martins Fontes.

Desci primeiro e achei bem estranha aquela coincidência, parar exatamente ali, onde eu havia decidido viajar para o outro lado do mundo.

— Está pronta? — Ele perguntou exibindo um sorriso que me fez sentir uma adolescente idiota.

— Nasci pronta! — Eu estava confiante e envolvida por uma deliciosa sensação de excitação e medo.

Ian começou a caminhar em ritmo de passeio, observando as lojas enquanto me explicava as regras em um português de dar inveja a muitos brasileiros. Confesso que era difícil me concentrar perto dele, mesmo vestido de forma casual, aquele italiano tinha classe, além de um olhar tão vivo e expressivo, que só me fazia pensar em sexo.

— Qual a primeira regra, Catarina?

— Não seja pega. — Respondi me lembrando das palmadas.

— Exato! A segunda é: nunca trabalhe perto de casa. Terceira: fuja dos casais, quatro olhos são mais difíceis de enganar do que dois. Pense em um show de mágica, onde guio sua atenção para algo que a faço pensar ser importante... — Apontou para um casal de adolescentes que passeava de mãos dadas pouco passos à nossa frente. — Onde está seu celular, Catarina?

Coloquei as mãos no bolso de trás da calça jeans. Ian sorriu de canto e balançou o aparelho na frente dos meus olhos.

— Homens costumam guardar as carteiras entre a calça e a cueca, é difícil guardarem no bolso, porque os cartões se quebram quando se sentam. Mulheres andam com suas bolsas agarradas ao corpo, é um pouco mais complicado. É preciso dinheiro para fazer dinheiro, crie uma distração e seja rápida. Pense que o tempo está sempre contra você.

Ele fala tão rápido!

— Fique aqui e observe como um mestre age.

Ele se distanciou e foi até um taxista que estava escorado no carro olhando para o relógio dourado quando Ian se aproximou. Eu dei alguns passos, tentando ouvir o que ele conversava, mas o barulho do trânsito permitia que eu entendesse apenas algumas palavras em italiano, outras em português.

Ian apontou em minha direção e acenou. O taxista era bem mais baixo que Ian, vestia uma camiseta polo preta marcando a barriga proeminente, aquele ali devia gostar de uma cerveja. Umedeceu os lábios quando Ian falou algo em seu ouvido, em seguida, o barrigudo piscou para mim. Argh... Senti o café da manhã prestes a voltar. Como amigos, Salvatore deu um tapinha nas costas do taxista e se afastou, voltando com um sorriso vitorioso.

— Vem, caminha rápido. — Ordenou em voz baixa.

Caminhamos alguns metros e dobramos à esquerda. Ian me puxou para dentro de uma galeria apinhada de gente.

— Conseguiu?

— Claro, Principessa! — Exibiu a carteira de couro marrom.

Cretino, não é que ele conseguiu mesmo?

— O que você falou pra ele? — Perguntei curiosa.

— Disse que minha amiga italiana estava brigada com o namorado e queria transar com um taxista para se vingar do cretino.

Estava explicado, eu era a distração! Italiano safado e ardiloso.

— Agora quero ver como se sai. Você tem dez minutos. — Desafiou-me arqueando uma sobrancelha com aquele sorriso de canto perfeito. — Contando!

CAPÍTULO 15– PROVE...

Ian Salvatore

Catarina me olhava com fascinação. Talvez seja divertido passar algumas coisas para ela antes de desaparecer.

— O que está esperando, Peppa? Já perdeu um minuto! — Seu sorriso de excitação foi substituído por um olhar furioso assim que a chamei pelo novo apelido.

Ela saiu da galeria em disparada, como se tivesse visto um fantasma. Eu a segui com passos rápidos, tentando alcançá-la. Os longos cabelos castanhos agitavam-se contra o vento, quase a perdi entre a multidão. Para uma baixinha, até que ela é rápida. Olhei para o celular. Cinco minutos, não vai conseguir. Com violência, Nina trombou em um homem de terno que atravessava a rua.

— Que o show comece... — Sussurrei observando a alguns metros de distância.

O vai e vem de pessoas aproveitando o pouco tempo para passar pela faixa de pedestres antes que o sinal voltasse a ficar verde.

Aproveitando o caos. Boa, Peppa! Ela estava chorando. Caída sobre o executivo, apontou em direção ao sul.

— Ele veio de lá, por favor. — Gritou em prantos enquanto se desculpava por tê-lo derrubado.

Eles se levantaram juntos. O semáforo ficou verde e os motoristas começaram a buzinar freneticamente. Catarina escorou-se no ombro de sua vítima, estava mancando. Assim que chegaram à calçada, ela se sentou em um banco de madeira. O executivo careca acariciou seu ombro e balançou a cabeça. Daquela distância, eu já não conseguia ouvir mais nada do que conversavam. Ele sorriu de maneira simpática e se despediu com um aceno, tomando seu rumo. O coitado provavelmente jamais entenderá o que aconteceu.

Catarina falava ao celular quando me sentei ao seu lado, seu rosto ainda úmido pelas lágrimas.

— Não precisa, Binho, ele já chegou. — Desligou e guardou o telefone no bolso da calça.

Ela respirou ofegante e afastou os cabelos, fazendo um coque como se estivesse dando um nó nos fios.

— Acho que não estou pronta pra isso. Eu me desesperei e acho que, no final das contas, só corri porque queria fugir de você. — Confessou em um tom de voz baixo. — Trombar com aquele homem, no meio da rua... Eu não sei onde estava com a cabeça.

Recostei no banco e acenei para os policiais que entravam na loja atrás de nós.

— É, Catarina, por um minuto eu achei que conseguiria. Mas não é motivo para ficar envergonhada, a vida criminosa não é para qualquer um.

— Pois é, senhor Ian Salvatore, você é um trouxa se acreditou mesmo no que acabei de dizer. — Ela sorriu vitoriosa, tirando a carteira escondida no bolso de trás.

Sorri de canto e bati em sua coxa com uma boa palmada.

— Vem, Peppa. Você paga o almoço. — Anunciei.

Catarina Vallenti

Foi tudo tão rápido e intenso, meu corpo estava tomado por adrenalina, como se estivesse sob efeito de alguma droga, meu coração saltando no peito. O cheiro da cidade misturado a perfumes caros, outros nem tanto, aquela confusão e o desafio no ar. Eu não contei para ele, mas eu estava excitada com tanta tensão e tamanho perigo.

Ian parecia conhecer a capital tão bem quanto eu, e o fato de ser tão fechado me deixava revoltada. Eu havia me exposto como um livro aberto na noite anterior, e sobre ele não sabia quase nada.

— Ainda não, quero dar uma passada no meu apê primeiro.

— Eu não disse para não agir próximo de casa? — Ele me repreendeu em tom autoritário, a mão ainda sobre minha coxa.

Ah, calor, muito calor!

— E como eu poderia saber que me ensinaria assim tão rápido? — Eu me defendi com certo tom de indignação.

Caminhamos algumas quadras e chegamos em frente ao meu edifício.

— Acho melhor você esperar aqui embaixo. — Adverti.

— Por que, o Binho é ciumento? — Ele arqueou uma das sobrancelhas e me encarou com aqueles belos olhos azuis.

— Ã? — Ah... Ele tinha ouvido a ligação falsa. Dei uma risadinha e confessei. — Não é isso. Binho é meu irmão, e eu só estava fingindo ligar. Não quero que entre comigo porque, do jeito que você é, há grande possibilidade de ter um ataque de pânico quando conhecer meu humilde micro ovo.

Ian me deu um tapa na bunda e eu sorri.

— Agora fiquei curioso. — Sorriu debochado.

É claro que ele teimou e subiu comigo.

— Fique aqui, só vou fazer uma coisa e já volto. Espere aqui! — Apontei para o tapete de boas-vindas, as letras quase apagadas.

Ele concordou com a cabeça. Abri a porta, estava destrancada. Binho, sua anta! Só não esquece a cabeça porque está grudada...

— Peppa, Peppa? Me desculpe, mas não estou acostumado a seguir regras dos outros. — Ele me ultrapassou e caminhou à minha frente. — Isso algum dia foi habitável?

Ian apontou para a pia da cozinha, onde a pilha de louça suja estava alta o suficiente para cobrir a torneira. Droga!

— Querido, quer fazer o favor de esperar lá fora? Entrar aqui não é para qualquer um, ok? — Eu o puxei pela camisa, mas ele continuava o curto tour invasivo, inspecionando com o olhar atento cada ponto do meu caos particular, que parecia o deixar desconfortável.

Desisti de tentar impedi-lo e deixei um bilhete preso na porta da geladeira. “Voltei, Binho. Mas prolongarei um pouco mais as minhas férias. Vê se arruma essa bagunça, ou pelo menos lava a louça, seu marmanjo relaxado. Beijos da melhor irmã do mundo, euzinha!”

— Não sei como não ainda foram devorados pelas baratas enquanto dormiam. — Ian comentou escorado na porta com os

braços cruzados no peito, evidenciando seus bíceps bem desenhados.

— Barata? Onde? — Perguntei olhando para todos os lados. — Odeio barata, nem fala uma coisa dessas.

Ian sorriu e senti minhas pernas amolecerem feito gelatina. Tome tento, mulher!, pensei tentando não pensar em sexo.

— Está fazendo aquela cara. — Seus lábios se curvaram em um sorriso presunçoso.

— Que cara? — Indaguei.

— De quem quer ser fodida com força. — Ele me atiçou com o olhar de quem já estava prestes a me devorar.

Fodida com força? Meu Deus, eu deveria ter me ofendido com isso... Esse italiano safado está me transformando em uma devassa incontrolável!

— Talvez eu queira. — Provoquei.

Caminhei para fora e bati a porta. Ian me prensou contra a parede fria e pude sentir sua ereção, dura como pedra por baixo daquele jeans.

— E se aparecer alguém? — Perguntei quando abaixou meu jeans com destreza.

— Aí você vai gostar e gozar, assim como gozou na frente da comissária no avião. — Respondeu com um sussurro rouco entre meus lábios, que ansiavam por seus beijos.

Ian me penetrou com a força prometida e cobriu meus lábios com um beijo molhado e possessivo enquanto me prensava, socando seu pau duro repetidamente em meu sexo. Minhas pernas tremiam com o movimento mecânico, fazendo a pressão no fundo do meu

ventre crescer e explodir em um delicioso orgasmo. Ian saiu de mim ainda ereto e logo fechou o jeans.

A porta do elevador se abriu. Virei para o lado a tempo e puxei minha calça. Essa foi por pouco! Meu corpo reclamou a interrupção. Ele não gozou, por quê? A caminho do restaurante escolhido por ele, não me aguentei de curiosidade: — Por que não gozou?

— Esqueceu que eu estava sem camisinha? — Respondeu convencido. — Te fazer gozar em dois minutos é o suficiente.

Já no restaurante Dinhos's, segui falando como se não houvesse amanhã. Ian escolheu uma mesa um pouco mais reservada, próxima ao jardim de inverno, e puxou a cadeira para que eu me sentasse. Era até engraçado, portava-se como um cavalheiro, típico lorde inglês, mas quando estávamos a sós, fodia como um marinheiro que não via mulher há tempos.

— Quantas máscaras você tem, Ian Salvatore? — Perguntei olhando o cardápio, tudo ali parecia deliciosamente caro, muito caro.

— Quantas forem preciso. — Ele respondeu exibindo um pequeno sorriso e acenou para o garçom, que não demorou a vê-lo.

Eu já havia feito algumas reservas para Leonardo naquele restaurante, era ali que ele costumava tratar de negócios quando precisava impressionar um cliente. Meu estômago pareceu virar do avesso quando ele surgiu acompanhado por seus sócios. Eu me escondi atrás do cardápio, rezando para que ele se sentasse longe o suficiente. Todos os meus instintos femininos alertavam sinal de perigo, caso Ian e Leonardo resolvessem bancar machos furiosos.

— Hum... Acho que vou querer... — Pensei alto.

— Já sabem o que vão pedir? — O garçom sorriu cordial.

— Dois filés grelhados, salada de champignon e aspargos frescos. Para beber, duas caipirinhas de vodca. E para finalizar, duas taças de sorvete de baunilha com calda de chocolate quente, por favor. — Ian respondeu fazendo o pedido por nós dois.

Não contestei, apenas porque seu pedido parecia delicioso. O rapaz retirou os cardápios da mesa, fez anotações em um tablet e pediu licença.

— Ainda não me contou como aprendeu a falar português. Já morou no Brasil? — Fiquei um pouco mais relaxada ao perceber que Leonardo estava de costas para mim.

— Como você fala... — Ele sorriu, soltando o peso do corpo no encosto da cadeira. — Fiquei aqui durante alguns meses.

— E o português, quem te ensinou? — Insisti curiosa.

— Uma amiga. — Respondeu com a maior cara de pau em um tom óbvio, só para me provocar. — Viajo muito, não estou acostumado a ficar preso em um único lugar.

Rebelde e sem rédeas, Ian Salvatore é um garanhão selvagem.

— Imagino... — Respondi sem vontade. Então um pensamento estalou em minha mente, e mesmo sabendo que eu podia estar pisando em um campo minado, me arrisquei.

— Quantas amigas você já teve, Ian?

O garçom voltou à mesa e depositou dois copos de vidro enfeitados com uma rodela de limão na borda. Ian tirou a fina fatia de limão de seu copo e a chupou. Puta que pariu... aí já é covardia! Salvatore exalava sexo por cada poro de seu corpo perfeito, e ainda me provocava daquela maneira... Cruzei as pernas embaixo da mesa imaginando quando ele chuparia meu clitóris de novo e de novo.

— Está fazendo de novo. — Sorriu presunçoso, deixando o limão sobre o guardanapo.

Pigarreei e me ajeitei na cadeira, quase me esquecendo da pergunta que fizera. Quase!

— Um número, senhor Salvatore. Mate minha curiosidade. — Pedi, bebendo a caipirinha gelada.

— Você não vai querer saber.

— Quero, sim, pode falar. Já provei para você que não sou tão frágil quanto pareço. — Insisti, bebendo o copo até sobrar apenas dois cubos de gelo.

— Eu não sei. — Finalmente respondeu. — Nunca parei para contar.

Apesar de odiar seu tom sarcástico, eu já esperava por algo semelhante, as mulheres deveriam se atirar aos seus pés. E a primeira regra ele parecia levar bem a sério, “não seja pego!”.

— E você, Catarina, quantos? — Seu tom frio e distante me fez querer chutá-lo onde o faria chorar de dor.

— Não muitos. — Fiz uma pausa relembrando meus namoricos de adolescência... Sérginho, Leonardo, Marco e Ian. — Quatro. Sendo que metade são italianos.

— Italianos e criminosos. Estou vendo um padrão nisso. — Respondeu impassível.

Eu me abanei ao sentir um calor repentino, era a vodca fazendo efeito.

— Deixa eu te perguntar uma coisa, Catarina. Ainda não passou pela sua cabecinha que, se por acaso você tivesse sido pega hoje, passaria seis longos anos em regime fechado?

Ir para a cadeia? Não, eu não tinha pensado nisso!

— Peso na consciência, senhor Salvatore? Não preciso que se preocupe comigo, eu me lembro da primeira regra.

O garçom retornou com os pratos, só então percebi quanto estava faminta.

— Não acredito que se limite a bater carteiras pelas ruas de Florença. — Aticei antes da primeira garfada.

Ian não se ofendeu com a minha provocação e bebeu alguns goles antes de responder.

— Tem razão, e é por isso que daqui te levarei para o aeroporto. Talvez já esteja pronta para a segunda aula, um show um pouco mais elaborado.

— Humm... intensivo. Gostei.

CAPÍTULO 16 – MEGA SENA

Ian Salvatore

O aeroporto era um bom lugar para o golpe da loteria, as pessoas sempre indo e vindo apressadas, mal perceberiam sua tamanha “sorte”.

— O que estamos fazendo aqui? — Nina perguntou enquanto amarrava os cabelos em um rabo de cavalo, prendendo-os com um elástico preto que tirou do bolso da calça.

Tirei um pacote de Trident de hortelã da carteira e coloquei o último na boca.

— Se souber em quem aplicar esse aqui, poderá passar dias sem correr riscos.

A fila de atendimento não estava muito grande. Peguei um volante e marquei os seis números do sorteio anterior, copiados do mural de resultados junto a outros jogos daquela semana.

— Sabe que a chance de sair os mesmos números do concurso anterior são praticamente nulas, não é? Por que não marca logo um, dois, três, quatro, cinco e seis? Não, melhor! Marca os números do

Lost, pode ter dado azar para o Hurley, mas vai que dá, né?! — Zombou enquanto entravámos na fila.

Faltavam apenas algumas horas para que a regra de três soasse como um alarme. Ensinarei esse último golpe, depois é cada um por si. Eu já estava fazendo muito, meu modo de vida não dava lugar para sentimentos. Senti um beliscão na cintura, me tirando de meus pensamentos.

— Sua vez, garanhão. A caixa é capaz de enfartar se não te atender antes da outra. Parece que eu nem estou aqui. — Retrucou franzindo o cenho, contrariada.

Eu já estava acostumado com o poder que exerço sobre as mulheres, mas isso parecia incomodar Catarina. A atendente exibiu um sorriso metálico levemente colorido por pequenas borrachinhas cor-de-rosa presas ao aparelho. Ela observou meu bilhete e não se aguentou.

— Tem certeza que quer jogar esses números? Eles saíram no último sorteio.

Mulheres...

— Absoluta. — Respondi passando uma nota de cinco pela abertura do painel acrílico. Dei uma piscadela e peguei o troco.

— Ai, meu Deus, você é impossível! — Nina me puxou pelo braço, me arrastando para fora da lotérica.

— Quer exclusividade? — Provoquei caminhando até um banco próximo ao portão de embarque principal.

Ela bufou e se sentou ao meu lado. Raspei com uma moeda a data do bilhete. Incrédula, Catarina arregalou os olhos.

— Ian, não adianta adulterar o número. Na hora de receber o prêmio, eles verão que o bilhete é de segunda-feira, e não de

sábado.

— E quem disse que voltaremos lá? — Amassei o pequeno pedaço de papel e voltei a esticá-lo. — Vou apontar a vítima e você fará a abordagem. Ficarei próximo o suficiente para que possa dizer o número a vocês.

— Não, Ian, isso não vai dar certo. — Insistiu insegura.

— Lembre-se, você está esperando seu irmão mais velho. Então irá vender o bilhete, está com pressa para embarcar e não pode esperar.

Catarina Valentti

Droga, não entendi muito bem o que ele estava querendo fazer, mas quando me dei conta, eu já caminhava devagar pelo aeroporto em frente à loja Empório Armani. Pude ouvir Ian tossindo. Deve ser o sinal.

Saindo da grife, o homem de cabelos grisalhos verificou as horas em seu relógio TAG Heuer. Leonardo também usava um daqueles, se gabava por ser um dos melhores advogados da empresa ostentando a peça, que custava em torno de duzentos mil dólares.

Caminhei um pouco mais rápido e deixei que o bilhete caísse quando parei para amarrar meu tênis.

— Mocinha, deixou cair isso. — O executivo se aproximou e recolheu o bilhete do chão.

Bingo! Virei em sua direção, ainda agachada, e sorri cordialmente. Tive a impressão de já tê-lo visto em algum lugar, mas onde?

— Oi? — Peguei o papel amassado. — Não, não é meu. Ainda sou menor. — Cruzei os dedos e balancei o papel. — Dezoito em

alguns dias.

Ele sorriu e voltou a olhar para o relógio.

— Deve ser da minha amiga. Devolvo quando eu voltar das férias. — Disse ao ficar de pé.

— Não está curiosa para saber o resultado? — Perguntou ele.

— Não deve ter dado nada. — Olhei distraidamente ao redor, Ian estava a poucos metros de distância, deitado em uma poltrona elétrica lendo o jornal.

— Podemos perguntar para aquele rapaz. — Curioso, o estranho sugeriu e me acompanhou até Ian.

— Oi, com licença. Pode ditar os números da Mega, por favor? — Pedi balançando o papel entre os dedos.

— Podem ficar, já terminei. — Ian respondeu nos observando por cima do jornal, entregando-o para o senhor ao meu lado.

Assim que Salvatore se levantou, me sentei em seu lugar e não voltei a olhar para ele, apenas para o senhor grisalho, já sentado na poltrona ao meu lado folheando rapidamente o jornal.

— Dois, onze, vinte e sete, trinta e três, quarenta e quarenta e oito.

— Ai, meu Deus! Sim, sim, sim, sim, sim. Qual o último? — Minha voz carregada de excitação.

— Quarenta e oito. — Repetiu, começando a se contagiar com a minha euforia.

Desabei no confortável encosto da poltrona e suspirei.

— Droga! Foi por muito pouco. Acertamos cinco em seis. Que decepção!

O homem tirou o iPhone do bolso interno do terno e fez uma pesquisa.

— Qual é o seu nome? — Perguntou ainda mexendo no celular.

— Catarina. — Respondi sem vontade, sentindo meu celular vibrar, mensagem de Ian: “Cai fora, já levou tempo demais!”.

— Então, Catarina... Não foi dessa vez que ganhou vinte e três milhões sem jogar, mas, pelo visto, você faz parte dos noventa e seis acertadores da quina. Vinte e quatro mil também não são de se jogar fora.

Saltei da poltrona elétrica e fiquei de pé diante dele.

— Sério? Já é alguma coisa! — Gritei dando pulos de felicidade.

Meu celular vibrou novamente. Li a mensagem e voltei a guardá-lo no bolso. — Essa não! São meus pais, tenho que embarcar. Quando a esmola é demais...

— Pode retirar o prêmio na volta. Aqui diz que você tem noventa dias corridos para comparecer.

Dei um suspiro resignado e entregue, totalmente cabisbaixa.

— Caramba, é muito azar! — Reclamei e acenei em despedida.

Comecei a me afastar a passos rápidos, o homem de terno veio atrás de mim.

— Espera, podemos fazer o seguinte: se você aceitar, podemos rachar o prêmio e você já pega o dinheiro agora. O que acha? — Propôs em voz baixa.

— Como assim? — Me fiz de desentendida. — Tipo, meio a meio?

Ele sorriu e concordou balançando a cabeça.

— Não sei se dará tempo de irmos juntos até a lotérica, pois fica no outro pavilhão do aeroporto. Se eu fizer meus pais perderem esse voo, eles arrancam minha cabeça.

— Eu saco os doze mil e você segue sua viagem. Dê-me cinco minutos.

Parei de caminhar e o aguardei em frente a uma vitrine, distraída com a coleção de bolsas. Minutos depois, o homem voltou trazendo consigo um envelope branco na mão direita.

— Pronto, está tudo aqui. — Ele me entregou o envelope e me surpreendi por minhas mãos não tremerem.

Entreguei a ele o bilhete falso e sorri.

— Boa viagem! — Me despedi e segui meu caminho antes que minhas pernas fraquejassem e eu desmoronasse.

Peguei o elevador. Ian passou pelas portas antes que se fechassem. Soltei o ar dos pulmões e respirei fundo.

— Muito demorado! — Ele me repreendeu em tom de voz frio, olhando diretamente para o envelope.

— Não enche! Consegui, não consegui? — Exibi a conquista com um sorriso aberto. — E agora, para onde vamos?

Eu não conseguia entender o motivo de tanta irritação, seu maxilar estava tenso. Ian continuou em silêncio quando deixamos o aeroporto, e não sei quanto tempo se passou desde que almoçamos, mas eu já sentia meu estômago roncar, estava faminta.

— Por que o mau humor? Fiz alguma coisa errada? — Tentei descobrir.

— Não é nada. — Ian sinalizou e um táxi parou próximo à calçada. — Seja mais esperta, Peppa, você por acaso se lembra do nome que deu para o cara do bilhete?

Entrei no carro e ele se sentou ao meu lado. Ah, então é isso. Eu nem havia me dado conta de que dera meu nome verdadeiro.

— Deu branco, a resposta saiu automática. Mas me dá um desconto, esse foi bem mais complicado do que o primeiro. — Eu me defendi, cruzando os braços na frente do corpo.

Como sou idiota! Como não percebi? Senti a cabeça latejar de dor. Coloquei as mãos no rosto e apoiei a cabeça nos joelhos.

— O que foi? — Ian perguntou em tom preocupado.

— Nada. Acho que meu nível de adrenalina foi demasiado intenso para hoje, só isso.

Senti sua mão quente em minha nuca, então me puxou para perto e eu me aconcheguei em seu peito, inspirando devagar o perfume delicioso daquele italiano cheiroso.

— Ian, me desculpe, serei mais atenta. — Minha voz saiu como um sussurro, quase inaudível.

Ian beijou o topo da minha cabeça.

— Tudo bem, Peppa. Vamos ao shopping fazer umas compras, não estragaremos esse último dia. Fecharemos com chave de ouro.

Último dia? O que ele quis dizer com isso? Ian Salvatore tinha outros planos, e pelo visto eu não me encaixava em nenhum deles. Decidi não perguntar aonde íamos à noite, eu ainda tentava digerir sua sentença.

O táxi estacionou em frente ao Shopping Iguatemi. Eu e Ian descemos.

— O que quis dizer com fechar com chave de ouro? Você quer ir embora, é isso? — Perguntei finalmente. Eu sabia que ele era o tipo de homem que, quanto mais você aperta, mais escorrega. Infelizmente, meu impulso foi mais forte do que meu autocontrole.

— E se for isso, Catarina? E se eu quiser ir embora, você vai me perseguir? — Seus olhos azuis me desarmaram.

— Eu não sei, Ian. Às vezes parece que você me quer ao seu lado, em outras parece que está pronto para desaparecer.

— Uma hora irei embora. Não espere de mim flores, chocolate e uma ida ao cinema, minha vida não é assim, Catarina. Eu não tenho paradeiro certo, estou acostumado a trabalhar sozinho. Não veja amor onde não há espaço para isso.

Aquilo foi um banho de água fria, me deixava maluca a ideia de querer ficar perto daquele cafajeste e ele ser um cretino filho da mãe.

— Tem razão. Ninguém aqui está falando de amor, Ian. Temos química e dedos leves, apenas isso. Só me ajude em um último golpe e juro que nunca mais me verá na sua vida. Tome... — Peguei sua mão e larguei o relógio do executivo em sua palma. — Vou pagar pelo seu tempo, acho que isso me dá mais alguns dias, não?

Saí pisando duro e entrei na primeira loja de grife que vi. Uma jovem com cabelos presos em um coque despenteado me olhou de cima a baixo antes de me atender como deveria.

— Quero o vestido mais sensual que tiver na loja. — Exigi colocando o envelope sobre o balcão, algumas notas de cem escaparam.

— Claro! — Ela sorriu e encostou as portas de vidro, garantindo-me atendimento especial.

Entrei no provador e me despi, ficando apenas com a calcinha e o sutiã cor-de-rosa escolhidos por Ian.

— Esse modelo chegou hoje, é da Lança Perfume. — A moça me entregou um vestido vermelho curto e um par de sandálias douradas de tiras finas. — O vestido é tamanho trinta e oito, as sandálias, número trinta e cinco.

— Obrigada. — Agradeci pegando tudo e colocando sobre um pufe quadrado preto dentro do provador.

Alguns segundos depois, escutei a vendedora advertindo alguém no que parecia ser a entrada da loja:

— Desculpe, mas estamos atendendo a uma cliente VIP.

Gostei sou VIP... E ainda vou fazer aquele italiano safado me dar valor!

— Vou entrar mesmo assim. — Reconheci a voz de Ian no mesmo instante.

Ouvi seus passos. Abriu a cortina do provador e não me cobri.

— Eu vou chamar os seguranças! — A garota agarrou o telefone sobre o balcão.

— Não precisa... — A interrompi. — Deixe que ele fique, eu o conheço.

Ian entrou no provador e me encurralou contra o espelho.

— Eu sei o que você quer, Catarina. Quer perigo e uma boa plateia, não? — Seu hálito fresco cheirava a hortelã.

Com um movimento ágil, Ian me virou. Fiquei de frente para o espelho, completamente molhada. Eu o observei atentamente enquanto rasgava a embalagem da camisinha e colocava o preservativo em seu pau grosso e delicioso. Não se importou nem um pouco com a presença da jovem nos espionando por entre a cortina.

Ian rasgou minha calcinha arrebentando com força as tiras laterais, afastei as pernas esperando que ele me penetrasse por trás. Apoiei as mãos no vidro ao sentir suas mãos em minha cintura.

— Você é louco! — Gemi sentindo seu membro me invadir.

— Confessa que não está excitada e molhada, então eu paro. — Provocou aumentando o ritmo das estocadas. — Essa é a vantagem do dinheiro, Nina, com ele podemos fazer o que bem quisermos.

Encarei seu reflexo perfeito no espelho. Ian me olhava faminto, como um animal, e satisfez nosso apetite com movimentos intensos, me penetrando rápido e com força. Minha boceta se contraiu e senti um calor irradiar de seu corpo perfumado, o que fez aumentar a pressão acumulada em meu ventre.

— Vou gozar, Ian. — Arfei, tendo meu corpo fulminado por um prazer enlouquecedor.

— Goza comigo. — Gemeu entredentes.

Explodimos juntos em um clímax pulsante reverberando por nossos corpos.

— Mia... — Sussurrou em meu ouvido.

Farei esse italiano safado ser meu, só preciso domar meu corpo a resistir aos seus encantos.

CAPÍTULO 17 – DÍVIDAS

Ian Salvatore

Dei uma mordida em seu pescoço suado, sentindo seu sabor levemente salgado.

— Se vista. Vou acertar o pagamento e depois continuaremos as compras. — Ordenei em seu ouvido.

Tirei o preservativo e o guardei novamente dentro da embalagem, para descartar no primeiro lixo. Eu me recompus rapidamente e deixei que Nina terminasse de se vestir. A jovem se encaminhou para o caixa, o envelope com parte do dinheiro exposto sobre o balcão.

— Qual o valor das compras da senhorita Salvatore?

A atendente digitou habilmente os números na calculadora, suas mãos trêmulas eram visíveis.

— Três mil quatrocentos e oitenta e nove. — Respondeu sem levantar o olhar.

— Ok. — Tirei do envelope algumas notas de cem e as deslizei sobre o balcão. — Obrigado pela discrição.

Nina saiu do provador e entregou as peças para a vendedora. Acariciou minha mão e sorriu ao ver que eu usava o relógio que me dera. Enquanto a compra era finalizada, eu não conseguia deixar de pensar em como Catarina era impulsiva, rebelde, teimosa, não muito adepta à limpeza e simplesmente insaciável. Quanto mais eu ficava perto daquela mulher, mais eu sentia que, como um furacão, ela estava virando minha vida de cabeça para baixo. Eu não compreendia qual era o seu motivo para querer ficar comigo mesmo sabendo que eu não era o mocinho que ela tanto esperava.

— Vamos? — Nina enganchou o braço no meu e sorriu.

Nas horas seguintes, compramos um traje para mim e paramos para tomar sorvete.

— Não consigo imaginar como você passou sua vida inteira sem conhecer *Game of Thrones, Prison Break, Breaking Bad*... Eu sou completamente apaixonada por séries. Quando não estou assistindo, estou lendo. — Nina confessou, dando uma lambida no sorvete de chocolate que derretia devagar.

— Tenho outros interesses. O que faço demanda muito tempo de estudo e muita pesquisa, e nas minhas horas vagas...

— Transa com tudo que se mexe! — Completou com a voz carregada de sarcasmo.

Ela podia até tentar disfarçar, mas eu sabia que estava se corroendo de curiosidade para saber por que eu mencionara o fim. Nem mesmo eu sabia o motivo daquilo, talvez só quisesse deixá-la preparada, e na primeira oportunidade, sumir no meio da multidão.

— Você é sempre tão sério assim? — Perguntou me tirando de meus pensamentos.

Limpei o canto de seus lábios com um beijo e ela suspirou.

— Isso te incomoda?

— Não, só acho estranho. — Nina fez uma pausa e mordeu sua casquinha, algumas gotas do sorvete caíram sobre sua pele morena, deslizando para dentro de sua blusa. — Não inventa! Não vai lamber meus seios em público, estamos no meio do shopping, Ian.

Era inexplicável a maneira como Catarina se sujava com qualquer coisa que comia, vivia lambuzada de doce.

— Vamos embora, ou sou capaz de te atacar aqui mesmo. — Anunciei quando mais algumas gotas mergulharam entre seus seios fartos.

No caminho de volta para o hotel, Nina continuou contando sobre seus gostos, falando sobre filmes e seu fraco por desenhos. Detalhou seu gosto musical e confessou sua queda por um tal de Adam Levine. Chegamos ao hotel por volta das sete da noite, ela correu para a suíte principal com suas sacolas e se trancou por lá.

Larguei as sacolas restantes sobre a cama e fui para a piscina. Minutos depois, Catarina apareceu enrolada em uma toalha branca, ainda pingando.

— Cabelos presos ou soltos? — Perguntou em tom de dúvida.

— Soltos. — Respondi, saindo da piscina. Ela correu para o quarto novamente, continuaria sua produção.

Catarina Vallenti

Corri de um lado para o outro, atordoada com a ideia de que aquela seria nossa última noite juntos. Não pense nisso, Nina! Torne-se inesquecível. Espalhei um óleo perfumado com um leve e adocicado aroma de amêndoas pelo corpo. Vesti um sutiã meia taça

sem alças e o vestido em seguida. Vou sem calcinha. Jogaremos com as mesmas armas, senhor Salvatore.

O vestido serviu perfeitamente, tirando o fato de que eu não poderia comer ou beber nada naquela noite, até respirar um pouco mais forte já seria arriscado. Os poucos dias na Itália me renderam alguns quilinhos extras, mas nada que não fosse impossível eliminar com uma dieta de maçãs e água. Meu Deus, suei só de colocar o apertado vestido vermelho. Sequei os cabelos e fiz uma maquiagem mais elaborada, esfumando com uma sombra preta e fazendo um traço bem marcado para realçar o olhar. Nos lábios, passei um batom vermelho levemente terroso. Calcei as sandálias com tiras douradas e caminhei em frente ao espelho. O vestido era tão justo que eu mal conseguia andar, parecia estar embalada a vácuo.

— Principessa! — Ian me elogiou e meu corpo inteiro reagiu alerta ao som de sua voz.

Pelo espelho, admirei seu reflexo. Ele estava impecável em um elegante terno italiano Zegna, o caimento simplesmente perfeito. Tive que fazer um esforço sobre-humano para não correr em sua direção, arrancar suas roupas e cavalgar aquele italiano rebelde por horas. Droga! Estou molhada só de pensar nisso.

— Aonde vamos? — Consegui perguntar enquanto voltava a mexer nos cabelos, puxando-os para o lado.

Com movimentos predatórios, ele se aproximou. Estremeci ao sentir seu perfume. Seja difícil, Nina! As mulheres se atiram aos pés dele o tempo todo.

— Logo irá saber. — Ian se inclinou e mordiscou minha nuca.

Golpe baixo, muito baixo mesmo!

***

— É, parece que só está acostumado com o melhor que São Paulo pode oferecer... Hotéis e restaurantes caros, baladas de luxo... — Provoquei ao pararmos em frente a uma mansão de três andares cuja fila para entrada chegava a dobrar a esquina.

— Não aceito nada menos que o melhor. — Respondeu com um sorrisinho pretensioso pousando a mão em minha cintura.

A hostess vestia uma blusa levemente brilhante e saia lápis, ambas pretas. A loira sorriu como se já o conhecesse. Ian retribui o sorriso com uma leve carícia em seu ombro. Salvatore soltou minha cintura e cochichou algo em seu ouvido.

— Deixe-os entrar. — A garota fez sinal para o segurança, que abriu caminho afastando as tiras que separava a fila da entrada.

Uma mistura de Black Eyed Peas com eletro punk reverberava pelo salão principal, apinhado de gente. Globos de luz coloridos iluminavam a pista. Pela mão, puxei Ian para o meio da multidão. E envolvida pela música, dancei sensualmente deslizando em seu corpo.

Dançamos durante horas, um provocando o outro por meio de beijos e carícias indecentes.

— Tenho um segredo para te contar, mas vai ser mais divertido se você descobrir. — Incitei enquanto ele me puxava para o bar.

Ian me encarou com aquele olhar faminto e hipnótico, e não consegui deixar de pensar na possibilidade dele me arrastar para um canto mais escuro e levantar meu vestido o suficiente para...

— Catarina, você está fazendo aquela cara. — Ele sussurrou em meu ouvido. — Você é insaciável, sabia?

Enrosquei meus braços em sua cintura e senti sua ereção, dura como pedra.

— Sério? Mas pelo visto não sou só eu. Vai, confessa. — Mordi seu pescoço. — Confessa que está louco para me comer aqui e não vai resistir quando descobrir que estou sem calcinha.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso, e puxou meus cabelos para trás, inclinando-me com força. Meus lábios receberam seus beijos e meu corpo não resistiu.

— Safada! — Salvatore me provocou.

Um homem, que mais parecia uma parede de terno, nos interrompeu.

— O senhor Vasconcelos te espera. — Anunciou segurando Ian pelo braço.

— Quem sabe outro dia, *Principessa*. — Ian me afastou como se não nos conhecêssemos e seguiu acompanhando o segurança, que devia pesar uns cem quilos.

Outro segurança fechou o punho ao redor do meu pulso e fez sinal para que eu os seguisse. Merda! No que esse italiano está metido?

Praticamente arrastados, nos levaram para uma sala no subsolo da mansão.

— Ela não tem nada a ver com isso. — Ian protestou ao notar que eles me levaram junto.

— Quieto, playboy! Quem vai decidir isso é o senhor Vasconcelos. — Rosnou o ogro mal encarado.

Uma porta de ferro se abriu e fomos empurrados com violência para dentro de uma sala. Havia monitores em todas as paredes, exibindo os diversos ambientes da danceteria. Um homem girou a poltrona à nossa frente e nos encarou, sorrindo como um pirata.

— Olha só o que o destino me trouxe. Quem é vivo sempre aparece, não é mesmo?

O homem de cabelos loiros, quase brancos, tinha o maxilar largo e em seu rosto trazia as marcas do tempo. Uns sessenta anos, talvez, ou um pouco mais.

— Achou que me roubaria e ficaria por isso mesmo? Não te dei uma lição em respeito à Diva?

Diva? Quem é Diva? O que Ian roubou desse desgraçado?

— Senhor Vasconcelos, posso falar? — Eu me intrometi tentando manter a voz firme.

Ian me lançou um olhar furioso, mas o ignorei.

— Eu não sei o que esse italiano burro fez para o senhor, mas podemos recuperar o seu dinheiro. De quanto estamos falando?

— Cala a boca, Peppa! — Ian advertiu. — Me desculpe, senhor Vasconcelos, ela só entrou nisso há três dias, e porque roubou algumas carteiras, já acha que é gente grande.

O homem riu e tamborilou os dedos sobre a mesa de vidro, não consegui ignorar a Glock preta.

— Isso é assunto de adultos, querida. Deixe que os homens tratem de negócios. Uma mulher como você só precisa pensar em ficar bonita, ou melhor, se manter bonita. — Desdenhou jogando o corpo para traz na poltrona.

Senti um calor subir pelo meu rosto. Velho idiota!

— Então, Salvatore, como vai pagar os duzentos mil?

— Duzentos mil? Aquela velharia não valia nem dez mil! — Ian protestou indignado.

Um dos ogros atrás de nós encostou a ponta do cano da pistola em sua nuca, ameaçando-o.

— Calma, Salvatore. Aquela velharia, como ousa dizer, tinha um valor sentimental para mim, e você simplesmente leiloou pelo lance mais alto. Mais os juros diários... Durante dezesseis anos... — O velho revirou os olhos calculando mentalmente. — A meu ver, duzentos mil é um valor muito justo.

Duzentos mil? Vou morrer aqui, Ian não tem um tostão! Sou muito nova para morrer.

— Você tem uma semana para entrar por essa porta com o meu dinheiro. Só lembrando: cada dia de atraso equivale a um dedo da Peppa. — Concluiu Vasconcelos em tom ameaçador.

Meu estômago embrulhou, eu era uma refém. Uma maldita refém! Ian tirou o relógio TAG Heuer devagar, para que seu movimento não demonstrasse perigo.

— Um gesto de boa fé. Esse relógio aqui vale duzentos mil dólares, a minha estagiária mãos leves me presenteou com ele. Preciso da Peppa comigo. Domingo que vem estaremos com o seu dinheiro. — Ian deu um passo à frente e colocou o relógio sobre a mesa.

Respirei fundo, tentando manter o equilíbrio. Não desmaie, não desmaie, não desmaie...

— Uma semana. — Vasconcelos pegou o relógio e abanou a mão como um sinal para que saíssemos de uma vez. — Agora se mandem!

Assim que os brutamontes nos arrastaram até a saída como se fôssemos pivetes, minha reação foi estapear Ian com força.

— Você está louco?! Duzentos mil em uma semana?! — Cada palavra dita seguia um tapa desesperado.

Ian agarrou meus pulsos com força.

— Não era o que você queria? Ser minha parceira? Bem-vinda ao maravilhoso mundo Disney da ladroagem! — Ele debochou furioso. — Agora controle-se, e vamos sair daqui, estamos sendo observados.

CAPÍTULO 18 – CORAÇÕES PARTIDOS

Ian Salvatore

De tantas danceterias em São Paulo, eu tinha que cair justamente na de Silvio Vasconcelos? É muito azar! Se bem que nada disso teria acontecido se eu não tivesse quebrado minhas próprias regras. Agora estávamos enrolados nisso juntos, até o último fio dessa cabeça teimosa.

— Chega! Você não faz parte disso! Vou te colocar em um táxi e você vai sumir da minha vida, Peppa. — Eu a puxei pelo braço e ela me estapeou enquanto nos afastávamos da danceteria.

— Para com isso, está me machucando! — Protestou enfezada.

Soltei-a e tirei o celular do bolso. Meia-noite.

— É isso aí, acabou o vale aventura, três dias de sexo e diversão. Agora você segue o seu caminho e eu sigo o meu.

— Ã? Do que está falando, Ian?

— Sigo algumas regras para me manter longe de confusão, e a regra de três é uma das principais. Não leve para o lado pessoal, você é bem gostosa e me deu uma das melhores chupadas, mas

trabalho sozinho, e prolongar esses três dias é querer interromper o inevitável.

Nina me olhou furiosa, seus olhos negros marejados. Ela se aproximou em um passo e eu pude sentir o calor emanando de sua pele morena clara, como uma febre.

— Três dias? — Ela pousou as mãos sobre meus ombros e me encarou. — Não sou mulher que se humilha, seu italiano safado.

A joelhada acertou minhas bolas e me curvei de dor. Merda, Nina! Fechei os olhos por um segundo, tentando me manter de pé. Essa é uma dor que só um homem é capaz de sofrer. Ouvi seus saltos finos batendo na calçada, se distanciando. Era melhor assim, cada um por si, caminhos distintos. Voltei a uma postura ereta, ainda com as minhas bolas latejando pela pancada. Catarina praticamente atacou um táxi, que diminuiu a velocidade assim que percebeu seu sinal nada sutil. Ela não tem dinheiro... Coloquei a mão no bolso procurando pela carteira. O carro branco passou por mim devagar, e Nina arremessou minha própria carteira em mim.

— Foda-se, Ian Salvatore! — Berrou com metade do corpo para fora da janela.

***

Catarina Vallenti

Eu me senti usada mais uma vez. Afundei o corpo no banco do carro e o taxista não fez nenhum comentário quando as lágrimas começaram a rolar em meu rosto.

— Burra, burra, burra! Por que eu me deixo enganar? — Perguntei em meio a soluços ao motorista. — Três dias! Acredita nisso? Aquele italiano safado teve a cara de pau de dizer que me usou por tempo suficiente e o vale aventura tinha chegado ao fim. Eu devia ter chutado aquele cretino até ele falar fininho.

O taxista pigarreou, sem saber o que dizer.

— Tá, tá, não precisa falar nada, vocês são uma corja, sempre se defendem.

Depois de alguns minutos ultrapassando sinais vermelhos e duas ou três curvas fechadas, o homem estacionou em frente ao meu edifício. Entreguei a ele uma nota de cinquenta e me desculpei.

— Desculpa pelo surto, moço. Só estou um pouco nervosa.

Assim que desci do carro, o salto fino ficou preso entre o meio fio e a calçada. Droga! Tirei as sandálias e senti meus pés tocarem aquele chão imundo.

— Não pode estacionar aqui! — Advertiu um guarda caminhando apressado em minha direção.

— Dê uma olhada no meu vestido. Acha mesmo que tenho cara de motoqueira? — A égua voadora ataca, eu não estava com paciência para um guardinha idiota querendo aplicar sua última multa da noite. — Não é minha! — Respondi dando uma espiada na moto preta antes de seguir para o meu humilde e pulguento micro ovo.

Eu tinha que me preparar para o arsenal de perguntas da Camis e do Binho. Chegando ao corredor, senti um perfume de lavanda. A porta do apartamento estava entreaberta.

— Quantas vezes eu já disse pra... — Retruquei, mas não cheguei a terminar a frase. Simplesmente porque Ian abriu a porta.

Sem camisa. Segurando um balde e uma vassoura nas mãos.

— O que está fazendo aqui? Acabou o prazo, não se lembra? — Passei por ele direto e caminhei pelo chão molhado, deixando marcas de pegadas sujas até o quarto.

Tudo estava fora do lugar. Roupas sujas cobriam o beliche e a porta escorava uma sacola de lixo.

— Acha que faxinar o meu apartamento vai me fazer esquecer o fato de que você é um italiano safado, presunçoso, babaca, egocêntrico e narcisista? — Gritei.

Ian me seguiu até o quarto e se escorou no batente da porta com um sorriso convencido.

— Esqueceu de dizer: sexy, inteligente, criminoso e deus dos orgasmos múltiplos. — Ele provocou, arqueando uma das sobrancelhas.

— Acho que não te acertei forte o suficiente. — Ameacei dando um passo à frente.

Eu não conseguia acreditar na ousadia e na forma como ele me olhava. Fui traída por meu corpo e me peguei encarando seu abdômen definido e suado.

— Gosta do que vê? — Perguntou sedutoramente.

Ian ser sexy como o diabo só complicava ainda mais as coisas.

— Vou tomar um banho, e é bom você ter ido embora quando eu sair do chuveiro, ou juro por Deus que ligo para a polícia. — Respondi mantendo a voz firme.

Ao passar por Salvatore, ele me prendeu contra a parede entre seus braços. Senti seu perfume misturado ao suor, tão másculo e sexy! Resistir a ele era quase uma covardia.

— Não vai, não. Quero você assim. — Ordenou em um sussurro que me deixou molhada instantaneamente, meu corpo implorando por seu toque.

Ian desprendeu uma das mãos da parede, acariciando minha cintura devagar e puxando meu vestido para cima. Em seguida, deslizou os dedos longos até meu clitóris.

— Eu quero te comer, Nina, quantas vezes forem possíveis, que se fodam as regras. Agora, me diz o que quer. — Confessou enquanto a outra mão puxava o decote do vestido para baixo, deixando meus seios à mostra.

Eu não conseguia pensar em mais nada.

— Cala a boca e me beija. — Implorei sedenta por seus lábios.

Ian me beijou com força, como se estivéssemos separados por semanas, um beijo molhado e possessivo, dono de mim, de cada célula minha que vibrava diante de seu toque, ansiando por mais e mais. Seus lábios percorreram meu pescoço intercalando entre mordidas e lambidas ávidas. Então desceu um pouco mais, e abocanhou meu seio, sugando meu mamilo endurecido, minhas pernas tremiam tamanha a excitação.

Seus beijos eram como promessas desaforadas, esbanjando luxúria e pecado por onde me tocavam, como se o único propósito de meu corpo fosse o seu exclusivo deleite, assim como o dele era para mim. Seus dedos provocavam minha entrada escorregadia.

— Você não presta, sabia? — Gemi de olhos fechados, traída por mim mesma.

— É isso o que nós somos, Principessa, corações vagabundos.

Salvatore abriu a calça e exibiu uma ereção poderosa e viril. Mordi o lábio olhando para o pau grande e grosso prestes a me

invadir. A maravilhosa sensação de ser penetrada de maneira selvagem me deixava louca. Socando fundo, mais e mais, meu corpo era dele.

— Caralho, sua boceta é gostosa demais! — Rosnou metendo com força.

Eu o agarrei com força, deliciando-me com aquele corpo simplesmente perfeito e másculo me possuindo como um animal faminto e sem rédeas. Cheguei ao orgasmo com um grito, meu corpo inteiro vibrou em êxtase. Um longo gemido escapou por entre meus lábios. A força de seu corpo contra o meu, penetrando-me como uma máquina bem lubrificada, e meu sexo latejando, gozando diante de suas investidas potentes.

Ian grunhiu meu nome, excitado, me encarando com seus intensos olhos azuis enquanto gozava dentro de mim, ejaculando um delicioso e longo orgasmo, tão intenso que pude sentir seu sêmen escorrer entre minhas coxas. Saiu de mim e sorriu vitorioso.

— Agora pode ir tomar seu banho. — Ele me beijou e juntou a vassoura e o balde caídos perto da porta do quarto.

Minhas pernas ainda tremiam. Após um longo banho frio, meu corpo finalmente relaxou. O cheiro do desinfetante de lavanda invadiu o banheiro. Vesti uma camiseta larga e um short pink de algodão. Enrolei uma toalha nos cabelos pensando na desculpa que teria que dar assim que Binho aparecesse e visse o italiano faxinando nosso micro ovo.

Abri a porta do banheiro e tive a ligeira impressão de estar no apartamento errado. Ian arrastava dois sacos imensos de lixo, um em cada mão. Ele ainda estava sem camisa. Que visão dos céus! Um homem sexy desse jeito limpando a casa...

— Jesus, me abana! — Sussurrei.

A televisão estava ligada, não havia nada sobre o sofá além de três almofadas listradas. Sobre a mesinha de centro, uma caixa de pizza e duas latas de cerveja. Dei alguns passos e me surpreendi com a cozinha. Quanto tempo eu demorei no banho? Não havia louça sobre a pia, nem mesmo sobre o fogão. Não faz assim, senão eu me apaixono! Sentei no sofá e abri a caixa de pizza. Hum... calabresa.

— Não achei que fosse possível tirar tanto lixo e sujeira de um lugar tão minúsculo. — Ele apareceu na porta, já sem as sacolas.

O observei lavar as mãos na pia e secá-las em um pano de prato, que dobrou e colocou sobre o balcão.

— Vem logo ou a pizza esfria. — Tirei uma fatia de pizza e o queijo ficou pendurado quando dei a primeira mordida.

Não era tão gostosa quanto a que eu havia comido em Florença, mas devorei aquele e mais seis pedaços. Faltavam alguns minutos para as duas da manhã e Binho ainda não tinha aparecido.

— No que está pensando? — Ian indagou antes de partir para o penúltimo pedaço da caixa.

— No meu irmão, é estranho ele ainda não ter chegado.

— Hum... Deve estar se divertindo com alguma garota. — Respondeu com tranquilidade.

Pulei os canais da tevê até encontrar um filme antigo com o Keanu Reeves. Caçadores de Emoções.

— Espera aí! — Virei com ar de interrogação. — Como chegou aqui tão rápido?

Ian sorriu e bebeu um gole da cerveja gelada antes de responder.

— De moto.

Aaah... tá explicado o porquê da moto estacionada lá embaixo. Eu conhecia o filme de cor e salteado, mas o italiano ao meu lado o assistia pela primeira vez.

— Você já pensou nisso? — Eu me aconcheguei em seu colo e continuei assistindo à perseguição do bandido assaltante que usava máscaras de presidentes americanos durante seus roubos.

— Roubar um banco? Não, é bem mais complicado do que nos filmes. — Explicou com a propriedade de anos de experiência de uma vida bandida.

— E onde pensa em arrumar os duzentos mil? Só consigo pensar em bancos. — Tirei a toalha da cabeça e a atirei no braço do sofá.

Ian acariciou meus cabelos úmidos e senti um arrepio subir pela espinha.

— Assaltar um banco envolve armas, passar por seguranças, enfrentar um cofre... Sem falar da possibilidade da fuga ser muito limitada.

É, pelo visto ele já pensou muito no assunto...

— Vai me contar o que você roubou? E quem é Diva?

Salvatore me contou sobre uma pequena e obscura parte de sua vida, e de como a mulher de cabelos vermelhos salvou a ele e seus irmãos. Ali comecei a entender um pouquinho mais sobre sua obsessão por limpeza e o porquê dele construir aquela fortaleza baseada em sarcasmo e narcisismo. Eu não o interrompi, apenas o ouvi, deixei que falasse por horas. Jamais me senti tão próxima de Ian como naquele momento.

Quando percebi que as carícias diminuíram, até cessarem por completo, olhei para ele. Ian dormia com uma expressão serena, aquela noite ele não teria pesadelos. Diferente de mim, que não

consegui pregar os olhos pensando em tudo o que ele havia me contado... No senhor Vasconcelos, na dívida... Duzentos mil em dinheiro vivo seria muito complicado.

Precisamos de um grande artifício, um verdadeiro show de fogos.

Somente quando o sol raiou foi que a ideia me ocorreu. Seria completamente arriscado, mas já era alguma coisa, eu só precisava convencê-lo.

CAPÍTULO 19 – PLANO

Catarina Vallenti

Levantei do sofá, pé ante pé para não acordá-lo, e fui até o apartamento de Camis para lhe contar pelo menos parte das novidades. Toquei a campainha algumas vezes, mas ninguém atendeu. Que estranho! Ela não costuma acordar cedo. Voltei para o meu apê, Ian espreguiçava-se no sofá e bocejou sonolento.

— Vou preparar um café para nós. — Anunciei.

— Tudo bem, vou para o banho. — Ele ficou de pé e se alongou, bocejando mais uma vez.

— Já levo umas roupas para você.

Separei uma calça jeans desbotada e uma camiseta preta sem mangas.

— Acho que devem servir. — Deixei as roupas sobre a pia e um par de tênis do Binho no chão do banheiro.

Cozinhar não era nem de longe uma de minhas qualidades. Deixei um café passando na cafeteira e corri até a padaria do outro

lado da rua. Quando retornei, Ian já estava sentado na sala mexendo no celular.

— Misto-quente? — Mostrei a sacola plástica com o logotipo da padaria.

Sentei ao seu lado, pronta para continuar ouvindo sua história.

— Então, me conta o que foi que você roubou do Vasconcelos, como se conheceram?

Ian girou a xícara de café quente entre os dedos e assoprou a fumaça que saía.

— Eu tinha vinte e um na época, tinha acabado de voltar do Egito, foi quando Diva me apresentou a um amigo brasileiro que precisava de um favor...

“— Estou falando que o garoto é bom, pode entrar e sair e ninguém nunca saberá o que aconteceu, ele é ágil como um felino. —Diva pousou as mãos sobre meus ombros enquanto me elogiava.

Vasconcelos mantinha as cartas sobre a mesa e me olhava fixamente, eu não conseguia ler suas expressões.

— Cubro seus duzentos e coloco mais oitocentos em cima. — Aumentei a aposta, e assim como o homem à minha frente, me mantive sério, afinal, o pôquer é o jogo dos mentirosos. — O que você precisa e onde está? — Perguntei sem demonstrar muito interesse, aquilo não me acrescentaria em nada, já que seria apenas um favor.

Vasconcelos mostrou dois pares de valetes e peguei o dinheiro sobre a mesa.

— É uma gargantilha de ouro branco com um pingente de coração esculpido em safira. Está arquivado junto com outros pertences de uma antiga amiga.”

Interrompi a história e perguntei, ainda de boca cheia:

— Por causa de uma gargantilha sua dívida pulou de dez para duzentos? O que você fez com a joia?

— Posso terminar? — Ian me repreendeu com um meio sorriso, que me deixou com cara de boba.

Fiz o sinal de que estava fechando minha boca com um zíper invisível e tomei um gole de café.

— Continuando... — Ele retomou a história.

“Quando roubei a gargantilha, decidi investigar um pouco mais o amigo íntimo de Diva. Vasconcelos, quando mais jovem, fez verdadeira fortuna falsificando obras de artes famosas. Em uma dessas negociações, vendeu uma réplica para Fernando Ferraz, um político influente, que atualmente ocupada uma cadeira no Senado. E para fechar o problema com chave de ouro, Vasconcelos pintou um quadro da noiva do político usando apenas a tal gargantilha, o que, é óbvio, o italiano de sangue quente não encarou com bons olhos. A noiva foi encontrada enforcada em seu quarto, usando apenas a joia com a qual foi pintada.

A polícia encerrou o caso da maneira mais simples e cômoda possível, decretando que havia sido suicídio pela vergonha do escândalo ocorrido. Também não me interessei por vítimas ou culpados, vi ali uma oportunidade fácil de ganhar dinheiro. Com a gargantilha em mãos, enviei um recado para Ferraz, dizendo que havia um estrangeiro interessado no colar de sua falecida ‘amada’. Dez mil euros foi o que recebi por aquele trabalho fácil.

A parte mais delicada foi explicar o desaparecimento da joia para Vasconcelos, que estava indignado com a minha ‘incompetência’.

— Você me disse que o garoto era bom. — Vociferou enquanto dava as cartas.

— E eu sou, mas alguém chegou lá antes de mim. — Menti de maneira casual, espiando as cartas.

Vasconcelos atirou o baralho em cima de mim, ele já sabia que era um blefe.

— Ah, seu moleque, acha que não sei que vendeu o colar?

Diva se interpôs entre nós, tentando acalmar os ânimos do brasileiro."

— Ah, entendi, agora faz sentido o que ele falou sobre valor sentimental. — Comentei me lembrando das ameaças da noite anterior.

Ian balançou a cabeça concordando e se levantou para recolher as xícaras do café da manhã.

— Deixa que eu cuido disso, penso melhor quando estou limpando. — Confessou indo para a cozinha. Não pude evitar olhar para suas costas largas e atléticas conforme se afastava.

Gostoso e safado, combinação perigosa!

— Ian, tenho que te perguntar uma coisa. Por acaso, enquanto você juntava minhas coisas no apartamento da Carla, não encontrou uma pistola?

Ele começava a lavar a louça e pareceu não ter ouvido minha pergunta, então falei mais alto.

— Lembra-se da noite da festa? Só aceitei sair com Marco Romano quando tirei a arma que ele carregava na cintura e a guardei na minha bolsa. O que você fez com ela?

Salvatore largou a esponja sobre a pia e se virou para mim.

— De Marco Romano? Peppa, cada vez mais eu confirmo a ideia de que você não tem um pingo de juízo nesse seu corpo gostoso!

Ele sabia como me irritava quando me chamava assim, fazia só para provocar, e não consegui evitar um sorriso perante seu elogio.

— Desmontei parte dela e trouxe comigo, está guardada no Unique com as minhas coisas. — Voltou a lavar a louça tranquilamente enquanto assobiava.

— Não consegui dormir essa noite pensando em como quitaremos a dívida com o Vasconcelos, e me ocorreu recorrer a Romano.

— Nem pensar! Quero que mantenha a maior distância possível dele. — Respondeu rápido e senti seu bom humor ir pelo ralo.

— Tudo bem, tudo bem, não está mais aqui quem falou.

Ian Salvatore, você é um ciumento!

— Troque de roupa, vista algo confortável. — Ordenou secando a louça sobre a pia.

— Por quê? — Indaguei curiosa.

— Vamos malhar, correremos até o hotel. — Ian sorriu exibindo dentes perfeitamente alinhados.

— Ida e volta? São oito quilômetros! — Eu me senti cansada antes mesmo de colocar o pé para fora do sofá.

— Isso não é um pedido, anda logo! Pretendo estar de volta antes do almoço.

Bufei bem alto, só para mostrar quão contrariada eu estava. Passei por Ian e ele me deu um tapa na bunda, só para me atiçar.

— Rápido, Peppa!

Os primeiros dez minutos de corrida foram tranquilos, mas não estávamos nem na metade.

— Ian, não seja pão-duro, vamos de táxi. — Pedi esbaforida.

Ele sorriu, mas não respondeu.

— Já sei, por que não me ensina a roubar um carro? Aí vamos dirigindo até lá. — Insisti mais um pouco, na tentativa de convencê-lo.

Senti pontadas na barriga e uma falta de ar constante.

— Ai, meu Deus! Tô morrendo! Não aguento mais!

Banhada em suor, interrompi a corrida e apoiei as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Ian se virou e gritou:

— Tira a regata!

Ah, seu tarado... Se bem que um pouco menos de roupa não vai me fazer mal. Segui seu conselho e tirei a regata, ficando apenas com um top rosa neon. Caminhei até ele, exausta.

— Que nunca precisemos fugir da polícia, você é muito lenta. — Debochou apontando discretamente para o carro-forte estacionado na esquina.

— Rá, Rá, Rá! — Forcei uma risada e continuei me abanando com a regata. — Não me diz que essa é a sua grande ideia, assaltar um carro-forte e sair correndo...

Ian me lançou um olhar incisivo.

— Não, Peppa, nós precisamos de uma boa distração. Lá dentro, além de alguns milhões, deve haver dois policiais bem armados, cada um com uma bela doze de cano serrado. Aproveite a corrida e coloque essa cabecinha para pensar.

Ele voltou a correr, porém, em uma marcha mais lenta.

— Agora que já temos um provável alvo, temos que calcular uma forma de atrair os seguranças para fora do carro.

Com dificuldade, apressei o passo e voltei a segui-lo.

— O que faria com que eles saíssem? Medo, talvez? — Sugeri, começando a me empolgar com o esboço do plano.

— Medo é um bom motivador.

— Só tem um problema, enquanto estiverem lá dentro, estarão seguros. — Rebati a ideia.

— Reféns, um número suficiente que os faça sair.

Eu já conseguia ver a arquitetura em forma de 'U' do hotel Unique.

— Ian, isso é perigoso demais. E se um dos reféns se rebela e nos ataca? E se fugirem?

— Sempre há esse tipo de possibilidade, a não ser que não pensem que aquilo é um assalto real, apenas um show.

Pode dar certo... Senti o coração acelerado, um misto de euforia por estarmos a poucos metros do hotel, e excitação por estarmos chegando mais perto de resolver aquele problema.

— Comparsas? — Ainda ofegante, perguntei.

— Melhor, Peppa. Figurantes! — Salvatore respondeu confiante.

CAPÍTULO 20 – PLANO B

Marco Romano / Florença-Itália

A morena ao meu lado havia caído no sono, mexi em sua bolsa enquanto dormia. Ali encontrei creme para mãos, algumas maquiagens e uma carteira branca. Vamos saber um pouco mais sobre você, morena atrevida...

Sem carteira de habilitação, algumas notas totalizando cinquenta euros, cartões de crédito com post its amarelos rabiscados em grandes letras vermelhas como lembretes: “APENAS EM CASO DE URGÊNCIA!”. Parece que a brasileira tem problemas com dinheiro... Deduzi guardando tudo de volta ao seu lugar. Tirei o celular do bolso traseiro da calça e fotografei a carteira de identidade.

Deixei meu número anotado em um guardanapo sobre o casaco da senhorita Vallenti. De alguma forma a ousadia da brasileira havia mexido comigo, seria interessante desvendar aquele atrevimento em forma de mulher.

Assim que o avião pousou, fui um dos primeiros a descer. Nick Santoro, meu braço direito, me aguardava no portão de

desembarque. Um homem como Nick era sinônimo de lealdade. Fiel ao meu pai até o último instante, agora prestava sua fidelidade a mim.

Santoro não impressionava pelo porte físico, mas pela agilidade em transformar o que tivesse à mão em uma arma letal. Stephan Romano, meu irmão mais velho, andava sempre à sombra de meu pai. Era seu primeiro filho homem, o que herdaria tudo e comandaria os negócios da família. Eu sempre soube que Stephan, o primeiro na linha sucessória, era o favorito, meu pai nunca fez questão de esconder suas opiniões. E não se contraria um dos homens mais poderosos da Itália; se você discorda de Romano, lamente-se baixo, para que ele não ouça. Para mim sobrou apenas os ensinamentos de Santoro, impiedoso, frio e mortal. Lembro-me do dia em que Nick matou um homem com uma simples caneta, foi ali que decidi fazer dele o meu exemplo. Se eu desejasse algo, faria o possível para tomá-lo.

— Tudo tranquilo durante sua viagem ao Brasil. — Anunciou assim que me viu.

— Perfeito, Santoro. Agora tenho outra tarefa para você. — Mostrei meu celular a ele. Na tela, a imagem do documento de Catarina Vallenti. — Descubra tudo sobre essa mulher, família, trabalho, interesses... E não perca tempo, a qualquer momento essa morena descerá do avião.

Ele concordou e se posicionou a espera de senhorita Vallenti. O celular vibrou antes que eu o colocasse de volta no bolso. Uma curta mensagem: “Rato encurralado, ratoeira”. Era suficiente, algum delator havia sido pego e estava sendo “interrogado” naquele exato

momento. Já do lado de fora do aeroporto de Florença, minha Ferrari Enzo me esperava.

Cheguei na “ratoeira” em menos de dez minutos. Era improvável que a principal pizzaria de Florença também fosse o ponto de encontro das principais transações ilegais que ocorriam por debaixo dos panos da cidade, por isso eu a havia adquirido, assim como tantos outros pontos turísticos italianos. Entrei pela porta dos fundos, que dava acesso à cozinha da Pizzaria del Grasso, desci um lance de escadas e a porta da ratoeira se abriu.

Na sala conhecida por transformar homens em maricas, havia apenas uma cadeira de ferro e uma mesa com alguns instrumentos que fariam Hitler chorar. Encontrei o “rato” com os braços para trás, mãos algemadas, as pernas presas aos pés da cadeira e o olhar perdido. Reconheci o delator de imediato, um garoto recém-saído da adolescência (dezoito anos, no máximo), corpo esguio, cabelos pretos encharcados de suor e completamente nu. Havia sido mantido acordado durante algumas noites, umas três ou quatro, talvez.

— Não sou do tipo que perdoa rato, então te darei duas opções. Posso tornar seu extermínio rápido e quase indolor, ou... pode resistir por mais alguns dias e sofrer como um cão esfolado até que eu fique entediado com a sua tortura. Aí, rato, quando isso acontecer, você implorará pela morte rápida, mas esta opção não estará mais disponível.

Eu me aproximei da mesa de madeira e escolhi o alicate entre o machado e o facão, um dos meus preferidos...

***

Catarina Vallenti - Brasil

Assim que Ian pegou o que queria no Unique, voltamos para o meu apartamento, de táxi. Chegamos quando Camis saía do prédio.

— Ei! Calma, mulher! Aonde vai com toda essa pressa?! — Intervi antes que ela entrasse em outro táxi parado à nossa frente.

Assim que me reconheceu, Camila fez sinal para dispensar o taxista e me deu um abraço apertado.

— Tu disse que manteria contato, sua paulista dos infernos. — Camis me repreendeu em meio ao abraço sufocante.

— Eu sei, eu sei, dez dias sem dar notícias não faz meu estilo, mas tenho bons motivos.

Ian sorriu enquanto nos abraçávamos.

— Ah, entendi seu bom motivo...

Nós três subimos para o meu apartamento. Camis deu aquela olhada no italiano ao meu lado e sorriu satisfeita com o meu achado. Quase pude ler seus pensamentos mais tarados, ela não tinha um pingo de pudor naquele corpo magricelo, e quando estávamos no elevador, se eu por acaso sugerisse um ménage à trois, ela toparia na hora. Porém, se fosse para eu fazer algo do gênero, teria que transbordar masculinidade por todos os lados possíveis, estilo Marco Romano e Ian Salvatore. Uuui! Isso, sim, seria algo interessante de dividir...

— Você está fazendo aquela cara. — Ian sorriu presunçoso.

— Calado, não ouse. — Eu o interrompi, e Ian não continuou.

Infelizmente, meu subconsciente era mais difícil de controlar... Ian lambe meus mamilos enquanto Marco me chupa com tanta fome que eu fico prestes a acreditar que sou a última mulher do planeta.

Puta que pariu, só de pensar nisso já estou completamente encharcada!

— Hellooo, bonitinha, volta pra Terra! — Aquela era a voz de Camis me chamando ironicamente.

Assim que entramos no meu apartamento, o jeito discreto de ser de Camis impregnou o lugar.

— Guriaaaa!!! Tu ficou rica quando foi pra Itália, só pode! Contratou uma faxineira pra limpar esse lugar e só veio aqui pra me perguntar se eu aceito morar com você. — Ela sorria de maneira brincalhona, exibindo um sorrido perfeito.

Aquela era a Camis que eu me lembrava, brincalhona, debochada e com uma gota de chatice somente dela.

— Não exagera, gaúcha! — Respondi enquanto fechava a porta do meu apê. — Trazer você para o meu apê seria a mesma coisa que amarrar cachorro com linguiça.

Mal sabia ela que toda aquela limpeza fazia parte do charme do italiano sentado confortavelmente no meu sofá. Ah... se ela soubesse da missa a metade, surtaria.

— Vou tomar um banho rápido, acredita que esse cretino me fez correr quase quatro quilômetros hoje de manhã? — Provoquei apontando o polegar para Ian. — Agora preciso de uma boa dose de carboidratos para me recuperar.

Ian deu uma piscadela para mim e sorriu.

— Já entendi a direta, vou pedir algo para nós almoçarmos.

Durante o banho, eu não conseguia tirar da cabeça o que Ian havia me falado durante a corrida. Figurantes. Usar o terrorismo... E quando eu me enxugava com a toalha, ele invadiu o banheiro.

— Você é doido?! — Sussurrei assim que entrou.

— Sou, e advinha, sua amiga Camis tem um grupo de figurantes perfeito. — Anunciou excitado.

— Como assim? — Consegui perguntar antes que o último pingo do meu juízo fugisse por debaixo da porta.

Ian agarrou meu corpo nu e, com um movimento rápido, me debruçou sobre o chão do banheiro. O piso frio em contato com o calor da minha pele me fez gemer mais alto do que eu deveria. Gemi alto mais uma vez com a primeira estocada grossa e quente invadindo minha entrada apertada e úmida.

— Ela vai ouvir. — Sussurrei, tentando nos controlar.

— Como se isso importasse alguma coisa. Eu sei que gosta de ser fodida em público, Catarina. Eu sei que fica molhada com o perigo.

A pressão que se iniciava em meu quadril e irradiava pelo meu corpo parecia durar uma eternidade, assim como nosso beijo, prestes a me fazer perder os sentidos, e sua ereção quente e bruta, prestes a me arrebentar. Eu sabia que os olhos do italiano à minha frente expressavam o desejo de me penetrar por horas a fio... Dez, onze, doze, treze... trinta vezes. Ian era simplesmente incansável. Senti sua cabeça se avolumar e chegamos juntos ao orgasmo, delicioso e proibido, o calor de sua porra quente escorrendo por mim. Logo nos recompusemos, antes que fôssemos descobertos. Apesar de que não precisava ser nenhum Sherlock Holmes para saber que Ian e eu fodíamos igual a dois cães no cio naquele banheiro. Ele despertava o meu lado mais pervertido, me fazendo ultrapassar os limites.

— Então, Ian, continue me contando sobre o filme que está produzindo, talvez o meu grupo de teatro possa participar de

algumas cenas. Isso seria uma experiência surreal para eles.

Meu Deus! Como não me dei conta? A ideia de Ian se encaixava perfeitamente com o plano de roubar o carro-forte. Precisávamos de figurantes e Salvatore os arrumara em menos de uma hora. Pelas minhas contas, tínhamos apenas três dias para ensaiar os amigos atores de Camis a interpretar o medo como ninguém, ou Ian e eu seríamos fuzilados. Por via das dúvidas, pensei que seria interessante ter um ‘Plano B’, por isso aguardei até que Salvatore pegasse no sono e fiz a ligação que poria fim aos meus dias quase tranquilos.

— Alô, Marco? Quem fala é a Morena. Por favor, não desligue. — Pedi em um tom decidido.

CAPÍTULO 21 – O GRANDE ASSALTO

Catarina Vallenti

Fazer com que dez pessoas acreditassem atuar em um filme, e não estarem sendo usadas como falsos reféns, não era uma tarefa das mais fáceis, porém, quando a sua vida está por um fio, medidas desesperadas parecem fazer todo sentido. Já o meu estômago, não era tão racional quanto o meu cérebro, e por mais que eu tentasse não surtar, após passar a última noite antes do nosso plano em claro, enquanto Ian dormia como uma pedra, foi inevitável correr para o banheiro e dizer bom-dia aos sushis boiando no vaso sanitário, decorridos de um jato de vômito violento.

— Você está bem? — Ian apareceu na porta usando apenas uma cueca Calvin Klein cinza.

— Ótima! — Respondi sarcástica. — Só me lembre de nunca mais comer comida japonesa na vida!

Ian sorriu e pegou a toalha de rosto pendurada ao lado do espelho. Molhou com água fria e se ajoelhou ao meu lado.

— Me diz que isso é apenas nervosismo. — Insinuou colocando a toalha em minha nuca.

— Claro que é! Estou tomando comprimidos desde aquele dia. — Respondi com a voz rouca. — É só meu corpo surtando um pouco, não esquenta.

Eu me coloquei de pé e lavei o rosto na pia. Enquanto eu escovava os dentes, o italiano continuou me encarando com um ar preocupado.

— Talvez seja melhor você me esperar em outro lugar. Eu consigo.

— Ã?! De jeito nenhum! — Cuspi a espuma e lavei a boca. — Estamos nisso juntos, e nada me garante que você não dê no pé com o dinheiro e me deixe aqui sozinha nas mãos do Vasconcelos.

Ele se revoltou e saiu xingando em italiano...

— É isso o que pensa de mim? Desde que eu voltei, naquela mesma noite, não te dei motivos para duvidar de mim, Catarina. — Respondeu ofendido.

Fui atrás dele. Ian andava de um lado para o outro enquanto se vestia.

— Para, está me deixando tonta! Então me conte o que foi fazer todas as noites e o motivo de não poder me levar junto.

Surpreso ao perceber que eu sabia de suas fugas noturnas, Ian paralisou. Sim, eu sabia que ele saía com cuidado assim que pensava que eu já estava dormindo. Quando retornou após a primeira escapada e se deitou ao meu lado, decidi não fazer perguntas, mas as dúvidas estavam me corroendo. Isso sem contar o fato de que não transávamos desde que havíamos decidido o alvo do assalto e como fazê-lo.

— Já arrumou outra brasileira, seu safado?! É por isso que sai escondido todas as noites? — Minha voz saiu tremida e olhei para o lado, tentando controlar o choro.

Ian arqueou as sobrancelhas, surpreso com meu ataque de ciúmes. Essa é a única explicação!

— Vem aqui, Peppa. — Ordenou em tom ríspido e se dirigiu para a cozinha.

— Já disse para não me chamar assim! — Enxuguei a primeira lágrima e o segui.

Salvatore se ajoelhou em frente ao armário com os produtos de limpeza e puxou o gavetão, deixando à mostra uma mala preta de mão. Puxou o zíper e me mostrou o real motivo de tudo aquilo.

— O que é isso? — Indaguei sem conseguir identificar o que ele manuseava com cuidado.

— Explosivos. — Respondeu como se não fosse nada demais.

Dei um passo para trás, jamais imaginaria que aqueles tubos brancos que mais se pareciam com sacolés de coco eram...

— Nina, não se preocupe, apenas um é verdadeiro. — Ian interrompeu meus pensamentos. — Assim que os atores chegarem, prenderemos isso debaixo de suas roupas.

— Todos são falsos? — Perguntei ainda receosa.

— Com exceção deste. Torça para que não venhamos precisar dele.

Um pouco mais calma, voltamos para a sala e repassamos o plano até às oito da manhã.

— Você entendeu tudo? — Perguntou com olhar desconfiado.

— Sim, senhor do crime. Não vou surtar, eu prometo! — Ergui a palma da mão em sinal de juramento.

Ian sorriu e me deu um beijo rápido, porém intenso. Meu corpo inteiro se acendeu em comemoração ao ataque iminente, mas para a minha tortura, ele se afastou.

— Agora, vá se vestir. Legging e regata preta. O tênis Nike, nada de All Star.

Fiz beicinho e fiquei de pé.

— Ok! Mas, que fique claro, eu preferiria colocar um decotão vermelho e uma fenda da perna até a bunda. Seria de parar o trânsito! — Provoquei erguendo o baby doll.

A campainha tocou e corri para o quarto antes que Ian me agarrasse. É bom saber que ele é tão tarado quanto eu. Fechei a porta e vesti a roupa que ele havia ordenado. Prendi o cabelo em um coque baixo e me olhei no espelho preso na porta. Qualquer um que me visse daquele jeito, pensaria que eu ia ou voltava da academia.

Isso tem que dar certo!

Ian Salvatore

Dirigi a van escolar até a metade da quadra, o carro-forte estava estacionado a poucos metros, logo na esquina, bem em frente ao banco. As mãos de Nina estavam cruzadas sobre o colo. Então repassei as instruções para o grupo de atores pela última vez.

— Há câmeras estratégicas focando o carro-forte, pegando quatro ângulos diferentes. A reação dos que estiverem passando será de medo, completo terror ao verem vocês algemados com o corpo preso às dinamites falsas.

À medida que eu falava, eles concordavam eufóricos.

— Os guardas são figurantes e as armas cenográficas, assim como todo o resto. Quero que as câmeras captem o medo, então lembrem-se, vocês estão prestes a morrer, sustentem o papel até o fim, me entenderam?

Eles balançavam a cabeça positivamente. Catarina já havia colocado a fantasia cor-de-rosa e a peruca loira.

— Não se esqueça da máscara, Peppa!

Entreguei a máscara de plástico com a imagem da Peppa Pig.

— Idiota! — Nina me xingou colocando-a no rosto.

— Saiam em pares, e quando chegarem próximo ao carro-forte, algemem-se.

Peguei minha máscara de Pepé Le Pew e fui o primeiro a descer da van. Os atores saíram em duplas e formaram um círculo.

— Não seja pega, Principessa! — Dei um tapa em seu traseiro e corremos para a ação.

Como previsto, o policial que fazia vigia na porta principal do banco, carregando uma doze, se posicionou para o confronto mirando em Catarina.

— Isso é uma péssima ideia, senhor policial! — Gritei acenando com o celular.

Uma das atrizes começou a chorar desesperadamente.

— Não, por favor, não! Eles vão explodir tudo! — Implorou interpretando seu papel. A garota tinha talento para o drama.

Os carros pararam no semáforo e os pedestres nos cercaram na calçada. O circo estava armado.

— Caso tentem bancar o herói por um dinheiro que não lhes pertencem, pensem bem, se o botão que eu estou segurando por

qualquer motivo sair de minhas mãos, o estrago será feio! — Ameacei.

— Eu não quero morrer! — Outra atriz chorava baixinho.

Nina caminhou até a frente do carro-forte e uniu as mãos, formando um coraçãozinho para o motorista. Ela segurava a única banana de dinamite verdadeira e balançava a cabeça como se estivesse ouvindo uma música só dela.

— Moootorista? Quem quer doce? — Sua voz saiu anasalada. — Três minutos para você e seus dois amiguinhos aí dentro abrirem as portas e liberarem o din din, ou o gambazinho ali vai fazer booooom!!!

Homens e mulheres filmavam a cena com seus celulares, os olhares curiosos sobre nós. Já havia passado um minuto desde a abordagem.

— Dois minutos! — Gritou Nina.

Senti o suor escorrendo pelo rosto. Então ouvi o som de engrenagens metálicas seguido por um bipe mecânico. Funcionou! As portas traseiras do carro-forte estavam se abrindo.

— Muito bem! Agora joguem os sacos e afastem-se, vocês só têm um minuto. — Anunciei.

Ao longe, pude ouvir o barulho de sirenes. Polícia!

— Vou deixar essa belezinha bem aqui, embaixo da roda, ok? — Provocou Nina. — Se passarem por cima, é cabuuuuuum!!!!

Posicionou o explosivo e voltou para o meu lado, puxando os malotes para os nossos pés.

— Parados! — Um policial gritou em meio à multidão formada.

Tudo havia sido perfeitamente planejado, cortar caminho por entre os civis e pegar a moto estacionada no outro lado da rua. O

primeiro tiro zuniu e acertou a testa do segurança acuado em frente ao banco. Nina me encarou aturdida. De repente, um furgão preto invadiu o cerco formado pelas pessoas ansiosas pelo desfecho.

— Que merda! — Peguei os sacos das mãos de Nina e senti sua pele gélida. — Vai, pega o outro!

Catarina parecia não me ouvir, congelou assim que a porta do furgão se abriu. Um homem alto usando uma máscara de esqui preta, deixando apenas seus olhos azuis à mostra, saltou dali de dentro carregando uma Uzi calibre 9mm.

— Buon lavoro, Bruna!

Bom trabalho, Morena? Marco Romano! Nina me traiu. Foi o único pensamento que me veio à mente.

CAPÍTULO 22 – TROCAS

Catarina Vallenti

A cagada toda aconteceu quando liguei para Marco Romano assim que Ian voltou de sua primeira escapada noturna e pegou no sono.

— Alô, Marco? Quem fala é a Morena. Por favor, não desligue. — Disse em italiano, mantendo um tom de voz baixo. Eu estava no corredor do lado de fora do apartamento e temia que Ian surgisse na porta a qualquer momento.

Pude ouvir sua risada do outro lado da linha.

— Morena... Fugiu de mim? — Ouvir a voz de Marco fez os pelinhos da minha nuca se arrepiarem.

— Fugir? Eu não fugi!

Talvez eu não deva mencionar ter ouvido a sua voz logo após o tiro na noite da festa...

— Você me deixou sozinha naquela festa, está lembrado? Arrumei outra pessoa para me levar para casa. — Respondi quase em um sussurro.

— Sei... — Disse desconfiado. — Então, qual o motivo da ligação, saudades?

Outro pretensioso, estou bem arrumada!

— Eu quero fazer um acordo. — Respondi em tom imperativo.

***

Quando saí do transe, estávamos todos no furgão dirigido por um homem com a careca tatuada. Marco tirou minha máscara de Peppa Pig e sorriu.

— Atuou muito bem, Morena.

Ian tirou a máscara do gambá apaixonado e a atirou aos meus pés. Ele me encarava furioso, mas se limitou a permanecer em silêncio.

— Você atirou naquele policial? — Minha voz saiu trêmula. — Não havíamos combinado isso!

Marco se abaixou e abriu os sacos de tecido azul-escuro. Muito mais que duzentos mil!

— E? — Indagou com a voz fria, sem entender o motivo da minha reclamação. — Você queria sair em segurança, eu apenas garanti que isso acontecesse. — Respondeu vasculhando outros dois sacos, também repletos de maços, notas de cem e cinquenta. Eu não conseguia sustentar o olhar enraivecido de Ian.

— Eles já haviam entregado o dinheiro, Marco. Isso não era necessário! — Elevei a voz e Romano se aproximou, me agarrando pelo pescoço.

— Eu digo o que é ou não é necessário. — Bradou furioso.

Ian engatilhou a arma e mirou na cabeça de Marco.

— Solta ela! — Ameaçou com uma voz fria e cortante.

Marco relaxou os dedos agarrados à minha pele, que me impediam de respirar, e tossi com a garganta arranhada.

— Vocês dois, já chega! — Consegui dizer com o ar voltando aos meus pulmões.

Era muita testosterona para um furgão tão pequeno, dois homens prontos para explodir em uma briga que provavelmente não deixaria sobreviventes.

Ian voltou a se sentar no banco próximo à porta e Marco se sentou ao meu lado, pousando a mão sobre minha coxa. Só então me dei conta de que eu ainda estava vestindo a fantasia de princesa.

— Para onde estamos indo? — Perguntei enquanto tirava o vestido.

— Tem um galpão mais afastado da cidade, lá contaremos o dinheiro. — Respondeu acompanhando cada movimento meu, como um predador espreitando sua caça.

O trajeto demorou quase uma hora, a tensão era palpável no ar. Não havia muita iluminação ali, as janelas eram cobertas por um plástico negro, a claridade vinha somente do painel dianteiro do furgão.

— Quanto acha que tem aí? — Tentei puxar conversa com Ian, mas ele me ignorou completamente.

Marco percebeu e sorriu de canto, com ar sarcástico.

— Problemas no paraíso, Bonnie e Clyde?

O sacolejo do furgão aumentou, parecia que estávamos em uma estrada de chão batido. Eu já não aguentava mais aquela situação, precisava falar com Ian e explicar porque havia pedido a ajuda de Romano, mas precisava ficar a sós com ele. Finalmente a

velocidade reduziu, até o furgão parar por completo. Marco foi o primeiro a se levantar, pegando a Uzi antes de abrir a porta. Minha boca estava seca e eu sentia o enjoo voltando com toda a força.

— Abre logo, não aguento mais ficar aqui dentro. — Apressei com as mãos sobre a barriga, que se contraia em uma cólica desgraçada.

Assim que Marco deslizou a porta para o lado, passei na sua frente e pulei para fora. Respirei fundo, enchendo os pulmões e deixando que o ar fresco daquele campo aberto me invadisse.

— Até que enfim! — Respirei mais aliviada.

Marco e o motorista se reuniram no interior do furgão, cada um com uma máquina para contar os maços de dinheiro.

— Ian, quero falar com você. — Pedi em português, sabendo que Romano não nos entenderia.

Salvatore estava escorado na entrada do furgão e continuava a me olhar furioso.

— Não há nada para falar, Catarina. Assim que eu pegar meus duzentos mil, sigo o meu caminho e você segue o seu. — Sua voz soou dura e impaciente. — Só te peço uma coisa, me diga para onde vai, quero ter certeza de que não nos esbarraremos por aí.

Não pude acreditar em suas palavras frias. Ian não me deu nem a chance de explicar, só queria distância de mim. Engoli em seco e soltei meus cabelos, sentindo a cabeça latejar de dor. Dei alguns passos encurtando o espaço entre nós. A proximidade apenas me fez sentir mais de perto a decepção e o ódio lançados por aqueles belos olhos azuis. Aquilo era uma despedida.

— Não chegue mais perto, ou seu dono vai te colocar na coleira. — Sua voz ácida me machucou mais uma vez.

— Foda-se, Ian. Não sofrerei mais por ninguém. — Resmunguei irritada e virei as costas a tempo de ele não perceber que meus olhos se enchiam de lágrimas.

Não chore, Catarina, não chore!

— Marco, separe duzentos mil reais para o senhor Salvatore e vamos embora de uma vez. Não aguento mais esse mato. — Gritei me afastando do furgão.

Meu coração estava sangrando mais uma vez por aquele maldito italiano, mas ele não precisava saber disso.

***

Marco Romano

Demoramos vinte minutos para contar o dinheiro dos três sacos, o tal Ian Salvatore estava parado com os braços cruzados olhando para nós enquanto terminávamos de separar a última pilha.

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — Sondou.

Sorri irônico e comecei a guardar a parte dele.

— Eu e a Morena temos uma química. — Eu disse olhando diretamente em seus olhos. Ele cerrou os punhos e colocou as mãos para trás. — Mas é claro que isso não é da sua conta.

Atirei a sacola em sua direção e ele a pegou no ar.

— Estão aí os seus duzentos mil.

Saí do furgão e caminhei até Catarina, seus cabelos balançavam com o vento forte. Quando percebeu minha aproximação, secou o rosto e me encarou com a ponta do nariz vermelha.

— Fala, Morena. — Sentei-me no chão ao seu lado e afastei uma mecha dos cabelos que grudavam no rosto úmido pelas lágrimas.

— Viu? Você demorou tanto que atacou a minha alergia! Odeio mato, Marco.

— Alergia? Quer que eu mate esse Ian? Fará você se sentir melhor? — Indaguei impaciente.

Ela me encarou com os olhos arregalados.

— É claro que não! Pra você tudo é assim? Resolve todos os seus problemas na base do tiro? — Me confrontou ofendida.

— Na maioria das vezes, sim. No tiro ou na tortura, depende do caso. — Respondi com franqueza.

Morena mordeu o lábio inferior e seus olhos castanhos me analisaram com reprovação.

— Não é a mesma Morena que conheci a caminho da Itália. — Provoquei acariciando seu joelho. — Aquela estava pronta para o perigo e ansiava por uma aventura. Acha que eu saí de Florença por quê? Por uma garota chorona?

— Pelo dinheiro. — Respondeu ligeira.

— Não, você sabe que não. Já entreguei os duzentos para o infeliz, agora eu quero a minha parte do acordo.

Morena deitou-se no chão, seu peito subia e descia com a respiração acelerada. Senti minha ereção aumentar.

— Então... me fode! — Ela pediu com a voz rouca.

***

Catarina Vallenti

Eu não havia me esquecido do nosso acordo, sabia que teria que transar com Marco mais uma vez. Se por acaso ele precisasse intervir no assalto, como de fato aconteceu, essas eram as suas

condições, me comer e ficar com metade do dinheiro. Agora o diabo loiro estava me olhando faminto, pronto para me cobrar seu preço.

Eu também sabia que Ian nos observava, eu queria magoá-lo e fazer com que ele se sentisse usado, tanto quanto eu. Queria mostrar para Salvatore que ele não era o senhor dos orgasmos múltiplos, por isso agi como uma cadela e as únicas palavras que saíram de meus lábios foram...

— Então... me fode!

Não precisei pedir duas vezes. Marco montou sobre mim e inclinei a cabeça para trás, para ter a certeza de que Ian ainda estava lá, nos observando à distância. Sim, ele estava olhando, e não havia para onde fugir, estávamos no meio do nada.

Marco tirou um preservativo do bolso e rasgou a embalagem com os dentes.

— Não, não precisa. — Tirei o pacote de suas mãos e acariciei seu sexo, sentindo sua poderosa ereção pelo jeans escuro. Ele sorriu e arrancou minha legging e minha calcinha de uma só vez.

Senti a grama morna roçar na minha bunda e gritei assim que Marco me arremeteu, cobrindo meus lábios com um beijo quente e molhado, sua barba arranhando meu rosto. Agarrei seus cabelos loiros entre os dedos e os puxei com força. Senti o calor dentro de mim, seu corpo dominando o meu. Romano ditou o ritmo de cada estocada certeira e profunda, meu corpo seguiu entregue e sem controle o italiano que me consumia, entrando e saindo sem pressa. A pressão que se iniciava em meu clitóris e se espalhava por cada centímetro do meu corpo foi suficiente para me fazer gozar em poucos minutos.

— Morena... apertadinha e molhada. Agora você é minha.

Marco continuou me penetrando, sem parar, seu quadril encaixando-se no meu ao final de cada estocada, como um quebra cabeça perfeito. Não havia espaço para pensamentos, culpa ou medo, apenas para o puro e delicioso êxtase do longo orgasmo que me invadiu uma, duas, três vezes quando o membro grosso de Marco se avolumou em meu sexo latejante, que acolhia cada movimento seu.

Romano gozou urrando meu nome, e com ele, meu último orgasmo, tão violento e quente que senti a explosão escorregadia se reverberar por todo o meu corpo. Marco saiu de mim e rolou para o lado respirando ofegante.

Voltei a olhar para Ian, mas ele não estava mais lá. Havia levado o furgão, deixando para trás apenas o corpo do motorista desmaiado. Ou morto. Daquela distância, eu não sabia dizer ao certo.

Italiano cretino!

CAPÍTULO 23 – PERDIÇÃO

Catarina Vallenti

— Filho da mãe! — Bradou Romano correndo na direção do corpo do homem caído perto do antigo galpão.

Levantei e caminhei a passos rápidos para alcançá-lo.

— Ele está bem? — Perguntei em italiano enquanto ele desvirava o corpo inerte do careca tatuado. Próximo à nuca, um corte não muito profundo e o sangue coagulado. Marco mediu os sinais vitais do motorista pelo pescoço.

— Vai viver, só está desmaiado. — Constatou e voltou a ficar de pé, afastando os cabelos loiros do rosto com uma passada de mão.

Observar a maneira como Marco Romano agia era tão hipnotizante quanto admirar Ian Salvatore, porém, belezas distintas. Enquanto Marco tinha os cabelos loiros, lisos e rebeldes, uma barba que acompanhava o tom de seus cabelos cobrindo seu maxilar largo, e se movia de um lado para o outro dotado de um porte ameaçador, como um verdadeiro predador, Ian possuía uma beleza sedutora, máscula e elegante, os cabelos lisos quase negros, não

tão longos. Quer tirar esse italiano da cabeça? Minha mente me puniu por pensar em Salvatore. A partir de hoje, Ian é página virada!

Em pensar que por ele eu havia decidido abandonar a única família que me restara sem sequer me despedir... Assaltar aquele carro-forte com Salvatore foi a morte de Catarina Vallenti. Àquela altura, os atores-reféns já deveriam estar prestando depoimento na delegacia, e provavelmente meu apartamento sendo arrombado por policiais atrás de pistas sobre nós, vasculhando tudo. Ah, sim, eles encontrariam a carta para Binho que eu havia pendurado na porta da geladeira. Nunca fui muito boa em dizer adeus.

“Binho, não seja tão relaxado! Estou muito feliz em saber que você está servindo o exército, finalmente vai criar músculos nesse corpo magrelo. Peço desculpas se nem sempre eu soube o que dizer, mas obrigada por ser um bom irmão. Eu queria escolher palavras mais bonitas e escrever algo decente, mas tem um olho na minha lágrima aqui... hahaha. Sei que eu nunca disse que te amo, mas acho que minhas ações sempre falaram por mim. Fiz o melhor que pude para que você chegasse à vida adulta sem se perder por aí. Sei também que papai e mamãe estão orgulhosos de você, assim como eu. Não posso explicar os motivos que estão me levando a essas atitudes, só quero que saiba que ficarei bem. Com amor, Nina.”

— Morena! — A voz de Marco me trouxe de volta, me tirando de minhas tristes lembranças.

O homem tatuado já estava sentado e apalpava a ferida na nuca.

— O filho da puta me deu uma coronhada. — Rosnou se queixando para Romano.

— O que vai fazer agora? — Perguntei me aproximando de Marco, que olhava para o horizonte esperando por algo.

Ele então me encarou e sorriu de canto.

— Tenho algumas coisas para resolver no Sul. Já que estou por aqui, vou checar uns carregamentos.

O que ele quer dizer com carregamentos? Com que tipo de negócios ele está envolvido? Algo me dizia que não era o momento certo para perguntar.

— Recebi uma mensagem, o piloto chegará em alguns minutos. — Marco respondeu guardando o celular no bolso da calça. — E você vem comigo. — Sorriu satisfeito e me puxou pela cintura, pude sentir a rigidez de seus músculos contra o meu corpo.

— Não vai atrás de Ian? E o dinheiro? — Questionei surpresa.

Marco me apertou com mais força e balançou a cabeça negativamente.

— Eu saí ganhando, Morena. Eu sempre ganho. — Anunciou confiante.

Seus olhos azuis de um tom um pouco mais escuro do que os de Ian pareciam me hipnotizar. E para selar aquela sentença, bom, eu não posso dizer que Romano me beijou. Não! Aquilo estava mais para uma cena de sexo com os lábios. Sua língua se enfiou em minha boca, tomando-me. Inclinei a cabeça um pouco mais e fiquei na ponta dos pés para senti-lo ainda mais profundo, enquanto suas mãos subiam e desciam pelas minhas costas, seu toque pesado e quente. A tensão começou a tomar conta do meu corpo, sua respiração estava acelerada, tanto quanto a minha. De repente, todos os meus sentidos estavam concentrados no perigoso italiano que me devorava através daquele beijo espetacular.

— Chefe, nossa carona. — O homem tatuado nos interrompeu, apontando na direção do helicóptero que se aproximava.

Quando Marco me soltou, respirei fundo e prendi o ar por alguns segundos, na tentativa de acalmar meu corpo sedento por mais. Meus lábios ainda formigavam pela agressividade daquele “beijo”. Demos alguns passos para trás. As hélices giravam com velocidade, provocando rajadas de vento que agitavam a grama.

— Vamos nisso? — Minha voz soou tremida.

— Só até a pista particular de um amigo, de lá pegamos um jatinho.

Tudo correu como Romano planejara, chegamos em Gramado no final da tarde. Quando o jatinho pousou em solo gaúcho, não pude deixar de pensar em Camis, ela deveria me odiar, assim como Ian. Droga, Catarina! Enterre logo esse italiano! Mais uma vez me peguei pensando em Salvatore, tarefa difícil a de tirá-lo de meus pensamentos, ele era intenso demais.

Marco abriu a porta da Hummer preta com vidros fumê e me sentei no banco da frente. Dirigiu em silêncio. Recostei a cabeça no vidro e fechei os olhos por alguns minutos, por mais linda que fosse a paisagem, eu não estava com espírito para passeio. Minha barriga roncou, então cruzei os braços ao redor de minha cintura.

Paramos em frente a uma casa de três andares. Soltei o cinto de segurança e desci antes mesmo que ele saísse do carro. Eu estava cansada, exausta para ser mais exata, cada célula do meu corpo implorava por descanso. Os dois seguranças parados na porta de entrada me olharam de cima a baixo, mas só abriram caminho quando Romano se aproximou, me segurando pela cintura.

Os homens o cumprimentaram com um aceno de cabeça e o mais musculoso abriu as portas da mansão. Assim que entrei, percebi que aquela não poderia ser considerada uma casa comum, e sim, uma danceteria de luxo, dessas que vemos em filmes como Cassino ou Velozes e Furiosos. O bar no formato meia-lua era confeccionado em um metal escuro e vidro negro. Do centro do salão até a outra extremidade, se estendia uma pista de dança em formato de ‘T’. Globos de espelho suspensos no teto intercalavam holofotes coloridos posicionados para a pista.

O celular de Marco tocou e ele o atendeu no segundo toque.

— Pode se instalar lá em cima. — Me disse apontando para uma escada de mármore no canto esquerdo do salão e voltou sua atenção para a pessoa do outro lado da linha.

Eu o deixei ali, conversando com quer que fosse, e subi. No segundo andar, me deparei com um extenso corredor bem iluminado, paredes em tons claros e um tapete liso. Não cheguei a contar o número de portas, talvez dez ou doze de cada lado. Bom, ele disse para eu me instalar, será que posso escolher qualquer quarto? Bati de leve na primeira porta, mas não houve resposta. Entrei no cômodo decorado com véus de seda em tons de vermelho e dourado sobre a cama redonda com lençóis rubros bem esticados. Uma suíte de núpcias, ou melhor, um quarto de motel temático. Senti o perfume das velas e flores secas que adornavam a decoração sobre uma mesa de vidro próxima à janela com vista para o centro da cidade. A alguns metros da cama, um mastro metálico quase ao lado da banheira de hidromassagem com espaço para quatro pessoas.

Liguei a banheira e jatos de água quente começaram a enchê-la enquanto eu terminava de examinar o quarto com certa curiosidade. Tudo parecia impecável, um luxuoso refúgio. Tirei a roupa e a estiquei sobre a cama. “Vista as roupas que separei”, a voz de Ian invadiu meus pensamentos. Tão controlador e obcecado por limpeza... E aquele apelido ridículo? Ah, como me irritava quando me chamava de Peppa Pig! Esquece isso, Catarina!

— Ai, que delícia... — Falei baixinho ao entrar na banheira, me deliciando com a água que cobria meu corpo por inteiro e me relaxava aos poucos.

— Tem espaço para mais dois? — Ian apareceu na porta do quarto acompanhado por Marco. Carregava uma garrafa de champanhe na mão esquerda e, na direita, três taças vazias.

— Como assim, o que está fazendo aqui? — Perguntei confusa.

Marco foi o primeiro a entrar no quarto. Jogou pastilhas douradas na água e acionou o botão da hidromassagem. Logo uma espuma branca se formou com o agito da água.

— Temos um interesse em comum, Peppa. — Ian respondeu, se direcionando até a mesa de vidro para servir as taças.

— Dinheiro! — Retruquei irritada ao me lembrar de como ele havia me abandonado no meio do mato sem ao menos dar uma chance para eu me explicar.

— Você, Morena. — Romano me corrigiu, exibindo músculos perfeitos e bem desenhados distribuídos em um largo peitoral tatuado e uma cintura fina ao se despir. — É nisso que esteve pensando? — Ele agarrou o membro rígido e ereto e começou a se masturbar. — Em como seria ser fodida por nós dois?

Olhei para Ian, já desfilando nu enquanto trazia as taças e a garrafa para perto da banheira. Eu não sabia para quem olhar primeiro, os dois eram perfeitos. Cada músculo de Salvatore, tenso de desejo. Senti meus seios doloridos de tesão, qualquer mulher mataria para estar no meu lugar.

Marco entrou na banheira e se posicionou atrás de mim. O nível da água subiu, estava prestes a transbordar.

— Humm! — Ele gemeu e me puxou pela cintura para mais perto. Senti seu membro roçar em minha bunda.

Ah, se não fosse por essa banheira, ele perceberia quanto estou molhada. Meu clitóris latejava e eu já estava a ponto de gozar sem nem mesmo ter sido penetrada. Mordi o lábio inferior e aceitei a taça que Ian me oferecia.

O champanhe estava gelado e as bolhas fizeram cócegas assim que tocaram meus lábios. Marco deu início à minha tortura, seus dedos grossos deslizando da minha cintura para o meu sexo, acariciando em um movimento de vai e vem entre minha boceta e meu ânus.

— Qual parte vou comer primeiro? — Sussurrou em meu ouvido.

Salvatore me observava arfar enquanto eu não conseguia tirar os olhos de seu pau grosso e rosado, então se juntou a nós e um misto de espuma e água transbordou. Ian deixou sua taça na borda da banheira e suas mãos agarraram meus seios escorregadios. Ele apertou-os para aliviar meu desespero, roçando os polegares em meus mamilos enrijecidos, e inclinou-se em minha direção, avançando sobre meus lábios, possessivo, doce e sensual. Romano me penetrou por trás, devagar, a cabeça abrindo caminho. Eu jamais havia sentido prazer em sexo anal, mas aquilo poderia ser

descrito como o céu. Romano se movia em um ritmo lento maravilhoso para que eu pudesse receber seu membro até a base. Eu estava em êxtase, simplesmente entregue àquela luxúria pecaminosa. Então ouvi um estouro, o que me tirou imediatamente daquele sonho erótico. Tonta de desejo, abri os olhos e percebi que estava só. Um sonho, foi apenas um sonho...

CAPÍTULO 24 – ALGEMADA AO DIABO

Catarina Vallenti

Terminei meu banho e vesti a mesma roupa. Espreguicei-me na cama redonda e liguei a televisão com o controle remoto. Zapeei os canais, a maioria privê, até que minha foto surgiu na tela de quarenta e duas polegadas. Na legenda, meu nome: “Catarina Vallenti, procurada por assalto a carro-forte”. Droga! Aumentei o volume e a voz da jornalista ecoou pelo quarto.

“(...) Catarina Vallenti é a única identificada até o momento. O assalto aconteceu no final desta manhã, os outros dois assaltantes ainda não foram identificados. Houve tiroteio, um dos policiais que fazia a segurança do carro-forte foi baleado e morreu na hora. (...)”

Eu carregaria a morte daquele homem para sempre, minha displicência e falta de confiança em Ian fizeram com que aquele homem, que estava trabalhando, não voltasse para casa. E se ele tivesse esposa e filhos? E se fosse o único responsável pelo sustento da família?

— Chega de ver esse lixo! — Marco Romano apareceu na porta com um cigarro aceso pendendo entre os lábios. Foi até a televisão suspensa na parede e a desligou.

Os cabelos de Marco, pouco acima do ombro, eram apenas mais um sinal de sua rebeldia. Poucos homens poderiam usar aquele corte e não parecerem afeminados, uma contradição, já que era até um pecado usar a palavra afeminado na mesma frase que o nome de Marco Romano. Ele era um verdadeiro macho, no sentido mais bruto do termo. Nele, não havia espaço para dúvidas.

— Vem, quero te mostrar o novo carregamento, preciso de um toque feminino. — Pediu com a voz grave.

Eu desci da cama e comecei a procurar por meus tênis. “Onde os deixei?”, pensei me agachando para olhar embaixo da cama. Pude ouvir a voz de Ian em meus pensamentos... “Peppa bagunceira!”.

— Agora, Morena! — Ordenou. Impaciente.

Bufei revirando os olhos.

— Então vou descalça, não sei onde deixei meus tênis. — Retruquei sentindo minha voz falhar. “Acho que estou ficando com dor de garganta.” Eu não gostava da maneira como ele me repreendia, mas o segui descendo pela extensa escadaria que dava acesso ao salão principal transformado em danceteria.

Um homem corpulento vestindo camisa social branca e calça escura estava parado na porta, observava a fila de garotas sem muito interesse. Preso em sua camisa, um suspensório e um suporte para as armas que carrega junto ao peito. Na pista em forma de ‘T’, quinze jovens, entre quinze e dezoito anos, talvez, aguardavam a inspeção vestindo apenas calcinha e sutiã.

— O que significa isso? — Perguntei quase afônica.

“Era isso o que ele queria dizer com carregamento? Marco Romano trafica meninas?” Marco não me respondeu, apenas caminhou na direção das garotas. Fiquei imóvel no último degrau da escada, agarrando com força o corrimão.

— Vocês têm dois aspectos em comum, são belas e virgens. Será feito um leilão na noite de inauguração, até lá, cada uma ficará em uma das suítes temáticas localizadas no andar de cima. Todas as suítes são equipadas com cofres pessoais, do qual eu serei o único a ter a combinação. Ao completarem dois anos trabalhando como acompanhantes de luxo, vocês poderão ir embora levando o prêmio arrecadado no leilão. Estes termos são inegociáveis. Durante o dia, serão responsáveis por manter sua própria suíte limpa e organizada, para que, à noite, possam receber os clientes. Aqui não haverá brigas e não haverá roubo. Santoro será responsável por mantê-las em segurança. — Romano apontou para o italiano corpulento parado na entrada. — Qualquer outro assunto, vocês podem tratar com a Morena.

Marco apontou para mim e sorriu de canto. Senti o estômago embrulhar e subi para o meu quarto aos tropeções, incapaz de ouvir aquele discurso ridículo. Fui direto para o banheiro e ergui a tampa do vaso sanitário, uma cólica violenta seguida pela ânsia. O gosto amargo e ácido da bile inundou meus lábios. Ouvi uma salva de palmas vindas do andar de baixo. Minha cabeça girava. Eu me sentei no piso de porcelanato frio e continuei abraçada ao vaso.

— Morena? Precisa de ajuda? — Indagou a menina de longos cabelos negros e pele queimada de sol, era dotada de uma beleza exótica incrível.

— Não. — Minha voz saiu rouca e me levantei, ainda sentindo-me zonza.

Lavei a boca e o rosto e voltei para a cama, sentando-me na beirada. Eu me sentia suja por fazer parte daquilo.

— Quantos anos você tem? — Perguntei estalando os dedos nervosamente, eu não conseguia olhar para a menina.

— Fiz quinze, por quê?

Meu Deus! Quinze anos?!

— Você realmente sabe o que está prestes a se tornar? Acha que o dinheiro vale a pena? — A encarei tentando despertar algum ponto de lucidez na jovem imatura.

Ela suspirou e sorriu sem graça.

— É só por um tempo, depois disso eu irei para fora, para seguir minha carreira de atriz. — Explicou iludida.

— E como te convenceram a isso? — Questionei.

A menina tamborilava os dedos sobre a coxa nua.

— No Facebook. — Respondeu como se fosse óbvio.

— Pode me fazer um favor? — Pedi interrompendo-a. — Não estou me sentindo muito bem, quero ficar um pouco sozinha. Se o Marco perguntar, diz a ele que estou indo dormir para me recuperar da viagem, ok?

Ela acenou com a cabeça e saiu fechando a porta sem bater. Assim que a menina se foi, continuei procurando meus tênis. Droga! Afastei a cortina e abri a janela de vidro, uma gelada rajada de vento fez meu corpo inteiro estremecer. Já era noite e os postes das ruas estavam todos acesos. Calculei a altura entre o segundo andar e a calçada. “Tem que dar certo”, pensei agarrando-me ao parapeito, meu coração batia acelerado, e mesmo exausta pela tensão, me

segurei firme, colocando a perna direita para fora da suíte. Não havia tempo para pensar em uma saída mais segura, eu precisava agir rápido.

— Vai a algum lugar, Morena? — A voz de Romano soou dura.

Marco Romano agarrou-me pelos cabelos com tanta força que parecia prestes a arrancar o topo da minha cabeça. Ele me puxou para dentro do quarto com a brutalidade de um animal. Minha cabeça latejou.

— Seu porco! Tenho nojo de você! Matou um homem em Florença, matou aquele segurança e agora irá prostituir essas meninas?! Não consigo nem olhar!

O chute que Romano desferiu em meu maxilar me fez urrar de dor, por um segundo pensei que desmaiaria, mas, infelizmente, eu não tive essa sorte. Marco me agarrou pelos cabelos mais uma vez e afundou o punho fechado em meu ouvido. Um zunido estridente seguido pela mudez dos acontecimentos seguintes, não fui capaz de ouvir meus próprios gritos. Quando ele me soltou, desabei aos seus pés. Na porta, pude ver a menina morena que conversara comigo ao lado de outras duas adolescentes. Ele me usava como exemplo.

O sangue quente escorreu pelo canto dos meus lábios.

— Quer fugir, Morena? — Ele berrou furioso. — Sou seu dono!

Eu me encolhi no chão em posição fetal, torcendo para que aquela tortura chegasse ao fim quanto antes. O último golpe foi um pisão em minhas costelas, então Romano se foi, batendo a porta do quarto com violência. Não consegui me mover, fiquei naquela posição durante horas e horas, tentando controlar o choro. O

simples ato de respirar fazia com que ondas excruciantes de dor irradiassem por meu corpo.

O gosto do sangue nos lábios me deixou ainda mais nauseada, e meu corpo tremia de frio, apesar de arder em febre. Eu não tinha forças para me levantar. Senti a urina correr por entre minhas pernas, formando uma poça abaixo de mim. O inchaço em meu olho fez com que ele se fechasse por completo, e com a visão turva do que restara, meu olhar se perdeu em direção à janela. Tão perto...

Quando despertei no dia seguinte, já estava na cama com o corpo coberto apenas pelo lençol branco. Tossi e as ondas de dor mais uma vez deram sinal de que a noite anterior não havia sido apenas um terrível pesadelo.

— Ela está acordando. — Disse uma das meninas.

Uma menina loira sentou-se ao meu lado, vestia um suéter com gola ‘V’ de lã na cor rosa e calça jeans. Ela me encarava com seus grandes olhos azuis.

— Hora de comer! — Anunciou com um sotaque gaúcho carregado. — Saco vazio não para em pé!

— Quem é você? — Perguntei com a voz fraca.

Ela sorriu pegando a bandeja que a outra garota, a moreninha da noite anterior, entregava com o café da manhã.

— Pode me chamar de Lola. — Respondeu exibindo um sorriso simpático.

Os ferimentos demoraram a cicatrizar, durante duas semanas não saí daquele quarto de luxo, era a minha prisão. Há dias eu não via Romano. Eu conversava com as garotas, que passavam o dia limpando ou malhando na academia que havia no terceiro andar.

A surra não me deixara marcas visíveis. Não havia cicatrizes físicas, apenas psicológicas, e descobri da pior maneira que aquelas eram as piores. Eu dormia cedo, tentando sonhar com alguma maneira de escapar dali, mas Marco não me dava paz nem enquanto eu dormia, não houve uma noite sequer que não sonhei com o espancamento. Ele assombrava minhas noites, e Ian perturbava meus dias. Para onde você foi, Ian?

Naquela tarde, ouvi Santoro conversar com Romano ao telefone.

— Está tudo pronto para a inauguração. — Respondeu em italiano.

Parei no topo da escada, posicionada em um ponto cego a fim de que Santoro não percebesse minha presença.

— Bom voo, Marco. — Santoro desligou.

Estremeci ao saber que Marco Romano retornaria à noite, o senhor dos meus pesadelos. Com as pernas bambas, caminhei pelo corredor até chegar à última porta, inundada de vozes. Respirei fundo e engoli meu orgulho, afinal de contas, eu precisava sair dali, viva.

CAPÍTULO 25 – PEDINDO SOCORRO

Catarina Vallenti

O closet gigante era três vezes maior do que o meu antigo apartamento, possuía longas araras metálicas e uma vasta porção de fantasias, trajes coloridos de látex, couro e plumas, em sua maioria cor-de-rosa, vermelho e preto. No lado direito do closet, roupas para o dia a dia que usávamos em conjunto.

Entrei no quarto com os braços em volta do corpo, algumas garotas me olharam de soslaio e diminuíram o tom de voz.

— Não precisam parar o que estão fazendo. — Eu disse em alto e bom som. — Só vim aqui atrás de algumas roupas.

Peguei uma calcinha preta e um véu translúcido de seda vermelha. Voltei para o meu quarto-prisão, liguei a banheira e a água começou a jorrar. Eu deveria estar preparada para quando Romano retornasse.

Marco Romano

Santoro terminou de passar o relatório do último carregamento de drogas. Tirei um cigarro do bolso da jaqueta e o coloquei na boca.

— E Morena? Não tentou mais nada? — Perguntei acendendo o cigarro com a mão na frente do fogo, para que o vento frio não apagasse a chama do isqueiro.

Santoro abriu a porta e me cedeu passagem.

— Não, senhor. Tudo tranquilo. Algumas meninas pediram remédio para dor, estão nervosas com a inauguração.

Soltei a fumaça pelo nariz e dei mais uma tragada.

— Então providencie algo, mas nada muito forte, não queremos que fiquem inconscientes. — Orientei vistoriando o salão da danceteria, já decorado com tecidos do chão ao teto. — Mais alguma coisa que eu precise saber?

Parei próximo à escada de acesso aos quartos. Santoro balançou a cabeça negativamente. Olhei as horas em meu relógio de pulso, quase dezenove horas.

— Vou subir um pouco.

Assim que cheguei ao topo da escada, percebi que a porta da suíte de Morena estava entreaberta. Eu empurrei e ela se abriu devagar, sem fazer barulho. De pé, Morena fechava a cortina, deixando o ambiente iluminado apenas por velas. No instante em que a vi seminua, usando apenas uma calcinha cintura alta preta, que deixava sua bunda gostosa à mostra, e coberta por um véu vermelho, senti meu pau latejar. Ela se virou e me encarou com um sorriso malicioso.

— Estava te esperando. — Anunciou com voz aveludada. À medida que caminhava, os cabelos soltos se movimentavam sobre os seios nus.

— Aceito suas desculpas. — Rosnei e a agarrei pela cintura quando chegou mais perto.

Morena sorriu e rebolou, esfregando-se em minha ereção.

— Eu fui uma idiota naquele dia. Só estava um pouco alterada, não vai se repetir.

— Eu sei que não. — Rebati, tirando o cigarro da boca e o apagando na beira da banheira.

— Acho que gostou do meu traje. — Morena provocou inclinando o corpo para trás.

Eu a joguei sobre a cama e seus cabelos escuros se espalharam pelo lençol. Ela mordeu o lábio e ficou de quatro. Tirei minha roupa com rapidez.

— Quero te pedir uma coisa.

— O quê? — Resmunguei tirando um preservativo do bolso.

— Quero participar do show dessa noite. Posso?

— Vou pensar no seu caso. Agora, fique nua e vire essa bunda pra mim. — Ordenei.

Morena se aproximou da beirada da cama, ainda de quatro. Não havia marcas da surra que eu havia lhe dado semanas antes, deve ter aprendido a lição, estava obediente e safada, bem ao meu gosto.

Coloquei a camisinha enquanto ela rebolava o belo rabo, ainda me provocando.

— Não mandei você ficar nua? — Bradei subindo na cama.

Agarrei-a pelo quadril, afastei a calcinha para o lado e a penetrei com uma estocada profunda. Seus dedos seguraram o lençol. Debrucei-me sobre ela e o peso de meus músculos fez com que seu corpo cedesse. Fiquei em posição de apoio, os braços flexionados,

meu pau entrando e saindo da bocetinha apertada e quente da morena rebelde.

— Quer dar showzinho hoje à noite, é? Quer ser comida por outro? — Indaguei sem diminuir o ritmo das estocadas.

Ela gemeu meu nome e não respondeu.

— Fala, quem vai te foder até cansar?

— Romano. — Sua voz saiu abafada pelos lençóis.

O calor espalhando-se pelas minhas costas e peito, uma queimação irradiando por cada músculo, o membro latejando, a cabeça quase explodindo para gozar.

— Ainda estou irritado com você. Prometa que não tentará fugir de novo. Não sou do tipo que perdoa.

Senti sua boceta se contrair em um orgasmo longo e molhado. Morena movimentava o quadril acompanhando as estocadas.

— Só você. — Ela gemeu, puxando minha mão para mais perto de seus lábios entreabertos.

Morena lambeu meus dedos e iniciou uma chupada lenta, aumentando o ritmo.

— Caralho! — Urrei voltando a apoiar as duas mãos no colchão, penetrando-a fundo. Continuei estocando, estocando, estocando, até o calor úmido e insano de nossos corpos nus e suados se tornar insuportável.

Gozei violentamente quando a ouvi gemer baixinho.

— Porra, porra, porra! — Relaxei exausto sobre ela.

Morena tossiu e sorriu.

— Você está me esmagando. — Sua voz saiu fraca. — Preciso respirar.

Saí de dentro dela e rolei para o lado. Seus olhos castanhos amendoados me observavam quase sem piscar.

— Vou deixar você se apresentar hoje à noite, mas sem sexo. — Adverti com a voz firme. — Você é minha.

Catarina Vallenti

Fiquei de quatro na esperança de não ter que olhar para a cara de Marco enquanto ele me fodia. Meu corpo ainda tremia, mas aos poucos minha respiração voltava ao normal. Ah, se você soubesse que pensei em Ian... Que em cada estocada, cada gemida, o imaginei ali... E que aquilo tudo era apenas para satisfazê-lo... Provavelmente, você me mataria! Escondi meus pensamentos secretos com um ligeiro sorriso de canto.

— Obrigada, Romano.

Marco se vestiu e me deixou só. Continuei deitada na mesma posição, seminua, pensando que teria que ser muito rápida se quisesse ter alguma chance de escapar. Já passava das oito horas quando senti uma miscelânea de perfumes adocicados e ouvi conversinhas pelos corredores. Enrolei-me no lençol e fui direto para o closet. Todas as garotas de Marco Romano estavam enfileiradas no corredor, parecia um desfile de luxo da Victória Secrets.

Sozinha no closet, eu procurei rapidamente algo em que pudesse esconder meu bilhete de saída daquele lugar. Isso deve servir. Vesti um corpete preto, uma calcinha e uma cinta-liga, prendendo a meia-calça 7/8 com os mesmos tons escuros da fantasia na anágua de renda. Dentre os saltos finos e sandálias de tiras, optei pelo scarpin envernizado com salto agulha. Fiz uma maquiagem marcante nos olhos com sombras em dégradé de cinza chumbo e prata. Para os

lábios, um batom vermelho. Nos cabelos escorridos, fiz alguns cachos com o babyliss ainda quente.

Preciso de algo para cobrir meu rosto, não posso correr o risco de ser reconhecida. Escolhi uma máscara veneziana rendada em preto com aplicações de pequenas pedras que conferiam um brilho sofisticado à peça.

Seja o que Deus quiser... Respirei fundo, contemplando meu reflexo no espelho. Quando saí do closet, senti o estômago embrulhar. Santoro, o cão de guarda de Marco Romano, dava um comprimido para cada uma das garotas.

— Aonde você pensa que vai? — Ele perguntou em um português perfeito.

— Não me dirijo a subalternos. — Respondi erguendo o queixo de maneira desafiadora.

Nenhuma das garotas disse nada a me ver, e o clima de tensão baixou sobre nós. Eu podia ouvir a música vinda do andar de baixo. Para chegar até lá, eu precisaria passar por Santoro, que estava parado em meu caminho.

— Romano não me falou nada sobre isso. — Ele me agarrou pelo braço e eu o encarei de cima. Nós tínhamos a mesma altura, mas o salto me dava uma vantagem de quinze centímetros.

Em um tom de voz frio, respondi.

— Quer dizer que ele lhe deve satisfações? — Fuzilei-o com o olhar.

Ele me olhava furioso quando Marco apareceu no topo da escada.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — Marco bradou sem paciência. Vestia camisa social branca e calça preta, os

cabelos loiros penteados para trás. Ao reparar em como eu estava vestida, estreitou os olhos e exibiu um sorriso.

— Ele não me deixa descer, ao que parece, você deveria ter dado satisfação sobre o que faz ou deixa de fazer. — Respondi puxando meu braço, tentando me desvencilhar.

— Solte-a. — Marco rosnou uma única vez.

Santoro obedeceu. Arqueei as sobrancelhas e sorri diante de minha vitória. Enganchei-me no braço musculoso de Marco e acenei com desdém para todos. Descemos a escadaria lado a lado.

— Não faça gracinhas. — Ele advertiu em um tom ameaçador. Concordei balançando a cabeça.

Mesas haviam sido distribuídas pelo salão, bem próximas ao palco onde as meninas ficariam expostas para o leilão. Todas estavam ocupadas por executivos bem vestidos, alguns jovens e esbeltos, outros velhos, gordos, magros e carecas, bebendo e conversando, aguardando a atração principal da noite.

— O que você quer fazer? — Marco perguntou olhando para o meu decote.

— Posso ajudar no leilão, distraindo os convidados.

Ele sorriu e aceitou minha sugestão.

— Apenas distração, sim? — Salientou segurando-me pelo queixo, e então seguimos para uma mesa um pouco mais afastada, permitindo uma vista privilegiada de todo o espetáculo.

Um homem loiro na faixa dos trinta anos surgiu por uma entrada lateral no canto esquerdo do palco, e assim que o elegante rapaz vestindo um blazer sob medida sorriu, segurando o microfone, os holofotes se posicionaram sobre ele.

— Boa noite, cavalheiros! É um prazer tê-los como convidados esta noite. Homens de bom gosto acostumados com nada menos que o melhor. É por esse motivo que as beldades brasileiras mais puras estarão ao seu inteiro dispor esta noite. O primeiro item a ser leiloado é uma gaúcha de quinze anos, inteligente, educada e com fartos atributos que só as brasileiras podem proporcionar.

Os homens riam com piadinha asquerosa que o apresentador acabava de fazer.

— Deem as boas-vindas à Lola.

A garota desceu pela escadaria, e no instante em que foi vista por aqueles homens tarados, houve uma salva de palmas e assovios para a jovem que vestia uma lingerie branca e tinha uma coroa de flores nos cabelos loiros.

— O lance inicia em dez mil reais. — Disse o apresentador em voz alta.

— Quinze! — Alguém gritou, mas não consegui ver quem.

— Vinte mil! — Outro rebateu.

— Cinquenta mil e eu levo agora! — Respondeu um homem, pondo-se de pé.

É a minha deixa. Levantei e caminhei até o gordo com cabelos grisalhos penteados para o lado.

— Pague um, leve dois? — Ele perguntou lambendo os lábios nojentos a me ver aproximar em sua direção.

Sinalizei que não com o indicador. Empurrei-o para a cadeira para que se sentasse e montei em seu colo.

— Uau! A generosa Dama Negra está fazendo um agrado para o nosso lance mais alto. — Anunciou o apresentador. — Sessenta mil, alguém?

Minhas mãos acariciavam o corpo do velho, à procura de seu celular. Rebolei me esfregando no minúsculo membro rígido do homem repugnante. Gemi lambendo o lóbulo de sua orelha.

— Seja gentil. — Então saí do colo do estranho e fiz um movimento de reverência com a mão para o apresentador.

— Uma salva de palmas para a nossa Dama Negra.

Caminhei com calma de volta para Marco, que me observa, e sentei em seu colo. Ele acariciou minha coxa e peguei o copo de whisky sobre a mesa. A bebida desceu queimando, seguida por uma azia terrível. Mexi em seus cabelos loiros e mordi seus lábios, seguido de uma chupada leve. Senti sua ereção pressionar meu traseiro.

— Gostou do meu show? — Provoquei, já sabendo a resposta.

A mão de Romano subiu por minha coxa e afastou minha calcinha. Seus dedos se movimentavam friccionando meu clitóris.

— Eu já volto. — Saltei de seu colo e fiz um carinho em sua barba.

Caminhei a passos rápidos e voltei para o meu quarto, me trancando no banheiro. Meu coração batia acelerado, prestes a arrebentar o peito. Posicionei o celular e inverti a câmera, para que eu pudesse assistir enquanto me filmava.

— Sou Catarina Vallenti, responsável pelo assalto ao carro-forte em São Paulo. Camila, minha amiga, e Fábio, meu irmão, não têm nada a ver com isso. — Respirei fundo e soltei a máscara de renda preta com a mão livre, então pronunciei minha última frase em italiano. — Espero que me perdoe, agora em minha vida o sol romano brilha ao sul durante as noites gélidas, mas quando penso no labirinto, meu corpo arde em febre e a música se eleva ao fundo.

Enviei o vídeo para o youtube, rezando para que Ian o assistisse quanto antes e entendesse o meu recado.

CAPÍTULO 26 – SANGUE & PÓLVORA

Ian Salvatore

No banheiro do aeroporto, ajeitei o nó da gravata cinza chumbo e realinhei o terno com caimento perfeito. Lavei o rosto na pia, tentando afastar Nina de meus pensamentos. Ian Salvatore, o que está acontecendo com você?, minha mente me questionava em um tormento agoniante. Sequei o rosto com algumas folhas de papel e voltei para o portão de embarque. Com o olhar perdido, na direção da televisão de plasma, reconheci Catarina de imediato. Atravessei a sala e cheguei mais perto para ler o que a legenda dizia, já que a televisão estava no mudo.

“Vídeo enviado para o site YouTube por Catarina Vallenti, procurada por...”

Tirei o celular do bolso e acessei o site. Encontrei o vídeo logo na página inicial, entre os mais assistidos. Ampliei a tela e dei play, por trás de uma máscara rendada preta, havia medo em seu olhar. Nina iniciou sua confissão.

“Sou Catarina Vallenti, responsável pelo assalto ao carro-forte em São Paulo. Camila, minha amiga, e Fábio, meu irmão, não têm nada a ver com isso.”

Ela fez uma pausa, retirando a máscara. Sua voz aveludada, agora em italiano, era um pedido de socorro destinado a mim. — “Espero que me perdoe, agora em minha vida o sol romano brilha ao sul durante as noites gélidas, mas quando penso no labirinto, meu corpo arde em febre e a música se eleva ao fundo.”

O vídeo chegou ao fim, cinquenta e três segundos de duração. Guardei o celular no bolso interno do paletó. Peppa, sua burra, em que merda você se meteu?

Catarina Vallenti

Espero que não demore a ver esta mensagem. Coloquei o celular no silencioso e o escondi dentro de um pequeno rasgo que fiz rapidamente no travesseiro, enfiando o aparelho bem no meio de toda a espuma sintética. Coloquei a fronha novamente e deitei-me, agarrando com força o travesseiro macio, prendendo-o entre meus braços e pernas. Não demore, Ian... Fechei meus olhos ainda sentindo o coração acelerado, com medo de que Romano subisse a qualquer instante para me dar uma surra por causa do vídeo.

Eu podia sentir o perfume de Salvatore, a forma como ele me devorava com os olhos quando estávamos perto um do outro. Queria manter todos os meus pensamentos voltados para ele e esquecer que, apenas a alguns metros abaixo de mim, Marco Romano deveria estar aplaudindo o leilão das virgens adolescentes prestes a serem defloradas por pedófilos.

Adormeci usando o desconfortável e sufocante corpete, e por mais estranho que parecesse, aquela foi a primeira vez que não sonhei com Marco me espancando quase até a morte. Fui despertada por um delicioso aroma de pão caseiro recém-saído do forno. Espreguicei-me na cama, eu estava só no quarto, não havia sinal de Marco. Aquilo já era um bom sinal.

Tomei uma ducha rápida e vesti um roupão. Bati o queixo de frio assim que saí do banho, amaldiçoando a temperatura que naquela noite deveria ter caído para quinze graus, talvez menos. Ah, que saudade de Sampa... Sem fazer barulho, abri a porta do quarto e caminhei pelo extenso corredor vazio. Elas ainda devem estar dormindo... Entrei no closet, escolhi uma legging preta e um suéter de lã vermelho. Coloquei um par de meias grossas, tendo a ligeira impressão de que meus dedos dos pés congelariam e cairiam a qualquer momento, e calcei um par de tênis de corrida.

A cozinha da mansão localizava-se no andar debaixo da danceteria. Não era bem uma cozinha, mas um salão com uma mesa longa comportando quinze pessoas. Desci o primeiro lance de escadas. Quando passei pela danceteria, algumas mulheres trajando uniformes pretos varriam o chão e limpavam as mesas. Segui para a cozinha, descendo o segundo lance de escadas a passos rápidos, sem cumprimentá-las. Se alguma delas me reconhece, pode chamar a polícia...

O farto café da manhã e o delicioso aroma do café fresco despertaram o meu apetite. Belisquei um pequeno pedaço da cuca de uva ainda quentinha. Hum... O sabor cítrico do recheio em contraste com a massa macia e adocicada era a combinação perfeita.

— Já se esqueceu da primeira regra tão fácil assim? — A voz de Ian ao meu ouvido. Eu me virei no mesmo instante. Meu coração quase saltou pela boca.

— Deu certo! Não acredito! — Agarrei-o com as mãos meladas pelo doce, enganchando-me em seu corpo.

Ian sorriu com a minha recepção calorosa, eu não conseguia evitar, precisava enchê-lo de beijos.

— Quieta! — Ele me repreendeu segurando meus pulsos contra o peito. — Temos que sair daqui.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei, ele mordeu meu lábio inferior e sorriu.

— Chega, Peppa! Mais tarde me mostra quanto ficou feliz em me ver.

— Eu fui uma idiota, Ian, me desculpe. — Minha voz soou embargada, e por mais que eu quisesse obedecê-lo e sair correndo daquela mansão, o agarrei mais uma vez, sentindo o calor de seu corpo musculoso simplesmente delicioso.

Desvencilhei-me de suas mãos e meus braços o agarram por baixo da jaqueta de couro preta que ele vestia por cima da camisa branca. O som de palmas secas e lentas ecoou pela cozinha. Olhei para a porta e Romano estava lá, nos observado. Santoro, ao seu lado, mirava uma Taurus preta automática em nossa direção.

— Sai de perto dele, sua cadela! — Romano rugiu furioso.

— Não, Marco! Por favor, não! — Eu me coloquei na frente de Ian, deixando Marco ainda mais irritado.

Ele caminhou em minha direção e me agarrou pelos cabelos, me puxando para longe de Salvatore e me arremessando com força contra a parede.

— Eu pago por ela! — Ian anunciou com voz firme.

Eu não podia vê-lo, estava jogada no chão com os cabelos tapando o rosto. Ouvi a primeira pancada e a senti como se fosse em mim.

— Nãoooo! — Gritei ao perceber que Ian caía de joelhos.

Era uma luta covarde. Santoro continuava mirando sua pistola, caso Salvatore pensasse em revidar qualquer um dos golpes.

Rastejei até os pés de Romano e me agarrei em suas roupas, que cheiravam a whisky e cigarro, até conseguir ficar de pé.

— Está vendo isso, Morena? O ladrãozinho quer pagar por você. — Cuspiu as palavras com raiva.

— Vai matar a nós dois, é isso o que vai fazer? — Desafiei com os olhos marejados. Senti um calor subir pelas bochechas, seguido pelo gosto de sangue nos lábios, quando Marco me acertou com o cotovelo, fazendo meu maxilar estalar. Cambaleei zonza e me agarrei à mesa, sentindo a cabeça girar.

— Matar? — Ele perguntou quase aos gritos. — Claro que vou, mas não tão rápido, não faz o meu feitio. Não sem antes uma boa tortura. — Ameaçou com um sorriso diabólico envolto pela barba loira.

Ian avançou sobre Marco como um animal, desferindo golpes contra seu abdômen. O tiro seco despertou o pavor dentro de mim ao perceber que Salvatore caía de joelhos com um corte logo acima da sobrancelha, o sangue escorrendo por sua pele branca.

— Santoro?! — Bradou respirando ofegante enquanto puxava os cabelos para trás. — Se o garotão aqui tentar mais algum ato heroico, atire na barriga da Morena.

Era um fato, nós dois morreríamos naquela manhã, Marco Romano só estava na dúvida de como executaria nossa sentença. Eu precisava fazer alguma coisa.

— Não! Por favor! Não atira nesse imbecil! Eu faço o que você quiser. — Implorei segurando o rosto de Marco. Minhas mãos estavam trêmulas e meus olhos marejados de lágrimas. — Se alguma vez na vida você sentiu qualquer coisa por mim, me escuta.

Ian não olhava para mim, estava de joelhos com os braços algemados para trás. A cabeça baixa, apenas esperando o inevitável. Sua camisa social branca manchada de sangue, alguns botões faltando.

Afastei uma mexa de seu cabelo loiro e acariciei sua barba.

— Por favor. — Implorei me colocando à sua frente, sentindo seu cheiro de whisky. Pude ouvi-lo preparar a arma para disparar e acabar com o filho da mãe mais cretino e sensual que já passou pela face da Terra, o meu Ian, o amor da minha vida. Se ele morresse, eu sabia que morreria junto, não poderia viver sem aqueles intensos e perfeitos olhos azuis.

Marco exibiu um sorriso sádico.

— Em nome das boas trepadas, deixarei você escolher quem terá direito a uma morte rápida.

Engoli em seco. Filho da mãe, sabe que não posso escolher uma coisa dessas!

— Eu te odeio! — Meus dedos enterraram-se nos olhos azuis de Romano. Cravei as unhas com força, mas o soco que me acertou no estômago me fez cair aos seus pés. Mais um tiro ecoou pela cozinha.

Ainda caída, girei-me na direção de Ian. O brilho intenso de seus olhos azuis vidrados em mim. O sangue criando uma mancha no tecido branco da camisa.

— Quieta! Agora você vai assistir seu ladrãozinho agonizar e sangrar até o fim. — Ordenou Romano, firmando sua botina em minha cabeça, pressionando com força.

— Nina... — Ian sussurrou com a voz fraca, quase inaudível.

— Me deixa ficar com ele... — Implorei, não contendo o choro. Estiquei os braços tentando alcançá-lo, em vão. — Ou então me mata logo. — Berrei ao perceber que Ian não se movia mais.

— Me mata de uma vez, seu italiano desgraçado! — Solucei desesperada, debatendo-me no chão em um choro convulsivo de aflição.

O terceiro estampido ecoou. Senti a bala certeira perfurar minha nuca, seguida de uma dor insuportável. Desculpe-me, Ian...

CAPÍTULO 27 – LUTO

Catarina Vallenti

E foi assim que despertei do pior pesadelo da minha vida, eu estava na suíte e Romano bufava como um touro, me olhando furioso. Minha nuca ardia e minha cabeça latejava. Ainda zonza, passei a mão pelo local de onde irradiava a dor, pequenos cacos de vidro estavam grudados na minha pele. Apoiei as mãos sobre o colchão, tentando me erguer.

— Cadê a porra do celular? — Marco vociferou se aproximando da cama. — Anda, sua cadela, fala!

— Não sei do que você está falando! — Eu me fingi de desentendida, encarando-o.

Romano vestia a mesma camisa social e a mesma calça da noite anterior, mas tinha as mangas dobradas até a altura dos cotovelos, exibindo suas tatuagens. Ele me agarrou pelos tornozelos, e à medida que me puxava, eu tentava desesperadamente me segurar em algo, mas na cama havia apenas os lençóis bagunçados e pedaços de vidro de uma garrafa quebrada. Caí no chão de maneira

desengonçada e me encolhi aos seus pés, enroscando os braços em seus tornozelos.

— Desculpa, Marco! Eu só queria me despedir do meu irmão e da minha amiga. Não consegui dizer adeus, e o vídeo...

Senti seus dedos enroscarem-se em meus cabelos, o topo da minha cabeça latejou.

— Acha que eu sou idiota? — Ele me ergueu por um chumaço de cabelo, até que eu ficasse de pé. — Olhe bem nos meus olhos, quero ver se tem coragem de repetir essa mentira.

Fiz o que Marco ordenou. Sua íris azul clara quase tomada pelas pupilas negras dilatadas. Ali havia apenas fúria, em sua mais pura e bruta essência. Engoli em seco, observando cada traço de seu rosto másculo endurecer. Ao contemplar suas feições, não pude sentir nada além de medo, muito medo.

— Por favor, eu não sei mais o que dizer... — Minha frase foi interrompida quando meu corpo foi arremessado contra a banheira, não dando chances para explicações.

— Acha que sou burro? — Marco bradou umedecendo os lábios com a ponta da língua. — Sou um italiano burro que a cadelinha brasileira vai colocar no bolso e enrolar. — Seu tom sarcástico me fez estremecer.

— Não, Marco. Eu só queria me despedir.

O pisão que desferiu em minha boca fez com que meus dentes da frente cortassem meus lábios, antes de se quebrarem em pequenos cacos. Quando o ouvi se aproximar, me encolhi no chão, como um animal acuado.

— Eu sou o “sol romano”? — Retrucou desferindo um chute em meu ventre, que me deixou sem ar por alguns segundos.

— Me mate, Romano. Eu não aguento mais... — O golpe seguinte acertou meus seios, e não consegui terminar minhas súplicas desesperadas.

Romano me ergueu pelos cabelos mais uma vez, até que meus olhos encharcados de lágrimas se encontraram com os dele.

— Vou perguntar só mais uma vez. Onde está a porra do celular? — Ele rosnou irado.

— Eu joguei pela janela. — Menti antes mesmo que minha mente pudesse processar as consequências por aquela ousadia. Em meus lábios, o gosto enjoativo de meu próprio sangue. — Eu juro! — Meu falso juramento foi interrompido por uma bofetada. A partir dali, desejei estar morta, mas, infelizmente, meu desejo não foi atendido.

Os pontapés seguintes me atingiram os seios e o rosto. Por mais que eu tentasse me desviar dos golpes certeiros, Marco agia com rapidez. Meu corpo já não passava de uma massa ferida e ensanguentada, coberta pelo véu da humilhação e da dor. Quando pensei que minha situação já não poderia se agravar, me enganei mais uma vez.

Senti Romano arrancar minha calcinha, eu mal conseguia abrir os olhos, desta vez a surra havia sido mais severa, e o inchaço dos hematomas na região não demorou a me cegar.

— Não sei por que eu ainda não dei um fim em você. — Rosnou ele. — Deve ser esse seu rabo gostoso.

Não, por favor, não... Implorei em uma prece muda, na esperança de que uma força maior intercedesse por mim. Porém, a realidade é dura, não havia ninguém ali para impedi-lo de arrancar o último pingo de dignidade de meu corpo. Senti seu membro arrebentar

meu ânus com força, me invadindo. Sua penetração animal era feroz, e eu não sentia nada além de dor, vergonha e dor.

— Ah, que cuzinho gostoso! — Ele gemeu estocando mais forte, segurando meu quadril para que eu continuasse na mesma posição.

Sem nenhuma lubrificação, seu membro grosso me rasgou. Senti que iria vomitar, meu estômago se contraía com as náuseas de repulsa, mas ele não parava, continuava investindo com violência, até eu sentir um líquido quente escorrer da minha bunda para o meu sexo dolorido. Eu não conseguia pensar em Ian como na noite anterior, aquilo era violento demais, Ian jamais permitiria que alguém me tocasse daquela maneira. Onde você está, Salvatore?

— Porra, Morena... Que cu gostoso... — Ele gozou e me esbofeteou quando retirou seu pau ainda duro de dentro de mim. — Assim fica difícil eu me livrar de você.

Marco arrancou meu corpete, me deixando completamente nua. Eu me encolhi em posição fetal, humilhada e ferida.

— Três dias! Sem comer nem beber! Colocarei Santoro na porta para impedir que você tente qualquer coisa. — Pude ouvi-lo sorrir. — E trate de se recuperar quanto antes, assim que seu belo rosto voltar ao normal, me dará lucro como as outras meninas. Já fui muito bonzinho com você.

Ouvi a porta do quarto bater com força. Mergulhada em dor, as horas seguintes se arrastaram. Sem noção de quanto tempo havia passado, eu só percebi que era noite quando ouvi a música vinda do andar debaixo. Ninguém naquela mansão se importava comigo, além de Romano, claro. Ele, sim, se empenhava ao máximo em me fazer sofrer por tê-lo desobedecido mais uma vez.

Minha boca estava seca, e cada parte de meu corpo reagia a uma simples tossida, com dor, muita dor. Meu plano havia fracassado miseravelmente, já havia se passado um dia desde a gravação daquele maldito vídeo, era impossível que Ian tivesse ficado sabendo. Eu tinha que aceitar a dura realidade, ele não se importava com o “sol romano” e o inferno em que minha vida se transformara. Naquela altura, ele deveria estar em alguma ilha paradisíaca comendo alguma havaiana, porque com dinheiro ele não precisaria se preocupar por um bom tempo. Só de pensar nessa ideia, meu sangue fervia de ciúmes. Como fui idiota!

Meu choro silencioso durou até o amanhecer, a música havia terminado. Quanto tempo resistirei sem água e sem comida? Diferente da primeira surra, dessa vez não houve o socorro das meninas. Marco deve tê-las alertado para se manterem longe. Tossi e minha barriga se contraiu com os movimentos involuntários, e mais uma vez, dor. O inchaço nos olhos diminuiu o suficiente para que eu pudesse enxergar através de uma pequena fresta entre pele e cílios. E novamente outra noite chegou, música eletrônica e gritos eufóricos. Aceite, Catarina, ele não virá. Consegui me levantar e me espantei ao ver meu reflexo naquele quarto cercado por espelhos, eu tinha marcas roxas pelos braços e pelas pernas, sangue seco no canto da boca e os cabelos desgrenhados. Jamais alguém me reconheceria naquele estado deplorável, eu mesma demorei alguns minutos para identificar os olhos daquela estranha que me encarava, me julgando pelas escolhas erradas. Idiota, burra, isso tudo é culpa sua! Não tinha como eu não concordar com a “morta viva” à minha frente.

Senti minhas pernas fraquejarem, me deitei na cama redonda e ouvi um tilintar de vidro, então era isso... No dia da surra, Marco havia me despertado com uma garrafada na nuca, e agora o gargalo afiado estava ali, quase como se me convidasse a colocar um fim em tudo aquilo.

— E por que não? — Minha voz saiu rouca e o corte em meus lábios voltou a rasgar com o simples movimento dos lábios.

Se por um milagre eu conseguir fugir daqui, acabarei sendo presa e mofarei bons anos na cadeia. Isso se Romano não mandar me matar antes. Algumas lágrimas rolaram pelo canto dos meus olhos, poucas, pois meu corpo racionava cada gota, tentando lutar contra uma avançada desidratação. A saída dos covardes, minha mente não conseguia processar uma resposta para a pergunta que martelava em minha cabeça. E por que não?

Meus dedos trêmulos foram de encontro ao vidro, as pontas frias e afiadas roçaram em meu pulso esquerdo em sentido vertical. O que era mais uma dor em meio a todas aquelas que eu sentia? Mordi o lábio criando forças para continuar, então fechei os olhos, eu não podia olhar. Um corte se abriu com facilidade em minha pele, o sangue morno escorrendo por meu braço.

Adeus, Ian... Meus dedos rubros e escorregadios deslizaram pelo vidro. Um tremor abalou o quarto. Por alguns segundos acreditei piamente que aquilo fazia parte do meu inferno particular, a sensação da morte se instalando em mim. Agarrei o gargalo de pontas afiadas ensanguentadas, dessa vez com a mão esquerda, quando gritos vindos do corredor me fizeram voltar à realidade.

O que está acontecendo?, pensei aflita.

— Socorro!

Aquela era a voz de Lola pedindo desesperadamente por ajuda. Larguei o vidro e me enrolei no lençol manchado de sangue. Desci da cama e tentei abrir a porta. Desgraçado! Romano havia me trancado. Bati com os punhos feridos, aos gritos.

— O que está acontecendo? — Berrei com a voz rouca.

Não ouve resposta, apenas uma segunda explosão. Os espelhos do quarto trincaram de cima a baixo. Com dificuldade, caminhei até a janela e abri as cortinas. Puta que pariu! Estacionadas em frente à mansão de Romano, duas viaturas policiais. Os gritos por socorro das garotas aumentaram, e o fato de eu não poder ir até elas era desesperador. Policiais invadiriam a suíte e me levariam algemada para o presídio central a qualquer momento.

O quarto começou a girar. Eu me agarrei na maçaneta da porta e, a passos trôpegos, voltei para a cama, deixando um rastro vermelho e fresco sobre o carpete. Com a mão trêmula, voltei à minha única saída. Feitos os cortes, fechei os olhos agarrada ao travesseiro, o mesmo que escondia o telefone celular. Ele não me adiantava de nada naquela situação. A única pessoa de quem eu queria ouvir a voz por uma última a vez, deveria estar a um oceano de distância. Ian.

A porta do quarto foi arrombada. Esfreguei o vidro contra meu pulso com mais força, querendo sangrar mais rápido, eu não queria ser pega. “Não seja pega!”, a voz de Ian ecoou em meu pensamento. Ian... espero...

— Dio mio! Ciò che quel figlio di puttana ti ha fatto? (Meu Deus! O que aquele filho da puta fez com você?) — De imediato reconheci aquela voz, era Salvatore, ao menos em meus sonhos ele viera me resgatar.

Ian Salvatore

Instalei quatro explosivos, escondidos em cada canto da luxuosa mansão, com intervalos de cinco minutos cada. Após as duas primeiras explosões, não restaria muito tempo. Arrombei com chutes a única porta trancada no extenso corredor.

Meu Deus... Fiquei em choque ao encontrá-la naquele estado, ferida, à beira da morte. Nina tinha o corpo enroscado em um lençol branco ensanguentado. Corri até ela e tirei minha jaqueta, cobrindo seu corpo trêmulo.

Preciso estancar o sangue.

Rasguei duas tiras do lençol e as amarrei em seus punhos, apertando com força, até que suas palmas ficassem roxas.

— Você veio... — Sussurrou em uma centelha de voz grogue e fraca. — Eu sabia que ao menos em meus sonhos você se despediria de mim.

— Cala a boca, Peppa. Vou te tirar daqui. — Eu a repreendi, beijando seus lábios frios.

Nina sorriu e voltou a fechar os olhos.

— Adeus, Ian!

Meu coração se apertou ao ouvir aquela despedida.

— Não ouse, Catarina! — Agarrei-a no colo e a carreguei para fora do quarto.

Labaredas de fogo subiam pelas paredes no final do corredor. Gritos e choros em meio à fumaça, que se espalhava por todo o lugar.

— Policial! — Uma menina gritou correndo pelas escadas, aflita. A loira vestindo apenas uma camisola rosa transparente tinha o rosto sujo de sangue e um corte na cabeça. — Precisa nos tirar daqui!

Ela implorava por socorro. Eu não estava lá por ela, por nenhuma delas. A única vida que me importava era a de Catarina.

Olhei para o relógio. Menos de dois minutos até a próxima explosão. Ignorei o pedido da garota e desci as escadas com rapidez. A menina me seguiu, chorando.

Atravessei o salão e consegui chegar à saída de emergência. E então, a terceira explosão. Não olhei para trás quando o segundo andar da casa desabou.

— Todos para longe! — Gritei para os policiais que cercavam a saída que levava a um beco. — Tudo vai explodir, a mansão está minada!

Corri para o Audi preto, que eu havia estacionado no outro lado da rua, e coloquei Catarina dentro do carro. Ela continuava inconsciente. Dei uma última olhada nos policiais armados atrás das portas das viaturas, mirando em direção à mansão. Entrei no carro e tirei a camisa do uniforme policial roubado horas antes, jogando-a no banco de trás.

O asfalto trepidou com a última explosão. Vi mais viaturas policiais se dirigirem em direção ao incêndio, seguidas pelo caminhão dos bombeiros. O show havia sido montado, intenso o suficiente para que fôssemos capazes de sair desfilando livremente pelas ruas.

Catarina Vallenti

Acordei com o som dos estalos da madeira crepitando na lareira. Eu estava coberta quase até o pescoço com um grosso cobertor de lã.

— Ela está acordando. — Não reconheci a voz da pessoa parada ao lado da minha cama.

Ergui os braços e afastei as cobertas. Corri os olhos pelo quarto de madeira rústica, não poderia ser um hospital. A mulher loira na faixa dos quarenta anos usava uma roupa branca e tinha os cabelos presos em um coque baixo. Ela encostou a palma da mão em minha testa, verificando minha temperatura.

— Nos deixe a sós e prepare algo mais substancioso para ela jantar, por favor. — Salvatore, parado na porta, pediu.

Meu coração disparou ao vê-lo ali. Ian vestia um blusão preto, que se garrava perfeitamente a seus músculos, e um jeans escuro. Assim que a suposta enfermeira deixou o quarto, ele caminhou até a cama e se sentou ao meu lado.

— Como eu vim parar aqui? — Perguntei com a voz fraca.

Ian franziu o cenho e uma pequena ruga se formou entre suas escuras sobrancelhas, seus olhos azuis me fizeram estremecer.

— Qual a primeira regra, Peppa?

Eu tossi quando tentei dar minha primeira risada em dias.

— Não seja pego. — Respondi. — Não vai mesmo me contar como me tirou de lá?

Ian retirou a coberta e me estendeu a mão, para me ajudar a levantar. Ele sorriu convencido.

— Por enquanto se contente em saber que resgatar você me custou todo aquele dinheiro, alguns explosivos e um grande show.

Fiquei de pé e ele me envolveu em um abraço quente, seus braços fortes me prendendo contra seu corpo. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, seus lábios se colaram aos meus, em um beijo possessivo. E então eu me entreguei a ele, ao mesmo tempo em que lágrimas rolavam pelo meu rosto por pensar que o havia perdido, mas ele estava ali, e eu era sua, apenas sua.

Seus beijos faziam isso comigo, ah, eu morreria por aqueles beijos. Seu cheiro provocava uma reação primitiva em mim. Minhas pernas me traíram e, antes que amolecessem feito gelatina, ele me carregou no colo.

— Me perdoe, Ian. — Eu me desculpei, ainda ofegante pela intensidade do beijo.

Salvatore sorriu de canto e me carregou do quarto para a sala, me instalando em um confortável sofá, onde afundei em meio às almofadas. Nas paredes de madeira, cabeças de animais empalhados. Senti um arrepio e desviei o olhar para a mulher que preparava o jantar. A cozinha em estilo americano era divida por uma larga bancada.

— Vou buscar um cobertor no quarto.

— Não. Fique aqui. — Eu o segurei pela mão.

Ian sorriu e se sentou no sofá, me puxando para o seu colo.

— Há quanto tempo estamos aqui? — Perguntei deslizando os dedos enfaixados pelo contorno de seu maxilar.

— Já faz três dias. — Respondeu colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, enquanto a outra mão alisava minha coxa por cima do grosso tecido do pijama de flanela.

— Ainda estamos no Brasil?

— Sim. Para ser mais preciso, em Canela, uma cidade vizinha de Gramado. Estava esperando que você estivesse bem para podermos viajar. — Explicou em um tom de voz baixo. — Quando te encontrei, você estava entre a vida e a morte, nua e com os pulsos cortados.

Encostei a cabeça em seu peito, ouvindo seu coração bater em um ritmo constante. Eu não queria mais falar sobre aquilo, pelo menos não naquele momento.

— E essa mulher? Onde arrumou a enfermeira?

Ele me olhou diretamente nos olhos.

— Fiz o que foi preciso, Nina. E faria tudo de novo, sem pensar duas vezes. Essa mulher é uma enfermeira que fumava em frente a um hospital que passamos quando você estava inconsciente. Ofereci a ela um bônus pela discrição, você precisava de cuidados médicos. Por isso, eu a trouxe.

Fechei os olhos por alguns minutos, processando tudo aquilo, finalmente estávamos livres. Mas meus pensamentos felizes foram interrompidos por batidas na porta.

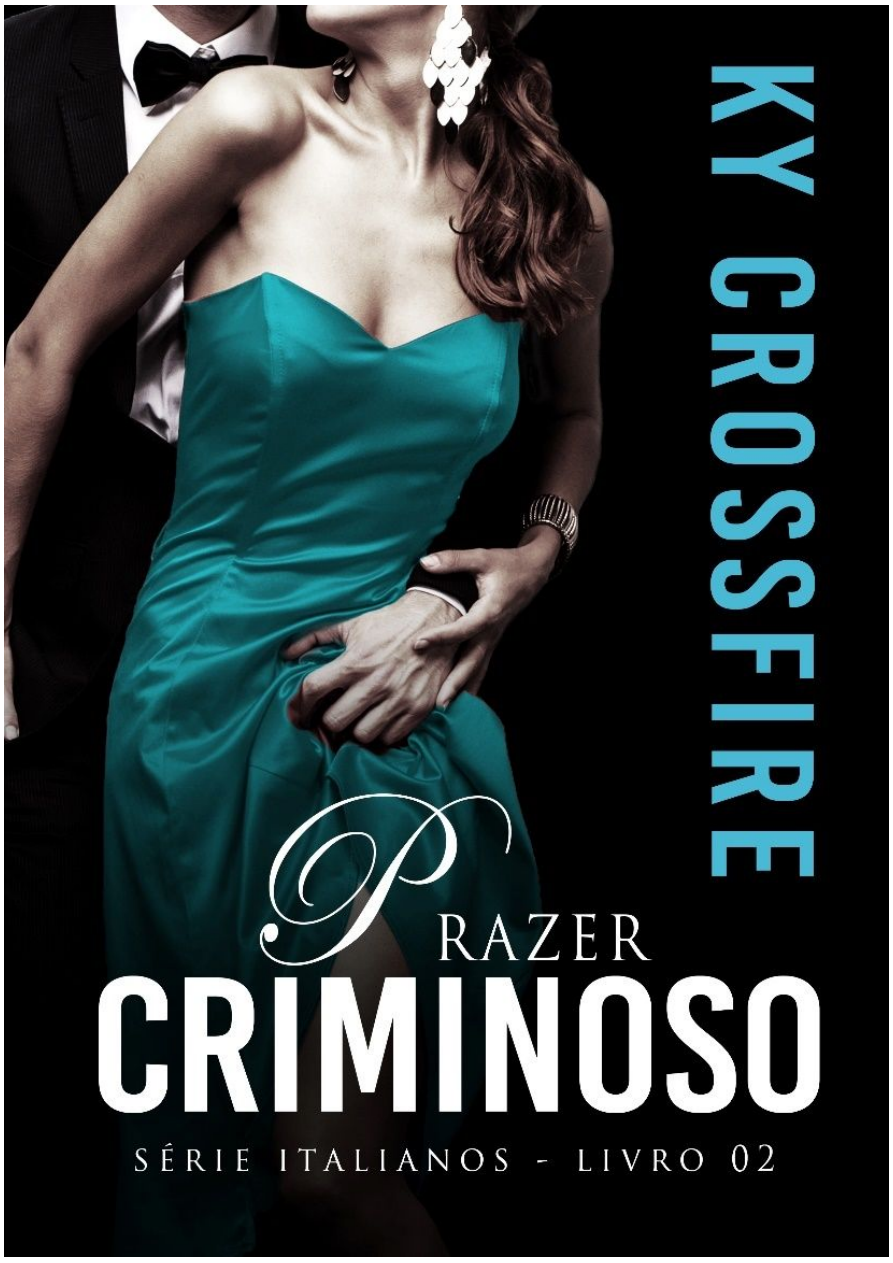
— Eu atendo, senhor Jason. — Anunciou a enfermeira secando as mãos em um pano de prato.

Ela atravessou a sala e abriu a porta.

— Boa noite, Morena. — A voz de Marco me fez estremecer.

Não pode ser? Como ele nos achou aqui?

LIVRO 2 – PRAZER CRIMINOSO


KY CROSSFIRE
PRAZER
CRIMINOSO
SÉRIE ITALIANOS - LIVRO 02

CAPÍTULO 1 – CATARINA

Alguns meses antes do fim...

Dominic guiou-me até a porta de seu quarto e sorriu, exibindo dentes alinhados e uma covinha que faria até uma freira querer pecar... Seus cabelos pretos roçam no colarinho branco da camisa branca e sinto a umidade em meu sexo aumentar. CONTROLE-SE, CATARINA!

—Se precisar de qualquer coisa, é só me chamar. — Ele se escora na parede e sinto seu hálito fresco me provocar.

— E se eu precisar agora? — indago, puxando-o pelo distintivo preso ao pescoço.

Fico na ponta dos pés e lambo seu queixo, não consigo conter um gemido. Como um predador, ele me ataca e possui minha boca, prensando meu corpo contra a parede. Seu beijo é quente e possessivo. Sinto sua ereção pressionar meu ventre e meus dedos envolvem seu cabelo farto, o afasto e Dominc encara-me faminto.

— Espero que tenha trazido as algemas.

Ele agarra minhas coxas e me suspende, me enrosco em sua cintura, abrindo os botões da camisa o mais rápido possível.

— Você tem sido uma garota má? — murmura com voz rouca ao meu ouvido.

— hum... — gemo pensativa e listo meus crimes quando ele me arremessa na cama. — Cárcere privado, roubo seguido de morte, tráfico. — Emudeço quando Dominic termina de se despir. Seu corpo é esguio e atlético, meu olhar se perde no delicioso V que forma logo abaixo de seu abdômen tanquinho.

Ainda visto meu sobretudo preto e fico feliz por ter escolhido uma bela lingerie, mesmo que ser fodida por Dominic não estivesse em meus planos essa noite. O policial encarregado por nos caçar durantes esses meses.

— Catarina Vallenti, tem o direito permanecer calada — diz, segurando meus pulsos no alto da minha cabeça, me impedindo de tocá-lo.

Com uma das mãos, solta a faixa que amarra meu sobretudo, seus dedos longos e grossos vagueiam, exploram meu corpo, acaricia meus mamilos por cima da fina renda do sutiã e a tortura com beijos tem início. Minha entrada lateja e eu rebolo louca para gozar. Dominic aproxima o rosto de meus seios e me cheira como uma animal. Sua mão volta para meu sutiã e o puxa para baixo, deixando meu mamilo à mercê de seus lábios experientes. Ele o chupa e me enlouquece entre beijos e mordidinhas.

Minha respiração se acelera e meu corpo está em chamas, mas ele volta sua atenção para meu outro mamilo e repete tudo de novo.

— Não aguento — confesso, querendo que ele me penetre com urgência.

— Quieta! Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal. — Continua me provocando, trilhando um caminho de beijos pela minha barriga, até chegar ao meu baixo ventre. — Agora, deixe-me sentir se está bem molhada.

Molhada? Estou pingando! Completamente encharcada! Mordo o lábio inferior quando ele desliza dois dedos pela minha abertura escorregadia enquanto acaricia meu clitóris com o polegar.

— Agora prove — ordena, passando o indicador molhado pelos meus lábios.

Eu chupo seus dois dedos e me imagino chupando seu pau, grande e grosso, meu sabor é doce e sensual, ele sorri satisfeito e me solta para tirar a cueca boxer preta, exibindo sua ereção, ele se masturba.

Tento chutá-lo e alfinetar seu peito com a ponta do salto agulha, mas Dominic é mais rápido e agarra meu tornozelo, interrompendo minha provocação. Ele balança a cabeça negativamente, exibindo um sorriso malicioso.

— Assim, tenho que ser duro com você — adverte se posicionando entre minhas pernas.

Duro comigo? A-do-ro! Ele esfrega a cabeça em minha boceta e me penetra, me invadindo devagar, cravo as unhas em seus braços, deixando longas marcas vermelhas. Meu orgasmo não demora a chegar e, à medida que as estocadas tornam-se mais profundas, seu membro se encaixa em mim e meu corpo mergulha em uma onda de êxtase, e eu gozo de novo, e de novo.

— Sua bocetinha é tão apertada — elogia, mantendo o movimento mecânico. Apoiado sob os cotovelos, continuou incansável, me penetrando fundo.

Desmorono e me desmancho na cama, tento me desvencilhar da armadilha quente que é seu corpo, mas ele me mantém ali e me fo.de com força. Depravado! Marco suas costas com as unhas e o faço gemer. Sei que ele está perto de gozar quando seu membro lateja dentro de mim.

Dominc sai de dentro de mim e ordena com urgência:

— Chupa, vou encher essa boquinha de porra.

Umedeço os lábios e obedeço, pronta para fechar com chave de ouro. Eu o empurro para que se deite.

— Minha vez... — Sorrio ofegante enquanto seus olhos negros me encaram.

Monto sobre ele e lambo seu abdômen tanquinho até chegar em seu pau. Agarro com as duas mãos e com um beijo suave, provoco apenas sugando a cabeça grande e rosada. Sinto as veias grossas pulsando ao meu toque.

— Chupa, porra! — Ele geme doido de tesão.

Gosto de torturá-lo...

— Hum... é tão grande, acho que não conseguirei chupar todo — provoco e, antes que ele abra a boca para protestar, meus lábios o envolvem, relaxo os músculos da garganta e estou prestes a engasgar... Seu gosto é suave...

— Porra, Catarina, preciso gozar!

Minha língua continua o acariciando enquanto meus lábios sobem e descem por toda sua extensão, até que jatos espessos e mornos jorrem. Engulo cada gota e o saboreio.

— Isso foi sensacional. — Sua voz a sai rouca.

Sorrio satisfeita e me deito ao seu lado, sentindo meu coração bater acelerado. Meu celular vibra dentro do bolso do casaco. Eu

puxo o sobretudo para mais perto e o pego. No visor iluminado, o alerta de 1 mensagem recebida.

Remetente: número desconhecido

Assunto: URGENTE

Foge, já sabem sobre tudo, Ian e Marco chegarão aí em cinco minutos.

Um arrepio espalha-se sobre meu corpo varrendo qualquer vestígio de relaxamento. Você já viu o que Romano faz com RATOS!

— Eles estão vindo para cá. — Minha voz vacila e eu penso na merda que eu acabei de fazer transando com o policial Dominic.

Dias atuais (31 de agosto de 2016)

Catarina Vallenti

— Boa noite, Morena — cumprimentou sarcástico, ouvir voz de Romano me fez estremecer.

Marco Romano escorou-se na porta, fuzilando-me com seus olhos azuis. No mesmo instante, senti os músculos de Ian se tencionarem em alerta ao perigo iminente. Meus olhos vaguearam pela sala do chalé à procura de uma possível rota de fuga. Quantos homens estariam cercando a casa? Se ele nos quisesse mortos, teria fuzilado a casa, já o teria feito, mas eu o conhecia o suficiente para saber sua marca registrada, a crueldade.

O estampido seco da automática me trouxe de volta. O corpo da enfermeira desabou aos seus pés

— Acho que agora podemos continuar sem interrupções —Marco sentenciou ainda empunhando a pistola. Com seu coturno, ele empurrou o corpo sem vida e caminhou até nós.

Eu queria gritar, mas me limitei a prender a respiração. Ian o estudava em silêncio, maquinando algo. Romano sentou na poltrona de couro marrom, bem próxima ao sofá onde estávamos. Acomodou-se e pousou a mão que ainda segurava a arma sobre a coxa, tendo o cano da pistola apontado para nós. Filho da puta.

— Achou mesmo que ia me roubar, pegar a minha morena e explodir minha boate e eu ia deixar vocês viverem para contar a história. — Seu tom de voz frio e controlado me provocou arrepios.

O cheiro nauseante do sangue se misturava à fumaça que vinha da cozinha. FOGO! Fiquei de pé e senti os olhares de ambos acompanharem meus movimentos.

— Aonde pensa que vai? — vocifera, me fazendo estremecer.

Mantenho a firmeza não querendo demonstrar medo.

— Desligar o fogão — retruco teimosa e sigo para a cozinha.

Sobre a bancada, a sopa ferve em uma panela sem tampa e, na boca ao lado, uma panela com tampa solta uma fumaça preta. Desligo tudo e olho para a faca de carne sobre o balcão. Não seja burra, onde vai esconder uma faca desse tamanho? Olho discretamente para o corpo inerte da enfermeira no chão, o tiro certeiro entre os olhos da mulher e a poça de sangue formada no piso de madeira.

Minhas mãos tremem, pelo medo... pelo frio que entra pela porta aberta. Ouço a voz de Ian e caminho de volta para a sala, sem a faca.

—Podemos chegar a um acordo — Salvatore sugere sem emoção.

Marco passa a mão pelo cavanhaque loiro, pensativo, esperando para ouvir a proposta.

—Doze assaltos a bancos. Não ficaremos com lucro nenhum e, após o último trabalho, você deixa Catarina livre.

— O quê? —Protesto ainda sem acreditar no plano suicida de Ian.— Eu não aceito esses termos! — Minha voz soa mais alta do que deveria.

—Cale a boca, Nina — Salvatore me repreende com voz dura.

Romano avalia nossa discussão e um pequeno sorriso de canto surge em seus lábios. Claro que ele gostaria da proposta, teria seu dinheiro de volta, mataria Ian e, por tabela, me sentenciaria a viver sem Salvatore.

—E então? — exige uma resposta.

Sinto meu rosto queimar de raiva, eu estava sendo ignorada, odiava tanto um quanto o outro. Pisando duro, me sentei longe de Ian, na outra ponta do sofá, com o braços cruzados na frente do corpo.

— Acho que só está tentando ganhar tempo. Doze assaltos em um ano, não tem cacife pra isso.

—Tenho e posso provar. Já tenho tudo arquitetado, locais, mapas, fornecedores de armas — explica com tranquilidade. — Em um ano, terá em suas mãos sessenta milhões sem fazer esforço.

Meu coração bate forte no peito e eu sei que aquele é o início do nosso fim.

CAPÍTULO 2 – PERIGO

31 de agosto de 2016

Catarina Vallenti

Observei em silêncio Ian explicar como tinha tudo planejado, espalhou sobre a mesa de centro, mapas, algumas fotos de homens e mulheres. Sua organização metódica era de fato impressionante. Ele havia planejado tudo aquilo depois que escapara com o dinheiro. Será que ele voltaria por mim se não tivesse visto meu vídeo pedindo por socorro? Talvez seguisse sua vida criminosa sozinho.

— Vou me livrar do corpo —Santoro anuncia em italiano, interrompendo a conversa de Marco e Ian.

Olho para o homem atarracado, com um pesado sobretudo, que não esconde as armas que usa na cintura. Ele sustenta meu olhar e não esconde o descontentamento ao me ver, seu maxilar se tenciona e sua boca transforma-se em uma linha fina. Marco acena com a cabeça e volta a ouvir os planos de Salvatore.

Santoro se abaixa o suficiente e a arrasta pelos tornozelos, deixando um largo rastro vermelho por onde passa. Sinto o estômago revirar, mesmo que o corpo da mulher não esteja mais ali, o cheiro do sangue ainda é forte demais.

— Por ora, ficaremos aqui, quero cuidar de cada passo de perto — Romano rosna e fica de pé, guardando a pistola na calça. — Morena, me traga uma bebida e termine o jantar .

Não consigo evitar de revirar os olhos. Romano dá uma risada e tira um cigarro do bolso do casaco. Ele o coloca nos lábios e sai da sala, nos deixando a sós.

— Você está louco? É insano você cogitar fazer negócios com esse animal? — sussurro irritada, dando um tapa no braço de Ian. — Ele é um troglodita, não o suporto.

Ian segura minhas mãos e as acaricia com os polegares.

— Confie em mim — se limitou a dizer, com calma. — Pode fazer isso?

Me lembro da regra principal que ele me ensinara logo no início: Não seja pega, essa era a parte mais confusa, por que ele quebrou a própria regra? Não quero que se sacrifique por mim.

— Cadê a minha bebida? — Romano vocifera e solta a fumaça do cigarro devagar.

Eu me afasto de Ian e fico de pé, tentando manter as pernas firmes.

— Foda-se, Romano! Se acha que vou ser sua empregada, pode acabar com isso agora mesmo! — Grito e saio pisando duro de volta para o quarto.

De volta ao quarto, eu tranco a porta e sento no chão. Minha cabeça lateja e meu corpo parece estar sendo esmagado por uma

tonelada. Ainda posso ouvi-los conversando, mas não consigo entender o que dizem. Percebo mais algumas vozes masculinas, risadas e o som de vidro se quebrando.

Tento me distrair e analiso os detalhes do quarto, a cabeceira da cama entalhada em uma madeira rústica escura que acompanha os tons do armário. Sobre a cama, uma colcha provençal com detalhes em vinho confere certo romantismo ao lugar. Vou até o armário e abro as duas portas de uma vez. Claro que Ian pensou em tudo... Observo as roupas nos cabides, *cardigans*, sobretudos, todos com etiqueta. Caminho até a janela em meio a escuridão do lugar, posso ver Santoro cavando a cova para a mulher. Um outro capanga segura uma lanterna, iluminando o local onde a enfermeira será enterrada.

Se Ian não tivesse pensado rápido e divido seus planos futuros com Romano, o corpulento Santoro teria que cavar três covas em vez de uma. Espero que você realmente tenha uma boa saída, Ian. Volto para cama e me enrolo nas cobertas, não me sinto segura o suficiente para fechar os olhos e adormecer, eu sei que aquela tranca não impedirá se eles quiserem realmente entrar aqui.

Queria que Salvatore estivesse aqui ao meu lado para que eu pudesse me aconchegar em seu colo e ouvir seu plano de fuga ou como mataria Romano. Este último pensamento soou estranhamente perverso. E, pensando nessa possibilidade,adormeci, veneno, arma, faca, os meios eram muitos, mas se isto fosse feito, não poderia haver erro...

Quando os raios de sol iluminaram o quarto, espreguicei na espaçosa cama, mas me deparar com a imagem de Romano me observando pela janela me fez estremecer. Quanto tempo ele me

observara dormir? Seu doente! Seus olhos azuis estavam mais claros do que eu me lembrava, talvez pela claridade. Um cigarro pendia aceso em seus lábios, ele tirou da boca e o apagou no vidro da janela, como se mirasse em minha direção.

IMBECIL! Em um gesto impulsivo, exibo o dedo do meio, o gesto universal para o foda-se. Romano tacou a bituca no chão e chutou a janela com violência, o vidro se estilhaçou. Merda, Catarina! Salto da cama e ele passa pela abertura, e à medida que caminha em minha direção os cacos estalam debaixo de seu coturno. Eu conheço esse olhar, ele está furioso.

—Ian!— grito por socorro.

Romano me agarra pelo pescoço.

— Queria me dizer alguma coisa, morena? — rosna, irado.

Ele aperta com força e meus pulmões se comprimem pela falta de ar. Quero gritar, mas a voz não sai.

—Estou esperando. — Seu hálito cheira a whisky e cigarro.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e sinto que se ele pressionar um pouquinho mais, irá acabar com esta agonia. Três estampidos secos e ouço a porta do quarto abrir.

— Solta ela, Marco. — A voz de Ian soa firme e ameaçadora.

Romano desvia o olhar para Ian.

— Santoro, a qualquer movimento do bad boy, pode atirar.

O que eu fiz? O que eu fiz? Minhas mãos tentam afrouxar os dedos de Marco e eu finalmente consigo um mísero oxigênio para dizer em um sussurro:

— Me desculpe.

Marco relaxa o aperto e me arremessa no chão sem fazer muito esforço, caio aos pés de Ian. Tusso sem parar e meu corpo reage

ofegante ao alívio por conseguir respirar livremente. Eles nos deixam a sós e Salvatore me ajuda a levantar. Eu choro de raiva, tremo de medo e fico irritada por ter me humilhado para Romano.

— Vem aqui.

Ian senta na cama ao meu lado e me envolve, fazendo com que, imediatamente, eu fique mais calma. Seus polegares secam minhas lágrimas e ele os roça de leve em meus lábios.

Inspiro devagar, deixando que o perfume dele invada meus pulmões, ele é tão cheiroso, logo meus pensamentos estão voltados para o perfume cítrico amadeirado que, misturado a ele, o torna ainda mais irresistível.

— Olhe para mim. — Salvatore ergue meu queixo carinhosamente e sorri. — Se você quer que saíamos dessa juntos, vai ter que aprender a controlar essa boca desaforada. Acha que consegue fazer isso por mim?

Será? Ian Salvatore, seu idiota, larguei minha vida por você, entrei no mundo do crime com você, assaltei um banco e agora me pergunta se eu consigo controlar a língua? Claro que não consigo, mas vou me esforçar.

— Talvez — respondo quando ele morde meu lábio inferior, me atiçando.

Sua mão sobe pela minha coxa em uma pegada forte e eu torço para que ele rasgue meu pijama de flanela e me possua, com a porta escancarada, durante horas, mas meu estômago ronca alto e meu rosto se aquece de vergonha.

—Pepa, Pepa... O que eu faço com você? — Sorri, divertindo-se.

— Primeiro, me alimenta e, de preferência, com o típico café da manhã italiano.

Lembro da primeira vez que tomamos café juntos, o leite condensado, a calda de chocolate e a maneira como Ian me lambuzou e depois me chupou inteira.

— Você está fazendo aquela cara — me provoca e sussurra ao meu ouvido, sua respiração quente faz meu corpo arrepiar. — De quem quer ser fodida com força até a exaustão.

Abro a boca para responder quando a imagem de Santoro surge na porta com cara de poucos amigos.

—Romano está esperando na sala para começar a tratar os detalhes. — Exibe um sorrisinho cínico, satisfeito por ter estragado o clima, e então sai.

Filho da...

—Tome um banho e troque de roupa, vou preparar seu café.

Observo Salvatore levantar da cama e se afastar, dou aquela conferida em cada parte que posso até o perder de vista, desde o porte atlético, costas largas e até a bunda... ai ai... me pego rindo sozinha, esse meu italiano...

Vou até o armário e separo uma calça jeans preta, uma segunda pele na mesma cor e uma jaqueta jeans bem mais clara, quase branca. Logo abaixo, na primeira gaveta que abro, encontro sapatilhas e scarpins de diversas cores. Pego o par de sapatilhas douradas e atiro sobre a cama junto com as roupas que acabei de escolher. Puxo a segunda gaveta e encontro lingeries, pego um conjunto vermelho e encosto a porta do quarto, já que a mesma não fechará mais, graças aos tiros de Ian que estouraram a fechadura.

Meu banho é rápido e me visto com a agilidade de um foguete, amaldiçoando a mim mesma por odiar o frio com todas as forças. Credo, esse frio todo não é de Deus. Sobre o móvel do banheiro,

uma nécessaire com um kit básico de sobrevivência, com rímel, delineador, base, um quarteto de sombras, batom coral, um vermelho mais chamativo. Ian, você pensa em tudo. Será que alguma mulher o ajudou a escolher? Em minha mente monto toda a cena, a vendedora se derretendo em sorrisos, inclinando-se para mostrar o decote, talvez a periguete tenha até aproveitado para tirar uma casquinha daqueles bíceps enquanto ria do sotaque de Salvatore.

O cheiro do café preto recém passado me despertou dos devaneios ciumentos. Melhor não pensar nisso. Já arrumada, solto os cabelos e sigo o aroma do café da manhã. Chego na cozinha e me deparo com Romano sentado à mesa; ao seu lado, Santoro, analisam algumas folhas enquanto três homens estão sentados no sofá da sala, dois deles estão com as botinas escoradas sobre a mesinha de centro, o mais velho, já na casa dos quarenta, tem a cabeça raspada e tatuagens tribais que descem pela nuca. Passo direto, ignorando a presença deles ali, mas sinto que um deles me observa.

Na mesa de seis lugares, escolho o mais distante de Marco e me sento. Ian se aproxima e coloca à minha frente um prato com mini pãezinhos de queijo e uma xícara de café com leite e senta-se ao meu lado. A arma de Marco está sobre a mesa, ele continua olhando a lista com os bancos.

— Nessas primeiras folhas podem ver que as agências bancárias... — Me assusto quando sinto a mão esquerda de Ian me provocar por debaixo da mesa enquanto ele explica com a calma e classe de um executivo bem articulado. — Estão situadas por municípios mais afastados das capitais... — Ele desabotoa a calça e, devagar, abre o

zíper do meu jeans. — Teremos que ter uma abordagem dura o suficiente para que não haja resistência.

Salvatore, seu cretino filho da... Pigarreio e controlo-me para conter um gemido quando seus dedos quentes acariciam meu clitóris. Abordagem dura? Golpe baixo, Ian! Muito baixo.

— Depois que dominarmos a entrada e os fundos, entro com tudo... — ele continua suas explicações tendenciosas, seus dedos escorregam em um delicioso movimento, toda a tensão e o perigoso jogo me levam ao orgasmo em uma velocidade recorde. Quando seus dedos penetram meu sexo, mesmo sabendo do perigo que ambos corremos com a ousadia, Salvatore continua metendo os dedos em minha bocetinha encharcada. — O segredo é mantermos distância entre os escolhidos para que não sejamos pegos.

Me ajeito na cadeira e abro um pouco mais as pernas, para que ele enfie mais um dedo, e então eu gozo em segredo e meu sexo se contrai. Você vai me levar à loucura, Ian Salvatore. Discretamente, ele tira os dedos de mim e os chupa com um movimento rápido.

— Eu já volto. — Ian se retira e caminha apressado para o banheiro, o jeans escuro não é o suficiente para disfarçar a ereção.

Depois de alguns minutos, ele retorna e pisca para mim.

— É melhor você comer, vai precisar de energia. Nós ainda nem começamos.

Como uma garota obediente, eu como o pão de queijo com uma mão e fecho minha calça com a outra.

—Depois do café, iremos comprar algumas coisas que precisaremos, disfarces, algemas — Salvatore explica após beber um gole do meu café.

Romano o encara sério e esfrega a barba loira.

— Tudo bem. Dominic e Santoro irão com vocês.

CAPÍTULO 3 – SEM SAÍDA

— Me espere no carro, Pepa — Ian me orientou, entregando as chaves.

Eu vou dirigir? Um sorrisinho surge em meu rosto.

— Não se empolgue. Eu vou dirigir, eu ainda tenho doze meses de vida. Não vamos antecipar as coisas — Ian me provoca com a piada sem graça e me alegria se esvai quando eu lembro do maldito acordo.

Romano sinaliza com a cabeça e Santoro já se põe de pé. Eu pego as chaves e sigo para fora do chalé. Há três carros estacionados e duas motos. E agora, qual deles? Miro o controle e aperto o botão que destrava o alarme, as luzes do Nissan Versa preto se acendem. Caminho até a porta e sento no banco do passageiro, ao lado do motorista. Esfrego os braços ao redor do corpo para espantar a sensação de que meus ossos estão prestes a congelar.

A primeira coisa que faço é ligar o rádio. Inspeciono o porta-luvas e encontro uma pistola, parece ser o mesmo modelo que Marco usou para atirar na enfermeira. Será que é por isso que Ian pediu para que eu já esperasse aqui? Pelo espelho retrovisor direito,

posso ver Santoro e um outro rapaz mais jovem caminhando em minha direção. Quem será esse outro cara? Talvez o filho do Santoro... Não... Logo afasto essa ideia, ele é bonito demais para ser parente daquele baixinho perverso.
Sem pensar duas vezes, escondo a arma na cintura, na parte de trás da calça jeans e puxo minha blusa por cima, o material frio em contato com minha pele me causa uma sensação estranha.
— Let's have some fun, this beat is sick — canto acompanhando o ritmo de Love Game e a voz de Lady Gaga preenche o ambiente quando aumento um pouco mais o volume. Balanço os ombros e os peitos em um movimento de shimmy para irritar Santoro, não o suporto e sei que a recíproca é verdadeira. — Cantem comigo! Sua deixa, San... Tenho certeza que à noite, quando não tem ninguém olhando, você se transforma.

O outro cara sorri de canto e se ajeita no banco. Mexo na paleta protetora de sol e confiro pelo espelho se a maquiagem ainda está ok. Percebo os olhos castanhos do rapaz me observando, ele pisca para mim e, antes que eu fale qualquer coisa, Ian abre a porta do e senta, entrego as chaves e Salvatore dá partida, seguindo por uma estrada de chão que corta caminho por um vale de eucaliptos. aAs árvores vão ficando para trás e as rodas do Versa tocam a autoestrada que leva para a cidade. Espio o velocímetro que marca cento e trinta quilômetros. Por via das dúvidas, puxo o cinto de segurança e o coloco.
Uma placa de “bem-vindos a Canela” marca a entrada da cidade turística gaúcha. “Ah, quando tu estiver no sul precisa conhecer Gramado e Canela, tomar chimarrão e se fartar no café colonial.” A voz de minha amiga Camis ecoou em minha mente.

— Já estamos chegando? — pergunto ansiosa enquanto ele reduz a velocidade à procura de uma vaga para estacionar.
Ian desliga o rádio e para em frente a uma farmácia, ele tira do bolso da calça uma folha, a dobra no meio e divide em duas.
— Sim, chegamos. Fica com isso. Nos encontramos aqui em meia hora — explica.
— Hã? Como assim? Eu quero ir com você — retruco fazendo birra e pego metade da lista.
— Precisamos nos dividir para comprar as coisas e o mais seguro é que não sejamos vistos juntos. Pelo menos, não por enquanto. Fique longe de encrenca. — Seu tom é de advertência.
Estendo a mão com a palma para cima. Salvatore tira a carteira do bolso e me entrega um considerável maço com notas de cinquenta.
— É acho que isto irá servir. — Me inclino e mordo seu pescoço de leve, sinto seus dedos enroscarem em meus cabelos e me puxa, tomando minha boca em um beijo possessivo.

Quando ele me solta, um sorriso bobo estampa meu rosto, eu não confio em minhas pernas para me sustentar de pé, ele sabe o efeito que causa em mim e garante que os outros também saibam. Com os lábios ainda formigando, eu saio do carro e paro na calçada. O rapaz ao lado de Santoro desce em seguida e espera meus próximos passos. O estranho sexy tem os cabelos um pouco mais longos que os de Ian, roçam na gola da jaqueta. Seus olhos castanhos me analisam de cima a baixo e, de repente, sinto-me nua.
— Você não vai ficar me seguindo igual a uma sombra, né? Se é pra andar, que seja ao meu lado. Qual é seu nome?
— Dominic — responde com voz rouca.

Ele estende a mão para me cumprimentar.

— Catarina. — Retribuo o aperto, sua pele é quente em comparação a minha, fria igual a um picolé.

Já no outro lado da rua, vejo a silhueta de Ian desparecer no interior de uma loja de ferragens, reconheço Santoro parado como um cão de guarda na entrada. Uma rajada de vento me faz estremecer. Pego a lista e sigo ao lado do moreno sexy para o shopping. Por onde passamos, ele atrai os olhares femininos, é como andar com Ian, as mulheres não evitam de olhar, é como se eu nem estivesse ao seu lado.

— Então, Dominic, sua namorada não faz o estilo vida bandida? Ela não se importa que você fique de babá de uma criminosa fugitiva?

Me sinto idiota assim que termino de falar, até parece aquelas sondagens mal feitas. Desse jeito, é bem capaz dele pensar que eu estou interessada.

— Não tenho namorada.

— Hum... — Silêncio constrangedor, silêncio constrangedor. — Ah, entendi, joga no outro time.

CA-TA-RI-NA! Minha mente me repreende: MAS QUE PIADA IMBECIL. Ele sorri e rebate.

— Por que o interesse? — Sua voz é quase um convite.

Ok! Tenho certeza que fiquei com o rosto vermelho.

— Por nada... só estava puxando conversa. Eu hein, homem vê putaria em tudo — retruco e caminho mais rápido pelos corredores quase vazios do shopping.

Dominic sorri presunçoso e muda de assunto.

— Como conheceu Romano?

De imediato, a cena no avião invade meus pensamentos, eu montada em Marco enquanto ele me fodia com força no minúsculo banheiro.

— Em uma viagem para Florença. — Os detalhes mais intensos decido guardar só para mim. — E você?

Dominic passa a mão pelos cabelos sedosos e seus lábios se curvam em um sorriso.

— É uma longa história, mas resumindo, certa vez, eu estava correndo em um racha e Santoro veio até mim com uma proposta.

Hum... Que tipo de corridas será que ele faz para Marco. ISSO NÃO É DA SUA CONTA! CONCENTRE-SE! Reli os primeiros itens da lista, máscaras, bebê de brinquedo... Bebê? As máscaras até dava para entender, já tínhamos usado no assalto anterior, mas o bebê? Não fazia ideia para que ele queria isso.

— E Ian, como vocês se conheceram?

Arqueio uma sobrancelha e o encaro desconfiada.

— Por que quer saber?

Ele sorri e usa minhas próprias palavras.

— Só puxando conversa.

Entro na primeira loja de brinquedos que vejo, há réplicas em tamanho real de super-heróis logo na entrada, Homem-aranha de um lado e do outro, a Elza. O moreno sexy continua sua sondagem.

— Imaginei que tivessem algo sério, para ele fazer o que fez.

Paro de caminhar e o encaro, tenho que olhar para cima, estou sem salto, ele é, no mínimo, uns vinte centímetros maior do que eu.

— Seja direto. — Minha voz sai mais alta do que deveria.

— Estou falando das meninas que morreram na explosão da mansão. Todas as adolescentes queimadas. Romano ficou

possesso. Esses italianos são impiedosos, concorda? Marco e Ian passam por cima de qualquer um sem hesitar.
Não posso acreditar que ele foi capaz de compará-los.
— Eles não tem absolutamente NA-DA — enfatizo a última palavra — em comum. É melhor você me esperar na porta da loja, prefiro fazer isso sozinha.
Não posso deixar de ficar abalada ao pensar na morte horrível que aquelas meninas tiveram, tudo por minha causa. Porque Ian fez ultrapassou todos os limites para me resgatar. Terminei as compras em pouco menos de quinze minutos, fiz o pagamento em dinheiro e, quando saí da loja, Dominic estava lá, de braços cruzados, me aguardando. Larguei as sacolas para que ele carregasse sozinho e caminhei na frente. Quando cheguei no Versa, Ian já estava sentado no banco do motorista.
— Conseguiu comprar tudo?
Balanço a cabeça em resposta. Assim que o senhor espertinho entra, damos início à volta para “casa”. Salvatore percebe meu mau humor, deixo que meu olhar se perca na paisagem vazia, tentando esquecer do atrito com Dominic.

Marco Romano

—Fala, alemão! Como vai essa força?
—Romano... A que devo a ligação? — A voz dele é carregada com o sotaque sulista.
— Topa um serviço de contenção?
— Ué? Não estava em parceria com os Hermanos? — retruca com acidez.
Tiro um cigarro e o acendo, soltando a fumaça pelas narinas.

— Está interessado ou não? — cobro a resposta sem muita paciência.
—De que tipo?
—Porco, direto no chiqueiro — explico em código.
— Pra quando?
— Talvez na próxima semana. Daqui a uns dias te passo os detalhes. — Desligo o celular e guardo no bolso da jaqueta.

Consigo ouvir risadas vindas do lado de fora do chalé, saio da casa e vejo que o argentino já está contido. Sonny e Virgil eram rápidos, apesar do tamanho. O homem teve seus braços e pernas algemados, presos por correntes que o ligava aos carros. Nada melhor que um bom cabo de força pra fazer um filho da puta dizer tudo o que eu preciso ouvir, só que, nesse caso, esse infeliz nu é que seria usado como corda.
—Confortável? — pergunto, apagando o cigarro em sua testa que, mesmo com o frio, pingava suor.

Debaixo das cinzas, nasce a queimadura em formato circular. A única coisa que o impede de gritar é o toco de madeira que colocaram entre seus dentes.
—Acha mesmo que eu atravessei o oceano para ser chantageado por um merdinha como você? Foi muita ousadia sua. Eu já tinha um acordo com seus Hermanos.

O homem à minha frente era um dos integrantes da gangue de argentinos também conhecidos como Hermanos Diablo. Eles eram responsáveis por fazer com que meus caminhões passassem direto pela fronteira argentina sem que fossem parados pela polícia. O negócio ia bem até eu receber cartas anônimas com fotos e áudios em um pen drive, onde eu aparecia fazendo negócios com o líder

deles. A eficiência de meu braço direito, Santoro, me trouxe esse lixo. Agora, é a hora de ensinar a ele as consequências.

Tiro a faca da cintura e me agacho até ele. Assim que me aproximo, ele se mija de medo. Deslizo a ponta da lâmina pela axila e abro um talho fundo, pouco maior que um palmo. Por mais que o argentino balance o corpo tentando se desvencilhar, é tudo inútil e seu esforço só faz com que o sangue escorra mais rápido.

—Tem alguma coisa a dizer que possa me fazer mudar de ideia? — indago e tiro a madeira que o impede de gritar.

— Un informante, ya sé que se ha infiltrado en la familia. — Ele atropela as palavras e quase não o entendo.

Ele confessaria qualquer coisa para se livrar da morte certa, acusaria qualquer um. Volto a cobrir sua boca com a pequena tora e faço o segundo corte, dessa vez na outra axila. Assobio e sinalizo com a mão para que Sonny e Virgil acelerem os carros. Só então volto a livrar o filho da puta para que diga suas últimas palavras.

—Diga o nome agora e dou minha palavra de que não vai doer muito — rosno.

O choro do homem é compulsivo e descontrolado.

— Eu não sei, mas eu posso.

Enfio uma folha amassada que trazia no bolso interno da jaqueta. Pego a carta que o infeliz usara pra me chantagear e soco em sua boca de maneira que ele não consiga dizer mais nada. Olho para trás e percebo que Morena me observa à distância.

—Comecem! — ordeno. — Venha aqui, Morena!

Ela olha para o ladrãozinho como se esperasse por uma permissão. Ian. Só de repetir o nome mentalmente já fico com raiva. Ela caminha contrariada até mim e envolve os braços ao redor do

próprio corpo em um abraço, então desvia o olhar do corpo do homem que segue sendo torturado, os membros sendo rasgados pouco a pouco.

— Olhe pra ele, Morena.

— Já entendi, senhor fodão das torturas. Agora, pode me deixar ir para dentro? — ela retruca desaforada.

— Não. Quero que assista até o final, isso é carinho comparado ao que vamos fazer com seu querido namoradinho.

Morena olha diretamente para os ossos que comecem a ficar expostos.

— O que ele fez pra merecer isso? — ela me pergunta sem esconder a repulsa.

— Achou que poderia me enganar e continuar vivo para contar a história.

CAPÍTULO 4 – R.I.P CATARINA VALLENTI

Catarina Vallenti

Que Marco Romano era um porco sem alma eu já sabia, mas presenciar a cena dele torturando o homem à nossa frente fez os pães de queijo e café com leite querem voltar à tona. Corro para dentro do chalé e bato a porta do banheiro social. Ergo a tampa do vaso com rapidez e me agarro quando o primeiro jato sobe queimando pela garganta.

— Tudo bem aí dentro? — indagou Dominic.

Será que dizer pra ele ficar longe de mim com todas as letras não foi o suficiente? Será que eu vou ter que desenhar para esse idiota?

— Me deixe sozinha! — grito, sentindo o amargo gosto do café da manhã.

Ele abre a porta, ignorando o meu aviso.

— Parece que seu italiano não cozinha tão bem assim. — Ele pegou a toalha de rosto e molhou na pia.

— Não enche.

Dominic se ajoelha ao meu lado, éramos três, eu , ele e o vômito boiando no vaso. Abaixo a tampa e pego a pequena toalha branca de sua mão.

— Você não sabe nada sobre ele — retruco revirando os olhos, sem paciência.

— Algum problema? — A voz de Ian soou dura e fria, apesar de eu não estar fazendo nada de errado, levei um susto ao escutá-lo.

Salvatore me estendeu a mão e me ajudou a levantar, me puxou para perto e continuou encarando Dominic.

— Vem, me mostra o que comprou. — Tento mudar de assunto antes que os dois se engalfinhem no chão do banheiro e o puxo para fora.

Já na mesa, parece que Romano está tão interessado quanto nós e mexe nas sacolas de compras.

—Uma boneca? — Seu tom é sarcástico. — É com um brinquedo que vamos assaltar o banco?

Não consigo olhar para Marco e volto para o nosso quarto.

—Vou sair e, quando eu voltar, espero que tenha uma data! — Romano eleva o tom de voz.

Em meu quarto, não consigo trancar a porta, graças a Ian. Entra um frio do cão pela janela quebrada. Vou para o banheiro da suíte e, na nécessaire com as maquiagens, encontro uma pequena escova de dentes e um mini tubo de creme dental.

— O que o Dominic queria com você?

Percebo uma nota de preocupação na voz de Ian. Seco a boca na toalha de rosto. Ele observa meus movimentos. Seus olhos azuis me analisam, aguardando minha resposta.

Acho que ganhei meu dia. Consegui deixar o senhor Salvatore com ciúmes.

—Não é nada. Só não estou acostumada a ver mutilação antes do almoço. — Debocho em voz baixa para que apenas ele me ouça.

— Hum... — ele murmura desconfiado. — Fique longe do Dominic, tem alguma coisa nele que não me desce. Vi como ele ficou te encarando no carro.

Ah, meu Deus! O homem mais sexy que eu já vi na vida está com ciúmes, Dominic é hot, mas Salvatore...

— Me diz por que, quero ouvir você dizer. — Fico na ponta dos pés e sinto seu perfume delicioso inconfundível.

Ian me puxa com violência e sua boca toma a minha, e meu corpo não resiste, sim, cada músculo se atiça na expectativa do calor que emana de seu corpo definido. Seu toque é selvagem e urgente. Anseio para que ele me jogue no chão e arranque minha roupa ou que me prense contra a porta e me foda com força suficiente para que meus gemidos possam ser ouvidos pela casa inteira.

Seus lábios quentes descem pelo meu pescoço enquanto suas mãos abrem rapidamente meu jeans. E logo suas mãos estão dentro de minha calça, não consigo conter um gemido.

— Como está molhadinha, sem calcinha, sua safada. — Ele exibe um sorriso torto, bonito como só o diabo pode ser. — Agora já chega! Vou ter que te comer aqui mesmo.

Ele se ajoelha e sorri de canto.

— Deixa eu sentir essa sua bocetinha doce enquanto você goza dizendo meu nome.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, seus dedos me abrem devagar, inclino meus quadris para frente e prendo a respiração. A primeira lambida faz com que eu procure por algo em que eu possa me segurar. Minhas pernas tremulam e meus dedos vão de encontro aos cabelos macios e fartos de meu italiano. Salvatore chupa meus lábios e geme dentro de mim. Puxo seus cabelos com mais força e, quando acho que ele tirará minhas mãos, apenas afasta mais minhas coxas, me deixando ainda mais escancarada. Sinto ele rosnar algo enquanto me chupa e me lambe com a língua feita para o pecado.

Arqueio o corpo tentando controlar o orgasmo que se aproxima, mas suas mãos firmes me posicionam como ele quer. Ian chupava meu clitóris inchado com dedicação, prestes a me enlouquecer. Gozo gemendo seu nome. Salvatore lambe meu sexo inteiro até que não houvesse mais sinal algum de que eu havia acabado de gozar. Solto um suspiro resignado, inconformada com a tortura.

—Delícia de mulher — geme, me puxando para o chão.

Salvatore se move rápido e como um lobo. Enlouquecida de desejo, minhas mãos percorrem seus músculos firmes por debaixo do suéter. Quero arranhá-lo por inteiro, encher cada pedaço de seu corpo de mordidas, mas meu corpo não obedece a nenhuma ordem de meu cérebro. Só tenho uma necessidade vital no momento. Ser fodida com força, como ele me prometeu algumas horas atrás.

—Você é só minha? — ele sussurra enquanto esfrega, em minha entrada, a cabeça dura de seu membro ereto.

—Completamente sua. — Minhas pernas se desvencilham do jeans e as prendo em seu quadril.

Ian me penetra fundo, estocando com força, e seu corpo se move com uma cadência perfeita. Mordo seu pescoço antes que eu grite alto demais quando o segundo orgasmo me invade. Completamente depravado e sem vergonha, Ian não se importa com onde ou quando vai me comer e isso me deixa ainda mais louca. Deve estar fazendo no máximo dois graus lá fora e eu aqui, seminua, no chão do banheiro, sendo comida por um verdadeiro Deus do sexo, a definição exata da perfeição.

Entrando e saindo, incansável, eu estava absorta em um êxtase de prazer indescritível. Ian rosnou meu nome enquanto gozava dentro de mim, quente e delicioso; simplesmente, ele. Salvatore saiu de dentro de mim devagar e minha vontade era de agarrá-lo mais uma vez, para que ficássemos unidos ali, apenas nós dois, sem distinção de onde começava o prazer de um ou do outro, faminto e selvagem. Puta que pariu, eu estava apaixonada por ele.

Ian se levanta e veste a calça. Estende a mão e me puxa, logo estou de pé, admirada com o sorriso safado que ele exibe naquele rosto lindo. Começo a me vestir também.

— Não esquece disso. — Ele mostra a pistola automática que encontrei no porta-luvas do carro “dele”.

Nem me dou ao trabalho de perguntar como ele tirou a arma que estava na parte de trás da minha cintura, eu sei o quanto ele é BOM com as mãos, muito habilidoso.

— Não sei usar isso Ian. — Pego-a e guardo no mesmo lugar de antes.

— Fique com ela por perto. Não vai precisar usá-la. Agora, me ouça com atenção. — Ian me puxa para mais perto e, em um tom carinhoso, se explica, como já estivesse se desculpando. —

Amanhã vamos invadir a primeira casa, só tenha uma coisa em mente, por você eu faço tudo, absolutamente tudo.

Percebi meu engano, não estou apaixonada por Salvatore, eu o amo.

— Serei violento e calculista, mas, por favor, não me odeie por fazer o que for necessário para que saíamos dessa juntos.

Seus olhos azuis brilhavam com a intensidade daquela declaração. Fico na ponta dos pés e mordisco seu lábio. Sairíamos dessa juntos ou morreríamos tentando.

***

Já era quase uma da tarde, resolvi ajudar Ian com o almoço; em minha mente, eu fingia que éramos recém-casados e fazíamos o primeiro almoço em família na casa nova, Marco Romano e sua gangue de mafiosos também tinham um papel importante, eram colegas de trabalho de Salvatore e, infelizmente, não poderiam ser maltratados e expulsos dali.

—Vamos, Pepa. — A voz de Ian soa brincalhona quando ele me atinge com o pano de prato na bunda, como uma chicotada. — Agilidade nessa salada.

Enquanto eu cortava o tomate em uma velocidade de tartaruga reumática, Salvatore picava alho e cebola como um verdadeiro chef. No cooktop, uma frigideira aquecia o óleo ao lado de uma panela onde a massa fervilhava.

O almoço correu tranquilo e parece que a tensão se dissipou um pouco na hora da comida. Se houvesse mais um homem sentado à mesa, eu seria a branca de neve. Dei uma risadinha, aproveitando a minha piada interna.

Depois de repetir o almoço duas vezes, deitei no sofá ouvindo Ian explicar a Romano e aos outros como invadiríamos a primeira casa. Apesar de o assunto não ter absolutamente nada de tedioso, eu não havia dormido quase nada na noite anterior, devorado meio quilo de comida e bebido uma ou algumas taças de vinho, isso tudo somado aos orgasmos múltiplos proporcionados pelo meu garanhão italiano. Em minutos, eu já estava nos braços de Orpheu, o deus do sono.

O dia amanhecera nublado, a sala estava vazia, ouvia conversas vindas do lado de fora da casa. Enfileirados, Dominic, Virgil , Sonny, Marco e Salvatore olhavam para a cova aberta, todos usavam ternos escuros, feitos sob medida.

— Se despeça dele, querido — aconselhou a voz feminina.

Uma mulher está com o meu Ian? Caminho sentindo as pernas fraquejarem e posso ver mais de perto. O único que parece notar ou se importar com minha presença é Dominic.

— Atrasada! Antes tarde do que nunca. Não é o que dizem? — questiona com voz rouca e um olhar doce.

Dou alguns passos para mais perto da cova para ver quem está sendo enterrado e me deparo com os corpos apodrecidos da enfermeira e do homem mutilado por Marco. Sinto as mãos de Dominic me atirarem para dentro do buraco, em meio àqueles restos mortais, a cova é funda demais, à medida que eu tento subir, mais terra cai sobre mim.

—Adeus, Catarina Vallenti. — A mulher misteriosa ao lado de Ian ergue a tule negra que cobre seu rosto, ela é tão familiar, sinto que a conheço.

Marco e Ian pegam pás e começam a fechar minha cova.

— Te vejo no inferno, minha Morena — Romano se despede.
Olho mais uma vez para a desgraçada ao lado de Ian, ela não consegue evitar de sorrir, sei que ela está se divertindo com meu sofrimento. Salvatore entrega uma pistola a ela. Em um lampejo, eu finalmente a reconheço, estico a mão na direção da arma que ela aponta para mim. O estampido do tiro é seco, ensurdecedor, a bala me atinge em cheio entre os olhos.

Não consigo evitar de olhar para a coitada sonhadora nesse buraco, mas se eu quisesse realmente ficar ao lado de Ian, eu teria que ser capaz de puxar o gatilho, mesmo que para isso eu tivesse que matar parte de mim.

CAPÍTULO 5 – NEGÓCIOS X PRAZER

Catarina Vallenti

Acordei aos gritos no sofá da sala, banhada em suor, até então achei que era impossível suar sob temperaturas abaixo de zero.
— Parece que alguém andou sonhando com o bicho papão. — A voz de Dominic soou incrivelmente debochada.
—Ahahah. — Finjo uma risada e carrego no sarcasmo. — Nossa, Dominic, cada vez você se torna mais agradável, como consegue essa façanha?

Dominic estava de pé, próximo à porta de entrada quando acordei, mas é claro que não perdeu a oportunidade de me irritar assim que me viu despertando. Qual é a desse cara?
— Faz parte do meu charme — ele responde presunçoso.
Com o dedo indicador, simulo ânsia de vômito.
— Obrigada pela conversa madura — me alfineta e dá uma piscadela, me deixando só, antes que eu pense em uma resposta à altura.
— Idiota!— resmungo.

Fico de pé e me espreguiço. Ouço tiros vindos do lado de fora. Abotoo meu jeans. Será que Dominic viu que minha calça estava aberta? Se tivesse notado, faria algum comentário desagradável. Caminho até a porta e, assim que a abro, uma lufada de ar frio me gela até a alma. ODEIO O FRIO! Quase não acredito no que vejo. Talvez ainda seja uma extensão do pesadelo anterior, vai saber como os sonhos funcionam, né?

—Mas que porra é essa? — sussurrei.

Ian mirava em uma carcaça de carro, ele segurava uma arma diferente da pistola que me dera horas antes, essa tinha o cano mais longo e parte do cabo em madeira. Romano escolhia outro “brinquedo ” na traseira da caminhonete. Enrosquei os braços em torno do corpo e saí apertando o maxilar para não bater queixo.

Ian não poderia estar mais sexy segurando aquela metralhadora. Ele mirava em um minúsculo alvo pintado na ponta do retrovisor.

—O que está fazendo? — Ok, minha pergunta foi idiota, logo me dou conta e reformulo. — Vamos precisar disso tudo?

Ele me encara com seus belos olhos azuis e responde sem desfazer a posição de quem está prestes a atirar.

— Isso e um pouco mais.

Salvatore dispara e o tiro acerta em cheio o alvo, o retrovisor dianteiro se despedaça em uma fração de segundos.

— Esse aqui chegou ontem, Sniper DSR 50, veio direto da Alemanha, a precisão dessa belezinha aqui é coisa de louco. Perfura paredes, tanques, árvores, qualquer coisa sólida que esteja pelo caminho — explica o homem com o gorro de lã enterrado na cabeça.

Olho para ele de soslaio, ele veste uma jaqueta grossa marrom, carrega no rosto uma cicatriz severa, de queimadura talvez.

—Algum pedido, Morena? — A voz de Romano me surpreende. Ele solta a fumaça do cigarro e taca a bituca no chão.

Marco Romano querendo me comprar uma arma? Não ouse dar uma resposta desaforada, não mesmo! Principalmente quando ele carrega nas mãos uma metralhadora capaz de furar tanques. Me limito a um simples:

—Não, obrigada.

— Santoro e Dominic, vocês ficam com as Uzis, Sonny e Virgil com os fuzis M16.

Sinto que alguém encosta em minha cintura e dou um pulo. Ian sorri de canto com minha reação exagerada.

— Vamos para dentro, Pepa, você vai congelar aqui fora só com isso de roupa.

Observo ele deixar a metralhadora junto com o arsenal do vendedor e seguimos para o interior do chalé.

— O que você vai fazer?

Ian vai até o sofá onde eu estava deitada e retira as almofadas, deixando à mostra o forro acinzentado completamente rasgado. Ele pega uma mala de mão preta e coloca tudo em seu devido lugar.

— Esse é o dinheiro daquele assalto?

Ele assente e abre o zíper. Notas de cem dobradas em grossos maços azuis.

“E se nós fugíssemos?” Não verbalizo aquele pensamento e o deixo morrer. Romano nos caçaria, faria disso seu objetivo de vida. Acompanho Ian de volta à rua, dessa vez ele leva a mala.

— Aqui está o que havíamos combinado.

O homem de gorro pega a mala e mexe nos maços dando uma conferida rápida. Em seguida, exibe um sorriso com alguns de dentes de trás faltando.

— Foi bom fazer negócios com você. O que precisarem, tem meu número. — Armas, mulheres, bebidas... tenho alguns contatos.

(...)

E o filho da puta realmente tinha alguns contatos, logo no início da noite, ouvi o ronco do motor estacionar, seguido de vozes femininas animadas. Fiz questão de ir até a porta de entrada ver que zoeira era aquela.

— Rápido, estamos congelando aqui fora. — Ouvi risos e um tilintar de vidro.

Sete vadias com V maiúsculo paradas na soleira, cada uma segurando uma garrafa de bebida em cada mão.

—Acho que vocês se enganaram de casa. — O puteiro deve ser mais para frente, pensei...

— Salvatore, você tem razão, até que não é tão ruim fazer negócios com brasileiros. — Romano da um tapa na minha bunda e escancara a porta para que as prostitutas entrem. — As duas mais safadas podem passar comigo, as outras podem ir se acomodando.

Uma morena peituda se agarrou no braço de Marco e sussurrou algo em seu ouvido enquanto uma ruiva com as maiores próteses de silicone, ao estilo de Jessica Rabbit, se enganchou no outro braço e me olhou com desdém. Bufei com força e procurei por Ian. Se ele pensa em fazer orgia com aquelas vadias, está muito enganado. Saí pisando duro e voltei para o quarto.

Salvatore estava enrolado em uma toalha branca e escolhia uma camisa no guarda-roupa. Por um instante esqueci o que eu

falaria. Minha concentração estava apenas nas gotas que deslizavam pelas curvas de seus belos músculos esculpidos. Ah, não me julgue! Perto dele, eu só conseguia pensar em sexo... duro e selvagem. Logo me imaginei lambendo cada gota de seu corpo escultural.

Um gritinho de uma das vadias me tira do transe hipnótico provocado pelo senhor gostosão e logo lembro o que me enfurecia até ele aparecer seminu. Foco, Catarina! Lembre-se, você está com raiva!

— Por acaso, foi ideia sua trazer aquele bando de vadias pra cá?

—Foi. Por quê? — rebate, arqueando as sobrancelhas. — Já chegaram?

Ian Salvatore, você está brincando com fogo, seu italiano safado! A resposta dele me pega de surpresa e me deixa ainda mais furiosa.

— Quer dizer que você me resgata e depois fica todo amiguinho do cara que quase me matou e agora, ainda por cima, ainda chama um monte de vadias para uma orgia? Talvez você tenha perdido o juízo.

Tiro a arma que está presa na parte de trás da minha calça e aponto para ele, por incrível que pareça, minhas mãos não tremem. Ele sorri diante de minha ousadia, não está com medo.

— Assim, eu vou ter que punir você. — Um sorriso malicioso se forma em seu rosto e me deixa ainda mais fora de mim

—Não está com medo de que eu atire ? — Mantenho a Colt apontada para ele. — Não me faça de idiota, Ian.

—Olhe nos meus olhos — ordena com voz firme e rouca. — Amanhã, vamos dar início a uma série da assaltos que envolvem sequestros, policiais armados, civis, quero tornar o clima nessa casa

o menos tenso possível. Alguns minutos atrás, você era a única mulher aqui, quanto tempo você acha que o Romano aguentaria ouvir seus gemidos. Simplificando, você é um belo pedaço de carne em uma toca cheia de lobos. Se eles voltassem a atenção a você, morreríamos todos aqui ou você acha que eu ia deixar que alguém encostasse em você?

Ainda mantenho a arma a pontada para ele, processando mentalmente sua explicação. Até que faz sentido. Ian desfaz o nó da toalha, que cai a seus pés. Ele exibe uma ereção grossa e potente. Golpe muito baixo, Salvatore. Se já era difícil me concentrar com ele de toalha, imagina com ele inteiramente nu.

— Agora, abaixa essa arma e deita na cama. Chegou a hora do seu castigo.

As palavras dele ecoam pelo quarto e me fazem ficar ainda mais molhada. Mexo no jeans e o desabotoo.

— Não! Eu disse apenas para você deitar na cama. Ou melhor, ajoelhe-se!

Umedeço meus lábios esperando pelo “castigo” e me ajoelho. Ele caminha até mim com uma economia de movimentos. Simplesmente perfeito.... Um desespero aperta meu peito e o calor aquece pontos exatos de meu corpo em uma ânsia de tê-lo mais perto, dentro de mim, quero sentir seu gosto, quero que ele me penetre de novo, me esforço para não atacá-lo antes da ordem.

—Chupa — ordenou, agarrando meus cabelos, fazendo meu couro cabeludo pinicar.

Isso é castigo? Nota mental, mirar mais vezes em Salvatore. Meu corpo vibra ao ouvir minha sentença. Meus dedos deslizam por suas coxas firmes e musculosas. Massageio a base de seu membro com

as duas mãos, fico ainda mais excitada quando lhe escapa um gemido. Acaricio devagar e passo as unhas de leve em suas bolas.

Mais uma vez, ele puxa meu cabelo em advertência. Seu pau é rosado e duro, veias grossas pulsam denunciando seu desejo. Chupo a cabeça e lambo–o todo. Relaxo os músculos da garganta, tentando acomodá-lo todo em minha boca.

— Hum... — Gemo e continuo o chupando sem parar, simplesmente faminta para sentir seu gozo quente escorrendo pelos meus lábios, eu seria a única a sentir o seu sabor delicioso.

—Caralho, Catarina, que boca gostosa — rosna, arqueando o corpo para trás, mas eu continuo massageando a base de seu pau e chupando até quase engasgar, sim, respirar fica em segundo plano, porque minha única necessidade é sentir sua porra. — Vou gozar.

Sim, eu queria esvaziá-lo. Ele continuava segurando-me pelos cabelos, agora, ditando um ritmo mais rápido e poderoso, meus lábios o chupavam com uma urgência única, até que o líquido quente e espesso jorrou em minha língua com força, continuei o lambendo e chupando até deixar seu pau completamente limpo.

—Que boca — ele me elogia e me puxa para junto de seu corpo.

O filho da mãe ainda está me provocando, roçando o pau duro bem em minha...

— Quer que eu te foda? Que meu pau arrebente essa bocetinha enquanto eu enfio dois dedos no seu cuzinho e, quando você estiver louca pra gozar, te coloque de quatro e coma seu rabo até você gritar de prazer?

Ok, agora, sim, ele tinha pegado pesado na tortura.

—Quero — confesso.

Seus lábios se curvam em um sorriso sedutor.

— Então, vista a roupa que eu deixei no banheiro, porque eu vou fazer tudo isso na frente de todos, durante a festa dessa noite.

CAPÍTULO 6 – ORGIAS

Ian Salvatore

Ao ouvir minha proposta, Pepa caminhou apressada para o banheiro e tive que me controlar para ir não ir atrás dela. Depois da bela chupada que ela me dera, eu só pensava nas maneiras de retribuir. Ela conseguia ficar ainda mais gostosa quando ficava braba. Vou até o guarda-roupa e me visto rápido, boxer cinza, um jeans escuro e um suéter gola V Gutti na cor branca, que se agarra aos meus músculo. Por cima, visto uma jaqueta de couro preta .

Já vestido, decido por esperar Catarina fora do quarto. Saio do quarto e deixo a porta encostada. Na sala de estar, próximo à lareira, Romano está sentado na poltrona enquanto uma ruiva com a parte de cima do vestido completamente aberta rebola em seu colo. Marco lambe os seios da mulher, os gemidos sensuais da garota misturavam-se ao som da música que saía do celular e espalhavam-se pelo ambiente.

Dominic bebia algo do umbigo de uma loira deitada sobre a mesa. Em menos de vinte quatros horas, o chalé havia se

transformado em um puteiro. Atravesso a sala e pego uma das garrafas de Blue Skye sobre o balcão. Não estou a fim de driblar o Santoro e a morena que se agarram bem em frente ao armário onde estão os copos. Tiro a tampa da garrafa e bebo direto no gargalo. A bebida é puro álcool e desce aquecendo por onde passa. Antes que eu dê o segundo gole, paro com o movimento no ar.

Catarina está de pé, usando o sobretudo preto marcando sua cintura, o botão na altura dos peitos quase se abrindo, essa mulher é sexy pra caralho! Já fiquei de pau duro. À medida que caminha, as botas de cano longo e salto agulha batem no piso de madeira e emitem um som seco.

Ela sorri convencida e se aproxima.

—Posso? — Seus lábios vermelhos em um tom cereja e os olhos bem marcados me desafiam a tocá-la.

Nina pega a garrafa e bebe. A puxo pela cintura e provo vodka direto de seus lábios, tem um outro sabor, um gosto só dela. Minha língua invade sua boca em um beijo quente e febril. Nunca havia beijado ninguém com tamanha intensidade. Sinto suas mãos deslizarem por dentro da minha jaqueta, me provocando com arranhões. A ergo pelas pernas, de maneira que ela fique trepada em mim. Catarina interrompe o beijo, sua respiração ofegante e um sorriso safado iluminam seu rosto.

— Acho que é uma boa hora para avisar que eu decidi não usar o conjunto completo, debaixo desse sobretudo, não estou usando nada.

— Acho que, desse jeito, vou ter que te deixar sem gozar pelo resto da noite — rosno e, com uma das mãos, investigo o que ela usa por baixo.

Meu pau lateja. Catarina realmente não usa nada, acaricio seu traseiro em busca da saia de couro, ela não usa nada. Sua pele lisinha e quente me deixa mais louco. Ainda por baixo da saia plissada do sobretudo, meus dedos acariciam ao redor de seu cuzinho apertado. O corpo de Nina estremece de desejo.

— Minha boca provou seus seios, seu pescoço. — À medida que falo os lugares, roço os lábios nos seus e sussurro apenas para que ela ouça. — Vou chupá-la inteira.

Seus dedos passeiam por meus cabelos e ela cochicha ao meu ouvido.

— Me leve para o sofá que eu quero cavalgar em seu pau bem... gostoso.

É difícil resistir a ela. Eu a penetro com um dedo, e Nina geme, agarrando-se com mais força contra meu corpo e remexe o quadril devagar, deliciando-se com a nova sensação.

—Quer mais? Acha que aguenta mais? — provoco, aumentando o ritmo do movimento.

—Hummm... — Geme gostoso ao meu ouvido.

— Você é mulher mais gostosa e sensual desse lugar, esse é o único cuzinho que eu vou comer. — Tiro os dedos e os deslizo para a sua encharcada. — Essa bocetinha molhadinha é a única que eu vou chupar e foder.

—Eu preciso de você dentro de mim agora. Me desculpe por ter apontado a arma pra você.

Desço-a do meu colo e a levo para o sofá. Os olhos de Catarina vagueiam o lugar, a atmosfera sexual é quase palpável.

Catarina Vallenti

Ian senta no sofá e abre a calça. Olho para Romano, a morena está completamente nua, cavalgando nele; a ruiva, ajoelhada sobre o tapete, usando um fio dental preto que parecia que sumiria a qualquer momento naquele bundão. “Jéssica Rabbit” lambe as bolas de Romano, aguardando sua vez de brincar.

O pouco do que bebi da vodka já havia sido suficiente para deixar meus lábios dormentes, já que, desde os meus dezoito anos, minha tolerância ao álcool é zero. E o fator Ian era o X da questão, quando estava perto dele, era difícil pensar em qualquer outra coisa. Viro de costas para ele e decido provocá-lo. Começo a rebolar devagar, minhas mãos descem por minha cintura, sentindo o tecido do sobretudo agarrado ao meu busto, imagino que são as mãos deles percorrendo meu corpo. Afasto um pouco mais as pernas e me inclino, me apoio na mesa de centro e sigo rebolando ao som sensual de La tortura.

— Awn... Dominiiiic! — Uma voz feminina vem da cozinha. A loira com longos cachos balançando contra os seios geme enquanto o arrogante ergue suas pernas pelos braços, a mantendo bem aberta para receber suas estocadas.

Ian ergue a saia plissada do sobretudo. Suas mãos grandes e quentes acariciam minha pele morna. Eu estava exposta e completamente molhada.

— Pingando... Acho que alguém está louca pra gozar.

Antes que eu pense em responder, emudeço, pois ele percorre minha pele nua com beijos famintos até chegar em meu ânus, onde me chupa gostoso. Sua língua me lambe e desce até minha entrada, que está latejando.

—Hummm... — Abro os olhos e vejo que a ruiva se masturba assistindo a Ian me chupando.

Marco continua com a mulata, pulando e gemendo em seu colo. A pressão em meu centro aumenta, estou prestes a gozar quando Ian interrompe o beijo. Um protesto choroso escapa de meus lábios. Salvatore me puxa para seu colo e me penetra, mantendo minhas pernas escancaradas, não consigo evitar de gritar quando eu o sinto por inteiro dentro de mim, tão quente e duro, preenchendo cada espaço. Seus dedos estimulam meu clitóris, a outra mão me segura pelo quadril.

Meu coração bate forte no peito, em instantes, me desmancho em um orgasmo quente delicioso.

—Que bocetinha gostosa. Quem disse que já podia gozar? — me repreende em um sussurro e as carícias são trocadas por curtos tapas em meu clitóris, o que me deixa ainda mais fora de mim.

—Isso é pra me castigar?— retruco. — Da próxima vez, eu atiro.

Salvatore me estoca fundo e com força. Eu até tento controlar o ritmo rebolando, mas é ele que comanda tudo, a velocidade, a intensidade, o movimento. Meu corpo estremece quase em chamas e logo me sinto sufocada pelo fino sobretudo. Eu o desabotoo e me desvencilho de tudo, fico usando apenas as botas de cano longo que vão até os joelhos. As mãos de Ian agarram meus seios nus.

A maneira com que ele me possui é única e voraz. Seus dedos beliscam meus mamilos de leve, um arrepio sobe pela minha espinha, em cada lugar que ele me toca, meu corpo reage vibrando de prazer.

Romano sussurra algo no ouvido das vadias e elas nos encaram com um sorrisinho irritante. Ele termina de beber um generoso gole

de whisky e me fita. A ruiva e a morena se aproximam de Salvatore, esfregando-se nele, mas Ian segue metendo com força, ignorando a presença delas ali, concentrado apenas em me dar prazer. O que me deixa à beira do próximo orgasmo. Marco se levanta da poltrona e caminha em minha direção, o corpo musculoso e suado, o jeans pendendo no quadril, sua ereção é gritante.

— Chupa, vai, eu sei que você quer. — Ian sussurra ao meu ouvido. — Chupa.

Marco coloca o pau para fora e passa a mão pela barba loira, me encara com um olhar faminto. Estou fora de mim, minhas mãos acariciam as tatuagens tribais em seu abdômen, não estou pensando em nada, apenas em tocá-lo, cravo as unhas em cada gominho e desço arranhando com força até tocar sua calça, por ela, eu o puxo mais para perto e o chupo, sua cabeça é grossa e rosada, logo eu o tenho quase todo em minha boca. Ian aumenta os ritmos das estocadas, entrando e saindo, mais e mais forte, os gemidos deles são graves e roucos. As mãos de Romano envolvem meus cabelos e me puxam de leve, não para machucar, apenas para me dar prazer.

— Goza no pau, goza agora que eu vou te encher de porra — Ian ordena.

Ah... meu italiano safado... Não precisa pedir duas vezes... Sinto o membro de Salvatore se avolumar ainda mais dentro de mim, gemidos escapam pelos meus lábios enquanto sigo chupando Marco, sem parar para respirar. E logo seu gozo jorra em minha boceta, em jatos quentes e grossos, mas ele continua me comendo até um orgasmo violento se apoderar de mim.

Romano tira o membro de minha boca e sorri.

—Ah, essa boca será minha perdição — rosna e sai com as vadias, uma de cada lado.

Saio de cima de Ian e me atiro no sofá, cada célula do meu corpo ainda vibrando com a orgia tácita e luxuriosa. Faço um esforço para manter os olhos abertos, mas, caralho, eu havia sido fodida por dois garanhões italianos. Qualquer mulher dormiria depois disso. Fecho os olhos por alguns minutos e, quando os abro, já estamos no quarto.

—Vou dormir só mais um pouquinho. — Minha voz sai enrolada e caio no sono mais uma vez.

Sinto um pano quente entre minhas pernas. Abro um olho só, Ian me limpa com uma toalha de rosto… A música que vem da sala continua, os gemidos, as risadas. Salvatore me veste com um blusão de lã e uma calça de veludo larga.

—Humm. — Agora me sinto quentinha e confortável.

Ian me envolve em um abraço, o peso de seu corpo cheiroso e quente me acalma. Adormeço sentindo o calor de sua respiração em meus cabelos, simplesmente perfeito.

***

—Pepa , levanta. — Ele balança meu braço, tentando me despertar.
— Humm. Some daqui, senão, dessa vez, eu atiro de verdade — murmuro mal-humorada.

Odeio acordar cedo. Viro para o outro lado e cubro a cabeça com o edredom de lã . — Me chama depois que o sol raiar. De preferência, com café na cama — respondo e minha voz sai abafada.

Ian arranca o cobertor com um puxão forte e eu bufo raivosa, fulminando-o com o olhar.
—Eu disse agora. Tem quinze minutos para se arrumar. — Ele joga as roupas na beira da cama .

Salvatore veste um suéter preto e uma jaqueta de camurça marrom. Deveria ser proibido alguém ser tão sexy assim.
— Saímos em quinze minutos.

[...]

Ainda é madrugada quando entramos no carro. Durmo durante todo o trajeto e acordo somente quando o carro estaciona em frente a um sobrado cinza de dois pisos. Ian coloca o chapéu Marcatto preto e me pergunto se aquele é o mesmo que eu comprei para ele em Florença.
—Qual a única regra, Pepa?
— Não seja pega — respondo de imediato.

Apesar de não passar das cinco da manhã, coloco óculos escuros e puxo o capuz do grosso casaco, é desconfortável ter a arma na cintura presa na calça. Rezo mentalmente para que ela não seja necessária. Santoro e Dominic ficam no carro e apenas nós dois descemos.

Ian usa uma chave micha eletrônica e o portão se abre. Agora não é o momento para perguntas, não posso esquecer de perguntar a ele há quanto tempo está planejando isso tudo. Seus movimentos são metódicos e precisos. Assim que entramos no pátio, dois rotwillers avançam em nossa direção. Puta que pariu, cubro o rosto sabendo que não haverá tempo para correr, ouço dois ganidos e os animais estão chão.

Salvatore ainda empunha a pistola com silenciador quando se aproxima da porta principal, não há nenhuma luze acesa na casa. Ele matou os cachorros com tiros certeiros entre os olhos. Ainda tremo de medo e ando quase grudada ao seu lado. De quem é a casa que estamos invadindo? Por que só nós dois entramos? Será que ele veio matar alguém?

A porta é aberta graças a chave micha. Ele caminha pela casa e eu o sigo, está tudo escuro, a luz fraca da madrugada ainda entra pela janela que tem vista para o jardim, não ligo para os detalhes luxuosos da casa. É de alguém com dinheiro. Sem dúvida! Ele sobe as escadas, anda como se já conhecesse o lugar. Se vira pra mim e gesticula fazendo o sinal de silêncio, a porta do quarto está entreaberta e uma luz passa por uma fresta.

Ok, agora estou tremendo igual a vara verde. Travo bem os dentes para que meu queixo não bata. Ian empurra a porta e logo avistamos um homem de meia idade ajustando a gravata em frente a um espelho que vai do chão ao teto. Na cama, alguém continua a dormir.

— Bom dia, senhor Gomes. Eu sou Damon e essa é a Pepa. Viemos assaltar o seu banco.

CAPÍTULO 7 – O ASSALTO

Canela, 02 de agosto de 2016 RS – Brasil

Catarina Vallenti

— Pepa, vá até a bolsa da senhora Gomes e pegue o celular dela.
Engoli em seco e obedeci.
— Quanto ao senhor, quero que desperte sua esposa devagar e a acalme. Temos alguns minutos até que sua empregada chegue.
— Ela não virá — gaguejou o homem.
Ian o mantém sob a mira da pistola.
— Todos os dias, sem exceção, Cintia Carneiro chega às seis e meia da manhã e trabalha até as catorze e trinta. Sendo a única responsável pela limpeza da casa. Agora, está me dizendo que subitamente hoje ela decidiu não vir.

O tom de voz de Ian é frio e calculado. Ele sabia dos cães, dos horários em que o homem estaria acordado, sabia até a rotina da empregada doméstica. Incrédulo, Salvatore mira na direção da esposa. O som do tiro é quase inaudível, graças ao silenciador

preso na arma. Meu corpo estremece. Algumas plumas voam do travesseiro da mulher que ainda dormia pesado.

— Eu juro, eu juro, ela me ligou ontem à noite — balbucia ele em pânico. — O marido sofreu um acidente e ela passaria a noite no hospital.

Qual era mesmo o nome que eu devia chamar Ian? Damon?

—Damon? — Mostro a ele que encontrei o celular, balançando o Iphone branco e dourado na mão. — Achei.

— Oh, meu Deus! — exclama a mulher bem mais jovem, sentando-se na cama, puxando uma coberta contra o corpo, tentando cobrir o corpo seminu. — O que está acontecendo?

Ian a encara e responde.

— Explicarei durante o café da manhã. Desde que vocês colaborem, tudo vai acontecer conforme o planejado.

A mulher sai da cama devagar e puxa a curta camisola de cetim para baixo. Pelo amor de Deus, quem é que dorme maquiada? Deus é muito injusto com algumas mulheres.

— Não se preocupe, querida. Faça o que eles dizem.

Apesar da penumbra do quarto, percebo a maneira como ela olha para Ian. Eu reconheci o olhar no mesmo instante, porque era daquele jeito que eu olhava.

A mesa de vidro com espaço para oito convidados estava posta para quatro pessoas. Sento com a minha cadeira bem próxima a de Ian, só para garantir, né. Enquanto servia-me do café da manhã preparado por “ela”, a ruiva querida, eu ouvia as instruções de Salvatore.

— Não temos interesse nenhum em nada do que é seu, senhor Gomes. O alvo é o banco que o senhor gerencia. Estudei, durante

dias, sua rotina, seus horários e a única maneira de fazer isso sem que ocorram muitas baixas é tendo alguém lá de dentro agindo junto comigo.

Corto uma fatia do bolo de milho à minha frente e despejo um pouco de leite condensado como cobertura. Sujo a pontas dos dedos e os chupo rapidamente, fazendo mais barulho do que eu gostaria.

—Eu não posso fazer isso. — o homem com cabelos grisalhos explicou arrasado. — Vou ser preso como cúmplice.

— Acho que não me fiz claro o suficiente — Ian rosna. — Isso não é um pedido. Rondando sua bela casa, eu tenho quatro “colegas” que irão adorar conhecer de perto sua esposinha enquanto eu concentro meus esforços em abrir o cofre atrás do quadro sobre a lareira.

Dou um gole no café fumegante e parto para o segundo pedaço de bolo. Meu garanhão italiano tinha tudo planejado.

— É isso mesmo que quer? Sacrificar sua vida e a dela por um dinheiro que não é seu? Você sabe, mais do que ninguém, que todo aquele dinheiro é assegurado. — argumentou ele com voz firme.

— O que eu preciso fazer? — sua pergunta é carregada de rendição. Bastava olhar uma vez para aqueles límpidos olhos azuis para saber que ele não estava brincando.

Ajeito-me na cadeira e pego um pedaço da cuca de banana. Era impressão minha ou só eu estava comendo?

— Meus homens ficaram aqui em sua casa enquanto nós dois iremos ao banco. Durante o dia de hoje, você vai usar esses óculos. — Ian retira do casaco um óculos de aro fino, de aparência bem leve. — Seguirá sua rotina, quase normalmente. Assim que entrar no banco, verificará discretamente cada posição das câmeras de

segurança. Fará uma vistoria no cofre e me deixará a par de tudo, pois estarei observando cada movimento seu.

Salvatore olhou em seu relógio de pulso e sorriu.

— É melhor se apressar, senhor Gomes, não queremos que sua rotina seja quebrada.

Ele fica tão sexy concentrado desse jeito. Meu Deus, estou perdida...

— Danilo, quero que algo fique bem claro aqui, minhas intenções não são machucar nenhum de vocês. Nosso único alvo é o banco. — Ian o chama pelo primeiro nome pela primeira vez desde que chegamos na casa. — Mas não hesitarei em meter uma bala na sua cabeça ou na de Max se qualquer um dos dois pensar em atrapalhar nossos planos. Estamos entendidos?

Max? Que intimidade é essa? E que nome horrível, parece até nome de cachorro... Inspiro devagar e solto o ar pelo nariz tentando controlar o ciúme que me ronda. Não quero me sentir idiota como da última vez.

(...)

—Nada de telefonemas, nem e-mails, mantenha tudo sob controle até eu chegar. Consegue?

Se eu consigo controlar a ruiva que talvez seja quase duas de mim? Ah... preciso responder?

—Não se preocupe e, além do mais, Dominic e Santoro estarão lá fora, né?

Ele assente com a cabeça e acaricia meu lábio inferior com o polegar. Meu corpo, é claro, já se aquece com aquele toque. E minha mente é invadida por cenas de Salvatore percorrendo meu

corpo com beijos quentes e vorazes. Fico nas pontas dos pés e mordo seu pescoço cheiroso.

—Vou seguir suas instruções, mas quero minha recompensa à noite. — Provoco com a voz em um sussurro. E sugo o lóbulo de sua orelha.

Ian e Danilo partem cedo. A ruiva com nome de cachorro fica observando, pela janela com vista para o jardim, eles saírem. Claro que todos aqueles beijos trocados e abraços apertados que ela acabara de dar no marido eram pura encenação. Se o tal de senhor Gomes viesse a morrer hoje, ela não teria a mordomia de viver numa mansão como essa. Aliás, alguém apaixonada e preocupada como ela não deveria ficar com aquele olhar...

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — pergunto, tentando quebrar o gelo. Max se vira para mim e dá um nó nas tiras do chambre de seda preto, marcando mais sua cintura fina.

— Um ano. Por quê?

Por nada, sua lambisgoia ruiva, só estou confirmando algumas coisas.

Max parecia ter seus um e oitenta de altura e a pele é branca como porcelana. Ridiculamente linda, qualquer mulher em sã consciência teria raiva só de olhar para ela e seus grandes e expressivos olhos em um tom verde-claro. Claro que aquele casamento era um golpe, o que uma mulher jovem como ela estaria fazendo com um homem como Danilo Gomes? Ah, os homens são tão... homens...

Sorri de canto e balancei a cabeça.

— Acho melhor você subir e colocar uma roupa. — Já ouvi falar que as vadias sentem menos frio... Teoria confirmada . Me afundo no

confortável sofá ao lado do telefone principal e ligo a televisão. O âncora do jornal noticia com voz preocupada: — Ainda não se tem indícios dos responsáveis pela explosão da boate em Gramado, a última vítima foi identificada no final da tarde de ontem. (...)

Ouço a ruiva subir as escadas e volto a me concentrar na televisão. Na tela, surge a imagem de uma mulher mais velha, aos prantos, rosto vermelho, chorando a morte de sua única filha. Não consigo assistir a notícia até o fim e mudo de canal.

— Consciência pesada? — Dominic sussurra ao meu ouvido, sinto seu hálito quente e os pelinhos da minha nuca se arrepiam com sua proximidade.

— Credo! Como você é desagradável. — Estremeço e o encaro, lançando um olhar furioso. — Qual é o seu prazer em me irritar?

Dominic salta para o sofá e se senta ao meu lado. Próximo demais...

— Irritar você? — ele pergunta, segurando minha mão entre as suas. — É impressão sua. Não confunda irritar com excitar.

Ele me beija o dorso da mão e lambe de leve entre meus dedos. Demoro alguns segundos a mais para reagir àquele toque do que eu deveria.

— Excitar? — pergunto ofendida. — Agora eu sei que você perdeu a noção do perigo.

Afasto minha mão e limpo no casaco.

— Vai dizer que o showzinho de ontem não foi para me impressionar? Comigo tu não precisaria de mais ninguém... isso eu tenho certeza.

— Cale a boca, Dominic, não me irrite de manhã cedo! — resmungo, me inclinando na direção oposta.

O som de seu telefone vibrando o fez se afastar de imediato.

— É bom atender ou a sua dona vai acabar ficando braba — debochei.

Dominic ficou de pé e se afastou a passos rápidos até o banheiro social. IDIOTA... Eu o sigo e piso nas pontas dos pés, tentando não fazer barulho. Encosto o ouvido na porta. Confesso que fiquei curiosa com a ligação que o fez quase dar um salto... Será que ele é comprometido? Só pode ser isso.

— Já disse que não é para me ligar nesse número — sussurra irritado do outro lado da porta.

Silêncio...

—Claro que eu já sei, ele fez a família do gerente de refém, deixa o roubo seguir o andamento.

Mais silêncio.

A porta se abre e eu quase caio de quatro aos pés de Dominic.

— Você é da polícia — é a única coisa que consigo dizer. — Da polícia... — repito mais baixo, com o cérebro ainda processando a informação.

CAPÍTULO 8 – ARDOR

Catarina Vallenti

Dominic me puxa para o banheiro e me prensa contra a porta. Me segura pelo antebraço enquanto a outra mão cobre minha boca. Sinto a rigidez de seu corpo contra o meu. Nossas batidas descompassadas pulsando juntas em um ritmo acelerado.

— Quieta — adverte em um sussurro.

Tento me desvencilhar e, antecipando a joelhada que estou prestes a dar nele por me prender daquele jeito, Dominic habilmente pressiona a perna contra a minha e com a outra, se posiciona entre minhas pernas. Sinto sua ereção se esfregar em meu baixo ventre.

— Não tenho muito tempo pra explicar. Mas, se prometer ficar em silêncio, eu te solto.

Meu peito subia e descia com a respiração profunda. Quem ele pensa que é? Quando Marco e Ian souberem que ele é da polícia não vai sobrar nem o furo do queixo.

Balanço a cabeça e concordo. Ele retira a mão de minha boca e segura meu braço que tentava inutilmente afastá-lo.

— Para com isso. Não vou te fazer mal. Não estou nem aí pra você e seu namoradinho italiano, meu foco é o Romano. Entendeu?
— O que me garante que, na hora de prender Marco, não vai aproveitar para fazer nome e nos colocar na cadeia também? — o enfrento, sustentando o olhar.
Seus olhos são escuros e nebulosos, eu sabia que não podia confiar nele.
— Você não vai fazer isso, é uma guria esperta — sussurra, pressionando o corpo mais contra o meu, ele pressiona um pouco mais seu pau contra mim e eu arfo contra a minha vontade.

O grito vindo da sala fez com que ele Dominic se afastasse de mim e empunhasse uma arma automática preta, idêntica a minha. Ele me puxa para o lado e abre a porta, me deixando atrás de seu corpo.
Max estava atirada no chão com as mãos sobre o tornozelo.
— O que aconteceu? — investiga, se aproximando da ruiva.
—Caí tentando pegar uma garrafa da dispensa.
O quê? Uma girafa dessa altura não precisa subir em cadeira para alcançar nada, aí tem.
— Acho que torci — fala com a voz mais dengosa.
Dominic toca seu tornozelo, verificando se ela quebrou alguma coisa. Pelo amor de Deus, homens são tão idiotas, estou vendo daqui que essa mulher está fingindo. Até o cachorro morto lá na rua sabe que ela não está machucada! Max puxa a barra do vestido de lã, tentando cobrir um pouco das longas pernas. Essa garota não sente frio, não? Percebo que ela usa uma fina meia calça. Pigarreio e chego mais perto.

— Não acho que tenha quebrado nada, nem inchado está — opino com certa rispidez.
— Pode me ajudar a levantar? — pede a ele.
—Claro — responde, posicionando o braço para que sirva de apoio.
— Segure em mim.

Nem percebo, mas já estou revirando os olhos. Ela que se contente com Dominic e deixe essas patas de galinha longe do meu Ian.

Max fica de pé e geme quando tenta firmar o pé no chão. Ela morde os grossos lábios rosados e se agarra com força nele.
— Dominic, põe a Max no sofá, eu preciso falar com você — interrompo já sem paciência para a ceninha de sedução.
— Pode me levar para o quarto. Prefiro descansar lá se vocês não se importarem.

Dominic passa o braço livre pelas pernas da ruiva, logo abaixo do quadril, e a ergue sem esforço.
—É por ali — Max, o guia.

Volto para o sofá e o Iphone vibra no meu bolso. O alerta de mensagem aparece no visor do telefone. Olho para trás para ver se eles ainda estão nas escadas. Estou sozinha! Abro a mensagem:

Pronta pra malhar hoje?

;) Cristian

Malhar? Ela tem outros planos, Cristian! No momento, envolvem seduzir qualquer macho que chegue a mais de meio metro dela! Resolvo bisbilhotar um pouco mais nas mensagens anteriores e a penúltima, é um homem bombado que me faz lembrar de imediato o ator que fez o último Superman, como é mesmo o nome dele? Busco na memória... Henry Calvin! Olho mais uma vez para trás, só pra ter certeza que não vou ser pega de surpresa, só então abro o vídeo.

— Não demora, ruivinha... Isso não se faz. — O moreno músculo se filma enquanto acaricia o membro duro.

RÁ! Eu sabia, essa ruiva não me engana! De caso... Piranha!

Alerta de nova mensagem interrompe o vídeo.

Estou indo para aí, chego em vinte minutos.

C.

Essa não. Quanto menos gente, melhor! Pensa rápido, Nina, pensa! Se ele vier aqui, pode desconfiar, essa surucucu vermelha pode fazer um sinal pra que ele chame a polícia. Tenho que fazer alguma coisa. Clico em responder a mensagem:

Hoje não, tenho horário no salão. Deixa que eu te ligo.

M.

Será que ele vai acreditar? Claro que vai! Por que não iria? Tento afastar o pânico da cabeça e resolvo avisar Dominic para que fique em alerta.

Coloco o celular no modo silencioso e o guardo de volta no bolso. Vou até a grande janela da sala com vista para o jardim. Santoro está lavando, com uma mangueira, o sangue espalhado no chão. Ele enterrou os cães. Saio da janela e olho em direção à escada, ele ainda não voltou. Descido subir e chamá-lo de uma vez, há coisas muito mais importantes acontecendo que uma falsa torção no tornozelo. Subo as escadas, meus passos não fazem barulhos. A porta da suíte está entreaberta, fico em silêncio quando ouço a voz de Max: — Eu sei, eu sei, já não aguento mais, talvez isso tenha sido um sinal. — geme e sussurra. — Um pouco mais para cima.

O que está acontecendo lá dentro? Me inclino um pouco mais para conseguir espiar pela fresta sem ser percebida.

— Aqui?

— Hummm — ela geme. — Sim, bem aí.

Dominic massageia seu tornozelo, ele está sentado na cama ao lado dela. Suas mãos esfregam seu fino tornozelo. Ah... homens...

— Eu sei que eu não deveria estar conversando sobre isso com um estranho, mas eu me sinto muito sozinha aqui nessa casa, meu marido me usa apenas como um troféu, algo que é capaz de disfarçar seus reais interesses.

Sozinha? Sério isso? Quase rio das mentiras contadas por ela, mas me controlo e fico em silêncio.

— Acho melhor tirar essa meia calça. Afinal de contas, foi ela que me fez escorregar.

As mãos de Dominic sobem devagar, explorando as longas pernas da ruiva, a fitando quase hipnotizado por seus olhos verdes.
— Uma mulher como você não pode ser tratada assim. — A voz dele é quase um sussurro enquanto seus dedos puxam a meia calça por baixo do vestido.

Umedeci os lábios e senti meu rosto aquecer, minhas bochechas e outras partes mais íntimas estavam em chamas.
Max sorriu para ele e tirou o vestido com um movimento rápido, ficando apenas com um sutiã vermelho. Dominic se debruçou sobre seu corpo seminu. Desvio o olhar da cena e espio a escada. Ninguém! Volto a bisbilhotar.

Dominic chupa o mamilo de Max devagar enquanto ela serpenteia debaixo dele, tentando abrir sua calça.
—Quieta... ou vou ter que algemar você — provoca , voltando sua atenção para o outro seio.

Não posso negar, Dominic é sexy pra caralho! Consigo ver, de relance, tatuagens que descem por seu abdômen trincado, assim que Max o livra da última peça de roupa que cobre seu tronco. Ele interrompe os beijos, desce da cama e vai até a jaqueta atirada no chão.
Pelo menos isso, né ?! Sabe-se lá na mão de quantos essa ruiva já não passou... Ele tira do bolso um envelope plástico metalizado. Rasga a embalagem com os dentes e se vira para a porta. Solto o ar devagar, só então percebo que estava prendendo a respiração. Ele passa a mão na barba por fazer e sorri. Puta merda, ele me viu! Não tenho coragem de voltar a espiá-lo.

Gemidos abafados vem de dentro do quarto. Estou curiosa demais, excitada, à flor da pele e preciso dar uma última espiada.

Me aproximo da porta e me inclino um pouco mais. Max está deitada na beirada da cama, seu corpo inteiramente nu, a pele branca é realçada pela manta vermelha acetinada, a qual parece se mover acompanhando o ritmo dos dois. Umedeço os lábios e sinto meu sexo latejar ao ver Dominic enterrando com força, em um movimento cadenciado que a faz curvar-se e gemer alto. Ele já está nu, seu corpo é perfeito. Ele apoia o joelho direito na cama e a perna esquerda no chão; sobre a dele, a coxa de Max, que ele aperta com força e uma carícia bruta, seu toque deixa marcas avermelhadas.

— Assim... — ela geme enquanto seus dedos deslizam pelos bíceps tatuados.

Dominic estoca fundo, em um movimento intenso e sensual, um vai e vem cadenciado, ele a penetra até se acomodar todo dentro dela e então sai, fazendo com que Max arqueie o corpo de prazer cada vez que ele tira o membro e o coloca de novo, e de novo...

O som do interfone ecoa pela casa e me desperta, desço as escadas a passos rápidos, pulando os degraus de dois em dois. Ao lado da porta, o visor com a imagem fornecida pela câmera do interfone que identifica os visitantes. Cristian! Atendo ou não atendo? Talvez deva atender e dizer que no momento a senhora Gomes não pode atender por estar sendo fodida pelo seu sequestrador.

Pressiono o botão cinza e me aproximo para responder

— Sim?

— Sou Cristian, personal trainer da senhora Gomes. Poderia chamá-la, por favor? — indaga educadamente.

Puta merda, e agora? O que eu faço?

— Ela acabou de sair, retorna só no final do dia. Parece que saiu com seu novo personal — alfineto.
Cristian franze o cenho e sua boca se transforma em uma linha fina.
— Ok, obrigado — se despede e some da visão da câmera.
Meu corpo relaxa assim que ele vai embora.
— Quem era? — A voz de Dominic soa próxima ao meu ouvido.

Estremeço. Me viro e o encaro, ele está a poucos centímetros de mim, posso sentir o calor ainda emanando de seu corpo. Marcas vermelhas em seu pescoço não estão completamente escondidas pela pesada jaqueta.
— Já resolvi — respondo, esperando que ele se afaste e me dê passagem. — Pode voltar para a massagem, acho que o caso lá em cima é grave.

Ironizo e cruzo os braços na frente do corpo.
— Poderia ter se juntado a nós — provoca com a voz maliciosa.
Um homem e duas mulheres? Não! Muito obrigada!
— Dispenso. Agora, se me dá licença, eu vou dar um cochilo no sofá, porque noite passada o MEU Ian quase não me deixou dormir.
(...)

Já passava das seis da tarde quando Marco e Ian entraram arrastando o gerente do banco como um boneco de pano. Romano o chutou na barriga, logo abaixo das costelas e o homem grunhiu de dor, curvando-se no chão.
—Idiota! — esbravejou Salvatore. — Não me faça optar pelo modo mais difícil! Roubaremos aquele banco com ou sem você!
Ian o arrastou pelo pescoço até o sofá. Nunca havia visto ele tão furioso na vida. O que diabos tinha acontecido?

CAPÍTULO 9 – CILADA

Canela, 02 de agosto de 2016

Ian Salvatore

Eu sabia tudo o que se passava na vida do gerente Danilo Gomes, o analisei por dias, durante uma madrugada, invadi sua casa e mapeei pontos estratégicos, saídas rápidas, o que poderia servir de esconderijo ou não. Atualmente, ele era casado com uma mulher exatamente trinta anos mais jovem, ao que tudo indica, ele a conheceu em um cassino em Vegas, durante sua última viagem de férias. No próximo mês, eles completarão um ano de casados, isso explica o anel de diamantes escondido em sua gaveta de meias.

Olho para Danilo e me pergunto se ele faz ideia de que a jovem esposa se exercita mais que o normal com o *personal trainer*. Não, claro que ele não sabe, está cego por ela. Uma ruiva como Max é daquelas mulheres capazes de parar o trânsito quando passam. O solavanco do carro me traz de volta e concentro minha atenção no trajeto.

— Você só precisa manter a calma. Quero que pare a alguns metros de distância da entrada do banco. Não quero que me vejam com você. Lembre-se, enquanto usar estes óculos, — encosto na armação com o indicador — poderei ver e ouvir tudo.
Ele balança a cabeça e reduz a velocidade do carro, estacionando em frente a uma cafeteria.
— E o que exatamente você quer que eu faça? — ele me perguntou, coçando os cabelos grisalhos.
— Aja normalmente e faça uma visita ao cofre principal, olhando discretamente para cada câmera. Assim que chegar, quero que cumprimente os funcionários e faça um sinal discreto no guichê dos que tiverem o botão do pânico debaixo da mesa.
— Está certo — respondeu não muito seguro.
Antes de descer do carro, eu o agarro pelo braço e o encaro.
— Faça tudo o que mandei e poderá comemorar com sua esposa o aniversário de casamento.
Ele engoliu em seco e assentiu.

Desci do carro e sentei em uma mesa do lado de fora da cafeteria.
— Bom dia! — Uma jovem de avental me cumprimenta de forma simpática. — O senhor não prefere ficar lá dentro?
—Estou bem aqui, obrigado — respondo sem perder o Honda preto de vista. Danilo estaciona.

A garota, com pouco mais de vinte anos, pigarreia para chamar minha atenção e pergunta, segurando um bloco e caneta nas mãos:
— Já quer fazer o pedido? — Ela dá uma olhada rápida para a fila que se forma no balcão e volta a me encarar.
Mulheres...

— Apenas um café preto por enquanto. Sem açúcar — completo.

A jovem anota na comanda e arranca uma pequena folha, deixando debaixo de um cesto de flores que enfeita a mesa.

—Já trago seu pedido.

Danilo Gomes desce do carro e pressiona o alarme, travando todas as portas. O segurança, vestido um uniforme acinzentado, o cumprimenta com um aceno e volta a conversar com a outra funcionária que veste um sobretudo grosso para se proteger do frio. Pelo ponto que uso no ouvido, consigo ouvir a conversa assim que o gerente se aproxima do casal.

— Dormiu mais que a cama? — A loira que conversava com o segurança sorri para Danilo.

— Bom dia , Suzi. — Gomes força um sorriso.

Danilo tira as chaves do bolso e é o primeiro a liberar a porta depois que o alarme é desarmado. Tiro meu celular do bolso e acesso as imagens em tempo real, transmitidas pela câmera no óculos.

Meu corpo relaxa na cadeira e fico a observar, Gomes realiza minhas ordens com precisão. Encara as câmeras sem levantar suspeitas e, assim que os funcionários seguintes chegam e se posicionam em seus lugares, ele executa a segunda tarefa. Danilo explica sobre a importância da venda de seguros e apólices e caminha devagar em frente aos guichês e, por cada um que passa, ele dá dois toques com a ponta da caneta.

Merda! Todos eles tem o maldito botão do pânico que aciona a polícia.

As horas se arrastam... Pago minha conta e sigo caminhando, distraído, ouvindo as conversas entediantes sobre apólices e

seguros, dúvidas dos funcionários, sistema fora do ar.
Olho para o relógio de pulso. Quase quatro horas. O segurança se posiciona na entrada e o acesso fica permitido somente aos que já estão dentro da agência bancária, os demais podem realizar saques e transferências nos terminais eletrônicos que ficam separados por um acrílico fosco que não permite a visão para o que ocorre lá dentro.
—Ei, guri. Quer ganhar dez pila? — A voz do gerente sai em um sussurro quando ele conversa com um garoto que vende rosas logo na saída do banco.
— Fala, tio.— O menino com pouco mais de dez anos sorri, exibindo dentes cariados e irregulares.
— Traga pra mim um cachorro quente. Estou sem tempo de sair. — Danilo entrega um papel com uma note de cinco. — Não demore. Quando você voltar, te dou os dez.

O menino balança a cabeça e olha para a carrocinha do outro lado da rua.
— Pode deixar, "tio".
Filho da mãe! Danilo volta para o interior do banco e eu corro rápido até o garoto, antes que ele chegue até o seu destino.
— Ei, você!? — o Chamo com um assovio. — Vem cá. — Tiro do bolso uma nota de vinte e, discretamente, mostro a ele.
Com olhar desconfiado, ele se aproxima.
— Já sabe contar? — investigo.
—Claro. Por quê? — questiona receoso.
— Tenho uma nota de vinte pra você, só preciso do papel que o homem do banco acabou de entregar a você.

Um sorriso torto corta seus lábios e ele logo responde:

— Daqui eu vejo cinquentinha, é isso?
Garoto sacana, está negociando comigo. Pego a carteira e lhe entrego uma nota de cem.
— Achei que tinha visto a de cem. — Sorrio discretamente.
A risada do garoto se alarga mais e seus olhos brilham. Ele deixa que um papel caia de seu bolso e pega o dinheiro.
— Foi isso mesmo que eu vi. — Ele arma uma corrida e logo o perco em meio aos turista que apinham as calçadas.
Junto o papel amassado .

Fui sequestrado. Chame a polícia. Danilo Gomes /99119921

Espremo a folha com força entre meus dedos até que eles estalem. Filho da pu.ta! Guardo o papel no bolso e volto a me sentar, dessa vez, escolho um banco perto do carro do infeliz. Aguardo até que os últimos clientes saiam, por volta das seis da tarde. Nada ainda do gerente aparecer para fechar o banco com os outros dois funcionários... Exatamente quinze para as sete da noite, ele liga para um número pelo seu celular.
— Tudo certo, podem ativar o alarme em três minutos. Estamos saindo. Agência 1189.

Solto a respiração devagar. E tento me controlar, ainda sinto o papel, o pedido de ajuda que quebra todas as regras dentro de meu bolso. Assim que o guarda e a garota se afastam, Danilo entra no carro, eu o sigo.
— Dê a partida e retorne pra casa — ordeno sem olhar para ele. Prendo o cinto e respiro devagar, tentando controlar a raiva que cresce dentro de mim.

Durante o trajeto, não trocamos uma palavra. Pelo retrovisor, percebo que a caminhonete de Romano está logo atrás de nosso

carro. Vinte minutos depois, o portão eletrônico se ergue. Santoro está parado na frente da porta de entrada da casa com as mãos cruzadas para trás do corpo.

Assim que o carro para, desço e dou a volta pela frente, parando em frente à porta do motorista.

— Saia! — rosno.

Marco desce do carro me observando, sem entender muito o que está acontecendo.

— O que houve? — Romano sonda, chegando mais perto.

Danilo solta o cinto devagar, seus movimentos são lentos e ele pressente o que vem a seguir.

— Sai da po.rra do carro— repito, elevando a voz.

Gomes desce, olhando para o chão. Não tem coragem de erguer o olhar, pois sabe que ninguém dali intercederá por ele. O agarro pelo pescoço e o pressiono contra o carro.

— Bilhete de socorro? Quer foder com tudo, senhor Gomes? — Tiro o papel do bolso com a outra mão e o faço engolir suas próprias palavras. — Abre a po.rra da boca!

Seus olhos estão esbugalhados, a pele avermelhada, seu corpo luta inutilmente, tentando desvencilhar-se.

De soslaio, consigo ver que Romano me observa e sorri diante de meu descontrole.

— Eu nã... — balbucia com dificuldade, seus dedos tentando afastar minhas mãos de seu pescoço.

— Não me faça de idiota! — Rosno. — Quer ser um herói? Vamos ver se você aguenta! — Soco o pedaço de papel em sua boca e o forço a engolir, o arremesso contra os degraus que levavam à porta

de entrada. Santoro se limita a dar um passo pra trás, para não atrapalhar o show.
— Quer dizer que esse mer.da não fez o planejado? — Marco intromete-se, estreitando os olhos azuis.
Romano o agarra pelas orelhas e o arrasta para dentro da casa. Eu os sigo.
— Não deixe marca no rosto, não queremos levantar suspeitas — advirto com voz firme.

Dominic e Pepa saltam do sofá sem entender absolutamente nada. Meus olhos vão de encontro aos dela, suas perguntas não ditas ecoam pelo silêncio da enorme sala, quebrado apenas pelos grunhidos de dor de Danilo Gomes.

Catarina Vallenti

—Damon, o que aconteceu? — indaga aflita.
Ian lança um olhar furioso para Dominic e rosna sem paciência.
— Ela não precisa de escolta. Eu estou aqui.
Salvatore olha para a mão de Dominic sobre meu ombro, com toda aquela confusão, nem me dei conta de seu toque, pronto para me puxar para trás a qualquer instante caso houvesse algum perigo. Balanço o ombro e tomo distância dele.
— Vem, vamos beber alguma coisa.

Romano dá um último chute no estômago do homem e ele choraminga baixo, um misto de baba e sangue escorrem pelo canto de sua boca. Forço o olhar para o outro lado.
— Ei, Morena — Não preciso nem olhar para saber que é a voz de Marco, ele é o único que me chama assim. Um arrepio sobe rápido pela espinha. — Whisky puro.

Puxo Ian pela mão e o levo para cozinha feita sob medida. Olho para os armários e abro as portas, tentando encontrar algo forte para beber. A pequena portinhola de vidro escurecido me chama atenção. Bingo! A miniadega!

Pego a primeira garrafa que encontro, Salvatore já havia separado três copos de vidro quadrados no balcão onde está. Enquanto ele serve a bebida escura, olho rapidamente para Dominic, que agora acomoda o gerente do banco em uma poltrona ao lado do violoncelo que está próximo à janela com vista para o jardim.

Talvez agora não seja uma boa hora para contar que Dominic é um policial infiltrado. Do jeito que eles estão furiosos, podem colocar tudo a perder. Se a polícia já sabe dos planos, sem Dominic, eles levarão todo mundo preso. Me sinto mal por guardar esse segredo, mas, pelo menos por ora, Ian não precisa de mais esse problema nos ombros. Salvatore bebe tudo em uma única vez e solta o ar com força pela boca.

—Como foi o seu dia?— Aquela pergunta soa tão artificial que chega até a ser engraçada, éramos tudo, menos um casal normal que trocava experiências após um rotineiro e cansativo dia de trabalho.

Seus olhos me encaram tão expressivos, ele não precisa dizer nada, meu único desejo, no momento, é passar os dedos em seus cabelos e confortá-lo.

— Insuportavelmente longo — ele reclamou por fim.

— Eu sei, eu sei... tudo porque você morreu de saudades de mim. — Olho para minhas unhas em um gesto teatral e convencido. — Essa minha beleza às vezes quase me cansa.

O sorriso descontraído e divertido que se forma, faz com que eu me sinta sortuda em conseguir fazê-lo rir um pouco e a estranha sensação de borboletinhas voando em meu estômago me faz rir também.

Bebo um gole da bebida e sinto minhas bochechas se aquecerem, tusso assim que o álcool faz seu caminho.

— Credo? Isso é gasolina!? — exclamo, abanando a boca. Ele ri mais uma vez, mas para assim que Dominic se aproxima.

— Irei ao centro da cidade, quer alguma coisa de lá? — ele me pergunta.

Meu Deus, qual é a desse cara? Estou tentando, sei lá por que, salvar a pele dele e ele ainda vem aqui falar comigo na frente de Ian? Ou ele é muito corajoso, ou apenas burro.

— Não preciso de nada, mas pergunta para a Max, talvez ela queira analgésicos depois dessa manhã — retruco sem olhar para ele.

— Ela não precisa de nada — Ian rosna, servindo mais uma vez o copo.

— É, Dominic, agora vaza. Santoro, vai com ele e já aproveita a viagem para fazer o que eu te pedi. — Romano se intromete e sorri para mim.

Marco pega o copo e, assim como Ian, bebe em um único gole.

— Encontrei uma mesa de sinuca no porão — ele anuncia assim que Dominic se vai e Santoro segue atrás dele. — Que tal uma partida?

O porão de da casa mais parecia um quarto de jogos do que qualquer outra coisa. No centro, a mesa de sinuca bem conservada, os longos tacos de madeira posicionados em um suporte suspenso

na parede. Um alvo com alguns dardos na mosca preso atrás da porta de entrada do local. .

Ian pegou um taco que era quase da minha altura e Marco pegou outro.

— Quero jogar também —digo, atraindo a atenção dos dois.

Salvatore para de esfregar o pequeno cubo de giz branco na ponta do taco e Romano dá uma risada enquanto arruma as bolas dentro de um triangulo.

— Esse jogo é para homens, Morena.

Reviro os olhos e o ignoro. Tomo o último gole da bebida e me aproximo. Pego o menor dos tacos e sorrio para ambos.

— Podemos deixar esse jogo mais interessante, cada bola na caçapa, uma peça de roupa.

— Tem certeza? Aqui não tem sistema de aquecimento — Ian provoca. — Não quero ter que te carregar às pressas por hiportemia.

— Ahahaha! — Forço uma risada. — Primeiro as damas!

Me aproximo da mesa e inclino o corpo para frente, posiciono a bola branca e ajeito o taco entre os dedos, a madeira lisa escorrega por entre os nós do indicador e do dedo médio, a tacada inicial é feita, as bolas coloridas e numeradas se agitam sobre o tecido verde da mesa. A vermelha é a primeira a cair, seguida da azul e da bola laranja.

Pigarreio convencida e não contenho meu sorriso. Eu já havida jogado aquele jogo milhares de vezes e ainda não tinha perdido o jeito.

— Vamos lá, rapazes, quero ver músculos de fora e belas tatuagens! — provoco triunfante.

CAPÍTULO 10 – MÉNAGE À TROIS

Se alguém me dissesse que em menos de dois meses minha vida viraria do avesso, que eu viajaria para o outro lado do mundo, que seria perseguida por um mafioso e me apaixonaria por um ladrão de bancos, eu simplesmente daria risada e voltaria para minha monótona rotina dividida entre trabalho e apartamento, isso sem falar de suspirar esperando meu antigo namorado, Léo, voltar de suas longas viagens. Entretanto, é exatamente como dizem por aí, nem tudo é o que parece.

Nesse exato momento, Ian Salvatore tira a jaqueta devagar enquanto cantarola baixinho a música tema do strip-tease, afinal de contas, eu tenho direito ao meu prêmio. Eu não poderia estar mais ferrada por aqueles lindos olhos azuis, por ele, eu faria qualquer coisa.

Coloco o dedo médio e o indicador na boca e dou um assovio alto. Ele ri e atira a jaqueta em minha direção. Eu a pego e inspiro fundo, sentindo seu perfume. Me viro para Romano e ergo uma sobrancelha.

— Agora é sua vez — Anuncio, atirando a peça de roupa de Ian sobre um sofá preto de couro de três lugares.
Romano sustenta meu olhar e roça os dedos longos e grossos pela barba loira. Provavelmente, pensando se continuaria no jogo ou não.
— Está com medo de perder para uma mulher?
Marco sorri de canto e tira a jaqueta, não como Ian, apenas com um movimento rápido e bruto. Então, livra-se da camisa xadrez de lã, ficando apenas com um jeans escuro e botinas. Ele balança os ombros para trás, como se estivesse se aquecendo para uma luta. Admiro, por alguns segundos, suas tatuagens tribais que marcam seu corpo, seguem pelo delicioso V de seu abdômen trincado.
— Minha vez —retrucou com voz firme e grave.

Romano se posiciona, o taco de madeira deslizando entre os dedos e o dorso da mão. Mordo o lábio inferior assistindo a cena. Ian bebe na outra ponta da mesa, apenas nos observando. Como eu já esperava, a bola amarela que ele havia mirado ricocheteia algumas vezes nas laterais da mesa e entra na caçapa. Solto o ar em um suspiro resignado.

Escoro meu taco na parede e seguro a blusa pela barra, eu usava uma vest legging de lã, com uma calça extremamente justa em um tom pouco mais escuro que o grafite da blusa. Começo a erguer a roupa quando a voz de Romano me interrompe.
— Pare, Morena. — Minha blusa já estava na altura das costelas quando ele interveio. — Eu quero escolher a peça que você vai tirar.
— Isso não estava nas regras — gaguejo.
—Agora está — Rosna ele, se aproximando de mim.

Tive que olhar para cima quando ele se aproximou de mim, Romano e Ian tinham praticamente a mesma altura, eu poderia usar um salto de quinze centímetros e, ainda assim, era menor que eles. Olho para Ian de soslaio e volto minha atenção para Marco. Em sua presença, eu fazia questão de não ser pega de surpresa, pois, como um animal selvagem, o italiano à minha frente era bruto e inconstante.

Ele se abaixa, apoia um joelho no chão, ficando com a cabeça na altura de minha virilha. Inspira fundo, perto... muito perto. Estremeço diante dele. Tinha quase certeza que ele poderia sentir o cheiro do meu medo, o cheiro do meu desejo, melhor dizendo, um misto dos dois. Ele vai tirar a minha calça?! Não, ele não pode tirar a minha calça!

— Marco.

Ele segue tocando-me por cima roupa e sinto meu corpo queimar. Me odeio, por meu corpo reagir dessa maneira, puramente sexual. Suas mãos sobem pelas minhas coxas até chegarem em meu quadril.

— Eu realmente iria preferir que você tirasse minha blusa, em vez da minha calça.

— Por quê? — me pergunta curioso.

Caramba, como é que eu ia falar para ele que decidi esperar Ian sem calcinha e que, quando eu sugeri o jogo, tinha esquecido desse pequeno detalhe? O jogo está no início! Como é que eu vou ficar desse jeito?

Marco sorri diante do meu silêncio e puxa minha legging até meus tornozelos. Suas pupilas se dilatam em meio ao límpido azul celeste de seus olhos, que admiram minha intimidade sem nenhuma

vergonha. Por uma fração de segundo, ele chega um pouco mais perto e eu posso sentir sua respiração quente em meu sexo. Fecho os olhos e o imagino roçar sua barba loira em minha entrada.

— Minha vez! — anuncia Salvatore com a voz rouca.

Romano se levanta com um sorriso debochado no rosto e observa a próxima jogada. Me desvencilho da calça e puxo minha blusa mais para baixo, tentando cobrir alguma coisa. Ian não se demora e, assim como Marco, sua tacada é certeira.

Verde na caçapa. E lá se vai mais uma peça de roupa.

Salvatore me chama, sinalizando com o indicador para que eu vá até ele.

—Pepa, Pepa. — Ele acaricia o contorno de meu rosto com o dorso da mão. Seu toque inicial é suave, seus dedos descem pelo meu pescoço e minha pele se arrepia na hora. Estou de costas para Marco, mas sinto seu olhar sobre meu corpo. Ian continua me hipnotizando, suas mãos tocam a curvatura de meu pescoço e descem sobre a blusa por meus seios. Ele os agarra e minhas pernas fraquejam, sinto meus mamilos endurecerem de baixo da fina renda do sutiã. Gemo baixinho diante de sua pegada. A mão esquerda continua no mesmo lugar e a direita desce até meu quadril. — Eu ia pedir para tirar a calcinha.

Ele me provoca e seus dedos me abrem e circulam meu clitóris, que lateja por mais e mais atenção. Seu toque é quente, mas ele não enfia os dedos, talvez esteja me castigando. Salvatore me solta e fica parado atrás de mim. O sinto inspirar meus cabelos, está próximo o suficiente para que eu consiga sentir sua ereção roçar em meu traseiro. Ele está tão excitado quanto eu.

Suas mãos se enfiam por debaixo de minha blusa, e Salvatore me aperta com força, seu toque é firme.

— Escolho o sutiã. — Seus dedos agarram a peça pelo centro e, sem fazer muita força, ele o rasga no meio.

Suas mãos envolvem meus seios e ele belisca de leve a ponta de meus mamilos, cruzo as pernas com força, temendo que Marco vejo meu desejo escorrer pelas minhas pernas.

Meu Deus, estou em chamas e preciso que ele me penetre já, não sei se tenho forças para revidar sua tortura à altura. Salvatore me solta e o sinto puxar os restos do que sobrou de meu sutiã. Ele o cheira e atira no sofá.

Minha boca está seca e minhas pernas tremem, preciso de uma bebida. Caminho até Romano, estou descalça, vestindo apenas a blusa de lã. Pego a garrafa de sua mão e bebo durante alguns segundos. Meus lábios são anestesiados quase no mesmo instante. Arremesso a garrafa vazia contra a parede e me abano.

— Isso não vale, vocês dois se uniram. — Aponto para os dois e estreito os olhos, me abano novamente, sentindo calor por culpa desses italianos fogosos.

Pego meu taco e dou a volta na mesa pronta para fazer minha jogada! Ian se aproxima e sinto seus braços me envolverem, seu pau duro pressionado contra minha bunda.

— Para! Isso não vale! — protesto quando ele tenta me desconcentrar.

Ele sorri e se afasta. Acerto a bola branca e as outras se agitam.

— Uhull!! — grito, dando dois pulos com os braços para cima, comemorando as duas bolas que rolaram direto para as caçapas. — Quero os dois aqui!

Marco caminha até mim e se posiciona à minha esquerda, Ian fica à direita. Volto minha atenção a Salvatore. Minhas mãos acariciam seus abdômen tanquinho e logo me imagino lambendo e mordendo cada parte de seu corpo delicioso.

— Vamos lá, garanhão, quero ver esses músculos — provoco e, como ele fez no início, canto a música tema de Strip-tease. Inclino a bunda um pouco mais para trás e roço em Marco. Atiro o suéter de Ian no chão e lambo seu peito, ele é tão duro, logo sinto vontade de mordê-lo com força. As mãos de Marco acompanham meu quadril, que rebola em sem parar, então o sinto me virar para encará-lo. Romano me solta e põe as mãos na cabeça, deixando seus cabelos loiros para trás, em uma posição típica de revista. Os dedos de Ian deslizam pela fenda de meu traseiro enquanto abro o jeans de Romano, que usa uma boxer branca que contrasta perfeitamente com sua pele bronzeada. Posso ver o contorno de sua ereção marcada implacável em sua cueca. Meus dedos deslizam e sinto seu pau vibrar debaixo do tecido da boxer. Abaixo sua calça e volto a me virar para Ian, que sorri diante de minha ousadia. Ele me puxa pela cintura e me senta sobre a mesa biliar. Romano movimenta as pernas, se livra da calça e se aproxima com um olhar predatório.

Salvatore tira minha blusa, não faço gesto para me cobrir, meu corpo inteiramente nu é alheio ao frio, meu único desejo é ser possuída, como eu pressinto que os dois farão comigo a qualquer momento e, dependendo da minha sorte, ao mesmo tempo. Meu núcleo vibra de desejo com essa expectativa.

Me apoio nos cotovelos e me deito devagar, o tecido da mesa é macio. Logo Romano surge em meu campo de visão, o enxergo de ponta cabeça, ele apoia os braços musculosos sobre a mesa e se

inclina para me beijar. Sua boca avança sobre a minha e me invade em um beijo doloroso e faminto, como se ansiasse por meus lábios. Minhas mãos seguiram para seus cabelos loiros, enroscando-se em seus fios dourados e rebeldes. Romano rosnou entre meus lábios e eu quase gozei apenas com o som daquele protesto.

A língua de Ian me penetra e ele chupa minha boceta como se fosse uma suculenta e doce manga. Me explorando enquanto suas mãos mantêm minhas pernas bem escancaradas, para que ele possa me comer sem interrupções. Ele abre bem os lábios e abocanha meu sexo inteiro, finalizando o beijo em uma chupada leve em meu clitóris e repete, de novo e de novo.

Meu corpo arqueia-se diante de seu assalto em uma explosão deliciosa. Salvatore geme quando gozo em seus lábios e minha boceta lateja.

As mãos de Romano alcançaram meus seios sem interromper o beijo. O beijo é voraz e duro, quase uma punição. Sua barba roçando contra a minha pele deixaria um rastro vermelho e o ardor apenas aumentava o meu desejo por mais.

Salvatore interrompe o beijo, mas não consigo vê-lo, Marco não me permite, porque ele simplesmente possui minha boca com uma violência dura e excitante. Sinto que vou gozar de novo e tento acariciar meu clitóris para chegar ao ápice, mas um tapa afasta minha mão.

— Nem pense nisso — Ian rosna e se posiciona entre minhas pernas.

A primeira estocada me faz gemer entre os beijos de Romano, ele afasta os lábios dos meus e assiste com o olhar queimando sobre meu corpo nu.

— Ian me penetra com força, impulsionando meus quadris em um ritmo intenso, meu corpo reage a cada estocada e ele me leva à borda. Mais e mais, entrando duro e saindo, eu gozo gritando seu nome. Ele me puxa para fora da mesa e Romano se aproxima de nós a passos rápidos. Meu coração bate tão acelerado que sinto dificuldade para respirar. Nesse momento, o ar é apenas uma necessidade secundária. Salvatore me coloca de pé sem desencaixar seu grosso pau de meu sexo, sinto o corpo de Marco contra minhas costas, ele está nu.

— Devagar — gemo quando ele posiciona a cabeça em meu traseiro.

— Com medo que eu arrebente esse cuzinho apertado? — Provoca em meu ouvido e lambe meu pescoço, finalizando com uma mordida gostosa. — Morena, hoje você só vai gemer de prazer.

Meu corpo relaxa e eu me entrego aos dois sem nenhum pudor. Marco enfia devagar, eu sinto fisgadas de dor à medida que ele me penetra até o fundo.

Prensada contra eles, eu gemo com o movimento sensual e maravilhoso que nossos corpos adotam, em uma coreografia digna de deuses. Meus seios deslizam contra os músculos duros do corpo de Ian, mas ele não para de me consumir. Pois é isso que ele faz, não apenas me fode, Salvatore faz com que meu corpo se perca em puro prazer.

Entramos madrugada adentro naquele mar de sensações e desejos satisfeitos.

— Goza, Morena — sussurra Romano, pressionando mais e mais enquanto metia com força.

— Goza, goza comigo. — Aquela era a voz rouca de Ian me levando à loucura.
—Me encham de porra — imploro.

Enquanto gozam, meu corpo é consumido pelo último e violento orgasmo.

Nossos corpos ainda ficaram unidos durante o que pareceu uma eternidade dentro de um minuto, eu sentia a vibração do coração de ambos batendo forte, os corpos quentes e suados, os músculos reluziam pelo esforço físico, ainda tremiam e a respiração ofegante, porque finalmente o ar voltara a ser necessidade vital.

Olho diretamente nos olhos de Ian e suspiro, deixando minha cabeça recostar em seu peito. Marco sai de dentro de mim e me dá uma mordida no ombro antes de nos deixar a sós.
Salvatore tira devagar e se afasta para pegar minha blusa.
— Obrigada. —Visto e meu corpo desaba no sofá, o observo vestir-se.
— Vou preparar um banho para gente. Temos algumas horas para descansar antes do assalto.
— Mas já é amanhã? — Arregalo os olhos, surpresa. Não que eu queira ficar na casa da surucucu vermelha. Vai que ela decide soltar o veneno dela para o meu italiano...
— Amanhã, não — ele ressalta. — HOJE!

CAPÍTULO 11 – SHOW TIME

— Ela não precisa ir junto. — A voz de Ian soa distante, invadindo meu sonho.

— A Morena pode ficar com Max. Santoro, Virgil e Sonny irão com você. Dominic já deixou as motos a postos.

Abro os olhos e percebo que havia dormindo no sofá da sala. Romano me olha de soslaio e continua com os planos.

— Já está na hora? — As palavras machucaram minha garganta como uma navalha. Ah, que ótimo, eu estava ficando doente.

— Dessa vez, você não vai — Ian explica. — É melhor que você fique. Preciso que alguém fique com a ruiva enquanto o senhor Gomes colabora. Ele tem que se manter disposto e motivado.

Bufo e tento argumentar.

— Não vou ficar aqui. Quero ir junto! — Meu protesto não é muito elaborado, estou tonta de sono e minhas objeções saem demasiada infantis.

Pigarreio e engulo minha saliva, tenho a terrível sensação de engolir uma porção de pregos enferrujados que descem pela minha

garganta bem devagar. Tento não fazer careta e continuo a argumentar. Saio do sofá e me aproximo deles.

— Não quero ficar aqui com a surucucu ruiva, ela não vai com a minha cara e nem eu com a dela. Se a questão é manter o gerente amedrontado, que deixem o Santoro, ele, sim, é ameaçador.

— Su o quê? — Ian arqueia as sobrancelhas pretas sem entender o nome da cobra a qual eu me referia.

— Max, eu quis dizer Max.

Marco que me encara de cima e exibe um sorrisinho de canto presunçoso e sei exatamente o que ele está se lembrando do Ménage...

— A Morena tem razão. Santoro fica com a ruiva e Virgil e Sonny irão com vocês.

Não sei se Marco concordou apenas para irritar Ian ou se foi para me agradar, mas fiquei satisfeita com o resultado. Olhei para Salvatore, que me lançou um olhar, dando-se por vencido.

— Vista-se com as roupas que deixei separadas para você, estão na suíte. Tem dez minutos — retrucou por fim.

Dei um pulo e o beijei rápido nos lábios. Olhei para Marco e, na ponta dos pés, dei um selinho rápido. Saltitei pelas escadas pulando dois degraus por vez.

— Desço em cinco minutos! — gritei, antes de desaparecer na suíte principal da família Gomes.

***

— Isso não é necessário — Gomes suplicou ao ver Dominic algemando Max à cabeceira da cama. — Já disse que vou fazer o que vocês querem.

A cena à minha frente até que seria comovente se eu não soubesse que enquanto o marido enganado sai aflito por deixar a jovem esposa na mão dos caras maus, ela usa e se lambuza nos dotes de alguns... Ridícula!

— Não esqueça de atar os pés.

— Isso é o suficiente — Dominic protestou, apontando para as algemas que a prendiam.

— Tanto faz, Santoro saberá como cuidar dela se ela tentar escapar enquanto estivermos fora.

Dominic me puxa pelo braço até o banheiro no interior do quarto.

— Você não pode ir junto. Eles vão prender todos que estiverem lá. A polícia já está esperando por Romano.

Puxo o braço tentando me desvencilhar de seu aperto.

— Pode ir esquecendo. Marco não estará conosco. Você disse que só estão interessados em Romano. Se a polícia nos prender agora, ele vai desaparecer sem deixar rastros! Talvez, se estivesse mais preocupado em fazer seu trabalho do que ficar fodendo a ruiva no cio, você saberia disso! Agora, deixa eu me vestir, é bom você dar um jeito nos seus colegas policiais, ouvi Ian e Marco falando sobre explosivos.

Dominic dá um passo a frente e me prensa contra a parede, sua respiração é quente e acelerada. Odeio o fato de meu corpo me trair quando ele está tão próximo. Fico imóvel, meu cérebro diz pra chutá-lo no saco, mas minha boca quer sentir seu gosto, um delicioso gosto de perigo.

Ele finalmente se afasta e sai do banheiro batendo a porta. Puta merda, gaúcho idiota! Solto o ar pela boca, tentando acalmar minha

respiração. Sobre a tampa do vaso sanitário, uma grossa legging cinza chumbo, uma blusa de um tecido semelhante ao da calça, quase como uma segunda pele. O tênis de neon cor–de-rosa, junto com um par de meias brancas de cano curto complementavam o visual. Visto tudo o mais rápido que consigo e sinto até um pouco de calor depois da troca, constato que provavelmente é uma roupa térmica.

O reflexo no espelho indica uma patricinha que está pronta para esquiar na argentina, mas a realidade é bem diferente. Uso roupas térmicas e apropriadas para uma rápida corrida. Faço um rabo de cavalo penteando o cabelo com os dedos e o prendo com um grosso elástico preto.

Vai dar tudo certo, Catarina, esse é o primeiro de doze. Penso positivo enquanto mexo nas maquiagens, passo um batom coral e aplico uma máscara de cílios quando a voz de Ian me pega desprevenida.

— Agora, Pepa!

— Aieê! — grito com a voz rouca. — Não se faz isso quando uma mulher está se maquiando! Não sabia, não?

Salvatore sorri e meu corpo se aquece. Ah... italiano safado, você não vale um centavo. Ele dá um tapa na minha bunda e eu saio pisando duro, sem olhar para a despedida dramática entre a surucucu e o senhor Gomes. Até passa pela minha mente, antes de irmos embora, depois que tudo estiver terminado, alertar sobre a conduta da esposa, mas afasto a ideia da cabeça assim que vejo as motos paradas do lado de fora da casa.

— Puta merda! — exclamo baixinho.

Sou apaixonada por velocidade, todos os meus ficantes e meu quase noivo tinham uma característica em comum, eram fissurados por motos. Aprendi a pilotar aos quinze anos, uma motinho dessas que a gente cansa de ver mulheres pilotando, mas quando conheci o Léo, tive a oportunidade de montar em máquinas velozes.

Virgil e Sonny já estavam a postos, nas *Kawasakis* pretas. Sobravam apenas duas motos.

— Vamos, Pepa. — Ian passa por mim, deixando um leve rastro de seu perfume.

Ele monta na moto e faz sinal com a cabeça para que eu suba na garupa.

Romano traz Danilo Gomes, guiando-o pela nuca.

— Agora, entre no carro e não faça nenhuma merda.

O homem sai tropeçando assim que Marco o empurra para fora da casa.

Romano me encara com os olhos azuis cintilando.

—Te vejo no Rio, minha Morena.

Meu corpo é tomado por um arrepio, saio a passos rápidos e me posiciono ao lado da única moto vazia.

— Não, você não vai pilotar — Salvatore advertiu, sua voz saiu um pouco mais baixa por causa do capacete.

— Ah, eu vou sim. Se eu estiver colada em você, como vamos carregar as malas?

Pude ver Ian me lançando um olhar furioso debaixo do capacete quando montei. Giro a ignição da moto e a máquina ronca debaixo de mim. Ponho o capacete, encerrando aquela discussão.

O carro de Gomes é o primeiro a sair, em seguida, a moto de Ian e a minha e, logo atrás, Vigil e Sonny. O trajeto foi tranquilo, a

não ser pelo fato de que eu estava prestes a congelar. Voar em cima de uma moto é maravilhoso quando você está em um lugar onde a temperatura é alta e a o vento torna-se um bálsamo, porém pilotar quando uma garoa fina e fria entra por cada mínima abertura é um tormento.

Estacionamos em frente a uma cafeteria, resolvo não reclamar do frio só para não dar o braço a torcer. Ian entrega um celular a Virgil e explica.

— Gomes está usando um transmissor, acompanhem tudo por aqui, quando estivermos com as malas em mãos, iremos trazer para vocês e, depois, nos encontramos no chalé.

O careca balança a cabeça concordando e pega o telefone. Olho para o banco a meia quadra de nós, Gomes, o guarda e uma outra funcionária já haviam entrado.

Tiro o capacete, imitando os movimentos de Salvatore. Desço da moto assim que Ian o faz, nós seguimos a passos rápidos em direção ao banco.

— Está com a arma? — Ele me pergunta em voz baixa.

— Sim — respondo com a voz rouca. Sinto uma coceirinha insuportável se alojar em minha garganta e meus olhos lacrimejam quando faço um esforço para não tossir. Não, não, não! Maldita faringite, agora não! Me amaldiçoo.

Salvatore para em frente à porta acrílica transparente e me olha. Ele está incrivelmente sexy em uma jaqueta de couro, jeans escuro e coturnos.

— Eu te amo. — As palavras saem descontroladas da minha boca. Eu não consigo acreditar que acabei de me declarar antes de assaltar um banco!?

Ele volta a olhar para frente com expressão inabalável e o gerente logo avista Salvatore.

— É hora do show — ele responde sem olhar para mim.

Meu estômago se revira e meu rosto se aquece. Agora não é hora pra chorar, Catarina, e, o principal, não é hora para se declarar! Meu subconsciente me acalma e consola ao mesmo tempo.

Estamos posicionados bem em frente à porta giratória, quase dentro do banco, na sessão dos caixa eletrônicos. Não almejamos poucos milhares, mas sim milhões de reais. Danilo Gomes cochicha algo no ouvido do segurança que pressiona um botão semelhante ao controle remoto dos portões eletrônicos, destravando, assim, a porta eletrônica Salvatore passa e eu o sigo. Apesar de toda a adrenalina presente em meu corpo, só consigo pensar no silêncio daquela declaração. Será que ele não me ama? Ian tira uma lanterna e mira na direção das câmeras apontadas para a entrada do banco.

— Faça o que eles pedem. — A voz de Gomes me trouxe de volta.

Olho para o guarda que posiciona a mão, pronto para pegar sua pistola no coldre , como se ignorasse o pedido do gerente, , antecipo seu movimento e saco a arma presa na minha cintura.

Balanço a cabeça, alertando-o para que não continue.

— Larga essa arma — Ian rosna com voz firme.

O segurança arremessa a pistola para o chão e a chuta para o lado.

Minhas pernas tremiam como um pudim, aquele assalto era diferente de todos os outros, principalmente por estarmos em um lugar fechado, se os policiais realmente soubessem daquele assalto

e estivessem apenas esperando por Romano, poderíamos ser presos a qualquer momento, um bandido é melhor do que nenhum.
— Pepa, acompanhe a Mariana. Danilo, faça com que os funcionários do banco entrem.

Olho para a tal de Mariana, a pele avermelhada, provavelmente pelo medo, os cabelos loiros puxados para trás, presos em um coque bem apertado. Ela veste um tailleur azul-marinho com a insígnia dourada do banco do lado esquerdo do peito. Ainda empunhando minha pistola, eu me aproximo da mulher de meia idade. Ela usa um cartão pendurado no pescoço: Mariana – Consultora de Negócios.
— Calma, Mariana. Por que não saímos daqui? Assim, você pode me mostrar o restante da agência.

Ela balança a cabeça nervosamente. Assim que seus colegas entravam na agência, logo percebiam o que estava acontecendo. Quando que o último funcionário passou pela porta giratória, Ian tirou a Uzi de debaixo da jaqueta e a usou para apontar o caminho, guiando a todos nós para a sala do gerente.
— Isso é um assalto, nossa intenção aqui é deixar o mínimo de mortos possível, portanto não abusem da sorte. Temos interesse apenas no dinheiro do cofre. Agora, coloquem os celulares no chão e vamos acabar logo com isso.
Os dez funcionários estavam posicionados em semicírculo, havia algo que podia ser identificado em todos eles, o medo no olhar.
Salvatore tira uma sacola preta do bolso interno e atira para mim.
— Recolha.

O olho de soslaio e obedeço, guardo minha pistola presa à cintura e começo a recolher um por um. Quando termino, dou um nó

na ponta do saco e o arremesso no canto da sala.
Salvatore olha no relógio.
— Temos quinze minutos antes que o banco abra. Já temos reféns o suficiente.

Ian adotara uma expressão indecifrável, era como se eu o tivesse vendo pela primeira vez .
— Fique aqui. Irei até o cofre com o senhor Gomes e voltarei em seguida.

Assinto com a cabeça. Mas única coisa que passava em minha mente no momento era o silêncio de Ian logo após minha declaração. Me sentia uma idiota.

Salvatore e o gerente despareceram por um corredor. Por maior que fosse o turbilhão de emoções dentro de mim, eu engoli em seco e não chorei, um erro ali era o suficiente para que qualquer um achasse que havia a possibilidade de tirar a arma de mim e bancar o herói, minha mão estava firme e eu não hesitaria em atirar!

Dois tiros vieram do subsolo, mas não movi um único músculo. Os segundos depois daqueles disparos eram longos demais, o primeiro minuto se passou e nada de respostas ou qualquer outro som, nem gritos, choro ou mais disparos, apenas o silêncio.
—Damon?! — gritei, mas minha voz rouca não deve ter chegado aos ouvidos deles. O pânico tomou conta de meu corpo quando o relógio na parede acusava que já haviam se passado cinco minutos desde os disparos.

Identifico a silhueta de Danilo se arrastando pelo estreito corredor, ele mancava e logo vejo seu terno caqui manchado de vermelho. Ele traz em cada mão uma mala grande de um tecido

preto. Logo atrás dele, Ian carrega mais duas bolsas idênticas. Ele conseguiu!

O cano frio da pistola cutuca minha nuca e, de imediato, percebo que eu havia comemorado cedo demais.

CAPÍTULO 12 – SANGUE NAS MÃOS

Nesses últimos dois meses, eu já perdi as contas de quantas vezes passei perto da morte; a primeira, foi naquele labirinto, depois naquele anexo do inferno, escondido nas entranhas de Florença, no assalto ao carro forte e outras duas vezes foram quando desafiei Romano. Confusamente, o minuto presente era o que me fazia sentir mais próxima dela.

Abaixo o braço devagar para que seja quem fosse que estivesse atrás de mim com a arma apontada para minha cabeça não pensasse que eu estava prestes a revidar ou qualquer coisa do tipo. Eu nem sabia se a minha arma estava engatilhada!?

— Larga a arma devagar — A voz masculina ordena.

Pude ver o palavrão mudo que Ian soltou assim que viu o que estava acontecendo. Merda! Será que é um dos homens de Dominic?

Salvatore desacelera o passo a ponto de poder empinar a Uzi sem largar as pesadas bolsas. Deixo que minha pistola caia aos meus pés, mas não a chuto para longe. Minhas mãos se entrelaçam na altura da cabeça .

— Isso. Agora vire-se! — manda o estranho.

Meus olhos arregalam-se para Ian, esperando que ele tome alguma atitude, qualquer que fosse. Infelizmente, eu só via duas possibilidades, mofar no presídio central enquanto ele cumpre pena na Itália ou morrer tentando uma saída, nenhuma delas era muito animadora, mas optei pela segunda opção.

— Eu mandei se virar!

Talvez eu devesse saltar sobre ele e tentar desarmá-lo.

Infelizmente ou felizmente meu corpo me traiu e a piscada seguinte tornou tudo escuro.

Ian Salvatore

Em frente ao cofre principal, cercado por largas barras de aço, o gerente Danilo Gomes me encarou por alguns instantes.

— Coloque a senha.

— Eu não tenho a senha para abrir este cofre, ele se abre apenas com a minha e a do gerente regional que visita semanalmente as agências — gagueja, gesticulando com as mãos trêmulas.

Bufo irritado diante da tentativa patética do velho à minha frente.

— É verdade, isso é uma...

Disparo dois tiros, um na coxa esquerda e outro na direita. O gerente urra, caindo de joelhos.

Olho em meu relógio de pulso, tínhamos alguns minutos antes que a polícia cercasse o lugar. A voz de Pepa veio do andar de cima.

— Olhe nos meus olhos —Rosno para o velho.— Não estou brincando, abra a porra desse cofre ou o próximo será na cabeça.

Danilo se agarra às barras de metálicas e se ergue com dificuldade. Os dedos sujos de sangue pressionaram uma senha de

oito dígitos. O bipe alertando a senha incorreta soa. Dou alguns passos para mais perto dele e aponto a pequena metralhadora para sua cabeça, gotículas de suor escorrem por sua nuca avermelhada.
— Não banque o herói, senhor Gomes, minha paciência não é das melhores. Se errar a senha desta vez, terão que enterrar você com caixão fechado.

O gerente digita uma nova sequência de números e o som das travas se abrindo ecoa pelo lugar. Tiro do bolso interno da jaqueta as malas de tecido dobradas em pequenos retângulos pretos.
— Encha isso! — Dou a ele duas e fico com as outras duas. — Apenas as azuis!

Aponto para os malotes de cem. Ele obedece e o faz em silêncio, deixando um rasto de sangue por onde passa. Posiciono cada uma das bolsas já abastecidas em cada ombro, deviam estar pesando quase trinta quilos cada uma. Refazemos o caminho de volta, deixo que o gerente vá na frente, surpreendentemente ele consegue caminhar ou, melhor dizendo, mancar até o andar de cima carregando parte do dinheiro.

Estávamos nos aproximando da sala da gerência quando percebi o que estava acontecendo. Um homem usando uniforme de segurança tinha uma Colt apontada para Pepa, apavorada, ela me encarava aflita . Diminui o passo e ergui a Uzi, mirando na cabeça raspada do guarda.

Catarina desabou inconsciente no chão. Puta que pariu!
— Larga arma ou eu atiro nela — ele me ameaça, mirando a arma para baixo, ainda mantendo minha Nina sob sua mira.
— Pode atirar. Isso só significa que terei um a menos para dividir o dinheiro — rebato.

O homem franze o cenho , antes que pudesse tomar qualquer atitude, o fuzilo. Os tiros da mini metralhadora, em rajada, fazem diversos furos sobre o uniforme do homem.

— Quem é esse, senhor Gomes? — Aponto para o corpo do homem morto no chão.

— É o segurança, daqui a pouco chegaram os outros quatro — explicou ele com a voz trêmula.

— Mais alguém a fim de bancar o herói?— grito, mirando a Uzi para os funcionários, homens atônitos, mulheres chorando com as mãos sobre a boca para tapar os soluços. — Foi o que eu pensei!

Largo as malas no chão e corro até Catarina. Minha mão toma seu pulso, os batimentos quase imperceptíveis. Pulso fraco. Sem soltar a arma, eu ergo seu corpo e a balanço de leve.

— Pepa, acorda, Pepa!

Olho para o gerente e grito irritado.

— Solta a porra dessas malas e me traz água fria. Logo!

O homem manca desajeitado até o bebedor ao lado de sua mesa e serve um copo descartável.

— Vamos, meu amor, acorda logo — sussurro ao seu ouvido.

Danilo me entrega o pequeno copo plástico branco e se afasta para ficar perto dos funcionários.

Jogo a água fria em seu rosto e ela desperta desorientada, demorando alguns segundos para processar que ainda estávamos no meio do assalto . Não pude evitar de sorrir quando vi o brilho vivo em seus olhos amendoados.

— Precisamos ir.

Ajudo Catarina a se erguer e, juntos, ficamos de pé.

— Não sei o que deu em mim. Simplesmente minha visão escureceu e...
—Tudo bem, tudo bem, mas agora temos que ir — explico, olhando para as malas.

Ela acena concordando.

— Eu preciso que você seja forte agora. Pegue uma das malas e depois retorne para buscar a outra, Sonny e Virgil estão à sua espera. Ficarei aqui e depois sairemos juntos, ok?

Pepa assente e pega apenas uma das malas. Desvia o olhar ao passar pelo corpo sem vida do segurança. Fico observando-a se afastar com a pesada bolsa e passar pela porta giratória, menos de um minuto depois, ela retorna de mãos vazias. Catarina pega a segunda mala e sai, repetindo o mesmo processo. Quando retorna, pegou a terceira mala e coloca nas costas, como se fosse uma mochila, eu faço o mesmo.

— Para os que não sabem, a esposa do senhor Danilo Gomes foi feita de refém, ou seja, sabemos onde cada um de vocês mora, inclusive com quem, se não quiserem o mesmo destino do infeliz ali no chão, é bom esquecerem o que viram aqui.

Catarina Vallenti

Não retornamos para casa, o trajeto de volta foi longo e torturante, olhava a todo instante pelo retrovisor da moto, esperando que uma viatura aparecesse no reflexo do espelho. É difícil acompanhar Ian, sua moto desliza em alta velocidade por entre os carros, passando sinais vermelhos, ele simplesmente voa.

Quando chegamos ao chalé, duas motos estão estacionadas ao lado de uma caminhonete com vidros escurecidos. Desço da minha moto, sentindo que o peso da mala se transformara em quase cem quilos e me esforço carregá-la até o interior da casa.

— Deixa que eu carrego pra você — Salvatore oferece com um sorriso preocupado.

Lembro do silêncio dele logo após minha declaração e cerro os dentes mal-humorada.

— Não precisa. — Meu orgulho me dá forças para chegar até a sala de estar.

Marco remove a pesada bolsa de minhas costas, mesmo eu não tendo pedido ajuda nenhuma, Sonny e Virgil estão na mesa, separando e contando os maços de dinheiro.

— Essa é pra casar — Romano provoca, exibindo a mala, sustentando todo aquele chumbo com apenas uma das mãos. — Aqui, cambada, contem o que a Morena trouxe.

Casar? Marco é completamente doido. Ele me surra, me jura de morte e depois diz que sou pra casar? Ian abre caminho e larga a bolsa na soleira da porta.

— Quero falar com você. — Ele me pega pelo pulso, segurando com força.

— Achei uma adega no porão! — A voz da surucucu ruiva me pega de surpresa e olho para a ruiva sem entender porra nenhuma do que está acontecendo.

Me desvencilho de seu aperto e retruco:

— Não tenho nada para falar.

Olho para os olhos azuis de Marco que se divertem com a cena e o pego pela gola da jaqueta de couro.

— Vem comigo. Preciso de sua ajuda — peço, ou melhor, ordeno, o arrastando para longe dali.

CAPÍTULO 13 – PROFESSOR

Marco Romano

Morena me segurou pela jaqueta, me puxando para fora do chalé. Já passava das dez da manhã e o sol que brilhava no céu sem nuvens não era o suficiente para nos manter aquecidos fora da casa, mas, do jeito que ela estava, parecia não ligar muito para isso.
— Adrenalina à flor da pele? — Agarro seu pulso e a faço parar, ela sustenta o olhar, sem medo.

Ela sorri de canto e puxa uma pistola presa às costas.
— Está vendo isso aqui? — Ela ergue a arma com certa revolta. — Me ensina a usar.

Ela não estava pedindo. Aquele era o mesmo tom, a mesma energia na voz que me atraiu quando nos encontramos naquele avião, seja lá o que aconteceu durante o assalto havia a deixado furiosa.
— Pedindo desse jeito — provoco, sorrindo de canto.

Não pergunto por que ela veio até mim pedir por ajuda, mas acho que isso pode ser interessante.

— E então? Vai me ensinar ou não? — pergunta em um tom quase desaforado. Sem soltar seu pulso, eu a giro e seu corpo pequeno se choca contra o meu. Os cabelos escuros presos em um rabo de cavalo, deixando sua nuca livre. Roço a barba em sua pele e sinto arrepiar. Cheirosa pra caralho.

—Com prazer — sussurro ao seu ouvido e chupo seu lóbulo macio, finalizando com uma mordida leve.

Um gemido escapa de seus lábios e ela movimenta o corpo, tentando se soltar da posição.

— Quieta! E olhe na direção do carro — ordeno.

Com uma das mãos, seguro suas mãos pequenas, que agarram o cabo da Colt com força, e a ajudo a mirar na carcaça do carro. Com a mão esquerda, seguro-a pelos cabelos, mostrando exatamente para onde deve olhar.

— Mire no farol dianteiro. Não precisa de força pra atirar — explico, soltando seu cabelo, meus dedos descem por suas costas e param em seu quadril. — Você precisa de duas coisas: vontade e precisão.

Caralho, estou ficando de pau duro! Minha mão segue por cima de sua calça lisa que marca cada uma de suas curvas. Minha vontade é arrancar essa roupa e comê-la aqui mesmo. Acaricio sua bocetinha por cima da roupa e ressalto: — Vontade e precisão. Precisa querer fazer. Sabendo onde ficam os lugares certos o estrago pode ser grande. — Pressionei meu pau contra sua bunda.

Morena puxa o gatilho, mas a arma não dispara. Solto sua bocetinha e mostro como engatilhar a pistola.

— Agora põe a mão no ferrolho.

— Marco! — Ela me olha indignada.

Dou uma risada alta e mostro a qual ferrolho me refiro.

— Aqui, Morena. — Pego em sua mão e coloco em cima da arma. — Se a arma não foi disparada, você puxa o ferrolho para trás e solta essa trava aqui. — Indico a trava de proteção contra disparo na lateral da arma.
— Ah, tá. — Ela sorri sem jeito. Um pouco mais mansa.
— Eu sei que ficar tão próxima de mim é difícil pra você, mas estou tentando te ensinar uma lição.
Morena ri e volta a olhar para frente, o primeiro tiro acerta o chão.
— Droga! — esbraveja e dá um segundo tiro. A bala se aloja no gramado.
— Não tencione com força, sua mão direita não pode apertar tanto o cabo da arma, porque assim você acaba tremendo e perdendo a precisão. Use a esquerda para dar firmeza e o soco do tiro não ser grande.

Ela balança a cabeça e volta a mirar.

Me afasto e apoio um joelho no chão para posicionar suas pernas. Toco suas coxas e seus músculos se tencionam. — Abre um pouco. Joelhos levemente flexionados. —Fico de pé e dou um tapa em seu traseiro firme. — Parada e preste atenção!
Morena me olha de soslaio e continua na posição.
— Não pode deixar essa linha tão exposta — explico, deslizando o indicador sobre seu peito, ela morde o lábio inferior. — Agora sim...
Com o corpo levemente torcido, ela inclina a cabeça para o lado, acompanhando a mira da arma. Dois disparos ecoam pelo ar, seguidos de uma risada animada e eufórica.
— Isso! — comemora e assopra a ponta da arma.
Tiro um cigarro do bolso da jaqueta e o acendo, observando-a guardar a arma na parte de trás, presa à calça. Trago e deixo a

fumaça sair devagar.
— Trava a arma, seria um desperdício marcar essa bunda com a cicatriz de uma bala.
— Ah ahaha! Muito engraçado. — Força uma risada, mas me obedece.
— O que aconteceu no banco? — indago com o cigarro pendendo nos lábios.
Ela me olha desconfiada, mas decide contar.
— Um homem apontou uma arma pra minha cabeça, na hora do pânico, eu apenas desmaiei, e hoje percebi que Ian não estará sempre lá para me salvar.
Deixo a fumaça do cigarro escapar pelo nariz e boca dessa vez. Sei que ela se refere ao acordo de um ano.
Ela espirra alto e me encara com a ponta do nariz completamente vermelho.
— Preciso de uma coisa quente, esse frio vai acabar me matando — reclama, mudando de assunto.

Catarina Vallenti

Um banho quente foi revigorante, o cheiro do sangue, do dinheiro e da pólvora parecia que estava impregnado em mim, mas, após longos minutos imersa na banheira com água tinindo, repleta com sais efervescentes, sentia-me renovada. Meu estômago deu sinal de vida. Talvez aquele desmaio não tenha sido um ataque de pânico. Olho para cima tentando buscar na memória a última refeição completa que fiz, mas o cheirinho da cebola sendo refogada me traz de volta. Será que Ian já está preparando alguma

coisa? Aquele filho da mãe, além de lindo, sabe cozinhar como ninguém.

O que eu fiz de errado para receber aquele silêncio? Será que ele não me ama? Claro que ama né, Catarina! Não seja idiota, ele explodiu um lugar inteiro só pra te salvar, desafiando o diabo em pessoa, Marco Romano. Só eu mesma pra me declarar prestes a assaltar um banco. Quanto mais eu pensava na situação enquanto me vestia com as roupas ainda com etiquetas penduradas no closet, mais me afundava em dúvidas.

Na verdade, eu não fui impulsiva, se eu morresse, não queria partir sem dizer o que realmente sentia.

— Pepa.

O meu apelido saindo pela boca da ruiva surucucu só serviu pra me deixar mais irritada. O que essa cobra coral está fazendo aqui? Isso só podia ser coisa do Dominic ou do Marco. Eu ainda ia tirar isso a limpo, mas só depois do almoço, eu realmente estava faminta!

— O que é, suru... — interrompo a frase. — Max, o que quer?

Ela está parada na porta, os cachos ruivos pendem sobre um vestido de lã azul-escuro, marcando sua silhueta esbelta.

— Ian quer saber se está tudo bem, ele ficou preocupado quando você desmaiou no banco.

O QUÊ? Desde quando ela sabe que o nome dele é Ian? Não tínhamos que usar as drogas dos apelidos. Vi um pequeno sorriso de satisfação quando ela notou minha expressão de dúvida. Cerro os dentes e tento disfarçar meu ciúme. Voltei minha atenção para as botas que estava terminando de calçar.

— Se ele tem alguma coisa pra perguntar, ele que o faça pessoalmente — retruco.
Max arqueia as sobrancelhas ruivas e sua boca forma um perfeito o em expressão de surpresa.
— Ok, ok.

Mas, antes que ela saísse, fiz a burrada de falar sem pensar.
— Já conhecia o Ian antes dele sequestrar seu marido? — Dou ênfase na palavra final.
— É Karina, né? — Meu sangue ferve quando ela pronuncia meu nome errado e eu tenho certeza absoluta que o faz só para me irritar. — Acho melhor você conversar isso com ele.
Max sai do quarto e a ouço se afastar quando o barulho do salto estalando no piso de madeira desaparece.
— Karina? Karina é a tua bunda, ruiva idiota! — xingo baixinho, terminando de calçar a outra bota.

Claro que eles se conhecem, que motivo ela teria para chamá-lo pelo nome, e toda essa intimidade? Ah, Salvatore, você ainda não me conhece direto! Olho meu reflexo no espelho e passo a mão pela saia de veludo preta, relativamente curta; a barra, um palmo acima da coxa, a meia calça-fio oitenta impede que minhas pernas congelem. A blusa branca de lã se agarra ao meu corpo e me mantém aquecida. O maldito ainda tem bom gosto! Dois podem jogar esse jogo, Ian e garanto que Marco será de grande valia.
Saio do quarto pisando duro, encontro Virgil e Sonny assistindo ao noticiário.
— As câmeras de segurança não conseguiram captar as imagens dos assaltantes. O prejuízo estimado é de seis milhões de reais. Os funcionários foram feitos reféns por poucos minutos, houve troca de

tiros e um dos seguranças morreu na hora. — Noticia o âncora do telejornal.

Solto o ar pelo boca e vou direto para a cozinha, onde Romano misturava a carne com as mãos, amassando, espremendo com força.

— Pelos retratos falados, conseguimos ligar os assaltantes aos do carro forte em São Paulo, ao que tudo indica são a mesma quadrilha — continua o repórter.

— Olha, Karina, até que seu desenho ficou bonito! — provoca Max, sentada no colo de Dominic, apontando para a enorme televisão sobre a lareira.

Olho para a TV, um desenho de meu rosto ao lado de uma foto minha, apesar da distância, eu consegui ler perfeitamente as letras vermelhas da legenda:

CATARINA VALLENTI CAVALCANTE PROCURADA POR ASSALTO – PERIGOSA!

CAPÍTULO 14 – PROBLEMAS

Olho para Dominic, que acaricia a coxa de Max enquanto assisti ao noticiário. Ela pisca para mim e passa o ombro por seu pescoço, aninhando-se em seu peito. Ian estava sentado à mesa de jantar e parecia alheio ao noticiário, talvez nem tivesse ouvido, estava concentrado, digitando algo em um *Macbook*.

Romano tinha as mãos sujas de sangue, a camisa escura tinha as mangas dobradas até os cotovelos, deixando amostra algumas tatuagens.

— Com fome? — indagou, me olhando com segundas intenções.

Encarei-o nos olhos:

— Você ouviu a matéria? Vou acabar presa. Não posso mais sair de casa. Esse jornal está sendo transmitido em rede nacional. E agora?

Ele despejou a carne moída que temperava e amassava com as mãos sobre a frigideira, onde dourava cebola e alho picados. Esfregou a mão sobre um pano úmido na pia e deu um passo para mais perto.

— Não devia perguntar isso ao seu namoradinho ali? — respondeu com desdém, olhando para Salvatore.

Essa patada foi fulminante, mas não desisto fácil e insisto mais um pouco.

— É, tem razão, mas achei que, por você ser o poderoso chefão, talvez pudesse me dar algum conselho ou sei lá...

Ele ri baixo e começa a forrar duas travessas retangulares de vidro com uma fina massa. Demoro alguns segundos para reconhecer o que Marco prepara.

— Tudo bem. Eu vou dar um jeito. — Só não sabia como. — E vê se não queima a lasanha — Provoco, o deixando sozinho.

O almoço foi silencioso, apenas o som dos talheres tilintando sobre os pratos de porcelana. Não estava a fim de olhar para a cara de nenhum deles, principalmente de Max e Ian. Sirvo meu quarto pedaço de lasanha e, com uma colher grande, despejo o molho avermelhado sobre o arroz branco e vou comer sozinha no sofá. Para minha surpresa, a imensa televisão tem o aplicativo *Netflix* instalado.

Clico no primeiro filme sugerido, Prenda-me se for capaz, na verdade, o que me fez querer ver esse filme foi o elenco, Leonardo Di Caprio. Tinha uma queda por ele desde a quinta série e odiava, com todas as forças, a Kate Winslet, por não dividir a porta com ele.

— Clichê! — Ian retruca se sentando ao meu lado no sofá que tinha espaço para mais cinco pessoas.

Não ouse, estou possessa e não quero perder meu apetite, termino a última garfada do almoço e o molho respinga em minha roupa.

— Clichê é esse seu fraco por criminosos — ele para de falar quando vê que estou passando o dedo indicador pelo prato apenas

para irritá-lo, sei como ele odeia sujeira. Ainda mantendo os olhos na tela, eu respondo:

— Talvez, mas que ele fica um tesão com a roupa de piloto... Ah, se fica. — Em tom debochado, eu continuo tentando tirá-lo do sério. Passo minhas mãos engorduradas de molho por sua blusa, mas, devido a cor escura da lã, o molho vermelho não aparece.

Salvatore me encara com os olhos azuis semicerrados.

— Vou te esperar no quarto.

—Talvez, depois que o filme acabar. Amo aquela cena em que ele estica o braço e em sua mão pende uma gargantilha dourada — ironizo, fazendo um coração na direção da tela com as mãos.

— Eu vou te dar três segundos para ir até o quarto com suas próprias pernas.

— Ou o quê? — o desafio, olhando diretamente nos olhos azuis que faíscam de raiva.

— Te arrasto para o quarto e encho essa sua bunda de palmadas.

Minha respiração se acelera, se ele me agarrasse à força na frente de todos iria dar uma confusão dos infernos. Arqueio as sobrancelhas e respondo, tentando manter a indiferença:

— Seja rápido, quero comer mais um pedaço de lasanha antes que acabe. Parece que ele cozinha tão bem quanto você.

Pauso a televisão e levo o controle comigo, para que ninguém troque de canal. Saio pisando duro, Ian me segue a passos rápidos e encosta a porta do quarto. Ele vai até o banheiro e ouço-o lavar as mãos. Ian retorna sem a blusa. Golpe baixo, cretino, é mais difícil brigar olhando para um corpo como aquele. Salvatore senta na beira da cama e parece não se importar com o frio que entra pela janela de vidro estilhaçada por Marco alguns dias atrás.

—Você não vai chegar perto de mim enquanto não me der algumas respostas. — Minha voz falha, mas mantenho minha postura.
— Primeiro, vá lavar essas mãos sujas e só então vamos conversar.

Reviro os olhos, qual é o seu problema com uma sujeirinha de nada? Volto com as mãos limpas e paro a pouco menos de meio metro de distância.
—Feliz? — Balanço as mãos ainda molhadas, respigando gotículas de água em seu peito. Olhe nos olhos, Catarina, assim fica um pouco mais difícil pensar em sexo violento, daqueles de rasgar os lençóis.

Ele balança a cabeça negativamente, com o olhar predatório que queima sob minha pele. Pigarreio e começo minhas perguntas, minha voz sai mais rouca por causa da faringite, mas eu preciso de respostas, nem que eu tenha que escrever minhas perguntas no papel, uma por uma.
Salvatore dá dois tapas breves sobre a coxa, querendo que eu sente em seu colo.
— Já disse que não vai encostar em mim até me dar respostas.

Ele repete o gesto e seus lábios se curvam em um pequeno sorriso.
—O caram... —Mal consigo terminar a frase, ele é rápido e me puxa contra seu corpo. Me desequilibro e seus braços me envolvem em um giro, fazendo com que eu caia de bunda pra cima em seu colo.
Ah, droga! Meu corpo se atiça com sua proximidade, o calor e perfume que ele exala são viciantes. Com uma única mão, ele conseguiu manter meu tronco na mesma posição. Com a mão livre, ele acaricia minha bunda sobre o tecido da calça. Meu sexo lateja e eu bufo furiosa por meu corpo me trair dessa maneira. Mordi sua

coxa, cravei meus dedos sobre o jeans que ele usava. Com certeza, deixaria minha marca ali. Ian agarra-me pelo cabelo e desfere um tapa forte, fazendo minha pele formigar.

— *sta 'zitto* — rosna em italiano, ordenando que eu fique quieta.

Salvatore puxa a meia-calça para baixo e ergue a saia de veludo até minha cintura.

— Ora *giochiamo per ogni domanda uno schiaffo*. *(Agora vamos jogar, para cada pergunta, um tapa).

Ele acaricia o local do tapa e o calor de sua mão em contato com minha pele me deixa ainda mais molhada.

— Você conhecia Max antes do assalto? Responda em português — digo contrariada.

Aquela dúvida estava me corroendo desde que a puta ruiva havia aparecido no quarto a mando dele.

— Sim. — Sua resposta foi seguida de um novo e pesado tapa, dessa vez, no lado direito. Meu corpo arqueia-se em seu colo, fico esperando pela continuação da resposta, mas ele está em silêncio.

— E?

— A pergunta certa seria como — ele rebate e, pelo som da sua voz, sei que está sorrindo enquanto acaricia meu traseiro, acalmando minha pele em chamas.

Fico quieta, formulando a próxima pergunta.

— Explique em detalhes como a conheceu.

Enquanto falava, seus dedos desceram pela curvatura da minha bunda até chegar em meu sexo.

— Durante uma viagem a Vegas, lugares que giram muito dinheiro atraem pessoas como eu e ela de longe.

— Vigaristas e prostitutas? — retruco irritada, mordendo o lábio à medida que seus dedos me abrem como uma flor, explorando sem penetrar, apenas provocando-me, guiando com maestria meu corpo à beira...

O tapa seguinte acerta em cheio o lado esquerdo, o desejo se acumula em meu baixo ventre, um misto de luxuria e ódio que apenas ele tem o poder de provocar em meu corpo.

— Quanto mais tapas, mais molhadinha fica. Acho que vou ter que comprar um chicote.

Gemo quando ele acaricia meu clitóris e me penetra devagar, brincando com minha intimidade, a ponto de me levar à loucura.

— Você me ama? — As palavras morrem assim que saem de meus lábios e me arrependo até a alma por tê-las pronunciado sem pensar.

— Sempre fui sozinho, mas você e todas sua teimosia invadiram minha vida me fazendo quebrar todas as minhas regras, uma por uma. — Seus dedos tomam um movimento mais rápido e intenso, entrando e saindo, de novo, e de novo. — Nunca tive parceiros, por acreditar que isso fosse uma fraqueza. Desafiei o mafioso mais temido de Florença explodindo aquela casa noturna. Tenho feito tudo para atender aos seus desejos, inclusive deixar que Marco a toque.

Fecho os olhos quando o orgasmo se aproxima e gemo baixinho, me sentindo uma tola por ser tão ciumenta. Minha respiração é entrecortada, ele enfia mais um dedo e me desmancho em prazer.

A porta do quarto se abre e Dominic aparece com Max a tiracolo.

— O helicóptero chegou — late visivelmente irritado.
Max nos encara com um sorriso surpreso.
— Já estamos indo — Ian rosna.
Dominic sai e a cobra se arrasta atrás dele. A porta continua escancarada.

A última palmada me pega desprevenida e um grito rouco ecoa pelo quarto.
— Pronto, agora podemos ir.
Me torço para conseguir ver sua expressão, ele lambe os dedos ainda lambuzados e um murmúrio rouco escapa por seus lábios.
— Muito gostosa.

***

No helicóptero, eu estava sentada entre Romano e Ian, de frente para nós, Dominic e Max terminavam de afivelar os cintos quando Santoro deslizou a porta para que o piloto pudesse levantar voo.
— E o dinheiro? Não tem medo que seus homens fiquem tentados? — Max pergunta extremamente interessada.

Romano olha para as longas pernas da ruiva e responde:
— Não. Eles sabem o que eu faço com quem me trai.
Um arrepio subo pela espinha e quero desesperadamente mudar de assunto.
— Por favor, me diz que vamos para outra ponta do Brasil, de preferência um lugar bem quente. — Ajeito a toca de lã na cabeça e cruzo os braços contra o corpo, tentando me manter aquecida.
Ele dá uma risada e responde:
— Ainda não, Morena.

O braço de Ian me envolve e me puxa para mais perto. Olho para a janela e vejo tudo minúsculo, já estamos a uma distância considerável do chão. Meu estômago embrulha.

— Tenho alguns negócios a tratar com Dr. Barros e, quanto a vocês, eu não esqueci que serão doze assaltos — Romano retruca, pousando a mão sobre minha coxa.

Dr. Barros? Por favor, que não seja quem estou pensando. Que não seja ele, não seja!

— Leonardo Barros?

Ele arqueia uma sobrancelha e indaga desconfiado:

— Já conhece o meu advogado?

CAPÍTULO 15 – GAIOLA DOURADA

Leonardo Barros? Repeti mentalmente e me veio a imagem do poderoso advogado sisudo sentado atrás de sua mesa e o notebook que arremessei contra ele, acertando o vidro.

—O conhece? — A voz de Ian me trouxe de volta. Espiei mais uma vez pela janela e a vista me causou enjoo. A lasanha parecia estar dançando em meu estômago e a notícia de que ia encontrar com meu ex infiel apenas agravou meu mal estar.

Dominic mexia no celular distraído enquanto a cobra me olhava com uma falsa expressão de preocupação.

— Karina, você está com uma cara péssima — me alfineta

— É Catarina, será que a tinha vermelha afetou seus neurônios, o tico e o teco? — retruco sarcástica. Minhas mãos estão frias e molhadas.

— Viu? Quer comer igual a um porco faminto.

Ah, meu Deus do céu, essa mulher perdeu a noção do perigo. Abro a boca para protestar, mas o jato vermelho e azedo que voa pela minha boca não dá espaço para palavras. Meu almoço volta semidigerido e inundo suas botas de cano curto com vômito.

— Credo, que nojo — ela grita, agitando as mãos. — De onde você saiu?

— Cale a boca, ruiva, não quero mais ouvir sua voz hoje! — Romano rosna sem paciência.

Ian tira um lenço branco de dentro da jaqueta e me entrega. Limpo a boca e fico segurando o lenço dobrado em minhas mãos. Max solta o cinto e tira as botas, erguendo os pés, apoiando-os no banco.

— Desculpe, é que olhar muito tempo para o vermelho me dá náuseas — provoco.

— Caladas, as duas. Será que podemos terminar essa viagem em silêncio? — Ian ordena, elevando a voz.

E assim foi... Todos quietos durante o restante do trajeto, mais vinte minutos se passaram até que o helicóptero aterrissou em um extenso gramado com vista para um jardim de inverno.

Romano desliza a trava da porta e é o primeiro a descer. Ele me estende a mão e me ajuda a sair. Em seguida, Salvatore desce, só então Dominic e a cobra ruiva desembarcam.

A mansão à nossa frente parecia ter saído direto da revista Caras. Muito mais luxuosa que o rústico chalé de Canela.

— Onde estamos? — interrompo o silêncio

— É a uma de minhas residências. Fico aqui quando preciso tratar de negócios no Sul.

Eu sabia por que tipo de negócios ele era responsável, por traficar armas e drogas, mas é claro que aquilo não era assunto para o momento. Tão magnífica por fora quanto por dentro, meu apartamento caberia fácil fácil dentro da sala de estar, pelo menos umas três vezes. Uma escadaria em formato caracol dá acesso ao

segundo andar, subindo pelos degraus mármore branco, pode-se apreciar a vista para a enorme piscina, que tem até uma ilha com um coqueiro no meio. Com um frio do cão, essa piscina nunca deve ser usada. Não sei como esses gaúchos sobrevivem.

Deslizo os dedos pelo sofá branco enquanto admiro os detalhes minimalistas da decoração moderna e luxuosa do lugar, desde os lustres de cristal às obras de artes em molduras douradas. Quando imaginei a casa de Marco, nem de longe todo o requinte me passou pela cabeça, afinal de contas, ele também esconde da alta sociedade o seu verdadeiro eu.

— Sinta-se em casa — ele sussurrou ao meu ouvido quando passou por mim e atirou a jaqueta de couro sobre o sofá. Sua barba loira roçando em meu ouvido me causou um arrepio.

Porto Alegre, 01 de setembro de 2016

Quase um mês se passou desde o último assalto, eu não aguentava mais ficar presa dentro daquela imensa e luxuosa gaiola de luxo. Ian e Romano saiam separados e retornavam em horários diferentes, *Sonny, Virgil* e mais alguns seguranças faziam a guarda do lugar. Por maior que fosse aquele lugar, não era grande o suficiente para mim e para a cobra ruiva, o que me fazia discutir frequentemente com Ian e me deixava ainda mais furiosa.

— É sério! Não entendo por que essa surucucu veio junto! Você pensa que conhece essa mulher, mas ela é uma peste!

Salvatore arqueia uma sobrancelha, desvia o olhar da tela do Mac book e responde calmamente:

— Tem certeza que isso é por causa da Max? Ou é porque Dominic anda atrás dela o tempo inteiro?

— O quê?! Não me venha inverter o foco da discussão! — grito, agitando os braços pra cima. — O que ela tem de tão especial? Meu Deus! Essa mulher deve ter a periquita de ouro, porque vocês todos a defendem!

Ian soltou o ar como se reunisse paciência para continuar a discussão.

— Por que não vai perguntar ao seu professor de tiro, quem sabe, durante as aulas particulares, ele já te explica. — Volta a mexer nos papeis com as plantas dos bancos .

— Quer saber, vai tomar no meio do cu! — grito e saio batendo, com violência, a porta de nossa suíte.

E daí que Marco estava me dando aulas de tiro? Isso não é motivo para ele continuar escondendo as coisas de mim. Desço as escadas pisando duro e o impacto forte parece prestes a quebrar o salto fino de meu *scarpin*. É, eu sei... Agora eu tenho que andar bem arrumada o tempo inteiro, estamos sempre competindo em tudo. Ah, essa ruiva endiabrada me tira do sério.

— Ouvi seus cascos daqui — provocou ela, deitada no colo de Dominic, folheando uma revista de fofocas.

— Oh, meu bem, Você sabe ler? Que surpresa mais agradável! — Bato palmas de maneira irônica e reviro os olhos quando Dominic solta uma risadinha contida.

— Nick, pode me trazer esses vestidos amanhã? — Ela aponta para a revista .

— Nick? — Imito a voz manhosa que ela usa para falar com ele. — Preciso falar com você.

Ele levanta o olhar e sorri de canto.

— Agora! — digo sem paciência.

Ele me segue para fora da casa e conversamos enquanto caminho nervosamente pela borda azulada que beira a piscina. É aqui que Ian prefere conversar as coisas importantes, pois desconfia que há escutas pela casa.

— Saudades da minha atenção? — Ele passa a mão pelos cabelos castanhos e sorri de um jeito sacana.

— Para, Dominic, é sério. — Me aproximo dele, pois o que tenho a dizer não pode ser ouvido por mais ninguém, inclusive por Ian, Deus sabe como eu estava arrependida de ter escondido isso dele, até agora eu não havia contado nada sobre o fato de Dominic ser um policial infiltrado.

Ele pega uma mecha do meu cabelo entre os dedos, meu couro cabeludo se eriça e aquele arrepio se espalha pelo corpo. Foco, Catarina! Deixe de ser tarada!

— Me diz que tem alguma notícia boa sobre meu caso. Ainda sou procurada em todo território nacional? — Minha voz é quase um sussurro.

Ele balança a cabeça concordando e, da mecha, seus dedos roçam em minha clavícula, seu toque é quente quase febril. Desvio o olhar do delicioso furo que Dominic tem o queixo.

— Você disse que ia tentar me colocar como vítima. O que não deu certo?

— O problema é que você não é uma refém aqui, Catarina. E o depoimento daqueles reféns só confirmam toda situação.

—Merda! — xingo.— Achei que ia tentar me ajudar.

— Faça com que Marco participe desse assalto, se o pegarmos a coisa muda de figura. Ele é peixe grande, se não o tivermos na

rede, dois pequenos, como você e Ian, também servirão para acalmar a impressa.

Como eu ia convencer Marco a participar? Qualquer coisa que eu dissesse pareceria suspeita.

— Vou pensar em alguma coisa. — Me viro de costas para ele. — Pode voltar para sua dona.

— Acho que precisa de um banho pra esfriar a cabeça. — Antes que eu me vire para retrucar, ele me agarra pelo braço e me empurra para dentro da piscina.

Filho da puta! Meus braços se agitam na água, tento dar pé, mas meu corpo imerge na água e, quando meus pés tocam o fundo da piscina, o pânico pelo afogamento me envolve, odeio água, com todas as minhas forças, odeio! Movimento-me tentando voltar à superfície, mas meu vestido de lã me atrapalha, bolhas se formam ao meu lado e a água se agita. Nesse momento, Dominic mergulha com roupa e tudo, me trazendo de volta a superfície. Puxo o ar com força, desesperada, enquanto o estapeio no rosto e no peito.

— Você está maluco, filho da puta! Quer me matar? — grito com a respiração entrecortada. — Acha que eu tenho as pernas compridas que nem a putanhete ruiva? Espere só até...

Ele toma minha boca e sua língua invade meus lábios sem pedir licença. Com sofreguidão, seus braços me apertam contra seu corpo. A água da piscina é aquecida e me agarro a ele para não afundar enquanto ele me toma como se fosse sua. Suga minha língua para dentro de seus lábios. Morde minha boca e volta a me beijar. Puxo seus cabelos molhados para trás, meu corpo me traí e retribuo o beijo, por céus... Que mulher não faria o mesmo?! Minhas pernas enroscam em sua cintura e, se eu não estivesse dentro

dessa enorme piscina, ele perceberia a cachoeira em meu sexo, sentia seu pau duro roçando, por debaixo de sua calça jeans.

—Me solta agora — reúno forças para protestar, apesar de meu corpo querer o contrário.

— Só depois que eu comer você.

— Ficou doido? Eles podem chegar a qualquer momento, minhas palavras ecoam em seus lábios, que teimam em invadir minha boca em um possessivo desejo faminto.

— E quem disse que eu me importo.

CAPÍTULO 16 – PODEM VIR QUENTES

Catarina Vallenti

— Quando o gato sai... o rato faz a festa — Romano fala em voz alta.

O momento é interrompido e meus lábios estão inchados pela intensidade dos beijos de Dominic.

— Vai se juntar a nós? — convido, afastando os cabelos encharcados do rosto. — A água está uma delícia.

Apesar do frio, aquilo era verdade, a piscina tinha a água aquecida e, associada ao tarado do Dominic, era o suficiente para fazer qualquer líquido ferver.

Marco se desvencilha das roupas pesadas e salta na piscina, agitando a água, que formou pequenas ondas. Ainda agarrada a Dominic, observei-o mergulhar até o fundo, seus músculos movimentando-se rapidamente, quando retornou à superfície, seus cabelos loiros estavam para trás.

Romano sorri presunçoso e seus olhos azuis se estreitam. Ele se aproxima e sinto seus dedos vaguearem pelo meu corpo,

despindo-me.

—Ah, Morena — ele sussurra, abrindo meu sutiã, e então me arranca dos braços de Dominic.

Ele pressiona meus seios nus contra seu peitoral e mordo os lábios com a expectativa do que virá a seguir. Meu núcleo lateja e o meu desejo de ser possuída por eles aumenta ainda mais. Agora é Dominic que termina de tirar a meia calça de lã. Nos lábios de Marco ainda posso sentir o gosto do whisky, seu beijo é duro e sua língua busca a minha com aquele toque selvagem que é sua marca registrada, sua barba loira roça contra minha pele sensível. Me afasto alguns segundos para conseguir respirar, puxo o ar pelo nariz e pela boca com força, estou sem fôlego depois desse beijo.

Os lábios de Dominic chupam e mordiscam meu ombro, suas mãos agarram minha bunda com força e o sinto acariciar minha entrada, intercalando o caminho entre meu ânus como se escolhesse onde me comeria primeiro. Os dedos de Romano se enterram nas minhas coxas e sinto que ali ficarão pontos roxos. Não consigo conter um gemido quando Marco empurra meu corpo um pouco mais para cima e abocanha meu seio, sugando e lambendo. Arqueio o corpo para esfregar meu clitóris contra os músculos de seu abdômen e me entregar ao gozo delicioso.

— Isso, goza gostoso porque eu vou te foder todinha — Marco promete antes de abocanhar meu outro seio e continuar a chupá-lo.

Dominic enfia um dedo e me explora, me deixando fora de mim.

— Espero que eu possa me juntar à festa. — A voz de Ian me surpreende, ele está a poucos centímetros de nós. Ele me encara com olhar predatório e puxa meu cabelo de leve, fazendo que eu vire meus lábios para que ele possa possuí-los. Solto uma das mãos

que segurava em Romano e deslizo minhas unhas por seus músculos, agarrando seu pau, que está duro como pedra em meus dedos.

—Vocês vão me deixar louca — gemo com os lábios colados ao de Salvatore. Minha mão o masturba em um movimento contínuo e meu sexo lateja.

O desejo me consome como uma chama rápida e meu corpo inteiro arde, esperando para queimar entre aqueles corpos perfeitos. Grito quando Marco me penetra, ele é grosso e enfia de uma vez só, ele soca fundo e me penetra com força, me desmancho em um prazer viciante que parece me fazer flutuar, ele rosna meu nome de um jeito sexy que me faz estremecer.

Dominic tira o dedo e posiciona seu membro em meu traseiro.

—Devagar —peço com medo da dor.

— Claro, gata — responde e, mesmo sem conseguir vê-lo, sei que está sorrindo.

As primeiras pontadas de dor são suprimidas pelas estocadas fundas e constantes de Romano, me fazendo gozar de novo. Meu corpo está em chamas, quando sinto que estou sendo fodida pelos três ao mesmo tempo, é difícil controlar os gemidos que logo se transformam em gritos assim quem ambos aumentam a intensidade das estocadas.

— Ui, que delícia... Karina, depois é minha vez de brincar com eles.

— O insuportável som da voz de Max me faz abrir os olhos, ela está ajoelhada na beira da piscina e nos observa batendo palmas ansiosa.

— E por que esperar? Dominic, Ian e Marco respondem em uníssono.

Meu corpo é abandonado na piscina e logo o sinto afundar, ergo as mãos para o alto pedindo por ajuda, mas meus pés já estão tocando o fundo da piscina. Risadas abafadas vem da superfície e impulsiono o corpo para cima, tento me agarrar a borda, a última coisa que vejo são os cabelos ruivos da surucucu e suas unhas pintadas de vermelho me agarrando pelos cabelos, fazendo minha cabeça se manter debaixo d'água. Abro a boca para gritar por socorro, mas o som sai baixo demais e logo tenho água nos pulmões, me fazendo sufocar enquanto debato meus braços e pernas tentando me desvencilhar. Meu peito está apertado, é como se toda a água da piscina estivesse pressionando minha caixa torácica para que eu morresse de uma vez.

Não vou desistir! Não vou. Meu olhar perdeu-se na fibra azulada da piscina e a risada ficou mais distante. Talvez, se eu fechar os olhos por mais um segundo, eu tenha forças para lutar, para conseguir chegar à superfície. O aperto em meu peito tornou-se mais intenso, assim como a sensação de fogo ardendo por minhas vias a cada vez que meu corpo inutilmente respirava tentando buscar por oxigênio.

Vou fechar os olhos só um pouquinho.

— Acorda, Morena! Anda. — Sua voz grave parecia tão distante... Por que a pressão no peito ainda não diminuía?

—Pepa, olha pra mim, vai! — Ian? Ué, vocês não estavam entretidos com a ruiva infernal? Me deixem quieta! Eu consigo voltar sozinha.

— Aperta com mais força! — Não reconheci aquela voz, talvez fosse de um dos homens de Romano.

Um jato de água jorrou por meus lábios, deixando o forte gosto de cloro. Tossi para expulsar os últimos resquícios de água. Finalmente a sensação de pressão nos pulmões havia diminuído, sendo reduzida a uma leve ardência.

Abri os olhos e parecia que estavam cobertos por areia. Dominic, Marco e Ian faziam um cerco ao meu redor, demorou alguns segundos até eu reconhecer que eu estava inteiramente vestida, com as roupas ensopadas, encharcando o fino sofá do anfitrião. Apesar dele não parecer ligar para isso.

— Ela está acordando. — Marco parecia preocupado e agarrou Dominic pela jaqueta assim que abri os olhos. — O que fez com ela?

—Nada! — Ela escorregou e caiu. Achei que ela estava brincando, mas quando não subiu à superfície, eu pulei e a tirei da água.

Meu queixo começou a tremer e, por mais que eu tentasse manter meu maxilar parado, meus dentes batiam um no outro com tanta força que parecia que quebrariam a qualquer momento.

— Ela está com hipotermia — diz Ian, atravessando no meio dos dois e sentando-se ao meu lado, removendo a roupa molhada. — Max, traga cobertores e aumente a temperatura do climatizador. Dominic, acenda a lareira. Romano, prepare algo quente, um chá, uma sopa, qualquer coisa.

Salvatore delegou as tarefas e todos sumiram de minhas vistas enquanto ele me despia, não havia nada sexy, minha pele estava arroxeada e meu nariz escorrendo. Os dedos das mãos endurecidos de frio. Em segundos, ele me despe, tira a jaqueta de camurça que está usando e coloca sobre meu corpo. A roupa ainda tem seu calor

e, se meu nariz não tivesse tão entupido, eu poderia jurar que tem seu perfume.
— Você vai ficar bem — ele sussurra e afasta uma mecha do meu cabelo do rosto. — É só eu brincar te chamando de Pepa que você se atira numa piscina? O banho convencional seria mais traumático, sabia? — ele debocha com um sorriso de canto.
— Vai to-to-tomar no cu –cu — retruco, gaguejando meu xingamento. Ele dá uma risada aberta e meu coração se aquece.
— Está aqui. — Max retorna e entrega a ele um cobertor de lã pura e sai resmungando algo que não me importo em prestar atenção.
Ian me cobre e logo Romano volta com uma garrafa de vidro curvilínea que mais parece um frasco decorativo.
— Eu disse algo quente — Ian rosna, o encarando nos olhos.
— Eu sei. Está no fogo. Isso vai servir por enquanto.
— Me-me dá isso de uma-a vez — gaguejo, ansiosa por tirar o gosto amargo da boca.

Salvatore destampa a garrafa e bebo direto no gargalo.

A bebida é doce, um pouco mais espessa que uma bebida alcoólica comum, o álcool faz minha língua formigar, mas bebo mais um pouco, a mistura de chocolate é gostosa demais.
— Huumm. O que é isso? — Pergunto já sem gaguejar.
Salvatore lê o rótulo e me olha com a expressão mais branda.
— Amarula.
Viro a garrafa mais uma vez e bebo mais um pouco, mas ele tira de minhas mãos e volta a fechar a garrafa.
— Chega. Quer sair de um afogamento para uma coma alcoólico? — me repreende de forma autoritária.

— Finalmente! — Dominic exclama satisfeito por ter conseguido acender a luxuosa lareira. Ele me olha e dá uma piscadela, antes de desaparecer de minha vista junto com a cobra ruiva.

O cobertor, o calor da lareira e os cuidados de Ian logo surtem efeito.

— Vou ver como está a o capeletti — Marco anuncia e também se vai.

Após alguns minutos, ele retorna com uma tigela de porcelana sobre uma mesinha de café da manhã.

— Obrigada — murmurei. Me pergunto se ele já levou comida para mais alguma mulher ou se ele só tem esses cuidados comigo, Marco não é do tipo atencioso, ele é o cara mau e eu não podia esquecer disso. Apesar de Ian também não fazer parte do time dos mocinhos, príncipes encantados, ele era um assaltante, vigarista e, há menos de um mês, acrescentou assassino a sua descrição. Nã ! Aquele não era um bom momento para comparar os dois. Os dois podiam muito bem trabalhar em conjunto, já havia acontecido uma vez e meu sonho... Ah, estava bom demais... até a putanhete ruiva chegar e estragar tudo! Nem em sonho essa surucucu me dá paz.

— Conseguiu o que eu te pedi? — Salvatore perguntou para Romano enquanto mexia a sopa.

— Não é tão fácil assim comprar seis caminhões-tanques — ele retruca, mexendo na barba loira. — Mas consegui, sim.

Provavelmente, eles deveriam estar falando do segundo assalto, mas Ian nunca me dava muitos detalhes e eu detestava a sensação de ser a última a saber. Antes que eu perguntasse do que estavam falando, ele comentou: — É bom você se recuperar logo. Depois de amanhã vamos entrar para a história.

— Como assim? — Indago, sentando-me um pouco mais para poder comer a sopa de capeletti.

—Vamos assaltar quatro bancos ao mesmo tempo! — responde com os olhos azuis brilhando de excitação.

—Nossa. — Foi a única coisa que consegui dizer, mas a sensação de que não sairíamos vivos para contar essa façanha se acumulava em meu ventre como uma certeza.

CAPÍTULO 17 – SURPRESA!

Porto Alegre, 03 de setembro de 2016

— Levanta, Pepa, está na hora! — A voz rouca de Ian tem um certo tom de urgência.

Mesmo com essa vida bandida, eu continuava tendo que acordar cedo. Ô vida! Por que já não nasci rica pra poder acordar só depois da uma da tarde.

— Mais cinco minutinhos — protesto sem abrir os olhos e mantenho-me bem enrolada no pesado edredom.

— Anda logo, se eu fosse você, se apressaria, a Max está desde cedo tentando me convencer a levá-la junto, mas se você prefere ficar dormindo e perder toda a ação...

O quê? Salvatore já sabia que acordar cedo fazia meu humor e paciência caírem lá pra puta que pariu, mas usar a Max pra me fazer ciúmes... Esse italiano está brincando com fogo! Saio da cama pisando duro e o agarro pela jaqueta de camurça marrom.

— Seja mais inteligente, amore, me acordar cedo e, ainda por cima, me fazer ciúmes com a cobra ruiva? Vou arranjar outra utilidade para suas bolas com o canivete novo que Marco me deu — provoco, o encarando.

Ele inclina a cabeça e me rouba um beijo, duro e faminto, sua língua avança para dentro de minha boca e eu me desmancho, envolvida com sua pegada. Ian finaliza o beijo mordendo meu lábio inferior com uma leve pontada de força, fazendo meu núcleo pulsar.

— Não me provoque, Pepa!— ele adverte e sai do quarto apressado.

Respiro fundo e solto o ar com força pela boca. Italiano safado, me beija desse jeito, me deixa molhada e depois escapa. Olho para o criado-mudo ao lado cabeceira e encontro minhas roupas separadas e dobradas ao lado do abajur. Porém, um acessório me chama atenção. Ainda de meias e pijama investigo meu traje. Uma bata de lã bem larga cinza-clara, uma calça skinny preta e botas de couro pretas sem salto. Uma barriga falsa? Toco receosa na barriga de grávida, a semelhança com a pele humana é assustadora.

Tiro meu pijama e fico de calcinha e sutiã para poder fixar as abas adesivas que se agarraram à minha pele assim que removo o plástico protetor.

—Ah, meu Deus! Eu estou grávida?! — Dou uma risada olhando para o meu reflexo de falsa gestante refletido no espelho, aliso a barriga, eu parecia estar com oito meses. Eu aquilo me serviu como lembrete de que em minha vida não haveria espaço para um ser tão indefeso quanto uma criança. Eu não sabia nem como iria chegar até o final do acordo entre Marco e Ian.

Romano apareceu na porta e escorou-se no batente. Ele bebia um copo de whisky, reconheci apenas pela cor.

— Boa maneira de começar a manhã. — Olho para o copo dele e começo a vestir as roupas de futura mamãe.

Um sorriso de canto se forma em seu rosto e ele apenas pisca e ergue o copo vazio.

— Boa sorte, Morena. Não esqueça do que eu te ensinei.

Esquecer? Durante o mês que passei na gaiola dourada, apelido levemente carinhoso para a mansão de Romano, ele me ajudou com as aulas de tiro e me ensinou alguns golpes para um confronto corpo a corpo, usando um canivete que, à primeira vista, parecia um batom, mas assim que a tampa se desencaixa, deixa à vista uma lâmina metálica extremamente afiada de cinco centímetros.

—Espero não precisar usar. — respondo, mas ele já havia ido embora.

Qual o problema desses italianos? Um me presenteia com uma pistola automática com o pente carregado e o outro me dá um canivete e me ensina umas dez maneiras de deixar um sujeito manco e impotente pelo resto da vida. Escondo a arma presa à calça e o batom guardo no pequeno bolso lateral da bata.

Já vestida, desço as escadas correndo e vou direto para a geladeira. Marco e Ian conversam em italiano na sala de estar, será que estão desconfiando de Dominic? Volto minha atenção para a geladeira, Deus, como estou faminta! Pego o pote transparente com queijo e presunto, salada da noite anterior e o pote de maionese na porta da geladeira. O pão de sanduíche ainda não foi aberto.

— Alguém quer aproveitar? Estou preparando sanduíches.

Eles balançam a cabeça e continuam a conversa.

— Karina, pode fazer um pra mim? Mas com pão sem glúten, por favor. — Max diz, descendo as escadas.

A voz dessa putanhete me causa arrepios. Termino de montar meu sanduiche duplo e aqueço no micro-ondas para que o queijo derreta.

— Aqui está o pão e os frios. — Bato o pote com força no balcão e forço um sorriso.

— Obrigada, querida, você é sempre tão gentil — ela responde sarcástica.

O micro-ondas apita sinalizando que o tempo esgotou. Sirvo um copo bem cheio de Coca-Cola e pego meu prato.

— Eu, se fosse você, não comeria esse Everest que você chama de café da manhã. Alguém do seu tamanho devia se preocupar mais com o peso, pessoas com a sua estatura não tem muito espaço corporal pra distribuir a gordura.

Meu corpo treme de raiva.

— Max, querida, enrola sua opinião e enfia no rabo, ok? — respondo e vou comer no sofá.

—Ô, égua! Isso que se ganha quando se tenta dar um conselho sincero. — a ouço retrucar.

O sanduíche estava perfeito e eu comeria tranquilamente o segundo se Salvatore não apontasse para o relógio e sinalizasse que já estávamos em cima da hora.

—Você vem dessa vez? — pergunto para Marco e bebo o último gole de Coca.

— Não. Mas vou cuidar da retaguarda.

— Como assim? — pergunto sem entender.

***

Durante o trajeto pelo centro de Porto Alegre, fiquei pensando no que Salvatore havia dito sobre entrar pra história, ele tinha razão, não havia registro sobre um assalto dessa magnitude, quatro bancos ao mesmo tempo. Na verdade, pelo que eu havia pesquisado, os assaltos mais criativos da história não envolviam estratégias mirabolantes dessas que Hollywood gostava de exibir no cinema. Nunca são como nos filmes e livros, e o cheiro do sangue e da pólvora era algo que eu jamais seria capaz de esquecer.

— Me prometa que não vai atirar em ninguém — digo, interrompendo o silêncio.

Salvatore para a Ranger quando o semáforo muda do verde para o vermelho.

— Não posso prometer isso.

O cinto de segurança aperta minha barriga falsa e decido soltá-lo.

— Não sei quantas mortes eu posso suportar em minha consciência, Ian, todas aquelas meninas, o guarda... E ainda não estamos nem na metade dos doze assaltos combinados.

Ele aperta o volante com força e a cor dos seus dedos somente. Posso sentir seu nervosismo.

— Eu já disse que faria o que fosse preciso para que possamos ficar juntos. — Sua voz é firme e controlada, o carro volta andar.

Deixei que a vista da cidade começando a ganhar movimento me distraísse um pouco, meu coração estava apertado, eu não sabia dizer o que era essa estranha sensação, talvez, um pressentimento ruim, ou apenas uma ponta de saudade de Sampa, Porto Alegre era uma cidade grande e fazia o sentimento nostálgico

aumentar e, pela primeira vez, senti saudade de casa, do meu micro-ovo localizado bem no coração pulsante da Paulista, das conversas com a Camis e do Binho. Quando eu conseguiria falar com eles de novo sem colocar suas vidas em risco.

Ian estacionou a caminhonete preta e pegou em minha mão.

— Hoje é sábado, haverão apenas os seguranças dentro do banco, eles estarão armados. Você vai fingir que é uma cliente sacando dinheiro e vai desmaiar, quando estiver caindo, use esse saquinho entre as pernas, é sangue falso. Quando ele passar pela porta, eu entro em ação, temos cerca de cinco minutos em cada banco, fica um ao lado do outro, eu vou entrar primeiro em cada um e apontar discretamente a luz infravermelho para desativar as câmeras, entendeu?

Balanço a cabeça concordando não muito animada.

— O que foi?

— Não deveria ter feito um sanduíche tão grande — confesso sem graça, sentindo meu estômago embrulhar.

Ian inclina a cabeça e mordisca meu queixo.

— Me diz que lembra da única regra — pede, me encarando com os olhos azuis mais intensos que já vi.

— Não seja pega — falo baixinho, sentindo seu hálito fresco.

Ele sorri e minhas pernas ficam bambas devido ao efeito Salvatore.

— Boa garota! — responde, e então desce do carro. Já é dia quando ele passa pelas portas da primeira agência bancária.

Estacionados à nossa frente, Sonny e Virgil ainda continuam na Ranger preta, eles precisavam de um carro veloz para poder levar o dinheiro a Romano com a velocidade necessária. Olho no celular e o guardo na bolsa de maternidade que carrego. Se passaram dois

minutos desde que ele entrou. Olho para as outras agências distribuídas na mesma quadra e crio coragem para descer. Agora ou Nunca, Catarina Vallenti. Passo pela porta de vidro escurecida e me posiciono no primeiro caixa eletrônico, o mais próximo possível da porta giratória. Meus dedos tremem quando digito números aleatórios com o saquinho de silicone com o líquido avermelhado preso entre o polegar e a palma da mão esquerda. Me inclino um pouco e finjo estar coçando a coxa. Desabo no chão simulando o desmaio e sinto o líquido escorrer entre meus dedos e espalhar-se pelo piso frio.

Ian Salvatore

Isso, isso. Boa garota. Reparo de soslaio que ela já está no chão. Olho para o interior da agência e não encontro o segurança.
— Moça?! — chamo, me aproximando do corpo de Catarina. — Alguém me ajude! — grito por socorro, e Pepa continua encenando seu papel. — Fique aqui, vou chamar por ajuda.
Com os punhos fechados, bato na porta de segurança. E logo o guarda uniformizado aparece com uma cara de sono de trás de uma porta. Aponto com gestos desesperados para Pepa.
— A mulher desmaiou. Preciso de ajuda aqui!
Ele olha o corpo de Nina, fala algo pelo rádio e aperta um botão para destravar a porta giratória. Vem pra armadilha, vem.
— O que aconteceu? — O guarda se aproxima de Catarina e aproveito para sacar minha Uzi quando ele não está olhando.
— Viemos fazer um saque. — Aponto a mira para o estranho uniformizado e Nina abre os olhos, se afastando do homem. —

Pepa, pegue as armas deste senhor e o rádio. Não se preocupe, eu o tenho sob minha mira.

CAPÍTULO 18 – FOGO

Catarina Vallenti

Ian arrastou o guarda e o algemou na sala do gerente, preso com as mãos atrás das costas.

— Você vai se comportar? — ele pergunta, guardando a pistola do guarda na cintura.

O homem balança a cabeça, nervoso. Apesar do frio, gotículas de suor escorrem por sua testa.

— Ótimo, é tão bom conversar com homens inteligentes. — A voz de Ian é calma , ele olha para a mesa do gerente e amassa algumas folhas que estão na bandeja da impressora. — Agora abra a boca.

O segurança arregala os olhos e Ian completa:

— Sabe como é, né? Seguro morreu de velho. — Ele enfia o bolo de papel amassado e faz sinal com a cabeça para que eu o siga.

Meu corpo ainda treme, mas eu o sigo em silêncio. Descemos até o subsolo, onde outro guarda está entretido mexendo no celular e não percebe quando Ian o golpeia com a coronha da pistola.

Salvatore usa uma luz vermelha na direção das câmeras, semelhante a uma mini lanterna.
— O que é isso? — sussurro, não aguentando a curiosidade.
— É um sistema de luz infravermelho capaz de desativar as câmeras por um tempo —explica enquanto digita um código que abre as grades de ferro que dão acesso ao cofre.
A trava é liberada e ele empurra a grade, abrindo caminho para o interior do cofre.
— Como você sabia? — exclamo surpresa e logo ponho a mão na boca com medo de acordar o guarda.

Salvatore estende a mão fechada e, quando a abre em minha direção, um colar pende em seus dedos, uma gargantilha dourada com uma pedra brilhante. Mordo o lábio inferior contendo um sorriso. Percebo na hora que ele havia encenado uma parte de um dos meus filmes preferidos, Prenda-me se For capaz.
—Tenho meus encantos — responde com um sorriso de canto, extremamente convencido.

Eu chego mais perto e ele me agarra antes que eu consiga ver melhor meu presente.
—Você é doido? — A última palavra ecoa dentro de seus lábios quando ele me toma em um beijo selvagem e me pressiona contra a parede metálica fria. Seus lábios quentes chupam os meus em uma ânsia que parece estar a ponto de me consumir. Salvatore gira meu corpo e me pressiona contra uma pilha quadrada no centro do cofre.

Eu sei que eu deveria tentar impedi-lo, já que transar em público é proibido e transar enquanto assalta um banco, bom... não preciso nem comentar, mas eu estava doida para que ele me fodesse com

força. Eu o desejava com tanta intensidade que meu sexo estava pulsando, ansiando por suas estocadas.

Me seguro na pilha de notas à minha frente enquanto ele puxa minha roupa para baixo. Ian agarra meu sexo latejante e esfrega dois dedos em minha entrada.

— Encharcada! Sabia que minha putinha ia gostar de ser fodida em meio a todo esse dinheiro, isso sem falar no risco — provoca, lambendo e chupando meu ânus, me preparando para seu membro.

Gemo baixinho e reviro os olhos quando o beijo proibido finaliza, me levando à beira do orgasmo. Ian afasta minhas pernas um pouco mais e abre os globos de meu traseiro, posicionando a cabeça grossa em minha bunda. A primeira estocada me invade e meu grito se espalha pelo cofre.

— Ah, como eu adoro esse rabo — ele rosna, mantendo o movimento constante.

Quase choro, tonta de prazer e louca pra gozar.

— Goza, que eu vou encher esse seu rabo gostoso de porra.

Meu corpo se entrega ao orgasmo e sorrio quando ouço ele rosnar meu nome vibrando dentro de mim em um último golpe duro e sensual.

Salvatore se afasta e puxa minha roupa para cima. Minha respiração está entrecortada. Passo as mãos pelos cabelos, tentando arrumar a bagunça. Ian me entrega um saco de tecido preto e começamos a encher juntos.

Cada um de nós conseguiu encher duas sacolas grandes com fardos de notas de cem e cinquenta, só Deus sabe quanto de dinheiro tinha ali, meu coração ainda pulava acelerado no peito com a adrenalina.

— No segundo banco, a mesma coisa? — pergunto enquanto passamos pela porta giratória. Pelo vidro, posso ver as silhuetas de Sonny e Virgil esperando do lado de fora da caminhonete. — Cadê o saquinho de sangue falso?

Ele para de caminhar logo na porta e responde:

— A estratégia muda um pouco agora, agora trabalharemos com explosivos.

Ian segue para fora do banco e entrega as duas sacolas a Sonny, Virgil vem ao meu encontro e as toma com certa brutalidade, como se eu fosse fugir dali carregando uns quarenta quilos em notas de cem.

Salvatore me entrega uma espécie de protetor auricular e uma caixa de papelão pouco menor que uma caixa de sapatos infantis, pesando em torno de dois ou três quilos.

— Pra que isso? Achei que faríamos tudo juntos — protesto.

— Na caixa há dois explosivos, um você usa pra abrir a porta giratória e o outro para o cofre que fica no final do corredor. Coloque esse ponto no ouvido, dessa maneira você consegue me ouvir, entendeu?

Entender eu havia entendido, mas isso não me qualificava para aquela merda toda! Assaltar o banco sozinha!? Salvatore, você me paga por isso!

— Acho que sim. — Foi a única coisa que consegui dizer.

Os poucos pedestres que passavam ainda olhavam para nós desconfiados, uma grávida suja de sangue com dois homens mal encarados. Oh, Deus, eu estou ficando paranoica!

Ian prende um minúsculo ponto opaco na gola de minha blusa e belisca meu queixo de leve.

— Pronto! Assim, eu vou conseguir ouvir você.

Sonny e Virgil já haviam guardado as sacolas com o dinheiro e se posicionaram nas portas dos bancos. O banco que Ian assaltaria estava a duas lojas de distância do que eu estava prestes a roubar. Ai, minha nossa senhora, eu sei que não sou muito de rezar, mas se puder me fazer sair viva dessa...

— Não seja pego — disse para ele antes de me virar e sair pisando duro. Passei pela lotérica fechada e por uma lanchonete que também estava com as portas metálicas abaixadas. Você é capaz, Nina, é sim.

Entro no banco e há uma mulher e um homem, separados por dois caixas eletrônicos. Eles me encararam assim que passo pela porta principal. Eu ignoro seus olhares e fico diante da porta giratória. Me abaixo e abro a pequena caixa de papelão. Uma risada morre quando percebo que dentro há duas caixas menores.

— Pepa, coloque a caixa e se afaste. — Ouço a voz de Ian pelo ponto, como se ele estivesse sussurrando ao meu ouvido.

— Tem duas pessoas aqui — digo em voz baixa .

Deixo a caixa menor encostada no vidro da porta giratória e caminho rapidamente para a saída.

— Pronta?

—Sim — respondo, cobrindo os ouvidos com as mãos.

Ian inicia a contagem... 3, 2..

— É melhor se abaixarem — grito, mas a última palavra é abafada pelo som da explosão.

Cubro o rosto para que os cacos dos vidros não me acertem. A estranha sensação de surdez temporária, a não ser pelo bipe metálico e constante zunindo em meu ouvido, me deixou zonza. Só

percebi que o homem vinha para cima de mim poucos segundos antes dele tentar me atacar. Saco a pistola a tempo e ele fica imóvel.

Ele ergue as mãos e as coloca na cabeça.

— Pra trás. Pra trás! — grito sem ouvir minha própria voz.

O homem veste um terno sob medida e tem os cabelos castanhos voltados para trás, como eu não o reconheci antes? A expressão de surpresa estava estampada nos traços másculos de meu cafajeste, ex-namorado, Leonardo Barros.

CAPÍTULO 19 – PROVA DE FOGO

— Um minuto, Pepa, corra para o interior do banco e posicione a caixa próxima ao dispositivo eletrônico numérico. — A voz de Ian é controlada. Fico mais aliviada por minha audição ter voltado.

Coloco a caixa debaixo do braço e, como Marco havia me ensinado, puxo o ferrolho da pistola para trás, para mostrar que eu não estava de brincadeira.

— Vem comigo. — Balanço a ponta da arma, apontando a direção do caminho.

Leonardo caminhou na minha frente, quem diria, meu ex como refém. Queria não estar usando essa barriga falsa.

— Você também — grito para a mulher que cobre a boca com as duas mãos tentando conter o choro.

Eles caminham sem rumo para o interior do banco.

— Trinta segundos. — Ian me alerta. — Já encontrou o cofre?

— Parados! — A voz do segurança é firme, mas não consigo ver onde ele está escondido.

Leonardo e a outra refém estão com as mãos para cima, olho para os lados, estamos tão próximos do cofre. Merda!

— Querido, sabe a explosão que ouviu a menos de cinco minutos? Bom, uma bem mais potente vai acontecer em trinta segundos, agora suma daqui antes que seja tarde, ok?
— Catarina, o que você... — Léo me olha surpreso.
— Cale a boca e siga para o cofre — ordeno e ignoro o fato de não saber onde o segurança está posicionado. Rezo silenciosamente para que ele não pague para ver e meta uma bala em minha cabeça.
— Dez segundos — Salvatore anuncia.

Droga. Corro com a caixa e os deixo para trás, a sala do cofre é quase igual a do banco anterior. Enfio a caixa e a prendo entre as grades e volto correndo para fora da sala de segurança.
A explosão é intensa e a fumaça preta que se espalha é sufocante. Puxo a roupa para cima e cubro o nariz e a boca. Quase não vejo nada. Posso ouvi-los tossindo.
— Droga, Damon! Tem fumaça para tudo o que é lado — retruco para Ian e sigo às cegas para o interior do cofre que tem as grades retorcidas pela força da explosão.
Sinto uma mão em meu ombro e me esquivo no mesmo instante.
— Nina, você está bem? — Leonardo me pergunta com voz grave, tentando ver se eu havia me ferido. — Esse bebê, ele é... — A pausa que ele faz me faz rir de raiva, eu ainda estava sentida por sua traição.
— Não seja idiota. Eu estou bem. Agora entre e pegue alguns fardos, você só precisa levar até a porta do banco — respondo com desdém.
Voltei a apontar a arma para ele.

— Você não vai atirar, eu te conheço. Sei que você não é esse tipo de pessoa.

Ah, é?! Seu filho da puta presunçoso e de que tipo eu sou? A secretária que é boa de cama, que você fodia quando bem queria e gostava de fazer de trouxa!? Puxo o gatilho e a bala passa de raspão pelo colarinho da camisa.

— Foi o que eu pensei. Você não me conhece, Dr. Barros. Agora trate de carregar a porra do dinheiro para fora do banco! — elevo a voz.

Ele arregala os olhos ao ver a precisão do tiro, passa a mão pelo rasgo que a bala faz em sua roupa e finalmente me obedece. Não posso esquecer de agradecer a Romano pelas aulas, eu tinha ficado boa na coisa.

Leonardo empilhou dois fardos e o os ergueu, seus músculos se sobressaltaram no terno sob medida que ele vestia. O som de sirenes ao longe me faz estremecer. A polícia estava chegando. Sonny e Virgil pegam os fardos de meu ex e jogam os malotes de dinheiro na caçamba da caminhonete.

— Posso ir embora agora? — ele rosna, me olhando com raiva.

Balanço a cabeça negativamente.

— Pode, mas primeiro tira a roupa. Aí, sim, você estará livre. — Sorrio vitoriosa, a vingança realmente tem seu sabor.

Seu maxilar se tenciona e ele me encara furioso quando puxo o ferrolho da arma e coloco o dedo no gatilho de leve. Leonardo se despe contrariado, seu corpo musculoso e moreno tenso de raiva, ele fica apenas de cueca boxer cinza-escura.

— A cueca, Doutor. — Minha voz é debochada e eu não faço questão de esconder minha satisfação em vê-lo humilhado.

Sonny dá uma risada, mas algo chama sua atenção. Olho na direção em que ele está olhando. Meu coração para ao ver que Ian está ferido. Meu Ian. Ele carrega dois sacos pretos em cada ombro e, no rosto, uma careta de dor.

Corro até ele e pego um dos sacos. Virgil me segue e pega mais dois enquanto Sonny vigia o carro.

— O que aconteceu? Você está ferido!? —Toco na marca de sangue sobre a jaqueta.

— Vamos embora, não teremos tempo para o último banco — ele explica.

Leonardo já desapareceu entre a multidão de curiosos que começa a se formar. Ninguém tem coragem de chegar mais perto . A sirene está mais próxima.

— A polícia está vindo. Entra rápido. — Ele me empurra para dentro da caminhonete e Sonny entra em seguida, batendo a porta do lado do motorista.

— Não ouse! — Bato no vidro do carro e tento abrir a porta, o vejo sumir enquanto o capanga de Romano da partida, e ele dirige rápido pela avenida principal. Virgil está na parte de trás da caminhonete, sentado, empunhando um fuzil.

Balas atingem o vidro e a lataria da Ranger. Cubro o rosto com medo dos estilhaços do vidro do painel, mas ele não se estilhaça. À prova de balas. Suspiro ao me dar conta que tudo ainda está intacto.

— Não se preocupe, Pepa, logo estarei aí com você, mas preciso fazer uma coisa antes. — Ian me consola pelo ponto, sua voz é ofegante, ele parece estar correndo.

— Seu italiano idiota, por que não me levou junto? — respondo, sentindo o rosto quente pelas lágrimas.

Um estrondo seco como trovão faz os vidros das lojas explodirem. Olho para Sonny assustada.

— O que foi isso? — pergunto em voz baixa.

Ian não responde. O silêncio dele me assusta.

— Parece que o primeiro caminhão explodiu.

— Caminhão?! — exclamo. — Como assim?

— Ian cercou as rotas principais com caminhões-tanque.

Olho para o retrovisor para ver se estamos sendo seguidos, mas não há ninguém, nem mesmo sinal de Ian. Me sinto sufocada, ergo a blusa o suficiente para conseguir soltar as fitas adesivas que prendem a barriga de grávida. Deixo cair a meus pés, minha calça ainda úmida pelo sangue falso.

Outras três explosões me fizeram estremecer, eu não conseguia parar de pensar se ele já estaria fora de perigo. Por que ele não fala nada? Droga de ponto, por que essa porcaria não funciona?

Então, todos os barulhos ficaram para trás, a sirene, os gritos, as buzinas, os estouros. O restante do trajeto foi silencioso. Os portões da mansão de Romano se abriram assim que Santoro nos reconheceu. Quando o carro parou próximo a entrada principal, desci e bati a porta com força. Saí pisando firme.

Quando entrei na casa, Romano falava ao celular em italiano, Max estava na sala folheando uma revista, com as longas pernas cruzadas, revelando parte de sua coxa.

— Cadê o Ian? — Sua voz irrita cada célula do meu corpo e não estou com paciência para ouvir suas provocações.

—Não sei — resmungo, me afundando no divã com vista para o jardim e observo enquanto eles descarregam o dinheiro.
— Ui, o que aconteceu lá, vá tomar um banho, esse cheiro está me enjoando. Você está imunda.— Ela parou ao meu lado, olhando-me com cara de nojo.

Cerro os punhos e fico em pé. Odiava o fato de ter que olhar para cima para encarar essa surucucu. Ouço o som de um celular vibrando. Ela olha a mensagem na tela do *Iphone* e sorri.
Estou chegando. Tudo como combinado. Ian
— Essa mensagem é dele?— indago incrédula.

Ela sorri e arqueia as sobrancelhas ruivas em desdém. Eu me agarro a seus cabelos puxando-a para baixo. Engalfinhadas, caímos no chão, rolando aos tapas e arranhões. É difícil dizer se eu estava ganhando ou não.
— O que você tem com ele, sua cobra ruiva!? — gritei, estapeando seu rosto e finalmente consegui ficar por cima, minha pele arde por causa dos seus arranhões.
Sinto braços fortes me agarrando pela cintura me afastando da jararaca e Dominic faz o mesmo com ela.
— Fica longe dele. Sua puta! — grito, me debatendo, tentando me desvencilhar da pegada de Romano.
— Acha que todos os homens são seus ? Olha pra você ! — ela grita exaltada.
—Me solta, Marco! — berro enquanto ele me leva para a suíte dele, me carregando como se eu fosse um saco de batatas.

Ele abre o vidro do box e liga o chuveiro, entrando comigo com roupa e tudo. Grito quando meu corpo reage à temperatura morna da água. Romano me põe de pé, me posicionando bem embaixo do

jato d’água. Ele segura meu maxilar e roça o polegar sobre um arranhão. Meu corpo treme por seu toque e um novo calor me aquece quando ele me olha com desejo predador.

CAPÍTULO 20 – SEM DESPEDIDAS

Marco Romano

Apesar de pequena, segurar Catarina debatendo-se agarrada aos cabelos de Max foi como tirar uma gata selvagem de cima de um passarinho. Mesmo a ruiva tendo quase minha altura, Morena não estava nem um pouco preocupada com a diferença de tamanho. Só o diabo sabe como é sexy ver duas mulheres rolando no chão, a única coisa que me irritava é que ela estava brigando pelo ladrãozinho, Salvatore.

Agarrei-a pela cintura e joguei seu corpo sobre o ombro. Levei Morena para meu quarto. Dentro do box, deixei que o jato de água morna jorrasse sobre nós dois. Ela me fuzilou com seus olhos escuros brilhando de raiva, quando abriu os lábios para protestar, tomei-a em um beijo furioso. Mordendo e chupando seu lábio. Ela bateu com os punhos fechados contra meu peito, resistindo à minha posse. Ergui seus pulsos acima da cabeça. A água encharcava sua roupa, deixando o tecido da blusa colado a seus seios, afastei o rosto para ver o movimento de seu peito subindo e descendo.

— Sexy pra caralho. — Ainda imobilizando com uma das mãos, a outra acariciou seu lábio inchado e vermelho, marcas de arranhões estendiam-se por seu pescoço ainda marcado. Fui descendo, acariciando seu seio até chegar a sua cintura. Apertei sua carne e ela deixou escapar um gemido sensual.

Meu pau latejou dentro da calça Eu precisava comê-la com golpes duros para puni-la. Sim, ela merecia uma punição.

— Mais forte. — Ela pediu, mordendo o lábio rubro, as palavras saíram quase em um sussurro autoritário, mas eu senti seu desejo em cada sílaba.

Soltei suas mãos, que vieram para o meu corpo, tirando minha roupa com rapidez enquanto eu arrancava as delas no mesmo ritmo apressado e faminto. Suas mãos deslizando por minhas tatuagens, chupando e mordendo meus músculos, até chegar ao meu cinto.

— Chupa, Morena. Engole meu pau, porque depois eu vou foder toda, porque é disso que você precisa. — Abri o cinto e ela abaixou minha calça e a cueca de uma única vez e suas mãos envolveram meu pau.

Sua língua morna contornava a cabeça grossa e rosada, seus lábios deslizaram em torno de minha ereção, quase até ela engolir todo meu pau. Um gemido escapou de seus lábios, eu já estava pronto pra encher sua boca de porra quando ela interrompeu o beijo e ficou de pé com um sorrisinho de canto perfeito, virou-se de costas para mim, afastando as pernas e empinando a bunda.

Em uma rebolada convidativa, esfregou-se em minha ereção. Meu desejo de arrebentá-la era tão forte que meu pau estava doendo… Havia um vínculo primitivo entre nós e aquilo me excitava à beira da loucura. Arrebentei o tecido da calcinha e deixei que

caísse no chão. Acariciei sua bunda e um dedo deslizou para seu cuzinho.

— Minha putinha. — rosnei e segui explorando seu rabo gostoso até chegar na bocetinha.

Morena se apoiou no vidro e me olhou furiosa com a provocação.

— Molhadinha como uma boa putinha tem que ser. — Abri seus lábios e enfiei dois dedos em seu sexo.

Posicionei meu pau em seu rabo e a cabeça deslizava devagar por seu buraco mais apertado, alargando e preenchendo-a por inteiro. Ela rebolava devagar.

— Está sentindo? — Perguntei com a voz áspera de luxúria. — Gosta quando eu soco duro no seu rabo?

— Marco...— Ela gemeu meu nome embriagada pelo desejo, senti que ela estava prestes a gozar, então aumentei o ritmo das estocadas. Entrando e saindo enquanto a água caia sobre nossos corpos nus, mantendo uma mão em seu quadril e outra em seu seio, beliscando e provocando seu mamilo endurecido.

Mordi a curvatura entre seu ombro e o pescoço, chupando sua pele. Quero marcá-la como minha. Caralho, estou louco pra enchê-la de porra. Relaxei a mordida e subi um pouco mais, marcando seu pescoço com um chupão, minha vontade é devorá-la.

Meu pau se avoluma quando sinto o orgasmo se aproximar. Meus golpes tornam-se mais duros e intensos, ela arqueia o corpo e goza em meus dedos, que continuam a provocando enquanto eu estoco com força em seu rabo e deixo que o prazer do orgasmo nos consuma. Deposito uma mordida mais leve no outro ombro e saio devagar.

Morena se vira para mim e sorri olhando para pequenas cicatrizes brancas em meu peito, marcas antigas de tiros que levei durante a adolescência. Ela desliza o indicador sobre elas e me encara, sua respiração se desacelera aos poucos e ela dá um passo à frente.
Afasto as mechas molhadas de seu cabelo castanho, ela abre os lábios como se fosse perguntar algo mas desiste.
— Isso é resultado de uma briga entre mim e meu irmão mais velho.

Ela arqueia as sobrancelhas, surpresa com a revelação, mas continua em silêncio por alguns segundos, acariciando os contornos de meus músculos.
Gritos vindos do quarto ao lado atraem a atenção dela.
— Ian. — ela sussurra baixinho, surpresa ao ouvir a voz do ladrãozinho.
Morena sai do banheiro nua e se enrola em uma toalha branca antes de deixar o quarto.

Catarina Vallenti

Ainda com as pernas bambas, cambaleio até o quarto de onde vinham as vozes.
— É bom você colocar uma focinheira nessa sua cadelinha. — De imediato reconheço o som irritante daquela voz. Max!
Tento abrir a porta do quarto, mas está trancada.
— Cale a boca Max. Será que dá pra calar a boca um segundo? Quer que todos nessa maldita casa te ouçam? — A voz de Ian é mais baixa. Por que eles estão trancados?

Esmurro a porta com os punhos fechados e seguro o nó da toalha com a outra mão.
— Estou interrompendo? — grito, sentindo meu sangue ferver.

Dominic aparece no alto da escada com um kit de primeiros socorros nas mãos.

— Acho que isso não é necessário, Max já está lá dentro cuidando dele a portas fechadas. — digo com a raiva crescendo dentro de mim.

— Assim como Romano estava cuidando de você? — ele retruca com um sorriso presunçoso.

—Vai. Tomar. No. Cu! — respondo mal-humorada. — Agora seja homem e arrombe essa maldita porta!

Ouço o som da porta sendo destrancada, em seguida, ela é aberta. Max revira os olhos e sai pisando duro e, quando passa por mim, esbarra com tamanha força em meu ombro que quase vou ao chão.

—Cobra! — grito em sua direção à medida que ela desce as escadas.

— Pepa, fecha a porta. — Olho para Ian e meu coração sangra ao vê-lo ferido. Ele usa apenas a calça e sapatos. Ele pressiona uma pequena toalha de rosto branca sobre o ferimento no ombro.

Pego a caixa das mãos de Dominic e entro no quarto, batendo a porta atrás de mim. Giro a chave e vou até a cama onde Salvatore está sentado, os músculos de seu peito estão marcados pelo sangue ainda úmido.

— Por que você demorou? —pergunto, abrindo a caixa metálica, minhas mãos estão tremendo.

Ian olha para meu ombro. Tinha me esquecido que havia saído direto do chuveiro. Abro um pacote de gaze e deixo separado o esparadrapo.

— Parece que esteve ocupada. — Sua voz é dura e sinto o frio cortante de suas palavras. Ele remove a toalha, deixando o pequeno buraco à vista, o ferimento é pouco maior que um moeda.

Faço uma careta ao ver seu machucado.

— Você vai me pedir para costurar isso ou quer que eu chame a Max? — Me arrependo instantes depois de ter mencionado a cobra ruiva. Eu não estava em posição de brigar, com as marcas dos chupões e mordidas que Romano deixara em lugares bem visíveis.

Ele solta o ar sem paciência e tenta esconder a dor.

— Não precisa costurar nada. Apenas faça um curativo dos dois lados. Daqui a pouco irei a um médico.

— Daqui a pouco quando? — pergunto enquanto limpo o ferimento.

— Quer que eu apareça em um hospital? Pensa, Pepa! — Ele rosna e cerra os punhos sobre o colo quando pressiono a gaze sobre seu machucado para que o sangue pare de escorrer.

Ele fica em silêncio durante todo o processo. Estou tão indignada e envergonhada ao mesmo tempo, o que diabos ele tem com essa ruiva infernal?

— Briguei com a Max — digo e interrompo o silêncio constrangedor que se fazia presente entre nós. — Apesar do tamanho da cobra, eu estava ganhando.

— Ainda posso sentir o cheiro de Romano em você — ele fala decepcionado. Fica de pé e se afasta, indo em direção à porta, e apanha a jaqueta sobre a cômoda.

— Ian. — Minha voz sai embargada. As lágrimas pinicam meus olhos, mas eu não quero chorar. — O que você tem com a Max, eu quero a verdade.

Ele está de costas para mim, já está vestido, mas não se vira.

— Eu pedi para que confiasse em mim. Não posso dividi-la com Romano. Você vai ter que escolher.

Salvatore destranca a porta e sai sem olhar para trás. Eu sou uma idiota, uma puta idiota que não é capaz de controlar o próprio corpo. Desabo na cama e me enrolo na colcha na tentativa de me aquecer, deixo que apenas o travesseiro presenciasse meus soluços e gritos de raiva. Choro até não haver mais lágrimas. Quando ouvia passos pelos corredores, eu abria uma parte de meu casulo protetor e espiava, na esperança de que fosse Ian voltando para fazer as pazes. No fundo, eu sabia que ele era orgulhoso demais para voltar e eu era uma mula teimosa. Não é justo que ele use Marco para disfarçar o caso secreto que tem com Max, eu preciso saber, por que é tão difícil que esse italiano cabeça dura se abra para mim?

O aroma de bifes acebolados invade o quarto e meu estômago da sinal de vida em um ronco longo e demorado. Quieta barriga, não estou nenhum um pouco a fim de descer e comer olhando para a cara da cascavel ruiva.

Ouço o barulho da porta e o cheiro se intensifica.

Destapo a cabeça e me deparo com Romano carregando uma bandeja de madeira larga, daquelas que vemos nos filmes onde os mocinhos tomam café da manhã na cama.

— Senta — ordena com voz de comando.

Dou um suspiro resignado e obedeço, mas só porque estou com fome. Ele senta na cama ao meu lado e coloca entre nós a bandeja com os pratos já servidos. Dou uma olhada para o prato e o encaro.

— Será que eu posso ao menos trocar de roupa? — Olho para a toalha que ainda uso enrolada em meu corpo.

— Depois. Agora coma — rosna, cortando o bife de aparência suculenta e inicia o almoço.

Observo Romano enquanto ele come, seus cabelos estão penteados para trás, a barba loira parece um pouco mais curta, ele mastiga rápido e, por incrível que parece, já está quase no final do prato.

— A comida não vai fugir — resmungo em um deboche e como mais algumas colheradas do purê de batatas, tudo tem o gosto meio amargo, mas ignoro, preciso acalmar meu estômago faminto.

—Quem cozinhou?

—Max — responde, mastigando o último pedaço de carne.

— Está explicado — retruco amuada. — O gosto .

Marco abre a boca para falar, mas sua voz sai enrolada. Ele tenta se levantar, mas seu corpo desaba inerte no chão. Pulo da cama e, antes que eu consiga chegar até ele, meus músculos não reagem aos meus comandos e o último pensamento me vem antes de perder a consciência. Envenenados. Fomos envenenados. E então, a escuridão.

CAPÍTULO 21 – VINGANÇA

Marco Romano

Acordei grogue, a cabeça latejando furiosamente. Minha visão levou alguns segundos até se estabilizar. Quando consegui erguer meu tronco, fiquei sentado, recuperando a força e controle de meu corpo. Pela janela, entrava a luz noturna que vinha do chafariz da piscina. Olhei para as cobertas reviradas na cama. Morena? Foi então que percebi o corpo caído a menos de um metro.

Catariana estava de bruços, ainda enrolada na toalha branca. Seus cabelos caídos sobre o rosto.

— Morena! — gritei, chegando mais perto e puxando seu corpo para meu colo. Sua pele era fria, os lábios tinham um tom azulado. — Acorda, Morena!

Apertei seu pequeno corpo contra o meu e afastei os cabelos de sua face, meus dedos tremiam em contato com sua pele gélida. Uma mancha de sangue ainda úmido marcava o lóbulo de sua orelha. O sentimento de impotência cresceu em meu peito. Ela era

tão frágil em meus braços, tão pequena. Passei as mãos pelos meus cabelos, puxando-os para trás em um gesto nervoso.

Aproximei meus lábios e colei aos dela, em um beijo cálido e apertado. Senti sua respiração fraca contra o meu rosto e então me afastei para verificar seu pulso. Ela gemeu e abriu os olhos sonolenta.

— Marco — disse meu nome em um sussurro.

Ela estava viva, inspecionei melhor o ferimento próximo a seu ouvido. Provavelmente ela havia se cortado quando perdeu a consciência.

A ergui e a coloquei na cama.

— O que aconteceu? — indagou desnorteada.

Santoro apareceu na porta do quarto.

— Chefe, Ian e a ruiva sumiram.

Filhos da puta! Eu deveria ter desconfiado daquele almoço. Deixei Morena ali e fui direto para o meu escritório, passando reto por Santoro.

— Merda! — gritei.

O quadro utilizado para encobrir o cofre estava atirado sobre o tapete e a porta metálica havia sido arrombada. Soquei a parede com força, deixando a marca do punho. Não havia sobrado nada. Ian Salvatore havia limpado tudo, não haviam títulos ao portador e, o principal, ele levara o dinheiro dos assaltos. Santoro me observava em silêncio, de maneira inteligente, ele não mencionou nada sobre o fato de ter me alertado sobre essa aliança, ele não confiava em Morena, nem mesmo no maldito Salvatore.

— Encontrem esses desgraçados, eu quero os dois vivos.

Apenas uma coisa não se encaixava em todo o quebra cabeça, Morena.

Catarina Vallenti

Terminei de vestir a última peça de roupa, mas ainda sentia frio me consumindo quando Marco entrou no quarto furioso, como um animal selvagem.

— Onde ele está? — rosna, se aproximando de mim a passos rápidos. Deixo a escova de cabelos cair quando ele segura meu queixo. Não havia carinho em seu toque.

— Eu não sei! — respondo frustrada. — Ele me deixou, será que não está vendo? Ou acha que ele está me esperando com a Max para vivermos um lindo triângulo amoroso com o seu dinheiro.

Olho em seus olhos azuis e mantenho a voz firme.

— Eu juro pelo que você quiser. Eu. Não. Sei. De. Nada.

Marco alivia a pressão em meu rosto e dá um passo para trás. Com as duas mãos, ele leva os cabelos loiros para trás e me encara possesso.

— O que você vai fazer comigo agora? — Eu tinha medo da resposta, mas eu precisava saber. O acordo inicial era realizar os doze assaltos com Ian, entregar o dinheiro a Romano e depois sacrificar um de nós dois. Pela ira que emana dele não restam dúvidas, o acordo havia sido desfeito.

Ele respira fundo e solta o ar pela boca.

— Quer que eu acredite que ele e a ruiva nos envenenaram e fugiram com meus trinta milhões, é isso?

As lágrimas começaram a pinicar meus olhos, querendo sair, eu já havia chorado a manhã inteira pela briga que tive como Ian, mas

agora era diferente, ele havia me trocado pela cobra vermelha. Eu estava arrasada. Caminhei até a cômoda e abri a primeira gaveta, onde estava guardada a pistola que Salvatore me dera no primeiro dia em que Romano nos encontrou naquele chalé.

Tudo o que Salvatore me disse todo esse tempo era mentira, ele era um golpista de primeira linha, sempre fui uma peça importante para um roubo muito maior, ele era um vigarista de primeira. Como eu não desconfiei? Não havia motivos para um homem como ele se interessar por uma mulher como eu. Eu era a pessoa que ele usaria para sugar uma boa fortuna de Romano. Agora que ele tinha conseguido o dinheiro, ele havia sumido.

— Eu não preciso que você acredite, isso não é um ponto de vista, Marco. É um fato. Ian viu em mim a possibilidade de roubar muito dinheiro de você e agora que ele conseguiu, fui descartada. Se não "acredita", faça um favor para nós dois, coloque uma bala em minha cabeça. Eu só não quero sentir dor — confesso, puxando o ferrolho para trás como ele havia me ensinado, e então coloco a arma na palma de sua mão. Fecho meus olhos esperando pelo clique o som seco, o estampido.

Ouço sua respiração profunda, seguida por sua voz, o que me faz abrir os olhos.

— Não vou matar você, mas quanto a Salvatore. — Ele faz uma pausa. — Vou fazer com que ele deseje nunca ter nascido.

Coloco a mão em seu peito, sentindo suas batidas aceleradas. De seu corpo, emana um calor quase febril.

— Eu só quero pedir uma coisa.

Ele estreita os olhos e umedece os lábios.

— O quê? — Rosna impaciente.

— Quero assistir quando os fizer sofrer.

Um sorriso surge em seus lábios e então ele me beija, forte e doloroso, mas ardente, fazendo meu corpo inteiro acender. Um beijo punitivo e duro, meus dedos enroscam-se em seu cabelo loiro, eu estava enjaulada em seus braços, mergulhada em toda intensidade de nossa ira. Eu queria que ele continuasse, seu toque queimando cada célula do meu corpo. Quando estávamos juntos, era puro fogo.

Uma batida leve na porta interrompe nosso beijo. Com a respiração entrecortada, afasto meus lábios inchados dos dele.

Dominic estava parado com uma expressão carrancuda.

— Romano, conseguimos localizar o carro, a última parada foi no cais do porto há meia hora.

Marco me solta e segue com Dominic para fora do quarto.

— Eu quero ir junto! — gritei ou, pelo menos, foi o que eu pensei ter feito, mas eu não estava pronta para encarar uma sessão de tortura, meu estômago ainda revirava graças ao almoço que Max e Ian haviam preparado especialmente para nós.

Com todas as forças, eu desejei que Marco pegasse Ian, não suportaria o fato de saber que ele estava fugindo para uma lua de mel milionária com aquela cadela. Eu não sabia como seria minha vida daqui para frente, a única coisa que eu tinha em mente é que eles precisavam sofrer e, quando se tratava de vingança, Marco poderia ser considerado o rei da dor. Eu mesma já havia provado de seu lado perverso. Olhei pela janela e vi dois carros saindo, eles estavam indo à caça e, se tudo desse certo, retornariam com um casal de najas. Sim, era isso o que eles eram, enganadores.

Olhei para meu reflexo no espelho e decide mudar toda a roupa, eu queria estar fatal e não com cara de choro, de alguém que acaba

de ser abandonada! Fui até o closet e separei um vestido de veludo preto, meia-calça e botas pretas. Fiz uma maquiagem, caprichando no corretivo para esconder as marcas vermelhas ao redor de meus olhos que denunciavam o quanto eu havia chorado.

Coloquei para tocar a *playlist* no meu celular e a música Halo de Beyoncé preencheu o quarto. Depois de pronta, andei pelo casarão, eu estava completamente só. Toquei buracos marcados na parede; próximo à porta de entrada de um escritório, a mesa virara cacos de vidro, papéis espalhados pelo chão e a porta de aço retorcido, aberta. Em minha mente, fantasiei os dois arrombando aquele cofre juntos, pensar nele ainda era uma tortura. Desci para a enorme e suntuosa sala de estar. Andei até a cozinha e fiquei alguns segundos parada em frente a geladeira, imaginando se a cobra ruiva havia envenenado tudo o que havia ali ou só o almoço, o suficiente para nos fazer dormir por um bom tempo. Ouvi o som dos carros estacionando, eles haviam retornado. Fechei a geladeira e esperei próximo à escada. Senti as mãos frias, o estômago dando cambalhotas. Cruzei os braços em torno do corpo e estremeci ao ouvir o som da porta principal se abrindo.

CAPÍTULO 22 – FERAS

Catarina Vallenti

Eles o arrastaram pela sala e largaram seu corpo sobre o tapete que adornava o piso de mármore italiano. Ele caiu de bruços, os cabelos pretos tinham as mechas encharcadas de sangue. Senti a força fugir de minhas pernas, cravei as unhas nas palmas das mãos, enterrando-as em minha própria carne na tentativa de controlá-las enquanto tremiam como nunca.

Marco pigarreou e secou as mãos, esfregando-as no jeans, então o empurrou com a botina, virando o corpo para cima.

— Vou perguntar só mais um a vez, depois vou usar formas mais dolorosas de extrair a informação de você. Onde. Eles. Estão?!

Meu coração voltou a bater de novo quando percebi que o homem ensanguentado à minha frente era um completo estranho, ele de longe lembrava Ian, o corpo esguio, os cabelos... mas não, ele não era o meu Salvatore.

O rapaz cuspiu um líquido viscoso vermelho-escuro com alguns dentes que provavelmente haviam se desprendido durante a surra

antes de conseguir balbuciar.

— Eu só fiz o transporte do casal até o cais e os ajudei com as malas.

— Eles pareciam felizes? — me intrometo, as perguntas foram pronunciadas por meus lábios com um ressentimento profundo e amargo.

Romano se aproxima de mim e se inclina para falar em um tom mais baixo, próximo ao meu ouvido.

— Eles tinham um iate à espera. Aposto como um helicóptero os pegará em alto mar amanhã cedo. Não se preocupe, teremos nossa vingança, vou caçá-lo não importa quanto tempo leve.

Santoro e Virgil o erguem pelos braços e o estranho me encara diretamente nos olhos, seu olho esquerdo quase fechado, tamanho o inchaço que o envolvia.

— Parece que eram recém-casados, disseram que estavam com pressa para embarcar rumo à lua de mel, antes que fossem descobertos pela mídia e repórteres.

Cerro meus dentes com força e sinto meu estômago embrulhar, volto para meu quarto às pressas e desabo na cama, agarrando-me aos travesseiros macios. O perfume de Ian estava impregnado neles, inclusive nos lençóis. Saio dali e vou para a suíte de Romano, enrosco-me na colcha e fecho os olhos com as palavras ainda ecoando tortuosamente em meus pensamentos, “recém-casados” , “lua de mel”. Por mais que eu não quisesse, o choro veio com força, durou horas. Deixei que as últimas lágrimas escorressem sem dó, pois esta seria a última vez que eu choraria por ele ou por qualquer outro! Meu destino estava selado. Os soluços diminuíram quando finalmente caí no sono. A tradicional marcha nupcial, os bancos da

igreja decorados por rosas vermelhas e lá estava Ian, simplesmente perfeito, não poderia haver noivo mais lindo, ele sorria para a noiva, tudo era tão real, eu podia sentir o aroma adocicado das velas que enfeitavam o lugar, o véu sendo erguido, Max sorria para ele, o vestido branco nada convencional marcando seu corpo esbelto, uma coroa de pedras preciosas prendendo o véu de renda. Pareciam saídos direto dos contos de fadas. Acordei aos gritos com o corpo tremendo de raiva, meu coração batia acelerado, parecia prestes a arrebentar meu peito.

Porto Alegre, 04 de setembro de 2016

Já havia amanhecido quando levantei da cama king size. Romano não aparecera durante a noite e fiquei grata pelo espaço que ele me deu. Caminhei até a janela com vista panorâmica para o jardim, de cima, pude ver Sonny e Virgil carregando um longo saco preto, cada um segurando por uma ponta. Aquilo deveria ser o que sobrara do rapaz que Marco trouxera na noite anterior, se eles tivessem encontrado Ian, seria ele que estaria sendo carregado para ser desovado em algum lixão. Senti uma rajada fria vinda da porta, causando um arrepio desagradável que se espalhou pelo corpo inteiro.

—Morena! Se apronte, vamos fazer uma viagem. — A voz de Marco me surpreende. Mesmo tendo passado a noite sem dormir, ele continuava sexy como o diabo enquanto eu, mesmo sem precisar me olhar no espelho, já sabia que minhas olheiras deviam estar fundas e escuras, com a legítima cara de velório, só que o defunto por qual chorei estava bem vivo e milionário, com a cobra ruiva como par.

Balancei a cabeça concordando e não perguntei para onde iríamos, não fazia diferença, eu só torci para que fosse um lugar quente, a minha cota de suportar o frio já tinha estourado há tempos. Quando ele se foi, eu fiquei só e fui para meu quarto antigo refazer minha maquiagem e escovar os cabelos. Descendo as escadas, senti o cheiro dos produtos de limpeza e o som de algo sendo escovado, de imediato, lembrei da primeira briga que tive com Ian e como ele faxinou meu micro apartamento até que ficasse irreconhecível. Agitei a cabeça com força, tentando afastar aquelas memórias.

Uma equipe de cinco homens limpavam e esfregavam tudo arduamente, removendo as manchas que denunciavam a noite anterior. Sobre a bancada de granito da cozinha, um farto café da manhã servido para um. Logo deduzi que aquilo tudo era apenas para mim. Comi três fatias da cuca de coco e caprichei, lambuzando a parte de cima do bolo com Nutella. Chocolate para mim sempre foi e sempre será algo sagrado e tinha o estranho poder de reduzir meus níveis de mau humor rapidamente. Talvez eu devesse levar o pote dentro da bolsa. Não... é melhor não. Afastei a ideia quando Dominic se aproximou.

— Nada afeta seu apetite, assaltos, bombas, envenenamento, golpes... mas a hora da refeição é sagrada, não é ? — debocha sarcástico.

Reviro os olhos e volto minha atenção para o creme de avelã. Dominic tira a colher de minha mão e a enche no pote, lambe e chupa devagar. Era difícil não imaginar ele chupando outras partes do meu corpo, claro, era isso que ele estava insinuando. O gesto

refletiu direto em meu sexo, merda! Eu teria que trocar de calcinha antes de viajar, porque a que eu estava usando estava encharcada.
— Hum... Conheço outras formas de comer isso, posso te mostrar outra hora. — Ele sorri e larga a colher sobre a bancada.
Ah, minha nossa senhora das calcinhas ... Cruzei as pernas, esfregando uma coxa na outra, tentando acalmar meu clitóris.
—Pronta?! — Romano indaga, agarrando-me pela cintura. Levo um susto e quase caí da alta banqueta que estava sentada.
—Onde vamos? — sondo antes colocar o último pedaço de bolo na boca.

Marco roça o polegar em meu lábio inferior ainda sujo de chocolate e o lambe. Bebo um gole de suco e sorrio para ele. Esse homem só pode ser o diabo!
— Amazonas.

O quê? Vai me levar para o meio da selva amazônica?
Dormi o trajeto quase todo, as quatro horas dentro do jatinho de Marco passaram rapidamente. Durante o trajeto, Romano conversou em espanhol pelo celular. Não entendi uma palavra, mas, por seu tom, ele não parecia contente. Quando finalmente desliga, eu pergunto em tom de brincadeira: — Problemas nos portões do inferno?

Ele pousa a mão pesada em minha coxa e me acaricia, erguendo um pouco a barra do vestido.
— Então é assim que me vê? — Seus dedos apertam minha pele e prendo a respiração, torcendo para que seu toque subisse um pouco mais. — Rei do inferno?

O clima ali era completamente o oposto do Rio Grande do Sul, abafado e úmido, e as provocações de Marco estavam me

derretendo. Mordo o lábio e sorri, olhando para o ambiente estranho ao nosso redor. Árvores para todos os lados, a perder de vista. Romano roça o dedo por cima do fino tecido de minha calcinha, atiçando-me. O sacolejo do Jeep fez com que ele tirasse a mão para se segurar. Santoro dirigia e, uma vez ou outra, eu via os olhares de Dominic me rondando.

— Não vai me dizer que você tem uma mansão aqui nesse matagal?

Romano ri e acaricia a barba.

— Não. Não tenho. Quero que me espere no resort, vou passar alguns dias na floresta e depois podemos voltar para Florença.

— Por que eu não posso ir junto? — meu protesto soa um pouco infantil. — Não posso ficar no resort, vão chamar a polícia, esqueceu que sou procurada? Claro que eu prefiro ficar em um resort de luxo a ficar no meio do mato sendo devorada por mosquitos, mas não se isso envolve o risco de passar vinte anos no presídio central.

Romano tira a jaqueta e fica apenas com uma camiseta branca de mangas curtas, o tecido se agarra a seus músculos. Me pego olhando para suas tatuagens. Meu Deus... que calor... O vestido preto de veludo que uso está colando no corpo, as botas de cano longo estão cozinhando minhas pernas. Abano o rosto, esperando uma resposta.

—Santoro, vamos direto para o local de entrega — Romano diz em voz alta.

À medida que nosso Jeep vai entrando floresta adentro, o cheiro úmido de folhas e terra molhada se intensifica.

— A partir daqui, é caminhada. — Marco salta do carro e me ajuda a descer.

Olho para o interior de todo aquele arvoredo e volto a encarar Marco.

— Tem certeza que é nessa direção? Sabe que aqui no Brasil tem jacaré e onça, né, vamos ser devorados — falo pessimista.

Ele dá uma risada alta e ergue a camisa, hum... belo abdômen trincado, mas eu sabia que ele estava exibindo as pistolas automáticas.

—Entendi. — dou-me por vencida e os sigo.

A caminhada é longa. Apesar de estarmos em movimento constante, os mosquitos nos atacam sem dó, eles parecem alheios às picadas, mas eu estapeio meu rosto e braços tentando afastá-los.

— Vocês estão rindo porque eles estão vindo todos em mim. Se eu cheirasse a whisky e cigarros, também estaria imune a eles — retruco mal-humorada.

Ouço, não muito longe de nós, vozes cantando animadas e alguns gritos masculinos. Caminhamos por mais alguns metros e solto um suspiro aliviado ao chegarmos ao acampamento.

Tudo ali parecia ter sido erguido com matéria prima da floresta, o galpão alto e sem paredes apoiado em oito troncos grossos de árvores, quatro de cada lado. A cobertura era um emaranhado trançado de folhas e galhos.

— Marco, trajo una mujer de belleza. ¿Es un regalo para mí? * (Marco, você trouxe uma beleza de mulher. É um presente pra mim?)

Olhamos para todos na direção do homem que fala em espanhol. Romano dá um passo à frente e um abraço e dois beijos à moda italiana no homem que parece ser colombiano. O estranho pisca para mim e passa a mão pela barriga protuberante, ele tem a pele cor de jambo e os cabelos pretos. Usa uma calça clara com sandálias e uma camisa de um tecido colorido que dói só de olhar.

— No, ella es sólo mía * (Não, ela é só minha) — Marco responde e volta a olhar na direção do galpão, onde mulheres trabalhavam em longas mesas, completamente nuas.

Os dois caminham lado a lado e seguem conversando. Fico ao lado de Dominic e cochicho.

— Por que elas estão peladas?

Afasto um mosquito que me ronda e continuo olhando sem entender direto no que elas tanto mexem.

Dominic ri de minha inexperiência.

— É pra ter certeza de que elas não vão roubar nada durante o processo de empacotamento.

Hum... Mas empacotamento do quê? Cheguei mais perto e senti os olhares delas sobre nós, bem... na verdade, elas nem mesmo disfarçavam a maneira como devoravam Dominic e Romano.

— La coca es pura — anunciou o colombiano, alisando o bigode com o polegar e o indicador. — Hasta mañana por la tarde terminan todo el processo. * (Até amanhã à tarde elas terminam todo o processo).

Pergunta respondida! Todas as folhas e o pó branco. A coca a que se referiam só podia ser cocaína. Marco volta até mim.

— Eu preciso de algum lugar para me trocar, só trouxe roupas de frio — sussurro para ele.

Romano abre minha mala que havia sido carregada por Dominic durante o trajeto inteiro e revira as roupas.

— O que está fazendo? Já disse que só tem roupa de frio! — retruco.

Marco pega uma calça jeans e uma blusa de manga longa . Tira do tornozelo uma faca com uma generosa lâmina e começa a rasgar minhas roupas. Então me entrega um “short” e regata improvisados.

— Vamos, vou te levar a algum lugar afastado para vestir isso. — Ele me pega pelo pulso e me puxa para longe do acampamento.

Quando estávamos afastados o suficiente, Marco se encosta em uma árvore e fica me encarando, seu olhar queimando sob minha pele.

— Vai ficar aí me olhando enquanto eu me visto?

Ele continuou em silêncio, os braços cruzados sobre o peito, ah... aquela camiseta colada em seus músculos.

— Pode me ajudar a tirar a bota? — pergunto, adotando um tom mais sensual.

Eu sabia que com Marco não havia gentileza, ele era tão selvagem quanto os animais que haviam naquela floresta. Ele caminhou até mim e abaixou-se, ajoelhando em meio aos galhos secos e arbustos. Suas mãos acariciaram o contorno de meu quadril, deixando um rastro de fogo por onde passavam. Seus lábios morderam e chuparam minhas coxas logo após ele se livrar de minha meia calça. A maneira como sua boca e barba roçavam em minha pele estavam me levando à loucura.

Romano ficou de pé e se livrou de meu vestido de veludo que parecia colar em meu corpo. Fiquei apenas de lingerie e botas diante dele. Marco umedeceu os lábios, quando estava prestes a

me possuir, tiros ecoaram por entre as árvores, seguido do grasnado alvoroçado dos pássaros nas copas. Estremeci de medo e cobri meu corpo com os braços.

— O que foi isso? — Sussurrei.

O corpo musculoso de Marco estava tenso, em estado de alerta.

— Vista-se e me espere aqui. — Ele tirou uma de suas pistolas automáticas e me entregou, antes de sumir a passos rápidos por entre todo o matagal, em direção ao acampamento.

CAPÍTULO 23 – PRESENTE

Catarina Vallenti

Visto as roupas improvisadas que Marco havia rasgado e prendo a pistola na cintura do shorts jeans. Minhas pernas ainda estão tremendo. Dobro desajeitadamente o vestido e volto para o acampamento. Bastou seguir o som das vozes exaltadas e de gritos femininos.

No galpão, as mulheres haviam parado de produzir e se aglomeravam em volta do corpo. Eu não entendia uma única palavra do que diziam, provavelmente um dialeto. Indígena misturado com espanhol. Os homens de Romano, incluindo Dominic, observavam a confusão formada sem muito espanto, como se a garota baleada no chão fosse algo corriqueiro para eles.

— O que houve aqui? — Romano rosna para Santoro que comia uma manga.

— Nada demais. Pablo percebeu que uma das bugras estava desviando pequenos pacotes de coca cada vez que ia mijar —

Sonny responde.— Aí ele a arrastou pelos cabelos e a executou na frente das outras para dar o exemplo.

O homem moreno se aproxima de nós assim que as mulheres voltam para a mesa para continuar a produção. O corpo nu da garota continua ali, inerte. Desvio o olhar e sinto repulsa quando Pablo colocou a mão em minhas costas.

— *Estas mujeres... tenemos que mantener los ojos abiertos, roban hasta con su coño* *.(Essas mulheres, temos que ficar de olhos abertos, roubam até com a boceta.) — E dá uma risada, passando os dedos pelo bigode.

— É melhor tirar o corpo dessa mulher daqui. O cheiro do sangue vai acabar atraindo algum bicho para cá.

Romano concorda e ordena em seguida.

— Santoro, a leve para o rio. Deixe que os jacarés se encarreguem do resto.

Engulo em seco e sinto meu estômago revirar já imaginando a cena da mulher sendo disputada pelos animais.

Algumas horas se arrastaram enquanto eu observava à distância, deitada na rede pendurada entre as árvores. De longe, pude ver Marco cheirando a droga recém produzida, fazendo o teste de qualidade. O colombiano ou mexicano, seja lá qual fosse a nacionalidade, conversava em voz baixa com seus homens, próximos a uma fogueira onde três peixes estavam espetados em galhos.

—Maria! — gritou Pablo.

A jovem que estava ao lado de Romano ergueu a cabeça ao ouvir seu nome e seguiu para atender ao chamado. Da distância onde eu estava não pude ouvir o que ele cochichara para ela, mas

sabia que era algo a meu respeito, pois eles estavam olhando em minha direção. A garota balançou a cabeça e foi até algumas caixas de madeira, pegou um vestido encardido e vestiu antes de vir falar comigo.

— Pablo quer que eu te mostre o lago que tem aqui perto. A água é fresca e vai ajudar com o calor — diz, dando um meio sorriso.

Suspiro sem vontade. Eu estava precisando de um banho e qualquer coisa parecia ser melhor do que aqui.

— E os jacarés? — pergunto desconfiada.

— Não se preocupe, eu conheço isso aqui como a palma da minha mão — responde com certa confiança.

Percebo, quando fiquei de pé, que Maria era quase dez centímetros menor que eu e seu corpo magro e pequeno não me inspira muita segurança. Bom... eu ainda tenho a arma e o canivete que Marco me dera, já é alguma coisa.

— Então vamos — aceito relutante.

O lago não era muito longe, a caminhada foi relativamente curta. Apesar de estarmos em movimento, eu ainda sentia como se todos os mosquitos daquela floresta estivessem mirando em mim.

— Chegamos. — Aponta para o lago com água escura, na beira barrosa. Tiro minhas botas e deixo perto da árvore. Olho para os pés de Maria, ela usa um chinelo de dedo branco com tiras azuis.

Meus pés afundam um pouco na lama à medida que eu chego mais perto da beira.

— Você não vem?

— Não, vou pegar camu-camu. — Ela se agacha e começa a colher pequenas frutas vermelhas de um arbusto, juntando-as no vestido.

Dou de os ombros e olho em volta antes de ficar apenas de calcinha e sutiã. Fico com medo por ter que deixar a arma junto com as roupas e as botas. Porém, a pistola não me seria muito útil molhada ou será que ela era a prova d'água? Entro no lago devagar, dou pequenos passos, a água escura não me permite ver sua profundidade. Sinto o sol queimar sobre meus ombros, a temperatura da água estava perfeita. Mas a sensação das algas e barro debaixo de meus pés é um pouco nojenta. A água está batendo na altura de meus seios. Ok, ok... limite seguro. Reclino o corpo para trás e molho os cabelos. Fecho meus olhos alguns segundos e relaxo o corpo, tentando boiar.

Prendo a respiração e não me movo, não há brisa, até que eu estou pegando o jeito da coisa. A água tocando meus ouvidos tornam os sons vindos da florestas tão distantes dali, como se eu estivesse em um sonho tropical. Deixo o ar entrar e sair devagar, aquele calorzinho no rosto é reconfortante depois dos meses de frio no Sul.

Mãos acariciam o contorno de meus seios, um toque leve e sorrateiro. Um grito não muito alto escapou de meus lábios.

Pablo passa as mãos pelos cabelos lisos e negros, puxando-os para trás. Ele sorri exibindo dentes irregulares e amarelados. Seu hálito cheira a algum tipo de tabaco. Fico enjoada com sua proximidade. Olho para a beira do lago, mas Maria não está mais lá colhendo as frutinhas vermelhas. Ele percebe que eu procuro por socorro com o olhar, mas não há ninguém.

— *Romano está divirtiéndose con las chicas** (Romano está se divertindo com as garotas) — Pablo explica, passando o dedo

indicador pela alça rendada de meu sutiã branco. Dou dois passos para trás e meu corpo afunda em um buraco.

Ele me puxa pelos braços para junto de si, os dedos pressionando minha pele com força, me arrastando para fora da água. Tento me soltar e caio de quatro na lama. Não olho para trás, minhas roupas a poucos metros de distância. Ouço o barulho do cinto sendo tirado.

— Mar.... — Meu grito é interrompido pelo couro pressionando minha traqueia.

— Ahora sentirá como és un hombre de verdade* (Agora sentirá como é um homem de verdade).

O pânico toma conta de meu corpo. Minhas mãos tentam afrouxar o cinto em torno de minha pele, o sinto esfregando seu membro duro em meu traseiro. Minhas pernas escorregam quando eu tento inutilmente me levantar.

A pressão e a dor de cabeça causadas pela falta de ar me levam ao limite. O corpo gordo roçando contra o meu. Jogo minhas mãos para trás, tentando unhá-lo ou feri-lo de alguma maneira.

Três tiros são disparados, meus olhos marejados demoraram alguns segundos para reconhecer a silhueta dele. O corpo de Pablo cai ao meu lado, mole e quente. Tossi, afrouxando o cinto com as mãos trêmulas, respirando com sofreguidão. Meu corpo ainda tremia quando ele se aproximou. Marco me pega nos braços e me põe de pé.

Romano remove o cinto de meu pescoço e passa o polegar pelas marcas avermelhadas, avaliando em silêncio minha situação. Eu continuava olhando para baixo, eu estava com raiva dele por ter me trazido para aquele lugar, mas, ao mesmo tempo, agradecida

por ele ter aparecido a tempo. Antes que... A ideia de ser estuprada por aquele porco fez o choro vir à tona em uma explosão de tristeza e desespero. Bato contra seu peito duro, mas Marco me envolve em um abraço apertado e firme até que meus soluços cessem.

Romano ergue meu rosto, suas pupilas estão dilatadas e o azul celeste de sua íris pode ser definido apenas com uma palavra. Perfeição.

— Espere aqui — ordena em um rosnado.

— Onde você vai? — Me agarro a ele, sabendo que estaria segura se ele continuasse por perto.

— Por um fim nisso — responde se soltando de mim. — Já volto para buscá-la.

Não ousei olhar para o corpo de Pablo. Eu não queria ficar ali, e não iria! Romano saiu apressado pela mata. Ainda descalça, corro tentando alcançá-lo, mas não demora muito para que eu o perca de vista.

— Marco?! — grito e esperei que ele apareça.

O som da troca de tiros ecoou por entre as árvores, então fiquei na dúvida se deveria continuar correndo ou não. E se os homens de Pablo tivessem dado um fim em Marco e nos outros? Tentei afastar esse pensamento da cabeça e caminhei na direção que eu pensava ser a do acampamento. Logo consegui avistar o lugar. O fogo ainda crepitava, ao redor, os corpos dos capangas de Pablo eram puxados por Santoro e Virgil.

— Sonny, amanhã, quando retornarmos para São Paulo, quero que vá atrás da família de Pablo. Elimine todos.

Sonny concordou, agarrando o corpo baleado de um homem pelas pernas enquanto Dominic puxava pelos braços. Romano me lançou

um olhar irritado quando percebeu que eu o havia desobedecido.
— Eu disse para você me esperar lá.
— Vocês mataram todos eles? — sussurro.

Marco balança a cabeça e põe a mão em minha cintura e caminhamos juntos de volta para o lago em absoluto silêncio. Eu sabia que em parte aquilo era culpa minha, se eu tivesse ficado no resort como ele queria, nenhuma dessas mortes teria acontecido. Minhas roupas e minhas botas ainda estavam no mesmo lugar que eu havia deixado. Marco se despe e fica completamente nu. Dou uma olhada não tão rápida para seu corpo escultural e continuo admirando à medida que ele se afasta para entrar no lago.

Espero que já tenha chegado no inferno! Cuspo no corpo de Pablo e corro para o lago ao encontro de Marco. Ele envolve seu braço em minha cintura e limpa meu rosto, afastando os cabelos molhados. Me puxando para mais perto, minhas pernas enroscam-se em sua cintura, eu posso sentir sua ereção grossa roçando em meu traseiro.
— Você é um imã de perigo — diz com a voz grave.
Inclino o rosto e aproximo os meus lábios dos dele.
— E você é o perigo em pessoa — retruco, provocando-o.

Ele dá um sorriso de canto e sua boca toma a minha, diferente de seus outros beijos, ele lambe meu lábio inferior e o chupa devagar. Cravo minhas unhas em suas costas, eu quero que ele me possua. Sua língua explora minha boca e enrosca-se na minha em um beijo sensual e atrevido.

Seu toque libidinoso era a mistura perfeita de paraíso e inferno. Sua intensidade enviava fogo para cada partícula de meu ser que estava pronta para recebê-lo. Meu corpo deslizando contra o seu,

esfregando-se em seus músculos. Meu clitóris roçando em seu abdômen perfeito. Marco afasta o tecido de minha calcinha e me encaixa fundo, fazendo a água agitar ainda mais com nossos movimentos. A primeira estocada me fez gritar de prazer, era delicioso sentir seu pau sem proteção alguma, liso e grosso, socando em um ritmo intenso até me levar à beira em segundos. Ele geme meu nome com voz rouca e puxa meu cabelo para trás de forma a deixar meu pescoço e seios a sua mercê.

Os beijos e lambidas que ele distribui por meu corpo enquanto me penetra me fazem gritar alto quando o segundo orgasmo me toma ainda mais intenso que o primeiro.

— Essa sua bocetinha é tão apertada — ele rosna e afunda os dedos em meu quadril, estocando uma, duas, três, quarto...

A pressão maravilhosa que se acumula em meu baixo ventre e irradia pelo meu corpo faz com que eu estremeça de novo e, pelo urro que Romano dá, tenho certeza que chegou ao orgasmo junto comigo. Eu ainda o sinto duro dentro de mim. Em meu rosto, tenho estampado um sorriso aberto, difícil de controlar, assim como minha respiração ofegante. Minhas pernas relaxam e eu fico de pé, desencaixando dele devagar. Minhas pernas tremem, mas ele continua me segurando firme pela cintura.

Meus dedos acariciam sua barba loira molhada.

— Tenho um presente pra você.

— Hum... E você comprou na oca vinte quatro horas? — pergunto em tom debochado.

— Tenho certeza que vai gostar — ele responde, atiçando ainda mais minha curiosidade.

CAPÍTULO 24 – ARMADILHA

Já vestidos, voltamos para o acampamento. As mulheres continuavam centradas na produção da cocaína enquanto Dominic e os outros terminavam de carregar o último corpo que restara em meio a caixas de madeira. Romano afasta um tecido preto que havia sobre a maior delas.

Ele me olha e dá meio sorriso ao ver minha expressão boquiaberta.

— É pra mim? — indago, me ajoelhando para chegar mais perto de meu “presente”.

Um tigre bebê. Romano tinha me dado a porra de um tigre filhote! O felino gigante era pouco maior que um cachorro de porte médio.

— Pablo trouxe de sua última viagem a Índia, ele iria presentear a filha .

Agora ele não presentearia mais ninguém, o único encontro que ele terá em breve será com os jacarés desse lugar.

— Ele é muito fofo, será que posso pegar no colo?

Romano abre a jaula e pega o bicho ainda sonolento pelo cangote. Sento no chão mesmo, para conseguir aguentar seu peso. Ele deve ter pouco mais de dez quilos. Passo a mão por seu pelo malhado. Acaricio debaixo do pescoço e posso ouvi-lo ronronar.

— Como vamos andar com um tigre por aí, é contra lei. — Assim que termino a frase me sinto um pouco idiota. Um pouco não, muito. Era só olhar ao redor. Marco Romano estava pouco ligando para o conceito de legalidade, escondido no meio da Floresta Amazônica, comandando a produção de sei lá quanto de cocaína e havia acabado de exterminar um chefão das drogas. Um crime ambiental seria apenas mais um em sua lista.

— Estou acolhendo uma criminosa foragida da polícia — ele responde, acariciando meu ombro nu.— Acho que isso também é contra lei.

— Perdão por te guiar pelo caminho do crime — retruco sarcástica.

Marco deu uma risada aberta, foi gostoso ouvir ele rir daquela maneira.

— Quando vamos comer? Seu plano é me matar de fome? — questiono.

Ele dá um suspiro e olha para os peixes ainda na fogueira.

Um almoço ultra leve foi servido por uma das garotas, peixe em folhas de bananeira com pedaços fatiados de manga. Até que não estava ruim, mas eu preferia algo mais substancioso, como lasanha, pizza ou um bom hambúrguer. Claro que nenhuma dessas três opções seria possível no meio de todo aquele mato.

A noite se aproximou rápido e logo escureceu. Lampiões a óleo iluminavam o lugar. Dominic não conversou comigo nenhuma vez

desde que ele voltou da desova com Santoro e os outros. Sempre que eu olhava para ele, estava tentando mexer no celular. Provavelmente deve estar tentando contatar a polícia. Agora ele tinha tudo o que precisava para prender Romano, as drogas, dinheiro, ou melhor, quase tudo. Precisava de um reforço. Se Romano sonhasse que Dominic é um policial infiltrado, seria o fim dele, e meu se Marco descobrisse que eu também já sabia.

Romano chegou mais perto da rede em que eu me balançava distraída com meus pensamentos. Ele tinha um copo metálico nas mãos nas mãos.

— Por favor, me diz que isso é uma Coca-Cola bem gelada.

—Longe disso. Experimenta. — Ele me entrega a caneca depois de dar um longo gole.

Pego o copo pelas alças e cheiro o líquido escuro, franzo o nariz.

— Credo, que coisa fedorenta é essa? Nem pensar que eu vou beber isso. — Faço menção de devolver, mas ele me olha contrariado e seu maxilar se tenciona.

— Bebe, Morena — rosna, mudando o humor.

Reviro os olhos e bebo o líquido do copo de um gole só, até esvaziá-lo. O sabor é amargo e consegue ser pior que o cheiro.

— O que é isso? — Passo a boca contra meu braço tentando tirar qualquer vestígio daquela porcaria misteriosa que ele insistiu em me fazer beber.

Romano deu um sorriso satisfeito e me puxou pelo pulso, fazendo-me ficar de pé. Meu corpo se chocou contra o seu e, mais uma vez, eu senti a energia que passava do seu corpo para o meu.

— É um chá feito pelos nativos daqui, logo você vai perceber seus efeitos.
Marco deitou-se em meu lugar e bateu na perna para que eu me sentasse com ele.

Me acomodei em seu colo e ouvi os estalos da corda que prendia a rede nas árvores. Isso vai acabar arrebentando. Pensei pessimista.
— Eu já te contei o motivo para ter ido a Florença? — Meus dedos deslizavam pelos músculos de seu abdômen, vagueando por cada centímetro de seu corpo escultural
— Não. — ele respondeu, dando um pequeno sorriso.
A textura de sua pele é macia, porém rígida, eu poderia ficar acariciando Romano por horas.
— Talvez o mundo não seja tão grande quanto eu pensava. Seu advogado, Doutor Leonardo Barros, é meu ex namorado.
Marco arqueou a sobrancelha loira esperando pela continuação da história.
— Só de falar o nome daquele cafajeste eu já fico com raiva — explico, dessa vez arranhando-o com um pouco de força.
—E você fez o quê? — perguntou com certa curiosidade.
— Depois de alguns anos trabalhando como sua secretária, ele acabou me chamando para sair. Namoramos durante alguns anos, descobri da pior maneira possível que ele estava noivo de outra. Pode parecer idiota, mas foi quando eu te conheci que aprendi a não me entregar demais, a não me doar tanto. Minha vida era resumida a ele, meu irmão e meu trabalho. Alguns dias atrás, o destino o colocou mais uma vez em meu caminho. Ele estava no banco que eu estava assaltando.

Romano ouvia a tudo em silêncio, seus olhos azuis atentos aos meus, mas sua mão subia e descia pela minha coxa. A cada vez que ela subia, ficava mais difícil contar a minha história de corna...

— Eu atirei nele, só queria deixar o filho da mãe com medo. Depois, o fiz correr nu no centro de Porto Alegre. Ian até... — Cobri meus lábios como se dissesse algo proibido e dei um pesado suspiro. — Mas acho que isso tudo não foi o suficiente.

Ele deu uma risada e, dessa vez, sua mão subiu até a barra do shorts.

— O que foi? Está rindo do meu tipo de vingança, é isso? O que faria, óh poderoso chefão?!

— Castração. — Romano movimenta a mão esquerda que está livre e gesticula como se fosse uma faca. — Arrancaria as bolas, isso cortaria o mal pela raiz.

Fiquei em silêncio por um minuto e voltei a encará-lo. Lágrimas pinicavam meus olhos, eu não sabia se estava prestes a chorar por lembrar da humilhação de ser traída ou se era por Salvatore. Romano enroscou a mão em meus cabelos e me puxou para mais perto, eu podia sentir sua respiração quente contra meus lábios quando minha primeira lágrima caiu.

— Não quero mais ver você chorando. Por homem nenhum.

Seu beijo foi intenso e duro, fazendo meus lábios formigarem com o choque, quando dei por mim, já era dele. Sua língua explorando minha boca. O calor de seu corpo irradiando contra o meu. Interrompi o beijo para tomar fôlego, meu corpo inteiro clamando pelo dele. Quando abri os olhos, feixes luminosos piscavam, flutuando ao nosso redor. Uns multicoloridos outros fluorescentes, mas todos flutuando ao nosso redor.

— Meu Deus, você está vendo isso? — Olhei ao redor, estávamos sozinhos no acampamento.
As mãos de Marco subiram por dentro de minha blusa, agarrando meus seios.
— Uhum. É perfeito — ele murmurou, beliscando meus mamilos

Meu corpo estava em brasas. Abri a boca para protestar, mas fui calada por um beijo, um delicioso e excitante beijo que me fez ficar ainda mais molhada.

Romano girou o corpo e, quando dei por mim já estava de costas, deitada de bruços na rede, com as mãos agarradas ao tecido trançado de maneira artesanal. Meus pés estavam apoiados ao chão para manter o equilíbrio.
— O que você está fazendo? — sussurrei. — E se eles voltarem?
— Então poderão assistir ao nosso show— respondeu Marco, se livrando do meu short.

Romano apoiou um joelho no chão para ficar na mesma altura em que a rede estava pendurada.

A maneira como ele montou em meu quadril me fez estremecer debaixo do peso de seus músculos. Seu membro roçando contra meu traseiro. Deixei escapar um gemido. Marco acariciou minha boceta, esfregando os dedos por meu clitóris e minhas dobras, certificando-se se eu estava molhada o suficiente para recebê-lo.
— É assim que eu gosto da minha putinha, com a bocetinha escorrendo de tesão.

Marco posicionou a cabeça grossa em meu sexo, eu ainda estava dolorida pela maneira como ele havia me fodido com força, mas meu corpo tinha as próprias vontades e precisava repetir a dose da viciante droga italiana, o diabo em corpo de homem, Marco

Romano. Seu membro foi entrando devagar até que eu me acostumasse com a sensação dele dentro de mim. Potente, animal e avassalador.

Ele estocou fundo, suas bolas roçando em minha bunda, a cada vez ele penetrava mais fundo, meus pés tentavam ficar presos ao chão, mas era difícil não ceder ao ritmo, ainda mais quando meu corpo reagia a cada martelada dura, enfiando cada vez mais fundo, me levando rapidamente à beira.

Agarrei o tecido com força quando o primeiro orgasmo me invadiu. Me deixando com gosto de quero mais...

— Marco — gemi, sentindo a pressão em meu sexo aumentar e irradiar como uma onda para o resto do corpo.

Ele agarrou meu quadril e ergueu, posicionando ao seu belo prazer. Minhas pernas fraquejaram, senti que gozaria de novo. As luzes piscando multicoloridas ao nosso redor se tornaram mais intensas.

— Porra, Morena, só de olhar para esse seu rabo... Eu preciso gozar — ele rosnou, aumentando a velocidade das estocadas. Senti um líquido quente e grosso escorrer de meu sexo. Marco saiu devagar de dentro de mim. Meu corpo ainda vibrava em êxtase pelo último orgasmo.

Deitamos na rede juntos, minha cabeça repousava sobre seu peito suado. Seu coração batia tão acelerado quando o meu.

Dei um bocejo alto quando o vi fazer o mesmo. Nossos corpos exaustos, suados, em completa sintonia. Fechei os olhos por uma fração de segundos e, quando os abri, estava em um lugar estranho. Porém eu tinha a confusa sensação de conhecer aquela casa.

Não havia árvores, eu estava na sala de estar. Binho e Camis estavam sentados no sofá, assistido televisão.

— O que estão fazendo aqui? — Perguntei sem entender direito o que estava acontecendo, em um instante eu estava na selva amazônica; no outro, em uma casa com meu irmão e melhor amiga.

Camis me olhou e deu uma risada aberta.

— Viemos cuidar do Pedrinho.

Pedrinho? Que Pedrinho? Nada mais fazia sentido.

— Ã?

— Seu marido chegou bem na hora da choradeira. Não vou muito com a cara dele, mas preciso confessar, o cara tem jeito para lidar com crianças.

Marido? Crianças? Realidade paralela é isso? Estou sonhando e vou acordar a qualquer segundo, só preciso fechar os olhos com força e, quando abrir, estarei de volta à floresta.

Apertei os olhos e senti uma bola atingir minha testa.

— Nina, faz mais pipoca, para de viajar e aproveita que o filme está no início e vem ver com a gente — Binho disse em tom brincalhão.

Eu ainda estava na sala e eles me encaravam como se eu estivesse ficando louca.

Um choro veio de outro cômodo e chamou minha atenção.

Camis revirou os olhos.

— Vai lá você, ele deve ter sentido o cheiro da mãe — respondeu, tirando o filme da pausa.

Caminhei até o quarto, de onde vinha o som do choro. Empurrei a porta que estava apenas encostada. Não havia muitos móveis, o ambiente era claro, com um decoração clara e sutil. Alguém estava deitado na cama de casal ao lado de um pequeno embrulho azul. Eu

podia ver pequenas mãozinhas se mexendo dentro do pequeno casulo de proteção. Me aproximei da cama e sorriu ao me ver.

Romano embalava o pequeno com batidinhas leves para acalmá-lo. Aquele pequeno presente era meu? Será que isso tudo era um vislumbre do meu futuro?

— A mamãe chegou, garotão — ele sussurrou ao ouvido do bebê.

O olhar de Marco para o pequeno bebê de olhos azuis e cabelos escuros era repleto de amor.

— O amor não é lindo, querido? — A voz da cobra ruiva veio de trás de mim.

Não pode ser... Quando me virei, deparei-me com Max vestida de noiva, segurando um pequeno frasco vazio nas mãos.

— É perfeito, amore — Ian concordou saindo do banheiro, ele passou as mãos pelo smoking e deu um meio sorriso para mim. E voltou sua atenção para a noiva de cabelos vermelhos. — Espero que dessa vez tenha acertado na dose.

Olhei para Romano, que começou a tossir e expelir sangue. O bebê chorava mais alto. Senti fortes cólicas abdominais e o gosto do sangue tomou conta de meu paladar. Caí de joelhos e segui me arrastando para a cama. O quarto inteiro começou a girar, a risada de Max e Ian, o choro do pequeno bebê indefeso, a morte de Marco, as luzes multicoloridas saltitando pelo quarto, eu já as havia visto. Tentei manter os olhos abertos, e então eu fui tragada pela escuridão.

Acordei vomitando em um tapete caramelo. Marco segurava os meus cabelos para trás, mantendo meu corpo virado para o lado. O líquido viçoso e amargo como o fel.

Romano me entregou um guardanapo e me ajudou a sentar na cama.
Cama?
— Onde estamos? — questionei, analisando o luxuoso quarto.
— De volta à São Paulo. — Romano me carregou no colo, sem fazer muito esforço, para outro quarto na enorme suíte.

Me acomodou na cama king size e ficou de pé.
— O chá de santo Daime te pegou de jeito — disse, dando uma risada. — Vou ter que sair agora à tarde, à noite voltamos para Florença. Dominic te acompanhará até o shopping para que possa comprar algumas roupas e mudar o cabelo antes de partirmos.
Marco deu um beijo leve no topo de minha cabeça e saiu.

***

Depois de algumas horas tentando convencer Dominic a me levar de moto até meu antigo apartamento, o trajeto pela avenida Paulista foi estranhamente familiar. Apesar de não estar tão frio quanto no sul, também não estava tão quente quanto no meio da selva amazônica. Eu vestia um sobretudo com capuz e um jeans escuro. Aquelas roupas ainda eram os últimos vestígios de Ian e logo eu me livraria de todas elas, não queria nada que me lembrasse dele.

Dominic estacionou a moto em frente ao prédio. Tirei o capacete para poder enxergar melhor.
— Catarina Vallenti? — A voz masculina me pegou de surpresa. Olhei para o homem grisalho de porte atlético, ele usava jaqueta e óculos escuros, bordado em seu casaco a sigla POE. — Está sendo

levada em custódia, acusada dos crimes de formação de quadrilha, homicídio, latrocínio...

Um homem à distância mirava uma espécie de metralhadora em minha direção enquanto outro policial me puxava para fora da garupa da moto.

— Dominic! — gritei.

Minhas mãos foram algemadas às costas . Minha cabeça começou a latejar.

— Tem o direito de permanecer calada, tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal. Tem direito a um advogado, caso não tenha condições o Estado designará alguém da defensoria pública...

A voz do policial parecia tão distante. O camburão. Tudo pareceu como um flash, quem dera ainda estar alucinando naquela maldita floresta. Mas o pior havia acontecido, eu havia sido presa!

CAPÍTULO 25 – ATRÁS DAS GRADES

Catarina Vallenti

— Catarina Vallenti Cavalcante, vinte e seis anos, desempregada, última residência Avenida Paulista apartamento trezentos e um. Correto?

—Sim — respondi hesitante.

O homem de cabelos grisalhos e traços fortes mantém a expressão neutra. Suas mãos cruzadas sobre a mesa metálica. A sala de interrogatório em que estamos está aparentemente vazia. Há também um espelho na parede ao nosso lado, será que Dominic está ali me observando? Eu tinha quase certeza de que do outro lado daquele espelho estavam outros policiais observando ao interrogatório, esperando um deslize, todos famintos para colocar as algemas em Romano.

— Sou o detetive Pinheiro. Davi Pinheiro. Fui encarregado de cuidar do seu caso. Para que eu possa ajudar você, preciso que me ajude, Catarina. — Ele abriu uma pasta plástica e apanhou alguns papeis, pouco maiores que folhas de ofício. Tento não expressar nenhuma

reação ao ver as imagens nelas contidas. Ele aponta para a primeira. Um policial com um tiro na testa. De imediato, reconheço o homem. Estava no primeiro assalto que fiz com Ian ao carro forte, quando fiz a burrada de chamar Romano para nos ajudar.

— Reconhece esse homem? — Sua voz é fria.

Balanço a cabeça e nego em silêncio. Quinze fotos, uma de cada vez. Algumas são apenas pedaços, pés e mãos mutilados; outras, cabeças separadas do corpo, corpos carbonizados, retorcidos, quase irreconhecíveis. Aquilo é o que havia sobrado das adolescentes que Marco transformara em prostitutas de luxo. As mortes delas ainda pesavam sobre mim. Senti o estômago embrulhar.

— Me diga, senhorita Vallenti, o que devo dizer para as famílias destas meninas?

Minhas mãos estavam entrelaçadas, apertei-as com força até que os nós de meus dedos ficassem brancos. Eu estava prestes a vomitar.

— Que tal esta? — Pinheiro coloca a foto da enfermeira que cuidou de mim logo após Salvatore ter me resgatado. Morta por Marco Romano. Outra vítima inocente. Ela tinha o corpo sujo de terra, um buraco aberto entre os olhos, a maior parte de seu corpo apodrecida. — Ela deixou uma filha de três anos que irá para um abrigo de menores.

Eu não estava mais aguentando! As duas últimas fotos eram de um homem mutilado. Lembro de Marco o torturando, só não sabia o motivo.

— A lista é grande, Catarina. — Ele atira uma foto de um homem usando um uniforme. “O segurança”. Lembro dele. Havia me feito de

refém no último assalto.

Minha garganta estava seca e eu não conseguia mais olhar para aquelas fotos.

— O que você quer de mim? — perguntei, olhando-o nos olhos escuros e nebulosos. Em seu rosto, vincos fundos e marcas do tempo denunciavam que o detetive que me interrogava já passava dos cinquenta.

— Essas mortes, somadas aos assaltos, vão lhe render longos anos no presídio. Está preparada para isso? Sair da prisão com quase setenta anos? Você estará sozinha, Catarina, ou acha que o homem que você está protegendo irá esperar apaixonado e fiel por todo esse tempo? — O detetive fez questão de enfatizar que eu pegaria a pena máxima permitida. Ele está esperando conseguir me assustar para que eu entregue Marco. A verdade, é que eu tinha muito mais medo do que Romano faria comigo se descobrisse que eu o delatei do que ficar mofando na cadeia até a velhice. Com sorte, eu responderia esse processo em liberdade e daria algum jeito de desaparecer antes de ser mandada para a prisão.

— Eu quero meu advogado — Respondi, tentando controlar as lágrimas que começavam a pinicar meus olhos.

O policial esmurrou a mesa e ergueu-se bufando, furioso, com tamanha violência que a cadeira de metal em que estava sentado acabou virando. O som ecoou pela sala vazia, ele saiu me deixando com as fotos espalhadas pela mesa.

Fiquei sozinha na sala até que dois policiais uniformizados apareceram e me levaram até uma cela. Me empurraram para dentro e o mais baixo trancou a porta .

— Mãos para fora. — Ele disse em voz alta.

Obedeci e passei o pulso pelo vão das barras de ferro, e então as algemas foram removidas. Sentei ao lado de uma mulher negra de aparência jovial. Ela tinha bolsas embaixo dos olhos, parecia ter chorado durante horas. Pela alta janela gradeada, eu pude ver que já estava quase anoitecendo. Depois de toda a burocracia interminável, horas de interrogatório, assinatura de papéis, tive minhas digitais recolhidas e agora eu estava sentada aqui. O único advogado que me vinha à mente era Leonardo Barros, mas eu preferia mofar na cadeia a ter que pedir para ele assumir meu caso. Ainda mais depois de nosso último encontro. Por ter trabalhado com ele durante alguns anos, eu conhecia de maneira superficial o que me aguardava e eu sabia que o pior ainda estava por vir. Eu seria detida, fichada e aguardaria meu julgamento em liberdade.

— Cavalcante?

Fiquei de pé, encarando o policial.

— Onde vai me levar — sondei, nervosa, esfregando a mão sobre o pulso avermelhado ainda machucado pela algema.

— Para o fórum. Parece que estão com pressa em te jogar na prisão.

Após quase uma hora mofando na viatura, esmagada entre dois policiais carrancudos e outros dois nos bancos da frente, fui escoltada até o fórum. Na antessala, a secretária, pouco mais jovem que eu, me olhou dos pés a cabeça e telefonou avisando que “a prisioneira havia chegado”.

Minhas mãos estavam frias e meu estômago embrulhava-se em uma cólica violenta. Entrei no gabinete escoltada pelos dois guardas segurando-me pelos braços. O juiz era bem mais jovem do que eu estava esperando, na faixa dos trinta talvez. Ele mordia a ponta da

haste metálica da armação de seus óculos de grau, concentrado, lendo os papéis que deveriam discorrer sobre a lista dos crimes os quais eu estava sendo acusada. Ele ergueu um pouco a cabeça e largou os óculos sobre a mesa, ao lado de uma pilha de processos. Seus olhos verdes me analisaram de cima a baixo de forma avaliativa.

— Senhores policiais, podem aguardar lá fora, tenho certeza que a senhorita Vallenti não irá tentar nada, não é mesmo? — A voz do juiz era firme.

Seu paletó pendurado no encosto de sua cadeira. Ele usava uma camisa social branca, as mangas estavam desabotoadas, dobradas até os cotovelos, porém o tecido não disfarçava em nada o porte atlético do magistrado.

— Doutor, nós temos de acompanhar a moça a todo instante, até mesmo para sua própria segurança, não deve ficar a sós com ela.

— Por Deus, homens! — exclamou, perdendo a paciência. — Ela deve ter o quê? No máximo um metro e sessenta. Tenho plena convicção de que posso manter um diálogo civilizado com esta senhorita sem pôr em risco a segurança nacional. Ou será que terei que continuar com maiores e mais elaboradas justificativas até que permitam que eu execute meu trabalho. Talvez um dos senhores policiais queira sentar em meu lugar e presidir as audiências de custódia daqui por diante.

Ilmo. Cavill era o nome gravado na placa de madeira em finos detalhes dourados. O juiz ficou de pé de maneira imponente, seu olhar inquisidor os desafiando.

— Não senhor, doutor. Com licença, esperaremos do lado de fora de seu gabinete — respondeu o policial.

Quando eles se foram, fechando a pesada porta com cuidado, o gigante à minha frente vociferou.

—Sente-se. — Indicou a cadeira.

Eu obedeci, olhando para baixo.

— Sou Alexandre Cavill. Iremos aguardar o seu defensor. — Ele olhou em seu relógio de pulso. — Ele chegará em alguns minutos. Tem alguma coisa que queira dizer, aproveitar este momento que está a sós comigo? Podemos negociar um acordo.

Já sentada, encarei seus olhos azuis. Eu conhecia a fama daquele juiz pelo que ouvia durante as reuniões com alguns advogados. Cavill era conhecido por ser inflexível. Respondi, tentando parecer firme:

— Só falarei na presença de meu advogado, meritíssimo.

Ele soltou o ar dos pulmões.

— Sabe que está aqui para que eu possa ordenar sua prisão temporária. Não é mesmo?

Prisão?! Merda! Eles querem que eu entregue Marco Romano. É provável que Dominic já tenha falado sobre meu envolvimento com Romano. O problema seria delatar um criminoso como ele. Isto seria o mesmo que assinar minha sentença de morte.

— Então, faça o que tem que fazer — retruquei. Eu não imploraria, sabia que de nada adiantaria.

A porta foi aberta e um rapaz com pouco mais de dezoito anos entrou carregando alguns papéis e uma maleta preta. O garoto de cabelos vermelhos tinha taxado na testa em letras garrafais INEXPERIENTE! Ó, meu Deus, tudo o que eu precisava, um feto recém-formado brincando de ser advogado. Pelo sorriso convencido

do Juiz, eu já sabia o que aquilo queria dizer, ele o quebraria como um graveto. Merda!

— Boa noite, excelentíssimo. Rafael Marques. Represento a senhorita Vallenti. Gostaria de pedir que a ré responda em liberdade ao processo até a data do julgamento, tendo em vista que a mesma não possui antecedentes.

— Negado — respondeu com voz grave. — Devido a gravidade dos crimes e a grande possibilidade de ocultação de provas que acarretará em obstrução da justiça, a ré Catarina Vallenti Cavalcante deverá ficar sob custódia do Estado na Penitenciária Feminina para que se possa assegurar a lei.

— Imbecil — rebati indignada.

— O que disse, senhorita Vallenti? Quer adicionar desacato a sua lista?

***

A viatura estacionou em frente ao presídio central. Passei pelos altos portões de ferro e fui guiada pelos policiais por um extenso corredor cercado por grades, até chegar no interior da penitenciária. A prisão não se parecia em nada com as vistas nos filmes americanos, com scanner para digitais e coisas do tipo. O lugar se resumia a concreto acinzentado, barras de ferro e muitos de cadeados.

Parei em frente a um guichê com uma divisória em acrílico transparente com uma pequena abertura em semicírculo. A mulher de meia idade sentada do outro lado usava um uniforme cor de chumbo.

—Tire seus pertences e coloque dentro deste envelope. — Ela o passou pela abertura e continuou com a cara fechada.

Soltei um suspiro e tirei meu anel solitário que ganhei quando completei quinze anos e o par de brincos que usava. Passei as mãos pelos bolsos do casaco procurando por mais alguma coisa, mas não havia nada mais para ser entregue.

Nem percebi quando os guardas que me escoltavam desde a delegacia foram substituídos por duas mulheres.

— Encosta na parede para a revista! — ordenou uma delas.

Pus as mãos para cima e aproximei o rosto da parede que cheirava a mofo e umidade. A policial passou as mãos pelos meus braços e pernas para ter certeza de que eu não estava escondendo nada.

— Visitas familiares, assim como as íntimas, serão permitidas somente após o julgamento. — A não ser, é claro, que seja seu advogado.

A outra que até então ficara em silêncio me entregou um saco plástico com uma muda de roupas amarelas.

Eu queria gritar, chorar, me escabelar, dizer que eu era inocente e não merecia estar naquele lugar ou pelo menos mentir que era inocente, mas quando abri minha boca, consegui emitir apenas um som fraco e derrotado.

— Ok.

— Você vai ficar com outras na mesma situação, aguardando julgamento. Lembrando que cigarros, namoro e brigas não serão permitidos.

Ela dizia as regras enquanto eu vestia-me ali mesmo, sem nenhuma privacidade, as minhas “novas roupas” que fediam a água sanitária.

***

Três dias se passaram desde que fui jogada como um cão nessa jaula fedorenta. Durante as manhãs, as grades da cela eram abertas para que as presas temporárias, assim como eu, pudessem ficar algumas horas ao ar livre no pátio. No centro do pavilhão, algumas mulheres jogavam futebol com uma bola encardida e meio murcha. Olhar para aquilo era deprimente. Eu apenas me sentava em um canto no chão e pousava a cabeça sobre os joelhos. Repensando cada escolha que fiz nesses últimos meses, todas elas tinham como pressuposto o impulso. Comprar aquela passagem, me envolver com um estranho durante o voo, mentir para outro estranho, me oferecer para ser parceira de Ian nos crimes. Será que Marco estaria esperando pela hora certa para me tirar da cadeia? Ou eu era apenas uma página virada em sua vida... E agora recebia meu castigo.

Era impossível pensar na trajetória de meu destino sem levar em consideração Ian e Marco, por causa da paixão que eu sentia por ambos, fui capaz de tudo. Agora o preço de minhas escolhas era a privação de liberdade.

As refeições naquele anexo do inferno tinham o gosto pior que a aparência. Durante as refeições, eu não conseguia engolir uma colherada sequer, pois o cheiro me enjoava.

— A comida não é boa pra você, Paty? — provocou sarcástica uma de minhas “colegas” de cela. — Dependendo do que essa sua boquinha de boneca souber fazer, eu posso conseguir algo com mais sabor.

Olhei para a mulher que deveria ser umas três vezes maior que eu. Ela tinha o cabelo raspado nas laterais, os braços grossos cobertos por tatuagens. A conversa paralela diminuiu ao nosso

redor, as outras esperavam ansiosas para ver a minha reação aos gestos que a mulher asquerosa ao meu lado fazia com a língua. Olhei ao redor, mas não havia nem um guarda por perto, com um suspiro pesado, voltei minha atenção para o prato plástico com poucas divisórias. O arroz empapado com minúsculos pedaços de uma carne gordurosa, separados da couve crua cortada em tiras, só de olhar para aquilo minha ânsia aumentava.

—Com licença — disse em voz baixa. Levantei e retirei minha bandeja da extensa mesa.

— Essa aí já está adestrada, só falta descobrir o preço do oral. — A mulher voltou a comer, enchendo a boca de comida .

Talvez fosse o jejum que afetara meu senso de autopreservação ou talvez a certeza de que eu não sairia daquela cadeia pulguenta por um bom tempo, não sei o que foi. Despejei a comida sobre a cabeça da ogra à minha frente . Com movimentos alheios à razão, acertei a bandeja em sua cabeça, fazendo o plástico partir-se em dois.

O murmúrio quase inaudível foi substituído por um silêncio quase mortal.

—Mostra pra ela, Boca! — gritou uma outra prisioneira ao fundo.

A mulher imensa sai do banco e me fuzila com um olhar furioso. Ela salta sobre mim e o impacto com que meu corpo cai no piso frio faz com que eu sinta ondas de dor irradiando de vários pontos ao mesmo tempo. Logo acima da nuca, sinto o líquido escorrer em um misto de dor e ardência. A partir dali, tudo ficou em câmera lenta, os murros, a minha cabeça presa entre as mãos enormes de Boca que batiam meu crânio contra o chão. O peso imenso da mulher sobre meu abdômen. Minha boca se enchendo de sangue por mais que eu engolisse, o líquido morno com gosto de ferro me deixava enjoada.

O som de um apito. Não conseguia manter os olhos abertos. Então, a escuridão.

— Pepa, você esqueceu a regra mais importante. — A voz de Ian vinha de algum lugar em minha mente, eu não podia vê-lo, apenas conseguia sentir seu perfume. Meu corpo latejava de dor.

—Foda-se, Ian Salvatore! — gritei em meio ao breu que me envolvia.

— Salvatore, não sei o que viu nela. É tão fraca. — A risada e o som daquela voz manhosa e debochada era inconfundível. Max!

— Vão se ferrar, vocês todos. Me deixem eu paz!

Então, eu fiquei só. Não sei quanto tempo se passou desde a surra. Quando abri os olhos, demorei alguns segundos para reconhecer que infelizmente ainda estava na enfermaria do presídio. A enfermeira verificava o recipiente plástico que gotejava lentamente, despejando algum tipo de medicação.

— Como se sente? — ela perguntou de maneira atenciosa.

— Tenho a impressão de que fui atropelada por um ônibus, mas fora a dor e o enjoo, estou bem.

Ela deu um sorriso simpático.

— Bom, Catarina, não foi nada grave, sem ossos quebrados. O médico prescreveu algumas vitaminas e exames para ver se está tudo bem com o bebê.

— Como assim? — Minha voz falhou. Eu só poderia ter ouvido errado. Eu, grávida?!

CAPÍTULO 26 – O PREÇO DO SILÊNCIO

Dominic

Catarina segurava-se firme em minha cintura a cada curva que eu fazia pelas movimentadas ruas do centro de São Paulo. Após ela ficar me torrando a paciência tentando me convencer a levá-la a seu apartamento, eu finalmente cedi. Era arriscado demais ficar saindo com ela a senhorita esquentadinha ao ar livre. Estacionei a moto em frente ao antigo prédio onde ela morava há meses com o irmão. Eu não precisei olhar para Catarina para saber que ela estava chorando ou pelo menos tentando não chorar. Desde que a conheço, ela jamais me contou o motivo por ter se envolvido com criminosos como Marco Romano e o tal Ian Salvatore. O que faria uma jovem inteligente e obstinada como ela largar uma vida normal para entrar em um mundo desses, onde a morte na maioria das vezes é moeda de troca?

Agora a senhorita Catarina Vallenti tem sua cabeça a prêmio. Claro que a fama e recompensa por ela não é tão grande quanto a

oferecida para quem conseguisse ligar Romano a extensa lista de crimes nos quais ele estava envolvido. Se eu quisesse fazer minha carreira subir como detetive, eu precisava focar no maior prêmio!

— Catarina Vallenti? — A voz do detetive Pinheiro me pegou de surpresa. — Está sendo levada em custódia, acusada dos crimes de formação de quadrilha, homicídio, latrocínio...

Catarina foi arrancada da garupa da moto, eu não podia ser pego com ela ou isto colocaria em risco meu disfarce, apenas um agente da narcóticos sabia que eu trabalhava infiltrado.

Acelerei a moto e arranquei em alta velocidade. Deixando todos para trás. Droga, Catarina! Por que você tem que ser tão teimosa! Se houvesse alguma maneira de eu libertá-la. Como eu vou explicar para Romano que deixei que levassem seu brinquedo. Ele iria comer meu rim e ainda me fazer assistir.

Marco não era conhecido por seu alto grau de tolerância ou compreensão. Quando alguém falhava com aquele bandido filho da mãe, ele fazia o sujeito e toda a família pagar pelo erro. O traficante colombiano que o diga, a essa hora Santoro já deve estar a caminho de Medelín para exterminar qualquer tipo de família que o traficante tenha.

O som estridente da buzina me fez desviar do corsa preto que vinha à esquerda. Sinto o coração acelerado no peito. Puta que pariu! Essa foi por pouco. Respiro aliviado e ignoro a mulher esbravejar dentro do carro. Continuo meu trajeto sem olhar para trás, passando por todos os sinais vermelhos, tentando pensar na desculpa, tem que ser uma boa.

Sinto o impacto do metal com a lateral esquerda. De imediato não consigo entender direito o que está acontecendo. Em um piscar de

olhos, meu corpo está imóvel no chão. Sobre pequenos cacos de vidro

— Não mexam nele. — Uma voz grita em um tom quase histérico.

Minha visão está turva. Não sinto dor em nenhuma parte do corpo, a não ser na cabeça, que parece estar sendo pressionada por uma bigorna de ferro.

— Vai ficar tudo bem. — Uma loira de cabelos Chanel se ajoelha ao meu lado. — Não se mexa, ok? Já estou pedindo ajuda.

Ela está nervosa e passa as mãos no meus cabelos ensanguentados, tirando-os da frente do rosto. Seu maxilar se tenciona e ela morde o lábio inferior tentando controlar o choro.

— Acho que não vou a lugar nenhum — retruco.

Seus grandes olhos azuis estão marejados de lágrimas e ela pragueja algo em italiano.

—Il Dio mio, come mi sono stupida. (Meu Deus, como sou burra)

— Qual seu nome? — pergunto, tentando desviar minha atenção do fato de que não consigo mover nada abaixo do pescoço.

A maquiagem da loira borra um pouco, ela passa os dedos indicadores tentando conter os estragos.

— Carla Trammel. — responde num sorriso nervoso.

— Você sinalizou o acidente. Não queremos que mais nenhum carro bata e acabe estragando nosso encontro.

Ela ri e seca mais uma vez as lágrimas, balançando a cabeça em afirmação.

— Meu Deus, você já está delirando.

***

Marco Romano

— Cadê a Morena? — Interrogo Virgil que está parado do lado de fora da porta do quarto do hotel. Ele olha para baixo e sua boca se torna uma linha fina. Eu o conheço há anos, sei que está escondendo alguma coisa.

— Chefe. Eles ainda não voltaram. Sonny passou a tarde tentando ligar para os dois, mas o número de Dominic só cai na caixa postal.

Entro no quarto e abro as portas do closet, a mala de Morena ainda está no mesmo lugar. Talvez tenha decidido fugir sem nada. Dominic não seria idiota de fugir com ela. Esmurro o espelho fixado à parede e uma rachadura se forma debaixo dos nós de meus dedos. Caminho até o bar na outra saleta e abro uma garrafa de whisky. Tiro a tampa e bebo direto no gargalo.

Virgil aparece na porta.

— O que é agora? — rosno sem paciência.

Ele engole em seco e responde fazendo uma pausa para escolher as palavras. Eles sabiam que quando eu estava nesse estado o melhor, era ficar longe.

— Sonny conseguiu rastrear o celular de Dominic.

Parto para cima de Virgil e o agarro pela roupa, erguendo seu corpo até que ficássemos cara a cara.

— E? — bufo.

— Ele está no hospital.

—E Morena?! — Balanço com força.

— Não sei. Sonny falou apenas de Dominic.

Solto o ar dos pulmões com força e digo irado:

— Inúteis! Me leve a esse hospital.

***

Entro no quarto indicado pela enfermeira. Dominic está deitado no leito, o corpo coberto até os cotovelos por um lençol verde-água, quase o mesmo tom do avental que ele usa. Uma mulher loira fica de pé e arregala os olhos assim que me vê.

— Ele não pode receber visitas agora — protesta com uma pontada de medo na voz.

— Senhorita, se me der licença por dois minutos. Dominic trabalha para mim. Necessito de uma informação urgente.

— Tudo bem, Carla. Eu o conheço. Por que não vai tomar um café? — ele responde para a loira a seu lado.

Ela acaricia a mão imóvel de Dominic e lhe dá um olhar terno. Volta a me encarar com cara fechada e passa por mim pisando firme, eu a ouço se afastar quando o som de seus saltos finos se distanciam.

— Virgil , vigie a porta. Não quero ser interrompido.

Ele assente em silêncio e bate a porta atrás de si.

— O que aconteceu?

—Sofri um acidente de moto. Minhas vértebras viraram gelatina com o impacto da pancada. Não consigo...

Balanço a cabeça franzindo o cenho. Me aproximo da cama e aperto os punhos com força até sentir minha juntas estalarem.

— Não, seu filho da puta. Não perguntei o que aconteceu com você! — Meu tom de voz é baixo, mas soa como aço. — Não estou nem aí se vai se alimentar o resto da vida por canudinho. Pensa que eu não sei que você é um porco seu filho da puta? Deveria estar se achando muito esperto, conseguindo chegar tão perto. Eu permiti e suportei sua presença. Já ouvi aquele ditado: amigos perto, inimigos mais perto?

O rosto de Dominic empalidece, ele engole em seco, mas continua em silêncio.

— Agora preste atenção em minhas palavras. Onde está Morena?

Ele dá uma risada nervosa, mas uma careta de dor se forma em seu rosto.

— A essa hora ela deve estar fazendo um acordo pra tirar aquela bundinha gostosa da prisão. Deve estar delatando você e toda a sua maldita gangue.

Chego ainda mais perto e aperto seu pescoço com força. Sinto seu coração acelerar e meus dedos pressionam com mais força seu pescoço, sua pele é fria, como se a vida já tivesse partido dali.

— Você vai ter que ser criativo se quiser me torturar. Não sinto nada do pescoço para baixo.— Ele consegue dizer com dificuldade quando o ar começa a esvair-se.

Sorrio soltando seu pescoço. Passo as mãos pelos meus cabelos loiros e tiro um canivete preso ao cinto da calça.

— Com certeza eu serei, senhor policial — retruco em tom zombeteiro, forçando-o a abrir a boca. — Quase me deixei levar pelas emoções, tirar sua vida agora seria um presente e não é essa a minha intenção. Vou fazer uma visita a sua família, deixar que meus homens se divirtam estourando cada buraco da sua irmãzinha e da sua querida mãe, depois pessoalmente vou torturá-las e matá-las, mas não se preocupe. Vou fazer questão de gravar tudo em vídeo. Quando eu terminar, farei com que assista ao filme até que seus olhos sangrem.

A lâmina afiada desliza pela língua do policial, a arrancando quase sem dor. O sangue começa a escorrer por seus lábios. Ele

cuspe o pedaço de carne que cai sobre seu peito. Limpo minhas mãos e a lâmina do canivete no lençol.
— Até mais, Dominic. Nos veremos em alguns dias.

***

A volta para o hotel foi silenciosa. Deitei na cama ainda bagunçada por Morena. Seu cheiro ainda estava nos lençóis e impregnado no travesseiro. Fiquei de olhos fechados pensando exatamente o que ela estaria fazendo naquele momento. Já havia anoitecido e provavelmente ela estaria da delegacia dando depoimentos. Desci da cama e fui até o outro cômodo. Virgil e Sonny me encararam quietos.
— Quero saber exatamente tudo o que Morena disser aos porcos. Caso ela mencione a mim, a ordem é executá-la. Entenderam?
— Sim, senhor!

Não havia mais nada a ser feito em São Paulo, meus negócios no Brasil já estavam sob controle, os carregamentos de armas e drogas sendo distribuídos. Nada me prendia aqui a não ser uma ponta solta. Seu nome era Catarina Vallenti. Sete dias se passaram desde que recebi a notícia de que ela estava aguardando julgamento em regime fechado. Eu estava pagando um bom preço por tudo o que me mantivesse informado sobre ela.

Confesso que não me surpreendi quando soube que ela não me delataria, Morena não era esse tipo de mulher, eu era viciado na força e teimosia que emanava dela. Fiquei curioso para saber quanto tempo mais ela aguentaria sem mencionar nada sobre mim ou qualquer coisa que tivesse visto nesse período em que esteve comigo. Com tudo o que ela sabia, poderia facilmente negociar um

acordo, receber uma nova vida em qualquer outro lugar do mundo e garantir sua liberdade, mas não, ela estava firme e, pelo que soube do juiz Calvin, um antigo amigo meu, ela o chamara de imbecil.
Sorri ao imaginar a cena. Aquilo era típico dela, impertinente e teimosa. Meu celular vibrou. Reconheci o número, era um de meus contatos no presídio em que Morena estava. Uma mensagem não lida:

Morena está grávida.

Não soube como reagir àquela informação. A última notícia que eu havia recebido dela é que havia se metido em uma briga com outra prisioneira e estava internada na enfermaria da penitenciária. Minha vontade foi de largar tudo e ir buscá-la naquele instante, não interessava quantos policiais eu teria que fuzilar no meio da caminho, mas eu precisava tirá-la de lá.
— Virgil. — Gritei, sentindo um calor misturado à euforia tomar conta de meu corpo.
Ele apareceu na soleira da porta ainda com cara sonolenta.
— Sim, chefe.
— Quero que descubra quantas são as testemunhas que irão depor contra Morena. Tem até o início da tarde de amanhã!
O homem concordou com a cabeça e saiu.

Meu relógio marcava catorze horas quando Virgil e Sonny passaram com as duas últimas mulheres pelos portões do galpão. Homens e mulheres, em sua maioria jovens, com pouco menos de

trinta anos. As exceções eram os gerentes e seguranças dos bancos que ela e o filho da mãe haviam assaltado juntos.

Todos estavam na mesma posição, seus braços algemados para trás, com um saco preto cobrindo seus rostos. Formavam um semicírculo, todas aquelas vinte pessoas estavam listadas como testemunhas importantes no caso de Morena e qualquer um ali estava pronto para denunciar a minha mulher. A minha função naquele momento era fazê-los mudar de ideia. Eu poderia fazer do meu jeito e exterminar um por um, mas Catarina e seus princípios de não violência... Ela não aprovaria isto.

Tirei a venda de um por um. Tive o cuidado de falar pausadamente o português para que me fizesse entender bem e não gerasse dúvidas desnecessárias.

— Todos vocês estão aqui hoje por uma única razão. Cruzaram o caminho de uma pessoa a qual tenho consideração.

Virgil trouxe o jornal com a foto de Morena estampada na capa. Peguei o jornal e fui exibindo a folha para que todos pudessem ver.

— Alguém aqui sabe o nome desta mulher?— disse em voz alta, erguendo o jornal.

Ninguém teve coragem de responder.

— Sonny, pegue o da ponta, ele será o exemplo.

Virgil e Sonny agarraram o homem de cabelos grisalhos e o derrubaram no chão.

Me aproximei dele e repeti a pergunta.

— Qual o nome desta mulher? — Esfreguei a folha no rosto dele, e então peguei minha faca. Com a ponta, fiz a pressão certa no canto esquerdo da junção do lábio inferior com o superior.

— Se eu tiver que repetir, você vai chegar ao inferno com um sorriso de orelha a orelha.
— Catarina Vallenti! Catarina Vallenti! — ele gritou nervosamente.

O restante das testemunhas assistiam sem piscar. Pressionei a lâmina com mais força, rasgando a pele da bochecha, puxando-a até que a abertura formada chegasse no lóbulo esquerdo.
— Não sei se vocês entendem o que acontece — rosnei enquanto limpava a lâmina na camisa azul, deixando as marcas vermelhas no tecido. — Você conhece esta mulher?

O homem chorou desesperado. As lágrimas escorrendo, misturando-se ao sangue que escorria do corte.
— Ah, vocês tem família? Sei que todos aqui tem, sei que a baixinha ali mora com a avó e um gato. Sei que o cabeludo de cavanhaque ali mora no andar abaixo de seus pais, sei exatamente onde cada maldito membro de suas famílias moram. A questão é, vocês entendem o que estou pedindo educadamente? — Posiciono a lâmina no canto direito e repito o rasgo, a cada grito de desespero que o homem da é possível ver completamente a arcada ensanguentada.

Algumas mulheres viravam o rosto, os homens estreitavam os olhos e faziam ânsia de vômito. Aquela não era a primeira vez nem a última que eu torturava um homem, eu só precisava identificar o medo real no olhar de cada um, então, aí sim, eu me daria por satisfeito.
— Você, vem aqui! — chamei uma mulher negra com cabelos volumosos presos por um lenço vermelho.
Ela caminhou até mim e parou a um passo de distância.

— Camila, você era a vizinha da mulher da capa .É verdade que ela contratou atores para simular que estava fazendo um filme, mas, no final das contas, o assalto era real, confirma?

A garota esguia olhou para o homem ensanguentado ao meu lado.

— Não. Nunca vi ou conversei com essa mulher — ela respondeu, me olhando diretamente nos olhos.

Sinalizei com a mão para que ela voltasse para seu lugar.

— Viram? É impossível que vocês a tenham visto fazendo qualquer coisa, porque ela sempre esteve comigo! — Enfio a faca no abdômen protuberante do homem no chão e abro um talho do umbigo até as costelas. É por isso que este senhor está sendo punido, é isso que acontece com quem mente.

O velhote estrebuchou por alguns segundos até parar de se mexer, os olhos vidrados em uma ridícula careta de horror.

— Eu agradeço a atenção de vocês, agora, se me dão licença, eu vou corrigir a injustiça feita com esta pobre mulher. Já sabem o que dirão quando estiverem em julgamento. Assim, eu espero para que eu não tenha que vê-los de novo ou, aí sim, vocês me verão de mau humor.

CAPÍTULO 27 – JULGAMENTO

Catarina Vallenti

Meu corpo ainda em estado de euforia graças a Dominic, não era bem o que eu imaginava para minha véspera de natal, mas ele era um bom consolo, dos mais quentes. O único problema foi a mensagem que acabara de receber. Ele beliscou meu braço de leve e deu um meio sorriso.

— Eles estão vindo para cá. — Minha voz vacila e eu penso na merda que eu acabei de fazer transando com o policial que está investigando a Romano e a mim. O som de alarme ecoa pelo quarto e não consigo escutar o que ele diz enquanto salta da cama e se veste rapidamente.

Esfrego o rosto e, quando abro os olhos, estou de volta ao meu inferno atual. O alarme indica que está próxima a hora em que as celas serão abertas para a porção diária de sol. Que sonho. Recordo das mãos de Dominic deslizando por meu corpo, sua boca explorando cada pedaço de mim. Minha barriga ronca de fome e me arrependo de não ter comido um pouco mais no café da manhã.

Meu corpo parecia estar possuído por um outro ser. Minha rotina desde que saí da enfermaria era vomitar na hora do café da manhã e dormir. Eu não me sentia uma grávida, parecia que eu apenas estava com uma puta virose. Ainda era difícil acreditar que dentro de mim se desenvolvia um outro ser que dependeria de mim para tudo. As lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.

— Catarina Vallenti — chama uma policial fardada, segurando um molho de chaves em uma das mãos e em outra, um cassetete.

— O quê? — pergunto enxugando o rosto.

—Vamos, o seu julgamento é daqui a pouco.

Como assim? Eu nem tinha sido avisada de nada, será que ao menos o meu advogado sabe disso? Eu queria pelo menos ter tomado um banho e me arrumado para não chegar na frente do juiz com cara de puta pobre. Minhas unhas roídas e esmalte descascado, cabelo mal cuidado, os roxos ainda marcando ao redor de meus olhos.

— De uma vez! — ela ordena sem muita paciência. — Não tem a manhã toda, Paty.

Ouço alguns risinhos vindos do beliche onde as outras jogam cartas. Respiro fundo e resolvo ignorar. Será que Dominic tinha alguma coisa a ver com esse julgamento relâmpago? Talvez eles tentem um acordo antes de eu ir a júri popular. A cela foi aberta, saí e fiquei parada para que a policial colocasse as algemas, ela pressionou o metal até que não houvesse folga entre a pele e as algemas.

Ian, aquele filho da mãe, poderia ter me ensinado como abrir essa droga, algo me dizia que essa era apenas um de suas muitas habilidades. Enquanto caminhávamos para fora da penitenciária, eu

mantive meu olhar baixo, rezando silenciosamente para que não precisasse mais voltar para este lugar. Eu sabia que este milagre estava longe de ser realizado, mas, mesmo sabendo que a probabilidade que havia de eu ser solta era mínima, eu rezei.

Queria, com todas as forças, poder ter uma nova vida, um recomeço, eu e este pequeno bebê que cresce dentro de mim. Passei pelos portões principais, o camburão com as iniciais brancas da polícia estavam estampadas pela lateral, as portas já estavam abertas. Espiei para seu interior. Dois policiais fardados, usando coletes à prova de balas e empunhando metralhadoras sobre o colo. Sério?! Isso tudo é necessário? Eu estava me sentindo o próprio Bin Laden. Soltei um suspiro e subi o degrau de metal sem ajuda, quase perdi o equilíbrio. A mulher uniformizada me auxiliou antes que eu caísse no chão. Me sentei de frente para os guardas e deixei que meu olhar acompanhasse a vista por minúsculas janelas .

Eu estava desorientada, não sabia direito quantos dias haviam se passado desde que eu fora presa, parecia uma eternidade.

— Que dia é hoje? — pergunto aos homens à minha frente.

Eles continuaram em silêncio, me encarando com expressão de indiferença.

— Não podem ao menos me dizer a porra do dia? Assim fica difícil programar a bomba que eu coloquei presa ao pneu — retruco mal-humorada.

— Seu guarda, não cheire minha mão... sou seu amigo, agora preste atenção... a folha é boa... é erva fina... fumo na boa só pra pegar as meninas — cantarolei debochada.— Espero que gostem da música, aceito pedidos. Fuma , fuma, fuma ... folha de bananeira...

O furgão parou, mas manteve o motor ligado, provavelmente estava parado no sinal. Minha barriga roncou alto. Se minhas mãos não estivessem algemadas para trás, eu teria abraçado meu estômago .

— Quem eu preciso chupar para que parem o camburão no Mc, sério, vestidos assim e com essas armas, nem precisariam entrar a fila, eu acho até que o lanche sairia de graça. — Dei uma risada e bati as pontas da sapatilha de tecido no chão.

Os policiais trocaram olhares, mas continuaram com a cara fechada.

— Só estou brincando, não existe Mc no mundo que me faça chupar vocês. — Retruquei e voltei a cantarolar. Até que irritá-los era uma boa distração para afastar meu nervosismo . O camburão voltou a se movimentar.

— Iuhhull, upa cavalinho — gritei quando quicamos por ter passado em algum buraco ou algo do tipo.

O policial mais velho bufou e agarrou com mais força a arma que carregava nas mãos.

— Ui, irritei o bebê policial? A tia promete que vai ficar quietinha. — Pisco, olhando para o mais jovem, e então solto mais uma risada. — Mentirinha! Eu sei que no fundo vocês estão loucos para cantar comigo. Eu começo.

Escuto um zunido seguido por som de vidro estilhaçando. O furgão para mais uma vez. Meu coração acelera quando o guarda mais velho mira a arma para meu rosto e o outro, aponta para a porta .

— Tudo bem eu paro de cantar, já entendi — respondo em um sorriso zombeteiro.

— Paulo, o que está acontecendo aí?

Quem quer que seja Paulo, ele não responde. Engulo em seco, minhas pernas tremem demais, sinto o coração arrebentando contra meu peito, batendo tão alto que posso ouvi-lo martelando.

— Eu ju... — Antes que eu pudesse terminar a frase, a lateral onde eles estavam sentados de frente para mim se contorce com o choque de algo. Os policiais voam contra mim, meu corpo é esmagado pelo mais jovem. Ele ainda está zonzo pela pancada. Os tiros vindos da rua e alguns gritos só pioram a coisa toda, saber que a morte se aproxima é aterrorizante. Tateio no cinto do policial à procura das chaves da algema, é difícil me mover com a pilha de músculos vestida de policial limitando meus movimentos.

— Central, preciso de reforço. Fomos interceptados — o outro fala pelo celular.

A explosão seguinte não é tão intensa quanto a primeira. Tusso tentando puxar o ar, uma fumaça branca começa a sair assim que as portas do furgão se desmancham em metal retorcido.

Meus olhos lacrimejam sem parar, não consigo ver direito o homem que está de pé apontando a Uzi cano curto para mim. Ele usa uma roupa escura e coletes. A máscara de gás cobre seu rosto. Ele descarrega uma rajada de tiros sobre o policial debruçado sobre mim. Imediatamente, sinto o sangue escorrer de seu corpo para o meu. Um tiro acerta seu ombro, ele muda seu alvo em segundos e descarrega a arma mais uma vez.

—Meu Deus, por favor, não, eu estou grávida — grito com medo quando ele chuta o corpo morto do policial e me agarra com força, fazendo com que eu fique de pé.

Com o braço, ele afasta a máscara do rosto.

—Deus não está aqui.

Minhas pernas fraquejam quando olho diretamente em seus olhos azuis.

— Você veio aqui para me matar? Eu não falei nada, juro — imploro, sentindo as lágrimas pinicarem meus olhos.

— Se eu te quisesse morta, acredite, você já estaria — ele responde cheio de si e me agarra no colo sem fazer muito esforço.

Romano desce do camburão, olho ao redor, carros batidos e uma caminhonete afundada contra a lateral do furgão da policia. Alguns rostos conhecidos. Sonny e Virgil, não encontro Dominic nem mesmo Santoro. Há outros homens armados com metralhadoras e máscaras de esqui que deixam apenas os olhos de fora. Marco me coloca na garupa de uma moto e monta.

A máquina ronca debaixo de nossos corpos, o vento dessa vez tem um cheiro de liberdade. Me agarro firme em seu corpo e sigo o caminho de olhos fechados. Tenho coragem de abrir apenas quando ele estaciona em frente a uma casa de campo quase toda de vidro.

— Tem certeza que aqui é seguro? — sussurro ao seu ouvido.

Posso ouvir sua risada convencida, meu corpo relaxa um pouco, mas não o suficiente para livrar-me totalmente de toda a tensão.

***

— Pode usar camisas minhas, amanhã pedirei a Sonny que traga algo da capital. — Marco me deixa na porta da suíte.

— Marco — o chamo antes que ele saia. — Obrigada — murmuro.

Os cantos dos seus lábios se curvam num sorriso e ele passa a mão pelos cabelos loiros.

— Sempre cuido do que é meu. — Ele dá uma piscadela e sai.

Vou tirando minhas peças de roupas e deixando um rastro de bagunça pelo quarto. Necessito de um banho quente para me livrar do cheiro fétido de sangue e pólvora que está impregnado em meu corpo e cabelos. Me permito ficar algumas horas na banheira. A água escaldante me relaxa e me renova. Enrolo-me em uma toalha e saio pingando, minhas pegadas molhadas marcam o piso encerado de madeira nobre. Claro que Marco não se importaria com a bagunça ou as marcas molhadas, ele não tinha TOC por limpeza como o cretino do Ian.

Não! Eu não me permitiria pensar mais nesse idiota! Me seco e visto uma camisa social de Romano, ficou parecendo um vestido. A barra da camisa roça na metade de minhas coxas, caberiam pelo menos mais umas três de mim dentro da roupa. Penteio os cabelos como posso e saio à procura dele.

Marco está na cozinha cortando alguns temperos, quando me vê, interrompe seus movimentos.

— O que foi? — Pergunto com uma ponta de vergonha, eu conhecia aquele olhar, o olhar do lobo...

— Nada — Ele responde, bebe um gole de uma bebida escura e deixa a taça sobre o balcão de granito.— Você acha que pode desfilar quase nua e ficar impune?

Meus mamilos endurecem, roçando contra o tecido da camisa dele. Ele umedece os lábios como se pudesse sentir o cheiro de minha excitação.

— Eu mereço ser punida? — me faço de desentendida e coloco as mãos na frente dos seios. — É por causa da camisa? Eu posso tirá-la, se você quiser.

Seus olhos azuis se estreitam e ele bate com a ponta da faca no balcão.

— Venha aqui. Vou te dar exatamente o que você merece. Mesmo que eu tenha que ser duro.

Meu sexo lateja, posso sentir a umidade aumentar entre minhas pernas. Logo meu prazer estaria escorrendo por minhas coxas, bastava que Marco começasse a me punir sobre o balcão da cozinha. Caminho até ele na ponta dos pés. Meus dedos tocam os botões da camisa branca.

— Quer a camisa de volta? — provoco, olhando-o direto nos olhos. Seus cabelos loiros roçam no colarinho da camisa escura, as mangas estão dobradas até os cotovelos, deixando à vista parte de suas tatuagens.

Marco segura meu pulso e o afasta. Com a mão direita ainda empunhando a faca, ele desliza a lâmina afiada pelo tecido, arrancando os botões, um a um. Deixando meu corpo nu a seu bel prazer.

— Me diz, Morena, está molhadinha pra aguentar meu pau ?

CAPÍTULO 28 – PERTO DO FIM

Catarina Vallenti

Romano me puxa pelo quadril e me ergue para que eu ficasse sentada no balcão de granito. Minhas mãos vão direto para os botões de sua camisa, abrindo-os sem pressa. Ele recua ao meu toque e puxa minhas mãos para baixo, a firmando contra a pedra fria. Meu corpo arde pela necessidade de seu toque. Ele afasta meus cabelos úmidos do rosto e toma minha boca em um beijo duro e possessivo. Seu torque é firme e o meu, desesperado. Nossas línguas enroscam-se deliciosamente, um gemido escapa de seus lábios e ecoa dentro de mim, reverberando por cada parte de meu corpo.

Minhas mãos desobedientes vão para seus cabelos loiros e macios, acariciando e puxando-o em um castigo silencioso. Seu beijo se transforma em mordidas, a sensação de seus dentes raspando contra meu pescoço e de seus lábios chupando a minha pele, deixando rastros quentes e desejosos por onde passam, me faz ansiar ainda mais por tê-lo dentro de mim.

— Tira essa camisa — Sussurro, mordiscando o lóbulo de sua orelha, finalizando com uma mordida leve. — Quero sentir seus músculos contra meu corpo. — Eu precisava disso.

Marco solta minha cintura e livra-se da peça de roupa, logo entendo o motivo pelo qual ele não queria ficar sem ela. No camburão, ele havia levado um tiro. Um tiro por mim. Poderia ter morrido. O ferimento não estava sangrando, a pele parecia ter sido queimada para estancar o sangramento. Romano segura meu cabelo enroscando-o na mão e me faz deitar devagar. Pequenas pontadas de dor e prazer serviam apenas para me atiçar.

Minhas pernas envolvem sua cintura e consigo o puxar para mais perto.

— Feche os olhos — ordena. — Mantenha as mãos no alto da cabeça.

Sigo suas instruções. Sinto seus dedos acariciarem meus mamilos em movimentos circulares, ele, então, apanha meu seio esquerdo com as duas mãos e o lambe por inteiro, a cada vez que seus lábios chegam a meu mamilo endurecido, ele o chupa delicadamente, me fazendo gemer alto e implorar aos gritos para que ele me coma.

— Eu não aguento! — gemo, sentido a umidade em meu sexo escorrer.

Claro que ele não se importava em continuar com a tortura, volta sua atenção para meu seio direito, chupando e beijando sem pressa.

— Eu preciso agora — imploro.

Ele ri e seus beijos descem por meu ventre, a barba loira roça por meu ventre, provocando arrepios. Não consigo conter minhas

mãos, que vão direto para seus cabelos. Sua boca desce um pouco mais, abocanhando meu sexo, sua língua castiga meu clitóris, estimulando e chupando, ele sabia que estava me levando à beira. Minha boceta latejava, eu não suportava aquela expectativa.

— Awn, Marco... — Gemo seu nome sem conseguir controlar o orgasmo intenso. Seus lábios se concentram em lamber e sorver meu gozo, ele investia contra minhas dobras.

Meus braços tremiam, pois eu estava apoiada nos cotovelos para conseguir vê-lo enquanto me chupava. Marco lambe meu sexo por inteiro, até chegar a zona proibida. Sinto a ponta de sua língua deslizando por minhas pregas, explorando meu corpo, derrubando qualquer barreira entre o prazer e o pudor. Sua língua me penetrou, para cima, para baixo, por todos os lados, forte, fraco, com movimentos suaves alternados pelos frenéticos. Meu corpo relaxou contra a pedra, não mais tão fria quando outro orgasmo se apoderou de meu corpo com violência. Seu toque, seu calor e a barba roçando contra minha pele nua e encharcada pelo meu gozo era simplesmente enlouquecedor.

Enquanto seus lábios e língua continuam a me torturar, suas mãos apertam com força minha bunda, beliscando e sovando minha pele, deixando um rastro de fogo por onde passa. Apesar de minha ânsia por querer senti-lo dentro de mim, eu não queria que ele parasse.

Marco afasta os lábios e volta a ficar de pé. Suas mãos grossas e quentes acariciam com força minhas coxas e abrem minhas pernas, de maneira que eu possa ficar escancarada para ele. Com uma das mãos, ele acaricia meu clitóris, tamborilando com os dedos e esfregando, enquanto com a outra, explora minha boceta

encharcada e desliza os dedos grossos e escorregadios por meu ânus.

— Goza de novo, minha Morena, goza gostoso, porque eu estou louco pra arrebentar essa bocetinha apertada.

Arqueio o corpo, sentindo mais uma vez o orgasmo se acumular em meu baixo ventre com uma pressão deliciosa.

— Goze agora — ele ordena com a voz rouca, atentando-se para meu sexo como se ainda não estivesse satisfeito de chupar-me, eu podia sentir, ele queria mais.

Meu corpo se desfaz ao seu toque, o cheiro sensual que paira ao nosso redor torna tudo ainda mais excitante.

— Isso. — Romano tira os dedos de dentro de mim e livra-se de suas últimas peças, a calça e cueca.

Ainda provocando meu ponto sensível, Romano agarra sua grossa ereção e passa a cabeça pelos meus grossos lábios antes de dar pequenas batidas com o membro em meu sexo apenas para me provocar um pouco mais.

Marco enfia devagar a cabeça, que entra apertada, deslizando com dificuldade para dentro de mim. Arfo sentindo meu corpo inundar-se de prazer. Seus golpes são duros e ritmados, entra fundo, formando um delicioso encaixe, então sai quase todo, deixando um vazio que logo é preenchido mais uma vez, em um entra e sai delicioso. A cada estocada, eu sentia que nos transformávamos num corpo só, unidos pelo desejo e pela luxúria. Minha boceta molhada apertava mais e mais, Romano forçava a passagem e me fodia dez, vinte, trinta vezes ... A rigidez de seu corpo suado esfregando-se contra o meu fazia meu prazer aumentar ainda mais, como se isso ainda fosse possível.

— Diga! — ele ordena, estocando sem perder o ritmo que faz meu corpo parecer estar prestes a flutuar.
Gemo sem conseguir emitir qualquer palavra.
— Só eu vou foder essa sua boceta melada e gostosa, eu serei o único dono desse corpo.

Eu rio e deslizo as unhas por seu peitoral tatuado, cravando-as sobre sua pele dourada. Marco tira o membro de dentro de mim ainda latejando, como um castigo, e repete a exigência.
— Fale, Morena! — Seus olhos azuis encaram meu corpo em chamas, assim como o dele — fala e eu continuo.
—Suaaaa! — grito. — Sou sua e de mais ninguém!

A voracidade com que ele me penetra assim que termino de gritar minhas juras é arrebatadora. Ele puxa meu corpo contra o seu e eu monto em seu pau. Me agarro a seu corpo, deliciando-me com a textura de seus músculos. O ângulo de penetração muda e sinto que estou à beira de um novo orgasmo quando ele me prensa contra a geladeira. Marco me penetra mais fundo enquanto chupa meu pescoço, intercalando entre beijos e mordidas.

Forte... Forte... Forte... Ele urra com o rosto enterrado em meus cabelos. Meu corpo se entrega a um último orgasmo, eu sinto seu corpo atingir o prazer, seu membro grosso e viril tremendo dentro de mim, lançando jorros mornos de gozo que se misturam aos meus. Nossas respirações descompassadas e batidas aceleradas. Sinto um líquido escorrer por meu seio.
—Marco! — Minha voz sai exaltada. — Você está sangrando.

Ele olha para o ferimento aberto e parece não dar muita importância. Firmo as pernas no chão com os pés descalços .

— Não se preocupe. Não é nada grave — ele tenta me tranquilizar, e então sai de mim, nossos corpos se desencaixam e fecho a camisa que estou usando.
— Como não é grave? É um buraco de bala, Marco! Não pode mandar um de seus homens sequestrarem um médico ou algo do tipo.
— Acho que você está vendo muitos filmes — ele debocha e se veste.
— Marco, é sério, dá um jeito nisso, por favor. Eu não quero acordar ao seu lado amanhã e você estar banhado em sangue, entre a vida e a morte.

Ele dá uma risada, como se eu tivesse dito algo engraçado, então olha para a panela de água que ferve no *cooktop*.
— Preciso que faça uma coisa por mim — ele pede com um meio sorriso no rosto.
— O quê? — pergunto desconfiada.

Romano vai até a pia e abre a primeira gaveta, ele tira uma colher de sopa com cabo de madeira e mostra para mim.
— Quero que cauterize isso para mim. Só a parte de trás, aqui na frente eu consigo.
— Na-na-na-na-não, não posso fazer isso — gaguejo quando o vejo aquecer a parte metálica da colher na chama até que fique vermelha.
— Isso não é muito legal de se pedir logo depois do sexo — retruco, pegando a colher pelo cabo.

Marco dá uma risada e vira de costas pra mim. Eu observo sua cintura fina alargar até seus ombros malhados e torneados. Dou um suspiro resignado antes de prender a respiração e afundo a curva

da colher sobre o ferimento. Vejo os músculos de Romano se tencionarem, mas ele não emite nenhum som.
— Acho que deu certo, aqui parou de sangrar — anuncio triunfante.
Ele se vira e me observa aquecer a colher no fogo.
— Fica parado, porque acho que peguei o jeito da coisa — digo antes de pressionar o talher sobre a ferida aberta em seu peito.
Romano bufa, mas obedece. Como mágica, o ferimento da queimadura é o suficiente para estancar o sangramento. Olho para a pele avermelhada e o encaro.
— Nada de sexo até isso estar melhor — brinco, adotando um tom autoritário.
— Quero ver você conseguir me afastar de você — responde, envolvendo minha cintura em um abraço, sua boca toma a minha com possessividade, e então se afasta com um sorriso presunçoso no rosto.

***

Depois de um segundo banho, eu volto para a sala de estar e me acomodo no sofá de pernas cruzadas, colocando uma das almofadas de veludo sobre o colo. Marco já está completamente vestido. Sexy como só o diabo poderia ser.

No dia seguinte, Virgil trouxe algumas sacolas de roupas, ele veio acompanhado de duas mulheres vestindo um uniforme rosa pink. Quando elas puseram os olhos sobre mim, percebi que me reconheceram, mas logo tentaram disfarçar a reação com falsos sorrisos. Fui para a suíte e despejei as roupas sobre a cama, algumas esportivas, outras mais descoladas, vestidos de curtos de festa, pijamas, lingeries coloridas. Afastei da mente a imagem de

quem as comprara, com certeza a pessoa que escolhera as peças tem bom gosto e o fato de que tinham acessórios combinando era mais uma prova de que aquilo não havia sido escolhido aleatoriamente pelos capangas de Romano.

Experimento um vestido preto com mangas largas e botas sem salto na cor creme. Alguém bateu à porta.

— Podemos entrar? — perguntou uma delas espiando pela fresta.

Sentei na cama ainda bagunçada para fechar o zíper da bota.

— Entrem.

Elas pareciam modelos, *Barbies* saídas dos catálogos da *Victoria's Secret.*

— Ah, eu sabia que esse modelo ia ficar perfeito com essa bota — Disse a loira com uma pinta saliente na lateral do lábio.

— E você é quem? — perguntei desconfiada.

— Sua *personal stylist*, bobinha. Pode me chamar de Bruna.

— Eu sou a Suzy — a outra sorriu apresentando-se. — Sua *hairstylist*.

Depois de algumas horas, saí do quarto com os cabelos, que outrora chegavam na cintura, sobre os ombros, em camadas leves e desbastadas, com uma franja farta emoldurando meu rosto. Meus cabelos quase negros ganharam um tom mais quente, levemente acobreado. Eu mesma quase não me reconheci quando vi o resultado no espelho.

Confesso que ver a surpresa no rosto de Marco foi bem divertido, assim como ver suas sobrancelhas grossas se arqueando. Ele guardou o celular no bolso e interrompeu a ligação sem dar detalhes. Caminhei até ele e o peguei pelo casaco, fiquei nas pontas dos pés para conseguir alcançar seus lábios.

Sua boca tomou a minha em uma ânsia que parecia prestes a me devorar ali mesmo, eu consegui o afastar com custo, minhas pernas tinham a consistência de uma geleia depois daquele beijo. Com os lábios ainda formigando e com seu sabor em minha boca, eu consegui dizer apenas um “obrigada”.

***

Os meses se passaram e nós continuamos ali, Marco não queria arriscar tentar me tirar do país em uma viagem tão longa. Durante esse tempo, ele demonstrou um lado atencioso que eu jamais imaginei que pudesse existir em um homem tão bruto como ele. Nossas noites eram quentes como o inferno, seu corpo era um pecado ao qual eu não cansava de me esbaldar.

Não éramos apenas nós dois em uma lua de mel e o crescimento da barriga evidenciava isso a cada dia. Jamais conversamos sobre a gravidez ou o que eu faria depois que o bebê nascesse. Aquilo era um mistério para o qual ainda não estávamos preparados. Eu não havia feito uma consulta sequer, nenhum acompanhamento e, com o transcorrer dos dias, aquilo me preocupava cada vez mais.

São Paulo, 12 de Março de 2017

— Me ensina a dirigir? — pergunto logo depois do almoço, dando pequenos puxões em sua barba loira, minha cabeça estava deitada em seu peito.

A risada dele foi gostosa de ouvir. Eu queria ter o poder de fazê-lo rir mais vezes.

—O quê? De jeito nenhum! — retruca.

— Ué? Posso assaltar um banco, aprender a atirar, aprender como castrar um homem com um canivete minúsculo, mas não posso dirigir?
— Com essa barriga? — ele protesta. — Não acho uma boa ideia.

Salto da cama com o cenho franzido em indignação. Eu posso fazer tudo como antes, com exceção, é claro, amarrar os tênis.
Romano ri mais uma vez e suspira. Ele vestia uma camisa branca que agarrava-se com perfeição aos seus músculos definidos e usava um jeans desbotado, suas pernas cruzadas uma sobre a outra de maneira que as botinas escuras ficassem para fora da cama.

E, naquele olhar, eu percebo que venci aquela disputa. Passo a mão pelo meu vestido azul sem mangas e calço as sapatilhas.
— Vamos?

Sinto pequenos chutes na minha barriga, a sensação é tão estranha e surreal, eu ainda não me acostumara com a ideia de que, em alguns meses, eu serei mãe.

Marco pega o carro de Santoro e, enquanto dirige pela estrada deserta, me mostra os pontos básicos, como embreagem e marchas.
— Hum... acho que já entendi, vai me deixar guiar agora ou vai ficar só na teoria — Digo desaforada.
— Tudo bem, espertinha, vamos ver como se sai. — Ele estaciona no acostamento, desce do carro e faz a volta pela frente do automóvel.
Solto meu cinto e também saio, batendo a porta atrás de mim. Assim que meus pés tocam o chão, sinto um líquido escorrer pelas minhas pernas.

— Marco, a bolsa estourou.

CAPÍTULO 29 – PROMESSAS

Catarina Vallenti

A primeira contração foi tão intensa que, se Marco não tivesse me amparado, eu teria caído de joelhos no asfalto. Cravei as unhas nos músculos de seus braços quando a segunda veio minutos depois, mais intensa que a primeira. O pensamento de que havia alguma coisa errada era assustador. Era cedo demais, pelas minhas contas, eu estava prestes a fechar sete meses de gestação. Talvez houvesse alguma coisa errada com meu bebê.

— Morena, o que está sentindo? — ele pergunta com voz grave, tão nervoso quanto eu.

—Dor — grito alto, sentindo o suor frio escorrer por meu rosto. — Muita doooor.

Os músculos de meu ventre se torciam como se ganhassem vida própria, de forma tão intensa que a dor irradiava para o meu quadril em ondas diabólicas quase insuportáveis.

— Faz alguma coisa — suplico, olhando em seus olhos azuis.

Ele olha ao redor, calculando mentalmente a distância que estávamos do hospital mais próximo.

— Rápido, Marco. Não estou aguentaaaannnndoo — Gemo, sofrendo com aquela dor que parecia prestes a me rasgar ao meio.

— Calma, estou pensando — ele rosna impaciente, passando a mão pela barba loira, tentando não demonstrar seu nervosismo.

Meu sexo lateja de dor e sinto sua intensidade aumentar em um grau que eu jamais pensei ser capaz de suportar. Romano me carrega no colo, abre a porta traseira do lado do passageiro e me coloca com cuidado deitada no banco.

—O que vai fazer? — pergunto, puxando o ar com força, enchendo os pulmões, tentando acalmar meu corpo para as contrações que viriam a seguir.

Marco tira o telefone do bolso da calça, ele andava de um lado para o outro com o celular colado ao ouvido.

— Marcoooooo!

— Porra! — ele esbraveja, arremessando o celular contra a lataria do carro. — Caralho de bateria.

Estávamos incomunicáveis, isolados em uma estrada deserta, no alto calor escaldante do verão. Eu tentava inutilmente afastar os pensamentos ruins, mas eles se multiplicavam em minha mente como vermes.

Ele não vai nascer. Você acha que Marco vai continuar com você com o filho de outro?!

Isso é um castigo, você nunca vai ter uma família.

Ninguém vai amar você!

Seu filho nascerá morto.

Você vai morrer nesse parto.

— Não, não, cale a boca! — grito para a voz em minha cabeça se calar.
Eu sentia que o tempo estava se esgotando, tudo em minha vida havia sido rápido e intenso demais e a dor que me consumia parecia estar me arrancando dela.
— Marco, qual é a distância até a cidade mais próxima? — pergunto, enxugando o suor e lágrimas que se misturavam e escorriam pelas maçãs de meu rosto.
— Umas duas horas — respondeu, olhando para o meu ventre protuberante. — Se conseguirmos chegar a tempo, você será presa de novo.
— É isso ou nós dois morreremos aqui. Eu sei que tem alguma coisa errada. — Meu choro tornou-se mais desesperado e aflito, eu não queria perder a única chance de ter o meu pequeno anjo. — Prometa que voltará por mim.

Marco acomoda minhas pernas para dentro do carro e faz a volta para entrar no lado do motorista. Eu sentia a ira de Romano mesmo a distância, era quase palpável. Claro que a única pessoa que ele queria exterminar naquele momento era Ian Salvatore. O problema era a dúvida, apesar de não saber quem era o pai da criança que lutava para nascer, eu já a amava, queria ter a chance de tê-la em meus braços, aconchegá-la.
— Morena, fica acordada. — Sinto a mão de Romano me chacoalhar, ele olhava para trás e segurava o volante com apenas uma das mãos.
— Por favor, promete que vai cuidar dele se eu me for, promete? — imploro, sentindo o estômago embrulhar em um enjoo.

— Quieta, Morena, trate de ficar bem até chegarmos ao hospital — ele diz impaciente.
— Marcooooo... — O som do meu grito foi abafado pela buzina histérica do caminhão que vinha a nossa frente.

Meu corpo choca-se com o teto aveludado do carro, os cacos de vidro voam em câmera lenta contra meu rosto, meu único instinto é tentar proteger a barriga, meus braços envolvem meu ventre na tentativa de minimizar o impacto, o tecido branco infla em uma fração de segundos quando a dianteira do Vectra negro se desmancha contra o caminhão.

Nosso carro é arrastado por alguns metros, até ser arremessado contra o lado da estrada. Quando o movimento insano finalmente cessa, eu posso ouvir uma voz carregada com um sotaque nordestino.
— Moço. Eu vou ter que tentar tirar você daí, está vazando gasolina do seu... — O som de um tiro me faz estremecer, menos de um segundo depois, ouço algo cair no chão.
Marco, o que você fez? Minha mente turbulenta não consegue organizar os pensamentos e verbalizá-los.
—Morena. Fale comigo — ele grita, livrando-se do airbag ainda inflado.
A contração vem com mais força dessa vez, me fazendo gritar com vontade. A pressão em minha boceta é terrível, sinto um líquido quente e viçoso escorrer por entre minhas pernas. E logo o cheiro de sangue se mistura ao de gasolina.
— Marco, me tira daqui. Isso vai explodir.

Ouço-o chutar a porta para sair. Alguns segundos depois, ele verifica os ferimentos de meu rosto e braços enquanto me carrega

para fora do carro destroçado. Os pequenos cortes causados pelos vidros estilhaçados não chegam nem perto das dores causadas pelas contrações.

Romano me deixa em uma grama baixo, perto do acostamento, eu tento segurá-lo antes que ele volte a ficar de pé, mas o simples movimento faz com que eu me contorça de dor.

— Por favor, não me deixe. Eu preciso de você — eu imploro, sentindo as lágrimas quentes rolarem por meu rosto. — Fique.

Marco se ajoelha ao meu lado e toma minhas mãos trêmulas entre as suas mãos quentes. Aperto seus dedos com força assim que outra contração faz com que meu corpo arqueie de dor. Romano se posiciona entre minhas pernas e respira fundo.

— Você vai ter que empurrar essa criança para fora — ele diz sem nenhum tato.

—Você acha que eu vou parir aqui na grama, sem anestesia, sem nada, como uma cadela ? — grito furiosa.

A pressão em meu quadril se intensifica e não tenho outra saída senão dobrar meus joelhos e afastar as pernas para que ele me ajude. Romano ergue o tecido leve de meu vestido até a cintura. Fecho os olhos, não sou capaz de encará-lo nos olhos enquanto ele remove minha calcinha.

— Nãaaaaaoooo — grito histérica, sentindo algo rasgar dentro de mim, deixando um rastro de dor e fogo puro.

— Empurra, Morena, estou vendo alguma coisa — ele anuncia, secando o suor que se acumula em seu rosto com o braço, e então volta a posicionar as mãos ali.

Eu respiro rápido, nessas horas é fácil esquecer movimentos básicos como inspirar e espirar. Porque a única coisa que passa

pela mente é quando a maldita dor terá fim. Seguido de uma aflição agonizante, o silêncio de Marco me assusta quando a dor finalmente cessa. Meus batimentos estão tão acelerados que a possibilidade de que arrebentem meu peito não parece tão absurda assim.

Por favor, Deus, por favor. Rezo silenciosamente para que Marco diga qualquer coisa, menos aquilo que eu mais temo.

— Perfetto — ele sussurra em italiano.

Inclino o corpo reunido minhas últimas forças e o vejo cortar o cordão umbilical com uma pequena faca que trazia consigo no cinto da calça. Como mágica, eu não sinto absolutamente nada, a não ser a alegria que me sufoca e faz as lágrimas pinicarem meus olhos em uma emoção sem tamanho.

Romano me entrega aquele ser pequenino, bracinhos e pernas ainda avermelhados, um menino roliço e saudável, sem um único fio de cabelo na cabeça, os grandes olhos azuis parecem observar cada movimento de meu rosto, um pequeno choro de protesto me faz sorrir diante de sua perfeição, sua pele branquinha quase rosada, as sobrancelhas apenas uma leve penugem loira e, naquele menino, eu sinto a junção de nossos traços, meu nariz, os olhos de Marco, a pele clara. Acaricio sua bochecha com o dorso da mão e sinto uma onda de dor invadir meu corpo, anunciando que meu trabalho ainda não está terminado.

—Marco. O que está... AHHHHHHHHHHHHHHH — Grito alto, sentindo a pressão aumentar, e então meu corpo relaxa sem forças.

Ele acomoda o pequeno bebê contra seu corpo, aninhando-o contra seu peito. Diferente do que seguro em meus braços, consigo ver os fartos cabelos negros úmidos, ele chora alto.

Gêmeos?! Mal posso acreditar quando ele me entrega o pequeno e o aconchega em meu braço direito.

— È bella. — elogia, passando a mão pelos cabelos da pequenina em meu braço.

O intenso azul dos olhos daquela pequena boneca de porcelana me era familiar, eu conhecia apenas um homem com aquele tom divino. Ian.

Marco tira a camisa manchada e coloca sobre nós. A sensação de ter aqueles dois coraçõezinhos batendo contra o meu peito era maravilhosa. Eu poderia morrer depois desse momento, eu já havia contemplado as miniaturas mais perfeitas dos amores da minha vida e agora eu tinha a prova de ambos em meus braços.

Marco ficou de pé e foi até o corpo do homem caído na estrada, ele tateou por sua camisa e bolso das calças até encontrar um celular. Pela distância, não pude ouvir para quem ele ligava. Romano voltou até mim e se ajoelhou ao meu lado, ele contemplou-nos durante alguns segundos, antes de dizer com a voz rouca: —Eu prometo cuidar de vocês três, dar-lhes tudo, eu só preciso de uma coisa, Morena. — Faz uma pausa. — Quero sua fidelidade absoluta, até o fim.

— Você sabe que eles podem não ser seus filhos — respondo com medo na voz.

— A partir de agora eles serão e você nunca mais repetirá isso. Consegue me prometer isso, Morena?

Olho mais uma vez para aqueles pequenos anjos aninhados em meus braços, esculpidos em pura perfeição.

— Isso é um pedido de casamento? — brinco, sabendo da intensidade daquela promessa.

Marco sorri e afasta minha franja do rosto. Fecho os olhos e suspiro devagar, agradecendo silenciosamente a Deus por minha prece atendida.

— Eu prometo ser fiel até o fim — respondo o encarando em seus olhos azuis, então minhas pálpebras se fecham sozinhas pelo cansaço.

Quando abri os olhos novamente, já estávamos de volta à casa de campo, o refúgio no qual nos abrigamos todos esses meses. Eu estava só na imensa cama de casal, pela janela do quarto, já se percebia que a noite havia chegado. Coloquei a mão sobre a barriga não mais tão volumosa e estremeci. Meus bebês!

Levantei da cama cambaleando e saí porta afora. Na sala de estar, encontrei Marco se balançando com meu casal de anjos. Ele carregava um em cada braço, estão envolvidos em mantas acetinadas rosa e azul.

Sinto as pernas fraquejarem, volto para o sofá e desabo sem forças.

— Você precisa descansar. — Uma enfermeira se aproximou, trazendo alguns travesseiros, me acomodo no sofá e adormeço olhando para Romano, que os embala lentamente sob a luz do luar que entra pela janela da sala.

Sardenha / Itália, 17 de junho de 2017

A basílica de San Simplicio, à primeira vista, me fazia lembrar dos castelos medievais, completamente esculpida em pedra, seu interior tinha um toque único, diferente das outras catedrais de

Florença, algo que eu não sabia explicar direito. Talvez por ter sido o local que escolhemos para batizar Bella e Sthefan.

Os gêmeos já estavam com três meses e agora deveriam estar na primeira fileira, no colo de Maria, a cuidadora que estava me auxiliando nesses primeiros meses.

Eu já podia imaginar Marco parado no altar, vestindo seu traje de noivo, a imagem da perfeição, com os cabelos loiros para trás e a barba bem aparada que ainda lhe conferia o toque irresistível de bad boy que me conquistara à primeira vista. Não haviam convidados em nossa cerimônia, não havia família, além dos gêmeos, para testemunhar nossa união.

Tive que vestir meu vestido de noiva às escondidas, na sacristia. Eu ainda era procurada e não podia correr o risco de ficar longe de meus pequenos. Nem fiz questão de saber como Marco havia convencido o padre a nos casar. Nossa família fugia absurdamente do convencional, mas ainda estava faltando algo.
Pelo espelho, percebi que um menino me espiava enquanto eu terminava de fechar o vestido branco.
— *Ehi , ragazzo , si prega di chiamare prete.** (Ei, menino, chame o padre por favor).

Erguendo a barra do vestido, caminhei até o confessionário. Meus dedos alisavam o anel de diamante que cintilava em meu dedo anelar. Fiquei com raiva de mim mesma por deixar que Ian invadisse meus pensamentos mais uma vez, ele parecia estar tão perto, eu quase podia sentir o seu perfume, o seu maldito inebriante perfume.

A porta do confessionário foi aberta e, então, eu não estava mais só, meus olhos não podiam acreditar na visão do homem à

minha frente, ele vestia uma batina negra de um tecido pesado, o rosto coberto por rugas, os cabelos pretos agora estavam marcados por mechas grisalhas.

— Pepa, você está linda.

Meu coração pulou uma batida ou talvez duas, ele não podia ser capaz daquilo, me abandonar e voltar disfarçado para atormentar meus pensamentos. O tapa que desferi contra seu rosto foi certeiro e fez a palma de minha mão arder. Ian removeu a máscara bem feita e percebi que o maldito estava tão lindo quanto da última vez que eu o vi. O dia em que ele me abandonara para fugir com a cobra ruiva. Ergui minha mão para desferir outro tapa, mas Salvatore foi mais rápido, prendendo meu pulso contra o alto da cabeça, fazendo meu corpo bater na madeira do claustrofóbico confessionário.

— Eu vou gritar, e sabe o que Marco vai fazer quando o descobrir aqui? — sussurrei furiosa, sentindo o corpo aquecer de raiva. — Vai meter uma bala no...

Ian me colou seus lábios aos meus, por mais que eu tentasse revidar, meus braços envolveram seu corpo em um abraço desesperado, sua língua invadiu meus lábios, reconhecendo cada milímetro do interior de minha boca, nossos gemidos eram curtos e abafados, ambos sabíamos do perigo, meu corpo se entregava à sensação de estar mais uma vez em seus braços, sentido seu sabor, nos deliciamos com o sabor daquele beijo, como um sedento saboreia a água em meio ao deserto, meus seios doíam de desejo e meu corpo implorava para que ele me tomasse mais fundo, me consumisse e me fodesse ali mesmo.

Um estalo em mim reacendeu toda a dor causada por ele, todo o ressentimento, eu não podia simplesmente esquecer que ele havia me abandonado. O empurrei o suficiente para que ele afastasse seus lábios dos meus. Minha boca ainda formigava pela intensidade do beijo.

— Você é um filho da puta — Protestei, esfregando a boca para tirar o gosto dele de meus lábios.

Ian se ajoelhou aos meus pés e segurou minhas mãos entre as suas.

— Me ouça, não temos muito tempo. Pepa, por favor, acredite em mim, eu juro por tudo o que é mais sagrado, não abandonei você.

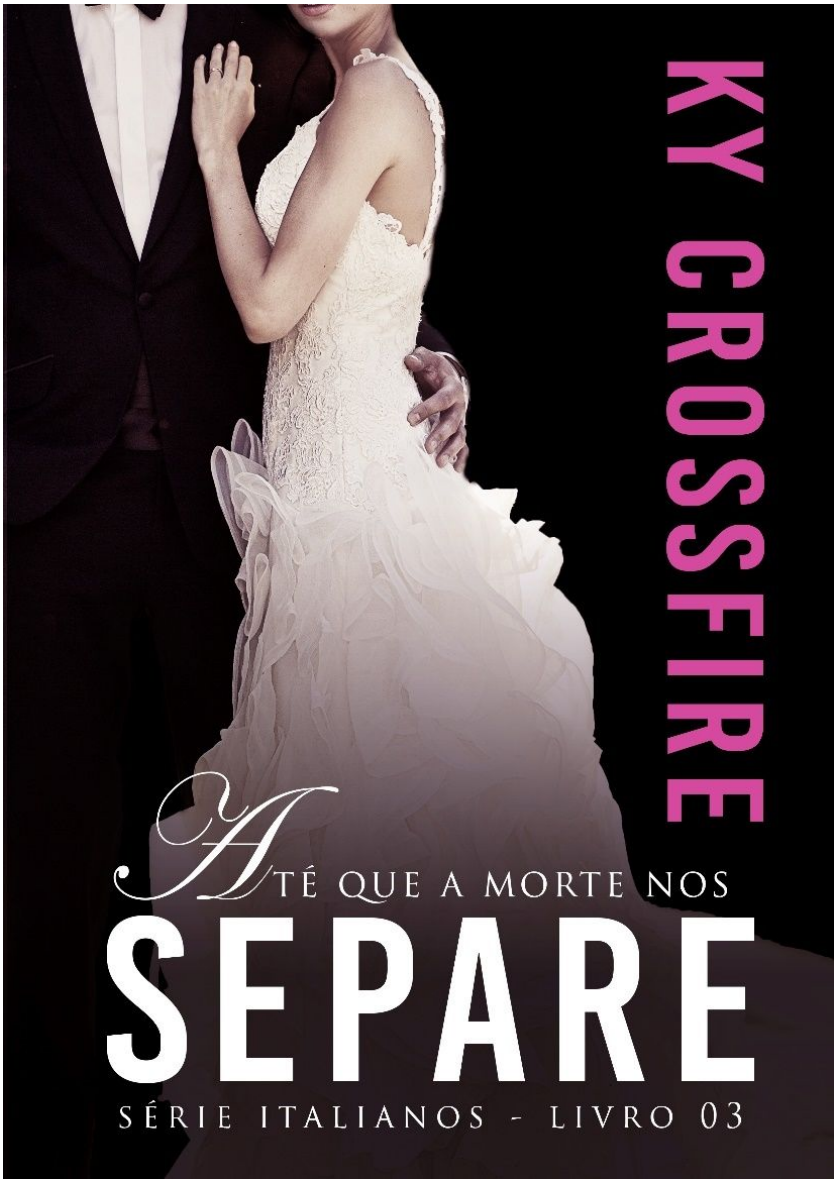
O quê? Como ele tinha coragem de mentir me olhando nos olhos daquela maneira?!

— Eu digo que o amo e vinte e quatro horas depois sou envenenada e tudo pra quê? Pra você fugir em lua de mel com aquela puta ruiva?

Passei as mãos pelos cabelos e desamassei a saia volumosa do vestido branco. Com o indicador, limpei algumas lágrimas que escorreram pelos cantos dos olhos, antes que borrassem minha maquiagem.

— Morena? — Ouvi a voz de Marco me chamar não muito longe dali. Estremeci, sentindo o coração martelar em meu peito, eu precisava escolher de uma vez por todas.

LIVRO 3 – ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE


KY CROSSFIRE
Até que a morte nos
SEPARE
SÉRIE ITALIANOS - LIVRO 03

CAPÍTULO 1 – DESPEDIDA DE SOLTEIRA

7 dias antes do “sim”

Catarina Vallenti

“— Por favor, Marco — eu insisto em voz baixa para não acordar as crianças que dormem tranquilamente no berço no quarto ao lado do nosso. — Eu ouvi você falar com o Montana que precisa de um negócio de fachada, por que não pode ser uma livraria?
Aliso sua jaqueta de couro e faço um beicinho, mas ele, irredutível, me pega pelos pulsos imprimindo certa força.
— Eu já disse que não — ele rosna. — Eu não quero você metida nos meus negócios. Trate de se ocupar com a Valentina e o Stephan.
Apesar de seu tom, eu não desisto, não quero ficar trancafiada dentro de casa, já temos novas identidades e, nesse fim de mundo,

ninguém me reconheceria se eu trabalhasse durante meio período numa livraria.

Choramingo e esfrego o rosto em sua barba aloirada, ele cheira a cigarros, bebida e um toque de couro. Olho para seus dedos apertando minha pele.

— Não me trate como um bibelô, eu quero fazer alguma coisa.

— Então faça compras, mude o cabelo, mas dos meus negócios cuido eu. Lembra da última vez em que te levei em uma viagem? Aquele colombiano filho da puta... — Ele não termina a frase, mas sei bem do que ele está falando, daquele gordo asqueroso que tentou me agarrar à força.

Marco solta meus pulsos e me pega pela cintura.

— Não me confunda com o Ian, Morena. — Sua voz é firme. — Não sou um ladrãozinho que bate carteiras por aí. Quando eu digo não, é não.

Marco se inclina e me rouba um beijo rápido. A brutalidade de seus lábios me deixa atônita e molhada.

— Claro que não, Marco — digo sem fôlego quando ele afasta os lábios dos meus. — Você é melhor.

Sua expressão de irritação se suaviza, ele estreita o olhar e me puxa para cama logo atrás dele. Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso que eu conheço bem.

Marco me encaixa em seu quadril e, mesmo que ele esteja usando uma calça jeans, consigo sentir o volume e a rigidez de sua ereção.

Desde o nascimento dos gêmeos, não tínhamos feito nada, três meses sem sexo ao lado de um homem com Marco é demais para o psicológico de qualquer mulher.

Romano enfia as mãos por dentro de minha blusa e acaricia meus seios, roçando os polegares em meus mamilos. Um gemido escapa de meus lábios.

— Gi, você está aí? — Reconheço a voz da mulher de Montana, um dos capangas de Marco. Reviro os olhos e lembro que tinha combinado de sair com ela e com mais duas garotas.

“Giovana.” Ah... Só Deus sabia o ódio que eu tinha desse nome, ele não combinava comigo.

Faço menção de levantar, mas Marco me prende contra seu corpo e, com um movimento rápido, já estou deitada na cama enquanto ele arranca minha meia calça e ergue minha saia, deixando minha intimidade nua.

— Não — sussurro. — Elas estão aí fora.

Ele se livra da jaqueta e da camiseta branca, meus olhos vão direto para suas tatuagens. Marco coloca o preservativo e vem para cima de mim, me prendendo entre seus braços.

— Primeiro, eu vou te comer, o resto é o resto — ele rosna e me penetra.

Suas estocadas são fundas e fazem meu corpo estremecer a cada vez que ele soca mais e mais para dentro de mim. Eu me agarro a seu corpo musculoso e cravo unhas e dentes, marcando sua pele, é única maneira de conter os gemidos que escapam de meus lábios contra a minha vontade.

— Isso, Morena. Quero essa bocetinha bem melada — ele elogia quando sente que estou gozando. Um segundo orgasmo me atinge com mais força, mas, como uma máquina bem lubrificada, Marco continua e intensifica o ritmo.

— Querida, você está aí? — Alessandra pergunta do outro lado da porta.
— Responde, Morena. Fala que agora está sendo fodida e não pode atender — Marco me provoca.
Romano tira o membro de dentro de mim e me vira de quatro na cama.
— Esse rabo... — rosna e agarra minha bunda, me puxando contra sua ereção.
Ele enterra os dedos em meu quadril e volta a estocar, de novo, e de novo. O barulho de sua pele se chocando contra a minha faz os cochichos das visitas cessarem.
Romano se inclina sobre mim e me pega pelos pulsos, recosto o rosto no colchão e mantenho a bunda empinada, para cima, dessa maneira, ele me puxa contra seu corpo em uma explosão de prazer quente e furiosa, sinto a cremosidade escorrer por meu sexo, deixando suas estocadas ainda mais deliciosas.
Marco urra e atinge um clímax animalesco, com aquele toque selvagem que é só dele. Quando ele sai de dentro de mim, eu relaxo no colchão com o corpo exausto e saciado.
Recobro o ar e sinto meu coração batendo acelerado contra o peito. Um chorinho vem do quarto ao lado. Eles acordaram.
Marco termina de se vestir, e vou para o banheiro que tem em nosso quarto tomar uma ducha rápida.

***

— Gi, está vestida? — Alessandra bate à porta.
Dou uma risadinha e respondo:
— Entra.

Ela entra e olha pelo quarto. Termino de calçar a bota e passo as mãos na saia.
— Uau... O que o sexo não faz com uma mulher. — Ela ri. — Uma trepada é um santo remédio.
— Cale a boca — xingo e rio junto. — Onde vocês vão me levar essa noite?
Alessandra escora o corpo voluptuoso na cômoda e masca o chiclete.
— Surpresa, meu bem.
Termino de me maquiar em frente ao espelho e logo Donatela e Giulia se juntam a nós.
— Ah, Gi, eles são muito fofos — Giulia elogia e gesticula. — Aquelas mãozinhas gordinhas.
— É, dá vontade de morder — Donatela completa. — Marco está lá com eles, a Maria está preparando as mamadeiras.
Pego meu celular das mãos de Alessandra e confiro as horas, onze e meia.
— Vamos, vacas — xingo carinhosamente. — Não quero ficar muito tempo fora.
— Nem vem — Alessandra provoca. — Deu até ficar assada, agora que chegou a hora de sair com a gente quer ficar em casa de molho porque não consegue nem andar.
— Muito engraçada. — Eu a fuzilo com o olhar e enfio o celular na bolsa.
Romano está sentado no sofá da sala com Valentina em um braço e Stephan no outro.
— Quais seus planos para hoje à noite? — pergunto enquanto pego o celular na bolsa e tiro uma foto dos três.

— Noite do pôquer.
Eu sabia do que se tratava, já tinha ido algumas vezes com ele e os outros, mas isso antes da minha barriga começar a aparecer. Noite do pôquer para um marido qualquer era ir até a casa de um amigo, onde os homens se reuniriam, fumariam alguns charutos, beberiam cerveja e falariam sobre esportes e mulheres. Porém, Marco Romano estava longe de ser um homem comum. Quando ele dizia noite do pôquer, eu já entendia, alguns dedos seriam quebrados, dependendo da dívida, membros amputados, porque, como eu expliquei antes, Marco está longe de ser um homem comum.
Inclinei-me e dei um beijo em seus lábios, sua barba loira fez cócegas em minha boca. Ouvi as risadinhas das garotas. Depositei um beijo em cada uma das fofuras que Marco carregava nos braços e saí.
Eu não tinha que dizer para ele ter cuidado. Os homens que cruzariam seu caminho essa noite é que precisariam de cuidado, afinal de contas, Marco era conhecido como cruel impiedoso e nunca esquecia uma dívida.

***

Alessandra estaciona o carro em frente a um inferninho com letreiro neon na cor vermelha.
— Aqui?
— Para, Gi, não reclama. — Giulia sorri eufórica.
Todas descemos do carro e o segurança empurra a porta para que entremos.
— A noiva chegou — Donatela berra e logo garçons mascarados se aproximam de nós.

Giulia aponta para mim. Os homens que dançam ao nosso redor usam apenas calças escuras e sapatos fechados; no rosto, máscaras venezianas carnavalescas. Dois me carregam nos braços e dou uma risada, sentindo-me a própria Marylin Monroe.

Parece que o lugar foi fechado para a festinha particular organizada por elas. Os dançarinos me levam para o centro da danceteria. Elas me cercam e dão gritinhos de excitação quando a dança começa.

— Aproveite, Gi! Depois de casada, essa mordomia acaba — Alessandra grita para mim.

Eu a puxo para meu lugar e fujo para o bar, onde um barman mascarado cumprimenta-me apenas com um meneio de cabeça.

— Quatro tequilas, por favor.

Pego meu celular na bolsa e olho para a foto que tirei há menos de uma hora. Eu ia me casar com Marco, nunca tinha me imaginado casada na vida, a não ser com Leo, aquele cachorro safado que me enrolava e me traía.

O barman coloca os quatro copos no balcão e serve as bebidas sem dizer nada. Ele também coloca uma tigela com amendoins e sai por uma porta lateral, deduzo que dê para a cozinha.

Bebo o primeiro shot e sinto o corpo aquecer. Olho para o centro da boate e as três estão dançando enlouquecidamente com os homens mascarados e musculosos. Bebo o segundo shot e me sinto culpada por não estar conseguindo aproveitar minha despedida de solteira tanto quanto eu deveria.

A música eletrônica reverbera pelo lugar, e eu começo a me animar aos poucos, bebo o terceiro e o quarto shot antes de ir agitar com as garotas. Dançamos, rimos bebemos, dançamos mais um pouco.

Agora já perdi as contas de quantas tequilas tomei, eu e Giulia caminhamos abraçadas até o balcão, cambaleando bêbadas.
— Amiga, você podia casar uma porção de vezes. — Sua voz sai enrolada. — Para nós dançarmos com esses gostosos toda hora.
Eu dou risada e me apoio sobre o vidro do balcão que me separa do barman.
— Ei, você. — Estreito o olhar e aperto os olhos. — Acho que eu conheço você de algum lugar.
Giulia dá risada e balança o copo vazio.
— Aqui, lindo, enche mais um pouquinho, olhos azuis.
Ela dá um berro.
— Já sei, ele é parecido com aquele cara do ”Magic Mike”, sabe? Aquele de cabelos pretos e olhos azuis.
O barman continua sério e nos serve sem dizer uma palavra.
Giulia suspira e inclina o copo em um brinde.
— Aos homens gostosos. E parabéns, Gi. O Marco é um puta gostoso. Com todo o respeito, é claro.
— Amém — retruco.
Volto a encarar o garçom. Meu pai do céu, eu podia jurar que o conhecia. Se não fosse por essa máscara...
Esvazio o copo e aponto o dedo para ele.
— Você — chamo. — Venha aqui.
O barman salta sobre o balcão em um movimento rápido e ágil. Ele se posiciona entre nós duas e me encara. Esse perfume, é tão familiar.
— Isso, gostoso. — Giulia dá um beliscão em seu traseiro e o empurra para mim. — Se a noiva do Romano está chamando, é melhor você obedecer.

O homem mascarado me conduz para longe do balcão e coloca as mãos em minha cintura, não, ele não está dançando como os outros, seu toque é mais íntimo e a maneira como ele me olha...
Não, não, não.
É a bebida... não devia ter bebido tanto.
Ele me rodopia e me envolve em seus braços de novo, o calor de seu corpo é muito intenso, o perfume cítrico marcante que eu senti apenas uma única vez. Balanço a cabeça e tento afastar os pensamentos, preciso de ar.
Como ele tem a audácia de dar as caras depois de tanto tempo, depois de ter me abandonado e fugido com outra? Eu preciso confirmar se estou dançando com o Ian.
— Fale alguma coisa — peço com a confusão dançando em minha mente.
Seus olhos azuis me hipnotizam, claro que é ele, Salvatore. Ian Salvatore.
— Oi, Pepa — ele diz com a voz rouca, seria impossível esquecer o timbre de sua voz, era inconfundível.
Coloco as mãos em seu peito e tento afastá-lo, está tudo girando rápido. Lembro do veneno, de Max, de Ian me deixando, fugindo com outra... o vômito nele, o líquido quente e viçoso escorrendo entre nós dois. Minha cabeça pende para trás e não consigo mais manter meus olhos abertos, o que é uma pena porque eu queria xingá-lo, bater nele, gritar até que não houvesse mais voz, mas a única coisa que consegui foi dar uma bela vomitada no italiano safado.

CAPÍTULO 2 – CASAMENTO X OSSOS DO OFÍCIO

6 dias antes do “sim”

Catarina Vallenti

Acordei ouvindo Marco cantarolar uma música de ninar quase em um sussurro para Valentina e Stephan que estavam quase pegando no sono. Ajeitei-me na cama e senti o gosto forte da pasta de dente, isso sem falar na bigorna de trezentos quilos que parecia acertar minha testa cada vez que eu piscava ou respirava mais fundo.
— A festa foi boa ontem à noite, Morena? — ele pergunta em voz baixa.
Faço uma careta. Não consigo lembrar de quase nada, há tempos eu não bebia tanto quanto ontem.
— Deve ter sido, mas a ressaca não compensa — confesso.
Penso em perguntar como foi a noite dele, mas desisto, não quero saber os detalhes da noite do pôquer, ainda mais com o estômago

embrulhado, ao avesso.
Noto que a camiseta branca que ele usa por baixo da jaqueta de couro tem algumas manchas de sangue. Meu coração aperta, e eu vou até ele.
— Você está bem? — Ergo a barra da camisa, encontro apenas o abdômen trincado coberto por tatuagens. Suspiro aliviada.
Ele sorri diante da minha preocupação.
— Calma, Morena. Eu estou bem. O sangue não é meu.
O coração volta a bater, aos poucos, em um ritmo mais tranquilo. Fico na ponta dos pés e dou um selinho rápido em seus lábios. Olho para meus pequenos, faço carícias leves em suas bochechinhas coradas e fofas.

***

Depois do banho, passo a manhã com eles, talvez o ar fresco faça eu me sentir melhor. Acomodo os dois no carrinho de passeio e coloco uma pequena mala na parte de baixo, com roupas, fraldas, o kit todo. Cada vez que saio com eles, tenho a impressão de que estou prestes a me mudar, por causa do tamanho da mala.
Romano está no celular, ele fala algo em alemão, uma língua que nunca tive paciência de aprender. Ele interrompe a conversa e coloca a mão no celular.
— Morena, onde vai?
— Dar um passeio, preciso de ar. Ainda estou enjoada por causa de ontem, acho que caminhar vai me fazer bem.
— Não. — Sua voz é dura. — Não quero que saia hoje.
— Por quê? Aconteceu alguma coisa? — Tiro os óculos escuros do rosto e os coloco sobre a cabeça.

Ele leva o telefone ao ouvido e fala mais alguma coisa que não compreendo e, em seguida, desliga.

— Atacaram o depósito, levaram o carregamento e atearam fogo no laboratório.

Coloco a mão na boca e roo a unha do polegar, tentando conter o nervosismo.

— Já faz ideia de quem está por trás desse ataque?

Ele balança a cabeça negativamente e passa a mão direita pela barba loira.

— Não, mas, em breve, o filho da puta que fez isso será um homem morto — rosna furioso. — Agora, fique em casa.

Ele sai da sala irritado e fecha a porta. Espio o que eles estão fazendo pela janela da sala, Santoro e Montana estão carregando a traseira da Ford Ranger com metralhadoras. Pego o celular no bolso da calça jeans e envio uma mensagem para Donatela.

Eu: Oi, você sabe o que está acontecendo?

Ela não demora muito a responder.

Donatela: Não sei de muita coisa, parece que uma gangue de latinos está nos limites da cidade. Não entendi muito, ainda estou mal por causa de ontem.

Eu: Também estou. Não lembro de nada.

Donatela: Você bebeu todas, depois dançou com o barman e vomitou o cara todo.

Sério? Não lembro de nada disso.

Eu: Ah, que vergonha, talvez seja melhor mesmo eu não lembrar.

Sons de batida na porta chamam minha atenção. Espio pela janela mais uma vez, Marco e os outros já se foram. Maria aparece no

corredor, e eu faço sinal para que ela leve Valentina e Stephan para o quarto.

— Se tranque lá com eles — cochicho.

Maria faz o que peço sem contestar. Marco deixará pistolas automáticas espalhadas pela casa, em pontos estratégicos. Espero não precisar de nenhuma delas. Chego mais perto da porta e espio pelo olho mágico. Do outro lado, vejo uma senhora já com certa idade, rugas fundas e marcas do tempo em um rosto cansado. Lembro de já tê-la visto algumas vezes no mercado.

Abro a porta. A senhora a minha frente tem um terço enroscado nas mãos que estão unidas na frente do peito. Marcas fundas debaixo de seus olhos denunciam que ela não dorme há dias.

— Desculpe incomodar nesse horário. — Ela olha para dentro da casa. — Será que eu posso falar com o senhor Romano?

— Marco não está, quer entrar um pouco? — Abro a porta um pouco mais, esperando que ela aceite meu convite.

A senhora esfrega os dedos no terço buscando algum tipo de força.

— Entre, vamos conversar até que ele chegue. — Toco seu braço e a convido para dentro mais uma vez.

Eu mal a conheço, mas ver seu sofrimento me agonia e sinto que preciso ouvir o que ela tem a dizer para talvez ajudá-la de alguma forma.

Nos sentamos no sofá.

— A senhora aceita alguma coisa para beber, um chá, um café? — ofereço. Ela nega e agradece. — Por que não começa me contando o motivo de sua visita?

Ela dá um suspiro triste e carregado de dor.

— Minha neta, Valentina. — Seus olhos enchem de lágrimas.

— O mesmo nome de minha filha — conto.
— Talvez você tenha ouvido sobre seu desaparecimento no noticiário.
Balanço a cabeça. Ouvi vagamente a notícia.
— A polícia encontrou seu corpo há três dias. — As lágrimas caem.
— Minha Valentina era uma boa menina, não merecia isso.
Chego mais perto e tento confortá-la.
— Eu não me conformo com essa injustiça. Ela era pouco mais moça que você.
Já começava a entender o que ela queria com Marco.
— E não pegaram o culpado — deduzo.
Ela segura minha mão com força.
— Eu não tenho mais a quem recorrer. — A voz soa afogada em desespero.
— Com Marco, não há meio termo — explico. — Se ele aceitar isso, não tem como voltar atrás.

***

Esperei Marco por dias, eu era uma refém em nossa própria casa, sem notícias, sem telefonemas, comecei a pensar no pior, dois de seus homens faziam a segurança do lugar, mas sempre que eu os confrontava querendo saber do paradeiro de Marco, eles não me diziam nada de útil. E se ele tivesse me abandonado como Ian fizera? E se ele tivesse morrido em algum tiroteio? Era horrível a sensação de não saber.
Meu celular vibra sobre a bancada da cozinha.
Alessandra: Grande dia. Está nervosa?
Eu: Dia do meu casamento. Só falta o noivo.

Eu rio, mas logo minha risada se transforma em choro e não consigo mais digitar mensagem alguma.
Sinto um braço envolver minha cintura, seguido de beijos e mordidas por minha nuca.
Marco!
— Maldito! — xingo e o empurro, mas ele me puxa de novo para si.
— É assim que você recebe o seu futuro marido? — Sua voz grave faz meu corpo estremecer. Estou tão feliz por vê-lo a salvo. Só Deus sabe todas as possibilidades catastróficas que formei em minha mente durante a ausência dele.
Eu estapeei seu peito duro até que minhas mãos doessem.
— Pare com isso. — Ele me pega pelos pulsos e me fuzila com o olhar.
Estou feliz e furiosa ao mesmo tempo.
— Achei que tinha morrido — grito. — Não podia ter ligado, ou dado sinal de vida. — Eu desabo. — Achei que tinha nos deixado.
Marco abocanha meus lábios, nosso beijo tem um sabor salgado por causa de minhas lágrimas.
— Chega — rosna. — Eu estava cuidando de nossa proteção, da segurança de nossos filhos.
Marco puxa meus punhos fechados para seus lábios, ele beija um, depois o outro, meu corpo relaxa em seus braços. Calma, Catarina, ele não a abandonou como o Ian. Por mais perverso que Marco fosse com os outros, ele prometera cuidar de mim e dos gêmeos.

CAPÍTULO 3 – PECADO

Catarina Vallenti

— E com o poder a mim investido... — O padre, ainda com cara amassada de sono, faz o sinal da cruz em nossa direção. — Eu os declaro marido e mulher.

Olho para Marco, meus olhos marejados de lágrimas, aquele não era, nem de longe, um casamento convencional, claro que não, o homem com os punhos ralados também sabia daquilo.

Nosso início fora conturbado e tempestuoso, ele era um mafioso, um criminoso impiedoso, mas, acima de tudo, nesses meses em que fui abandonada, Marco se fez presente, do jeito dele, mas fez e, quando os gêmeos nasceram, era ele que estava lá para trazê-los ao mundo, e eu serei eternamente grata por isso.

Marco me puxa contra seu corpo e me beija, a barba loira raspa contra minha pele, sua língua enrosca-se na minha, meu corpo se desmancha sob seu abraço forte.

O padre pigarreia, e eu dou leves tapas sobre o peito de Romano para afastá-lo de mim.

Ele sorri e volta sua atenção para Maria, que embala o carrinho duplo onde Stephan e Valentina dormem tranquilamente.
— Pode levá-los para casa. — Sua voz é firme. — Eu e a Morena vamos mais tarde.
Envergonhada com a cena que acabara de presenciar, a babá apenas balança a cabeça e concorda.
Com o coração acelerado no peito, tento controlar todas as emoções.
— Padre. — Marco tenta parecer amigável e coloca as mãos na cintura, o movimento faz com que sua pistola apareça encaixada na calça jeans. — Por que não acha um lugar mais sossegado para contar o dinheiro?
Ele tira um maço de euros.
— Conto com sua discrição. — A voz dele tem um tom ameaçador implícito.
Se o suborno não fosse suficiente, provavelmente, a arma que meu esposo carregava presa à cintura seria, isso sem falar nos carros de seus capangas estacionados lá fora.
O padre pega o dinheiro e desvia o olhar, acompanhando Maria para fora da igreja.
Quando ficamos a sós, ele me puxa de novo e me gira nos braços.
— E se ele chamar a polícia? — digo, passando as mãos pelos seus cabelos loiros que quase tocam o colarinho da jaqueta.
Sua aparência de bad boy selvagem não mudara nada desde o dia em que eu o conheci naquele avião. Eu já não podia dizer o mesmo, viver com italianos tinha me feito pular do manequim trinta e oito para o quarenta dois, beirando o quarenta e quatro.

— Polícia? Você não viu o tamanho do maço de dinheiro que eu acabei de dar a ele?

Ele me coloca no chão e me pega pelos cabelos, forçando-me a deixar o pescoço a sua mercê.

Um arrepio gostoso sobe pelas minhas costas.

— Morena, eu sou o dono dessa cidade, eu posso comê-la onde eu quiser — rosna ao meu ouvido. — Agora deita que eu vou te foder nas portas do céu.

Uma onda crescente de excitação faz meu corpo estremecer e, de imediato, obedeço ao seu comando. Dou alguns passos para trás e desço o zíper lateral de meu vestido de noiva até que o fino tecido caia sobre o tapete vermelho que cobre o altar da igreja.

Marco sorri ao me ver apenas com um conjunto de lingerie branco e *scarpins* prateados. Ele percorre os olhos preguiçosamente por meu corpo e um brilho predatório e quente se instala em seu olhar.

Romano tira sua jaqueta de couro. As tatuagens que cobrem seus braços musculosos ficam à mostra, assim como as duas *Glocks* presas ao jeans.

Ele chega mais perto e se inclina em minha direção, inspirando em meio aos meus cabelos, a umidade entre minhas pernas aumenta quando ele desliza o indicador por minhas costas até chegar no fecho do sutiã. Marco mordisca meu pescoço e me chupa, mas, diferente de sua ferocidade habitual, ele não arranca minha lingerie de uma única vez.

Minhas mãos acariciam as linhas de seus músculos e vão para a barra de sua camiseta branca. Deslizo as unhas em arranhões leves por seu abdômen trincado. Marco me pega pela cintura e me deita devagar sobre o tapete.

Estou atenta a cada detalhe, a cada movimento dele, não quero perder nada.
Romano monta em mim, mas ainda está vestido. Mordo o lábio e estendo os braços, desejando arranhá-lo um pouco mais, pois eu quero mesmo é que ele se descontrole. Com as duas mãos, ele tira as pistolas da cintura, não sem antes deslizar o cano das armas sobre meus seios, atiçando meus mamilos já endurecidos, descendo o metal escuro por meu ventre. Rebolo tentando esfregar-me ainda mais nele, porque o tesão já atinge um limite insuportável.
Um sorriso se forma em seus lábios, e ele coloca as pistolas de lado.
— O que foi, Morena? — Ele se faz desentendido, pega minha mão esquerda e coloca sobre seu pau.
Ele ainda está vestido? Isso é muita injustiça! Se eu vou para o inferno, que seja de escada rolante!
Choramingo e rebolo de novo tentando provocá-lo. Ergo um pouco mais sua camiseta e ele termina de tirá-la. Perco o ar diante de todas as suas tatuagens, desde os símbolos tribais que marcam o abdômen definido até o peitoral e espalham-se pelo bíceps musculoso e parte do antebraço. Tento tocar os desenhos, mas ele prende meus pulsos acima da cabeça e nega meu acesso ao seu corpo.
— Marco — imploro, querendo tocar seus músculos.
— Sabe o que eu vou fazer com esse corpo? — ele rosna bem próximo a meus lábios.
— O quê? — digo quase sem fôlego.
Ele me segura com apenas uma das mãos e a outra, inicia minha tortura, roçando o polegar por meus lábios.

Abro a boca e chupo seu dedo. Marco geme, e seu sorriso sacana se amplia no rosto.
— Primeiro, vou te chupar inteira, até que goze na minha boca.
Meu sexo lateja quando ouço sua promessa.
Marco solta meus pulsos e o sangue volta a circular por minhas mãos, que seguem direto para seus cabelos loiros. Ele desce os lábios até meu queixo, ele tinha um objetivo, me enlouquecer.
Cada vez que Romano me beijava, depositava uma mordida ali e esfregava a barba de um jeito que fazia eu esquecer até meu nome. Primeiro, no pescoço, depois nos seios.
— Quieta — rosna, apalpa meus seios com as duas mãos e os aperta, meu desejo aumenta quando ele esfrega a barba de novo, querendo atiçar meu corpo, gravando seu cheiro em mim, me fazendo sua mais uma vez.
Ele desce um pouco mais e vai para meu ventre e para com a boca próxima a minha calcinha.
Inclino a cabeça para olhá-lo.
— Feche os olhos, Morena — ele ordena, esfregando meu clitóris por cima da renda da calcinha.
Eu não quero obedecer, mas o faço mesmo assim.
Senti ele saindo de cima de mim e quis dar uma espiadinha na direção de seus passos, mas me contive. Ouvi o som do zíper sendo aberto. Hum... Bom... Isso é muito bom. Penso comigo mesma já imaginando Marco nu.
— Continue de olhos fechados — ordena com voz firme.
Ele está bem perto de mim. Sinto as mãos de Marco em meu quadril. Ele puxa a roupa íntima devagar.
Sinto a umidade em meu sexo aumentar.

— Marco. — Estico a mão para encontrá-lo, mas um grito de prazer escapa de meus lábios assim que Romano abocanha meu sexo de maneira selvagem e descontrolada. Suas mãos mantêm minhas pernas escancaradas, bem abertas para o acesso de sua boca ao meu sexo.

Abro os olhos, deparo-me com o teto abobadado da catedral.

A chupada de Marco se torna mais profunda e arqueio o corpo quando sinto o orgasmo me atingir. Ele suga o líquido morno que escorre por meu sexo latejante. Romano esfrega a barba por minha carne sensível e devora meu clitóris, tento arquear o corpo de novo, já que o que estou sentindo ultrapassa as barreiras do prazer e do pecado e, por isso, ele afunda os dedos em meu quadril, mantendo-me à mercê de sua fome.

Gozo pela segunda vez, e ele me lambe inteira. Marco se debruça sobre meu corpo e se apoia em um único braço, o outro, guia seu membro até meu sexo.

A cabeça grossa passa me alargando de uma forma deliciosa, cravo as unhas em suas costas quando ele enfia tudo, perdendo o controle.

Sim, esse é o meu Marco, selvagem, depravado e voraz.

Meus gemidos foram substituídos por gritos quando suas estocadas ganharam um ritmo violento e vigoroso. Ele metia fundo. O som de nossas peles batendo uma na outra, a rigidez de seu corpo contraído e o cheiro do sexo inundaram o lugar.

Marco é o pecado encarnado, e eu estava pronta para pecar com ele. Romano me resgatara do inferno na terra e agora ele me fodia com força nas portas do céu.

— Geme gostoso, geme, Morena — rosna ao meu ouvido. — Geme que eu vou encher essa bocetinha de porra.
E quando eu achei que não poderia mais chegar ao clímax, Marco me levou à beira mais uma vez, eu já tinha perdido as contas de quantas vezes ele me levara ao ápice do prazer.
Marco urrou e estocou fundo, gozando junto comigo. Ele se deitou ao meu lado e puxou minha mão para seus lábios e deu mordidas leves, e eu sorri.
— Sabe o que está faltando aqui? — pergunta com a voz rouca.
— O quê? — Puxo a mão e olho para minha aliança cravejada com pequenos pontos de diamante.
— Um diamante maior — ele responde e me puxa mais para perto.
— Vou te cobrir de joias, morena, eu vou te dar tudo.
Estreito os olhos de maneira desconfiada.
— E o que você quer em troca?
Um sorriso malicioso nasce em meio a barba aloirada.
— Que me beije...
Olho para o mafioso selvagem de corpo tatuado, os músculos ainda suados, e respondo:
— Com prazer.

***

Um ano depois – Catarina Vallenti
— Feche os olhos — ele ordena com as mãos ainda cobrindo meu rosto.
— Como eu vou abrir se suas mãozonas estão cobrindo quase todo meu rosto. — resmungo e caminho devagar, sem ter ideia de onde ele está me levando.

Não entendi por que ele estacionara o carro em um bairro nobre como aquele, mansões construídas ali pareciam ter saído direto da revista Caras.

— Mamã. — A voz de Stephan está próxima.

— Papa, papa! — Valentina fica eufórica ao ver Romano.

— Eles podem ver e eu não? — protesto.

Marco tira as mãos da frente de meu rosto.

Fico sem fala ao ver os gêmeos sobre a cama coberta por joias, colares e braceletes de ouro e pedras preciosas.

— E você achou que eu tinha esquecido — ele fala ao meu ouvido.

— Não entendo essa coisa de bodas, mas acho que acertei no presente, não?

Eu pulo em seus braços e o cubro de beijos. Caímos na cama juntos. Valentina e Stephan aproveitam a situação e juntam-se a nós dois.

O celular de Marco toca, e ele se desvencilha de nós três. Faço sinal para que eles façam silêncio.

— Ah, mama, “indo”. — Valentina pega um dos braceletes e coloca no alto da cabeça, tentando dizer “lindo”.

Quando Marco desliga o celular, a pega no colo. Valen é muito agarrada a ele. Quanto mais o tempo passa, mais as diferenças entre ela e Stephan aumentam.

— *Mia principessa*. — Marco beija a bochecha corada e afasta os cabelos pretos de seu rosto. — La mia bela (Minha princesa, minha linda).

Stephan é a miniatura de Marco, o cabelo loiro, a pele clara, o mesmo tom de azul-escuro, enquanto Valen... Bom... É impossível eu olhar para ela e não lembrar de Ian.

Maria aparece na porta do quarto com duas mamadeiras, e os pequenos estenderam as mãozinhas rechonchudas em sua direção.
— Maria, leve-os, porque preciso conversar com a Morena.
— Claro, senhor Romano — ela diz de imediato.
Assim que ela os leva, Marco fecha a porta e afasta as joias para poder sentar.
— O que foi? — Sento-me ao seu lado.
— Lembra do que me pediu há um ano?
Fico em silêncio, buscando na memória, mas não consigo imaginar o que pode ser.
— Acharam o cara que estuprou e matou aquela menina.
Arqueio a sobrancelha e a imagem da senhora sofrendo pela perda da neta me vem à cabeça.
— E agora, o que vão fazer com ele?
Marco dá um meio sorriso, mas seus olhos são sombrios.
— Vou fazer o filho da puta pagar. — Marco se levanta e me dá um beijo rápido.
— Tenha cuidado. — Peço, sentindo o coração apertar no peito.
Ele dá aquela risadinha e uma piscadela.
— Não pense nisso. À noite, eu volto para continuar nossa comemoração.
Marco se vai e fico no mesmo lugar por alguns instantes. Ouço um barulho vindo da janela. Penso em gritar, mas minha voz some ao ver Ian. Ele está ferido, há um corte sobre sua sobrancelha e o lábio inferior está um pouco inchado, mas, ainda assim, continua lindo.
O que aconteceu para que ele esteja machucado desse jeito?
Não, Catarina, isso não te interessa, nada referente a Salvatore te importa, a não ser Valentina. Ela era tudo de bom que havia sobrado

entre nós dois.
Não importa o motivo desse vigarista safado estar ferido.
Mas, na verdade, é mentira, importa, sim.
Prendo a respiração e tranco a porta do novo quarto.
— O que está fazendo aqui? Romano já vai voltar, quer que ele mate a nós dois?
Ian chega mais perto e à medida que ele se aproxima, eu caminho para trás, até que não tenha mais para onde fugir.
— Desaprendeu a mentir, Pepa. — Ian olha para meus lábios e volta a me encarar. — Eu acabei de ver Marco saindo.
Por que o cheiro dele mexe tanto comigo? Tinha que ser mais fácil odiá-lo depois de todo esse tempo. Tinha que ser, mas não é.
— Por que não pede para aquela girafa ruiva cuidar de você, hein? — digo nervosa.
— Cale a boca, Catarina, agora você vai me ouvir.

CAPÍTULO 4 – GOLPE

Marco Romano

Acendo o cigarro e dou uma tragada. Guardo o ar nos pulmões durante algum tempo e deixo a fumaça escapar pelo nariz e pela boca. Eu estava pouco me fodendo para o choro do homem sendo torturado no galpão. Eu já estava acostumado com esse tipo de súplica. Primeiro, a barganha, um homem quando sente que está prestes a morrer promete mundos e fundos a seu algoz, o filho da puta é capaz de vender a própria mãe para tentar fazer a dor parar, mas meu objetivo é fazer com que a dor que ele está sentindo seja prolongada ao máximo.

Jamais me envolvo nessas vinganças, meu negócio é outro, traficar armas e drogas, nada mais, nada menos. Abri essa exceção por Morena.

— Por favor Marco, você precisa achar esse infeliz.

Lembro de Morena e como ela ficara abalada com a visita daquela senhora.

— O nome da menina era Valentina. — Ela apelou para meu ponto fraco. Catarina sabe como sou doido pela bella Valentina.
— E se fosse a nossa Valentina?
Olho ao redor do galpão abandonado, nenhuma viva alma. É melhor assim.
Empurro a porta de madeira e deparo-me com Santoro e Nick amordaçando o homem. A palha seca no chão do lugar estala debaixo de minhas botinas assim que chego mais perto da cadeira onde o filho da puta está amarrado.
— Podem ir lá para fora e cuidem para que ninguém se aproxime. Eu assumo a partir daqui.
Eles balançam a cabeça e secam as mãos manchadas de sangue em um lenço escuro que tiram de dentro do bolso da jaqueta.
— Claro, chefe — Santoro responde antes de sair.
Eu me abaixo para encarar o cara de perto. Olho no olho. Reconheço o medo em seu olhar. Tiro o pano sujo que o impede de gritar.
— Eu tenho dinheiro. Pelo amor de Deus. Eu juro que sumo e vocês nunca mais vão me ver.
Tiro o cigarro da boca e solto a fumaça.
— Acha que é por dinheiro? — Apago meu cigarro no corte logo acima da sobrancelha ferida.
Ele berra.
— Lembra do nome da menina que você estuprou e esquartejou?
Ele arregala os olhos pretos e suplica.
— Você pegou o cara errado. Por favor, me deixe ir.
Balanço a cabeça e nego.

— Não. — Tiro a faca que carrego na jaqueta. — O nome dela era Valentina.
Ele chora e se desespera quando uso a lâmina para rasgar sua calça.
— Há um ano, minha mulher pediu que eu encontrasse o animal que tirou a vida daquela menina.
— Por favor, você pegou o cara erra... — Não deixo que ele termine de falar e volto a amordaçá-lo.
— Eu ainda não terminei de falar! — rosno. — Não posso deixar um homem como você andando por aí.
Minha lâmina afiada agora abre um talho na cueca dele, e ele se mija de medo.
Ele grunhe apavorado.
— Tenho que pensar na segurança dos meus filhos — explico, pousando a ponta da faca nas bolas dele. — Não se pode mudar um homem podre como você.
Coloco mais força na faca e rasgo as bolas dele. O sangue escorre pela cadeira e ele se debate de dor.
— Você está sangrando bastante. — Dou uma risada. — Não queremos que uma hemorragia o mate, não é mesmo? Até porque isso seria muito rápido. E graça, teria?
Vou até o saco de sal deixado por Santoro.
— Isso vai te fazer sentir dor — explico enquanto despejo sobre o rasgo que sangra sem parar.
O homem urra de dor, o suor escorre de seu rosto.
— Pronto. — Largo o saco ao lado da cadeira em que ele está amarrado com os braços para trás. — Agora vamos voltar para nossa conversa.

— E se fosse a nossa Valentina? — A voz de Morena me vem à cabeça de novo.

Cravo a faca em sua coxa esquerda e a giro devagar, sinto a lâmina rasgando os músculos dele lentamente.

— Vai pensar um milhão de vezes antes de olhar para uma menina de novo, não é?

Ele concorda freneticamente. Retiro a faca e enfio na coxa direita.

— Claro. — Sorrio. — Eu acredito em você, até porque você não vai querer me ver furioso.

Giro a faca dentro de sua carne e a cabeça dele pende para trás, prestes a desmaiar.

Dou tapas em seu rosto, e ele recobra a consciência.

Prolongo sua tortura por horas.

Tiro a mordaça dele uma última vez.

— Me mata. — Ele implora para morrer. A voz é quase um sussurro.

Solto as cordas que o mantêm preso, e ele mal consegue ficar de pé.

O sangue goteja das pontas de seus dedos.

— Vamos lá para fora — ordeno.

Ele cai de joelhos.

— Eu não aguento mais — ele murmura.

Pego meu último cigarro e o acendo.

— Então começa a cavar.

O homem olha para as pontas dos dedos em carne viva.

— Espero que o fato de eu ter arrancado suas unhas não seja um problema.

Ele chora enquanto puxa a palha com as próprias mãos até encontrar a terra endurecida.

Em voz baixa, ele murmura uma prece.
— Não. Deus não está aqui. — Corto sua garganta e o observo sangrar até o final.

***

Catarina Vallenti

— Como você pode esquecer o que eu prometi a você? — Ian segura meu queixo, forçando-me a olhá-lo. — Era a única maneira de sairmos vivos.
Lágrimas de ódio escorrem por meu rosto.
— Eu não quero ouvir — respondo, tentando engolir o choro.
— Mas você vai! — Sinto sua respiração contra meu rosto. — Você não sabe como foi difícil para mim.
Era um absurdo ouvir ele dizer aquilo, então explodi.
— Difícil para você? — berro. — Sério? Qual foi a parte mais complicada? Dosar o veneno? Abrir o cofre do Marco? Fazer com que todos nós comêssemos ao mesmo tempo para que você e aquela puta tivessem tempo suficiente para roubar o dinheiro dos assaltos? Ou a parte mais difícil foi gastar tudo? Diga, Ian, qual foi a parte mais difícil para você?
— Doloroso foi ter que deixar você para trás. Romano tem fixação por você, Nina, ele ia me matar na sua frente quando nós cumpríssemos a nossa parte no acordo. Quando fizéssemos os doze assaltos, ele ia meter uma bala em um de nós! Ele prometeu isso. Você não lembra?!

— Covarde! — Grito. — Mentiroso! Eu não quero mais olhar para a sua cara!

Estapeio seu peito.

— Eu juro que, se você não for embora agora, eu vou começar a gritar.

Ian segura minhas mãos contra o próprio peito, sinto seu coração batendo forte, tão forte quanto o meu. É como se eu sentisse a minha própria batida ali, dentro dele.

— Não, Pepa. Eu não vou embora.

Olhei no fundo de seus olhos, um tom azul-claríssimo, idênticos aos de Valentina.

— Não me chame de Pepa, não me chame de nada. Eu não quero ouvir a sua voz, não quero ver você nunca mais. Por que não me deixa em paz?

— Porque eu te amo!

Gelo ao ouvir suas palavras.

— Mentira! Como pode ser tão descarado? Você me envenenou! Por que eu não fugi com você, ahn? Por que não me levou junto?!

— Ele nos cassaria. Sabe o que ele fez com Dominic? Ele está em cima de uma cama, nunca mais vai andar ou falar na vida. Já esqueceu da surra que ele deu em você?

Meu sangue ferve de ódio.

— Eu lembro de tudo, Ian. Também lembro bem de quando Marco fez de tudo para me tirar da cadeia. Porque, caso você não saiba, eu fui presa! — Grito e desvencilho-me dele.

Vou até a cama e sento em meio as joias espalhadas ali.

— Marco cuidou de mim quando precisei. Ele é bom para Valentina e Stephan.

Ian vem em minha direção, mas eu fico de pé e tento me manter longe dele.
— Como pôde ter filhos com ele?
— O quê?! Você é muito cínico. Some daqui, Ian, e esquece que eu existo.
— Nina, você tem que me dar uma chance. É por causa do dinheiro que ele te dá? É isso?
Ian pega um dos braceletes de ouro, olha com desdém, o larga na cama e vem em minha direção.
— Eu posso te dar segurança agora. Você só precisa me deixar voltar para sua vida.
— Não. Eu não quero você. Covarde, sempre que eu lembrar de você, vou lembrar do homem que não conseguiu me proteger. Eu o odeio, Ian. É melhor você sair daqui antes que Marco volte, fugir é sua especialidade, não é?
Sigo para o closet, há uma prateleira iluminada com bolsas de vários tamanhos e cores. Pego a maior que encontro e volto para a cama. Começo a enfiar as joias todas dentro da bolsa.
— Pegue e vá embora. Talvez seja o suficiente para você me deixar em paz. — Estendo a pesada bolsa para ele.
Ian me olha ofendido.
— Suma, Ian. Suma e não volte nunca mais.
Ele pega a bolsa sem tirar os olhos dos meus.
— É isso mesmo que quer?
— Vá embora, Ian, se Romano chegar, ele não vai ser tão gentil quanto o cara que te deu uma surra.
Ian encurta a distância entre nós e fica a poucos centímetros de mim. Ele ainda usa o mesmo perfume.

— Então prove que não sente mais nada, que está vivendo o seu felizes para sempre com Romano.
— Eu já disse com todas as letras que não quero você perto de mim, estou pagando para que vá embora, o que mais você quer que eu faça, Ian?
Ian umedece o lábio e sorri de forma sedutora.
— EU. ODEIO. VOCÊ! — digo pausadamente. — Talvez, se eu repetir pela centésima vez, você enten... — mas ele não me deixou terminar de falar.
Ian abocanhou meus lábios em um beijo faminto e avassalador. Eu não consegui reagir a ele, ao seu perfume, ao sabor do seu beijo e a seu corpo pressionando o meu. Ian me jogou na cama sem descolar o corpo do meu, as mãos enormes entrelaçadas as minhas, a rigidez de seu corpo e a ferocidade de seu beijo que mal me deixava respirar. Ian sabia como dominar meu corpo e minha alma, maldito Salvatore, apesar de meu lado racional gritar para mantê-lo longe, meu corpo urgia para tê-lo perto, para senti-lo por inteiro ou, pelo menos, até que Marco arrebentasse a porta do quarto e atirasse em nós dois.

CAPÍTULO 5 – EU DISSE “NÃO”

Catarina Vallenti

Não. Eu não podia fazer isso com Marco, não agora. Não podia trair Marco com Ian. Sentime suja, imoral, eu não era a mesma cabeça de vento de uns dois anos atrás, eu não era uma garota atrás de uma aventura. Amadureci, e Marco era o mais próximo que eu tinha de um porto seguro, o mafioso que todos temiam era meu marido. Ele amava aos gêmeos, talvez Marco amasse mais aos meus filhos do que a mim e, apesar de tudo o que havia acontecido entre nós, era com ele que eu havia constituído família.

Por mais que estar nos braços de Ian fosse maravilhoso, eu não esqueceria do que ele fez comigo, ele me abandonou e isso não tem perdão.

— Sai! — grito, empurrando-o para longe de mim. Só Deus sabe a força que tive que fazer para afastá-lo. Engatinho na cama para longe dele.

— Não! — digo com firmeza. — Eu não sou a mesma mulher que você deixou para trás. Sou CASADA — enfatizo. — Com Marco

Romano, e é melhor que você suma da minha vida de uma vez por todas.
Ian cola o corpo ao meu mais uma vez, o seu calor e o seu cheiro quase me dominam.
— Eu sei que você quer — ele diz antes de me beijar uma última vez.
Eu o empurro com mais força e limpo a boca com o braço, querendo tirar o gosto de Ian dos meus lábios.
— Eu disse NÃO! — Salto da cama e corro para a porta. Com as mãos tremendo, eu destranco a porta e a abro uma fresta.
— Mariaaaa! — berro. — Chame o Spinello aqui. — Fuzilo Ian com o olhar. — Agora! Quero que ele venha aqui agora.
Ian não acredita no que acabo de fazer.
— Vai se arrepender disso, Catarina.
Com o coração arrebentando no peito, eu escancaro a porta do quarto.
— Com certeza. Estou arrependida de não ter deixado Marco te encontrar na igreja no dia do nosso casamento.
Vá embora, Ian. O que está esperando?
Ele olha para a bolsa de joias no chão e a pega. Vindo da sala, ouço a voz da babá e Spinello, quando olho na direção do som, vejo Spinello subindo os degraus das escadas rapidamente.
Volto a olhar para Ian, mas ele não está mais aqui. O tecido leve da cortina balança, mas não há vento. Ele havia fugido, levando com ele todas as joias.
Spinello entra no quarto com a respiração alterada.
— Sim, patroa.
Limpo as lágrimas que começam a cair.

— Acabei de ser assaltada, faça alguma coisa, homem! — Aponto para a janela. — Mexa-se, ele está levando todas as minhas joias!
Saio do quarto e desço até a sala.
Maria, Valentina e Stephan brincam com alguns blocos coloridos no tapete.
— “Binca”, mamãe — Stephan me convida.
Valentina larga os brinquedos, dá pequenos passinhos e se agarra as minhas pernas. Há menos de um mês, eles haviam aprendido a caminhar.
— Fofura linda da mamãe. — Eu a pego antes que ela caia sentada e a aperto em meus braços. Logo Stephan se junta a irmã, eu abraço os dois e mordo suas barriguinhas, os fazendo rir.
Maria fotografa com a câmera do celular, registrando a brincadeira.
Sons de tiros me fazem estremecer. Eu congelo ao ouvir os três disparos seguidos de gritos.
— Maria, esconda-se no banheiro e fique abaixada — peço, entregando meus pequenos a ela. — Rápido!
Eles choram ao serem tirados de mim.
Corro de volta ao meu futuro quarto. Vejo a sombra da silhueta de Spinello atrás da cortina. Ele está na sacada. Se ele ainda está de pé, isso quer dizer que Ian...
Não quero pensar nisso. Preciso vê-lo com meus próprios olhos.
Claro que Ian não seria pego facilmente. Ele é ágil, claro que é. Agora, ele havia entendera a mensagem, não há mais nada entre nós.
Caminho até Spinello, ele está inclinado sobre o vidro temperado da sacada.
— E então? — Minha voz falha.

Spinello me encara.
— Peguei ele, patroa.
Sinto o peito ser esmagado. Certo. Agora é a hora que eu acordo suada e com falta de ar, pondo um ponto final ao pesadelo.
Nada. O pesadelo é real.
— P-pegou? — gaguejo e olho para o jardim e as altas grades que cercam minha nova casa.
Não vejo Ian.
Meus olhos esquadrinham o lugar e rezo para não encontrá-lo.
Quando uma onda de alívio está prestes a me invadir, Spinello errou, só pode ser isso, meus olhos vão em direção à calçada.
— Alguém, ajude aqui!
Meu coração falha uma batida.
— Seu idiota! — xingo Spinello e corro para fora de casa, torcendo para que não aconteça o pior.
Eu não queria Ian morto, não mesmo. Eu só o queria longe. À medida que eu corria pela casa e passava pelo jardim, não conseguia tirar da cabeça que eu era responsável pela morte de Ian Salvatore, o pai de Valentina.
Com o coração quase saindo pela boca, eu me aproximo do corpo dele e toco o ombro da mulher de joelhos, apoiando as mãos sobre o ferimento.
Por favor, Deus, não deixe que Ian morra.
Chego mais perto e meu corpo fica mais leve ao ver que o homem ferido não é Ian.
Spinello vem logo atrás de mim.
— Chame uma ambulância — ordeno.

Sei que é perverso ficar aliviada, mas eu estou. Não tenho palavras para descrever o que senti ao ver que o homem na calçada não era Ian. Agora, o que eu posso fazer é garantir que ele fique bem.

— Não é ele — sussurro para Spinello antes que ele termine o serviço ali, na calçada mesmo.

— Ele precisa ir para o hospital — digo o óbvio para a jovem que me encara aflita.

O estranho faz uma careta de dor e franze o cenho, unindo as sobrancelhas escuras e tencionando o maxilar. Seus olhos azuis fitam os meus.

— Não — ele rosna e bufa, como se tentasse controlar a dor que está sentindo.

— Não? Ficar sangrando na calçada não é uma opção — insisto, ainda mais porque, se ele morrer, minha consciência vai me atormentar até eu enlouquecer.

— Ethan, por favor. — A mulher, aos prantos, deve ter no máximo vinte enquanto o homem parece um pouco mais maduro, na casa dos quarenta.

— Spinello, o leve para dentro, por favor.

O homem geme ao ficar de pé, a garota o ajuda de um lado e Spinello a escora do outro.

Ethan é mais alto que os dois. O porte, os traços másculos e o cavanhaque me fazem lembrar um modelo que vi certa vez em uma revista, David Gandy.

Entramos em casa e aponto para o sofá.

— Acomode-o ali.

— Ligue para a Ginelle, é esse o nome da sua garota, não é? Peça que ela venha para cá o mais rápido possível — exijo.

— Sim, patroa. — Spinello assente.

***

Menos de uma hora depois, Ginn termina o curativo no peito do homem que havia sido baleado por minha causa.
Ginnele era cliente de Marco, uma estudante de medicina de vinte e cinco anos que se droga para conseguir estudar por horas a fio, se drogava para comemorar as boas notas, resumindo, é difícil Ginelle não estar chapada.
Eu não posso reclamar muito, afinal de contas, ela está dando um jeito na minha burrada.
— Tem certeza que não quer whisky? — ofereço o copo recém-servido com o líquido âmbar que cheira a álcool e amêndoas.
Ele nega com a cabeça, aguentando a dor “no osso”.
— Você que sabe — resmungo nervosa e bebo tudo de uma vez.
— A bala parece ter saído pelo outro lado. Já estanquei o sangramento. Resumindo, você vai viver. — Ginelle estoura uma bola de chiclete e me encara. — Você me deve uma. Tinha que estar estudando para a prova que vou ter hoje à noite.
Eu a acompanho para fora e pego minha bolsa pendurada no suporte ao lado da porta.
— Obrigada, Ginn. — Tiro algumas notas de cem e cinquenta guardadas no bolso lateral e passo para ela quando aperto sua mão. — Sei que você irá bem, é a garota mais inteligente que eu conheço.
Ela sorri e guarda o dinheiro no bolso da calça jeans.
— Eu sei — ela diz com uma piscadela. — Se cuida, Gigi.
Odeio esse apelido tanto quanto odeio esse nome.

Fecho a porta quando ela vai embora e volto para a sala.
O tal de Ethan cochicha algo no ouvido da jovem morena, mas para assim que me vê.
Sirvo um segundo copo de whisky e o viro de uma única vez. Pronto, estou anestesiada e com o nervosismo mais controlado.
— Agora que o risco de morte já foi resolvido e você já foi costurado, acho que podemos conversar. — Tento ser diplomática.
— Sou Giovana Romano.
Sento no sofá de frente para eles e cruzo as mãos sobre as pernas.
— De Angellis. Ethan De Angellis. — Sua voz é grossa e seu italiano tem um sotaque carregado do sul.
A morena não se apresenta e continua olhando para Ethan em um misto de fascinação e medo como jamais vi.
— E seu nome é? — pergunto, mas é novamente Ethan que fala.
— Verônica.
O silêncio constrangedor impera na sala de estar.
— Com licença. — Fico aliviada por ouvir os pequenos chamando meu nome na cozinha. É a desculpa para que eu escape dali.

***

A cozinha é ampla e bem equipada, os móveis são claros e feitos sob medida para o lugar. Valentina e Stephan estão agarrados nas pernas de Maria enquanto ela, habilmente, termina as mamadeiras.
— Leve eles de volta para nossa casa. Vou ficar aqui mais um tempo.
Quando volto para sala, Romano já está de pé, Ethan também. Pareciam prontos para brigar.
— Marco. — Eu me aproximo dele, mas ele me puxa para trás de si.

— Agora não, Morena — rosna furioso.
Ethan abotoa devagar os botões da camisa manchada de sangue.
— É assim que você recebe seu irmão? — De Angellis o encara.
Irmão? Pelo pouco que eu conheço da família de Marco, estão todos mortos.
Por que Marco não me disse nada? A verdade pura e simples é que se eu soubesse... teria deixado ele morrer ali mesmo.

CAPÍTULO 6 – MARCO

Catarina Vallenti

— Não, agora não é hora para você perder o controle. — Seguro seu braço. — Por favor, vamos conversar a sós.

A respiração de Marco denuncia sua raiva.

— Marco, por favor.

Romano cede e sobe para o nosso futuro quarto, eu o sigo com o coração quase saindo pela boca.

— O que Ethan está fazendo aqui? Por que o deixou entrar? — Sua voz é firme e o ódio em seu tom me faz estremecer, quase desisto de contar a verdade.

— Ian esteve aqui — despejo as palavras todas de uma vez. — Ele queria...

Marco parte para cima de mim como um animal, a mão direita pousa em torno de meu pescoço.

— Aquele ladrãozinho de merda esteve aqui?

Minhas mãos tentam soltar seus dedos que pressionam meu pescoço com força.

— Me solta, Marco. — Minha voz é quase um sussurro sufocado. — Me mate de uma vez. Se não confia em mim, então me mate. — Enfrento Marco e algumas lágrimas escapam por meu rosto.

Ele me solta, mas não se afasta, tusso enquanto minha respiração normaliza.

— Ele me pediu para fugir com ele. — Minhas mãos tocam meu pescoço dolorido por causa de seu apertão. — Ian levou minhas joias. Não falei sobre Valentina.

Marco vocifera e deixa que a raiva flua descontrolada.

— A Valentina e o Stephan são meus filhos. Não ouse abrir a boca para falar qualquer merda àquele ladrão filho da puta, entendeu?

— Eu já disse que não falei! — grito. — Agora, quer me ouvir? — Puxo ele para mais perto e o olho no fundo de seus olhos azuis, as sobrancelhas loiras e grossas quase unidas e o maxilar largo tencionado. — Eu não tenho motivos para fugir, tudo o que eu quero está aqui.

A ira em seus olhos se dissipa aos poucos, mas continuo ali, encurralada diante da minha fera.

— Ele queria que fugíssemos juntos. Quando comecei a gritar para que Maria chamasse o Spinello, ele foi embora, levando a bolsa com as joias. Escutei tiros, Spinello acabou atingindo o seu irmão. Que, a propósito, eu nem sabia que existia.

Sua respiração em bufadas curtas estão mais espaçadas agora, ele se acalmava aos poucos e a fúria começava a desaparecer.

Puxo sua jaqueta com as duas mãos, diminuindo a distância entre nós. Fico na ponta dos pés e dou um beijo leve. Roço minha boca em sua barba e respiro o ar furioso que ele expira.

— Eu só quero você — murmuro.

Marco intensifica o beijo, tomando tudo de mim, selvagem e louco, como em nossa primeira vez no avião. Sua ferocidade transformada em tesão incendeia-me em questão de segundos.

Com muito custo, eu consigo afastar meus lábios dos dele. Não estávamos sozinhos e ele precisava me contar o que ele tinha contra o estranho no andar de baixo.

— Agora pode me dizer por que quase atacou no seu irmão — digo quase sem fôlego.

— Ele não é meu irmão — Marco rosna, e quase me arrependo de ter feito a pergunta.

— Tem certeza, porque, há poucos minutos, você tinha dito outra coisa. — Cutuco a fera com um graveto minúsculo. Apesar do medo de ver Romano tão furioso, não existe visão mais excitante.

— Ele é o filho que meu pai teve fora do casamento com uma vadia russa qualquer.

— Hum... — murmuro. — E o que você acha que ele veio fazer aqui? Será que corremos o risco dele nos denunciar para a polícia?

A fúria de Marco ainda está presente no gigante loiro à minha frente, irradiando de cada músculo tensionado, mas, pelo menos, não estava mais direcionada a mim.

— Claro que não. Você já viu algum morto falar? — brada, tirando a arma da cintura, ele puxa o ferrolho para trás, preparando a automática para o disparo. — Fique aqui.

— Marco — sussurro e tento segurá-lo antes que ele saia do quarto.

Ele desce as escadas, e eu corro para alcançá-lo. Sei o que ele está prestes a fazer, matar Ethan e a namorada, Verônica.

— Filho da puta — Marco xinga ao ver a sala vazia e apenas um bilhete no sofá.

Solto a respiração aliviada e aproximo-me dele devagar. Espio o papel rabiscado com uma letra masculina.

Sem ressentimentos. Que o passado fique para trás.

— Isso é um tipo de trégua, não?

Romano amassa o papel com uma mão. Encaro isso como um não.

— Vem, feroz. — Minhas mãos tocam seus ombros cobertos pela jaqueta de couro. Esfrego meu corpo ao dele. — Por que não aproveitamos para estrear aquela cama enorme?

Beijo o canto de seus lábios e continuo tentando atrair sua atenção.

— Ou você vai deixar sua Morena com von... — Mal termino de falar, e Marco me agarra, suspendendo meu corpo, minhas pernas enroscam-se na cintura dele e meus braços, ao redor de seu pescoço.

Romano abocanha minha boca e possui meus lábios em um beijo tão intenso que parece prestes a devorar minha alma. Meu corpo inteiro se aquece com o fogo dele. Ele caminha comigo pela casa. Quando minha boca foge da dele por poucos segundos consigo dizer: — Achei que íamos estrear a cama nova.

O sorriso malicioso em meio a barba loira me deixa ainda mais molhada.

— Nós vamos, morena. — Marco me senta na bancada de mármore e faz com que eu me deite. As mãos deles deslizam sobre meu vestido de veludo e apertam meus seios, fazendo meu prazer aumentar. — Vou te foder em cada canto dessa casa.

Suas mãos descem pelo meu corpo e chegam a barra do meu vestido. Ele arranca minha calcinha e meia calça com movimentos brutos e escancara minhas pernas. Suas mãos quentes agarram minhas coxas e me mantêm aberta para ele.

Meu coração acelera no peito apenas com seu olhar, que percorre minha intimidade preguiçosamente.

Com uma das mãos, ele acaricia minhas dobras e me abre como uma flor, os dedos deslizam pela umidade que escorre de meu sexo. Ele sorri satisfeito com meu tesão molhando seus dedos. Marco tira a mão úmida, leva os dedos à boca e prova meu sabor.

— As brasileiras são as mais gostosas — ele me provoca.

Um ciúme me invade, e eu empurro a sola de meu scarpin Prada contra seu peito, ele dá uma risada e agarra meus tornozelos, puxando-me para a beirada da bancada.

— Isso — ele rosna e me puxa contra seu corpo. — Quer brigar comigo?

Marco me mantém bem aberta e, antes que eu revide mais uma vez com outro empurrão, sua boca mordisca e chupa meu clitóris. A língua dele é hábil e provoca cada centímetro de minha intimidade, ele me lambe e me suga até que eu goze em seus lábios.

— Isso — grito. — Sim, sim, sim...

O prazer que se derrama sobre meu corpo enquanto ele me devora é viciante. Meus dedos tocam seus cabelos loiros no instante em que sua barba roça na pele sensível, fazendo com que gema seu nome baixinho, quase como uma prece.

Marco se afasta de mim e, com o corpo trêmulo, eu faço força para conseguir ficar sentada. Minhas mãos começam a ajudá-lo a despir-se, a pesada jaqueta de couro é a primeira a cair, em

seguida, a camisa respingada com algumas gotas de sangue. As mãos de Marco tiram meu vestido e ouço o tecido de renda de meu sutiã arrebentando sob suas mãos apressadas.

E lá se vai outra lingerie destruída por ele, não que eu estivesse reclamando.

Não demora até que ele se livre da calça e da cueca boxer preta. Passo as mãos trêmulas por suas tatuagens. A mão de Marco envolve meus cabelos, e ele me puxa para sua boca, meus seios doloridos tocam a dureza de seu peito.

Sua boca desce até meus mamilos, sua língua brinca ali, atiça meu corpo até o limite.

— Marco — choramingo.

Ele me puxa para fora da bancada e me vira de costas para ele. Sinto sua ereção roçando contra minha bunda, mal respiro esperando que ele possua meu corpo com toda a ferocidade.

Apoio os braços sobre o mármore, as mãos espalmadas e o corpo ansiando por ele.

Marco acaricia minhas costas até as mãos chegarem ao meu quadril. Mordo o lábio inferior e o grito escapa quando ele me estoca de uma única vez, seu membro grosso enterra-se até a base e meu sexo lateja de prazer. Romano pega meus pulsos e puxa meus braços para trás, fazendo com que meu único ponto de sustentação seja sua estocada, ele arremete contra meu corpo até que o prazer escorra entre minhas coxas, até que meus gemidos tornem-se gritos intensos.

— Isso, Morena, goza de novo no meu pau, goza — ele ordena com a voz rouca.

A cozinha é preenchida por meus gemidos e o som de nossas peles se chocando, o suor escorrendo de nossos corpos faz com que as mãos dele deslizem por meu corpo em carícias escorregadias e quentes.

Ouço ele rugir e me estocar de maneira mais feroz e meu corpo se une ao dele em um orgasmo sincronizado e voraz.

Marco tira o membro devagar e me vira contra ele. Respiro o ar que ele expira e sinto seu coração martelando no peito, tão acelerado quanto o meu. Ele aperta meu corpo contra o seu e mordisca meu lábio, fazendo um arrepio gostoso espalhar-se por meu corpo.

***

Quando voltamos para nossa outra casa, já é de manhã, com o corpo moído, sim, Romano cumpriu a promessa de me possuir em cada cômodo da casa. Passo por Valentina e Stephan, dou-lhes um beijo de bom dia e vou direto para a cama. Mal ouço as instruções que Marco dá a Maria. Eu só preciso pôr o sono em dia.

Quando abro os olhos, ouço as vozes de Donatela e Alessandra.

— Anda, acorda ela.

— Eu não — Alessandra retruca. — Sabe que a Gi é o próprio diabo quando acorda.

— Mas o Marco mandou a gente levar ela pronta — Donatela insiste.

Resmungo e cubro minha cabeça com o travesseiro.

— Gi? Amigaaa... — A voz de Alessandra tem um tom cauteloso. — Levanta, Gigi.

— Que horas são? — resmungo irritada.

Do banheiro, ouço o barulho da banheira enchendo.

— Oito da noite — Donatela responde. — Marco pediu para que a deixássemos pronta.

Sinto a coberta ser puxada e meu casulo é desfeito.

— Anda, mulher. Sabe que paciência não é lá o forte do Marco.

CAPÍTULO 7 – NOITE QUASE PERFEITA

Algumas horas mais tarde

Catarina Vallenti

O sangue escorre de sua testa, pingando no fino smoking. Seus cabelos pretos antes impecavelmente penteados para trás, agora estão bagunçados e gotejam sangue e suor.

Mais um pouco e ele morreria bem ali, na minha frente.

Ajoelhado diante dos pés de Marco, eu mal pude ouvir o que ele balbuciou.

— Pare, Marco. Deixe isso para trás! — berro, segurando seu punho erguido prestes a desferir o próximo golpe.

Romano era selvagem e a morte já fazia parte de seu cotidiano, mas eu ainda não conseguia me acostumar com aquilo.

— Solte minha mão, morena. Achei que você fosse gostar de assistir. — Sua voz é um rosnado furioso.

***

Algumas horas antes

Admiro o fino vestido preto diante do enorme espelho que cobre parte do closet. A trança embutida feita por Alessandra havia ficado boa, a maquiagem leve em tons pastéis e dourado compunha um look fino e elegante.

— Eita, porra, é hoje que o Marco enfarta. — Donatela dá um tapa na minha bunda e uma risada alta e espalhafatosa.

— Cale a boca — xingo em tom brincalhão. — Por acaso, vocês sabem para onde ele vai me levar?

— Não. Mas trepar no mato é que não vai — Alessandra provoca e borrifa um perfume próximo a nós, o cheiro almiscarado espalha-se pelo ar.

— Que trepar no mato o quê?! — Donatela retruca. — Do jeito que ela dormiu deve estar com a boceta toda esfolada. — Ela ri outra vez, eu dou um beliscão em seu braço e rio também.

Ouço meu celular vibrar e vou até a cama buscá-lo.1 mensagem não lida. Número desconhecido.

Toco para abrir a mensagem.

Venha até a sacada.

— É o Marco? Eu falei que ele ia subir pelas paredes com a demora toda. — Alessandra implica com Dona.

Deleto a mensagem e vou até a janela com vista para o jardim. Dou uma olhada rápida, já está escuro. O celular vibra mais uma vez. Leio a mensagem.

Você está linda.

Vá se ferrar, Ian! Penso irritada e deleto a segunda mensagem, desligo o celular. O som do salto agulha é abafado pelo tapete felpudo que cobre o quarto. Fecho a cortina com um puxão de cada

lado, impedindo que ele me veja seja lá onde diabos esteja escondido.

***

Marco Romano

Apaguei o cigarro quando vi as portas do elevador que levava até o terraço se abrirem. Pisei com o a ponta do sapato e soltei o ar dos pulmões deixando que a fumaça se misturasse ao ar da noite. Eu detestava essas roupas de ricaço metido a besta. Preferia minha jaqueta de couro, as botinas e o jeans surrado.

Porém, ao ver minha morena caminhando sem pressa, o sorriso surgindo aos poucos em seu rosto, fez valer a pena essas roupas de veado. Não pode ter homem que goste disso, debaixo do blazer mal há espaço para a Magno. À medida que ela se aproximava, meus pensamentos mal-humorados eram substituídos por mil maneiras de arrancar aquele vestido que a deixava gostosa para caralho, formas de prensá-la ali mesmo contra o helicóptero em que estou escorado.

— Vestido a rigor, me esperando com um helicóptero... — Seu sorriso amplia, e ela brinca, passando a mão pelo meu terno. — É você, Christian Grey?

— Christian o quê? — Puxo a morena contra o meu corpo e afundo os dedos em seu quadril, apertando sua bunda com força.

Ela solta uma risada.

— Nada, não. Deixe pra lá.

Eu a beijo, seus lábios são macios, sua boca se abre, ela solta um gemido que me deixa louco quando intensifico o beijo. Controlo-

me e paro antes que eu não consiga seguir adiante com o planejado. Pego em sua mão e a ajudo a subir.

— Para onde você está me levando? — pergunta curiosa.

Deslizo a porta e a fecho. Dou a volta e sento-me na posição do piloto. Inclino-me sobre ela e afivelo seu cinto, ela respira mais fundo quando estou perto.

— Amo quando você usa esse perfume.

Dou um meio sorriso.

— É cheiro de macho. — Acaricio sua coxa e minha mão desliza pela abertura do vestido. — Por isso, você gosta.

Dou uma piscadela e me ajeito para iniciar a decolagem. Assim que as hélices começam a girar, Morena sorri mais uma vez.

— Como você aprendeu a pilotar? — ela me pergunta assim que o helicóptero levanta voo.

Controlo o manche e não demora para que tomemos uma distância segura dos prédios. Memórias adormecidas do passado são logo trazidas à tona.

— Ainda na adolescência, paguei escondido para que o piloto que levava a droga camuflada no interior das poltronas me desse algumas aulas.

— Hum... Por que escondido? Seu pai não queria que você voasse?

Aperto o manche com um pouco mais de força.

— Não. Ele me achava muito descontrolado para esse tipo de coisa. Ele sempre preferiu meu irmão mais novo, o mais controlado, o mais sensato. Para ele, eu era apenas um moleque de pavio curto.

— E o que aconteceu? — ela sonda, sinto os olhos castanhos dela sobre mim.

— Não é importante.

Ela se encolheu no banco e se calou. Eu não precisava dizer que havia dado um fim nos dois e seguido adiante com os negócios da família. Morena me conhecia o suficiente para entender as entrelinhas.

***

Catarina Vallenti

Marco aterrissou o helicóptero com a maestria de um piloto profissional. Havíamos sobrevoado até o outro lado da ilha de Sardenha. Um homem de meia idade nos recepcionou assim que descemos no jardim do restaurante mais chique de toda Itália.

Marco pousou a mão em minha cintura e caminhou ao meu lado enquanto o maître nos guiava até uma mesa no deque. Homens e mulheres bem vestidos bebiam e conversavam no interior do restaurante, mas o silêncio se fez presente assim que viram quem havia chegado. A fama de Marco o precede e ninguém tem coragem de erguer o tom a ele. Como Donatela costuma dizer sobre o primo, ele é o rei da porra toda.

Sim, ele é, o homem ao meu lado exala poder. Assim que nos acomodamos, o homem nos entrega a carta de vinhos e pede licença.

— Consegue sentir? — Sua voz rouca faz meu corpo se arrepiar.

— A que se refere? — Olho no fundo de seus olhos azuis, não canso de admirar sua beleza máscula. Observo Marco largar a carta

de vinhos e passar a mão pela barba loira.

— Aos olhares invejosos de todas as mulheres que estão aqui, querendo seu lugar, querendo ser você.

Um rapaz mais jovem se aproxima de nossa mesa trazendo consigo uma garrafa de vinho.

— Cortesia da casa, senhor Romano. — Ele nos serve e pede licença antes de sair.

A sós novamente, eu continuo a fitar Marco, que espera uma resposta.

— Eu gosto — confesso e bebo um pequeno gole do vinho. A bebida é suave e faz cócegas nas minhas bochechas. — E você? Como se sente quando todos os homens o encaram com medo e ódio.

Marco bebe e sorri, deixando a taça quase vazia sobre a mesa.

— Eu acho que você já sabe a resposta.

Sim, eu sabia, o homem à minha frente amava o poder, ele amava ser temido e não se importava com quem o odiava.

Durante o jantar, conversamos sobre tudo, mas evitei tocar em assuntos que pudesse irritá-lo, como o irmão Ethan, ou seu passado.

— O que você acha de levar Stephan e Valentina à Disney — ele sugere enquanto fuma.

Como a última colherada do Petit gâteau e dou uma risada.

— Marco, eles não têm nem dois anos. Não vão aproveitar nada. Talvez quando forem maiores.

Ele solta a fumaça do cigarro pelas narinas e sua postura se enrijece quando olha para algum lugar dentro do restaurante.

— O que foi? — Olho na mesma direção que ele e é a partir desse momento que nossa noite romântica começa a ir por água abaixo.

CAPÍTULO 8 – ACERTO DE CONTAS

Catarina Vallenti

Quando eu digo a você que nada impediria Marco de entrar no restaurante de vidro e meter uma bala na testa de Ian e Max, eu realmente sei do que estou falando. Nem todos os ricaços ali como testemunhas fariam alguma diferença.

Eu o vi à distância, Ian estava de costas para nós e de frente para Max que, como sempre, estava insuportavelmente deslumbrante. Ela usava uma blusa de seda marrom e um colar de pérolas simplesmente divino.

Meu coração acelera no peito, foi isso que ele fez, levou as minhas joias e deu a ela? Era impossível acreditar que ele tivera a coragem de aparecer no mesmo restaurante que nós, não, aquilo só poderia ser uma fatalidade do destino, uma piada sem graça e cruel que, em breve, terminaria em muito sangue.

Volto a olhar para Marco, mas ele já está de pé.

— Marco, senta aí, não vá fazer nenhuma besteira. — Seguro sua mão e o encaro. — Será que podemos terminar essa noite sem

sangue?

Ele me fuzila com o olhar e responde com um rosnado baixo que faz meus ossos gelarem.

— Não. — Ele tira minha mão da sua de forma bruta e marcha para o interior do restaurante.

Eu caminho atrás dele, mas não consigo alcançá-lo, não antes dele chegar à mesa onde Ian e Max conversam e riem sem ter a noção de que a morte está chegando até eles.

À medida que me aproximo, percebo que o homem que a acompanha apenas se parece com Ian.

Marco puxa uma cadeira de outra mesa e senta entre o casal.

— Esse mundo é realmente muito pequeno. — Ele desabotoa o blazer e movimenta os ombros, posso sentir a tensão e a raiva exalando dele.

Romano pega os dois pela nuca e dá um apertão leve.

— Muito pequeno mesmo — ele repete.

Os olhares se voltam para nós curiosos pelo circo sendo armado e prestes a pegar fogo.

— Marco. — Inclino-me na direção dele e sussurro. — As pessoas estão olhando para nós.

Max mal respira.

Ele solta o pescoço dos dois, e o rapaz que acompanha a ruiva comete o triste erro de ousar dirigir a palavra a Marco.

— Acho que você está nos confundindo com outras pessoas.

Marco pega um dos talheres de prata e crava na coxa do jovem.

Ele sufoca um grito e, em segundos, o suor começa a escorrer pelo rosto pálido.

— Não, amigo, eu não cometo erros — Romano explica com a voz perigosamente baixa. — Agora, você só fala quando eu permitir, entendeu? Ou vou usar a porra da faca de pão para arrancar seus bagos e dar para essa cadela ruiva comer.

O par de Max balança a cabeça, emudecido pela dor e pelo medo.

O *maître* que nos recebeu no jardim agora vem até a nossa mesa.

— Algum problema aqui, senhores? — o homem de meia idade pergunta preocupado.

Marco tira a mão do garfo enterrado na coxa do homem ao seu lado e limpa o sangue no guardanapo de linho dobrado sobre a mesa.

— Problema algum. — Ele dá um sorriso maquiavélico. — Apenas encontramos amigos antigos aqui. Por que não convida seus clientes a saírem? Sou um homem que gosta de privacidade, se é que me entende. Diga a eles que suas contas serão pagas por mim.

— O senhor tem certeza?

— Claro que tenho, porra! — ele rosna. — Agora, esvazie essa merda, ou será que isso é muito complicado para você?

O *maître* assente com a cabeça e vai de mesa em mesa pedindo para que todos saiam. Não faço ideia do que ele fala a eles, mas, em menos de cinco minutos, o restaurante está vazio e silencioso.

— Marco, você acha que pode fechar um restaurante desses e usar como seu galpão de tortura? Vamos ser presos?!

Ele olha apenas para Max.

— Se formos para a cadeia, quem vai ficar com Valentina e o Stephan? Olhe para mim, droga! — Elevo o tom.

— Pega a porra de uma cadeira e senta quieta. — Ele me fuzila com o olhar, e eu estremeço.

Irritada e com medo, eu faço o que ele me pede.

Marco tamborila os dedos longos e grossos sobre a mesa, aqueles poucos segundos parecem uma eternidade. Até que, finalmente, Max resolve implorar.

— Marco, por favor. — As lágrimas escorrem pelo rosto. — Eu estou grávida.

Ele desliza o indicador por outro garfo e a encara com nojo.

— Eu perguntei? — Sua voz é dura e soa como uma chicotada. — Acha que eu vou poupar você?

— Marco?! — grito.

Se ela realmente estiver grávida, não quero carregar a morte de uma criança na consciência, por mais que eu abomine a ruiva à minha frente.

Ele me olha irritado.

— Você acredita mesmo no que essa cobra está falando? — Ele agarra os cabelos de Max com força, e ela grita, suas mãos tentam soltar o puxão de Romano, mas ela não consegue.

— Você vai defender a amante do ladrãozinho? É isso mesmo, Morena?

Meu corpo inteiro treme de raiva, sinto ódio de Ian, de Max, e se o filho que ela espera for dele?

— Eu não sei quem você é. — O rapaz reúne forças para tentar argumentar. — Mas se estiver atrás de dinheiro...

Marco dá uma risada e solta Max.

— Dinheiro, eu? — Ele tira a carteira do bolso da calça e joga um maço de notas sobre a mesa. — Comece a comer — ele ordena.

O rapaz não se mexe.

Romano pega o garfo e empurra o maço até o jovem ferido.

— Coma essa porra agora ou você vai me ver impaciente.

Coma isso, droga, só faça o que ele está mandando e fique quieto. Torço em silêncio para que não aconteça o pior. Eu não estava olhando para o homem que menos de uma hora atrás fazia planos para levar os filhos à Disney, não agora, eu estava frente a frente com um homem frio e cruel.

Com movimentos lentos, o homem pega a primeira nota de cem e enfia na boca. Ele mastiga devagar e faz força para engolir. Satisfeito com a obediência, Marco se vira para Max.

— Agora, desembuche, vadia — Romano rosna. — Cadê ele?!

Max seca as lágrimas com as duas mãos, ela está tremendo.

— Marco, eu não sei.

Romano se movimenta tão rápido que mal vejo quando ele pega a cabeça do homem ao seu lado e arrebenta contra a mesa.

Cubro a boca para conter um grito.

— Foi mal, cara. Eu não te conheço — ele diz ao homem zonzo. Um corte se forma na testa do rapaz. — Mas, enquanto a puta da sua namoradinha não me disser o que eu quero ouvir, eu vou ter que descontar a minha raiva em você.

Marco olha para mim e volta a encarar a ruiva apavorada.

— Ele não tem nada a ver com isso, Marco. Deixe ele ir embora — ela implora.

— Ir embora? — Ele ri. — Mas eu mal comecei. Ninguém vai sair daqui até que eu saiba da porra toda, entendeu?

Ela nega com a cabeça, o desespero continua estampado em seu rosto. Ela não para de me olhar, implorando, silenciosamente, para que eu faça alguma coisa. Por que eu deveria interceder por ela ou seu amante? Eu não tinha nenhum sentimento por nenhum dos dois, eu só não queria ser responsável pela morte de uma criança, isso se ela realmente estiver grávida. Talvez Max mentisse tão bem quanto Ian...

— Agora, eu vou perguntar de novo. — Marco se levanta e enverga os ombros largos para trás, como se alongasse o corpo musculoso, como um lutador que se prepara para uma briga. — Onde Ian está escondido?

Max choraminga.

— Eu não sei.

E então Romano explode e chuta a cadeira em que o rapaz está sentado, ele cai no chão.

— Não... Desculpe-me. — Ela chora olhando para ele, as mãos em volta da barriga e os olhos implorando por perdão.

— Viu? Você está me forçando a perder a paciência. Por que não poupa o sofrimento desse coitado que não sabia estar se metendo com uma vadia ladra?

— Desculpe-me, Peter. Eu juro que não sei.

Marco tira o blazer e joga a peça sobre uma mesa outra mesa vazia. Ele desabotoa os punhos da camisa social branca e começa a dobrar o tecido até a altura dos cotovelos, partes de suas tatuagens ficam visíveis.

Um flash de coragem ou de burrice inunda o rapaz no chão e ele tenta ir para cima de Marco. No mesmo instante, Romano desvia do

golpe e o atinge com uma cotovelada nas costas e, mais uma vez, ele vai ao chão.

— Cada vez que eu tiver que repetir a pergunta, será um tiro que eu vou dar nesse molenga, entendeu, ruiva? — Marco empunha a arma. — Cadê o Ian?

— Ele fugiu com o dinheiro.

A Magno preta é disparada, o som é seco e ecoa pelo lugar. Marco acerta o pé do homem.

— Eu acho que você não entendeu. — Ele mira no outro pé.

O homem geme no chão, de joelhos, sangrando, completamente impotente.

— Cadê o Ian?

— Eu não sei. Vegas. Não sei. Ele fugiu com todo o dinheiro. É só isso que eu sei.

Marco olha desconfiado, não muito satisfeito.

O segundo tiro faz um furo no sapato do homem e o sangue mancha o piso de mármore italiano.

— Primeiro, você diz que não sabe... Agora, fala de Vegas. É melhor você passar mais credibilidade na próxima vez que eu perguntar.

Marco mira na cabeça do rapaz. Eu pulo da cadeira e vou até ele.

— Para, Marco. Deixe isso para trás! — berro, segurando seu punho.

Romano era selvagem e já estava acostumado a lidar com a morte, mas eu ainda não, não conseguia me habituar àquilo.

— Solte minha mão, morena. Achei que você fosse gostar de assistir. — Sua voz é um rosnado furioso. — Não quer vê-la sofrer? Esqueceu que ela nos envenenou?

— Por favor, Marco. — Dessa vez, sou eu quem implora.

O terceiro disparo é feito e, durante alguns milésimos de segundos, eu não ouço nada. Apenas presencio a cena muda, Max pulando de sua cadeira para aparar o corpo de Peter, o choro e a fúria, a maneira como ela abraçava aquele rapaz, ela parecia amá-lo, ela estava sofrendo. Tudo isso era culpa de Ian! Por que eles fugiram?

Odiei Ian, odiei Romano por tirar a vida daquele rapaz que em nada estava envolvido e me odiei por fazer parte desse mundo sujo e não saber como deixá-lo.

CAPÍTULO 9 – DEIXA EU TENTAR

Catarina Vallenti

Fiquei sete dias sem trocar uma palavra com Marco desde a noite no restaurante. Como eu queria esquecer aquela noite, o buraco aberto na cabeça de um rapaz chamado Peter, eu não o conhecia, mas sabia que seu único erro era envolver-se com a garota errada. Uma golpista, assim como Ian.

Por mais que eu tentasse me distrair brincando com Valentina e Stephan, as cenas de Marco carregando o jovem Peter sem vida para o helicóptero preenchiam minha mente, assim como o murro que ele desferira no rosto de Max, fazendo a ruiva perder a consciência no gramado de um dos restaurantes mais requintados da Itália. Relembro nossa última briga.

— Você disse que não ia bater nela — grito.

Marco me olha com raiva e joga o corpo do rapaz no helicóptero.

— Não. Você me pediu para não bater nela — ele me corrige. — Não seja burra! Se acha que eu vou pilotar com uma vadia histérica, perdeu o juízo. Agora, entre na porra do helicóptero.

— Ou o quê? — Eu o enfrento sabendo dos riscos. — Vai me bater? Vai me arrastar desmaiada de volta para casa, é isso?

Romano me fuzila com o olhar. Suas mãos sujas de sangue me agarram com força, e ele me carrega à força, enfiando-me no banco.

— Coloque uma coisa na cabeça: quem não está ao meu lado é meu inimigo. A essa altura, você já deveria ter escolhido um lado. — Suas palavras são duras, tão fortes quanto seus dedos enterrados em meus braços.

Observo Marco se afastar, eu não precisava ouvir o que ele conversava com o dono do restaurante, mas eu sabia o quanto meu marido sabia ser persuasivo.

Durante todo o trajeto de volta, não há conversa. Nenhuma palavra dita. Eu sabia o que ele queria, a cabeça de Ian, e Max talvez fosse a única a lhe dar alguma resposta.

— O almoço está servido — Maria avisa, me trazendo de volta à realidade.

— Obrigada, Maria, nós já vamos.

Pego os pequenos pela mão e Marco entra na sala. Ele abre um sorriso quando os gêmeos caminham na direção dele, cada um se agarra em uma de suas pernas, querendo colo.

— Meu reizinho e mia principessa! — Ele ergue os dois no colo, e meu coração aperta ao ver como ele é apaixonado por eles e o quanto eles são fascinados por Marco.

Meus olhos enchem de lágrimas, e eu saio dali para que eles não me vejam chorar.

No jardim, tento não pensar que meu mundo está prestes a desmoronar mais uma vez e a agonia de perder tudo que amo não

me deixa ter paz.

Alguns minutos depois, eu ouço Romano se aproximar.

— Morena. — Seu tom é firme.

Eu não o olho e seco o rosto úmido pelas lágrimas.

Sinto sua mão me puxar com firmeza contra seu corpo, eu endureço, por mais que eu sinta falta de seu toque, do seu cheiro, de seu corpo possuindo o meu.

— Olhe para mim. — Ele puxa meu queixo e me força a encará-lo. — Quero levá-la a um lugar.

— Não quero ir a lugar nenhum — retruco e desvio o olhar do dele.

— Mas você vai. Ou quer que eu te jogue no ombro e carregue à força.

Bufo irritada, mas cedo e o acompanho. Ele caminha ao meu lado.

— Que tipo de mensagem acha que eu vou passar se eu deixar a vadia e o ladrão de merda desfilando por aí? Meus negócios se baseiam no poder. Tenho uma reputação a manter.

Quanto mais ele falava, mais eu ficava irritada. Sabia que ele tinha razão, havia outros Mafiosos ansiosos para tomar o lugar de Marco, ninguém tinha coragem para isso, mas se ele demonstrasse fraqueza, poria nossa família em risco.

— Desde quando você liga para o que os outros dizem? — replico. — Não vou ser capaz de olhar para você se for responsável pela morte de uma criança. Uma criança que nem nasceu.

Paramos em frente à livraria que fica a três quadras de nossa casa.

— Ela não está grávida — ele rosna.

— E como pode ter tanta certeza?

— A vadia se nega a fazer o teste de farmácia. Não seja tão inocente!

Ele solta o ar irritado e tira um maço de cigarros do bolso. Ele pega um e o acende com um isqueiro que apanha no bolso da jaqueta.

Marco dá uma tragada, tentando manter a paciência.

— Ela está metida nessa merda até o pescoço. A vadia nos envenenou, nos roubou, Morena!

— Tá, e isso é motivo para deixar ela trancafiada no porão da nossa casa? — grito. — Não acha que se ela soubesse de alguma coisa, já teria falado?!

Ele olha ao redor para ver se alguém ouviu meu breve surto.

— É, é motivo, sim. Na verdade, a única coisa que mantém aquela vagabunda viva é a possibilidade da cadela saber o paradeiro daquele ladrão de merda.

Não há o que discutir, Marco está irredutível, nada nem ninguém vai fazê-lo tirar essa vingança da cabeça. Ele solta a fumaça do cigarro pelo nariz e continua me encarando. Eu penso rápido.

— Então deixe-me cuidar disso do meu jeito, me dá um tempo, eu vou descobrir o que aconteceu depois daquela noite no Sul.

O cigarro aceso pende em seus lábios, e ele me avalia.

— Por favor — peço em um tom um pouco mais manso. — Pelo menos até descobrirmos se ela está grávida ou não, aí você faz o que quiser com eles, pendura pelo dedinho do pé e tortura até enjoar, tanto faz, eu não ligo.

Era só meia verdade, eu não queria que Marco torturasse Ian, mas esse problema eu deixaria para o futuro.

Romano tira o cigarro da boca e a fumaça escapa quando ele sorri, não é bem um sorriso, mas já é alguma coisa.

— Agora me diz, por que me trouxe aqui? Essa é sua tentativa de comprar minha felicidade, comprando um livro? — brinco e fico na ponta dos pés para beijá-lo.

Marco me beija e não diz nada, apenas possui os lábios que ele sabe que são só dele. Agora estamos bem. Quando ele afasta a boca da minha, sinto o corpo aquecido, e ele me puxa para dentro da livraria.

Os olhares das atendentes acompanham nossos passos.

— Marco — aponto para a plaquinha com o sinal indicando que é proibido fumar naquele ambiente.

Ele se aproxima da parede, arranca o aviso com um puxão violento e entrega a um garoto de óculos com um crachá preso à camisa.

Romano caminha pelas extensas prateleiras de livros e senta em uma das poltronas, apoiando as botinas em uma mesa repleta de revistas.

— Senhor das armas? Quer fazer o favor. Vamos acabar sendo expulsos daqui.

— Sério? — Ele não parece preocupado. — Acho difícil eles expulsarem o dono do lugar.

Arregalo os olhos.

O quê?!

Marco apenas acena com a mão para que o rapaz saia de perto de nós, e o jovem obedece, carregando a placa recém-arrancada.

Olho para os três andares acima de mim repletos livros.

— Não brinque comigo, Marco — ameaço ainda olhando para todos aqueles livros.

— Eu pareço estar brincando? — Ele arqueia as sobrancelhas loiras e o canto esquerdo de sua boca se ergue em um sorriso.

Pulo no colo dele e cubro seu rosto de beijos, ele deixa o cigarro cair e suas mãos vão direto para os contornos de meu corpo uma sobe pelas minhas costas e engancha em meus cabelos enquanto a outra me puxa bem para perto dele.

***

Era “noite do pôquer”, eu e você já sabemos o que isso significa, Marco sairia para cobrar algumas dívidas. E assim que ele passou pela porta da frente ao lado de Spinello, eu corri, não sem antes pegar a Glock que eu carregava em minha bolsa, Romano me ensinara a atirar e fazia questão de que eu sempre andasse com uma arma, mesmo que, para qualquer lugar que eu fosse, sempre houvesse, no mínimo, três seguranças a uma certa distância. Inspirei fundo e cobri com uma blusa larga a arma que enganchei entre a calça e a cintura. Destranquei a porta e acendi o interruptor, a luz acendeu.

Max se encolheu no canto e, por uma fração de segundos, eu tive pena dela. A bofetada que Marco havia dado nela naquela noite no restaurante já havia quase desaparecido.

— Eu quero conversar. Por favor, não tente fugir ou eu não terei como protegê-la, nem mesmo a criança que você diz estar esperando.

Ela me olha desconfiada, mas se levanta devagar. Acuada, ela dá passos lentos, Max caminha descalça, ela havia perdido um dos

sapatos quando fora “colocada” no helicóptero.

É a primeira vez que a vejo em todo esses dias, e ela não parece ser a mesma mulher que fugira com Ian, algo havia mudado. Talvez ela já tivesse entendido que ia morrer... Bom, todos nós vamos na verdade, só que a morte para ela chegaria mais cedo.

Max me seguiu até a cozinha. E sentou na banqueta.

Eu tinha tanta coisa para perguntar, antes, bem antes, quando eu estava na prisão, eu só conseguia pensar em como eu a xingaria, puxaria seus cabelos, brigaria e surtaria se tivesse a chance de vê-la de novo, mas, pelo visto, eu também havia mudado. Marco era o motivo.

Abro a geladeira e pego alguns potes com sobras do almoço e aqueço um por vez no micro-ondas. Pego duas latas de cerveja e dois pratos no escorredor de louças sobre a pia.

Sento-me em uma banqueta ao lado dela e me sirvo. A massa está fumegando e a lasanha à bolonhesa parece estar mais saborosa do que na hora do almoço.

Devagar, Max também se serve. Ela cutuca a comida com o garfo.

— Não está envenenada. Não está me vendo comer? — retruco com certa rispidez.

— O que vocês fizeram com ele? — ela pergunta com repulsa e tenta comer, mas deixa o talher encostado na beira do prato recém-servido.

Puxo o anel da lata e tomo um gole da cerveja gelada.

— Marco o jogou no mar.

Seus imensos olhos azuis esverdeados ficam marejados pelas lágrimas, mas ela passa as mãos no rosto antes que elas rolem por

sua pele.

Ela olha para a faca que coloquei sobre a mesa.

— Por favor, não faça isso — digo, tomando um outro gole da cerveja. — Se você acha que sua vida está ruim agora, imagina quando Marco souber que você esfaqueou a mãe dos filhos dele. Aí, nem o bebê que você diz ter aí dentro vai poder lhe salvar.

Ficamos em silêncio, eu continuo a comer, mas ela não se move, olho para meu relógio de pulso, ele mais parece uma joia do que um relógio propriamente dito. Onze e meia. Os gêmeos estão dormindo, é a noite de folga de Maria.

Limpo a boca no guardanapo e a encaro.

— Você sabe que ele não vai parar.

Ela suspira de maneira derrotada.

— O que você quer de mim?

— A verdade. — Meu tom é calmo e controlado.

— Ian fugiu com o dinheiro, eu nunca mais o vi desde então.

— Não, Max, eu quero saber o plano todo. Eu mereço saber.

Ela ajeitou os cabelos amarrando-os em uma espécie de nó e abriu sua cerveja.

— Eu amava o Peter — ela disse antes de beber tudo de uma única vez.

Senti que ela falava a verdade, aquilo já era alguma coisa...

— Espere — a interrompo e vou até a o minibar. Pego a garrafa de vodca e volto a me sentar ao lado dela.

Eu precisava de um pouco de coragem líquida para ouvir tudo o que ela tinha para contar.

Ela pegou a garrafa da minha mão e tirou da tampa. Deu um longo gole direto no gargalo e bateu a garrafa sobre a bancada à

nossa frente.

— Conheci Ian em um cassino, eu havia terminado de fazer um programa. Foi aí que o vi no bar, bebendo sozinho, achei que ele fosse ser uma presa fácil. Gostoso, rico e sexy. — Max para de falar e bebe mais uma vez. — Eu não poderia estar mais errada.

CAPÍTULO 4 – SEXO, PARCERIA, ETC...

Catarina Vallenti

— Esperei que Ian me cantasse, mas ele nem olhou para mim quando sentei ao seu lado no bar. Aquilo me incomodou. Eu não estava acostumada a ser esnobada. — Ela lembra, deslizando o indicador sobre o rótulo da garrafa.

E então ela começou a me contar a sua história...

Eu tinha acabado de passar uma hora com um gordo de barriga cabeluda e pinto pequeno montado em cima de mim. Quando vi aquele homem monumental bebendo seu whisky, pensei que poderia seduzi-lo e tirar a imagem de meu último cliente da cabeça. Ian parecia um daqueles homens que vemos estampados nas capas de revistas, alto, porte atlético, os cabelos escuros quase negros levemente despenteados. Isso sem falar no terno italiano que ele usava, sem dúvidas, ele era o homem mais bem vestido dali, e também o mais gostoso.

— Poupe-me dos detalhes, Max, concentre-se na história, já entendi essa parte — a interrompo.

Ela ri, mas não há humor em seu sorriso, apenas uma ponta de ressentimento, em seguida, volta a contar a sua história.

Fiquei esperando que ele me pagasse uma bebida, que dissesse qualquer merda para tentar me levar para cama, mas ele não o fez. Então, tomei a iniciativa.

— Essa cidade parece que nunca dorme — disse a ele.

— Dormir é superestimado — ele respondeu de forma despretensiosa e me olhou.

Lembro de jamais ter visto um azul tão límpido e claro como os dos olhos de Ian.

Ergui a minha bebida e dei um sorriso malicioso, havia conseguido sua atenção.

— E o que sugere que seja melhor do que uma boa e longa noite de sono?

Ian abriu um sorriso despudorado. Sexo. Sexo e mais sexo... Foi o que ele me proporcionou durante três dias. O cara sabe trepar.

— Max! — eu a repreendo irritada. — Poupe-me da porra da trepação e passe para a parte que realmente me interessa.

Ela continua a contar...

Não sei o que aconteceu, mas, no terceiro dia, ele havia ido embora do meu apartamento, levando o dinheiro que eu estava economizando para poder largar essa vida enquanto ainda era jovem.

Tinha esse brasileiro que eu saía uma vez ou outra quando ele ia para Vegas. Ele até que era simpático, Danilo. Danilo Gomes, ele era bem, bem mais velho do que eu. Resolvi aceitar o pedido repentino que ele me fizera e, quando ele retornou para o Sul do

Brasil, eu vim junto. Vi nele a segurança econômica que eu precisava e agarrei a chance com as duas mãos.

— E onde o Ian entra nessa história toda? — pergunto, tomando mais gole da vodca, dando conta de que Ian tinha mentido também sobre Max, eu lembrava muito bem dele dizendo que não tinha nada com ela.

— Se você me deixar contar, você vai entender, será que dá para parar de me interromper?

Quando achei que estava tudo se encaminhando, Ian apareceu na porta da minha casa com um envelope pardo nas mãos. Eu o deixei entrar, achando que ele me devolveria o dinheiro.

— Quer dizer que se eu não cooperar você vai mostrar isso ao Danilo?

Ele havia tirado fotos minhas com meu *personal trainer* em exercícios não muito convencionais.

— Não é nada complicado. Você só precisa provocar ciúmes na Catarina. Ela e o Marco têm que acreditar que nossa relação vai mal. Não vai ser muito difícil.

— E por que isso? O que esse tal de Romano tem a ver com vocês dois?

— É uma longa história. — Ian recostou no sofá e atirou as fotos sobre a mesinha de vidro.

— Mas vocês não vão machucar nem a mim nem ao Danilo, não é? Se não, pode esquecer.

Ian arqueia a sobrancelha e mexe nos cabelos sedosos.

— Não. É só você seguir com o plano e todos ficarão bem.

Andei de um lado para outro em frente à lareira acesa, pensando, remoendo a ideia rapidamente, calculando os riscos.

— Como eu vou saber que não vai ficar me chantageando infinitamente por causa dessas fotos? Você já me roubou uma vez, como eu posso confiar?

Ele revirou os olhos e não escondeu a irritação.

— Por isso que eu não faço negócios com mulheres — resmunga e volta a me encarar. — É só teatro, doçura. Seja querida e você nem vai perceber quando formos embora.”

— Espere aí! — interrompo outra vez. — Mas o que o Dominic tinha a ver com isso tudo, fazia parte do plano você ficar com ele também?

Max pega a garrafa da minha mão e bebe um generoso gole.

— Que nada... Dominic era um gostoso, e eu só queria tirar uma casquinha. — Ela suspira e bebe mais. — Ficou sabendo o que aconteceu com ele depois que você foi presa?

— Não, o quê? — pergunto em um tom mais lento, toda a bebida já estava começando a me anestesiar.

Ouço o choro de Valentina vindo do quarto e corro para atendê-la. Max vem logo atrás de mim e se escora no batente da porta.

— Peter queria filhos. Ele estava torcendo para que fosse uma menina. Ele queria tanto uma família. — Seus olhos ficam marejados ao me ver embalar Valentina até que minha pequena durma outra vez.

Ela caminha trôpega até o berço e passa as mãos nos cabelos escuros de minha filha.

— Um dia você terá a sua — digo em voz baixa, sabendo que o mais provável é que esse dia nunca chegue, já que a paciência de Marco não durará muito tempo.

— Não, eu não vou. Não posso ter filhos — ela confessa. — Por favor, não conte para o Marco.

Pego em seu braço e caminhamos juntas para a sala. Ela deixa o corpo cair pesadamente no sofá, eu me sento ao lado dela, sem nada para dizer, qualquer tipo de consolo que eu pronunciasse agora seria apenas mais uma mentira e é difícil mentir sob o efeito do álcool.

— Você ia me contar o que aconteceu com Dominic. — Desfaço o silêncio.

— Marco descobriu que ele era um policial infiltrado. Soube que ele era o responsável por sua prisão.

— E?

— Romano mandou fuzilar as casas dos familiares, foi um verdadeiro massacre.

— Marco matou Dominic? — Sinto a cabeça um pouco zonza.

— Ele fez pior. Mutilou o pobre Nick e o deixou tetraplégico. — Max volta a ficar em silêncio. — Prefiro que ele me mate. Só de pensar que todos os que amo se foram e eu ficarei presa a uma cama o resto da minha vida... Eu prefiro a morte.

Não falo nada, mas Marco não dará a ela o direito de escolher, essa decisão só cabe a ele.

— Não pense nisso agora — digo.

Bebo o último gole e apoio a garrafa vazia sobre as pernas.

— Sabe uma coisa que eu não consigo entender, não entra na minha cabeça por que vocês me envenenaram. Por que eu não fugi junto? Por que Ian me deixou?

Com o olhar perdido, ela continua a narrar os acontecimentos daquela noite que mudou o rumo de tudo.

— Você vai deixar sua garota? O que o Marco vai fazer quando acordarem?

Ian não me respondeu. Apenas acomodou as malas de dinheiro na traseira da caminhonete em silêncio.

— Ian, Marco vai matar a Catarina, você sabe que ele é louco.

Ele jogou a última mala na enorme pilha e me olhou furioso. O suor escorria por sua pele branca, ele puxou os cabelos para trás com as duas mãos.

— Não, ele não vai.

— Como você pode ter certeza? — insisti.

Ian socou a lataria com força três vezes e a marca de seu punho ficou impressa ali.

— Porque ele a ama. Marco é louco por ela. Do contrário, já estaríamos mortos quando ele nos encontrou escondidos em Canela. Aquela conversa de aceitar o dinheiro dos assaltos... Ele só estava tentando ganhar tempo para reconquistá-la. No final do acordo, ele mataria um de nós e o outro ficaria livre.

Fiquei boquiaberta com o que ouvi.

— Vocês são todos loucos. — Entrei na caminhonete ainda sem acreditar.

Ian adentrou o carro e começou a dirigir em silêncio.

— Então você está desistindo dela para salvar a própria pele, é isso? Por que é isso que ela vai pensar! — exclamei. — É isso que eu estou pensando, Ian.

— Eu só preciso de um tempo para dobrar esse dinheiro em Vegas e eu volto para buscar minha Pepa — ele disse em voz baixa.

Balancei a cabeça.

— E se o Marco conseguir? — Abaixei o vidro da janela pressionando um botão na lateral da porta e deixei o ar da madrugada entrar.

Ian acelerou.

— Vou ter que correr esse risco. Porque, se for assim, ela não me ama como eu a amo.

Com o coração apertado e um nó na garganta, tenho vontade de chorar, mas as lágrimas não saem, eu ainda estava assimilando tudo o que ela acabara de dizer. Por isso ele voltara no dia do casamento...

— Eu lembro que Marco pegou um rapaz que trabalhava no porto. — Minha voz falha e fica quase impossível respirar. — Ele contou a Romano que vocês eram recém-casados, eufóricos e apaixonados.

Max dá um suspiro.

— Tudo uma farsa, Catarina, uma mentira bem elaborada para fazer Marco acreditar que Ian não queria mais saber de você.

E deu certo, porque eu pensei a mesma coisa.

— E depois? O que aconteceu? Do Brasil você veio parar aqui, em uma ilha na Itália?! — A pressão no meu peito aumenta, e eu me levanto, preciso de ar.

— Não foi bem assim... — ela explica — Ficamos uma semana em alto-mar, quando acordei com o barulho das hélices de um helicóptero, achei que Marco havia nos encontrado. Corri pelo iate até chegar à superfície, a tempo de ver Ian partindo com todo o dinheiro.

— Quer dizer que você não sabe mesmo onde ele está?

— Claro que não! Ou o teria delatado para Marco na mesma hora. Aquele cretino egoísta!

Uma onda de enjoo me atinge e sinto à vontade de vomitar aumentar.

— Ele chegou a encontrar você depois de tudo?

Balanço a cabeça.

— No dia do meu casamento — conto. — Ele implorou, mas não lhe dei ouvidos! Eu estava tão magoada, tão ressentida, mal pude olhar para ele.

Max dá uma risada.

— Muito bem feito! Queria ter visto a cara dele quando você disse “não”.

Abro a janela da sala e respiro fundo, tentando pôr em ordem todos os pensamentos confusos e as emoções que se agitam dentro de mim.

— Como ele reagiu quando soube que Marco está criando a filha dele? — Noto um tom perverso em sua voz. Eu me viro para encará-la. — Até um cego pode ver que aquela menina é a cara do Ian.

— Stephan e Valentina são filhos do Marco. E, se você tem algum amor pela vida, nem pense em repetir algo diferente. Marco é louco pelos dois.

Ouço meu celular vibrar e o tiro do bolso.

1 mensagem não lida. Número desconhecido.

Clico e a mensagem aparece na tela.

Meu coração pula uma batida, talvez duas.

ESTOU TE ESPERANDO NO QUARTO.

CAPÍTULO 11 – SANGUE NAS MÃOS

Catarina Vallenti

Saber de tudo fazia alguma diferença para mim? Na verdade, o que eu havia ouvido naquela noite complicava tudo, tornava tudo mais difícil, porque eu não saberia como agir, tendo em vista que ele não tinha me abandonado, e sim forjado tudo. Uma farsa elaborada para abrandar a fúria de Marco assim que o acordo dos doze assaltos chegasse ao fim. No entanto, me deixar de fora só complicou tudo, porque esse tempo todo me mostrara um lado de Marco que eu não conhecia, não o mafioso bruto e vingativo, mas um homem apaixonado, um verdadeiro pai para meus filhos. A atração que eu sentia por Marco se transformara, aos poucos, em um sentimento que eu não podia nomear. Um sentimento que eu julguei ser incapaz de ter outra vez.

Agora, uma mensagem brilhava na tela de meu celular, as letras todas maiúsculas, ele estava me esperando no quarto. Parei diante da escada pensando no que diria para Ian quando ouvi a porta do hall de entrada ser aberta.

— Nós cuidamos deles amanhã. — Marco disse a um homem que eu não pude ver o rosto direito.

— Certo, chefe.

Ele fechou a porta atrás de si e encarou-me por poucos segundos. As mãos dele ainda estavam um pouco sujas de sangue. Claro que estariam, afinal era “noite do pôquer”.

— Chegou mais cedo. — Constatei o óbvio, tentando ganhar algum tempo enquanto caminhava até ele.

Romano sorria pouco, eram raros os momentos, apenas quando estava comigo ou com os gêmeos, o lado afetuoso que ele mostrava apenas para nós três.

— Pois é, o jogo não durou muito.

Em outras palavras, o cara que devia a ele pagara a dívida após uma boa surra.

Marco passa o polegar áspero pelo contorno de meu rosto, e eu inclino a cabeça na direção de sua carícia.

— Está branca — observa.

Pego a mão dele e coloco no centro de meu peito.

— Você confia em mim? — Minha voz soa trêmula.

— Diga logo o que aconteceu? — ele ordena.

— Ian. Ian está lá em cima.

Marco passa por mim como um furacão e sobe as escadas pulando dois ou três degraus por vez. Estou zonza demais para conseguir acompanhá-lo. Ouço ele arrebentando a porta do nosso quarto com um chute. Uma dor lancinante irradia do topo de minha cabeça, sinto o líquido morno escorrer por meu couro cabeludo. Minhas pernas falham assim que dou o primeiro passo, não tenho o

controle de meu corpo, tudo ao meu redor é tomado por uma névoa negra. Tudo. Tombo e apago.

****

Marco Romano

Ele foi imbecil o suficiente para aparecer aqui uma outra vez, no nosso quarto. Já não havia nenhum sinal de que ele estivera aqui. Empunhando a Magnum, entro no closet, vasculho o quarto inteiro. Nada. Gritos vêm do jardim.

Saio do quarto e vejo o corpo da minha Morena caído próximo ao topo da escada, a porta de entrada está entreaberta.

— Morena. — Corro até ela e ergo seu tronco.

Ela não fala nada, o corpo mole e sem vida em meus braços. Sinto a fúria fervilhando dentro de mim, a carrego no colo e, cuidadosamente, a deito no sofá. Meu braço fica sujo de sangue. Não o sangue de meus devedores. O sangue é recente, o sangue dela.

Os gritos que vêm de fora da casa se intensificam.

Saio da casa e encontro Max sendo segurada por Spinello e Giordano. Ela se debate, pois sabe o que vem a seguir.

— Você matou ele, seu desgraçado —ela berra. — Peter não tinha nada a ver com toda essa podridão. Eu quero que você morra.

— Está na hora de se juntar a ele então — rosno.

Pego minha pistola e acerto dois tiros seguidos na ruiva.

— Se livrem do corpo — rujo e volto para dentro.

Morena continua na mesma posição que a deixei.

Procuro pelo celular dela e o encontro no bolso da calça. A mensagem do filho da puta ainda está ali. Acesso a agenda e ligo para Maria. Três bipes soam antes que a babá atenda ao telefone.

— Patroa... — A mulher no outro lado da linha está sonolenta.

Eu a interrompo.

— Venha já para cá. — Encerro a ligação e enfio o celular no meu bolso.

Caminho de um lado para o outro esperando que a porra da babá apareça para ficar com os gêmeos. Menos de meia hora depois, ela está ali. A mulher viera de pijama.

— O que aconteceu? — Ela cobre os lábios, espantada ao ver o estado de Morena.

— Não tenho tempo para explicações, amanhã, no primeiro horário, chame uma empresa para fazer a mudança e uma equipe de limpeza para arrumar tudo.

Pego Morena nos braços e a levo para o carro. Dirijo o mais rápido que posso, cortando todos os sinais vermelhos. Paro em frente à emergência. Desço do carro e a pego no colo mais uma vez.

— Marco — ela murmura.

— Quieta, Morena, vai ficar tudo bem. Eu estou aqui.

Logo dois enfermeiros vêm em minha direção empurrando uma maca vazia. Eu a deito ali para que cuidem dela. Segurando em sua pequena mão fria, eu sigo a acompanhando, ao lado da maca. Não quero soltar sua mão.

— Cadê os médicos dessa porra?! — xingo nervoso. — Não a trouxe aqui para ser atendida por enfermeiros!

— Senhor. — Sinto uma mão segurar-me pelo braço, isso faz com que eu solte a mão de minha Morena. — Peço que fique na sala de espera.

— Espera o caralho. — Eu o agarro pelo pescoço e bato o corpo dele contra parede.

Um guarda que assistia a cena veio até mim.

— Cesar, deixe quieto.

Eu tinha a polícia de Sardenha nas mãos, eu era responsável por dobrar o salário deles.

— O senhor Marco só vai acompanhar a esposa.

— É, Cesar — rosno. — Agora me mostre para onde levaram minha mulher.

O enfermeiro passou a mão pelo pescoço vermelho e deu um pigarro.

— Por aqui.

***

Já estava amanhecendo quando Morena despertou. Ela tentou mover o braço que recebia medicação, mas eu a impedi.

— Cuidado. — Mantive sua mão parada debaixo da minha para que ela não puxasse o fio.

— Marco — ela me chama com a voz rouca. — O que aconteceu? Valentina e Stephan, quem está com eles? — Ela tenta se levantar.

— Eles estão bem. — Tento acalmá-la. — Daqui a pouco, vou levá-la para casa.

***

Catarina Vallenti

Marco obrigou os médicos a refazerem os exames, ou seja, só saímos de lá no início da noite. Voltamos para a nova casa, boa parte de nossas coisas já estava lá. Durante o jantar, nós quase parecíamos uma família normal.

Quando fomos para o quarto, deitei de lado, o corte na cabeça ainda incomodava um pouco.

— Não lembro de muita coisa de ontem — digo. — Lembro de estar bebendo com a Max, depois... — Faço uma pausa ao lembrar da mensagem. — Aí, você chegou.

Ele tira as roupas sujas e fica apenas com a boxer preta.

— Quando fui atrás daquele filho da puta, a vadia te acertou uma garrafada na cabeça e tentou fugir. — Ele vai para o banheiro.

Ouço o som do chuveiro sendo ligado. Após alguns minutos, ele volta, os cabelos loiros pingando, a toalha branca enrolada em sua cintura.

— E o que fez com ela?

— O que você acha? — Ele se deita ao meu lado. — O que precisava ser feito.

***

Depois de quase duas semanas sem sair de casa e após muito incomodar Marco, eu havia finalmente conseguido ir trabalhar na livraria que ele me dera de presente. Claro que tinha um segurança em cada andar e mais dois logo na entrada do lugar, mas essa era a condição que ele me impusera.

Eu passava boa parte das minhas tardes naquele lugar, devorando um livro por vez. Sentada em uma confortável poltrona, eu ria sozinha lendo “O Devasso Mora ao Lado”. Uma vez ou outra, eu olhava para o lado para ver se alguém estava presenciando meu surto de risos.

— Boa tarde, cunhada. — A voz grave me causa um arrepio. Abaixo o livro contra o peito para encarar o homem à minha frente.

Ethan.

Ele me encara, escorado em um pilar.

— O que veio fazer aqui? — Fico de pé e, de repente, me sinto pequena perto dele.

Ethan dá alguns passos em minha direção, e eu recuo.

Ele dá um meio sorriso ao ver que estou com medo e coloca a mão dentro do blazer para tirar algo.

Fecho os olhos e penso em gritar, mas talvez não haja tempo de gritar. Fico imóvel e mal respiro. Quando ouso abrir os olhos novamente, Ethan não está mais ali. De maneira silenciosa e sorrateira, ele desaparecera, deixando apenas um envelope de carta preto sobre a poltrona na qual eu estava sentada minutos atrás.

Solto a respiração e apanho o envelope. Olho para os lados mais uma vez. Estou sozinha. Retiro o convite negro com letras douradas grafadas em uma letra cursiva fina.

Madame O
Castello Di Bosa
Meia noite - 17 de novembro

CAPÍTULO 12 – A FESTA

Catarina Vallenti

Marco chegou e mordiscou minha nuca antes de me puxar para continuarmos a explorar os outros quartos. Caminhando pelo extenso corredor, passamos por um casal que conversava de forma íntima na entrada de um quarto. Mesmo à meia-luz, quando passo pelo homem, sinto uma fragrância familiar, de imediato, lembro de seu perfume único. Não ouso olhar de novo, mas eu já sabia que era ele. Ian Salvatore.

Romano abre a porta, e ficamos observando um homem deitado na cama principal, ele estava na companhia de duas mulheres idênticas, gêmeas loiras, nenhum dos três estava vestido. Elas se beijavam enquanto ele se masturbava, deixando o gozo cair pelos corpos das jovens.

Há uma imensa cama localizada no centro do quarto, os “acessórios” desse quarto eram um pouco diferentes do primeiro, além dos espelhos que cobriam todas as paredes e teto. Longos tecidos presos por roldanas metálicas pendiam sobre a cama.

— Você sabe para que servem esses tecidos? — cochicho para Romano.

Ele dá um sorriso sacana e me puxa para dentro do quarto. O casal que estava no corredor logo vem atrás de nós.

Marco pega nossas taças e larga sobre um aparador dourado no canto do quarto. Não tenho coragem de olhar, mas sei que Ian está ali, sinto seu olhar sobre meu corpo.

Romano caminha até mim e me guia para a cama.

— Vou te mostrar para que isso serve. — Sua voz grave faz um arrepio gostoso se espalhar por meu corpo.

Ele me deita na cama devagar e começa a distribuir beijos pela minha boca, descendo até meu decote. Meu corpo inteiro aquece. Meus gemidos se misturam aos das loiras.

Sem dizer nada, ele se aproxima e estica a mão devagar em minha direção. Marco não o impede. Vejo a tatuagem no dedo anelar e me recordo de Ian me contando seu significado, Ic Et Nunc. “Aqui e agora”. Não tenho dúvidas, é Ian. Ele faz um sinal com a cabeça para que a asiática que o acompanha se aproxime de Marco.

— Posso ajudar? — ela se oferece para Romano, tocando seu braço.

Ian se inclina sobre a cama e chega mais perto, o perfume dele se intensifica, o tom inconfundível de azul se faz notório, não tenho mais dúvidas. É ele.

Salvatore acaricia o contorno de meu rosto e roça o polegar sob meu lábio inferior. Marco observa a cena com um sorriso malicioso no rosto, ele puxa a jovem que mais parece uma gueixa para que fique entre minhas pernas.

— Chupa — eu o ouço sussurrar no ouvido da garota enquanto ele puxa a barra do meu vestido curto para cima.

Marco agarra meu sexo e o esfrega. Seus dedos deslizam por entre meus lábios escorregadios, e o desejo se espalha por meu corpo como fogo. Ela o obedece e começa a me beijar ali, ela me lambe aos poucos, seus beijos são delicados e quentes.

Meu coração quase arrebenta no peito quando Ian me beija. Sinto a urgência em seus lábios.

— Podemos participar também? — Uma das loiras pergunta a Marco.

As mãos de Ian puxam meu decote para baixo, deixando-me apenas com o sutiã meia taça.

— Quanto mais, melhor — ele responde com malícia.

Desvencilho-me do beijo e olho para Marco, que tem suas roupas tiradas pelas loiras. Elas passam as mãos pelo corpo dele, acariciando os contornos de seus músculos, suas tatuagens.

O homem que estava com as duas loiras se aproxima, o membro semiereto, o corpo nu bronzeado, o cavanhaque. Ethan? Não pode ser ele.

Ele se aproxima ainda mais. Os lábios perigosamente perto.

Ele me beija. Quando sua língua invade o interior de minha boca, sinto um comprimido se desmanchar, misturando algo ao beijo.

— Marco — gemo quando estou prestes a gozar.

Ian puxa meu sutiã para baixo e abocanha um de meus seios enquanto Ethan chupa o outro.

— Sejam boazinhas — Marco ordena, acariciando a boceta da garota loira enquanto a outra, chupa seu membro. — Amarrem minha Morena que agora ela precisa ser fodida.

O prazer que toma conta de meu corpo é quase insuportável. Sinto-as pegando em minhas mãos e esfregando minha palma contra seus corpos suados, passando meus dedos por seus mamilos endurecidos antes de imobilizarem meus pulsos com os tecidos que pendem do teto.

Imóvel e à mercê de todos, eu estava mergulhada em um prazer que mal cabia em mim.

A asiática sai do meio de minhas pernas, os lábios ainda brilhando, ela e Ian eram os únicos que ainda estavam vestidos. Marco se posiciona sobre mim, porque ele será o primeiro a me comer, comer com força.

Sinto seu membro ereto e rígido contra minha boceta encharcada. Quando ele me penetra, eu grito de prazer.

Os gemidos no quarto se tornam mais altos e evidentes, há mais casais beijando-se, algumas mulheres deitam-se ao meu lado; outras, ficam de quatro enquanto seus parceiros arremetem estocadas, assim como Marco faz comigo. Não, com Romano é muito melhor.

Ian solta meu seio e começa a despir-se, em segundos, seu membro já está em minha boca e eu o chupo com prazer.

O orgasmo me invade de novo, e meus gemidos se misturam a tantos outros. Sinto mãos pequenas, mãos grandes, homens e mulheres apalpando e apertando minhas coxas, minhas pernas.

Não há medida para quantificar o prazer que me inebria, o cheiro que impera no quarto é de champanhe, sexo e suor.

Marco sai de dentro de mim e desfila nu pelo quarto. Continuo a chupar Ian, lambendo toda extensão de seu pau, lambo suas bolas e volto a abocanhar seu membro.

Percebo o tecido ao redor de meus pulsos sendo afrouxado, logo depois, meus tornozelos também estão livres.

Marco retorna com uma garrafa de champanhe em uma das mãos. Paro de chupar Ian e, com movimentos lentos, eu me levanto, desvencilhando-me aos poucos da orgia que acontece ao nosso redor. Romano toma um gole direto no gargalo e me puxa pela cintura para continuarmos nosso “tour” pelo castelo. Puxo meu vestido para cima e cubro meus seios, meus mamilos estão sensíveis pelos beijos recebidos recentemente. Marco veste apenas a calça, o blazer e a camisa estavam jogados sobre o ombro direito de maneira despretensiosa.

Eu já não fazia ideia de quanto tempo havíamos ficado naquele quarto, horas talvez, mas quando bebi o espumante que ele me entregara, percebi que estava sedenta.

— Está quente aqui — digo, entregando a garrafa a ele.

Ele dá um meio sorriso.

— Então é melhor eu te levar para a piscina.

Marco entrega a garrafa a um garçom que passa por nós e me puxa pela cintura, meu coração está batendo tão acelerado no peito que parece que vai saltar a qualquer momento.

***

A piscina é cercada por um jardim externo, não há tantos casais ali quanto no quarto.

— Não sei se quero entrar na piscina — digo um pouco ressabiada ao lembrar da noite com Dominic e o afogamento.

Marco sorri e suas mãos vão para o zíper de meu vestido.

— Morena. — Ele vai tirando meu vestido. — Você não precisa ter medo de nada enquanto estiver comigo.

Meu vestido é o primeiro a cair. Agora, Marco tira meu sutiã, prendo a respiração quando suas mãos me envolvem e ele me puxa contra a rigidez de seu corpo musculoso. Romano roça a barba loira em minha boca e morde meu lábio inferior. Apoio minhas mãos sobre os músculos de seu peito, a pele de Marco é tão quente... Ele se despe sem nenhum pudor, e eu o observo entrar na piscina primeiro. A tatuagem que cobre suas costas é de tirar o fôlego, isso sem falar na bunda de Marco...

— Vem, Morena — ele me chama e molha os cabelos loiros, puxando para trás com as duas mãos.

Eu obedeço e desço as escadas devagar. A água está morna, meus pés quase não tocam o fundo da piscina. Marco me puxa para si e me mantém segura, como disse que faria.

Nossos corpos nus estão unidos.

— Imaginava que seria assim? — Ele afasta as mechas de meu rosto.

— Não. — Acaricio sua barba loira com a ponta dos dedos. — É muito melhor.

Outros casais se juntam a nós na piscina.

— Sentimos sua falta, bad boy. — Uma das loiras esfrega-se em Marco.

— A sua também, Morena — o homem com cavanhaque sussurra ao meu ouvido.

A água da piscina se agita um pouco mais. Olho para o casal que vem em nossa direção.

Ian chega mais perto e me prensa contra o corpo de Marco.

Romano me penetra devagar, meu sexo está dolorido e inchado, mas o tesão de estar entre os dois é maior que tudo.

Um gemido escapa de meus lábios quando Salvatore abre meu traseiro com as duas mãos e mete a cabeça em meu cuzinho.

— Devagar... devagar... — imploro aos dois quando eles me fodem ao mesmo tempo. Mal consigo respirar ao ser preenchida dessa maneira.

— O que você quiser — Ian sussurra chupando minha nuca, às vezes mordendo.

Marco diminui o ritmo, assim como Ian, para que eu me “acostume” com a sensação de ter os dois dentro de mim.

— Assim.... — gemo contra os lábios de Marco, e ele captura os meus em um beijo.

Aos poucos, a dor é substituída por algo a mais, uma pressão, uma espécie de calor que só pode ser abrandada pelos movimentos de ambos, mesmo que isso me leve ao limite.

Nossos corpos tomam um ritmo sincronizado, quando Marco me puxa contra ele, Ian tira quase todo o pau de dentro de mim, e recomeça tudo de novo em um entra e sai mecânico e monumental.

O gozo me invade com força, e meus gemidos são engolidos por Marco.

— Isso, goze no meu pau — ordena com a voz rouca de desejo.

Eu me desmancho em um prazer sem limites.

Marco me vira de costas para ele, de maneira que eu fique de frente para Ian.

— Quero o cuzinho. — Ele mordisca o lóbulo de minha orelha e enfia o membro rígido em meu ânus.

Ian penetra minha bocetinha assim que eu dou o primeiro grito. Ele recosta a testa na minha, os olhos azuis despindo minha alma, nossas respirações se misturam e o movimento daqueles dois deuses possuindo meu corpo recomeça.

Eu chego ao ápice outra vez, mas eles continuam incansáveis e possessivos, dominando meu corpo por todos os lados, de maneiras inimagináveis.

Sinto as batidas do coração de Marco e Ian se misturando as minhas.

Marco intensifica o ritmo das estocadas e Ian faz o mesmo, cravo minhas unhas em suas costas e mordo seu ombro com força. Sinto o gozo morno de ambos dentro de mim.

Ian foi o primeiro a sair de dentro de mim. Ele sussurra com os lábios colados aos meus:

— Você vai ser minha de novo — promete.

Romano tira o membro de mim e me vira para ele. Outros casais continuaram os beijos e carícias mais ousadas, as gêmeas e Ethan não estavam mais ali, assim como Ian e a garota asiática.

Com as pernas ainda bambas, enrosquei-me em Marco, ficamos abraçados por um tempo. Ele me carregou para fora da piscina e deitamos juntos em uma das espreguiçadeiras no entorno da piscina.

Com a cabeça debruçada sobre o peito dele, eu não conseguia mais manter meus olhos aberto, estava à beira da exaustão física.

***

Quando volto a abrir os olhos, já estamos em nosso quarto, uso apenas a camisa social branca que ele estava vestindo na noite

anterior. Flashes rápidos surgem em minha mente: os beijos de Ian; Marco me possuindo naquele quarto; a água da piscina agitada com os movimentos de nossos corpos.

Com o corpo moído, minhas pernas fraquejam quando saio da cama. Pego meu celular sobre o criado mudo.

— Cinco da tarde?! — resmungo sozinha.

Não tenho lembrança de ter voltado para casa. Provavelmente, Marco me trouxera para casa desmaiada.

Minha boca está seca e a cabeça explodindo. Preciso de água, alguns analgésicos e mais umas vinte e quatro horas de sono para conseguir me recuperar da noite anterior.

Saio do quarto, a casa está silenciosa, sem Galinha Pintadinha, sem Xuxa... A essa hora, Maria está passeando com Stephan e Valen na pracinha.

Desço as escadas e a voz de Ian me pega desprevenida.

— Isso são horas, Pepa?

Fico estática, no mesmo lugar, rezando para estar alucinando, porque Ian não poderia estar na minha sala, não depois da outra noite.

Olho para o sofá, ele está sentado confortavelmente, como se fosse o dono do lugar, mas o que me espanta são as pilhas de dinheiro embaladas em plástico transparente, há milhões naquelas imensas pilhas, talvez bilhões.

— O que significa isso? — gaguejo.

Ele sorri exibindo dentes perfeitos.

— O que você acha? — Ele faz uma pausa. — Cadê o Marco?

— Ian, o que você quer com ele? — Minha cabeça lateja quando elevo o tom de voz.

— Eu vim aqui comprar você.

CAPÍTULO 13 – A PROPOSTA

Catarina Vallenti

Comprar? Ele disse mesmo comprar? Ian tinha perdido o pouco de sanidade que lhe restava, só podia ser isso.

— Você ficou louco? — Desisto de argumentar, pois isso só faz minha cabeça doer com mais força.

Acorde, Catarina. Acorde, isso deve ser um sonho.

Ian se levanta do sofá e vem até mim. O cheiro dele é tão bom...

Fecho os olhos enquanto ele se aproxima e, quando abro novamente, penso que acordarei em minha cama, mas não, eu ainda estou na sala com Ian e gigantescas pilhas de dinheiro.

Ele afasta meus cabelos e toca o contorno de meu rosto, quase não respiro.

— Eu preciso de você.

Ouvir aquilo, de alguma forma, rasga meu coração. Porque eu também preciso dele.

— Eu sei que você também me quer, ontem você me provou que não me esqueceu. — Ian aproxima os lábios dos meus, e eu tenho

que lutar contra mim mesma para evitar aquele beijo.

Faço o que tenho que fazer e o empurro.

— Não, Ian. Aquilo era uma festa de swing, todos estavam mascarados, eu não tinha como saber que era você.

Mentira. Eu sabia. Soube no exato momento em que passei por ele naquele corredor.

— Isso não é verdade. Você não sabe mentir, Pepa. Você sabia, sim, que era eu tocando seu corpo, sabia que era eu possuindo você.

— Pare, Ian! Pare com isso, pelo amor de Deus! — eu grito. — E daí?! E se eu realmente soubesse? Que diferença isso faz? O tempo em que poderíamos ter ficado juntos já passou. Você não pode estalar os dedos e imaginar que eu vou pular nos seus braços depois de tudo. Eu me apaixonei por Marco.

Ele bufa irritado e caminha pela sala de um lado para o outro.

— Eu não vou embora, Pepa. Já disse para o que vim e não vou sair daqui até pagar minha dívida e levar você embora comigo.

Pego um dos maços de dinheiro embalados e começo a empurrar para cima dele.

— Pegue essa droga de dinheiro e suma daqui. — As lágrimas começam a escorrer por meu rosto. — Só vá embora. Você quer que o Marco te mate bem aqui na minha frente, é isso?

Jogo mais dinheiro sobre ele.

— Porque é isso que ele vai fazer com você — berro — Não vai ser rápido como ele matou a Max, vai ser lento e doloroso. Se você sente alguma coisa por mim, vá embora, porque eu não quero ver você morrer.

Ian coloca os pacotes de volta na pilha e me imobiliza, agarrando-me pelos braços.

— Não! — ele brada irritado. — Eu não vou! Se eu tiver que morrer hoje, que assim seja. Do que me adianta todo esse dinheiro se eu não posso ter a mulher que eu amo ao meu lado, como acha que eu me sinto quando sei que Marco ocupa o meu lugar? É ele quem protege você, ele que formou uma família ao seu lado. Filhos. Ele teve filhos com você.

Ele cai aos meus pés de joelhos, agarra minhas coxas e me abraça com força, tão entregue e devastado quanto eu.

— Por favor — eu imploro sem mais forças para afastá-lo de mim. — Solte-me, Ian.

Isso não vai acabar bem. Vou voltar para meu quarto, tomar um banho e esperar pelo meu marido. Por tudo que é mais sagrado para você, por favor, não esteja aqui quando Romano voltar.

Desvencilho-me dele e começo a caminhar em direção as escadas, mas Ian me puxa pelo braço, e eu grito para afastá-lo.

— Eu disse “não”. Chega, por favor! — berro para ele.

Ouço o barulho familiar do ferrolho da Magno automática de Marco sendo puxado para trás. Nós dois nos viramos na direção do som.

— Você não ouviu o que a minha mulher falou? — A voz de Marco é perigosamente calma.

Quase posso sentir o ódio emanando dele. A arma de Marco está apontada para a cabeça de Ian.

Salvatore não me solta, continua agarrando meu braço com força.

— Solte a porra do braço dela, caralho — Marco rosna.

Ian não o faz.

— Ian! — falo baixo. — Não faça isso. Solte-me agora.

Os dedos dele afrouxam aos poucos, e ele me solta.

— Vá lá para cima, Morena — Marco ordena sem desviar a mira da arma.

Meu corpo inteiro está em estado de alerta. Sei que o pior está para acontecer a qualquer momento.

— Marco, amor. — Vou para o lado dele e o abraço, ele está tão tenso e quente, os músculos enrijecidos por baixo da jaqueta de couro. — Deixe-me explicar.

— Suba e coloque uma roupa agora! — ele rosna.

Mas eu insisto em ficar.

— Não, Marco, deixe-me ficar.

Um disparo é feito, o cheiro da pólvora contra o metal quente e o som da vidraça da sala estilhaçando com o tiro desferido preenchem o ambiente.

Ian coloca a mão no braço, cobrindo a mancha de sangue que começa a crescer na camisa.

— Tá bom, amor, eu vou. Eu vou — berro.

Subo as escadas correndo, pulando dois degraus por vez. O coração martela no peito tão forte quanto jamais batera antes. Marco irá matá-lo, ele vai matá-lo na minha frente.

Entro no quarto e vou direto para o closet. Pego uma roupa qualquer e enfio no corpo o mais rápido que posso, minhas mãos estão tremendo tanto que mal posso abotoar a calça jeans. Sinto uma onda de enjoo e o quarto gira, mas me forço a ficar consciente e volto para o Hall de entrada. Eles estão na mesma posição de enfrentamento.

— Eu sabia que você viria — Marco afirma. — Sabia que viria atrás da minha mulher. Acha mesmo que eu não sabia que era você?

Ele faz sinal com a cabeça para que Ian caminhe de volta para a sala.

— Marco — peço baixinho. — Abaixe a arma, amor. Por favor.

— Para a sala, agora — ele diz furioso.

Ian segue em silêncio e para diante das pilhas de dinheiro.

— Aqui tem muito mais do que eu devo a você. Eu vim para levar a Nina embora.

Ah, merda. Cale a boca, Ian. Quer deixar Marco mais furioso?!

Romano dá um sorriso debochado e guarda a arma na cintura.

— Repete, filho da puta. Repete, porque eu acho que eu não entendi direito — Marco diz com desdém, estalando os dedos com os punhos fechados.

Ian o encara sem medo.

— Eu quero comprar a Catarina. Aqui tem muito mais que o dobro do dinheiro dos assaltos. É o preço da nossa liberdade.

Marco ainda está sorrindo diante das barbaridades ditas por Ian, e isso é o que mais me assusta.

— Primeiro, você me rouba, depois me envenena, depois me rouba de novo e depois vem até a minha casa dizendo que vai comprar a minha mulher? Vai pagar para levar embora a mãe dos meus filhos? Diga qual foi a porra da droga que você usou, porque vou ter que começar a vender essa merda — ele debocha.

— Eu posso pagar mais — Ian insiste. — Você só precisa me dizer o preço.

Antes que ele continue a proposta absurda, Marco já está sobre Salvatore, golpeando-o sem dó. O que eu temia estava acontecendo diante de meus olhos.

Romano estava matando Ian na minha frente.

CAPÍTULO 14 – INÍCIO DO FIM

Catarina Vallenti

Ian desviou de alguns golpes e revidou outros, eles se engalfinharam aos socos e pontapés e caíram sobre as pilhas de dinheiro, o sangue manchando de vermelho as embalagens plásticas.

O que eu ia fazer? Como eu pararia a briga desses dois?

Agora era Marco quem estava por cima, atacando-o com socos e cotoveladas, os punhos cerrados, golpeando Ian por todos os lados com a precisão de um boxeador profissional, cego pelo ódio que ele nutrira por Ian durante todos esses anos.

Eu precisava intervir, então me joguei sobre Marco tentando abraçá-lo.

— Pare, Marco, amor, por favor. Eu não vou a lugar nenhum.

Tentar segurar Romano no estado em que ele estava era como parar diante de uma locomotiva desenfreada e querer freá-la com as mãos. Era impossível.

Com um safanão, ele me jogou para trás, e eu bati as costas contra o sofá.

Mais uma vez, eles rolaram e agora era Ian quem assumira a posição de ataque, esganando Marco, as mãos ensanguentadas em torno de seu pescoço.

— Eu não vou desistir dela. Nunca.

Engatilho até a arma de Marco caída no chão e puxo o ferrolho como ele me ensinara anos atrás.

— Solte ele, Ian — berro.

Sou ignorada por ambos. A luta continua como se eu não estivesse aqui.

Disparo a arma duas vezes. Meu braço treme com o recuo.

Então, finalmente eu consegui a atenção deles.

Marco empurra Ian e os dois ficam de pé, seus rostos feridos, ambos com as roupas sujas de sangue.

— Agora eu que vou falar — grito com o corpo inteiro ainda tremendo.

Marco caminha em minha direção e encosta o peito contra o cano da pistola.

— Atira — ele rosna.

Balanço a cabeça com as lágrimas caindo uma atrás da outra, minha visão fica turva.

Não, eu não podia atirar nele, eu só queria que os dois parassem. Eu não podia assistir a eles se matando como animais selvagens.

Marco toma a arma de minhas mãos com um movimento rápido, aponta para Ian e dispara dois tiros em sua coxa.

Salvatore cai de joelhos, e eu grito.

— Agora pode me implorar de joelhos. E se você for muito convincente, eu prometo que serei rápido — Romano sorri sem humor. — Quem estou enganando? Eu quero prolongar esse momento o máximo que eu puder.

Posicionei-me entre eles, a arma apontada contra o meu peito.

— Se você o matar, eu sumo no mundo, Marco. Você nunca mais vai me ver, eu juro. Então, é bom estar preparado para atirar em mim também, porque, de qualquer maneira, você nunca mais vai me ver.

Sinto seu olhar furioso me fuzilar.

— O que eu devo fazer, deixar ele vivo? É isso? — Romano questiona como se aquilo fosse o absurdo dos absurdos.

— Eu amo você, Marco, mas se disparar essa arma mais uma vez, é bom que seja para matar a nós dois. Espero também que esteja preparado para ver Valentina e Stephan sofrerem com a minha ausência.

Marco abaixa a arma, e eu o abraço.

— Eu não vou a lugar nenhum. Eu prometo, deixa-me ficar com você. Minhas lágrimas molham seu peito. — Deixe isso para trás, pelo amor que você a mim, pelo amor que tem a nossos filhos.

Minhas súplicas são sussurradas ao seu ouvido.

— Por favor.

Ouço o barulho da porta, seguido pelo som da música de ninar do carrinho de Valen e Stephan.

Maria empurra o carrinho duplo e testemunha a tudo em silêncio. Dou graças a Deus por eles estarem dormindo depois do passeio. Ela abaixa a cabeça e segue com o carrinho para o quarto dos pequenos.

— Saia daqui e nunca mais volte — ouço Romano ordenar a Ian.

Meu coração pula uma batida, talvez duas, mas eu continuo abraçada a ele.

Não sei quanto tempo fico ali, agarrada a ele.

Marco guarda a arma na parte de trás da cintura e então, finalmente, retribui meu abraço. Ele passa a mão pelos meus cabelos e me encara. Sinto sua respiração quente contra meu rosto ainda úmido pelas lágrimas.

— Obrigada — murmuro com a voz trêmula.

Fico na ponta dos pés e toco as marcas avermelhadas em seu rosto, ele tenciona o maxilar, há um corte logo acima de sua sobrancelha. Mesmo com dor, ele não diz nada.

Beijo seus lábios devagar e suspiro.

— Agora é a minha vez de cuidar de você. — Puxo Marco pela mão, e seguimos para o quarto.

Marco se recosta na cama ainda em silêncio. Ele tira a jaqueta de couro e deixa as botinas caírem sobre o tapete.

Caminho até o banheiro e umedeço a toalha de rosto com água fria da torneira do banheiro. Volto para a cama e me sento ao seu lado.

— Fique parado — peço, encostando devagar o pano molhado sobre os cortes em seu rosto.

— Você não foi embora por medo de mim? — Ele segura meu pulso quando encosto no corte próximo à sobrancelha aloirada. — Medo do que eu faria com vocês dois?

Fico em silêncio por um tempo.

— Eu quis ficar. Minhas decisões nunca foram tomadas por medo. Eu fiquei ao seu lado porque eu quis ficar — explico. — Eu

quero ficar.

— Por quê? — ele indaga ainda segurando meu pulso com firmeza.

— Porque eu te amo.

Ele me puxa contra si e me beija com a mesma intensidade que me beijara no dia em que nos conhecemos no avião. Voraz e avassalador, tragando cada parte da minha boca, domando meu corpo contra o seu, selando nossa união de novo, apenas respondendo com aquele beijo o quanto me ama.

***

6 meses depois

Catarina Vallenti

Valen e Stephan corriam pela casa enquanto eu terminava de encher os balões, Maria preparava a mesa com pratos e copos descartáveis coloridos. Alguns dos convidados já começavam a chegar. Ginelle e Spinello estavam sentados no sofá da sala.

— Eles crescem tão rápido. — Donatela prende alguns dos balões na janela da sala.

— É — concordo, tomando fôlego para inflar mais alguns balões, dois anos que passaram voando.

— Quando você perceber, a Valentina já vai estar pulando a janela para ir a festas com o namorado.

Marco ouve, abre uma garrafa de cerveja no balcão e toma um gole.

— Cale a boca, Donatela. Não fale merda — ele a repreende, mas ela dá de ombros.

— Marco! — reclamo.

Ele larga a garrafa e pega os gêmeos que começam a tentar escalá-lo.

— Vão lá e ataquem a mamãe — ele diz em voz baixa em um tom conspiratório. — Ataquem, ela xingou o papai.

É o que eles fazem. Pulam em cima de mim, rindo e brincando.

O som de um zunido seguido pelo estilhaçar da janela central com vista para o jardim eclode.

Demoro alguns segundos para entender o que está acontecendo.

O corpo de Donatela cai inerte, Ginelle e Santoro caem em seguida.

Mais zunidos.

Disparos secos vindo de todos os lados.

O choro de Valen e Stephan.

Marco corre em nossa direção e se joga sobre nós.

É a partir daquele momento que vejo meu mundo ruir.

CAPÍTULO 15 – ARMADILHA

Catarina Vallenti

— Mãe — Stephan choraminga.

— Mamãe — Valentina chora assustada.

Sinto o peso deles, o desespero e luto para não desabar.

— Calma, papai está aqui por vocês — Romano os acalma. — Isso é só uma brincadeira. — Marco mente, tentando acalmá-los. — É esconde-esconde. Vamos manter os olhinhos fechados que eu vou esconder vocês três, mas tem que me prometer que vão fazer silêncio, porque senão o titio e a titia vão achar vocês.

Marco sinaliza com o indicador para que eles façam silêncio e, aos poucos, eles acreditam na história contada por ele.

— Isso. Bem quietinhos — ele cochicha.

Engulo o choro e forço um sorriso.

— Isso, meus amores, obedeçam ao papai para ganharmos a brincadeira.

Valen e Stephan fecham os olhos, e Marco os agarra, colocando um debaixo de cada braço. Abaixado, ele os carrega para a cozinha.

Ouço as portas dos armários sendo abertas.

— Não, papai — Valen pede.

— Shiuuu. Fiquem aí que eu vou trazer uma surpresa para vocês. Confiem no papai.

Eu engatinho até eles.

Marco os fechara dentro da dispensa.

— Fique aqui com eles — Marco ordena e tira a arma que sempre carrega na cintura.

Ele a engatilha e me entrega.

— Volto logo.

Com as mãos tremendo, eu empunho a arma e fico ali, encolhida, esperando que ele retorne.

Depois de alguns minutos, Marco retorna empunhando outra arma.

Pistola automática era algo que não faltava naquela casa.

— Tudo limpo. — Marco esconde a pistola e tira a jaqueta.

Abro a porta do armário, Valen e Stephan estão encolhidos, com os olhinhos arregalados de medo.

— Vou cobrir vocês com a minha jaqueta para a outra parte da brincadeira — ele explica, carregando-os no colo. — Vocês e a mamãe tem que ir lá para o quarto e achar o presente surpresa que o papai escondeu para vocês, certo?

Eles balançam a cabeça e se aconchegam no peito de Marco, que os cobre com a pesada jaqueta de couro preta.

Caminhamos pela sala, os vidros estalam debaixo de nossos sapatos à medida que andamos. Os corpos estão todos ali. Inertes. Sem vida. É a morte que nos cerca, o cheiro de sangue me enjoa. Desvio o olhar e apenas sigo Romano quase sem respirar.

Nos trancamos no quarto, e Marco os deixa sobre a cama.

— Quero ver vocês encontrarem.

Eles trocam olhares e começam a revirar os ursos que estão sobre a cama à procura da surpresa misteriosa.

— Fique aqui — ele pede. — Vou cuidar do lugar.

Traduzindo: ele retiraria os corpos da sala e chamaria os rapazes para terminar a limpeza.

Assinto com a cabeça, eu ainda estava em choque. Quando Marco sai do quarto, eu tranco a porta e reúno forças para não chorar.

— Ajuda, mamãe — Valen pede.

— Continuem procurando, meus amores, mamãe vai fazer uma coisa agora. — Abro o guarda roupa deles e pego duas malas.

Começo a colocar tudo ali dentro. Roupas, calçados, algumas fraldas.

— Mãe? — Stephan me chama, puxando a barra de meu vestido. — Cadê a supesa, mamãe?

Olho para eles sem saber o que dizer.

Ouço batidas na porta.

— Morena, abra a porta.

Destranco e abro para Marco, ele entra no quarto e se depara com as malas feitas.

— Para que isso?

— Nós vamos para um hotel. Não tem como ficar nessa casa depois do que aconteceu hoje.

Ele me pega pelo braço e me puxa para fora do quarto.

— Não é seguro — ele afirma.

— Seguro? E aqui é seguro por acaso? Por acaso você já sabe quem atentou contra nossa família? — digo furiosa, as lágrimas logo vêm à tona. — Já sabe quem nos queria mortos?

Marco se enfurece e tira algo do bolso.

— Por que não me diz você, Morena? — Ele me entrega um papel dobrado escrito à mão.

Estou vindo por você.

— Diga que essa não é a porra da letra daquele filho da puta que você me implorou para não matar.

— O que significa isso? — Bato a carta contra o peito dele. — Acha que eu sou idiota a ponto de arriscar a vida dos meus filhos? É bom você usar a droga da sua influência e descobrir quem fez isso. Enquanto isso, nós vamos ficar num hotel. Não preciso nem dizer que quero que trucide quem fez isso.

Volto para o quarto, pego a mala e as crianças e saio do quarto segurando ambos pelas mãos.

— Deem um beijo no papai, mamãe vai levar vocês para escolher um filhote.

— Êeeee! — Eles vibram juntos.

— Pai, vem pai.

— Não, principesa, papai tem que resolver umas coisas, obedeçam a mamãe. — Marco se abaixa e beija o topo de suas cabeças.

Ele volta a ficar de pé e me encara.

— Zachary vai com vocês.

— Para me vigiar ou por nossa segurança? — Eu estava furiosa com Marco.

— Chega, Morena. — Ele me segura pelo queixo e beija meus lábios.

Os gêmeos riem.

— Cuide da mamãe e da sua irmã. — Romano pede a Stephan e dá uma piscadela. —Encontro vocês à noite.

***

Minha cabeça não parava de maquinar, pensando no bilhete que Marco encontrara na caixa do correio. E se Ian estivesse com raiva o suficiente para destruir tudo que amo. Não, ele não seria capaz de atentar contra a vida de Valentina e Stephan, se bem que, na cabeça dele, eles são filhos apenas de Marco. Talvez ele quisesse nos fazer sofrer tirando tudo o que amamos. Eu não podia nem mensurar aquela ideia.

Não, não poderia ser Ian o responsável por aquela matança.

Aquilo podia ser algum rival de Marco, ele colecionava inimigos por onde passava, mas nada parecido havia acontecido nestes anos em que eu estava a seu lado. Ninguém tivera coragem de atentar contra nossa família, pelo menos, não até aquela tarde.

— Pare o carro — ordenei para Zachary que dirigia meu S.U.V.

— Não. O chefe pediu para levar vocês direto para o hotel.

Valen e Stephan estavam distraídos assistindo desenhos, cada um com um tablet na mão.

Mexi na minha bolsa e apontei discretamente minha pistola para Zach.

— Pare a droga desse carro agora.

Irritado, ele dá uma guinada e estaciona.

— O chefe.

— O chefe nada. Eu não vou demorar — retruco irritada.

Desço do carro e vou até a agropecuária.

Uma adolescente usando um avental estampado com animais coloridos me atende.

— Nós já estamos fechando, moça.

— A porra da porta ainda está aberta, não está?

Ela arregala os olhos com minha estupidez.

Olho ao redor e aponto para a gaiola onde filhotes de cães que mais parecem mini ovelhas estão à venda.

— Eu quero esses dois. —Aponto para o cão preto e o branco.

Marco havia prometido uma surpresa a eles, e eu cumpriria a promessa.

Tiro da bolsa um maço de dinheiro e coloco sobre o balcão. A cara emburrada da garota se desfaz ao ver a quantidade de notas.

Ela pega os cãezinhos e os coloca dentro de uma caixa plástica gradeada.

— Obrigada — resmungo e saio dali pisando duro, levando os animais comigo.

Abro a porta traseira do carro e chamo a atenção de Valen e do irmão.

— Não é que o papai escondeu a surpresa em outro lugar? Já já vocês vão descobrir o que é.

Sorrio ao ver a felicidade deles. Coloco a caixa no chão do carro e confirmo se eles ainda estão presos às cadeirinhas. Volto para meu lugar e sento no banco da frente.

— Pronto. Agora, sim, podemos ir.

Os filhotes começam a latir e logo meus pequenos agitam as perninhas em estado de euforia ao descobrir a surpresa.

— Um au-au — Eles gritam.

Zachary aumenta a velocidade e pega o celular.

Olho para o retrovisor.

— Chefe, estamos sendo seguidos. Ele está de moto.

Estremeço. Coloco a mão dentro da bolsa de maneira que a pistola fique pronta para uso.

Um homem em uma moto preta continua a nos seguir.

— Certo, chefe. — Zach desliga o telefone e acelera o carro, passando os sinais vermelhos, o motoqueiro continua em nosso rastro.

Meu coração acelera no peito.

— Faça alguma coisa, Zach.

Ele engata a quinta marcha e o carro vai a cento e trinta.

— Ele está chegando mais perto — digo.

O baque faz com que os vidros do carro estilhacem. Nosso carro gira pela pista até ser prensado contra a parede.

O airbag infla na hora do impacto e atinge meu rosto com violência, com tamanha força que pareço ter levado um soco.

A dor irradia por meu corpo. Ainda zonza, eu ouço meus filhos gritarem.

— Mãaaaaaae.

Zach está morto ao meu lado, e eu nada posso fazer. Não enquanto sou puxada pelos cabelos para fora do carro.

Eu luto, eu tento lutar, mas não consigo ver meu raptor.

— Nãoooo — grito reunindo forças. — Socorrooo.

Mas a coronhada que ele me dá na têmpora traz mais dor, e então sou tragada pela escuridão.

CAPÍTULO 16 – NUNCA MAIS

Catarina Vallenti

Eu e Marco estamos na catedral. Não posso deixar de admirá-lo, ele é perfeito à sua maneira. Admiro o modo que ele sorri quando olha para os gêmeos no colo de Maria. Romano segura minha mão com força, nossos dedos estão entrelaçados. É o primeiro dia do resto de nossas vidas como uma família.

O padre faz o sinal da cruz na altura de nossas cabeças. Sinto o líquido morno escorrer pelo meu rosto.

— Morena? — O tom de Marco é preocupado.

Não estou chorando. Estou feliz com nosso casamento, estou feliz por estar ao seu lado.

Toco a gota que escorre por meu rosto e pinga no vestido branco.

Estremeço ao ver o sangue.

Meu sangue.

— Marco. — Olho para nossos filhos chorando sobre o corpo de Maria.

Ela está morta.

Ouço os gritos de Valen e Stephan.

— Mamãeeeee.

— Não, mamãe, nãoooo!

O choro deles ecoa pela catedral.

Marco não segura mais a minha mão e, de repente, me vejo sendo arrastada pelos cabelos pelo chão da igreja. Não posso impedir que me levem.

Eu esperneio e grito, mas o homem é muito mais forte do que eu.

Quem é ele? Esfrego o rosto tentando tirar o sangue que escorre por minhas vistas, impedindo que eu o veja.

Ian.

— Pare, Ian — eu berro quando finalmente o reconheço.

— Meus filhos, eu preciso ficar com eles — grito de novo.

— Adeus, Pepa. — Ele mira a arma e a bala atinge meu rosto.

Escuridão.

***

Acordo aos gritos, meus olhos estão arregalados, mas ainda estou no escuro. Algum pano cobre meu rosto. Meus pulsos estão algemados para trás. Minha cabeça dói como jamais doera na vida. Não consigo ver nada.

Não consigo evitar de chorar quando lembro dos gritos de meus filhos desesperados, o impacto da batida, o vidro se despedaçando.

O som de uma buzina seguida de uma freada me faz atentar para onde estou. Estou sendo sequestrada.

— Socorro! — berro o mais alto que posso. Bato com os pés contra a lataria do carro. — Alguém pare esse carro, pelo amor de Deus!

— Socorro! Socorro! — grito, tentando não sufocar com o choro.

O carro retoma o movimento.

— Pareeeeee! Socorro! — Chuto com mais força e meu tornozelo estala com o impacto da batida.

Grito de dor.

Balanço para frente e para trás, tentando me debater como posso.

— Se alguém estiver me ouvindo, me ajude! — berro histérica.

O pano grosso e negro encapuzando minha cabeça é asfixiante e começo a sufocar pelo desespero, pelo choro, porque sei que vou morrer.

— Desgraçado! Me solta!

Uma música alta começa a reverberar pelo automóvel, é alto o suficiente para que nem eu possa ouvir meus próprios gritos.

— Nãooooo! Socorrooooo!

Sinto que estamos parando. O movimento cessa por completo, mas a música continua ensurdecedora. Meu coração martela no peito com força, e eu mal respiro. Parou. O carro parou. Se minhas mãos não estivessem presas para trás...

Meu Deus, o que eu vou fazer?

Eu preciso lutar.

Eu preciso viver.

O porta-malas é aberto. A luminosidade da rua ultrapassa o pano grosso que me cobre, posso ver a silhueta dele.

— Socorro! — berro, mas assim que grito, o maldito enfia um pano dentro da minha boca e dá dois tapinhas no meu rosto.

Eu esperneio e tento chutá-lo, sinto sua mão envolver meu pescoço, seus dedos pressionam minha traqueia, eu tusso.

Eu não posso morrer aqui. De alguma maneira, eu preciso lutar.

Desisto de me mover, ao menos, por enquanto. É isso o que aquele aperto significa, ele tem poder sobre a minha vida a partir de agora. Minha vida está nas mãos dele.

Ele solta meu pescoço e volto a respirar com dificuldade. Meu corpo estremece quando ele fecha o porta-malas e o carro volta ao movimento segundos depois.

Quero manter meus olhos abertos e a mente atenta, na tentativa de maquinar alguma fuga, mas eu apago outra vez, o corpo mergulhado apenas na dor e no medo.

***

Ian Salvatore

O choro deles é desesperado. À distância, vejo Catarina ser arrastada para dentro de um carro que havia se chocado contra o S.U.V. Tenho que escolher quem salvar. O cheiro do combustível se intensifica no ar e eu preciso pensar rápido.

Merda.

Deixo que o homem a leve e, assim que o carro sem placa se vai, eu corro para tirar as crianças do carro.

— Mamãe. — A menininha de cabelos negros grita com os bracinhos esticados para frente na direção do carro que desaparece costurando pelo trânsito.

— Calma, gatinha. — Tento livrá-la do cinto, o carro pode explodir a qualquer momento. — Vou tirar vocês daqui.

— Não. Deixe ela! — O garotinho loiro avança em mim tentando proteger a irmã. — Mãe! Mãe!

A pele de ambos está suja de fuligem e sangue.

— O pai de vocês se chama Marco. Vou levar vocês até ele — explico, olhando-o nos olhos. — Eu sou amigo do papai e da mamãe.

Mas os dois não estão nem aí para o que eu digo e continuam a gritar e chorar. Puxo os dois pelas roupas e os arranco do carro. Eles se debatem e esperneiam.

Nos afastamos do local da batida, e largo os dois na calçada.

O choro deles atrai a atenção dos que caminham curiosos para ver o porquê da batida.

— Vou levar vocês para a mamãe agora, mas precisam parar de gritar, senão a polícia malvada vai vir nos pegar. Podem ficar quietinhos pela mamãe e pelo papai?

Eles balançam a cabeça. O garotinho loiro segura na mão da irmã que soluça e se acalma aos poucos.

***

Marco Romano

“O número chamado encontra-se desligado ou fora da área de cobertura.”

Bufo furioso e desligo. Tento ligar para Zachary para saber se já chegaram ao hotel.

Arremesso o celular contra a parede.

— Porra! — xingo.

Os homens que fazem a limpeza da sala me olham praguejar, mas não falam nada, continuam seu trabalho em silêncio. Preciso de um cigarro.

Pego um maço no bolso e saio da casa. Ouço meus filhos gritarem.

— Pai. Papai.

Olho na direção das vozes e vejo Ian passar pelo portão carregando-os no colo. Ele caminha mancando, provavelmente por causa do tiro que eu dei em sua perna meses atrás. Stephan o empurra assim que me vê e o força a soltá-lo. Valentina faz o mesmo e eles correm na minha direção.

— Amores. — Abaixo e os abraço.

Seus rostinhos estão arranhados e sujos. Sujos de sangue. Eu vou matar esse desgraçado.

— A mamãe. — Eles começam a chorar juntos. — Cadê a mamãe?

Fico de pé com um em cada braço, eles estão apavorados, suas mãozinhas me apertam com força.

— Cadê a mamãe, papai?

— Pegaram a Catarina — ele diz com a voz carregada de tensão.

CAPÍTULO 17 – SOZINHA

Marco Romano

Alessandra levou Valentina e Stephan para sua casa. Ali eles não estavam mais seguros. Também não queria que eles escutassem os gritos de Ian.

— Cadê a Morena, porra! — brado furioso.

O suor escorre pela testa dele. O desgraçado estava preso à cadeira. Os braços presos para trás, os tornozelos bem presos por cordas.

— Eu já disse, caralho! Ela foi levada!

Estávamos apenas no porão de minha casa. Sigo até a mesa de ferramentas e pego o alicate.

— Você está perdendo tempo. Eu não estou por trás disso! — ele grita.

Não consigo acreditar em uma palavra do que ele diz. Abaixo-me próximo a seus pés e retiro seus sapatos.

— Talvez a dor clareie seus pensamentos.

Ele joga a cabeça para trás e urra quando arranco a primeira unha.

— Filho da Puta! — ele xinga.

— Cadê a Morena? Eu vi a carta que você deixou para ela.

O sangue escorre do dedo ferido, e eu passo para o próximo.

— Carta? Que merda de carta?! — pergunta nervoso. — Romano, mete uma bala na minha cabeça de uma vez e vai atrás dela, caralho!

Eu nego com a cabeça.

— Você não manda em nada aqui, seu ladrão de merda. Vai demorar o quanto eu achar necessário — digo e arranco outra unha, ele urra de dor e cerra os dentes com força.

— Fale de novo, como você sabia que a Morena estaria lá? Está nos seguindo? — Espeto a carne viva com a ponta do alicate.

— Ah, merda — Ian xinga de novo. — Eu já falei, porra! Eu sempre segui vocês, o tempo todo, eu sei de tudo, pagava a babá por fora para saber sempre onde a Catarina estaria. Por mais que ela me pedisse para ficar longe, eu não consegui. Não quando ela tinha seguido em frente com você. O cara que bateu no carro dela tinha um cavanhaque, os cabelos escuros. É atrás dele que você tem que ir.

Ele respira ofegante.

— Me mate de uma vez, porra! Me mate ou me deixe caçar esse cara com você. Se eu tivesse envolvido nessa merda toda, acha que ia ser idiota o suficiente de vir aqui entregar seus filhos?

Veio à cabeça a imagem de Ian entrando pelo portão carregando Valen e Stephan, o medo estampado em seus rostinhos.

Fico de pé e largo o alicate. Pego a faca. Volto até ele.

Ian não desvia o olhar. O filho da puta é corajoso e continua me enfrentando.

Corto as cordas e o solto.

A carta começava a fazer sentido, não era um bilhete de amor, e sim de vingança.

Eu vim por você.

Ethan usaria Morena para me atingir.

A merda toda é que eu não fazia ideia de onde ele poderia estar ou para onde ele a levara.

***

Catarina Vallenti

— Mamãe! Não ! Mãeeee!

Os gritos de meus filhos não me saem da cabeça. Todo o desespero, e eu nada posso fazer. Acordo sufocando com meu próprio choro. Aos poucos, eu tento me acalmar. O carro está parado. Ouço latidos raivosos, a música que vibrava nos autofalantes do carro havia cessado.

O porta-malas é aberto. Fico imóvel.

— Chegamos — ele diz, puxando-me pelos cabelos.

A dor irradia do corte na cabeça, e eu fico zonza.

Ele me força a ficar de pé e meu pé lateja quando firmo no chão.

— Anda! — O homem me empurra para frente, e eu bato contra a parede fria. — Caminhe, porra! Vou mostrar seu novo quarto.

Aos tropeços, eu sou guiada pela brutalidade de meu raptor, que me arrasta vendada e amordaçada pelo lugar.

Manco quando tento firmar o pé e a ideia de não poder correr dali me aterroriza mais do que qualquer coisa.

Ouço uma porta ser aberta. Ele me empurra com força, e eu caio no chão. Gemo de dor.

Ele arranca o capuz preto que cobre meu rosto, e eu o reconheço no mesmo instante.

Ethan.

Com um sorriso sádico no rosto, ele se abaixa e tira o pano que me impede de gritar.

— Marco vai matar você. — Minha voz sai rouca de tanto gritar.

Claro que minha frase foi infeliz e, como sinal de quem não está nem aí, Ethan soca meu rosto com força.

A escuridão me devora outra vez. Morrer deve ser assim. Solitário e doloroso.

***

Quando abro os olhos, estou só. Meus braços doem, mas estão livres das algemas. Engatinho pelo quarto escuro, tateando cegamente até tocar a parede.

— Deixe-me sair! — berro e minha garganta dói a cada vez que grito.

Fico encolhida em um canto, esperando que ele retorne.

O tempo não passa, o tempo se arrasta. Não sei se é noite ou dia. Também não faço ideia de quanto tempo ele ficou dirigindo ou quanto tempo fiquei desmaiada.

Uma luz é acesa, e eu tenho que cobrir meus olhos já acostumados com a escuridão. Demoro um tempo até que eu possa abrir os olhos, entender os detalhes de minha prisão.

O lugar é minúsculo, pouco maior que um elevador. As paredes de tijolo cru e cimento, a única porta é de ferro, não há dobradiças ou maçaneta, apenas uma abertura retangular metálica, pouco menor que um palmo.

Tento ficar de pé, passo a mão pelas paredes úmidas à procura de qualquer coisa. Qualquer coisa que possa ser usada em minha defesa. Nada.

Manco até a porta e fico de joelhos. Tento abrir a portinhola de ferro, mas ela não se move.

Escoro ao lado da porta e aguardo, porque sei que, uma hora ou outra, ele tem que aparecer de novo, e eu tenho que estar preparada para lutar.

— Morena, eu estou aqui, amor. — Marco passa a mão pelo meu rosto, ele afasta meus cabelos do rosto sujo de sangue. — Eu vim te buscar.

Eu toco sua barba aloirada, sinto o cheiro do couro e da pólvora quando ele me abraça, o aperto com força e sinto o calor dos seus músculos me envolvendo.

— Estou aqui, Morena. — Ele me acalma. — Já passou.

Eu choro e soluço de felicidade.

Desperto com o som da risada de Ethan.

Ele está sentado ao meu lado.

— Sonho bom? — ele pergunta em um tom perverso.

CAPÍTULO 18 – MATE-ME LOGO

Catarina Vallenti

— Por que você está fazendo isso? Ainda dá tempo de você me soltar. Eu prometo que não vou falar nada para o Marco. Posso garantir que ele não vai caçar você.

Ethan ouve a minha proposta com um pequeno sorriso cínico nos lábios. Ele se aproxima de mim, o rosto a poucos centímetros de distância do meu.

— Mas aí não teria graça nenhuma. Eu sei, você é o brinquedinho do meu irmão. — Ele agarra meu seio por cima da blusa e o aperta com força. — Um brinquedo que farei questão de quebrar.

Cuspo na cara dele. A repulsa por ter ele tocando meu corpo me enjoa.

Ethan dá uma bofetada com o punho fechado em meu ouvido. Sinto um zunido na cabeça.

— Tenho pena de quando ele colocar as mãos em você — digo ainda zonza e encolhida no chão, sentindo o líquido quente escorrer

por meu ouvido.

Ele se levanta e passa a mão pelo jeans surrado e limpa o rosto.

— Deixe ele tentar — responde com uma confiança que me faz gelar por inteiro.

Ethan sai do “quarto”, deixando-me sozinha outra vez. Eu e a dor para me fazer companhia.

Ouço ele trancar a porta de ferro.

Quando não há nada para passar o tempo, ele se torna eterno. Há quantos dias eu estou aqui? Dois? Três? Quanto tempo ele manterá em meu cativeiro? O plano é me matar de sede e fome, porque se for isso, está dando certo.

— Homens italianos são os melhores. Se continuar cozinhando desse jeito, não vou mais passar pela porta — elogio enquanto o cheiro do alho e cebolas sendo dourados no óleo quente se espalha pela cozinha em um perfume delicioso. Roubo uma das almôndegas já fritas por Marco.

— Deixe para o molho — ele me repreende e dá um tapa em minha bunda.

A massa fervilha na panela, o cheiro da comida caseira é inconfundível. A carne bem temperada se desmancha na minha boca, o tempero e a maciez são incríveis.

— Hummm. — Gemo com a boca cheia.

Ouço a mini portinhola ser aberta. Pela abertura, ele empurra um copo descartável de água e uma embalagem de isopor pouco menor que uma caixinha de Big Mac.

A abertura é fechada assim que me inclino para espiar.

Droga!

— Deixe-me sair, desgraçado! — Soco a porta até que minhas mãos latejem. — Anda! Deixe-me sair!

Volto a me sentar no chão. Pego o copo e cheiro a água. Estou com tanta sede. Tento tomar devagarzinho para fazer aqueles poucos goles durarem. Não sei quando receberei água de novo.

Rio sozinha e choro ao mesmo tempo. Um copo d´água nunca foi tão gostoso. Desconfiada pelo que posso encontrar na pequena caixa, eu a cutuco com o dedo e abro a tampa.

O creme é rosado. Não tem colher. Nada daquilo poderia ser usado como arma. Nada.

Cheirei. Parecia sopa. E se estivesse envenenado? Tomo o creme, nunca fui fã de legumes ou verduras, mas a beterraba batida é o próprio céu na terra para quem está sem comer a dias.

***

Marco Romano

Desligo o celular e esmurro a porta da geladeira com força. A marca de meu punho fica ali, a prova de minha raiva e frustração.

— O que vamos fazer? — Ian está escorado na parede comendo uma maçã.

— Agir.

— No que está pensando? — Ele sonda antes dar uma mordida na fruta.

— Vou achar a Morena nem que eu tenha que invadir cada porra de casa dessa ilha!

Ian dá uma risada em tom debochado.

— Então, esse é o plano? Sair invadindo casas? Não vai conseguir fazer muita coisa da prisão.

Cruzo os braços na frente do corpo e o encaro.

— Alguma sugestão melhor?

Ele se cala.

— Então fecha a porra da boca, que isso vai ser do meu jeito.

***

Catarina Vallenti

Comecei a contar os dias a partir daquela primeira “refeição”, uma única vez ao dia ou à noite, ele passava pela portinha de ferro. Eu fazia minhas necessidades ali naquele copinho e na caixinha. Não que houvesse muita coisa para fazer.

E, pelas minhas contas, já havia se passado um mês. Eu não conseguia mais sentir o cheiro do creme de beterraba, mas eu precisava comer.

Meu tornozelo já não doía tanto.

Eu fedia. Meus cabelos estavam cheios de nós, e eu passava a maior parte do tempo tentando dormir. Na maioria das vezes, eu sonhava que estava fora dali e, a pior parte, era despertar.

— Anda, vagabunda! — Ethan me puxa pelos cabelos, forçando-me a ficar de pé.

Tento me desvencilhar, mas sua mão está enganchada em meus cabelos.

Eu o estapeio e o arranho como posso.

— Solte-me, desgraçado!

— Calma, vadia! Só vamos fazer uma selfie para mandar para meu irmãozinho.

— Vá se foder! — xingo furiosa e me debato, cravando as unhas em seu rosto.

Ethan me esbofeteia no rosto e a pancada faz com que o gosto de sangue inunde minha boca.

Ele aperta meu rosto contra o dele, tentando me forçar a ficar parada enquanto, com o outro braço, ele tira uma foto.

— Pronto! — exclama furioso. — Agora, sim. Viu, nem doeu.

Ele me empurra contra a parede, mas eu avanço sobre ele outra vez.

— Não encoste em mim! — berro.

Ethan se enfurece e começa a rasgar minhas roupas com violência.

— Se eu quiser. — Ele me bate de novo. — Eu como você.

Ele desfere socos na minha barriga até que eu não consiga mais respirar.

— Sua vida agora me pertence — rosna furioso.

Tusso e me contorço no chão quando não consigo mais ficar de pé.

Ethan me fotografa outra vez e se senta de frente para mim.

— Seu querido marido está tocando o terror na cidade, sabia? — Ele limpa o sangue dos arranhões.— Invadindo casas, espancando gente.

Tusso de novo.

— Desse jeito, ele vai ser preso logo. — Ele alisa os cabelos para trás. — Aí, você não terá mais serventia para mim.

***

Quando Ethan se foi, eu fiquei ali, seminua, ferida e tremendo. Pensando em onde esse filho da mãe tinha me escondido. Por que Marco não conseguia me encontrar?

Ouvi as trancas da porta sendo abertas.

Ele estava voltando. Eu não tinha forças para lutar, cada vez que eu tossia, meu peito doía, um roxo imenso cobria minhas costelas. Até respirar mais fundo doía.

Maldito!

A porta foi aberta. Uma pequena fresta apenas.

Com dificuldade, fico de pé e espio pela abertura. Meu coração começa a bater acelerado quando vejo a oportunidade diante de mim. Essa é a minha chance. Talvez eu não tivesse outra.

Abro a porta um pouco mais e o metal range.

Merda.

Está escuro fora do meu “quarto”. É um corredor. Eu só preciso correr até a porta. O problema era o correr quando eu mal podia respirar.

CAPÍTULO 19 – ÚLTIMA VEZ

Catarina Vallenti

E se for uma armadilha? Penso comigo mesma. Durante todos esses dias, ele nunca deixara a porta destrancada. Não tenho tempo para pensar, preciso agir. Caminho na ponta dos pés pelo corredor. O assoalho de madeira range debaixo de meus pés. Mal respiro.

Não há quadros nas paredes nem fotos de família. Entro no que parece ser uma cozinha fabricada para aquele lugar. Não ouso acender a luz. A luz da noite que passa pela janela é o suficiente para que eu possa andar e tatear sem derrubar nada.

Meu estômago dói, não sei há quanto tempo ele não me dá mais o creme de beterraba. Estou com tanta fome. Olho para a geladeira e caminho pé por pé. Puxo devagar a porta metálica de aço escovado. O frio que sai dali de dentro gela até a minha alma. Encontro alguns potes de vidro e mantenho a porta aberta com o quadril. Com as mãos tremendo, retiro a tampa do primeiro pote.

Hum... Purê de batatas, mesmo frio, faz minhas papilas gustativas festejarem. Como com a mão mesmo. Não há tempo para procurar talheres, não era nem mesmo para eu estar comendo, eu não sabia quanto tempo tinha até Ethan aparecer e me surrar de novo.

Largo o pote de qualquer jeito na prateleira de vidro da geladeira e vou para o próximo. Minhas mãos estão escorregadias e deixo a tampa cair no chão. Meu coração pula uma batida e eu não me movo, olho na direção da porta que eu passei instantes atrás. Ainda estou só. Deixo um suspiro aliviado escapar de meus pulmões.

Essa foi por pouco.

Volto minha atenção para o pote, repleto de um refogado de frango cortado em cubos e legumes fatiados. Com a mão formando uma concha, encho a boca o máximo que posso. A geladeira começa a bipar. O alarme soa, alertando que a porta havia ficado aberta por tempo demais.

Merda!

Enfio tudo na geladeira de qualquer jeito e bato a porta, o som de garrafas e latas tilintam ali dentro. Não ouço um barulho sequer, a não ser as batidas de meu coração, arrebatando dentro do peito.

Caminho até a porta de madeira. Há uma pequena janelinha de vidro. Eu a abro. Não consigo identificar o lugar. Um bosque talvez. Minha mão toca a maçaneta arredonda, a giro com cuidado. Está trancada.

Olho ao redor procurando um possível lugar onde as chaves poderiam estar guardadas. Vou até a bancada. Pense, Catarina, pense. Abro a primeira das gavetas. Encontro apenas talheres. Pego uma faca e continuo a procurar pelas chaves.

—Quem é você? — A voz me pega desprevenida, e eu estremeço.

A garota vestindo uma camisola de seda me olha como se estivesse vendo um fantasma. Eu não poderia culpá-la. Eu era pele e osso agora, imunda e com os cabelos desgrenhados.

Eu abaixo a faca, não quero assustá-la.

— Por favor. Eu preciso de ajuda — sussurro e as lágrimas tornam minha visão turva. Eu não via ninguém além de Ethan há tanto tempo. — Eu fui sequestrada. Preciso de ajuda.

Ela olha para a faca que ainda estou segurando e dá um passo para trás.

— Você deveria ter fugido quando teve a chance.

Só então o rosto da garota se torna familiar. Verônica. Era ela quem estava com Ethan no dia em que ele fora baleado. Pelo jeito que ela me olhava, eu entendi. Ela sabia de tudo.

— Quem deu permissão para você sair da cama? — A voz de Ethan veio de não muito longe dali.

Balanço a cabeça, implorando, silenciosamente, para que ela não me entregue.

Era tarde. Ele havia me visto.

O rosto de Ethan endurece ao me ver fora do cativeiro.

Viro de costas e abro a janelinha com vista para rua.

Grito a plenos pulmões.

— Socorro!

Antes que eu pudesse continuar a berrar por ajuda, uma mão enorme cobre minha boca e a outra agarra meus cabelos com força.

— Vai a algum lugar? — ele sussurrou ao meu ouvido.

Debato-me agitando os braços e pernas. Eu não me deixaria dominar de novo. Se ele quisesse me levar de volta para meu inferno, teria que me arrastar morta. Mordo a palma de sua mão com o máximo de força e grito outra vez.

— Socorroooooo! — Agarrei-me a abertura da pequena janela porque minha vida dependia disso, eu não desistiria sem lutar. — Alguém me ajudaaaaaa!

Os latidos do cão se misturam aos meus gritos.

Ethan envolve os braços em minha cintura com tanta força que eu mal posso respirar.

Com os pés descalços, empurro a porta, nós caímos juntos.

—Desgraçado! — Ainda empunhando a faca, eu tento acertá-lo.

Ethan era o dobro do meu tamanho e, por mais enraivecida que eu estivesse, ele conseguia se desvencilhar de todos os meus golpes.

Montada sobre ele, cravo a faca em seu peito nu e ele urra de dor. Levanto-me e cambaleio para fora da cozinha. Não posso conter o choro de desespero, corro pela casa gritando e chorando.

Minhas mãos tateiam o aparador metálico ao lado da porta. Meus dedos tocam o molho de chaves ao lado do celular. Coloco o telefone enfiado dentro do bojo do sutiã e pego as chaves.

Oh, meu Deus, naquele molho há, pelo menos, umas cinco chaves diferentes. Olho para trás, não consigo ver Ethan nem Verônica.

Faço a primeira tentativa, a chave entra, mas não gira na fechadura.

— Vamos. Vamos... — Rezo baixinho e passo para outra chave.

A chave escorrega pelas minhas mãos ainda engorduradas pela comida. Vai, vai, Nina, rápido. “Não seja pega”, lembro da regra mencionada tantas vezes por Ian. Consigo acertar o buraco da fechadura. Sinto as engrenagens se movendo, seguidas de um clique. Aperto a maçaneta para baixo e a porta se abre. Posso sentir o ar noturno durante breves segundos.

— Vai se arrepender por isso, Vadia! — Ethan me puxa para dentro e me joga no chão.

— Nãoooo... — Choramingo encolhida e rastejo, tentando fugir na direção da porta. — Por favor. Eu não aguento mais.

Ethan me chuta no estômago e me puxa de volta para o quarto, arrastando-me pela casa pelos cabelos.

— Eu nem sei por que continuo com você. — Ele me joga para dentro do quarto vazio. — Marco não está te procurando. Acho que amanhã vou atrás do que realmente importa para ele.

Ethan se agacha.

— Está na hora de eu visitar meus sobrinhos. — Seu sorriso é perverso. — Como eles se chamam mesmo? Valentina e Stephan?

Com o último resquício de força que há em mim, eu agarro seu rosto, cravando as unhas em sua carne.

Ele ruge e me esbofeteia outra vez. Minha boca sangra, e eu cuspo nele.

Ethan se enfurece ainda mais e se coloca de pé, pronto para me chutar. Encolho-me no chão e cubro meu rosto como posso.

Ouço ele bater a porta e me trancar de novo. Minha cabeça está zunindo, não consigo distinguir a briga que vem de fora. Ouço os gritos dele, som de vidro se partindo. Não consigo me concentrar em nada.

Ainda não acabou. Agarro-me a minha única esperança.

Tiro o celular de dentro do sutiã, com os dedos sujos, mexo na tela rapidamente. Enxugo as lágrimas e o sangue que escorre por meu rosto. Disco o número de Marco, rezando para que ainda seja o mesmo. Cai direto na caixa postal.

— Marco, me tira daqui. Estou com tanto medo. Proteja nossos filhos. Ethan está indo atrás deles — digo em voz baixa.

Desligo o celular e continuo a tremer pensando em como estive perto de fugir. Como Marco me encontrará? Ativo o sistema de localização e um mapa se ilumina no visor do celular. Tiro um print e envio a imagem para o número de Romano. Tento ligar mais uma vez, mas a tela escurecera.

Droga. Começo a chorar outra vez quando o celular desliga por falta de bateria.

— Não, não, não.

Jogo o aparelho contra a parede e ele se despedaça no chão.

***

A luz de minha cela é desligada, e agora sou rodeada pela escuridão. Quanto tempo eu aguentaria o meu castigo por tentar fugir? Naquele breu, eu preferia manter meus olhos fechados.

Perdi a noção de quanto tempo fiquei ali, presa em meu inferno particular majestosamente orquestrado pelo demônio chamado Ethan. Horas, talvez dias se passaram sem que ele abrisse a luz e empurrasse um copo de água ou um potinho descartável com creme de beterraba.

— Pepa, você está aí? — A voz de Ian parecia tão distante que quase não o reconheci.

A porta de meu cativeiro é aberta aos poucos.

Ian se aproxima de mim e me levanta devagar, meu corpo inteiro lateja de dor quando ele me envolve, apoiando meu corpo ao dele.

— Vai ficar tudo bem. — Caminhamos juntos para fora do quarto.

— Cadê o Marco? — pergunto em um sussurro fraco.

Ian engole em seco e desvia o olhar do meu.

— Conversamos quando estiver fora daqui — ele desconversa.

Paro de caminhar.

— Não! Cadê. O. Marco? — exijo a resposta.

— Porra, Nina! — ele diz em voz baixa. — Já disse que explico depois.

Ouço um barulho vindo da cozinha. Empurro Ian e manco na direção do som.

Então eu quis morrer naquele exato minuto, demorei a compreender o que era arrastado por Ethan, o corpo.

Não! Ele não poderia ter feito isso com meu Marco. Por Deus... Havia tanto sangue...

Fecho os olhos com força e os abro uma outra vez, rezando para acordar no quarto em que estive trancafiada por tanto tempo.

Meu Deus, não é um pesadelo. É tudo real.

— Espero que não tenha levado para o lado pessoal. — Ethan dá um meio sorriso enquanto arrasta o corpo sem vida de Romano. — Só te usei para pegar meu irmãozinho aqui.

Ele dá uma piscadela.

— E o seu amigo pagou um bom preço por você.

Eu não consigo desvirar o olhar de Marco. Não é verdade. Não pode ser.

— Venha, Nina. — Ian me puxa na direção da porta, mas eu o estapeio.

— O que você fez?! — berro. — Maldito, eu te odeio!

CAPÍTULO 20 – ATÉ PARAR DE BATER

“Mais forte do que o amor de quem ama, é o ódio de quem ama.”
— Eurípedes.

Catarina Vallenti

— Pare, Nina. — Ian me aperta contra seu corpo, tentando fazer com que eu volte a mim. — Confie em mim.

— Não! — berro com mais força.

Era isso o que Ian queria o tempo todo, tantas loucuras passavam por minha cabeça naquele instante. Ian e Ethan estavam juntos esse tempo todo.

— Eu não quero você! — Desvencilho-me dele e tento avançar sobre Ethan, que observa a cena com um brilho de satisfação.

— Tire essa vadia daqui antes que eu mude de ideia — ele rosna para Salvatore, que me agarra pela cintura e me carrega à força justo quando estou prestes a tocar o rosto de Marco pela última vez.

Eu me debato e esperneio, mas sou carregada para fora da casa.

— Nãaaaaao! Me soltaaaaaa! — grito a ponto de minha garganta doer.

Dói tanto.

Queria que fosse diferente. Em minha mente, veio à tona a primeira vez em que eu encontrei Marco, de óculos escuros, a pesada e inseparável jaqueta de couro, o cheiro másculo que exalava dele, seus cabelos loiros e selvagens. Um verdadeiro bad boy...

Nosso beijo no banheiro do avião, minhas mãos percorrendo seu peitoral tatuado, o modo como ele me possuiu, marcando meu corpo e minha alma para sempre.

Agora tudo havia acabado, e eu não sentiria mais a ferocidade de seus beijos e a intensidade de seu amor bruto.

E a culpa era toda dele. Ian!

Salvatore abriu a porta do carro e me jogou para dentro. Ele fechou a porta com violência e, antes que eu conseguisse escapar, ele entrou no carro, ativando as travas da porta.

— Por que você fez isso?! — Soco ele como posso, mas ele não se defende de meus golpes, apenas dirige em alta velocidade para o mais longe possível.

— Eu te odeio. Odeio mais que tudo — choramingo quase sem voz.

Meus ferimentos ainda doíam, mas nada era comparado a dor que Ian estava me fazendo sentir.

Eu o odiava mais que tudo! E, na primeira oportunidade que tivesse, eu o mataria, pois ele era o culpado de tirar Marco de mim e de meus filhos.

***

Ian Salvatore

Depois de horas dirigindo, parei o carro no posto para abastecer. Olhei para o corpo de Nina, ela estava encolhida, seus olhos inchados pelo choro, as maças do rosto sujas, o lábio ferido com sangue seco. Ela vestia apenas calcinha e sutiã, estava imunda. Queria contar para ela. Porém, ainda não estávamos longe o suficiente.

A maneira raivosa como ela me batia quando eu a tirava de seu cativeiro não me saía da cabeça. Era um mal necessário, uma hora outra ela entenderia tudo.

***

Algumas horas antes na mesma noite...

— Eu já disse tudo o que sei. — o estranho choraminga como uma criança desesperada.

Marco não tem piedade e desfere outro soco na boca do homem. Romano estala o pescoço de um lado para o outro como se estivesse se alongando, preparando o corpo para os golpes que daria a seguir. Ele esfregou as mãos sujas de sangue na calça e continuou a tortura.

Nossos dias e boa parte das noites eram todos assim. Invadíamos as casas, enquanto eu procurava por pistas, Marco tinha o seu modo de agir, ele torturava o dono do lugar e seus capangas reviravam a casa atrás de quartos do pânico ou qualquer outro lugar onde Nina pudesse estar sendo mantida.

Em poucos dias, ele espalhou uma onda de terror por Sardenha, mas ninguém tinha coragem de ir a público, pois tinham medo do

reencontro com ele…

Ele havia deixado a camiseta e a jaqueta sobre a mesa da sala de jantar.

— Eu já disse. Só vi que eles foram para o leste. — O homem cospe sangue e alguns dentes no tapete da sala.

Ouço o celular dele vibrar no bolso da jaqueta e, quando estou prestes a atender a ligação, surge no visor a mensagem:

1 chamada não atendida. Número desconhecido.

Coloco o celular no ouvido:

Marco. Me tira daqui. Estou com tanto medo. Proteja nossos filhos. Ethan está indo atrás deles.

Era Nina. A voz dela era tão baixa que eu mal podia ouvi-la.

Sinto uma onda de alívio ao saber que ela está viva. O celular vibra outra vez. Olho para a tela.

1 chamada não atendida. Número desconhecido.

Nina mandara sua localização. Essa é minha garota! Tentei ligar de volta para o número, mas uma ouvi apenas a mensagem automática de que o telefone estava desligado ou fora da área de cobertura.

— Droga! — resmungo.

***

Marco Romano

Não vou conseguir arrancar mais nada desse infeliz, seco as gotas de sangue dele que respingaram em mim e tiro um maço de cigarros do bolso.

—Romano — Ian me chama. — Preciso falar com você.

Desisto de fumar e vou até ele.

— O que é? — pergunto sem paciência. — Achou alguma coisa?

— É a Catarina. — Ele faz uma pausa.

— Fala de uma vez, caralho — xingo. — Achou alguma pista?

Salvatore tira o meu celular do bolso e me entrega. Na tela, vejo um mapa com um ponto marcado em vermelho.

— Tem uma mensagem também.

Sinto meu coração apertar dentro do peito quando ouço a voz da Morena, o medo em cada palavra dita por ela aumenta a certeza de que eu vou prolongar o sofrimento de Ethan por muito tempo.

Saio da casa e um turbilhão de ideias me vem à mente, mas, em todos os cenários, vejo Morena morrendo em meus braços. Porra, eu sei exatamente o que Ethan fará, quando souber que não tem mais saída, ele a matará, porque isso é a única coisa que me destruirá.

Salvatore senta no degrau ao meu lado.

— Tem alguma ideia de como vamos tirá-la de lá? — Ele esfrega a nuca tentando aliviar a tensão.

— Mais ou menos. — Passo a mão pela barba. — Vou trocar de lugar com ela.

Ian arqueia as sobrancelhas.

— Não que eu me importe com seu bem-estar, mas é a ideia mais estúpida dos últimos dias — ele debocha. — Aquele desgraçado vai matar vocês dois.

Eu o fuzilo com o olhar.

— Não, imbecil. Não se eu já estiver morto — explico com frieza.

— Você é capaz de fazer isso por ela? — Ian me pergunta em tom conspiratório.

— Eu daria minha vida por ela — respondo e acendo meu cigarro com o isqueiro.

— Você sabe que, se ela pudesse opinar, faria tudo para impedi-lo. — Ele põe as mãos no bolso da calça.

— A escolha não é dela. — Solto a fumaça presa em meus pulmões. — É minha.

Ian fica em silêncio esperando que eu continue.

— Para isso, vou precisar da sua ajuda.

***

Algumas Horas mais tarde

Ian Salvatore

Já está quase amanhecendo quando estaciono na garagem do Motel Tigresa que encontrei à beira da estrada. Desço do carro e levo a chave comigo por via das dúvidas. Alugo um quarto e volto para carregar Nina. Tiro meu blazer e coloco sobre seu corpo.

— Venha, Pepa — sussurro devagar puxando-a para fora para carregá-la no colo.

— Não encoste em mim — ela responde com a voz rouca assim que percebe que estou tentando levá-la no colo.

— Tudo bem. — Tento não contrariar. — Ao menos, vista isso. Você está seminua.

Ela pega meu blazer com um puxão e mal me encara, não me deixa chegar muito perto e impõe uma distância entre nós.

Reviro os olhos e bato a porta do carro. Sinto o ódio e o desprezo irradiarem dela quando chego mais perto.

— Eu já disse para ficar longe — Nina retruca.

Caminho até a porta de nosso quarto recém-alugado e a abro.

Ela é a primeira a entrar e faz questão de desviar de mim como se eu fosse motivo de repulsa.

— Vamos conversar. — Entro e fecho a porta, mas ela me ignora e se tranca no banheiro.

Eu a ouço chorar.

— Pepa, abra a porta, deixe-me explicar.

Mas ela não responde. Minha vontade é arrombar a porta, mas tenho medo de feri-la ainda mais.

Dou um suspiro resignado e me sento ali, escorado na porta que nos separa, eu ouço seu sofrimento, queria poder confortá-la, queria poder tirar dela todo o sofrimento que ela passara nesses dias, todo o terror que aquele filho da puta lhe causara, mas agora eu só podia esperar que ela se acalmasse e ouvisse o que eu tenho a dizer e fazer o que eu nunca fazia, rezar para que um dia ela me perdoasse.

***

Catarina Vallenti

Deixei o blazer de Ian e minhas roupas íntimas ali no piso frio daquele motel barato. Abri os jatos da hidro e fiquei sentada na banheira ovalada. A água morna que corria pelos meus cortes não era nada em comparação a dor que me corroía a cada vez que minha mente me torturava e me fazia lembrar do corpo de Marco sendo arrastado por Ethan. Então o choro retornava com força outra vez.

Fiquei de olhos fechados... A água morna já tocava meu pescoço e a ponta de meu queixo.

Lembrei do dia de nosso casamento. Eu ainda podia sentir o toque firme de sua mão acariciando os contornos de meu rosto, a luxúria transbordando em seus olhos azuis.

Morena, eu sou o dono dessa cidade, eu posso te comer aonde eu quiser.

Meus cortes ainda ardiam e minha cabeça latejava, mas o meu coração era o que mais me incomodava, por um simples fato, ele estava aos pedaços. Outra lembrança dolorosa me vem à cabeça.

— Perfetto — Ainda posso ouvir a voz de Marco estupefato com Stephan nos braços.

— Bella — Ele acomodou Valentina em meus braços. Senti os coraçõezinhos batendo forte contra meu peito.

A maneira como ele nos olhava fazia meu coração bater de um jeito diferente e a felicidade transbordava em meu peito. Ele tirou a camiseta e colocou sobre nós.

—Eu prometo cuidar de vocês três, dar-lhes tudo.

Então a lembrança mais doce que eu guardava daquele momento se desfez quando ouvi Ian bater na porta do banheiro.

Com as mãos molhadas, eu toco devagar meu próprio rosto para afastar as lágrimas que caem.

— Pepa, eu pedi nosso almoço.

Comida? Eu não sentia fome, apesar de estar há mais de um mês comendo aquele creme de beterraba nojento, agora eu não tinha apetite nenhum.

Saio da banheira, a água está mais escura agora, mas eu estou limpa. Enrolo-me em uma toalha branca. Logo abaixo do espelho, encontro, em uma prateleira, uma escova de cabelo e um pequeno tubo de creme dental. Passo a pasta nos dentes com o indicador.

Os cortes em meus lábios se manifestam. E sinto minha boca inteira arder. Enxaguo a boca e me penteio, o simples movimento da escova passando por meus cabelos embaraçados faz minha enxaqueca aumentar.

Com os dentes “escovados” e o cabelo penteado, eu olho para a garota refletida no espelho. Olheiras fundas marcam meus olhos negros, marcas roxas e inchadas ainda estão ali para me lembrar da última briga com Ethan.

Destranco a porta do banheiro e caminho descalça pelo quarto. Sobre a cama, encontro uma travessa metálica coberta por uma tampa arredondada. Retiro a tampa e a deixo de lado. Ian não está ali.

O almoço está servido apenas para uma pessoa, um medalhão de carne assada, ao lado de uma porção de arroz branco e batatas fritas. Não foi a comida que atraiu minha atenção, e sim os talheres que vinham com ela. Apanhei a faca e esperei pacientemente pela volta de Salvatore. Adormeci sentada em uma poltrona ao lado da janela que estava com a cortina fechada. Quando acordei, ele estava deitado na cama de casal, espiei pela janela, já havia anoitecido.

Salvatore deixara apenas a luz do banheiro ligada, o que conferia ao quarto pouca luminosidade.

Ele está acordado ou acorda quando me levanto e a poltrona range. Aperto o cabo da faca nas mãos e o encaro.

— Por que você o deixou lá? — Minha voz é carregada de dor.

Ian se levanta da cama e, com as mãos, gesticula para que eu abaixe a faca.

— Foi ele que me pediu — explica nervoso.

— Mentira! — grito — Não posso acreditar em nada do que você diz — ameaço com a faca empunhada em sua direção. — Se você acha que eu sou o responsável por tudo isso, então vai. — Ele dá um puxão nos botões da própria camisa e fica com peito aberto. — Se isso vai te fazer melhor, eu não vou te impedir.

As lágrimas começam a cair de novo e eu já não aguento mais chorar. Meus músculos doem, meus ferimentos doem, mas saber que nunca mais verei Marco dói mais que tudo.

Sinto braços fortes me envolverem e me apertarem com força, abro os olhos marejados de lágrimas, Ian está no mesmo lugar.

— Quieta, Morena, eu estou aqui — Romano sussurra ao meu ouvido.

Minhas pernas fraquejam e, antes que eu desmorone, ele me segura com mais força e me dá todo o sustento de que preciso.

Meu choro é descontrolado e se mistura a um riso nervoso. Tenho medo de que isso seja apenas mais um sonho e quando eu abrir os olhos outra vez ainda estarei trancafiada, completamente só naquele quarto vazio.

— Eu voltei. — Marco afasta os cabelos de meu rosto e roça os polegares sujos em minha bochecha.

Eu não vou piscar, não vou fechar os olhos nem por um minuto sequer, porque, se for um sonho, eu não quero acordar. Eu não posso acordar.

Marco beija meus lábios, beija meu queixo e minhas bochechas. Ele encosta sua testa na minha e inspira.

— Eu vi você — digo e mal consigo terminar a frase.

Meu coração está tão apertado.

— Eu vi você morto. — Eu choro outra vez, engasgando com os soluços desesperados, minhas mãos tateiam pelo corpo dele, apertando cada músculo, passando os dedos por sua barba. — Eu vi.

— Você viu o que nós queríamos que visse — Ian explica.

Como assim? Minha cabeça está girando. Horas atrás, eu vi o corpo de Marco sendo arrastado por Ethan e agora estou aqui?!

— O que aconteceu?

***

Marco Romano

Algumas horas antes...

— Vai. Me dá um soco — digo para Ian.

Ele não hesita e me acerta logo acima do olho.

— Filho da puta! — xingo quando o sangue começa a escorrer.

Uso a camiseta branca para sujá-la bem.

Sonny aparece na porta.

— Já está tudo no carro, chefe.

Aceno com a cabeça.

— Certo. Então vamos.

Fico dentro do porta-malas durante todo o trajeto. O dinheiro que Ian usará para comprar Morena está no banco de trás. Quando o carro para, ouço alguns latidos seguidos de uma batida da porta do carro.

***

Ian Salvatore

Bato na porta do chalé, olho ao redor, também pudera não termos encontrado nada durante todo esse tempo, aquele lugar era no meio do nada.

Ouço o barulho de chaves, em seguida, uma fresta da porta é aberta. Um homem alto espia o lado de fora.

— Sim? — ele pergunta desconfiado.

Dou um meio sorriso, vim para a entrega.

— Não pedi nenhum tipo de entrega — ele rosna e tenta fechar a porta, mas eu o impeço.

Dou um meio sorriso.

— Sei que não, mas você tem algo que me pertence.

Saco a arma e aponto para ele.

— Eu vim na paz, amigo — explico. — Só vim comprar o que já é meu. E, de cara, já trouxe uma oferta de paz.

— Como me achou aqui? — Ethan pergunta irritado.

— Acontece que a Catarina tem os dedos ligeiros e deve ter roubado seu celular sem você perceber — debocho. — Mas não vim aqui para enaltecer as qualidades dela. — Cinco milhões — digo sem abrir espaço para que ele negocie.

Ethan dá uma risada descrente.

— Não estou interessado em vendê-la — desdenha.

— Se for para atrair o Romano, pode ir esquecendo — ironizo com um sorriso torto.

— Por quê? — Ele é pego de surpresa.

— De quem acha que eu roubei esse dinheiro? — minto. — Além do mais, não me adianta só comprar a Catarina, eu preciso dele longe do meu caminho. — Faço um movimento com a cabeça. —

Por que não pega as malas com o dinheiro que eu faço o favor de carregar o filho da puta para você?

Ethan continua desconfiado, mas dá um sorriso de satisfação quando abro o porta-malas. Ele dá uma boa olhada no corpo de Marco e depois volta sua atenção para as malas cheias de dinheiro.

***

Marco Romano

A parte mais difícil foi ouvir os gritos desesperados de minha Morena, o choro desolado se afastando de mim. O sofrimento seria temporário, garanti a mim mesmo. Se tudo desse certo, em algumas horas, eu estaria com ela outra vez.

Senti Ethan me arrastando pelo chão frio.

— Desgraçado pesado — reclama. — Nem para me dar o prazer de te capturar.

Com o coração arrebentando no peito e a adrenalina correndo por minhas veias, eu o chuto nas pernas e ele cai. A expressão de surpresa em seus olhos é impagável.

— Mas que porra é... — Não dou tempo para que ele termine de falar e avanço sobre ele como um animal, desferindo socos até que seu rosto se torne uma massa indecifrável de carne, sangue e ossos.

— Não! — Ouço uma mulher gritar. Não faço ideia de quem seja essa garota parada na porta, mas tiro a arma que carrego na cintura e o disparo acerta entre seus olhos. O corpo cai sem vida ali mesmo.

Saio de cima de Ethan e uso o cinto de minha calça para prender suas mãos para trás.

Ele cospe sangue e gagueja algo incompreensível.

Com os punhos ainda ensanguentados, eu ando pela casa que ele usara para aprisionar minha mulher.

Encontro um quarto vazio manchado de sangue com um celular quebrado no chão. Só de pensar no tempo em que Morena estivera trancafiada ali, minha ira retorna, dessa vez com mais violência.

Ethan está tentando se levantar quando chego na cozinha.

— Calma, irmão, eu mal comecei com você. — Chuto seu estômago e ele cai de novo, afogando-se no próprio sangue.

— Eu preferia te torturar no meu galpão, tenho um lugar só para isso. — Olho ao redor e começo a abrir os armários. — Mas posso ser criativo.

Pego uma caixa de fósforos sobre a bancada e o vidro de álcool que encontro debaixo da pia. Tiro minha jaqueta e deixo ali por perto, pois logo precisarei dela.

— Costumo mutilar viciados e traficantes que ficam me devendo. — Puxo uma cadeira e me sento perto do corpo. — O processo é bem simples, primeiro, eu começo a cortar e depois, eu jogo sal em cima para o sujeitinho não sangrar muito rápido.

Dou uma risada, mas não há humor em mim.

— Agora, imagina o que eu vou fazer com você. — Balanço a cabeça afirmativamente. — Você teve colhões para roubar a minha mulher e quase matar os meus filhos em uma batida de carro.

À medida que falo, despejo o vidro de álcool pelo corpo dele até que a garrafa esteja vazia.

— Não — ele consegue murmurar.

— Você sabe o que dizem por aí. — Coloco a garrafa vazia no chão e acendo o fósforo. — Quem brinca com fogo...

Risco o palito e a chama se forma na ponta.

— Nãooo — ele implora, mas já é tarde e as chamas se espalham por suas pernas assim que o palito incandescente toca seus pés.

Ethan se contorce no chão tentando se soltar. Antes que ele queime rápido demais, eu apago o fogo quando as chamas sobem pela sua cintura, abafando tudo com minha jaqueta de couro.

— Pronto, pronto. Já passou. — Minha voz é calma e controlada. Retiro a jaqueta de cima da parte queimada, sua pele está em carne viva, um misto de tecido e pele retorcidos.

Quando percebo que ele chora, retomo a tortura que duraria um dia inteiro. De novo, e de novo, eu o incendiei até que não restasse mais nada. Somente assim eu poderia ver minha Morena outra vez.

***

Catarina Vallenti

Quando Marco terminara de me contar toda história, eu ainda tinha em mim a sensação de que, a qualquer momento, eu poderia acordar e ver que ainda estava presa no cativeiro criado por Ethan. Por dias, aquela sensação persistia. Talvez ela nunca me abandonasse, era uma marca que ele havia deixado em minha alma.

Marco me contou que teríamos que deixar a Itália por algum tempo, ele não me deu muitos detalhes e disse que eu não tinha que me preocupar com isso.

— Só precisa escolher um lugar — ele fala me puxando para seu colo. — Com sol, praia e comida boa, quero as curvas da minha Morena de volta.

Eu e ele estávamos hospedados no apartamento de Ian, pelo menos, até decidirmos um lugar para nosso recomeço.

O telefone de Marco toca e ele morde meu ombro antes de se levantar e ir atender a ligação na sacada. Eu não entendi exatamente como acontecera, mas algo havia acontecido, talvez fosse o fato de ambos se unirem para me resgatar, eu só sabia que Marco e Ian conviviam debaixo de um mesmo teto sem tentar se matar cada vez que um cruzava o caminho do outro.

Fui para a cozinha, Ian cortava a cebola com habilidade de um chef. Seja lá o que ele estivesse fritando naquela panela, estava cheirando divinamente bem.

— Eu sei que ainda não agradeci. — Meus olhos ficam marejados.

— Eu corto cebola e é você quem chora? — Ian larga a faca e passa as mãos no avental preto preso à cintura.

— Ei... — ele chama minha atenção e se aproxima. — Não quero nunca mais te ver chorando, ouviu?

Meu coração bate acelerado com a proximidade dele. Fico na ponta dos pés e beijo seus lábios.

Ian retribui o beijo. Sinto as mãos de Marco descerem pelo vestido solto que eu uso.

Sua barba aloirada roça em minhas costas, e ele deixa uma trilha de beijos por meu corpo, que se arrepia de imediato. Marco tira minha calcinha e mordisca minha bunda. As mãos de Ian puxam as

alças do vestido para baixo e logo meus seios estão em suas mãos. Ele me acaricia devagar.

Romano enfia a língua em meu ânus e me faz gemer nos lábios de Ian. Estar entre eles é insano, louco e viciante.

Viro-me de costas para Ian e Marco fica de pé outra vez. Dessa vez, seus dedos tateiam até meu sexo encharcado.

— Temos tempo? — pergunto quase sem fôlego quando ele mete dois dedos grossos em meu sexo.

Ele dá um sorriso malicioso.

— Temos. Penny vai passar a tarde com Valen e Stephan no shopping.

Romano esfrega meu clitóris com o polegar e continua movimentando os dedos até me levar à beira. Ian esfrega o membro rígido em meu traseiro. Eu rebolo e gemo entre os dois quase zonza pela luxúria. Marco tira os dedos de dentro de mim quando estou prestes a gozar, e eu mordo o lábio para conter um xingamento.

Ele abre a calça e abaixa a cueca boxer preta.

— Quer pau? — Ele acaricia o membro rígido e grosso com a maior cara de safado possível.

— Quero tudo. Devagarinho.

Eles atendem ao meu pedido, me penetrando pouco a pouco, e quase não respiro até ter os dois dentro de mim.

Com movimentos ritmados, eles se mexem aos poucos até que eu aguente e me acostume com a sensação de preenchimento, até que a dor dê lugar ao prazer, um prazer tão fugaz e enérgico que só eles poderiam me proporcionar.

FIM!

CAPÍTULO BÔNUS

Stephan Romano Salvatore

Eu podia sentir o cheiro do medo vindo do homem de meia idade parado à minha frente.

— Walter, — digo seu nome devagar, quero manter a calma, ao menos, por enquanto. — Achou mesmo que eu seria idiota o suficiente para não perceber que você estava me roubando?

Ele era o dono de uma empresa de contabilidade, responsável por lavar o dinheiro sujo e nos manter longe dos olhos da Receita Federal.

— Fiz sua empresa de merda enriquecer, dei proteção a você e a sua família. — Estalo os dedos e atiro minha jaqueta de couro sobre o sofá. — Esses seus móveis caros... Achou mesmo que eu não descobriria?

— Stephan... — ele implora de joelhos. Suas mãos estão algemadas para trás.

— Cale a boca! — urro. — Eu não te dei permissão para falar, filho da puta. — Pego um porta-retrato de moldura metálica e

observo a foto. Walter está ao lado de sua mulher e filha. — Bela família.

— Por favor, Stephan, deixe minha família fora disso. Elas não têm nada a ver com isso.

Acerto o rosto do contador com o porta-retrato e o sangue mancha a fotografia.

— Errado. — Mostro a foto suja de sangue. — Toda merda que você faz respinga na sua família.

— Não, por favor, deixe elas fora disso, estou implorando — ele gagueja.

— Zico, vá atrás delas. — Entrego a foto a ele. — Quero as duas vivas. Ao menos, por agora.

Olho para o infeliz sangrando à minha frente, as lágrimas escorrem pelo rosto.

— Elas estão viajando — ele choraminga.

— Eu disse agora, Zico.

Tiro as duas pistolas que estão presas à minha cintura e sento-me no sofá.

Zico obedece e sai à procura delas.

O silêncio impera na sala.

— Eu posso devolver. Só preciso de um dia, amanhã eu vou ao banco. Dou tudo o que tenho, mas deixe minha família fora disso.

Balanço minha cabeça e, empunhando as pistolas, aponto na direção da cabeça dele.

— Deveria ter pensado nisso antes. — Sorrio. — Vamos esperar o Zico voltar com elas para que nós possamos começar.

Ouço um barulho vindo do andar de cima.

— Tem mais alguém na casa? — Fico de pé em estado de alerta.

— Não — ele responde, o suor que brota em sua testa escorre, misturando-se ao sangue.

— Esse é o problema de um mentiroso, nunca sabemos quando ele está dizendo a verdade. — Sorrio. — Vou ter que conferir pessoalmente. Não tente nenhuma gracinha.

***

Jaqueline Senna

Ouvi os gritos de meu padrasto e corri para seu escritório. Eu sabia que ele trabalhava para um bandido, mas não fazia ideia de que ele seria estúpido o suficiente para roubar de um. Eu tinha nojo de Walter, da maneira como ele me olhava, de suas carícias nojentas quando minha mãe não estava presente.

Eu estava pouco ligando para o que aconteceria com aquele porco asqueroso, mas eu tinha que encontrar um jeito de avisar minha mãe para não vir para casa e me encontrar no aeroporto.

Droga, mãe! Por que não atende o celular? Enchi minha mochila com o dinheiro que estava no cofre e apanhei o revólver que Walter guardava na gaveta com fundo falso. Peguei nossos passaportes, o meu e o de minha mãe. Dessa vez, meu padrasto não estaria conosco. Eu não sentia remorso por estar feliz de ele, finalmente, estar amedrontado e ferido. Eu o odiava com todas as forças.

Quando coloquei a mochila nas costas, esbarrei, sem querer, em um pequeno vaso de flores colocado hoje cedo pela minha mãe na mesa dele. Prendi o ar quando vi a porcelana espatifar-se no chão.

Droga!

Com as mãos tremendo, empunhei a arma, era um pouco mais pesada do que eu imaginava, eu não fazia ideia de como aquilo funcionava. Eu tranquei a porta? Por que eu não conseguia me lembrar de trancar a maldita porta?

Meus olhos fixaram-se no movimento da maçaneta, o trinco cedia devagar. A porta foi aberta.

Mantive meus braços bem esticados, fazendo um enorme esforço para não tremer diante do homem que surgiu à minha frente. O homem estava com os punhos sujos de sangue. Meu olhar se fixou em seus braços cobertos por tatuagens, desenhos tribais, cobras, demônios e caveiras subiam por seus bíceps.

Ele sorriu ao me ver. Meus olhos, então, concentraram-se na curva de seus lábios. Seu maxilar era coberto por uma barba bem-feita em tom loiro mel, igual ao de seus cabelos penteados para trás. Senti os olhos azuis dele esquadrinhando meu corpo, avaliando-me.

— Quantos anos você tem? — Sua voz máscula me fez estremecer, eu não esperava que ele falasse comigo.

Fiquei quieta e continuei empunhando o trinta e oito.

Ele riu, o maldito estava achando graça. Eu não deixaria ele chegar perto de mim. Nenhum homem me tocaria contra a minha vontade. Nenhum.

— Não chegue perto — respondi com a voz trêmula e dei um passo para trás.

— Eu perguntei quantos anos você tem. — A voz dele adquiriu um tom impaciente. — Por acaso já usou alguma dessas na vida? — Ele estava fazendo pouco de mim. — Menina, largue essa porra e responda a minha pergunta. — Ele deu um passo à frente, e eu,

imediatamente, recuei na mesma velocidade. Senti a mochila pesada encostar contra a parede.

— Você vai matar o Walter?

Ele balançou a cabeça positivamente e deu outro passo em minha direção. Em qualquer outra circunstância, eu estaria admirada com a beleza do homem parado a poucos metros de mim, mas, agora, só consigo sentir medo. Medo do que ele fará comigo. Eu o ouvi e sei que ele matará a mim e a minha mãe por causa daquele desgraçado do meu padrasto.

Com o polegar, eu puxei a pontinha metálica curvada para o alto do revólver, e ele sorriu. Não acreditava que eu poderia apertar o gatilho.

— Eu não me importo com o que vai fazer com Walter, mas não vou deixar você tocar em mim ou na minha mãe.

— Corajosa. — Ele deu outro passo, ainda sorrindo.

Meu Deus, ele está tão perto.

— Então você vai ter que atirar em mim. — Sua voz era perigosamente sexy, um frio percorreu minha espinha.

Fechei os olhos e puxei o gatilho. Eu sei que seria mais inteligente disparar de olhos abertos. Meus braços tremeram no momento do disparo, e eu o ouvi gemer de dor. Quando ousei abrir os olhos, ele já estava me prensando contra a parede, tomando o revólver de minhas mãos.

— Quieta! — ele urrou, prendendo meus braços no alto da cabeça, segurando-me com força, suas mãos enormes apertavam meus pulsos. — Você sabe em quem você atirou? — Ele olha para o braço ferido.

De raspão? A bala passou de raspão?

— É a última vez que eu vou perguntar. Qual o caralho da sua idade menina? E, para o seu bem, é melhor você me responder!

— Dezessete! — gritei.

Ele olhou para as alças da minha mochila e soltou meus pulsos. Antes que eu pudesse reagir ele a arrancou de mim com violência e abriu o zíper.

— Mas que menina malvada, fugindo com meu dinheiro, deixando o papai para morrer.

Olhei para o revólver caído no chão e, como se lesse meus pensamentos, ele advertiu:

— Nem pense nisso.

— Ele não é meu pai — retruquei revoltada.

Ele pegou meu passaporte e o folheou.

— Jaqueline Carolina Senna. — Ele leu e voltou a me encarar. — Você é bem audaciosa, Jaqueline.

Ele tinha um sotaque carregado, sem dúvidas, não era brasileiro.

— Foi a primeira mulher a atirar em mim.

Olhei para o braço com um pequeno arranhão, o rastro deixado pela bala. Ele me devolveu a mochila e me pegou pelo pulso, segurando-me com força.

— Mas quando você mirar, — ele guiou minha mão e a colocou sobre seu peito, senti a dureza de seus músculos debaixo do tecido da roupa — tem que acertar aqui.

Senti seu coração batendo com força. Ou era o meu que estava batendo devagar demais. Eu já não sabia.

Minha mão estava espalmada contra o peitoral dele, eu deveria recuar, mas não o fiz. Por que não? Meus olhos castanhos estavam hipnotizados pelos dele, e então, eu não me movi.

— Jaque. — Walter apareceu na porta, seu rosto estava ferido. — Deixe-a em paz, Stephan.

Ele largou meu pulso, e eu continuei estática. O gigante loiro pegou uma das armas presas à sua cintura e disparou. O corpo de meu padrasto desmoronou.

Eu jamais havia visto nada parecido, o sangue escorria pelo buraco de bala no meio da testa de Walter, o cheiro de ferro impregnado no ar, a naturalidade com que Stephan tomara a vida daquele homem.

O escritório começou a girar perante meus olhos. O chão despareceu diante de meus pés, os braços musculosos apanhando meu corpo antes que eu desabasse no chão foram a última coisa que eu senti antes de perder a consciência de vez.

***

Quando abri os olhos, não reconheci o lugar onde estava. O homem que tirara a vida de Walter andava pelo quarto com uma toalha presa à cintura, as gotas de água ainda deslizavam pelos músculos bem definidos, e eu ainda estava vestida com o uniforme da escola.

Não tinha mais motivos para continuar indo à escola. Eu já havia passado desde setembro, mas odiava ter que ficar em casa, odiava o fato de meu quarto não ter uma tranca e, por isso, passava meu tempo livre na biblioteca, estudando para ingressar em uma Universidade Federal, mas, de uma hora para outra, meus planos de fugir haviam sido bagunçados. Eu não sabia o que seria da minha vida daqui para frente, nem o que Stephan faria comigo.

Acho que eu devia me esconder embaixo da mesa do escritório. Não, melhor seria procurar algo para bater nele e fugir dali assim que ele tentasse alguma coisa? O homem falando em italiano no celular era o dobro do meu tamanho. Quando fiz menção de me mover, os olhos dele pousaram sobre meu corpo, e então fiquei imóvel, eu não poderia fingir dormir. Seu olhar, agora, mantinha-se em minhas pernas nuas. Puxei a barra da saia xadrez um pouco mais para baixo e engoli em seco.

Stephan desligou o celular e o deixou sobre o criado-mudo ao lado da cama.

— Uma menina como você deve deixar os garotos loucos na sua escola. — Ele chega um pouco mais perto e mexe nos meus cabelos castanhos, acariciando um cacho entre os dedos. — Ia fugir para a casa do seu namorado?

— Eu não tenho namorado — resmungo.

Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso.

— Não? Por que será que eu não acredito nisso?

— Pouco me importa o que você pensa de mim.

— Calma, Jaqueline, só estamos conversando.

Stephan me prende entre seus braços e, com o peso de seu corpo úmido, ele me imobiliza na cama. Mal respiro. Sinto algo grande e rígido pressionando o meu quadril. Fecho os olhos e viro o rosto para o lado.

— Não, gatinha. — Senti seus braços apoiados ao meu redor, uma prisão assustadoramente sexy. — Abra os olhos, Jaqueline.

Mordi o lábio inferior e mantive meus olhos bem apertados. Meu corpo já estava dando sinais de que eu precisava respirar outra vez,

mas eu tinha medo do homem sobre mim, sabia que ele era perigoso.

— Não sou bonito o suficiente? — ele debochou.

Bonito? Esse era um adjetivo medíocre para descrevê-lo, Stephan era perfeito, porte atlético esguio e musculoso, costas largas, tatuagens, gominhos em seu abdômen definido. O problema era ele ser um dos caras maus. Ele assassinara Walter sem piscar, não que eu me importasse com o que havia acontecido com meu padrasto, mas um homem que tira a vida de outro com aquela facilidade só pode ser um monstro.

Senti a barba dele roçar em minha bochecha, sua respiração quente contra minha pele.

Stephan capturou meu lábio inferior e o sugou devagar. Um formigamento gostoso se espalhou por meu corpo, a sensação da boca dele tocando a minha era maior do que o medo que sentira.

— Você cheira a doce — ele sussurrou ao meu ouvido e cheirou meus cabelos.

Algumas horas mais cedo, eu havia feito uma hidratação nos cachos com um creme que cheirava a Bubbaloo*. Provavelmente, era esse o cheiro doce que ele se referia.

— Eu gosto — murmurou com a voz rouca, fazendo cócegas na minha nuca.

Stephan mordiscou meu pescoço, era estranho sentir a maciez de sua boca em contraposição a sua barba raspando em minha pele. Aquilo estava longe de ser ruim. Por que meu corpo estava se comportando daquele jeito? Era errado. Tudo completamente errado.

Continuei como uma estátua, talvez, se eu não me mexesse, ele desistisse de mim, afinal, por que ele estava fazendo aquilo?

Ele voltou a me beijar, começou pela nuca, sua boca foi deixando uma trilha de beijos lentos até o canto de meus lábios. A língua de Stephan invadiu minha boca sem pressa, explorando o interior de meus lábios, enroscando-se na minha.

Meus olhos já não estavam mais apertados com a mesma força de antes. Estavam fechados. E eu? Eu já não era mais responsável pela miríade de sensações que se acumulava em meu corpo, medo, prazer, curiosidade. Stephan estava me fazendo sentir tudo ao mesmo tempo.

Então essa era a sensação de ser beijada? Eu poderia morrer depois desse beijo. Era gostoso demais. A maneira como a língua dele se movia dentro de minha boca era, simplesmente, deliciosa. Abri os olhos, e ele abriu os dele ao mesmo tempo.

Seus olhos se estreitam, e ele finalizou o beijo com uma pequena mordidinha em meu lábio inferior. Meu sexo estava latejando, e a ereção dele continuava ali, pressionada contra o meu corpo em um convite indecente e provocativo.

— Por favor, não me machuque — pedi, sentindo um calor espalhar-se por meu rosto.

Ele sorriu, notei, em seus olhos azuis esverdeados, um brilho predatório selvagem.

— Claro, docinho, vou te comer devagar. Nós temos a noite toda.

Stephan se apoiou em um único braço e, com a mão livre, desbotoou minha camisa azul-escura. Botão por botão.

— Jaqueline, você está tremendo — ele disse ao deixar-me seminua.

Stephan ficou olhando para os meus seios cobertos apenas pelo sutiã cor-de-rosa.

Eu não falei nada. Acho que não falaria mesmo que tivesse algo a dizer, eu não estava pronta para formar frase alguma.

Os lábios dele desceram sobre meu peito, amei a sensação de sua barba roçando contra minha pele exposta. Stephan sugou meu seio e puxou o sutiã para baixo, o suficiente para que ele pudesse abocanhar meu mamilo. Sua boca demorou ali, lambendo e sugando até que ele ficasse endurecido.

Gemidos baixos escaparam de meus lábios. Aquilo era tão bom quanto o beijo que ele roubara de mim minutos antes, mas de um jeito diferente, agora outras partes de meu corpo estavam pegando fogo, ansiando pelo toque de seus lábios experientes.

— Awn, Stephan... — Gemi, contorcendo-me embaixo dele.

— Isso, Jaqueline. Chame meu nome, meu doce — ele ordenou antes de voltar sua atenção para meu outro seio.

Esfreguei meu quadril contra sua ereção rígida, esperando que a dureza de seu membro aliviasse o tormento que se acumulava em meu sexo. Oh, Deus. Isso é tão errado, mas tão bom.

Eu não o conhecia, não sabia absolutamente nada sobre ele e estava me contorcendo de prazer debaixo de seu corpo, desmanchando-me, pouco a pouco, com a mágica feita por seus lábios. Isso era errado. Era proibido. ERA DELICIOSO.

Minhas mãos foram devagar para seus braços. Meus dedos deslizavam por suas tatuagens. O desejo estava à beira do incontrolável. A mão que agarrava meu seio agora descia por minha barriga e entrava por dentro da saia.

Ele afastou os lábios de meu mamilo e sorriu ao tocar minha calcinha, sentindo o tecido de algodão molhado. Stephan esfregava meu clitóris com a palma da mão e seus dedos atiçavam minha entrada.

— Molhadinha, bem como eu gosto. — Um sorriso sacana surgiu em seu rosto, e ele saiu de cima de mim.

Stephan puxou minha calcinha pelas laterais, ele fez isso sem tirar os olhos dos meus. Todos os movimentos dele eram sem pressa, ele sabia exatamente o que fazer comigo, onde tocar, onde chupar, e meu corpo reagia de forma exagerada a cada estímulo dele.

Ele me pegou pelas coxas e me puxou para mais perto, suas mãos subiam e desciam pelas minhas coxas, ele me alisava, me apertava. Detesto minhas pernas, sempre as achei grossas demais, detestava mais ainda ter que usar saia todos os dias por causa do uniforme obrigatório. Porém, Stephan parecia gostar do que via. Ele me manteve com as pernas bem escancaradas e inclinou-se na direção de meu sexo.

— O que você está fazendo? — Minha voz soou alarmada.

— Vou te comer — ele disse como se aquela pergunta fosse desnecessária.

Continuei o encarando com os olhos arregalados. Não, eu não queria que ele me beijasse ali.

— Não. —Eu tentei fechar as pernas, mas suas mãos enormes me mantiveram de pernas arreganhadas.

— Acredite, docinho, você vai gostar. — Ele sorriu, e seus lábios tocaram meu sexo antes que eu pudesse protestar outra vez.

Dessa vez, eu tive que agarrar os lençóis para não gritar. A forma como seus lábios abocanharam meu sexo, a barba dele roçando contra meus grandes lábios enquanto sua língua brincava, provando tudo de mim, me chupando, rosnando obscenidades, deixava-me ainda mais zonza de prazer.

— Porra, Jaqueline — ele xingou e voltou a me chupar. Às vezes, mordiscando; às vezes, lambendo, talvez a palavra correta fosse devorando.

— Essa sua bocetinha... — Stephan chupou meu clitóris, e eu vi estrelas, sua boca trabalhava rápido, devastando cada pedacinho de minha intimidade até que não...

Tentei desviar meu quadril e tirá-lo dali antes que eu gozasse em sua boca, mas ele apertou minhas coxas com firmeza suficiente para me manter ali, à mercê de sua boca. Porque era isso que ele queria.

— Não, Stephan — implorei. — Não.

Seus lábios hábeis devorando sem dó meu sexo latejante e o movimento de sua língua fizeram com que eu não conseguisse mais me segurar. O orgasmo foi arrancado de mim sem que eu pudesse protestar. Ele continuava sugando meus lábios, abocanhando meu sexo até que eu estivesse limpa outra vez.

— Eu disse que você ia gostar — vangloriou-se com um sorriso cretino estampado no rosto.

Stephan se livrou da toalha e deixou seu membro à mostra.

Ah, doeria, doeria muito quando ele colocasse tudo aquilo dentro de mim. Ele passou a mão direita pelo membro ereto e se masturbou, olhando para mim. A luxúria transbordava em seus olhos. Olhei outra vez para o pau rosado e grosso, observei a

cabeça polpuda e toda a extensão de seu membro. Meu medo da dor tinha voltado com força total.

Stephan montou em mim. Com um braço, ele apoiou-se no colchão e, com o outro, ele guiou seu pau até meu sexo. Ele esfregou o membro pelo meu sexo, minha carne ainda estava sensível pela ferocidade de seus beijos. Aos poucos, a cabeça polpuda e quente começou a entrar. Cravei minhas unhas em suas costas. À medida que seu pau se enterrava dentro de mim, duas sensações eclodiam, prazer e dor. Tive que fechar os olhos e virar o rosto para o lado quando algumas lágrimas começaram a rolar por meu rosto.

Os dedos dele tocaram minha face úmida, fazendo-me encará-lo.

— Shiu, docinho... Eu já estou quase todo dentro de você.

Quase?! Eu estou quase sendo rasgada ao meio e ele tem a cara de pau de dizer quase?!

Stephan acomodou-se todo dentro de mim, a sensação de ser preenchida por um homem como ele era quase sufocante, de uma maneira dolorosamente excitante. Então, algo se rasgou dentro de mim, uma fisgada de dor irradiou e senti latejar quando ele me possuiu por completo.

— Porra, docinho, você não sabe o esforço que estou fazendo para comer essa bocetinha apertadinha devagar. — Eu ri, sentindo a vergonha me consumindo. — Está doendo muito?

Eu balancei a cabeça e não tive coragem de dizer absolutamente nada. Apenas continuei com minhas unhas cravadas em suas costas largas.

— Quer que eu pare? — Ele perguntou com a voz rouca.

Fiz que não com a cabeça. E um pequeno sorriso formou-se em seus lábios outra vez.

Ele começou a se mexer devagar, à medida que se movia dento de mim, esfregando a virilha colada a minha, pressionava meu clitóris com força, o mesmo prazer que eu sentira quando ele me beijara lá embaixo começou a se acumular ali de novo e, aos pouquinhos, a sensação de dor foi substituída pelo prazer.

— Isso, Jaqueline, relaxe, doce, viu como essa bocetinha apertadinha precisa do meu pau?

Falar, como ele conseguia falar? Eu mal conseguia coordenar minha necessidade básica de respirar.

Quando eu estava prestes a gozar, o apertei com mais força contra meu corpo, fazendo com que meus seios ficassem pressionados contra os músculos de seu peitoral. Era dolorido tê-lo inteiro dentro de mim, mas eu precisava daquela dor, porque, quando ele mexia o quadril em movimentos circulares, o prazer era absoluto.

Mordi seu ombro com força e deixei que um novo orgasmo tomasse meu corpo, esse havia sido mais intenso que o primeiro, e eu já estava viciada naquela sensação que inundava meu corpo de prazer.

— Steph... — Seu nome morreu em meus lábios antes mesmo que eu pudesse gritar de prazer.

Ele apoiou os braços na cama e mudou o ritmo de esfregadas para estocadas.

— Isso, doce... — urrou — Deixe meu pau bem melado de porra.

A cada estocada, eu o sentia fundo dentro de mim, atolado quase até as bolas, era grosso e longo, não havia espaço para mais nada.

Os cabelos de Stephan, que antes estavam penteados em um topete para trás, caíam sobre seu rosto, os fios loiro-escuros balançavam com o ritmo de suas estocadas.

O suor de nossos corpos fazia meu corpo deslizar com facilidade debaixo do dele.

Stephan agarrou minhas coxas e posicionou-as de forma que minhas pernas se enroscassem em torno de sua cintura e então, ele me puxou contra seu corpo, eu estava montada sobre ele, seu pau enterrado profundamente em meu sexo, marcando meu corpo para sempre. Seu braço envolveu minha cintura enquanto sua outra mão enganchou-se em meus cabelos, fazendo-me ficar à sua inteira mercê.

— Caralho, docinho, eu não canso de foder essa bocetinha. Sinta meu cacete te arrebentando gostoso — ele exigiu. — Sente no pau do teu macho e goze comigo.

Foi exatamente o que eu fiz. Deixei que o prazer, outra vez, me dominasse, rebolei enquanto ele me estocava e chupava meus seios, tudo ao mesmo tempo, até que o clímax explodiu em nossos corpos.

Continuei abraçada a ele, nossas batidas tão intensas e descompassadas, ofegantes e exaustos. Stephan deitou-me e saiu de dentro de mim, ele o fez devagar e sem tirar os olhos dos meus. Os primeiros raios de sol passavam pela enorme janela do quarto.

Eu puxei o lençol com pequena mancha de sangue e me cobri.

Stephan achou graça e levantou-se da cama. Ele pegou a calça jeans pendurada sobre uma cadeira metálica, um cigarro e um isqueiro. Acompanhei seus movimentos, seu membro estava semiereto e balançava quando ele andava.

— Se continuar olhando pro meu pau, vou te comer de novo.

Engoli em seco e desviei o olhar. Quando voltei a encará-lo, ele já estava com um cigarro aceso pendendo nos lábios.

— Preciso de um banho — disse em voz baixa.

Ele indicou uma porta entreaberta com um meneio de cabeça e soltou a fumaça do cigarro pelo nariz e pela boca. Sempre odiei o cheiro de cigarro, mas a forma com que ele tragava lembrava-me do que ele sabia fazer com aquela boca e o calor das memórias de nossa noite juntos já me excitava outra vez, eu queria ser aquele cigarro.

Levantei-me meio enrolada no lençol, catei minha calcinha e minhas roupas espalhadas pela cama e fui para o banheiro.

Abri o chuveiro e um potente jato de água morna começou a jorrar. Coloquei a última peça de roupa que eu ainda vestia sobre o tampo da privada.

Entrei debaixo d'água e me permiti ficar ali por alguns minutos. A água encharcou meu cabelo e inundou meu corpo. Permaneci ali, de olhos fechados, com o corpo dolorido e uma leveza que eu jamais sentira em toda a vida.

***

Stephan Romano

Apaguei meu cigarro. Olhei no celular, cinco mensagens não lidas de Valentina. Aquilo poderia esperar. Minha irmã tinha o péssimo hábito de achar que eu me importava com a porra de seus namorados, sim, ela tem dois, os irmãos gêmeos Lucca e Theodoro,

eles comandam o cartel russo. Nossa convivência até que não é das piores.

Olhei as horas, Jaqueline já estava lá há um bom tempo. Imaginei a água escorrendo por seu corpo curvilíneo e já fiquei duro outra vez. Lembrei da maneira como ela ficou com os olhos bem fechados quando a beijei e ri sozinho, da maneira como ela lutou para resistir aos seus instintos e desejos, da coragem que ela teve de atirar em mim.

Ri outra vez, uma garota atirando em mim, isso era novidade. Olhei para o arranhão que a bala deixara. Eu me saciaria dela até cansar e rumaria de volta para Itália para buscar um novo carregamento de drogas. Mas, antes, um pouco mais de diversão.

Fui para o banheiro e me juntei a ela.

— Coloque as mãos na parede, docinho, nós vamos brincar mais um pouco.

Peguei o frasco com o sabonete líquido e despejei uma quantidade generosa na palma da mão e esfreguei em seu corpo, apertei sua cintura, minhas mãos subiram e desceram por suas costas, depois baixaram um pouco mais, até seu traseiro.

— Abra as pernas, Jaqueline — exigi, deslizando os dedos ensaboados em seu rabo, até chegar em seu cuzinho.

Meu pau latejou e senti a pressão outra vez, tornando a vontade de fodê-la de novo quase vital.

Ela me obedeceu e afastou as pernas, em recompensa, meti um dedo em seu cuzinho enquanto minha outra mão atiçava seu clitóris.

— Vou meter meu pau aqui. Assim como comi sua bocetinha, agora eu preciso foder esse cuzinho apertado.

Ela gemeu e rebolou contra meu dedo. Tirei o dedo e posicionei meu pau ali, bem ensaboado para escorregar facilmente quando eu a fodesse gostoso. À medida que o pau todo foi se acomodando, ela gemeu de dor e prazer. Meti devagar, apesar de minha vontade de arrebentar com força aquele rabão até não aguentar mais, mas eu não queria que ela sentisse dor, então, fui aos poucos, estocando de leve, até que seus gemidos preenchessem o banheiro.

— Isso, docinho. Geme alto que assim você me deixa ainda mais tarado pelo seu rabo. — exigi, apertando seu traseiro redondo. Pele contra pele, o barulho que meu corpo fazia quando se chocava ao dela misturado aos seus gemidos me deixava ainda mais louco.

Minhas mãos soltaram seu traseiro e foram direto para seus seios que balançavam nus a cada estocada minha.

— Eu preciso gozar, Stephan — ela implorou em um sussurro.

Apanhei seus seios escorregadios.

— Goza comigo, docinho. Goza agora que vou encher esse seu rabo gostoso de porra. — rosnei em seu ouvido.

Meu pau latejou dentro dela, e eu gozei de novo.

Tirei meu pau de dentro dela e a virei para mim, seu corpo nu tremia em meus braços. Ela acariciou o contorno dos músculos de meu peito, seus dedos desceram até os caracteres japoneses tatuados em meu abdômen. E então suas pernas fraquejaram, e eu achei que ela desmaiaria outra vez.

Eu a segurei de novo.

— Chega de banho — ordeno e desligo o chuveiro. — Vista-se. Vou te botar em um táxi.

Ela ergueu os olhos com um misto de confusão.

— O que foi? Achou que eu ia te matar depois de te comer? Ou achou que eu me ajoelharia e a pediria em casamento por ter me dado a porra da sua virgindade?

Jaqueline me empurrou com os olhos marejados de lágrimas, furiosa, ela pegou suas roupas e fugiu para o quarto.

Revirei os olhos, é por isso que eu não como garotas tão novas, elas se apaixonam fácil demais.

Peguei a toalha presa no gancho e me sequei sem pressa.

Enrolei a toalha na cintura e a prendi com um nó. Parei diante do espelho, penteei meus cabelos para trás e voltei para o quarto. Ela vestiu a roupa com o corpo ainda molhado. Ela ficava muito gostosa naquele uniforme de colegial, a saia xadrez mostrava boa parte das pernas torneadas, os seios firmes marcados contra o tecido da camisa de botão fechada às pressas, os cabelos cacheados em um tom chocolate ainda gotejavam encharcados.

Vestime e calcei as botinas. Peguei um colete jeans e o coloquei com o corpo ainda úmido. Abotoei sem tirar os olhos dela. Jaqueline estava irradiando fúria, os lábios grossos e ainda vermelhos e inchados por nossos beijos agora estavam selados. Ela não me olhava.

Já vestido, coloquei as armas presas entre a cintura e a calça jeans e enfiei o celular e a carteira no bolso.

— Anda, vamos embora, eu ainda tenho muita coisa para fazer hoje.

Ela pisava firme e seguia com a cabeça baixa.

***

Jaqueline Senna

— Aqui tem dinheiro suficiente para o táxi. — Ele pega minha mão e coloca algumas notas de cem enroladas.

Eu jogo as notas na cara dele.

— Vá se foder, Stephan. Espero que em um próximo encontro eu tenha uma mira melhor — xingo e viro-me de costas. — Não preciso de nada seu. — Sigo caminhando rápido pela calçada, mas as lágrimas deixam minha visão turva.

Ele me segura pelo braço e eu grito:

— Me solta, você está me machucando.

— E vou machucar mais se você não calar a porra da boca.

Ele repete o gesto de antes e coloca outra vez o dinheiro na minha mão.

— É bom você aceitar essa merda de dinheiro e entrar na porra do táxi antes que eu esqueça meus bons modos e faça uma visita a você e a sua mãe. Lembra de como deixei seu papai, não lembra?

Eu estremeço e meus dedos se fecham em torno do dinheiro amassado. Não ouso dizer mais nada. Ele para um táxi com um aceno de mão, e eu abro a porta, puxando meu braço de seu aperto.

Stephan bate a porta com violência e o motorista resmunga:

— Pô, cara, vai lacrar a porta?

Stephan inclina-se para ameaçar o taxista com a pistola, e eu apenas gaguejo:

— Moço só dirija, por favor.

***

Quando finalmente voltei para casa, minha mãe estava irreconhecível. Olheiras fundas marcavam seu rosto inchado pelo choro. Já era de manhã quando entrei em casa. A expressão de alívio ao me ver tomou conta de seu rosto pálido.

— Minha filha. — Ela me abraça apertado. — Você está bem? — Ela me aperta e me apalpa para ter certeza de que não estou machucada.

— Estou mãe. — Minto. — Eu estava na casa de um garoto. — Minto outra vez, Stephan era jovem, mas não tinha nada de garoto. — O que aconteceu?

Ela desaba ao narrar tudo, a morte de Walter, o interrogatório que a polícia fez, o surto quando percebeu que eu não havia voltado da escola.

— Calma, mãe, estou bem. — Talvez, se eu repetisse essa mentira mais algumas vezes, ela se tornasse verdade.

Quando ela finalmente pegou no sono ao meu lado, eu saí escondida e comprei a pílula do dia seguinte, nem em sonho eu ousaria ficar grávida dele.

Os dias seguintes foram os piores, minha mãe ficou envolvida entre idas e vindas à delegacia. Respondi a perguntas, menti em todas elas, disse que não havia visto quem fizera aquilo.

***

Somente na segunda semana voltei a minha rotina “normal”, eu dava aulas de monitoria quando chegava o final do semestre para alguns colegas meus depois do último período de aula.

César anda ao meu lado e se gaba de que, graças a mim, ele finalmente está entendendo a matéria. Ele era um pouco mais alto

do que eu, mas era uma parede de músculos, fazia parte do time de boxe e uma boa parte das garotas da escola já havia passado nas mãos dele.

— Fico feliz que esteja conseguindo aproveitar as aulas.

— E, para comemorar o meu aproveitamento, vou te levar para sair hoje à noite.

— Não, César. Preciso ficar com minha mãe.

Ele estala a língua como se lembrasse de que eu havia perdido o "pai" há poucos dias.

— Eu sei, Jaque. — Ele coloca a mão em minha cintura enquanto caminha ao meu lado. — É por isso que você precisa de um amigo ao seu lado.

César para de caminhar e me puxa contra seu corpo.

— Liga para ela e diz que eu devolvo você sã e salva em duas horas.

Estou desconfortável com a intimidade que ele acha que pode ter comigo e dou um sorriso meio sem jeito.

— Tire a porra das mãos da minha garota — Stephan rosna.

César me puxa para o lado e o encara.

— Ei, cara, não... — Stephan não deixa que ele termine a frase e arrebenta um violento soco contra o rosto de meu colega.

Ele cambaleia para trás com as mãos cobrindo o sangue do nariz.

— Tá dando para esse imbecil? — Ele me puxa pelo braço e começa a me arrastar para o carro.

— Me solta, seu idiota — xingo e tento me desvencilhar dele, mas Stephan me agarra com força.

— Jaque. — Cesar tenta me defender e fica com os punhos fechados na frente do rosto. Stephan dá uma risada.

— Isso é uma piada, né? — ele debocha, tira a arma presa à cintura e acerta um tiro no meio da testa de César.

O corpo dele cai na calçada, imóvel, inerte e sem vida.

Eu engulo um grito e não tenho tempo ou coragem de reagir quando ele me enfia dentro do carro preto.

A sirene da polícia soa.

— Caralho! — ele xinga e acelera o carro cantando pneu. — Essa porra toda é culpa sua!

— Minha? Lógico, fui eu que acabei de dar um tiro em um estudante bem na frente do carro da polícia — respondo desaforada.

— Merda. Merda. Merda. O que a polícia estava fazendo ali, hein?

— Será que isso tem a ver com o fato de meu padrasto ter sido assassinado na própria casa e eu ter passado a noite fora. Eu vou saber por quê? Por que não para o carro e pergunta a eles!?

Ele faz menção de me dar um tapa, mas desiste e segura o volante com as duas mãos.

O velocímetro marca cento e cinquenta. Ele está possesso.

Olho para trás, mas ele já despistara o carro da polícia, podíamos apenas ouvir o som da sirene bem distante, cada vez mais longe.

— Stephan, cuidado! — eu berro, mas nosso carro se choca com outro a toda velocidade.

A última coisa que vejo é o *airbag* acertando meu rosto com brusquidão.

— Anda, Jaqueline. — Ele me arrasta para fora do carro que se fundira com o outro.

O cheiro do ferro retorcido misturado ao da gasolina me deixa ainda mais zonza. Desvencilho-me dele e cambaleio até o outro carro para tentar ajudar o motorista a sair dali antes que tudo vire uma grande fogueira.

— Uma noiva. — Olho para a mulher loira com o rosto sujo pela maquiagem desfeita e o vestido branco manchado de sangue.

— Ajude-me — ela balbucia.

Olho para Stephan na esperança de que ele saiba como tirá-la dali, mas ele apenas faz que não com a cabeça.

Ele vai para o meio da rua e acena com as duas mãos por ajuda. Assisto a cena que acontece quase em câmera lenta. Um motoqueiro para com a intenção de ajudá-lo, mas ele tira a arma e rouba sua moto. O homem usando capacete desce da moto com as mãos para cima.

Dois disparos. O motoqueiro desmorona aos pés dele.

Stephan monta na moto e vem em minha direção.

— Você é completamente louco. Um animal sem nenhum sentimento pela vida dos outros.

— É, docinho, sou isso e muito mais, agora suba na porra da moto.

Eu estremeço com seu grito e obedeço.

Contrariada e aterrorizada, monto na garupa da moto, a máquina ronca e ele acelera em direção a um destino incerto.

Stephan para após quase uma hora dirigindo. Eu nem sei mais se estamos no Rio. Está tão escuro, não faço ideia de para onde ele está me levando.

— Eu não quero ir.

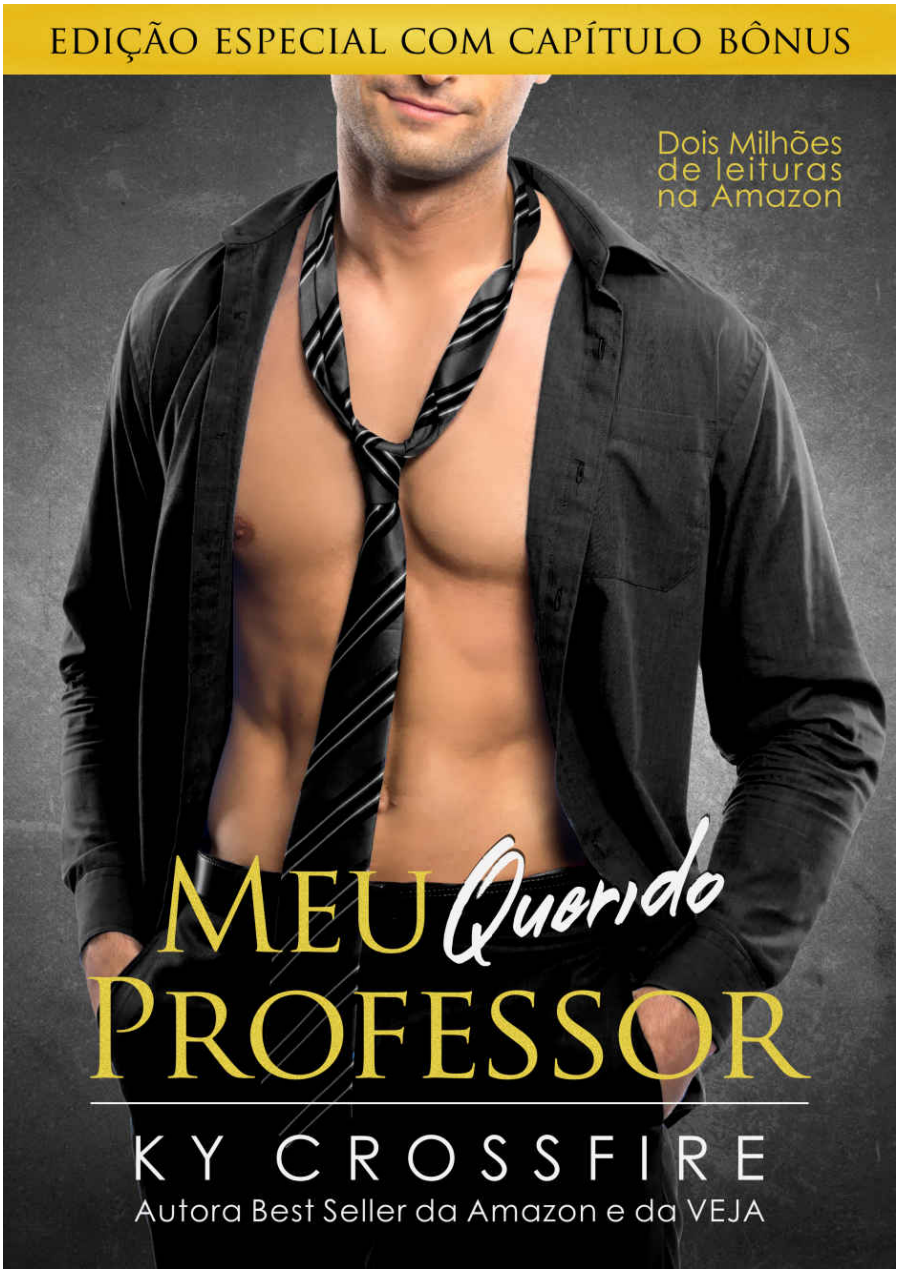
— Você não tem querer.

— Por quê? — grito.

— É fácil, docinho, você é minha, a partir dessa noite, eu serei seu dono.

Fim?

OUTRAS OBRAS DA AUTORA


EDIÇÃO ESPECIAL COM CAPÍTULO BÔNUS
Dois Milhões de leituras na Amazon
MEU Querido PROFESSOR
KY CROSSFIRE
Autora Best Seller da Amazon e da VEJA

MEU QUERIDO PROFESSOR

Maxwell era conhecido como a perdição entre as mulheres, um luxo que poucas podiam se dar ao desfrute de possuir. Ele estava disposto a realizar qualquer fantasia sexual, mas é claro, cobrava caro por isso.

Quando ele passou pela porta do luxuoso quarto de hotel achou que a ruiva a sua frente era apenas mais uma mulher atrás de uma noite de sexo espetacular. Rebecca Parker queria muito mais, ela queria aprender com o melhor, e faria de tudo para tê-lo como seu professor.

Leitura não recomendada para menores de 18 anos. CONTEÚDO ADULTO.


1 Milhão de leituras na Amazon
BOX COMPLETO
CEO
ENTREGUE-SE AO PRAZER
AUTORA BEST SELLER DA AMAZON
KY CROSSFIRE

CEO: Entregue-se ao Prazer

Mais de 1 milhão e 200 mil leituras na Amazon. Prepare seu coração para esse romance envolvente e devastador. Os dois Best Sellers reunidos em um único e-book.

***** Livro 1:**

— Eu não sou uma prostituta... Espero nunca mais ter que olhar para você depois desse almoço, Sr. Pipermen. — Senti meu sangue ferver, nunca havia sentido tanta raiva.

Ele sorriu, minha vontade era arremessar aquele prato nele.

— Em nenhum momento eu disse que iria fazer pagamento algum, gostaria de tê-la como submissa, você me veria como um amo, sentiria prazer em satisfazer todos os meus desejos, a maneira como transamos hoje faz parte do mundo baunilha, foi bom, mas nem se aproxima do que o mundo D&S pode proporcionar.

***** Livro 2:**

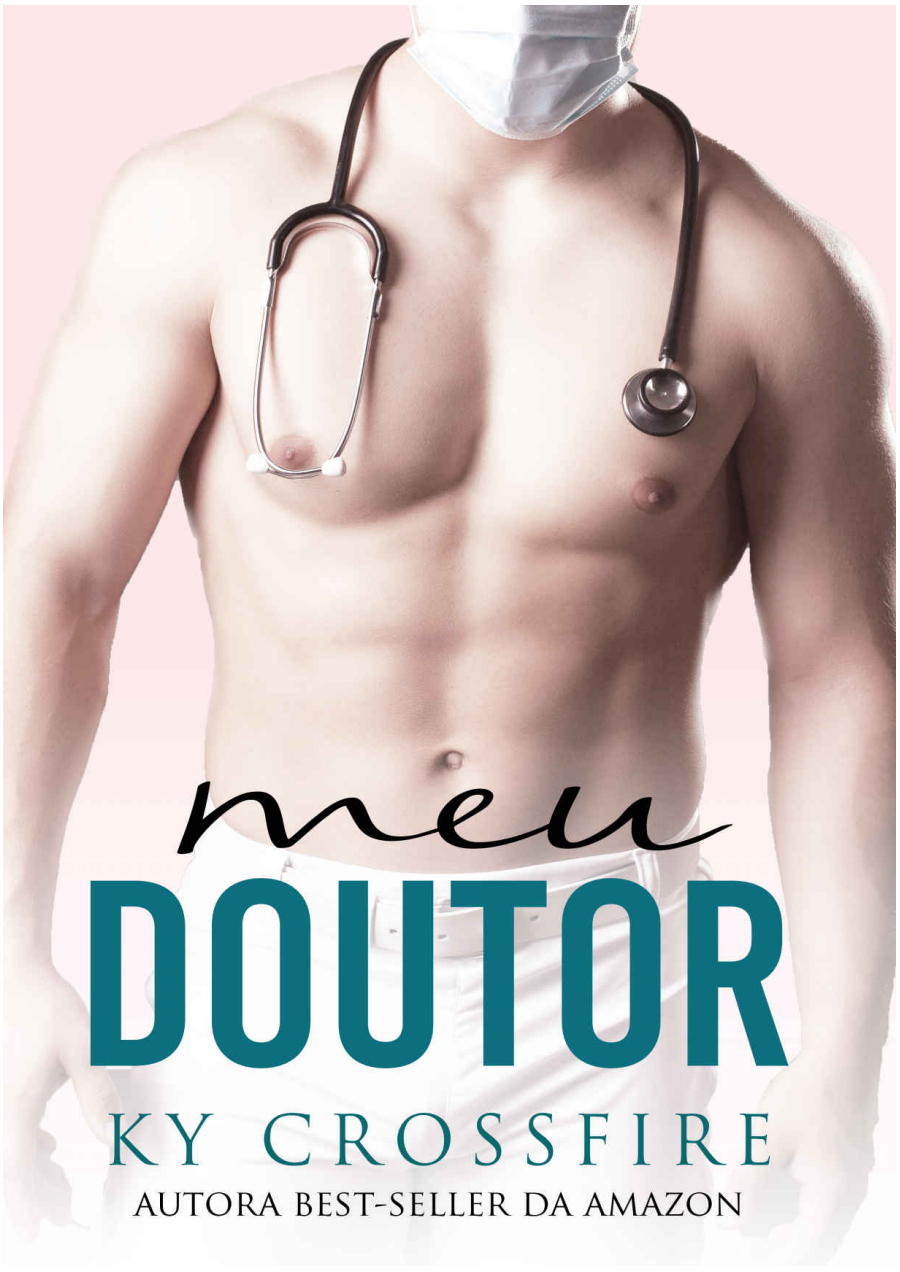
Me entreguei de corpo e alma a um dominador, mergulhei de cabeça no mundo BDSM. Me perdi pelos caminhos do prazer e do desejo. Traí minha melhor amiga, transando com seu noivo, Marcos. Enfrentei a ira de meu Amo e seu desprezo, quando provei minha submissão, Robert (o Amo) me testou pela última vez e falhei.

No mundo D&S é comum um Amo ter relações com outras mulheres na frente de sua submissa e, como castigo final e por ironia do destino, eles transaram na minha frente. Naquele dia, vi que jamais poderia ser uma submissa. Após alguns dias, Robert me pediu em casamento, com direito a chuva de pétalas de rosa, ajoelhado em público... ninguém resistiria àqueles olhos verdes e ao sorriso sedutor... A caminho da igreja, um desvio, uma rival e um tiro.

Acordei em um hospital sem saber quem sou e com o médico gentil e sexy que se dispôs a me ajudar. Encantador e sexy, como eu poderia desconfiar...

Um desejo cresceu dentro de mim e, pela primeira vez, eu descubro-me como AMA. Como Robert irá encarar tudo isso, eu não sei.

LEITURA RECOMENDADA PARA MAIORES DE 18 ANOS. CONTÉM CENAS FORTES, LINGUAGEM DE BAIXO CALÃO E SEXO EXPLÍCITO.


meu
DOUTOR
KY CROSSFIRE
AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

MEU DOUTOR

Me chamo Janaína e estava vivendo meu felizes para sempre. Pelo menos, era isso que eu achava. Casada há dezoito anos com Fernando, meu primeiro namorado, e mãe de três crianças, descobri que nem tudo são flores. Hoje, aos trinta e cinco anos, não tenho mais as curvas das quais tanto me orgulhava na adolescência. Na verdade, a gravidez de trigêmeos me rendeu bons quilos que ficaram permanentemente. Não me leve a mal, estar grávida é um dom e é um dos momentos mais lindos pelo qual uma mulher pode passar.

Sinto que meu marido não me olha como antes. Não existe mais aquele fogo, entende? Eu achava que era cisma minha ou apenas uma crise conjugal. Até que um dia descobri que aquele que me fez juras de amor estava tendo um caso. E minha reação patética foi me trancar no banheiro e chorar, escondida, por uma manhã inteira sentada em um sanitário.

Quando as lágrimas secaram, vi no chão um jornal, aberto na seção de classificados, com uma vaga de emprego destacada: "Precisa-se de secretária com experiência como cuidadora de

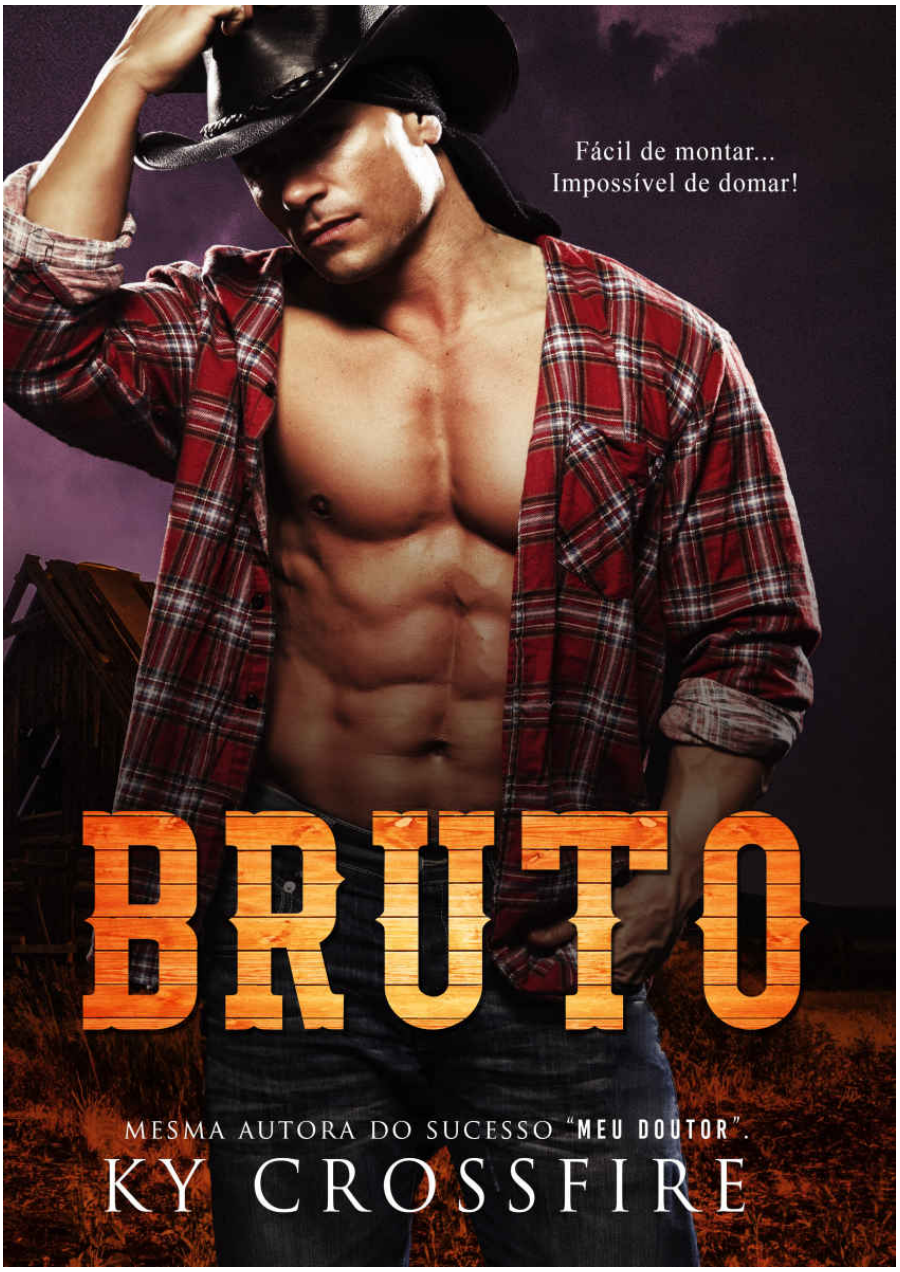
crianças." Foi nesse momento que decidi mudar minha vida e não chorar mais.

Hoje sou secretária do Dr. Dimitri, um renomado pediatra que reúne qualidades excepcionais: lindo, viúvo e simpático. Seu único defeito é seu irmão gêmeo, Adônis, que é o oposto do meu chefe: insuportável, arrogante e convencido.

O destino não poderia ser mais cruel ao colocar esse homem, que se acha a perfeição humana, como meu personal trainer. E eu, ah! Eu estou apaixonada pelo meu chefe. Mas não consigo suportar seu irmão.

O problema agora é: descobrir como entrar em forma, aturando um instrutor intragável, conquistar o Doutor gostosão e dar o troco no cretino do meu esposo, como ele merece!

CONTEÚDO ADULTO - Leitura não recomendada para menores de 18 anos.


Fácil de montar...
Impossível de domar!
BRUTO
MESMA AUTORA DO SUCESSO "MEU DOUTOR".
KY CROSSFIRE

BRUTO

— Olhe para mim enquanto eu falo com você, peão ignorante! — grito, sentindo a histeria tomar conta de meu corpo. Aquele maldito tinha o poder de me irritar.

Henrique se vira de costas e começa a desencilhar a imensa égua à nossa frente, fingindo não ouvir meus berros.

A égua a quem apelidara de Moa não dava um relincho sequer. Apenas eram ouvidos os meus gritos ecoando pelo galpão e os trovões que anunciavam o temporal que estava por vir.

Puxo Henrique pelo braço para que vire para me encarar. Ele me lança um olhar furioso, seus olhos negros me fuzilam, fazendo que eu me cale.

— O que quer que eu diga, “doutora Carolina Ferraz”? — ele cospe meu nome quase como um xingamento. — Você já deixou bem claro o quanto me odeia e odeia esse lugar. Então, por que você não pega esse seu narizinho empinado e esse traseiro e some da minha vida de uma vez?!

Àquela altura do campeonato, contar até mil para tentar me acalmar era uma tarefa impossível. Eu queria apenas esganá-lo

com a maldita corda que pendia sobre seu ombro musculoso e suado.

— Escute aqui, seu cavalão, você disse que eu odeio tudo nesse lugar, mas odeio, principalmente, você pelo que me fez passar nesse mês! Você pode ser um partidão para essas vadias caipiras que não podem ver você passar e já fazem chuva de calcinhas. Para mim, você não passa de um grosseirão, burro e teimoso.

Ele cruza os braços na frente do corpo e dá uma gargalhada alta. Meus olhos me traíram e deram uma espiada rápida nos músculos do peitoral belamente talhado pelo trabalho duro.

Sinto meus saltos Prada afundarem um pouco mais naquela palha fedida e nojenta que cobre o lugar. Absolutamente tudo ali me irritava ao extremo, mas o brucutu à minha frente fazia meu corpo ferver de raiva em milésimos de segundos. Eu só posso ter jogado pedra na cruz. Não... pior... para um carma como esse homem, eu devo ter mijado na cruz.

— E você, doutora? Cadê o seu marido? Até onde minha baixa Inteligência me permite saber, a aliança deve ser usada no dedo — me ataca com desdém e segura minha mão esquerda no alto, me ridicularizando pelo fato de eu carregar um par de alianças em uma gargantilha que uso no pescoço. — O pobre coitado não deve ter aguentado seus chiliques.

Eu puxo minha mão da sua.

“Como ele ousa?”

— Esse mau humor todo deve ser falta de homem!

Filho da mãe cretino!

Minha mão direita estala com força em um tapa forte em seu rosto, punição imediata pela maneira como ele havia ousado falar

do que não tinha conhecimento. Minha mão doeu na hora em que acertou seu rosto. Bom... dizer que doeu é apelido, latejou com força e o formigamento doloroso se espalhou pela palma, pontas dos dedos e pulso. Se estivesse doendo nele um centésimo do que estava doendo em mim, eu já ficaria feliz.

— Não sou homem que bate em mulher — Henrique vocifera e me agarra pelos braços com força, obrigando-me a olhar para ele. Seus dedos afundam em minha carne. — Mas você está merecendo umas palmadas bem dadas nessa sua bunda!

— Se você encostar em mim, eu arranco seu saco com a faca que você leva na cintura — eu replico sustentando seu olhar. Estamos tão próximos que posso sentir sua respiração em bufadas quentes.

Ele é um selvagem. Deus, como o odeio.

— Isso é uma coisa que você gostaria de ver, não é?

Uns trinta centímetros mais alto que eu e com uma senhora quantidade de músculos, eu estou à sua mercê, mas não me deixo intimidar por seu tamanho.

— O quê?! — grito, tentando me desvencilhar de seus braços.

— Eu vejo como você me olha. Posso até apostar dinheiro que você está querendo meu pau enterrando em você.

Desgraçado! Esse cavalão está se achando.

— Além de ignorante, é louco. Assim, você facilita as coisas para mim peão. Vou alegar sua insanidade e eu mesma vou me encarregar de vender essa fazenda.

Eu acerto uma joelhada na parte interna de sua coxa. Henrique me solta na hora e protege as partes baixas.

Droga! Queria ter acertado as bolas desse maldito!

— Nunca mais encoste em mim, ouviu? Eu odeio você, Henrique!

Moa relincha alto e empina as patas da frente, ficando apenas com as patas traseiras no chão.

— Agora me dá a porra da chave que eu vou voltar para casa — ordeno em voz alta e estico a mão com a palma para cima.

— Shiuuu... Calma, menina. — Henrique amansa a égua e volta a me ignorar. — Essa vaca louca não vai lhe fazer mal. Você já devia estar acostumada com os gritos dela. Ela grita o tempo todo.

Como é que é?

Vaca louca?!

Esse peão não tem amor pela vida.

— Vá se foder, brucutu! — Não sou uma pessoa que fala muitos palavrões, mas esse babaca tem o dom de despertar o pior em mim. Em meu cotidiano, eu estou acostumada a debater civilizadamente e ganhar as disputas no tribunal apenas com eloquentes e persuasivos discursos, mas com ele ter qualquer conversa é praticamente impossível! Será que já deu para perceber o quanto eu o odeio?

Saio pisando o mais duro que posso e paro na porta do celeiro de madeira.

— Se estiver pensando em ir a pé, já te aviso antes, quando a noite cai, as cobras aparecem. Então, faça bastante barulho quando pisar com esses saltos para tentar mantê-las longe.

Droga!

Não havia um ponto de luz no céu, uma vez ou outra, relâmpagos clareavam por um segundo ou dois. Eu não precisava ser uma caipira da fazenda para saber que o céu estava prestes a desabar.

Peão maldito. Bufo furiosamente, rezando para que Jesus tenha pena de mim e faça com que um raio caia em Henrique.

— Quanto tempo você vai demorar? — grito sem olhar para ele.

— O tempo que for preciso — retruca. — Pode ir caminhando se estiver com muita pressa. Se pegarmos pesado juntos, a coisa fica melhor.

O quê?

Esse peão está brincando com a minha cara!

Rio alto.

— Nem em mil vidas vou revirar bosta com você — xingo, estreitando o olhar. Tento matá-lo apenas com a força do pensamento.

Henrique havia deixado, em cima de uns troncos secos, seu chapéu e o molho de chaves.

Um sorriso malicioso como o do gato de Alice surge em meu rosto.

Vamos ver quem vai voltar a pé para casa... Rio comigo mesma e, a passos lentos, eu me aproximo, afastando os mosquitos que só faltam fazer fila à espera de sua vez.

Com o auxílio de uma pá, Henrique retirava palha de um monte e a distribuía entre as baias dos animais. Ele não usava camisa naquele momento. Meu olhar se concentrou no movimento dos músculos de suas costas à medida em que ele fazia força, brilhava de suor. Meu olhar desceu um pouco mais, parando sobre seu traseiro, apesar de usar uma calça jeans e botas de cowboy, dava para ver perfeitamente bem os músculos de suas pernas.

— Se tirar uma foto, vai poder ficar admirando quando voltar para São Paulo.

— Vá se ferrar, peão! — eu xingo. — Você precisaria reencarnar umas mil vidas antes de ter alguma chance comigo.

Ele crava a pá no monte de feno e a deixa ali. Enquanto caminha em minha direção, ele esfrega as mãos na calça, tirando o excesso de sujeira.

É um porco relaxado.

Ofego e meu coração martela no peito com sua proximidade. Droga! Será que ele percebeu que estou tentando furtar as chaves da caminhonete?

A pouco centímetros de mim, seu olhar se arrasta pelo meu corpo, passando preguiçosamente pelos seios, debaixo do collant, e param em meu quadril. Ele umedece descaradamente o lábio e um sorriso sacana se forma em seu rosto quando ele volta a me encarar.

Henrique se inclina um pouco e estica o braço, que roça em minha cintura. Fecho os olhos por um segundo.

— Licença, doutora. — Ele ri. — Só precisava pegar meu chapéu.

Cerro os dentes e bufo de raiva.

Peão maldito!

Moa relincha, e não sei por que diabos aquilo me parece uma risada. Peão idiota! Égua idiota! Era só o que me faltava.

Henrique acomoda o chapéu na cabeça e volta ao trabalho com um sorriso de satisfação estampado no rosto. Quando ele se vira, apanho as chaves e corro para fora do celeiro na velocidade em que meus lindos scarpins Prada me permitem.

— Volte aqui sua peste. — Ouço ele me gritar à distância.

Sinto um dos saltos se quebrando enquanto o outro afunda na grama molhada pela chuva intensa que cai.

—Merda!

Manco para o carro pisando em falso por causa dos sapatos. O molho de chaves balança em minha mão, estou nervosa demais para raciocinar. Olho para trás e vejo Henrique me perseguindo em meio ao temporal. O som dos trovões abafa os xingamentos que ele provavelmente está gritando.

Consigo abrir a porta da caminhonete que deve ter quase trinta anos. Bato o trinco e sorrio triunfante ao ver que ele não chegou a tempo de me impedir.

Mostro a língua em um ato ligeiramente infantil, mas dane-se, esse peão burro me tira do sério. Com a boca, deixo que minha respiração quente embace o carro.

— Saia daí, Carolina! — ordena já ensopado pela chuva.

Com a ponta do dedo indicador, escrevo no vidro que nos separa:

FODA-SE!

Não consigo parar de rir. Queria poder filmar a cara de ódio de Henrique, sim, essa cena deveria ser eternizada.

Aceno divertidamente para ele e encaixo a chave na ignição.

Ele soca a lataria da porta, e eu dou um pulo por causa do susto.

Henrique vai até a frente do carro e abre o capô.

— Não, não, não! — grito quando percebo que ele está sabotando minha fuga perfeita.

— Seu cavalão maldito! — xingo quando ele bate a tampa metálica do capô.

A porra da caminhonete velha não liga e não tenho dúvidas de que é graças a um cabo arrancado que ele exibe na mão direita como um troféu. Meus ombros caem e um ar de derrota me invade.

— Abra! — rosna sem paciência.

Eu bufo contrariada e, apesar de não ter nada que marque quanto tempo eu o deixei ali na chuva esperando, eu sabia que era o suficiente para ele botar em prática as palmadas que ele havia me prometido há menos de uma hora. Merda, eu havia cometido o erro fatal, eu havia subestimado meu inimigo.

Fiquei o encarando através do vidro, sustentando seu olhar, como feras, nenhum de nós queria recuar. Talvez a única coisa que temos em comum seja a teimosia.

O quê? Eu não acredito que admiti isso, mesmo que mentalmente.

Destravo o pino. Henrique abriu a porta e me arrancou de dentro do carro com uma velocidade que quase não vi como ele havia feito aquilo.

— Odeio você! — Sua voz é dura como aço.

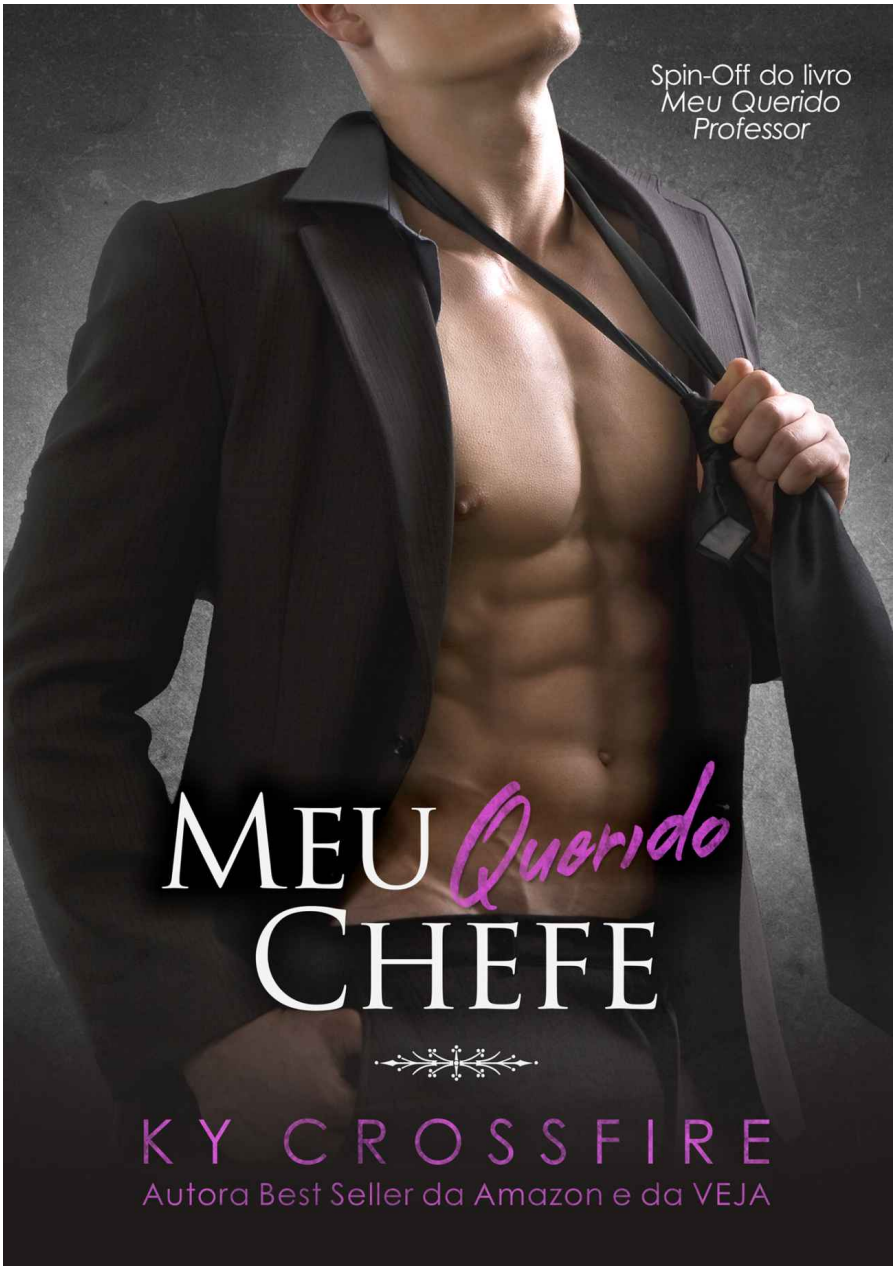
— Odeio você infinitamente mais — Retruco com raiva.

Ergo os punhos fechados para acertar seu peito nu e afastá-lo com a intenção de sair correndo, mas ele é mais rápido e me segura pelos pulsos, prensando seu corpo duro contra o meu, fazendo minhas costas se chocarem com a lataria da caminhonete.

Abro a boca para protestar, mas o grosseirão atrevido me cala com um beijo duro e possessivo. Sua língua invade minha boca explorando cada milímetro meu, sugando minha língua, mordiscando meus lábios, eu poderia mordê-lo, mas minha única reação foi me entregar àquele beijo feroz. Se é que aquilo poderia ser chamado de beijo, nossas línguas brigavam sensualmente em uma disputa por território. E quando dei por mim, eu já estava deslizando minhas mãos por seus músculos molhados enquanto ele

continuava a me possuir com os lábios, sim, essa era a palavra adequada, possessão.

Maldito corpo, eu havia sido traída por mim mesma quando descobri que meu corpo estava clamando por seu toque bruto. Aquele era o início do fim de tudo o que eu acreditava, eu apenas não sabia.


Spin-Off do livro
Meu Querido
Professor
MEU Querido
CHEFE
KY CROSSFIRE
Autora Best Seller da Amazon e da VEJA

SOBRE A AUTORA

Sou brasileiríssima apesar de meu pseudônimo ser de gringa… Porém achei que a mistura de uma marca de lubrificante com o senhor Gideon seria interessante, e não é que deu certo? Sim, tenho uma quedinha pela diva Silvia Day, e de certa forma achei que dessa forma a homenagearia.

Amo livros, séries e chocolate, a ordem varia de acordo com meu humor.

Comecei a escrever no *Wattpad*, considero lá minha casa, foi lá que nasceu a **Duologia CEO: Entregue-se ao Prazer**, que já conquistou mais de 1 milhão e 500 mil leituras na *Amazon*.

Alucinada com o contato direto que tive com um mundo novo, onde minhas leitoras acompanhavam em tempo quase real a tudo que eu escrevia, nasceu o desejo de escrever um romance erótico com uma pegada de aventura, assim surgiu a **Trilogia Italianos: Atraída Por Um Criminoso Vol.I ; Prazer Criminoso Vol. II e Até que a Morte nos Separe Vol III**.

Na sequência **Meu Doutor** arrebatou uma porção de leitoras no *Wattpad*, o que não poderia ser diferente, afinal de contas quem resiste a um doutor

gostosão e um *personal trainer* cretino? O *e-book* explodiu na *Amazon* alcançando também a marca de 1 Milhão de leituras em pouco tempo.

Claro que eu não poderia deixar de falar de **Bruto**, ou para as íntimas o cavalão, também lançado inicialmente no *Wattpad* e aprovado com louvor na Amazon, alcançando mais de 1 milhão e meio de leituras, e fez o coração das leitoras bater igual: Bruto! Bruto! Bruto!

Por último mas não menos importante **Meu querido Professor**, arrastou uma legião de alunas pelo Brasil, todas ansiosas por suas aulas. Atualmente alcançou a marca de 2 milhões de leituras na *Amazon*! Não, não estou falando de um professor de faculdade, estou me referindo a um garoto de programa pronto para ensinar tudo sobre sexo a uma ruiva inocente e inexperiente, ulalá! Aulas calientes e boas risadas, é impossível não se apaixonar por Max e Becca.

Ah… e se você quiser ficar por dentro de contos e livros eróticos de tirar o fôlego, me siga no *Wattpad*, e curta minha página no Facebook para ficar por dentro de tudo o que eu escrevo!

www.kycrossfire.com